

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MARIA CLÁUDIA BADAN RIBEIRO

**Experiência de Luta na Emancipação Feminina:
Mulheres na ALN
Versão Corrigida**

SÃO PAULO
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MARIA CLÁUDIA BADAN RIBEIRO

Experiência de Luta na Emancipação Feminina:

Mulheres na ALN

Versão Corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em História Social.

Orientadora: Profa. Dra. Zilda Márcia Grícoli Iokoi

De acordo.

SÃO PAULO
2011

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**O original desta tese encontra-se disponível na
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH/USP
no Programa de Pós Graduação em História Social**

RIBEIRO, M. C. B. *Experiência de luta na emancipação feminina: mulheres na ALN*. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em História Social.

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

A Gegê, que suportou as ausências;

*Aos meus pais e irmãos que me ensinaram o
valor da obstinação;*

*A Maria Natividade Ferreira (in memoriam) e
a todas as lutadoras deste país.*

AGRADECIMENTOS

As falhas ou inconsistências deste trabalho são de minha inteira responsabilidade, mas as qualidades se devem a uma série de pessoas a quem gostaria de agradecer.

A minha orientadora pela leitura do trabalho, pela confiança e acolhimento depositados e pela recepção amigável na Pós-Graduação da Universidade de São Paulo.

Ao apoio inestimável do professor Leonel Itaussu de Melo e Maria Dea Conti, que estiveram do meu lado até os últimos instantes deste trabalho.

Ao apoio e o grande incentivo de Ciro Portela de Oliveira e Aldo Sebastião de Oliveira que viram o início de tudo, a vocês meu eterno carinho.

Ao professor Márcio Bilharinho Naves, o primeiro a dar incentivo a esta pesquisa, quando ela ainda era uma ideia futura.

A diletta professora Maria Lygia Quartim de Moraes, pela nossa amizade de sempre.

A todas as mulheres que repartiram comigo suas histórias ou parte delas, Maria Lygia Quartim de Moraes, Robêni Baptista da Costa, Vilma Ary, Maria Aparecida Baccega, Maria Aparecida Santos, Guiomar Silva Lopes, Marília Guimarães, Ana Bursztyn Miranda, Albertina Pedrassoli Salles, Diva Maria Burnier, Darci Toshiko Miyaki, Eliane Toscano Zamikowski, Arlete Lopes Diogo, Lisete Lúcia de Sílvia, Sônia Maria Ferreira Lima, Maria Natividade Ferreira Lima, Maria do Amparo do Araújo, Ilda Gomes da Silva, Leda Gitahy, Ilma Noronha, Eliete Ferrer, Tania Fayal, Tânia Rodrigues Mendes, Mariza Campos da Paz, Ana Maria Ramos Estevão, Ana Corbisier, Maria Aparecida Costa, Nair Benedicto, Vilma Barban, Yara Gouvêa, Tereza Poggi, Jessie Jane, Ruth Tegon, Moema São Thiago, Maria Lúcia Alves Ferreira, Norma Leonor Hall Freire, Danielle Birck, Flávia Lobo, Vera Engracia, Sandra Brisolla, Lays Machado, Walderês Nunes Loureiro, Laís Furtado, Gezika Valadares, Lúcia Guerlenda, Ioni Grossi, Helena Bocaiúva Khair, Perpétua do Socorro Melo, Maria Teresa Vilaça, Denise Leslie Beloque, Regina Elza Solitrenick, Margot Queiroz e Helena Hirata.

A Vanessa Monteiro, pela companhia sempre presente. Que a crítica teatral do alvorecer do século XIX frutifique em seu trabalho.

A Maria Valéria Sarmiento Coelho da Paz, Belela, pela confiança depositada e pelo carinho da hospedagem em São Paulo, seja para as reuniões do LEI (Laboratório de Estudos sobre Intolerância), seja para a realização de entrevistas na capital paulista.

A Maria Carolina Bissoto pela troca constante de informações.

A Takao Amano, pela amabilidade de sua figura e pela gentileza a toda prova. Você me abriu muitos caminhos!

Ao grupo Rede Democrática do Rio de Janeiro, Colombo, Affonso, Pedro, Paulo, Fernando, Rumba Gabriel, Ana Cláudia, Helena, Wilson Beat e Carmem.

A Moisés, Marcos e Marli.

A Antônio Espinosa, Miguel Nakamura e Walter Paixão.

A Ana e Cloves de Castro, por poder partilhar com vocês momentos de felicidade.

Ao apoio, carinho e incentivo de Jessie Jane.

A Enid Yatsuda Frederico pela ajuda nos contatos e esclarecimentos sobre o Colégio Equipe.

A Valdemar Menezes, Aluisio Valério da Silva e Gilberto Thelmo Sidney Marques por terem me esclarecido questões relativas à militância da ALN (Ação Libertadora Nacional) no nordeste, em especial no Ceará.

A Maurice Politi pelo entusiasmo de sempre e por intermediar contatos.

A Ivan Akselrud Seixas por decifrar alguns documentos da época.

A Joel Rufino pelos esclarecimentos e pelas possibilidades futuras.

A Alípio Freire, pelas mensagens trocadas e indicações de nomes.

A Clauset, Manoel Cyrillo, Fernando Casadei Sales pelo incentivo, contatos e por me contar partes dessas histórias.

A Carlos Russo Júnior pelos textos enviados.

A Ricardo Apgua pela orientação na pesquisa e pela entrevista concedida.

A Hamilton Pereira, Francisco Romero e Roberto Yutaka pelos esclarecimentos relativos a experiências no Araguaia.

Aos pesquisadores do Laboratório de Estudos sobre Intolerância (LEI): Carol, Carlos, Cassiana, Reginaldo, Maria Cecília, Hélio, Sandra, Clóvis e Cláudia.

A Cida, Oriana, Samir, Pérola, cujos caminhos haverão de se cruzar um dia.

A Marco Aurélio Vannucchi por ter me disponibilizado sua pesquisa de mestrado.

A Mário Magalhães pela troca de informações e pelos encontros fortuitos em Arquivos Públicos.

A Rodrigo Czaika e Meliandre Garcia por terem verificado informações sobre imprensa nanica.

A Maria Rosa Dória Ribeiro, por ter repartido nossas angústias.

A Acilino Ribeiro, companhia simpática e amigo generoso durante minha passagem por Brasília.

A Adriano Diogo pela atenção aos meus pedidos e repasse de minhas mensagens a Arlete. Gostaria de agradecer a Janaína Diogo, filha e testemunha do passado dos pais, que, com carinho, permitiu meu encontro com essa história.

A Albertina Costa que esclareceu algumas de minhas dúvidas quando nos encontramos em Santa Catarina.

A Alberto Augusto Júnior que conheci por pesquisas transversais, mas que foi fonte indireta desta tese.

A professora Maria Aparecida de Aquino e Ana Maria Lucchesi que permitiram, através de colaboração a suas pesquisas no Arquivo Edgard Leuenroth, minha sobrevivência diária e o aprofundamento de meus conhecimentos. Devo agradecer também ao professor Edilson Graciolli e Luiz César Macedo, bem como a Marco Aurélio de Freitas Lisboa.

A José Hamilton Ribeiro pelas sugestões para esta pesquisa. Você me explicou desde criança a diferença entre *causo* e *acuntecido* e a importância das fontes orais. Fui a elas.

Ao professor Caio Túlio, que gentilmente me passou os contatos com algumas de suas depoentes para o livro *Cale-se*.

A Carlos Lichjstein pelas informações sobre o Presídio Tiradentes.

A Cláudia Gusson pelas dicas de congressos e leituras.

A Virgílio Gomes da Silva, pela confiança em intermediar o contato com sua mãe, Ilda Gomes.

A historiadora Edileuza Pimenta, por fornecer o contato com algumas ex-militantes da ALN.

A Francisco Soriano, Idibal Pivetta, Antenor Meyer, Ary Normanha, Percival e Ermínia Maricato por estarem sempre dispostos a ajudar em minhas dúvidas e pelas mensagens trocadas.

A Otávio Machado pelos contatos e por disponibilizar informações e entrevistas sobre a Corrente Mineira.

A Gisele Almeida Ribeiro pelo carinho de sempre, e por ter me permitido a leitura de suas entrevistas, realizadas para sua pesquisa de mestrado.

A Ireô Lima, Raquel e Sara Figueira, minhas professoras de alemão, com quem encontrei sempre interesse pela pesquisa e espaço para conversas.

A José Pereira pela entrevista que me deu e pelas informações referentes a Gastone Beltrão.

Ao jornalista Luiz Maklouf através do qual consegui entrar em contato com algumas pessoas.

Ao professor Romualdo Pessoa, pelos esclarecimentos sobre a Guerrilha do Araguaia.

A todos os meus alunos de italiano e francês que souberam compreender as dificuldades da pesquisa, a falta de tempo, mas que tornaram as aulas sempre bem humoradas durante todo o processo. Gostaria de agradecer a um deles em particular, seu Arlindo Teixeira que, seguindo aulas de francês com seus 62 anos, pôde me contar, num de nossos raros encontros, suas experiências no DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna) paulista junto a Eduardo Collen Leite, Bacuri.

A Rui, Odair, Walden, Clélia, Maria Ester, Rita, Nádia, Karen, Guilherme, Juliana, Liliana, Daniela, Alexandre, Mariana, Carlos, Janete, Denise, Ludmila, Cíntia, Paula, Giovani, Carla, Tadeu, Nilton, Roberta, Ercília, Mara. Vocês todos não de se reconhecer neste trabalho.

A Giovanna Mastromauro, Vanessa Pfeiffer, Alessandra Fukumoto, Illaria Bizanti, Danielle Fernandes.

A Accademia Italiana Pellegrini, nas figuras de Flávio e Mônica. Meu carinho.

Aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp, Mário, Isabel, Emerson, Ema, sempre presentes em minha memória. Meu grande e sincero agradecimento por todo o apoio prestado. Desde a primeira vez em que estive no AEL (Arquivo Edgard Leuenroth), já se completam mais de dez anos de pesquisa.

Aos funcionários do Arquivo Público de São Paulo.

Aos funcionários do Arquivo Público do Rio de Janeiro, em especial nas pessoas de Ivy e Johenir.

A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Aos amigos franceses Sophie Seban-Rousseau, Dominique Seban Lefèbvre, Camille e Buzio, Pauline, Louis, Nicolas e Émilie, Catherine e Paul, Hélène, Viviane, Berenice e Gabriel.

A Michel Lefèbvre, jornalista do *Le Monde*, pelo material de imprensa veiculado na França sobre a ALN.

A Samir e Silvana, amigos queridos.

A Michèlle pelos cafés, brincadeiras e por toda a força no dia a dia.

A Ana Paula, aluna da antropologia da USP que me auxiliou a entregar os onze exemplares desta tese na Secretaria de Pós-graduação da Universidade. Que você encontre sempre a solidariedade que me prestou em tua vida profissional e que eu possa um dia reencontrá-la para agradecer mais uma vez.

A Nicole Peralta que segurou os momentos mais nebulosos de minha história de vida, e me injetou ânimo no trabalho. Esta pesquisa foi um longo caminho de autoconhecimento e, portanto, ela é sua também.

A Carlos Eugênio Sarmiento Coelho da Paz, meu amor e companheiro, a quem esta tese também é dedicada. Você, como ninguém, sabe das estradas tortuosas que tivemos que percorrer juntos para este trabalho chegar ao fim. Espero que as ausências se tornem sempre presença em nossa vida de agora em diante, e que nossos dias continuem um lindo domingo de sol, apesar de todos os percalços que enfrentamos por um dia nossas vidas terem se cruzado. Que sejam lições que só nos engrandecem enquanto pessoas.

A minha família, meu pai Paulo, minha mãe Ângela, aos meus irmãos Luiz Augusto e Ana Paula, ao meu querido cunhado Fábio e a minha avó Olinda, que na impossibilidade de estar sempre presente, e ligada a um balão de oxigênio durante a defesa desta tese, não deixou de torcer pela neta.

A todos e todas que estiveram presentes no processo de pesquisa e escrita deste trabalho e que não foram mencionados, o meu muito obrigada!

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo recuperar as redes de solidariedade formadas por mulheres que mantiveram ou não vínculos orgânicos com a ALN (Ação Libertadora Nacional) e que prestaram os mais diversos tipos de colaboração a essa organização, participando não apenas dos levantamentos para ações armadas ou diretamente de sua execução, mas desempenhando também um papel primordial na retaguarda do movimento armado. A colaboração dessas mulheres foi parte também das transformações que se processaram na sociedade da época com relação à participação da mulher no espaço público. Na militância política, elas também introduziram mudanças na divisão de papéis entre os sexos e ressignificaram sua participação no interior dos grupos nos quais se incorporaram. Sua atividade foi fundamental para garantir a vida de pessoas, bem como permitir a continuação das atividades da organização no Brasil, em especial nos momentos mais repressivos da ditadura. Muito além de pequenos gestos, como se supõe, essas mulheres formaram uma força discreta, que deu aos militantes clandestinos a estabilidade necessária para continuarem na luta.

Palavras-chave: Mulheres; Resistência; Memória; ALN; Ditadura civil-militar.

ABSTRACT

The research aimed to restore the solidarity networks formed by women who maintained or no organic links with the ALN (National Liberation Action), which provided the most diverse types of contributions to that organization, participating not only from surveys or directly to armed actions his execution, but also playing a pivotal role in the rear of the armed movement. The collaboration of these women was also part of the changes which were processed in the society of that time with respect to women's participation in public space. In political activism, they also introduced changes in the division of roles between the sexes, and resignify their participation within the groups of which it is incorporated. Its activity was essential to safeguard the lives of people as well as to enable continuation of the organization's activities in Brazil, especially in the most repressive dictatorship. Much more than a minor adjustment, as is supposed, these women formed a slight force, which gave the clandestine militants stability to continue the fight.

Keywords: Women; Resistance; Memory; ALN; Civil-Military Dictatorship.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABI:	Associação Brasileira de Imprensa
AEL:	Arquivo Edgard Leuenroth
AI-5:	Ato Institucional número 5
ALA:	Ala Vermelha
ALN:	Ação Libertadora Nacional
AP:	Ação Popular
APEOESP:	Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo
APERJ:	Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro
BNM:	Fundo Brasil Nunca Mais
Capes:	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBA:	Comitê Brasileiro de Anistia
CCC:	Comando de Caça aos Comunistas
CEDEM/SP:	Centro de Documentação e Memória da UNESP
Cenimar:	Centro de Informações da Marinha
CEPAL:	Comissão Econômica para América Latina
CPC:	Centro Popular de Cultura
CEBs:	Comunidades Eclesiais de Base
CEDI:	Centro Ecumênico de Documentação e Informação
CEU:	Centro Estudantil Universitário
CIEX:	Centro de Informação do Exército
CNBB:	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNPq:	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Colina:	Comando de Libertação Nacional
CPJ:	Conselho Permanente de Justiça
CRUSP:	Conjunto Residencial da USP
CUT:	Central Única dos Trabalhadores
DA:	Diretório Acadêmico
DCE:	Diretório Central dos Estudantes
DI-SP:	Dissidência de São Paulo
DI-GB:	Dissidência da Guanabara
DOPS:	Delegacia de Ordem Política e Social
DOI-CODI:	Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna
ECA:	Escola de Comunicação e Artes da USP
ERP:	Exército Revolucionário Popular

FAB:	Força Aérea Brasileira
FBI:	Frente Brasileira de Informação (<i>Front Brèsilienne d' Information</i>)
FGV:	Fundação Getúlio Vargas
FUNAI:	Fundação Nacional do Índio
GAP:	Grupo Ação Patriótica
GTAs:	Grupos Táticos Armados
IBAD:	Instituto Brasileiro de Ação Democrática
IML:	Instituto Médico Legal
IPEG:	Instituto de Previdência da Guanabara
IPES:	Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais
IPM:	Inquérito Policial Militar
JEC:	Juventude Estudantil Católica
JOC:	Juventude Operária Católica
JUC:	Juventude Universitária Católica
MAR:	Movimento Armado Revolucionário
MIR:	<i>Movimiento de Izquierda Revolucionario</i>
MDB:	Movimento Democrático Brasileiro
ME:	Movimento Estudantil
MEB:	Movimento de Educação de Base
MEC:	Ministério da Educação
MMC:	Mundo Cristão
MNR:	Movimento Nacionalista Revolucionário
Molipo:	Movimento de Libertação Popular
MR-8:	Movimento Revolucionário 8 de outubro
MRT:	Movimento Revolucionário Tiradentes
OAB:	Organização dos Advogados do Brasil
OAF:	Organização de Auxílio Fraternal
OBAN:	Operação Bandeirantes
OSPB:	Organização Social e Política do Brasil
PCB:	Partido Comunista Brasileiro
PCBR:	Partido Comunista Brasileiro Revolucionário
PCdoB:	Partido Comunista do Brasil
PDC:	Partido Democrata Cristão
PDT:	Partido Democrático Trabalhista
PE:	Polícia do Exército
PIC:	Pelotão de Investigações Criminais
PMDB:	Partido do Movimento Democrático Brasileiro

Polop:	Política Operária
PSB:	Partido Socialista Brasileiro
PSDB:	Partido da Social Democracia Brasileira
PT:	Partido dos Trabalhadores
PUC:	Pontifícia Universidade Católica
REDE:	Rede Democrática
SBPC:	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SNI:	Serviço Nacional de Informações
TFP:	Tradição, Família e Propriedade
TL:	Tendência Leninista
TUOV:	Teatro União Olho Vivo
TUSP:	Teatro da USP
UBES:	União Brasileira de Estudantes Secundários
UEE:	União Estadual Estudantil
UEE-MG:	União dos Estudantes do Estado de Minas Gerais
UEE-SP:	União dos Estudantes do Estado de São Paulo
UERJ:	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF:	Universidade Federal Fluminense
UGT:	União Geral dos Trabalhadores
UMES:	União Municipal de Estudantes
UNB:	Universidade de Brasília
UNE:	União Nacional dos Estudantes
USAID:	<i>United States Agency for International Development</i>
USP:	Universidade de São Paulo
VAR-Palmares:	Vanguarda Armada Revolucionária Palmares
VPR:	Vanguarda Popular Revolucionária

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 O Ideário da Revolução e as trajetórias de vida: entre o ato e o registro	30
1.1 Ação Libertadora Nacional: concepção política e formas de luta	30
1.2 Ditadura Militar e Trajetórias de vida	42
1.3 Processos da Justiça Militar e a Crítica Documental	52
CAPÍTULO 2 O Despertar	63
2.1 Família	66
2.2 Escola	75
2.3 O Partido Comunista Brasileiro (PCB)	89
2.3.1 A zeladora do sagrado coração do Partido Comunista	92
2.3.2 Uma moça criada à moda antiga	93
2.3.3 Um dia a mais para chegar a liberdade	95
2.3.4 <i>Go Home Mister Gordon!</i>	97
2.3.5 Assim foi temperado o aço	101
2.3.6 Não dava para ficar de braços cruzados... ..	104
2.3.7 Agora chega dessa brincadeira, vamos brincar de outra coisa!	105
2.3.8 Porque eu era muito forte, sabe? Não sou mais não	106
CAPÍTULO 3 Forças da conservação em choque: a constituição de lugares de resistência	109
3.1 A igreja e o movimento católico	109
3.2 Universidade	123
3.3 Espaço	126
3.4 Cultura	132
3.5 Saída da casa dos pais: estudo, trabalho, militância	143
CAPÍTULO 4 O apoio como setor e como gesto: as redes subterrâneas da militância	151
4.1 O Trabalho	151
4.2 O apoio interno	164
4.3 Pais e mães	212
4.4 Apoio na prisão	247
4.5 Apoio no exterior	266
4.6 Crítica ao apoio	291
CAPÍTULO 5 Amor e hostilidade em tempos de revolução	310
5.1 De que matéria se faz uma revolucionária?	310
5.2 A alegria de partir?	345
CONSIDERAÇÕES FINAIS	383
REFERÊNCIAS	387
FONTES PRIMÁRIAS	401

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa procurei recuperar as redes de solidariedade formadas por mulheres que mantiveram ou não vínculos orgânicos com a ALN (Ação Libertadora Nacional) e que prestaram os mais diversos tipos de colaboração a essa organização, participando não apenas dos levantamentos para ações armadas ou diretamente de sua execução, mas desempenhando também um papel primordial na retaguarda do movimento.

Ao esconder pessoas, oferecer remédios, armas, guardar documentação suspeita, ceder suas casas para reuniões clandestinas, providenciar documentação falsa, agir como informantes, muitas mulheres assumiram todos os riscos decorrentes desse tipo de participação, colocando-se também como partícipes da luta política contra a ditadura civil-militar.

Consideradas como “inimigo interno”, a colaboração dessas mulheres foi parte também das transformações que se processaram na sociedade da época com relação à presença da mulher no espaço público. Na militância política, elas também introduziram mudanças expressivas na divisão de papéis entre os sexos e ressignificaram sua participação no interior dos grupos nos quais se incorporaram.

Muito além do setor armado, que invariavelmente teve maior repercussão no período, principalmente no tocante à participação feminina cuja atuação foi muito desqualificada pela política repressiva e pela imprensa da época (basta verificar a utilização na imprensa da famosa “loira dos assaltos” entre outros qualificativos mais grosseiros em relação a elas), resgatamos a experiência de mulheres que fizeram parte de uma esquerda anônima e que foram fundamentais para garantir a vida de pessoas, bem como permitir a continuação das atividades da organização no Brasil, em especial nos momentos mais repressivos da ditadura.

O conceito de rede é utilizado em nossa pesquisa no sentido de pessoas que trabalharam juntas e executaram ações clandestinas mantendo contato umas com as outras de maneira cautelosa e dentro dos critérios de segurança estabelecidos pela organização. Algumas de nossas entrevistadas também se referiram à militância como uma grande teia que envolvia física e politicamente todos os seus militantes. Tais referências foram também encontradas nos depoimentos de Maria Aparecida Santos, Vilma Ary, Ana Bursztyń Miranda, Jessie Jane e Robêni Baptista da Costa. Esse conceito empregado na pesquisa é consequência

dos fortes elos de pertencimento que foram estabelecidos entre os militantes da ALN partindo-se da própria identificação que essas mulheres fizeram de suas atuações políticas, não sendo, portanto, identificadas no interior da organização hierarquias de poder ou qualquer obstáculo à sua participação nas fileiras do movimento.

As pesquisas realizadas nos 80 processos da Justiça Militar relacionados à Ação Libertadora Nacional (ALN), e consultados no Fundo Brasil Nunca Mais do Arquivo Edgard Leuenroth revelam que foi justamente essa parcela de colaboradoras a primeira a ser atingida pela repressão e, não obstante a compartimentação dos grupos armados, essas pessoas formaram uma ampla rede de apoio, ainda de todo desconhecida pela historiografia.

Muitas dessas mulheres sequer chegaram a ser fichadas pelo DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social), tendo suas qualificações totalmente ignoradas pela polícia. As suas condenações junto aos Tribunais Militares também não refletem a militância que tiveram. Os processos da Justiça Militar eram amiúde instaurados sem qualquer comprovação de sua atuação política. A decretação de prisão preventiva, por exemplo, também serviu aos militares como justificativa para enganos cometidos em relação à detenção de pessoas. O militante do Partido Comunista, e posteriormente quadro de apoio da ALN, Waldemar Tebaldi, reproduz, em seu livro de memórias *Entre a Cela e o Céu*, casos de flagrante desrespeito à pessoa humana, bem como algumas das irregularidades cometidas pela Justiça Militar.

Como ele afirma em seu testemunho, após a detenção dos supostos militantes pelos organismos de repressão como DOPS, DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna), ou Cenimar (Centro de Informações da Marinha), “[...] ali permaneciam pessoas dois, três e até seis meses, sem que lhes fosse dada a oportunidade de quaisquer esclarecimentos, havendo casos, de pessoas que permaneceram nesses locais até seis meses sendo posteriormente libertadas sem nenhum tipo de explicação”¹.

Verifica-se também que nem todas essas mulheres, apesar de atuantes politicamente no passado, seguiram, em suas biografias, carreira na política ou são, nos dias de hoje, militantes político-partidárias.

Nesta pesquisa procurei traçar as trajetórias dessas mulheres destacando suas formas de atuação voluntária, o tipo de inserção na organização, levando em conta também o nível de conscientização política e o compromisso ideológico assumidos.

¹ TEBALDI, Waldemar. *Entre a cela e o céu: confissões de um médico na prisão*. Americana, São Paulo: Burity, 1984, p. 39.

Esse tipo de colaboração prestada por mulheres também permite alguns questionamentos em relação ao apoio que a classe média ou parte dela possa veladamente ter prestado a esses grupos, já que muitas mulheres que agiram anonimamente não eram *tout court* quadros da organização e, embora não tendo participado de ações armadas, combateram o regime militar nos seus interstícios, ligando-se aos grupos mais radicalizados no desempenho de determinadas tarefas.

Isso não pressupõe dizer, no entanto, que os que sustentaram de alguma forma uma resistência à ditadura, possam ser incluídos entre esses combatentes. Sabemos daqueles que nada tentaram fazer no período posterior ao golpe esperando a chegada de “dias melhores”, ou que abertamente colaboraram com a polícia, seja através de um telefonema ao DOPS, identificando um conhecido(a) na rua através de cartazes de procurados afixados em lugares públicos ou no interior de estabelecimentos comerciais. Muitos vizinhos, como grande parte da população brasileira ludibriada pela censura, também foram ganhos pela “propaganda terrorista”, e não tiveram nenhum constrangimento em entregar esses militantes à polícia. Como afirmou um membro da organização, “naquela época a delação tornara-se um ato político e, mesmo patriótico, incentivada pelos donos do Poder”².

De fato, muitos se integraram a grupos anticomunistas mais especificamente, alimentando política e financeiramente a repressão de Estado. Pesquisas recentes, além de depoimentos de ex-militantes, demonstram que a ditadura militar contou com o financiamento do empresariado brasileiro, tendo como exemplos o Grupo Ultragás e o jornal *Folha de S. Paulo*, empresas que não só arrecadavam dinheiro para os órgãos de repressão, participando pessoalmente das sessões de tortura, como emprestavam seus veículos para o transporte de presos políticos ou para surpreender militantes em emboscadas nas ruas. Notícias publicadas no jornal *Venceremos*³ também davam conta de que Otávio Frias de Oliveira, presidente do Grupo Folha, chegou a entregar ao DOI-CODI uma lista de todos os jornalistas e funcionários do Grupo Folha, chegou a entregar ao DOI-CODI uma lista de todos os jornalistas e funcionários do Grupo que haviam sido despedidos nos últimos anos. Pelo menos três carros da empresa foram queimados por comandos da ALN como denúncia às atividades do jornal transformado num dos baluartes da propaganda de Estado. Outras denúncias também seriam realizadas pela ALN quanto à interferência do capital norte-americano no Brasil em apoio ao regime militar. No mesmo jornal sob o título “E a Supergel entra em Fria”, a organização denunciava nominalmente três empresários estando, entre eles, Pery Igel (do grupo Ultra, Ultragás,

² TEBALDI, 1984, p. 16.

³ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais. *Venceremos*, n. 5, dez/71-jan.72 (anexo 5477).

Ultrafértil), Roberto Campos (Investbanco e Uninvest) e Sebastião Camargo (Construtora Camargo Correia) que, por meio da produção de sua empresa Produtos Alimentícios Supergel SA, destinavam recursos às Forças Armadas brasileiras. Como afirmado no jornal “[...] existe uma característica comum entre os três supracitados cavalheiros: todos financiam a repressão policial da ditadura, pagam os carrascos da OBAN (Operação Bandeirantes) e dão prêmios de milhões de cruzeiros por cada guerrilheiro assassinado”. Outras ações de retaliação seriam executadas pela ALN contra representantes do capital norte-americano.

Outras entidades bastante influentes no período e que prestaram colaboração à ditadura foram o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES). Através de sua revista *Ação Democrática*, o IBAD não só atacava o comunismo, mas apontava para a infiltração de esquerda que vinha sendo realizada nos sindicatos e na União Nacional dos Estudantes (UNE). Pretendia com isso chamar a atenção das classes dominantes para o “perigo vermelho” que “assombrava” o país. Surgido em 1961, dois anos após o IBAD, o IPES era formado por um grupo de empresários do Rio de Janeiro e de São Paulo que temia a ascensão de João Goulart. Definiam os ideais liberais e a livre iniciativa como parâmetros desejados na sociedade através de publicações, filmes e palestras. Elementos filiados ao IPES não só conspiraram para a derrubada de João Goulart como mantiveram contatos com a área militar, tendo também estruturado um serviço de informações para perseguir militantes de esquerda⁴.

É necessário acrescentar que, além da oposição de esquerda, houve um amplo apoio da sociedade civil ao golpe militar, expresso por grupos ou entidades como o CCC (Comando de Caça aos Comunistas) ou de passeatas como se verificou na “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” ocorrida em 19 de março de 1964 em São Paulo, e convocada em nome de Leonor Mendes de Barros, esposa do governador Adhemar de Barros⁵.

Alguns desses grupos anticomunistas, segundo Motta, formaram-se às dezenas nos anos imediatamente anteriores ao golpe, tendo tido porém, em sua maioria, experiências bastante efêmeras de atuação⁶. Segundo as pesquisas do historiador, esses grupos teriam se originado da Cruzada Brasileira Anticomunista, da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, da Liga de Defesa Nacional ou do Movimento por um

⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda contra o Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, Fapesp, 2002. Cf. DREIFUSS, René. *1964: A Conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classe*. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

⁵ SESTINI, Dharana Pérola Ricardo. *A mulher brasileira em ação: motivações e imperativos para o golpe militar de 1964*. 2008. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

⁶ MOTTA, op. cit., p. 237.

Mundo Cristão (MMC). Em relação a este último, surgido em Belo Horizonte no ano de 1956, parece-nos digno de atenção o tipo de atuação que teve, acompanhando progressivamente a radicalização conservadora e anticomunista da época. Motta afirma que o MMC se constituiu num grupo religioso de mulheres que “combatia o ‘modernismo’ [...] identificado tanto nas ideias marxistas quanto nas mudanças de comportamento”, tendo posteriormente e já no início dos anos 1960 identificado sua principal atuação na luta contra o comunismo⁷. Outro grupo que também teria agido e provocado conflitos de rua segundo as fontes de Motta teria sido o Grupo Ação Patriótica (GAP). Todos eles parecem ter contado com a participação feminina como um aspecto decisivo do surto anticomunista surgido nos anos de 1960. Como afirmou Motta, “várias entidades anticomunistas femininas foram criadas na conjuntura, tendo importância central nas mobilizações que levaram ao golpe militar”. Tratava-se de “um fato inovador na política brasileira, que até então tinha pouca tradição da participação feminina”⁸. Um levantamento realizado pelo historiador indica que entre os anos de 1962 e 1964 pelo menos seis entidades femininas anticomunistas surgiram nos principais estados brasileiros como a Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE-Guanabara), União Cívica Feminina (UFC-São Paulo), Movimento de Arregimentação Feminina (MAF-São Paulo), Liga da Mulher Democrática (LIMDE-Minas Gerais), Ação Democrática Feminina Gaúcha (ADFG-Rio Grande do Sul) e a Cruzada Democrática Feminina (CDF-Pernambuco)⁹.

Se por um lado uma grande quantidade de mulheres posteriormente alinhar-se-ia às teses de esquerda, enfrentando a ditadura civil militar, não podemos desconsiderar que uma grande parcela de mulheres também se mobilizou em defesa da ordem tradicional, da família, da religião e da propriedade, representando, no entanto, uma grande força simbólica nacional, na medida em que, com sua atuação, causavam uma impressão de que toda a sociedade se levantava contra o comunismo. Eram até então as porta-vozes de que o espaço da mulher estava reservado ao lar, aos cuidados do marido e dos filhos. Há de se considerar também que este pensamento estava fortemente enraizado no universo masculino e patriarcal da época, que considerava a mulher como guardiã natural de valores pacíficos reforçando no imaginário social a sua rejeição a toda forma de violência. Essa ideologia, que estava na base dos agrupamentos femininos anticomunistas e de parcelas do clero católico, tinha por objetivo desmobilizá-las politicamente. Tal ideário também seria utilizado pelo regime militar, notadamente durante os julgamentos judiciais, lançando mão de que a militância feminina

⁷ MOTTA, 2002, p. 238.

⁸ Idem, *ibidem*, p. 241.

⁹ Idem, *ibidem*.

teria sido motivada por seus cônjuges ou companheiros, que se aproveitaram da ingenuidade e da boa fé feminina para realizarem atividades para a organização.

Outra crítica relacionada à colaboração prestada por mulheres no setor de apoio está em afirmar que esse tipo de atividade corroborou um papel feminino tradicionalmente marcado pelo “cuidado” com o outro, não sendo por isso caracterizada como uma participação transgressora e de rompimento com o pensamento conservador da época.

Essa crítica desconsidera o papel de interferência que esse setor teve no movimento revolucionário, e principalmente não explica todos os níveis de participação que mulheres e também homens tiveram no movimento de resistência. Não há até o momento pesquisas que tenham sido realizadas recuperando as simpatias da população, em especial de mulheres, em apoio ao movimento revolucionário. Desconhece-se no Brasil de que forma essas mulheres atuaram e qual a contribuição efetiva que essa atividade teve para a luta armada. Esse tipo de participação política acabou sendo preterida e considerada como uma linha auxiliar menor no interior do movimento revolucionário de esquerda a despeito desse tipo de auxílio, denominado por uma das militantes que entrevistamos como “socorro vermelho”, compor a maior parte das atividades da organização. Poucos foram os militantes que fizeram parte dos GTAs (Grupos Táticos Armados) e que participaram diretamente do enfrentamento armado com a polícia política. A importância dada em nossa pesquisa a todo esse tipo de retaguarda justifica-se, pois foi ela que, por meio das redes de homens e mulheres, distribuídos em outros setores como apoio, imprensa, logística, documentação, informação, realizava tarefas de manutenção, de divulgação etc., permitindo as condições operacionais de atuação do núcleo “militarizado”.

Algumas participantes desconsideraram, contudo, sua contribuição, alegando que, por não terem feito parte das lideranças da organização, não teriam nada de relevante a acrescentar a essa experiência. Esse comportamento, além de reproduzir, em menor escala, esse tipo de pensamento, considerando a atuação feminina como uma linha auxiliar menor dentro da organização, tem como consequência o silenciamento dessa experiência, pois uma parte de sua contribuição à luta contra a ditadura civil militar foi justamente a realização, dia após dia, de uma quantidade incalculável de tarefas, que em geral a historiografia tradicional não levou em consideração. Por isso mesmo, nossa tentativa foi a de mostrar que essas atividades quotidianas revestiram-se de novo sentido para a mulher ao mesmo tempo em que sua atividade, por mínima que fosse, também representou enormes riscos.

Essas mulheres protestaram à sua maneira, de um modo particular, executando tarefas para as quais também deviam manter sangue frio permanente. Também sentiram a angústia de ter sua família envolvida, filhos, cônjuges, parentes, e dificuldades financeiras, pelo abandono de sua vida legal e pelas exigências da própria luta que travaram.

Nossa escolha foi a de estudar a rede de apoio da ALN, considerada uma resistência passiva, frente à atividade do setor armado. Esse tipo de compreensão acabou dando margem a algumas abordagens que identificaram, na participação feminina na luta armada brasileira, um aspecto idealizado e romântico mais do que uma presença feminina firme na defesa de seus companheiros e filhos nas lutas contra as intolerâncias que o autoritarismo impunha na conjuntura brasileira da época.

Os acontecimentos durante o período ditatorial ganharam dimensões diversas se considerarmos também o momento e as condições em que essas mulheres atuaram. À medida que o movimento armado avançava e atraía cada vez mais as forças repressivas, muitas dessas tarefas e missões tornavam-se cada vez mais difíceis e perigosas.

Verifica-se, no entanto, na prática, que a luta de resistência contra Estados ilegítimos apresentou-se bastante nuançada, sendo propulsora de diversos tipos de comportamentos – individuais ou coletivos – também identificados com questões de libertação nacional, de independência político-econômica, com atitudes nacionalistas ou simplesmente contrárias à violência de Estado¹⁰. Na adesão de muitos revolucionários deste período, verifica-se, no entanto, que as motivações que os levaram à militância política foram as mais diversas e, portanto, o termo resistência, utilizado com o sentido de oposição (armada ou não), parece ganhar maior amplitude quando se trata de pensar as mais variadas tarefas que a oposição ao regime civil-militar desempenhou.

¹⁰ Em um dos documentos da ALN, por exemplo, no periódico *Ação* de agosto de 1971, um artigo com o título “Americanos não precisam invadir para dominar” abria um debate sobre os Estados Unidos e a exploração do povo brasileiro. Nas palavras do texto, “Ao invés de simplesmente invadir o país e reprimir o povo que luta para se libertar, como no Vietnã, é muito mais fácil, cômodo e sutil o que fazem os gringos no Brasil: compram um grupo de traidores da pátria e os mantêm no governo através da ajuda militar, fornecendo armas, munições e toda a técnica que eles desenvolveram de repressão [...] Até 1970 os EUA aplicaram uma verba de 7,5 milhões de dólares, a maior dotação na América Latina, vindo em segundo lugar a Colômbia com 4,4 milhões, com treinamento de pessoal, apoio financeiro e fornecimento de material para a polícia brasileira. [...] 600 policiais brasileiros fizeram curso nos Estados Unidos. Os policiais americanos treinaram 100.000 (cem mil) policiais no Brasil. O programa ofereceu ainda 100 viaturas, 540 cassetetes, 565 algemas, 800 mil cartuchos de munição, bombas para reprimir manifestações de massa, máquinas copiadoras, laboratórios de análise, walkie talkies, um computador, etc [...]”. Unicamp-Universidade Estadual de Campinas. Arquivo Edgard Leuenroth (AEL). Acervo Brasil Nunca Mais, anexo n. 6374.

Ter uma posição, defender seus princípios são também atos de resistência. Não podemos afirmar categoricamente que essas combatentes não estivessem imbuídas de patriotismo, dentro das ideologias ou não que abraçaram. Suas participações políticas foram também engendradas por experiências anteriormente vivenciadas, por estarem em sua origem muito influenciadas pela família, pais e mães que já tinham vínculos políticos ou nutriam simpatia pelos movimentos de esquerda dos anos 1920 e 1930¹¹. Outras foram paulatinamente tendo contato com a ideia de revolução acompanhando os acontecimentos políticos de sua época.

A presença de mulheres nos grupos de guerrilha pode ser atribuída a vários fatores como linha política adotada pelo grupo, natureza da contribuição das mulheres (como era o posicionamento da organização em relação a essas mulheres), necessidade de ampliação de quadros, utilização da militância feminina para desempenhar determinadas tarefas. Nesta pesquisa pude perceber que a oposição à ditadura civil-militar revestiu-se de muitas formas e se manifestou também em circunstâncias variadas. Procurei, no entanto, demonstrar que, apesar de algumas críticas isoladas de mulheres em relação ao tratamento dado pelos homens à sua inserção no movimento armado, a ALN constituiu-se numa organização que tratava de forma igualitária homens e mulheres.

Na sua política de ampliação de quadros verificou-se que o processo de recrutamento respeitava as diferentes potencialidades de cada militante – fossem eles, homens ou mulheres – que podiam contribuir de muitas maneiras dentro de suas habilidades pessoais ou de aspectos relacionados à sua personalidade. Nem todos foram deslocados para o setor armado, por exemplo, ou possuíam as características desejáveis de um “soldado”, como sangue frio, firmeza e agilidade nas decisões, habilidade com armas de fogo, bombas, etc. Fatores esses que não impediram homens e mulheres de atuarem em outros setores da organização, utilizando-se de suas qualidades pessoais para desempenhar determinadas tarefas como coleta de informações, divulgação de documentos, repasse de mensagens, acolhimento a pessoas perseguidas, entre outros, e compensando de outras formas a falta de aptidão em determinados trabalhos. A participação feminina na ALN pode ter se dado, sobretudo pela conformação horizontal dada ao grupo por seus fundadores (Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira), após sua desvinculação do PCB (Partido Comunista Brasileiro), e por ter agregado muitos estudantes que ganhavam a cena pública naqueles anos. Parcelas do movimento estudantil que confluíam para a organização também traziam a modificação de costumes, da qual eram

¹¹ Verifica-se isso nos depoimentos de algumas de nossas entrevistadas como Maria Aparecida Santos, Mariza Campos da Paz, Tânia Rodrigues Mendes, Ana Maria Ramos Estevão e Sandra Negraes Brisolla.

caudatários, para o interior da ALN, gerando, portanto, um conjunto de elementos culturais, psicológicos e morais inovadores. Como nos afirmou um dos militantes da ALN,

[...] O espírito libertário que surgiu neste momento em todo o mundo - talvez o prenúncio de uma globalização da contestação ao velho, ao carcomido e corrompido mundo de antes - sem dúvida impregnou a prática das mulheres e homens na luta armada. Na ALN, que contava com uma maioria de militantes egressos do movimento estudantil, a mulher possuía as mesmas possibilidades e responsabilidades de engajamento que o homem. Herança disto, por exemplo, eu por toda a minha vida fui e sou o cozinheiro do lar. A revolução dos costumes, do qual éramos aríete, nos conduziu a repartir responsabilidades e obrigações. [...] Encontrará, em mulheres engajadas no processo, mas não oriundas do ME, comportamentos diferentes. Mas a geração que rompeu com o preconceito da virgindade, que abominou a discriminação de raças também explodiu com o conceito da "dona de casa"¹².

A ALN desde suas origens pretendeu romper com a maneira tradicional e fechada de fazer política e, dentre todas as organizações naquele contexto, foi a que teve vida mais longa e agregou o maior número de integrantes, notadamente de mulheres.

É claro que em outros agrupamentos guerrilheiros alguns comportamentos tradicionais e arraigados devem ter se manifestado, o que é bastante plausível numa luta levada adiante por uma geração que tentava romper e transgredir as barreiras sexuais, políticas e de costumes. Um exemplo de preconceito sexista, por exemplo, verificou-se em relação ao PCdoB (Partido Comunista do Brasil), no período em que o partido enviava militantes para a região do Araguaia. Reproduzimos um trecho em relação ao episódio, descrito pelos pesquisadores Taís Morais e Eumano Silva, no livro *Operação Araguaia: os arquivos secretos da guerrilha*,

Alice [Criméia Teles] foi a primeira mulher a se engajar em um dos destacamentos da guerrilha. [...] A chegada da estudante de enfermagem desagradou os militantes já habituados ao local, que preferiam homens para aquele tipo de trabalho. No caminho para o Araguaia, o líder comunista João Amazonas disse a ela que o engajamento de outras mulheres dependeria do seu desempenho. Irritada Criméia teria dito, "Porque você cobra isso das mulheres [...] Se o primeiro homem a chegar aqui não desse certo, não haveria guerrilha?"¹³

Necessário, portanto, destacar que as motivações pessoais para a entrada dessas mulheres na ALN foram as mais diversas, e por isso consideramos relevante estabelecer uma

¹² Carlos Russo Júnior. Depoimento [27 de maio de 2008]. Mensagem eletrônica. Entrevistador: Maria Cláudia Badan Ribeiro. Carlos Russo participou do movimento estudantil na cidade de Ribeirão Preto tendo se integrado posteriormente à ALN em São Paulo.

¹³ MORAIS, Taís; SILVA, Eumano. *Operação Araguaia: os arquivos secretos da guerrilha*. São Paulo: Geração Editorial, 2005, p. 74.

tipologia que contemple o tipo de inserção que tiveram baseadas nas origens de sua militância, que podem ter tido um efeito no seu tipo de atuação, seja na vanguarda ou na retaguarda (apoio), do movimento armado brasileiro. Verificamos, ao longo de nossas entrevistas, a presença de diferentes perfis de atuação que estão intimamente relacionados também às influências pessoais, familiares, teóricas, acadêmicas ou de trabalho que a maior parte dessas mulheres teve. Houve aquelas que descreveram sua militância essencialmente das relações de amizades por conviver com turmas com as quais se identificavam, política e pessoalmente, no colégio ou na Faculdade ou por estarem sempre juntas em reuniões ou festas de confraternização realizadas por amigos ou conhecidos. Alguns bares, cinemas e livrarias se constituíram em pontos de encontro desses militantes, como também de grande parte da intelectualidade brasileira, como o Ferro's Bar (São Paulo), o Cinema Paissandu (Rio de Janeiro), a Livraria Duas Cidades (São Paulo), o Bazar Oió (Goiânia), entre outros. Algumas mulheres que se envolveram na luta armada acompanhavam seus maridos e companheiros. Um dos perfis que compuseram igualmente essa retaguarda foram aquelas que, na definição de Olívia Rangel, foram movidas “pelo coração” e engajaram-se na luta por terem filhos, irmãos, ou familiares presos, torturados e mortos¹⁴.

Inicialmente, contudo, o apoio à ALN foi formado por mulheres que já tinham uma militância no Partido Comunista Brasileiro (PCB). A Liga Feminina da Guanabara, fundada em 1959, foi um dos exemplos de entidades que forneceram muitas militantes para o Grupo de Carlos Marighella.

Verifica-se também que muitas dessas mulheres passaram a formar essa rede de solidariedade principalmente após a decretação do AI-5 (Ato Institucional n. 5) quando o movimento estudantil entrou em descenso. O Ato Institucional foi um divisor de águas para a radicalização que já vinha ocorrendo entre alguns setores da sociedade desde 1966, notadamente o estudantil, composto por secundaristas e por universitários de diversas capitais do Brasil. A partir de então, a luta seria clandestina ou utilizaria também quadros legais como apoio dentro da linha de atuação de cada organização. A ALN manteve uma rede legal de colaboradores, cujo auxílio também esteve situado dentro de simpatias pessoais e dentro das experiências de engajamento do grupo.

A atuação dessas mulheres se confundiu ainda com as características inerentes às bases em que a ALN manteve em outros estados brasileiros. Apesar de mais atuante no eixo

¹⁴ JOFFILY, Olívia Rangel. *Esperança Equilibrada: Resistência feminina à ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. 2005. Tese de Doutorado (Ciências Sociais). Universidade Católica, PUC-SP, São Paulo, 2005.

Rio de Janeiro-São Paulo, manteve quadros militantes em outros estados brasileiros como Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Pará, Pernambuco, estendendo também suas bases para o interior paulista em municípios como Santos, Sorocaba, Ribeirão Preto e Bauru. Houve atividade de mulheres junto a camponeses, bancários, operários-metalúrgicos, ferroviários, e a organização ainda se inseriu no Movimento de Educação de Base (MEB), junto de alguns religiosos na região do Pará e em São Félix do Araguaia (MT), atuando junto à Pastoral da Terra, liderada por Dom Pedro Casaldáliga.

A atuação dessas mulheres, comparada ao modesto papel público que a mulher em geral assumiu na sociedade em décadas passadas, demonstra que sua participação na luta contra o regime militar teve uma importância particular. Mesmo que muitos trabalhos destaquem nesses grupos uma distinção de sexo, latente na distribuição de tarefas e no desenrolar da luta diária, verificamos que tais visões também reproduzem um ponto de vista masculino, quando ganham maior destaque as operações de natureza militar em que mulheres estiveram envolvidas. Ao se referir ao machismo ou às estruturas masculinas de poder presentes nos grupos armados, alguns trabalhos acadêmicos¹⁵ também desconsideram que as estruturas formais às quais muitas dessas mulheres estiveram ligadas, como o PCB, constituíram-se também num lugar de amadurecimento político e de aprendizagem para todas elas, colocando-as em contato com as alianças e conchavos próprios da atuação política.

Além disso, quando se menciona sua ausência em postos de comando no interior da ALN, deixa-se de considerar toda a atividade desempenhada por essas mulheres em vários outros setores da organização, que não estavam *a priori* definidos como funções femininas ou masculinas, e nem expressavam divisões sexistas no interior do grupo.

Grande parte das entrevistadas se autodefiniram como membros da ALN cujos comportamentos estavam voltados para a luta e sua participação decorria da mesma vontade dos homens: a reconquista das liberdades democráticas. As combatentes partilhavam dos mesmos direitos, das responsabilidades e dos riscos dos homens e as atividades geralmente eram distribuídas em função das aptidões de cada uma e não em função do sexo e/ou questões de gênero. Verifica-se isso nas falas de grande parte das entrevistadas como na de Robêni

¹⁵ Entre alguns deles realizados nos últimos anos: COSTA, Albertina et al. *Memórias das Mulheres do Exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. FALCON, Yara. *Mergulho no passado: a Ditadura que vivi*. Maceió: Livro Rápido, 2007. FERREIRA, Elizabeth Xavier. *Mulheres, Militância e memória: histórias de vida, histórias de sobrevivência*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. JOFFILY, Olivia Rangel. *Esperança Equilibrista: Resistência feminina à ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. 2005. Tese de Doutorado (Ciências Sociais). Universidade Católica, PUC-SP, São Paulo, 2005. LIMA, Ruth. *Nunca é tarde para saber: histórias de vida, histórias da guerrilha*. 1998. Tese Doutorado (História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

Baptista da Costa, Jessie Jane, Guiomar Silva Lopes, Sônia Maria Ferreira Lima, Maria Aparecida Santos, Ana Bursztyn Miranda, Maria do Amparo Almeida Araújo, Maria Aparecida Baccega, e Ilma Horst Noronha.

Nesta pesquisa, muito frequentemente me utilizei da comparação entre os documentos ditos “oficiais” com o relato oral das protagonistas. A primeira etapa foi recolher o testemunho dessas mulheres, para ter um quadro do tipo de participação que tiveram.

Radha Abramo e Darcy Gil de Oliveira estão entre algumas mulheres que estavam selecionadas para esta rede de oralidade, mas não puderam ser ouvidas por estarem no momento das entrevistas impedidas por doenças. Em relação às mulheres já falecidas tentamos entrar em contato com seus familiares, no intuito de conseguir algumas informações sobre elas. Nem sempre, infelizmente, suas famílias conheciam suas histórias em maior profundidade.

Nossa seleção foi guiada também pelo objetivo de obter uma amostragem social, cultural, educacional, geográfica e política dessas mulheres. A elaboração das perguntas durante as entrevistas teve como objetivo investigar o contexto em que viveram, na tentativa de abordar temas como início da militância, adesão ao PCB, aceitação de suas atividades pela família, influência dos movimentos culturais da época, a escolha pela vinculação à ALN, o tipo de atuação que tiveram no interior do grupo, a prisão, exílio e a retomada de suas vidas privada e públicas após o fim do regime civil militar.

Comprometi-me a manter sigilo sobre alguns episódios considerados pelas nossas depoentes como comprometedores em suas vidas, fatos esses que não chegaram, portanto, a ser gravados, e cujos pedidos respeitei.

Nossa tese se propôs a investigar a constituição do setor de apoio da ALN sob dois eixos: deu sustentação à ALN para que ela continuasse atuando por mais tempo no cenário nacional? Representou um papel transgressor para a mulher dentro das tarefas que ela exerceu? Tentamos mostrar que a liberação da mulher estava em crescente processo nos anos do regime militar e que a incorporação dessas mulheres à luta armada só foi possível graças a esse espírito.

Procuramos no primeiro capítulo indicar as principais concepções políticas da ALN, além da problemática referente à memória, às trajetórias de vida, à história e ao documento.

No segundo capítulo fomos buscar as origens da conscientização política e social dessas mulheres, e quais canais essa sensibilidade social atravessou.

O terceiro capítulo tenta mostrar os caminhos que essas mulheres percorreram ao saírem de casa, em busca de trabalho e estudo, e a ruptura ou não que tiveram que fazer com a família, a igreja, e seu contato com a universidade e com os movimentos culturais.

No quarto capítulo destacamos a variedade de atividades exercidas por essas militantes como apoio, indicando também a presença de seus familiares na luta e de pessoas cujos gestos partiram mais da solidariedade do que de vínculos à organização. O setor de apoio tanto foi um setor como uma atitude.

Através dos depoimentos dessas mulheres abordamos também a sua volta à sociedade brasileira com a redemocratização e os efeitos que a militância teve sobre suas vidas.

CAPÍTULO 1

O Ideário da Revolução e as trajetórias de vida: entre o ato e o registro

1.1 Ação Libertadora Nacional: concepção política e formas de luta

Para entender a inserção feminina no interior da Ação Libertadora Nacional é necessário também esboçar como a ALN foi estruturada, a composição de seus setores e os objetivos a que se pretendia quando Marighella, seguido de outros militantes partidários, abandonam o partido comunista para estruturar a organização.

Consideramos importante expor aqui as concepções políticas mantidas pela organização, pois a própria forma como foi constituída parece ter motivado em maior grau a entrada de mulheres em seus quadros comparativamente a outros grupos revolucionários.

A ALN definia-se como de orientação marxista-leninista sendo contrária à formação de uma organização estática, dogmática ou abstrata. Como Carlos Marighella afirmava “para ser revolucionária uma organização deve exercer permanentemente a prática revolucionária sem, no entanto, jamais deixar de ter sua estratégia, seus princípios ideológicos e sua disciplina própria”. Queria mostrar, com isso, que a organização tinha motivações claramente políticas e que o fundamental numa organização revolucionária não era “fazer reuniões improdutivas sobre temas gerais e burocráticos, mas sim dedicar-se sistematicamente a planejar e executar [...] até as menores ações revolucionárias”¹⁶.

Propunha com isso uma luta real e contínua baseada principalmente em grupos tecnicamente bem preparados, denominados GTAs (Grupos Táticos Armados) que se constituiriam no instrumento especial para “operações mais complexas”. O surgimento dos pequenos grupos de homens armados seria o desdobramento momentâneo de um processo revolucionário muito mais longo a ser enraizado na sociedade brasileira e deveria contar com o apoio de todos os indivíduos que aceitassem a linha da organização e que estivessem dispostos a dar sua contribuição à guerrilha. O objetivo então era a formação da Frente Guerrilheira que, num estágio mais avançado da luta, seria integrada pela Frente de massas

¹⁶ CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA (CEDEM-UNESP). *De Questões de Organização*, dez. 1968, (mimeo).

(urbana e rural), bem como pelos demais setores da população, desde que se integrassem e mantivessem uma razoável potência revolucionária. A intenção não era a instituição de um novo partido e sim o desencadeamento da ação revolucionária, em que a linha política e militar estariam completamente subordinadas uma a outra, e “qualquer mudança de qualidade do movimento também determinaria mudanças de qualidade na organização”¹⁷.

Para Marighella a maneira tradicional de fazer política não tinha de fato intenção de modificar o regime, mas procurava na realidade acordos e entendimentos com personalidades e grupos da burguesia nacional. O dirigente repudiava o jogo político e não via senão na prática da luta concreta uma alternativa para o Brasil. Defendia também que somente a guerrilha, apesar das suas limitações, poderia enfrentar o regime, já que no transcurso de todo o ano de 1968 a luta aberta contra o regime chegava ao fim em dezembro desse ano. Iniciava-se então a luta clandestina.

Seu caminho definiu-se dentro das concepções do revolucionário, em participar da luta junto aos operários e camponeses criando um núcleo de combatentes que fosse o embrião do Exército de Libertação e abrir o caminho também para a tomada do poder¹⁸. Para ele, no entanto,

[...] a passagem de um tipo de luta para outro não significava a exclusão de nenhuma delas. Pelo contrário, a experiência mostra que as formas de luta de massas se combinam com as formas de luta de pequenos grupos. As formas de luta de massas, entretanto, mostram-se inferiorizadas diante do emprego sistemático da potência de fogo da reação contra um movimento de massa desarmado¹⁹.

Restava então a aliança operário-camponesa como o motor da mudança, que, acompanhada por outros setores, inclusive nacionalistas, profissionais liberais etc., implantariam a infraestrutura guerrilheira.

Marighella, considerando as dimensões continentais do Brasil, defendia uma guerra de movimento, acreditando que isso não se daria apenas nas cidades, sendo o campo o lugar privilegiado da revolução. Uma pequena incursão aos textos e ao pensamento do revolucionário nos deixa antever algumas influências que ele teve ao longo de sua militância política. Em seus escritos, Marighella defendia uma luta nacional que se daria por um processo de emancipação do povo brasileiro do capital estrangeiro internacional e que abriria

¹⁷ CEDEM-UNESP, dez. 1968.

¹⁸ CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA (CEDEM-SP). MARIGHELLA, Carlos. *Guerriglia urbana in Brasile*. Milano: Feltrinelli, 1968.

¹⁹ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Acervo Brasil Nunca Mais, Operações e táticas guerrilheiras, anexo 5245.

posteriormente o caminho para o socialismo. Defendia, além disso, a autonomia da revolução brasileira, ainda que apoiasse politicamente a luta de libertação em outros países da América Latina, sobretudo Cuba. Como afirmou,

[...] para assaltar bancos, capturar armas, desertar dos quartéis com armas e munições, liberar os prisioneiros políticos, sequestrar embaixadores, justificar espões, etc., os revolucionários brasileiros não necessitam recorrer a seus irmãos de outros países. Em nosso mini-manual do guerrilheiro urbano sistematizamos as experiências da guerrilha urbana brasileira e todos podem ver que tais experiências são tipicamente brasileiras. O dever de cada povo é fazer sua revolução. O povo cubano fez a sua. O povo vietnamita dá o exemplo na guerra contra os Estados Unidos, a nação agressora. Nós brasileiros, devemos fazer nossa revolução e seguir o exemplo dos que se libertaram [...] Somos patriotas e internacionalistas proletários, queremos a unidade e a solidariedade dos povos que lutam pela sua libertação. Por uma questão de princípios somos solidários com a revolução cubana e compreendemos que a revolução brasileira já encontrou o caminho aberto com a vitória dessa revolução. Cada êxito da revolução cubana, cada vitória do povo do Vietnã contra o agressor norte-americano ajuda a revolução brasileira que segue seu próprio caminho. Somos noventa milhões de brasileiros subjugados pela ditadura militar e o imperialismo norte-americano. Com tão grande potencial humano e uma área geográfica continental temos reservas suficientes e condições para derrotar o inimigo usando recursos brasileiros e seguindo uma estratégia inteiramente adequada à realidade concreta do país²⁰

Para ele,

[...] os países que já foram libertados o fizeram apenas através da luta armada. Nenhum deles o fez através de vias pacíficas. Seria inadmissível que estes países renunciassem agora a reconhecer o direito dos outros povos latino-americanos de utilizar-se da luta armada. Esse é o processo latino-americano, onde os países livres estarão sempre sob a ameaça da agressão armada por parte dos Estados Unidos [...] As correntes ideológicas no Brasil exercem uma função de esfriamento na luta de libertação. As correntes ideológicas do reformismo são o principal ponto de apoio da burguesia e do imperialismo no nosso país e contribuem em transformar o Brasil em uma nova espécie de peão utilizado pelos Estados Unidos na repressão do movimento de libertação dos outros povos da América Latina. Isso significa que o reformismo prega a submissão ideológica, estratégica e tática do proletariado à burguesia facilitando assim a tarefa da burguesia e do imperialismo em enganar as massas²¹.

A organização, no entanto, ainda que defendesse a autonomia do movimento revolucionário brasileiro, em nenhum momento desconsiderou o apoio, inclusive financeiro, proveniente de países socialistas. Militantes do PCB, que depois se integrariam à ALN

²⁰ CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA (CEDEM-UNESP). Retificação de uma tese, setembro de 69.

²¹ CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA (CEDEM-UNESP). MARIGHELLA, Carlos. *Guerriglia urbana in Brasile*. Milano: Feltrinelli, 1968. Tradução nossa.

chegaram a realizar cursos na União Soviética e mais de uma centena de militantes foi enviada para treinamento guerrilheiro a Cuba no intervalo entre os anos de 1967 a 1971²².

A ALN chegou a contar com um apoio financeiro proveniente da Coreia, como atestam informações veiculadas pela imprensa nacional²³. Carlos Eugênio Paz, militante da organização, revelou em seu livro *Nas Trilhas da ALN* a remessa de dinheiro coreano à organização. Cerca de duas malas contendo US\$ 50.000,00 dólares foram entregues a ele e ao dirigente do comando nacional, Iuri Xavier Pereira, no ano de 1971 pelos coreanos. Segundo depoimento de outro militante da ALN, Ricardo Zarattini, um acordo frustrado, no entanto pelo próprio desinteresse dos militantes, havia sido estabelecido entre a ALN e a embaixada coreana em Cuba para o envio de 14 militantes à Coreia e 10 ao Vietnã. No depoimento de Carlos Eugênio Paz, no entanto, “a Coréia ficava longe e não tinha pretensões de interferir na política interna da organização”. Não tinha por outro lado “20, 30 ou 40 militantes como tínhamos em Cuba”²⁴, sugerindo a ingerência do governo cubano e de seu serviço secreto na revolução brasileira.

A experiência da revolução na prática e os estudos efetuados sobre as lutas internacionais de libertação realizados por Carlos Marighella levaram-no a considerar também outras experiências como orientadoras para a Ação Libertadora. Em um de seus textos Marighella dialoga com Mao Zedong²⁵, chegando a abordar em seu mini-manual do guerrilheiro urbano o papel fundamental que o cangaço teve como guerra de estratégia no Brasil. Não deixou de mencionar Garibaldi como um grande revolucionário italiano no Brasil, com destaque para a sua esposa brasileira Anita que “partiu do Brasil com o marido para combater pela libertação de outros povos na Itália”. Por outro lado, o guerrilheiro apoiava a luta dos negros americanos contra a política racial e discriminatória estadunidense. Nas suas palavras:

[...] É necessário levar avante uma luta para liquidar o sistema capitalista nos Estados Unidos, sem a qual não haverá a libertação da população negra. Para nós brasileiros é uma questão muito séria. Um país como o nosso, com um grande percentual de negros na sua população, não pode comportar-se de outra forma numa situação como a aliança geral dos povos de toda a América Latina com a população negra dos Estados Unidos. A questão da solidariedade com o Vietnã, com a revolução cubana, da solidariedade com a

²² ROLLEMBERG, Denise. *O apoio de Cuba à luta armada no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

²³ GODOY, Marcelo. Coréia treinou guerrilha brasileira. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Nacional, p. A 12, 13 de setembro de 2009.

²⁴ Idem, ibidem.

²⁵ Centro de Documentação e Memória (CEDEM-UNESP). MARIGHELLA, Carlos. O papel da ação revolucionária na organização. In. *Resistência* n.1 (ALN/MR-8), maio de 1969.

população negra nos Estados Unidos são três pontos capitais na luta geral de toda a humanidade contra o imperialismo norte-americano²⁶.

Marighella não só defendia a aliança entre os países do Terceiro Mundo como também a própria organização chegou a enviar militantes no intervalo entre os anos de 1969 e 1970 para os Estados Unidos, no intuito de estabelecer contatos com o grupo dos Panteras Negras²⁷.

Tudo leva a crer, segundo o depoimento de Carlos Eugênio Sarmiento Côelho da Paz, que o conceito teórico que prevalecia inicialmente no interior da organização era de que a luta revolucionária seria de libertação nacional. Isso, segundo ele, não escondia que havia intenções de implantar o socialismo no Brasil num momento posterior. A luta empreendida pela ALN não era somente a conquista das liberdades democráticas, mas havia muitos de seus quadros que lutavam particularmente pelo fim do regime militar.

Para a organização, a definição pelo nome *libertação nacional* no ano de 1968 foi feita em razão de o termo ser mais mobilizador, atraindo, portanto, vários setores da sociedade que não eram necessariamente nem socialistas nem comunistas. Existiam na ALN, como Carlos Eugênio afirma, muitos integrantes nacionalistas, padres dominicanos e muitos militantes que almejavam somente acabar com a ditadura militar no Brasil, não havendo, no entanto, a intenção nítida de parcelas de seus quadros de chegar ao socialismo.

Quanto a uma possível identificação teórica com o PCB - do qual a organização tinha partido - admitir a luta da organização como uma luta de libertação nacional incluía necessariamente alianças com outros setores da sociedade, que fortalecessem a ALN. Isso poderia ser realizado inclusive com setores da burguesia, com o capital internacional e com os setores militares, como foi o caso de Albuquerque Lima, militar nacionalista que se aproximou de Carlos Marighella. Segundo Carlos Eugênio,

[...] a gente achava que a palavra de Libertação Nacional, era mais mobilizadora de tudo isso, se bem que nunca escondemos que éramos uma organização que queria o socialismo, tivemos digamos assim, o miolo da ALN era só mais de comunista, do partido comunista então não estávamos escondendo nada, não era uma coisa, olha, vamos dizer só até aqui, vamos propor, não, é que a gente acreditava mesmo que tinha um momento inicial na luta que a gente podia ganhar setores, porque setores também tinham interesses em serem contra a dominação do imperialismo americano no Brasil e que no decorrer da luta a gente teria até a chance de acabar ganhando esses companheiros, esses setores para a construção do socialismo. Era somente isso, questões de aliança de classe²⁸ [...].

²⁶CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA (CEDEM-UNESP), MARIGHELLA, Carlos. Guerriglia urbana in Brasile. Milano: Feltrinelli, 1968.

²⁷ Informações também provenientes do Depoimento de Carlos Eugênio Sarmiento Coêlho da Paz (Entrevista, São Paulo, 21 de setembro de 2003).

²⁸ Idem, p. 5 e p. 23-24.

Marighella denunciou em seus textos o apoio que o Brasil forneceu a outras ditaduras militares. Como declarou,

[...] depois do golpe de abril, quando as riquezas dos países passaram totalmente ao controle dos Estados Unidos, a política externa de Costa e Silva é mais uma política em favor dos interesses imperialistas norte-americanos e nesse sentido ressalta-se a questão do apoio do governo brasileiro ao governo de Salazar. O governo de Salazar com o seu comportamento colonialista, brutal, distante dos povos da colônia procurou tradicionalmente o apoio do governo brasileiro. Em geral os governos brasileiros apoiaram o governo salazarista de Portugal e agora com a ditadura e com o governo de Costa e Silva pode-se observar muito claramente seu comportamento [...] Basta então recordar que o imperialismo elaborou um plano global contra a liberdade dos povos da América Latina, mas também contra os povos da Ásia e da África, que são povos que lutam, muitos dos quais de armas na mão, como no caso dos povos de Angola e Moçambique. Nas colônias portuguesas os povos lutam contra a ditadura salazarista, lutam pela sua libertação [...] e o imperialismo americano não tem nenhum interesse que essa luta se desenvolva. [...] O governo brasileiro de Costa e Silva reforçou a aliança com a ditadura salazarista e é isso que é necessário denunciar, sobretudo por entender que uma organização como a OSPAAAL tem toda sua razão de ser na unificação dos povos dos três continentes contra as posições imperialistas. Costa e Silva proporcionou a Salazar uma série de ajudas e concessões destinadas obviamente a combater o movimento guerrilheiro em Angola e outras colônias. Nós sabemos e é necessário denunciar, que os navios de guerra brasileiros vão a Angola realizar visitas, mas o que se quer é camuflar essas visitas dizendo que são viagens de adestramento aos cadetes da Marinha, mas que na verdade se trata de missões navais, de agressivas missões de guerra. Existem ainda missões militares, troca de oficiais realizados pelos gorilas do Brasil; existe até o adestramento de oficiais portugueses para exercer a repressão à guerrilha de Angola, Bissau, etc.²⁹

Baseando-se nestas lutas o dirigente destacava, por outro lado, que o movimento revolucionário no nosso país era muito jovem e que seu passado “remontava-se ao ano de 1968, quando foi desencadeada a guerrilha urbana”³⁰.

Como afirmava, “deve-se levar em consideração que a organização partiu do nada, em relação a homens e armas e chegou a ser uma das maiores organizações de guerrilha do Brasil”³¹. O projeto revolucionário da ALN não deixou é claro de atrair críticas e outros questionamentos de outros setores da esquerda. Sua força no cenário nacional também ficou demonstrada pela tentativa incansável da ditadura de desmoralizá-la apoiando-se no desencadeamento de um terror político e de leis de extrema violência contra seus militantes. Os principais questionamentos contra a ALN, frutos de objeções de parcelas políticas

²⁹ CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA (CEDEM-UNESP), MARIGHELLA, Carlos. *Guerriglia urbana in Brasile*. Milano: Feltrinelli, 1968.

³⁰ Idem, *ibidem*.

³¹ CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA (CEDEM-UNESP). MARIGHELLA, Carlos. O papel da ação revolucionária na organização. In. *Resistência* n.1 (ALN/MR-8), maio de 1969.

tradicionais, que não enxergavam a mudança por meio da ação armada, afirmavam que faltava à ALN estratégia definida, que seus militantes eram exclusivistas, subestimavam o trabalho de massas e por consequência isolavam-se do povo.

Outra questão a ser também levantada é o papel que a mídia e a censura desempenharam no apoio ao golpe e o impacto que a política do governo contra o movimento revolucionário acarretou para o imaginário do cidadão brasileiro na tentativa de desmobilizar politicamente a população para os problemas sociais e econômicos que esta enfrentava. Basta verificar muitas iniciativas colocadas em prática naquele período.

A violência e truculência policial, por outro lado, já vinham sendo praticadas desde o golpe de 1964. Casos de violência extrema existiram logo após o golpe como atestam pesquisas realizadas no calor da hora e publicadas no livro *Tortura e Torturados* de Márcio Moreira Alves. Há casos no estado de Pernambuco em que trabalhadores teriam sido atirados em caldeiras³². Como afirmou Marighella:

Os militares partidários de maior ‘endurecimento’, por sua vez, justificam o decreto de banimento e de pena de morte com o pretexto de que os revolucionários estão sequestrando e justicando. Esses militares ocultam o fato de que foram eles quem começaram matando, pois introduziram o método de assassinato político desde 1964 quando deram o golpe que destituiu João Goulart. De lá para cá quantos patriotas foram assassinados pelos militares? Quantos tiveram seus direitos políticos suspensos perderam seus empregos? Quantos tiveram que se exilar? [...] Esta é a razão pela qual os revolucionários se arrogam o direito de aplicar a lei de talião e por isso nossa resposta tem sido “olho por olho, dente por dente”³³.

A ALN era defensora então de que a ação faz a vanguarda. Nos documentos escritos para a organização, Marighella afirmava que a estruturação de um movimento armado brasileiro não seria tarefa fácil e que não haveria comando político “sem desprendimento e capacidade de sacrifício e sem participação direta na ação revolucionária”. A sua intenção era de que o povo estivesse verdadeiramente comprometido com a revolução. Daí então as exortações no interior da ALN, “O dever de todo revolucionário é fazer revolução”, “Não pedimos licença a ninguém para praticar atos revolucionários”, “Só temos compromisso com a revolução”.

A espinha dorsal do movimento armado seria então feita por grupos revolucionários que se destacariam pela iniciativa e pela combatividade. A luta estaria estruturada

³² Memorial da Resistência (SP). Seminário: 29 anos da Lei da Anistia-Verdades e Mentiras. Democratização e abertura dos arquivos políticos, (Palestra de Alípio Freire), 28 de agosto de 2008.

³³ CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA (CEDEM-UNESP), MARIGHELLA, Carlos. *Guerriglia urbana in Brasile*. Milano: Feltrinelli, 1968.

[...] em pequenos agrupamentos com vida própria e militantes revolucionários solitários ou franco atiradores que integrem nossa organização com inteira liberdade de ação e liberdade tática, desde que aceitem, defendam e cumpram sem reservas todos nossos princípios estratégicos, táticos e orgânicos³⁴.

Em seu *Mini-Manual do Guerrilheiro Urbano*, que funcionava como uma cartilha da prática militante, Marighella afirmava:

[...] cada companheiro que estiver contra a ditadura militar e queira lutar contra ela, pode fazer uma coisa qualquer, uma tarefa por mais insignificante que seja. Aqueles que lerem este mini-manual e concluírem que não devem ficar parados, ousam apelar para que sigam as instruções nele contidas e se engajem na luta desde já³⁵.

A primeira tarefa de alguém disposto a dar sua contribuição à guerrilha estava contida, então, na primeira solicitação feita nesse documento,

[...] outro problema importante já não é o da leitura em si do presente mini-manual, mas o da divulgação que dele venha a fazer-se. Tal divulgação se tornará possível se os que concordarem com as ideias aqui contidas se dispuserem a copiar o mini-manual em folhas mimeografadas ou a imprimi-lo em folheto, mesmo que isto, em último caso, venha a exigir o emprego da mão armada³⁶.

O documento também acentuava a posição dos guerrilheiros explicitando a diferença radical que havia entre eles e marginais ou bandidos, e chamando a atenção para a atividade nefasta dos contrarrevolucionários, que agiam “como um fator de confusão, assaltando bancos, colocando bombas em locais públicos, sequestrando e assassinando”.

A atividade guerrilheira visava “atacar o governo, os grandes capitalistas e os imperialistas estrangeiros”, em particular os norte-americanos. A tarefa principal do guerrilheiro seria “distrair, desgastar e desmoralizar os militares, [...] destruir o atual sistema econômico, político e social brasileiro, pois o seu objetivo é [...] colaborar para que surja no país uma estrutura social e política inteiramente nova e revolucionária, com o povo no poder”³⁷.

³⁴ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Acervo BNM, anexo n. 5338. *Mini-Manual do Guerrilheiro Urbano*.

³⁵ Idem, ibidem.

³⁶ Idem, ibidem.

³⁷ MARIGHELLA, Carlos. O que é um guerrilheiro urbano. In. *Mini-Manual do Guerrilheiro Urbano*. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)- Arquivo Edgard Leuenroth, Fundo Brasil Nunca Mais. Anexo 5338.

O programa da organização, divulgado por Carlos Marighella em um documento intitulado *Mensagem aos Brasileiros*, elencava algumas medidas previstas para serem aplicadas em caso de vitória da revolução, estando entre elas,

- abolir os privilégios e a censura;
- estabelecer a liberdade de criação e a liberdade religiosa;
- libertar todos os presos políticos e os condenados pela ditadura;
- extinção da polícia política, do SNI, Cenimar e demais órgãos de repressão policial;
- levar ao paredão, após julgamento público sumário, os agentes da CIA encontrados no país e os policiais responsáveis por torturas, espancamentos, baleamentos e fuzilamentos de presos;
- expulsar os norte-americanos do país e confiscar suas propriedades, incluindo empresas brasileiras;
- tornar efetivo o monopólio estatal na esfera do câmbio, comércio exterior, riquezas minerais, comunicações e serviços públicos fundamentais;
- confiscar a propriedade latifundiária acabando com o monopólio da terra, garantindo os títulos de posse dos agricultores que trabalham, extinguindo formas de exploração como a meia, a terça, o arrendamento, o fôro, o vale e o barracão, o despejo e ação dos grileiros e punindo todos os responsáveis por crimes contra camponeses;
- confiscar todas as riquezas ilícitas dos grandes capitalistas e exploradores do povo;
- eliminar a corrupção;
- assegurar pleno emprego aos trabalhadores e às mulheres acabando com o desemprego e o subemprego, e aplicando o lema: de cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo o seu trabalho;
- extinguir a atual legislação do inquilinato eliminando os despejos e reduzindo os aluguéis para proteger os interesses dos inquilinos, bem como criando condições materiais para a casa própria;
- reformar todo o sistema de educação eliminando o acordo MEC-USAID e qualquer vestígio da intromissão norte-americana, para dar ao sistema de ensino brasileiro o sentido exigido pelas necessidades da libertação de nosso povo e seu desenvolvimento independente;
- dar expansão à pesquisa científica;
- retirar o Brasil da condição de satélite da política externa norte-americana para nos tornarmos independentes da política dos blocos militares seguindo uma linha de nítido apoio aos povos subdesenvolvidos e em luta contra a colonização³⁸.

Para constituir, no entanto, um governo popular-revolucionário era necessário muito desprendimento pessoal, pois segundo o dirigente tornava necessário “a qualquer guerrilheiro urbano ter sempre presente que só pode manter-se vivo se estiver disposto a matar os policiais e os que se dedicam à repressão, e estiver decidido, mas decidido mesmo, a expropriar os grandes capitalistas, os latifundiários e os imperialistas”³⁹. Em relação à seriedade de propósitos e compromissos assumidos escreveu:

³⁸ CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA (CEDEM-UNESP). MARIGHELLA, Carlos. *Mensagem aos Brasileiros*, dez. 1968, 4 páginas.

³⁹ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (Unicamp) Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais (BNM), anexo n. 5338, *Mini-Manual do Guerrilheiro Urbano*.

A Guerrilha urbana, porém, não é um negócio de casa comercial, um emprego ou uma representação de peça de teatro. A guerrilha urbana, como a guerrilha rural, é um compromisso que o guerrilheiro assume consigo mesmo. Quando não tem condições para enfrentar dificuldades ou sabe que não dispõe de paciência para esperar, sem enervar-se e cair no desespero, então é melhor desistir antes de assumir o compromisso, pois na verdade, lhe faltam as qualidades elementares para tornar-se um guerrilheiro⁴⁰.

Em relação aos custos dessa estrutura, era importante que a maior parte dos militantes da ALN mantivesse uma vida legal, o que, aliás, era recomendado pela organização. Para Marighella era importante que o guerrilheiro urbano mantivesse seu emprego ou qualquer atividade profissional, pois além de o local de trabalho representar uma fonte de recrutamento, ele também auxiliava na manutenção financeira de seus guerrilheiros ou colaboradores. Alguns militantes com suas economias realizavam doações à organização, auxiliavam a pagar os advogados de presos políticos e podiam militar sem despertar a atenção da polícia, por representarem uma cobertura confiável.

A ALN foi formada por muitos desses profissionais que funcionaram como mantenedores logísticos da organização que, através de imóveis, de empresas privadas ou outros estabelecimentos particulares ou públicos, arrecadavam dinheiro para organização. Estabelecimentos de ensino, estacionamentos de automóveis, casas de xerox, óticas, fotóticas, farmácias também foram utilizados pela organização quando não comprados por ela para servirem à luta armada. Nesses locais realizavam-se reuniões clandestinas, impressão de material e arrecadação de dinheiro que se destinavam à manutenção da organização.

Embora muitas pessoas mantivessem uma vida legal e um trabalho estabelecidos, houve pouca possibilidade de essas pessoas viverem por muito tempo na sua profissão sem serem identificadas. Para alguns restava somente a clandestinidade ou o exílio. Muitas prisões sofridas pela organização e conseqüentemente os depoimentos de seus militantes levaram a polícia também a descobrir os métodos de inserção e recrutamento da ALN nas cidades, e a desmobilizá-la, com a prisão, indiciamento ou condenação de grande parte de seus quadros.

Outro ponto a ser destacado é que a ALN preconizava algumas regras aos seus militantes no caso de detenção, para as quais algumas pessoas não estavam preparadas. Havia um prazo limite de evacuação de aparelhos em caso de prisão de companheiros, e para aqueles que eram presos estipulava-se em cerca de 48 horas um teto aproximado para, sob tortura, fornecer qualquer tipo de informação à polícia. Nem sempre essas regras de segurança foram seguidas à risca, mas a organização tentava proteger seus presos políticos de alguma

⁴⁰ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Acervo BNM, Anexo n. 5338, *Mini-Manual do Guerrilheiro Urbano*.

maneira. Ao invés de histórias mirabolantes ou com um mínimo de coerência contadas para a polícia, a organização estipulava o chamado “ponto de queda”, um ponto frio que ajudava o militante a ganhar tempo, evitando fornecer informações preciosas da organização aos agentes policiais. Outro método também adotado pela organização foram as capturas de personalidades civis e militares da época. Em momentos diferentes a ALN participou de pelo menos três sequestros políticos, mobilizando militantes e realizando levantamentos.

Outro mecanismo adotado seria o uso da cápsula de cianureto, aconselhada pela própria direção para ser ingerida nesses casos.

Para aqueles que já viviam na mais profunda clandestinidade, o papel da *expropriação* surgiu, no entanto, como essencial para a subsistência e sobrevivência do guerrilheiro urbano, além de financiar todos os passos da revolução na compra de produtos químicos, aparelhos cirúrgicos, remédios, manutenção dos veículos, aluguel de casas, compra de balas e armas.

Marighella levava em conta que a *expropriação* era um elemento mais importante dentre as atividades da luta armada, pois através dela mantinha-se financeiramente a organização, além da realização da propaganda armada, pois se expropriava diretamente “o governo, os latifundiários e imperialistas, sendo as pequenas expropriações destinadas à manutenção individual do guerrilheiro urbano e as grandes expropriações servindo para o sustento da revolução”⁴¹. Como ele afirmava,

[...] o produto dessas expropriações tem se destinado ao trabalho de aprendizagem e aperfeiçoamento técnico do guerrilheiro urbano, à compra, fabrico e transporte de armas e munições para a área rural, ao aparelhamento de segurança dos revolucionários, à manutenção diária dos combatentes, dos que são libertados da cadeia a mão armada e dos que são feridos ou perseguidos pela polícia, bem como a enfrentar quaisquer problemas decorrentes da prisão ou do assassinato de companheiros pela polícia e os militares da ditadura⁴².

Verifica-se que a ALN realizou uma série de atividades de *expropriação* durante o período em que existiu no Brasil como furto de máquinas de escrever e mimeógrafos, carros, joalherias, supermercados, lojas de departamento, empresas de ônibus, carros de transporte de valores, bancos, dinheiro da folha de pagamento de indústrias e armas de viaturas policiais.

A organização estava estruturada em duas grandes ramificações definidas de acordo com a prática desenvolvida em cada uma delas: Frente de Massas e Frente de Fogo. A Frente de Massas era encarregada das atividades realizadas junto aos estudantes, operários e

⁴¹ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Acervo BNM, Anexo n. 5338, *Mini-Manual do Guerrilheiro Urbano*.

⁴² Idem, *ibidem*.

camponeses. Dela também faziam parte o setor de imprensa e o setor de informação, cada qual também voltado ao trabalho junto aos estudantes, operários e camponeses.

A Frente de Fogo era formada pelos GTAs, posteriormente convertidos em Equipes de fogo, para a qual também eram realizados trabalhos de informação, imprensa e falsificação. Era essencial que o setor de falsificação estivesse ligado aos grupos de fogo, e de que nesse setor se integrassem apenas pessoas que já estivessem clandestinas ou vinculadas à luta armada. Por outro lado, há de se considerar que a falsificação de documentos também partiu da iniciativa pessoal de militantes que não estavam integrados à ALN e que, por outros meios, conseguiam esse tipo de material.

Além da Frente de Massas e da Frente de Fogo, havia militantes que atuavam como apoio à organização realizando tarefas das mais variadas para esses dois setores. Essas colaborações envolviam a realização de levantamentos, logística, abrigo, financiamento, e auxiliavam na obtenção de roupas, remédios, alimentos, enfim tudo aquilo que se constituía numa necessidade cotidiana para a organização e seus militantes.

O apoio, no entanto, não se constituía propriamente num setor no interior da ALN, sendo formado de modo geral por pessoas que necessariamente não estavam vinculadas à organização, mas que cooperavam com ela em razão de simpatias ou graus de parentesco. Houve, com efeito, militantes que estavam integrados ao grupo armado e que ajudavam na sustentação da ALN realizando esse tipo de atividades. Posteriormente esse tipo de divisão sofreu algumas alterações sendo definida como três grandes frentes: Frente de Trabalho Político, Frente Guerrilheira e Rede Logística de Apoio.

A atuação das mulheres no interior da ALN foi definida nos setores para os quais foram destinadas e que definiam também seu tipo de atuação. Temos que destacar, contudo, que as militantes acabaram na prática realizando várias tarefas para outros setores da organização à medida que eram deslocadas para outras áreas de atuação de acordo com as necessidades da organização no momento.

De maneira geral todas as militantes em seus percursos individuais tiveram contato com o movimento estudantil que funcionou como base de sua conscientização e atuação política. As origens de sua participação política, no entanto, são variadas, tendo partido de influências familiares, da atuação no interior do Partido Comunista Brasileiro (PCB), de movimentos ligados à cultura, como cinema, teatro, música e literatura, de escolas, cursinhos ou da atuação no interior das Universidades, motivadas por professores ou colegas de classe.

1.2 Ditadura Militar e Trajetórias de vida

Ao analisarmos mais detidamente o regime militar brasileiro e o surgimento da luta armada no cenário nacional, verificamos que o projeto de luta armada já ocupava anteriormente as discussões das esquerdas e foi colocado em prática em momentos anteriores ao golpe de 1964.

Não podemos nos esquecer do papel desempenhado pelas lutas empreendidas anteriormente em nosso país, como a luta de Canudos, a oposição dos camponeses da região norte e sudoeste do Paraná, que teve como polo de irradiação a região de Porecatu (1950-1951), as lutas dos trabalhadores rurais no estado de Pernambuco, e posteriormente na Paraíba, no engenho Galiléia, em Vitória de Santo Antão que, estando nos limites da região Agreste com a Zona da Mata pernambucana, exerceram intensa atividade no período que se estendeu de 1955 até a queda de João Goulart em 1964.

Goiás também foi palco de uma das mais importantes lutas camponesas do país como a Guerrilha de Trombas e Formoso (1953-1954), que teve uma expressiva participação de militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) junto aos lavradores do local. Os camponeses viviam na região há mais de trinta anos e a região passou a ser grilada a partir da valorização dessas terras com a construção da rodovia Belém-Brasília⁴³.

Importante igualmente destacar aqui outras tentativas anteriores de implantação de focos guerrilheiros e de manifestações contra o golpe, como, por exemplo, o movimento sob a liderança de Leonel Brizola na Serra do Caparaó em 1965, levado adiante pelo MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário), a sublevação no Rio Grande do Sul da Coluna Cardim, liderada pelo coronel Jefferson Cardim, e os vários campos de treinamento instalados pelo MRT (Movimento Revolucionário Tiradentes) nas regiões de Goiás inspirados no líder das Ligas Camponesas, Francisco Julião, ainda antes de 1964. Destaca-se também a dissidência do Rio de Janeiro que, chamada de Movimento Revolucionário Oito de Outubro pela repressão (sigla posteriormente assumida pela dissidência da Guanabara), foi rapidamente desbaratada, tendo sido presos todos os seus integrantes.

Herdeiros da Guerra Fria do pós-guerra, os militantes eram jovens que, embalados pelas imagens da revolução cubana, pela luta heroica dos vietcongs, pelos movimentos culturais da contracultura – criavam para o Brasil não apenas um forte movimento de crítica

⁴³ Cf. CUNHA, Paulo Ribeiro da. *Aconteceu longe demais: a luta pela terra dos posseiros em Formoso e Trombas e a Revolução Brasileira (1950-1964)*. São Paulo: Editora UNESP, 308 p.

ao regime, mas deixavam um legado de luta e um patrimônio cultural expressivo na música, no teatro, no cinema e nas artes plásticas.

No cenário brasileiro e latino-americano a luta não se limitava apenas a uma revolução no plano dos costumes e das liberdades individuais⁴⁴, mas havia um projeto coletivo de longo alcance político, que pretendia romper com o atraso dos países subdesenvolvidos, retirá-los das influências estrangeiras e lutar contra as ditaduras militares que grassavam em grande parte do continente⁴⁵.

O golpe, ainda que num primeiro momento tenha causado certas animosidades em alguns setores da sociedade, que inicialmente o endossaram, acreditando que seria um período breve e necessário na política brasileira, passou progressivamente a atrair a indignação da população, em especial da classe média intelectualizada que, durante o regime militar, foi impedida de pensar, de criticar, e de ter uma atuação mais livre, criando novas propostas para a sociedade brasileira.

Verifica-se que essa geração foi marcada pela contestação que se formava no trabalho, na cultura e na vida social como um todo e formada por jovens que, movidos pelo inconformismo, empreendiam uma luta em prol do coletivo, desapegados de quaisquer preocupações de ordem pessoal. Isso se justifica quando se observa a abnegação dessa parcela da juventude que colocou suas vidas a serviço da revolução.

Se por um lado esses jovens conviviam com as polêmicas internas e os embates ideológicos dos mais diferentes grupos revolucionários, por outro enfrentavam uma sociedade corrupta, que sobrevivia no cenário nacional através de artimanhas e jogos políticos, utilizando-se da violência para conter qualquer opinião dissonante e contando também com poderoso apoio econômico e a conivência de algumas parcelas do clero⁴⁶. Era o período em

⁴⁴ Como parecem ter sido os movimentos europeus, com destaque para o maio de 68 na França.

⁴⁵ Esse período que se estende de 1964 até o ano de 1987 foi, com efeito, a época da ditadura militar na maior parte dos países da América Latina. Alguns exemplos da violência no período podem ser encontrados no massacre de Tlatetolco no México, na ditadura no Brasil, Uruguai e Bolívia, na luta sandinista para derrubar Somoza na Nicarágua, nas prolongadas guerras civis na Guatemala, El Salvador e Panamá, na ditadura atroz de Alfredo Stroessner no Paraguai e ainda no golpe contra Salvador Allende no Chile. O processo militar revolucionário antecipou-se em alguns países como no Paraguai (1954-1988), ou foi implantado em anos posteriores como na Argentina (1976-1983). A ditadura no Paraguai foi consideravelmente longa, permanecendo no país por cerca de trinta anos. Os regimes totalitários implantados na América Latina tiveram suas particularidades, com diferentes durações e truculências variadas. Basta lembrar aqui o número de mortos na Argentina entre 1976 e 1983, contabilizando-se um total de 10.000 pessoas atingidas em sua maioria no governo de Jorge Rafael Videla ou a truculência chilena no Estádio Nacional. No caso brasileiro esse número chegou a 376 pessoas entre mortos e desaparecidos.

⁴⁶ Conferir AZEVEDO, Dermi. *Igreja e Estado no Brasil: colaboração de agentes religiosos com a repressão política do regime de 1964*. 2001. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo e SERBIN, K. *Diálogos nas Sombras: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

que se acreditava que o poder das armas pudesse mudar a história, e que a violência revolucionária seria suficiente para empreender o projeto das esquerdas no Brasil, tirando o país da órbita americana e alcançando igualdade social.

Após o golpe, no entanto, a escolha pela via armada deu origem a duas correntes de interpretação que se não a encaravam como um ato voluntarista fruto de uma radicalização e única saída para o enfrentamento do regime, teria se originado das condições dadas pelo recrudescimento do autoritarismo e pela falta de abertura e de um canal de diálogo.

A guerrilha que a partir do ano de 1967 passou a incendiar a mente dos jovens, também os moldou e teve efeitos modificadores em suas visões de vida e de mundo. Ainda que se contestem os ideais e métodos revolucionários dessa geração, não se pode duvidar da importância de suas trajetórias. Elas encarnam a história contemporânea brasileira e representam a experiência de pessoas cujas atuações são frequentemente ignoradas. O uso da violência, porém, não é algo novo na história do Brasil, marcada por um passado de permanentes lutas, conflitos, atentados e assassinios.

Na linha de pensamento de E. P. Thompson, a diversidade de fatores sociais, culturais componentes dos modos de vida e das tradições das pessoas deve assumir um plano de destaque em nossa avaliação. Não negamos, com isso, a importância das condições materiais de existência, mas nos costumes, cultura e modos de vida encontramos igualmente exemplos de luta e resistência. Os sujeitos vivem, criam valores, práticas e tradições. Para Thompson, a experiência de classe é determinada em grande medida pelas relações de classe. O cotidiano para o historiador é formador, portanto, de experiências distintas de diversos grupos sociais, de valores e padrões de conduta. A ideia de classe de Thompson não é produto das relações de produção essencialmente cujos interesses poderiam ser definidos de antemão. Uma classe existe quando um grupo apresenta experiências comuns, aprende tais vivências política e culturalmente e esse parece ser também o caso dessas mulheres. Através da militância elas concretizaram valores, ideias e tradições⁴⁷. Foi também no interior desse processo que sobressaíram identidades e interesses próprios criando-se conseqüentemente uma consciência político-social.

A teoria thompiana parece tentar fugir a alguns determinismos históricos e apreender o comportamento das massas e suas motivações quanto ao agir político. Para ele, a classe enquanto fenômeno histórico entrelaça uma série de acontecimentos díspares e aparentemente

⁴⁷ THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981; e *A Formação da Classe Operária Inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

desconectados que fazem parte tanto da matéria-prima da experiência como da consciência que se possui dela⁴⁸.

A classe para Thompson afigura-se, então, como uma categoria do pensamento ou como um conceito heurístico que auxilia a enxergar a realidade de acordo com a relação histórica de um determinado período. Classe social na sua concepção guarda, portanto, um aspecto fluido que pressupõe um conceito de interação. Para o historiador, o conceito classe social é mais um termo histórico do que teórico. Como ele afirma, “Não vejo a classe como ‘estrutura’, [...], mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas”⁴⁹. Procura então mostrar o mundo da práxis sem mistificações pelos agentes que o constroem. Para ele, um fato bruto, como, por exemplo, uma colheita ruim, “pode parecer estar além do controle humano”. Mas a forma como os fatos se desenrolaram “ocorreu sob um complexo particular de relações humanas: direito, propriedade, poder”⁵⁰.

Trata-se, também, de mostrar que a classe operária formou a si própria tanto quanto foi formada. A classe operária, por exemplo, não é o produto de uma racionalidade imanente a partir do sistema fabril nesse caso. Ela se constituiu num complexo de visões e interesses antagônicos que a formaram. O fazer-se da classe é tanto uma circunstância política, cultural quanto econômica. Por outro lado, para Thompson, “toda luta de classes é ao mesmo tempo uma luta acerca de valores”⁵¹.

Uma classe para ele é constituída numa relação encarnada por pessoas e contextos reais, é uma interação que se expõe objetivamente como práxis ao contrário das categorias abstratas do discurso político-econômico. A classe ocorre para ele quando alguns homens como resultado de experiências comuns (que são herdadas ou compartilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si e contra outros homens cujos interesses diferem ou se opõem aos seus⁵². Thompson destaca ainda que o processo de formação de uma classe deve ocorrer dentro de um espaço definido cronologicamente, em que ela consiga ocorrer durante um longo espaço de tempo em que possa materializar culturalmente sua ideologia, seu conjunto de ideias, práticas e visões de mundo. A partir então de sua análise sobre a classe operária inglesa nos anos de 1780 e 1832, é que afirma que os trabalhadores

⁴⁸ THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. (3 vols.) Trad. Denise Bottmann (v. I e III); Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida (v. II). São Paulo: Paz e Terra, 1987, v. I, p. 9.

⁴⁹ Idem, *ibidem*.

⁵⁰ Idem, *ibidem*, v. 2, p. 30.

⁵¹ THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria*, 1981, p. 190.

⁵² Idem, *ibidem*.

vieram a sentir uma identidade de interesses entre si organizando-se contra seus dirigentes e empregadores. Para isso, foi necessário que alguns antagonismos em seu interior também se dissolvessem ou mesmo se tornassem insignificantes, para que ela ganhasse uma identidade.

Para Thompson, no entanto, a experiência acontece em relação a alguma coisa, estabelecendo os meios e intercâmbios entre os sujeitos históricos reais. Sendo assim, Thompson conceitua experiência como “uma resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento.” Essa “resposta mental e emocional” está ligada, como experiência, à cultura ⁵³.

Em suas palavras,

[...] as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instintos proletários etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como consciência afetiva e moral ⁵⁴.

A experiência decorre, pois “ocorrem mudanças no ser social que dão origem à experiência modificada; e essa experiência é determinante, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados.”⁵⁵ Entende-se, assim, que experiência é um conceito de interação. Para ele, a experiência de classe se dá a partir do momento em que ela medeia as relações de produção, sendo geradora ou não de uma consciência. Para Thompson é importante lembrar que, enquanto a experiência apareceu como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe. “O historiador preocupa-se em demonstrar que entre ‘ser social’ e ‘consciência social’ não existe uma determinação tão direta, imanente ou auto-produtiva”⁵⁶. Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem também segundo a sua livre vontade, em circunstâncias escolhidas por eles próprios, mas nas circunstâncias imediatamente encontradas, dadas e transmitidas como afirmou Marx⁵⁷.

⁵³ THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria*, 1981, p. 15.

⁵⁴ Idem, *ibidem*, p. 189.

⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 190.

⁵⁶ MARX, Karl. 1982. *O 18 de Brumário de Louis Bonaparte*. Trad. José Barata-Moura e Eduardo Chitas. Lisboa/Moscou: Editorial “Avante!”/ Edições Progresso, p. 21.

⁵⁷ Idem, *ibidem*, p. 21.

Em relação às experiências, ele tenta reexaminá-las como sistemas densos, complexos e elaborados pelos quais a consciência se forma,

[...] na vida familiar e social, no parentesco nos costumes, nas regras visíveis e invisíveis da regulamentação social, hegemonia e deferência, nas formas simbólicas de dominação e de resistência, na fé religiosa, nos impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições e ideologias – tudo o que, em sua totalidade, compreende a ‘genética’ de todo o processo histórico, sistemas que se reúnem todos, num certo ponto, na experiência humana comum, que exerce ela própria (como experiências de classe peculiares) sua pressão sobre o conjunto⁵⁸.

Em nosso trabalho tentamos chegar o mais perto do que aconteceu, por meio dos indícios encontrados em depoimentos e declarações das protagonistas, pois a memória desse período permite uma vivência singular e pessoal dessa experiência sendo mediada por inúmeros aportes simbólicos que foram trazidos durante os depoimentos.

Um trabalho acadêmico que também nos serviu como um importante guia em relação a essas questões foi a tese de Ana Cristina Nasser intitulada *O Outro lado da Moeda: a representação do dinheiro na vida das operárias e das donas de casa*, defendida na Universidade de São Paulo em 1989. A pesquisadora recupera nesse trabalho diferentes maneiras de pensar a realidade feminina no mundo do trabalho, mostrando que o pensamento da classe dominante não tem vínculo essencialmente com uma representação única da realidade, mas sim com um pensamento produzido anonimamente no nível do cotidiano, por pessoas que pensam a realidade enquanto a vivem, sendo que o espaço da fábrica, como outros espaços do mundo do trabalho, podem gerar lugares de resistência ou diluir, por outro lado, conflitos e sentimentos, constituindo potencialidades. A autora trabalha então com uma relação dialética que se estabelece entre “aparência” e “realidade”⁵⁹. Num primeiro olhar todo o sistema fabril no qual as mulheres operárias estão inseridas constituir-se-ia, dentro da análise da pesquisadora, em espaços demarcadamente de espoliação e privação dos direitos dos trabalhadores. Nasser propõe um outro olhar em relação ao cotidiano de vida dessas mulheres operárias, onde o seu espaço de trabalho se constitui também num espaço de autonomia feminina, na medida em que, para muitas delas, o trabalho revestiu-se de outros valores quando elas saíram de casa. Ao enfrentar sua jornada de trabalho, muitas mulheres reconheceram, nessa experiência, a saída da tutela econômica de seus pais, irmãos e maridos.

⁵⁸ THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria*, 1981, p 188-189.

⁵⁹ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Elisabeth Lobo. NASSER, Ana Cristina Nasser. *O Outro lado da Moeda: a representação do dinheiro na vida das operárias e das donas de casa*. 1989. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Na medida em que deixaram suas casas e os problemas permanentes de sua exclusão social, dívidas a pagar, alcoolismo, violência doméstica, impedimentos vários para a utilização do dinheiro ganho pelo marido passaram a ter poder de decisão sobre suas escolhas pessoais, financeiras e políticas.

Os depoimentos coletados nesta tese não foram analisados longe das relações de poder, política e cultura estabelecidos no contexto social. Tentamos nos pautar por um diversificado painel do período através da análise das falas das protagonistas no que suas memórias puderam reconstituir daquele vivido.

Michel Pollak afirma que a memória, embora pareça um fenômeno individual, deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social construído coletivamente. A entrada nas organizações de luta armada dava-se, sobretudo, pelos vínculos de amizade pessoal com colegas e líderes estudantis. A identidade traduzia um sentimento e uma certeza de pertencimento e vinculação para esses jovens⁶⁰.

Iniciei pela consulta ao Arquivo do Brasil Nunca Mais, onde foi realizado um levantamento de todos os nomes de mulheres que estiveram vinculadas à ALN ou que chegaram a ser investigadas por suposta atividade no grupo. Foram colhidos cerca de 330 nomes de mulheres citados em depoimentos de corréus, que foram indiciados ou que responderam a processos naquele momento nas Auditorias Militares.

De posse dessas informações selecionamos alguns nomes para a realização de entrevistas, que definimos ser em um número próximo a 40 (quarenta) mulheres. Deparamo-nos com algumas dificuldades de contato com essas pessoas, a primeira delas foi o fato de algumas dessas mulheres, ao contrário das informações encontradas no processo, não terem militado na ALN, mas em outras organizações que atuaram conjuntamente ao grupo. Percebemos também que muitas mulheres que se aproximaram da ALN não eram filiadas à organização e deram contribuições à distância ou tiveram uma passagem muito curta na militância antes de se exilarem no Chile, em Cuba ou em países da Europa. O contato com algumas mulheres também nos levou a outras pessoas, cujas participações políticas até então desconhecíamos, e que agiram de forma anônima no período.

Além dos depoimentos colhidos, cerca de 40 entrevistas realizadas, consultamos documentação, fichas e prontuários dessas mulheres nos arquivos da Polícia Política de São Paulo e Rio de Janeiro, no Arquivo Público do Estado de São Paulo e no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ). Além do Fundo Brasil Nunca Mais (BNM) depositado no

⁶⁰ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 2º. v.

Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), tivemos acesso também à coleção de cartas de Jessie Jane (1970-1976), a cerca de 70 pastas da Coleção CBA (Comitê Brasileiro de Anistia), e a alguns documentos presentes no Fundo Carlos Prestes, Movimento Estudantil e Coleção Presos Políticos Brasileiros. Os anexos do BNM, bem como o Fundo Elisabeth Lobo também foram pesquisados. Utilizamos ainda algumas entrevistas realizadas por Marcelo Ridenti, Denise Rollemberg e Jean Rodrigues Sales doados ao AEL.

O Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM) também foi importante para a localização de documentos de fundação da organização, de panfletos e periódicos da ALN, além de alguma documentação sobre presos políticos.

Consultamos, na Biblioteca Nacional, notícias sobre essas mulheres veiculadas pela imprensa da época ou documentação particular que tivesse sido doada ao Arquivo. Conseguimos também fotos, livros, poesias e documentação particular de nossas entrevistadas, conservadas durante sua militância, elaboradas já durante o período democrático no Brasil ou no período de exílio. As entrevistas ocorreram em São Paulo, Campinas, Indaiatuba, Ribeirão Preto, Piracicaba, Rio de Janeiro, Recife e Ouro Preto.

As questões propostas ao longo deste trabalho serão analisadas a partir dos pressupostos da História Oral de Vida, que permitem revelar o pertencimento a um território de identidade ocupado por essas mulheres. A identidade aqui é entendida também como uma categoria histórico-cultural, construída sob a forma dos discursos sociais e simbólicos inacabados ou em constante conflito, pois é na reconfiguração do passado que a memória se manifesta⁶¹. Ao realizarmos nossas entrevistas, optamos por elaborar questionários orientados para fins específicos, utilizando o recurso da história oral temática, na busca dos laços de pertencimento dessas mulheres. Analisaremos a atuação dessas mulheres tomando também como base os pressupostos de Roger Chartier quando o historiador utiliza alguns elementos de análise definidos por ele como representação, prática e apropriação⁶².

Na representação, encontra-se a ideia de rompimento com o sujeito universal, considerando-se sua individualidade nas variações históricas. Na prática, segundo Chartier, somos capazes de reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição. No elemento definido por ele como apropriação, consideram-se então as formas de recepção e a leitura que os indivíduos

⁶¹ POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, p.3-15, 1989.

⁶² CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

realizam do real, levando-se em conta todas as estruturas de poder que permeiam as lembranças do passado. Temos, assim, que memória e identidade podem ser negociadas, porque se inserem entre os valores disputados em conflitos sociais e intergrupais e, particularmente, nos quais se opõem grupos políticos diversos. As histórias dessas mulheres podem nos fornecer também elementos para dimensionar sua inserção nos destinos da democracia no país. Pretendemos avaliar as formas de solidariedade no interior desse grupo armado e as restrições a elas impostas.

Essa memória é fluida apresentando-se em constante deslocamento pela sua dependência das conjunturas e circunstâncias do presente. Após a Anistia, por exemplo, houve uma tentativa de transformá-la em uma memória conciliatória. Acordos foram realizados no sentido de silenciá-la, no intuito de virar a página em relação aos acontecimentos desse passado, sendo utilizadas recentemente para isso explicações injustificáveis como a afirmação de que o que houve no Brasil foi tão somente uma “ditabranda”⁶³.

Germaine Tillion, uma das mais antigas integrantes da resistência francesa e autora de uma considerável obra sobre o campo de concentração de Ravensbrück, sustenta que as lembranças, apesar de serem incompletas e contaminadas, às vezes, por incidentes anteriores ou posteriores, na maior parte dos casos são fiéis⁶⁴.

Rita Thalmann afirma que o testemunho oral mesmo realizado cinquenta anos depois do acontecimento sugere hipóteses, fornece detalhes pessoais, traz a cor local, favorece a intuição num nível em que o historiador de um período pouco documentado não pode ignorar. A história dessas mulheres é feita por esses testemunhos filtrados, no entanto, pela memória, e segundo as intenções dos sujeitos⁶⁵. Como Marilyn Yalom, “a memória está sujeita a falsificações retrospectivas, ao esquecimento, às confusões devido à passagem do tempo, mas principalmente ao desejo de preservar uma imagem bem precisa do passado”⁶⁶.

A memória na concepção de Vidal-Nacquet não é completamente algo que vem de si mesmo, como ele afirma, os relatos tanto podem ser permeados de mentiras como acontece de

⁶³ COIMBRA, Cecília Maria Bouças. *Reparação e Memória. Cadernos AEL: Anistia e Direitos Humanos*. Campinas: Unicamp: IFCH/AEL, v. 13, n.24/25, p. 17-33, 2008.

⁶⁴ TILLION, Germaine. *Ravensbrück*. Paris: Seuil, 2007 e BROMBERGER, C.; TODOROV, T. *Germaine Tillion: une ethnologue dans le siècle*. Aix en Provence: Actes Sud, 2002, p. 30.

⁶⁵ THALMANN, Rita. *A República de Weimar*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

⁶⁶ YALOM, Marilyn. *Blood Sisters: the French Revolution in Women's Memory*. New York: Basci Books, 1993, p. 6.

eles se abrirem às verdades não perceptíveis no momento vivido. O historiador parte da concepção de que é no relato de experiências que se estrutura nossa memória⁶⁷.

Seguramente esse resgate, portanto, e conforme a visão de Benjamin, é propício à práxis revolucionária, pois como ele afirma é exatamente quando a história aparece na memória, numa imagem que irrompe inesperadamente num momento de crise, que as forças políticas rivais guerreiam⁶⁸.

O testemunho das pessoas que viveram essa época também é afetado pelas representações que se faz dele em especial pelos diversos veículos de comunicação como televisão, jornais, literatura, rádio, cinema, veículos que tentam criar uma imagem unidirecional e dita “oficial” dos acontecimentos. E, em relação à luta armada, um olhar muitas vezes exclusivamente militar, representando os guerrilheiros ora como dodivanas, ora como vítimas da repressão de Estado, sem um debate aberto e mais profundo do significado e legitimidade da luta dessa geração. Cabe ao historiador, no entanto, propor uma avaliação muito mais ampla, considerando-se essas fontes e as intenções implícitas nesse tipo de divulgação.

Há também uma diferença bastante grande entre as informações dos documentos e aquelas que nos relatam as protagonistas dessa época. Muitos dos depoentes homens que encontramos durante outras pesquisas que realizamos exprimiram-se sem nenhum tipo de reticência em relação ao seu passado, sendo detectada, contudo, uma maior reserva entre as mulheres em relatar esses fatos. Indagamo-nos por que se passaram tantos anos sem que essas pessoas relatassem tais experiências, e por que algumas entre elas resolveram hoje falar. Provavelmente essas questões também apontam para a evolução política que o nosso país atravessa, em especial a questão da democracia plena, e o medo ainda reinante, que pode estar na origem de muitas pessoas manterem o anonimato após quarenta anos de ditadura militar.

De tempos em tempos, no entanto, certas mulheres ganharam notoriedade, embora grande parte delas permaneça desencorajada. A história das mulheres também é a história da luta de classes mais modestas, que estiveram alijadas do poder, formadas por uma classe média pobre, com dificuldades de sobrevivência no dia a dia, atingidas mais diretamente pelo aumento do custo de vida, por dificuldades de obtenção de moradia, saneamento básico, condições de trabalho, transporte e alimentação. Por outro lado, a produção de esquecimento é muito violenta em nosso país, funcionando como um obstáculo a essa memória.

⁶⁷ VIDAL-NAQUET, Pierre. *Les juifs, la mémoire et le présent*. Paris: La Découverte/essays, 1991. (v. I).

⁶⁸ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: KOTHE, Flávio R; FERNANDES, Florestan (Org.). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985, p. 153-164.

1.3 Processos da Justiça Militar e a Crítica Documental

Chama-nos a atenção o número de processos em que a ALN esteve envolvida. A documentação do BNM (Brasil Nunca Mais) é composta de 80 inquéritos referentes ao grupo, constando 75 sindicâncias somente em relação à Ação Libertadora enquanto outros 5 são referentes a grupos que atuaram em conjunto com a organização, como se verifica nos processos de números 682, 29, 645, 180 e 293, em que estiveram envolvidos outros grupos revolucionários como Ala Vermelha (ALA), Comando de Libertação Nacional (Colina), Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8), MRT (Movimento Revolucionário Tiradentes), Rede Democrática (REDE), Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), e Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR).

Uma pequena amostragem dessa distribuição geográfica indica que foram abertos 24 processos em São Paulo, 30 no Rio de Janeiro, 10 no Ceará, 4 em Pernambuco, 3 em Minas Gerais, 1 em Goiás e 1 em Brasília.

A Tabela a seguir é indicativa do número de militantes que atuaram no país. Nos 80 processos relacionados à ALN, há pelo menos a menção a 261 militantes mulheres. Esse número é composto tanto por rés que prestaram depoimentos, como também por aquelas que foram mencionadas por outros acusados ou investigadas naquele período. Estão contabilizadas nesse número as mulheres que estiveram diretamente ligadas às denúncias e que foram a julgamento pelo Conselho Permanente de Justiça (CPJ). Há, ainda, menção nos processos a uma série de nomes de militantes que constavam como foragidas e que foram processadas à revelia.

Tabela 1: Mulheres Atingidas pela Justiça Militar

Processo BNM ALN	Mulheres Julgadas pelo CPJ	Mulheres suspeitas por envolvimento político	Total
PA	5	4	9
GO	12	2	14
MG	1	3	4
CE	10	11	21
SP	116	48	164
RJ	17	15	32
PE	3	4	7
DF	8	2	10
BRASIL	172	89	261

Fonte: BNM (Arquivo Edgard Leuenroth-Unicamp)

O total de militantes, pelo que se depreende dos dados acima de todos os estados em que a ALN atuou, é de 172 mulheres diretamente envolvidas nos processos judiciais e de 89 militantes consideradas suspeitas por terem integrado a organização. Esse número é bastante indicativo da participação política dessas mulheres, ressaltando-se, porém, que muitas delas podem ter sido acusadas nos autos sem que tenham necessariamente militado na organização, já que havia uma troca permanente de militantes entre os grupos da esquerda, além da insistência da repressão em associar grande parte dessas mulheres à ALN⁶⁹.

Muitas foram igualmente detidas por manterem relações afetivas e/ou familiares com outros acusados, seguindo-se uma verdadeira campanha de perseguição efetuada pelo governo. Todas elas estavam sujeitas a serem presas por menor que fossem os seus “delitos” e muitas o foram, seguindo-se interrogatórios nas principais unidades militares e sendo submetidas a torturas. Verifica-se, ainda, que as mulheres foram indiciadas em 63 processos, o que corresponde a 78,7% do número total de processos do BNM referentes à organização.

⁶⁹ SILVA, E. T. *Um Combate ao Silêncio: A Ação Libertadora Nacional (ALN) e a Repressão Política*. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2005.

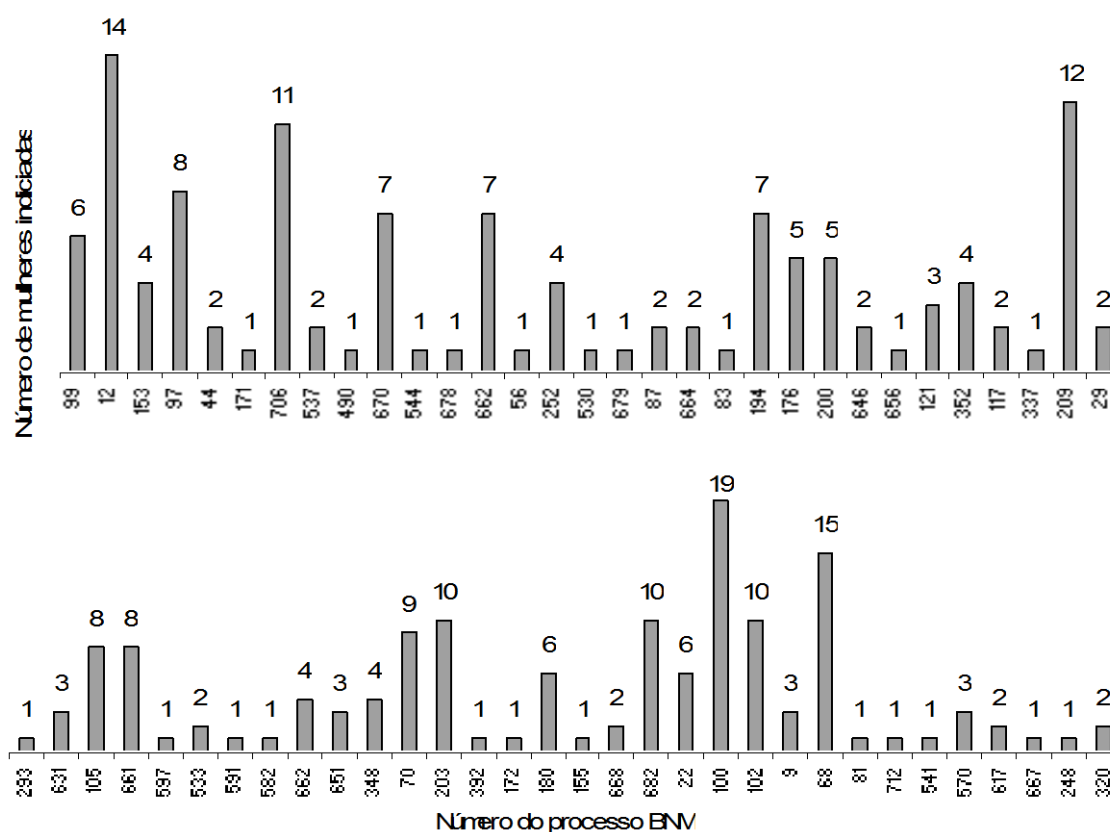


Figura. 1. Mulheres Indiciadas por Processo
 Fonte: Arquivo Edgard Leuenroth (Unicamp)

Houve também algumas a quem foi pedida prisão perpétua ou aventada a possibilidade de pena de morte, já que a Lei de Segurança Nacional de 1969 permitia aplicar essa condenação em casos de assaltos seguidos de morte⁷⁰.

Há de se destacar também que muitas dessas mulheres por estarem foragidas, encontrando-se em lugares desconhecidos e com dados qualificativos permanentemente ignorados pelo responsável do inquérito, muitas delas – de comprovada militância política –, não figuraram nos processos do BNM⁷¹.

⁷⁰ Há nos processos da ALN a presença de pelo menos quatro militantes enquadradas na pena de morte. Três estiveram envolvidas nos processos do Ceará como suspeitas de participarem da morte de um comerciante e uma, no estado de Minas, acusada da morte do guarda de um estabelecimento bancário.

⁷¹ Houve também casos em que as ações das quais essas militantes participaram acabaram por provocar modificações no código militar, já que algumas ações - devido ao seu caráter novo de atuação - não encontraram tipicidade nas leis existentes, o que obrigou os ministros militares a lançar mão de novos dispositivos de condenação ou a condenarem muitas delas em mais de um artigo. Um caso típico desse fato encontra-se no BNM de número 537 referente ao sequestro do Caravelle.

Cabe destacar aqui também que o ônus dessa participação política foi maior para essas mulheres, justamente por serem mulheres. A pesquisa de Marco Aurélio Vannucchi aponta que a Justiça Militar baseava-se, para a condenação dos réus, em papéis e perfis de gênero pré-fixados. Para os militares, a figura feminina estava frequentemente associada ao cuidado da casa e dos filhos, jamais à participação política e, menos ainda, no interior de grupos armados considerados pelos militares como verdadeiras seitas religiosas que provocavam o caos e a desordem.

Como afirma Vannucchi, “importava, pois aos julgadores medir a aproximação dos protagonistas em relação a papéis sexuais assim definidos: o homem como provedor do lar [...] e a mulher como mantenedora da família”. Tratava-se então de “conhecer a atuação social do réu [...] e conseqüentemente sua adequação aos modelos de comportamentos previstos para homens e mulheres”⁷².

Um expediente também muito usado para a apenação das mulheres era acentuar nos julgamentos uma concepção moral que as desqualificava como mulheres por terem abandonado a função a elas destinadas na ordem vigente, ingressando em atividades definidas para os homens. Assim, a trajetória particular de cada ré era analisada representando-as como delinquentes, criminosas por natureza ou jovens desajustadas e com problemas emocionais. Nos processos em que as mulheres estiveram envolvidas em ações armadas, muitas foram consideradas inaptas para o convívio social, razão pela qual foram encaminhadas para manicômios judiciários ou, quando detidas, permaneceram isoladas de outras presas por tempo prolongado por serem de alta periculosidade e de péssima influência para a reabilitação das demais detentas⁷³.

Como afirma Vannucchi, critérios subjetivos – presentes na tradição processual brasileira, mas que foram superestimados ainda mais durante a ditadura militar - deslocavam o foco do crime para a figura do criminoso⁷⁴. Dessa forma, a luta dessas camadas era deslegitimada, mostrando-se uma face criminosa dos seus participantes e, não raro, carregando-se na desqualificação das mulheres.

⁷² VANNUCCHI, Marco Aurélio. A. *Em nome da Segurança Nacional: os processos da Justiça Militar contra a Ação Libertadora Nacional (ALN), 1969-1979*. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo 2002, p. 49.

⁷³ Para maiores detalhes sobre essa prática corriqueira durante o regime militar, conferir o depoimento de Dra. Rosita Teixeira de Mendonça sobre os presos políticos internados no Manicômio Judiciário da Tamarineira em Recife em ALVES, M. *Torturas e Torturados*. Rio de Janeiro: Idade Nova, 1966, p. 86, além do processo 22 do BNM.

⁷⁴ VANNUCCHI, op. cit., p. 48.

Se tal ideário e comportamento eram seguidos na fase processual e no sumário de culpa nas instâncias superiores, não raro essa atitude foi potencializada na fase de inquérito policial, quando elas viam-se frente a frente com os policiais truculentos do DOPS e DOI-CODI.

Robêni Baptista da Costa, por exemplo, militante da ALN foi presa e indiciada por ter participado de “agitações” no Conjunto Residencial da USP (CRUSP). Foi acusada também de mimeografar documentos para Joaquim Câmara Ferreira, sendo condenada a dois anos de prisão como mantenedora da organização. A defesa, no entanto, tentou inocentá-la recorrendo a esse dispositivo e reforçando a passividade feminina com destaque à figura da esposa. O Tribunal afirmou: “em Robêni Baptista da Costa defendemos a mulher, a companheira de Mamizuka [Alcides Mamizuka, militante e seu companheiro na época] que mais distante ainda da ALN viu-se envolvida nesta trama que resultou nesse processo”⁷⁵.

Outra militante cuja história política parece ter sido subestimada foi Vera Engracia Gama de Oliveira. Vera, assim como sua família, sempre foram militantes de esquerda, embora nunca tenham se filiado ao PCB mantendo, entretanto, um íntimo contato com o partido. Seu pai foi preso em 01 de abril de 1964. Seu irmão estudava na Rússia. Sua irmã trabalhava com o professor Darcy Ribeiro, tendo sido posteriormente obrigada a se afastar de Brasília em decorrência do golpe civil militar. Vera militou em São Paulo, tendo-se integrado à ALN e posteriormente ao Molipo (Movimento de Libertação Popular). Foi presa pela OBAN e prejudicada profissionalmente, pois sua detenção a impediu de assumir uma cadeira de professora na Universidade de Brasília (UNB). Em suas palavras,

Não fui coadjuvante, nem apenas companheira. Fui militante, inclusive fui eu que levei o Carlos Russo, com quem me casei e tenho um filho, à militância, e lhe passei meus contatos. Estou com um processo de recurso na Anistia, pois deram-me dinheiro (que não aceitei) e trataram-me como "esposa" apenas de Nathanael Giraldi, com quem me casei após me separar do Carlos, sem me outorgarem o que realmente eu solicitava: Militância e contagem de tempo de serviço. Muitas vezes a trajetória da gente é deturpada, porque agimos na retaguarda. Fui citada em outros processos, mas toda a documentação referente à minha pessoa desapareceu dos arquivos militares⁷⁶.

Importante, portanto, que uma crítica documental seja elaborada com respeito a essa documentação. Grande parte dela é majoritariamente de caráter policial. Muitos documentos desse teor podem ser encontrados nos fundos do DOPS do Rio de Janeiro, de São Paulo, na Biblioteca Nacional e no Arquivo do SNI (Serviço Nacional de Informações) em Brasília.

⁷⁵ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais. Processo n. 70.

⁷⁶ Vera Engracia Gama de Oliveira, [Mensagem Eletrônica], Porto Velho, Rondônia, 12 de novembro de 2008.

Prestam-se então a incriminar as réas e a reunir provas para incriminá-las, não se constituindo, entretanto, numa prova unívoca do que ocorreu. Os depoimentos – muitos deles forjados ou arrancados em inúmeras sessões de tortura – são mais reveladores do comportamento da repressão durante os interrogatórios policiais – e conseqüentemente da atuação da Justiça Militar – do que da qualidade da participação dessas mulheres, carecendo, portanto, em fornecer um panorama mais rico e mais humano desse tipo de experiência.

Além disso, durante os interrogatórios, muitas militantes encontraram também várias maneiras de contrainformar a repressão, fornecendo dados falsos, confundindo nomes, codinomes, despistando a polícia em relação aos encontros que teriam com outros militantes, e mesmo escondendo informações durante as acareações com demais companheiros, sempre com o intuito de ganhar tempo durante os interrogatórios e evitar maiores danos à organização. Por isso é de fundamental importância a realização de entrevistas com essas protagonistas, abrindo-lhes também a oportunidade de relatar sua própria história sem os arroubos e exageros das acusações dos setores de inteligência, recuperando-se assim o olhar da testemunha.

Por outro lado, estando também instruídas por seus advogados, muitas delas em juízo negavam todas as declarações prestadas em inquérito. As declarações em juízo – é necessário que se destaque aqui – eram realizadas espontaneamente pelos réus, o que não autoriza a dizer também que elas não tenham feito parte de uma estratégia de defesa anteriormente estabelecida, entre a ré e o seu advogado. Portanto, a documentação do período deve ser olhada com cautela. Como afirmou a pesquisadora Mariana Joffily que realizou pesquisa de doutorado com base nos depoimentos preliminares da OBAN, “[...] as fontes oficiais do aparelho repressivo têm como qualidade intrínseca o fato de carregarem consigo a marca impressa das instituições que as produziram.”⁷⁷.

Mais do que paralisar o historiador no entanto, a origem do documento precisa ser buscada, num universo que ultrapasse seu horizonte, como afirma Joffily que, a partir das leituras realizadas, procurou compreender a engrenagem repressiva dos interrogatórios na Operação Bandeirantes (OBAN). Mencionando o historiador Étienne François, ao referir-se aos arquivos da polícia política da Alemanha Oriental, Joffily afirma que essas fontes tanto encobrem como revelam informações importantes no momento de sua confecção. Como afirma,

⁷⁷ JOFFILY, Mariana. *No centro da engrenagem: os interrogatórios da Operação Bandeirante e do DOI de São Paulo (1969-1975)*. 2008. História Social (Tese Doutorado) - FFLCH, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-03062008-152541>>. Acesso em: 17/08/2008, p. 23-24.

Esses documentos representavam o resultado funcional de uma atividade quotidiana, e não um procedimento clandestino. Sua preservação deve-se justamente ao fato de ser o interrogatório uma operação realizada dentro de uma engrenagem instituída pelo Estado, ainda que nem todas as suas atividades estivessem inscritas no plano da legalidade. O fato de os procedimentos empregados para a obtenção de informações serem clandestinos e violentos, e, portanto, produzirem resultados cujo valor poderia ser questionado, não desqualifica as fontes, mas encaminha o olhar exatamente para o modo como esse mecanismo se inscreve nelas. Nesse sentido, é importante diferenciar o interrogatório preliminar como ato e como documento – o registro desse ato. [...] Ainda que só tenhamos acesso ao registro, deve-se ter em conta que ele possui essa dupla dimensão: a de testemunha da ação que o gerou; e a de testemunha da maneira com que essa ação foi documentada⁷⁸.

As perguntas que o pesquisador formula ao documento são tão importantes quanto o próprio documento. São as perguntas que o historiador faz ao documento que lhe conferem sentido segundo Jacques Le Goff:

O documento não é inócuo. É antes de tudo o resultado de uma montagem consciente ou inconsciente da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe seu significado aparente. O documento é monumento: resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro (voluntária ou involuntariamente) determinada imagem de si próprias. No limite (na aparência, na montagem) não existe um documento verdade, ele é ao mesmo tempo verdadeiro e falso⁷⁹.

Para Le Goff, no século XX foi estabelecido o triunfo do documento. Um dos principais responsáveis por tal façanha foi a Escola Positivista que defendia que não há história sem documento. Partia-se então de uma crônica da história em que as grandes bases para o entendimento do mundo estariam na razão e na ideia de progresso, concepções então dos influxos iluministas. A ideia da história como história dos homens foi sendo, no entanto, e progressivamente, substituída pela história dos homens em sociedade⁸⁰.

A experiência do pós-guerra demonstrou à consciência intelectual contemporânea, através da dor, dos campos de concentração e da tortura sistemática de presos políticos que o ser humano que até então se supunha demarcado, definido, caracterizado ou demonstrado nas ciências humanas, apresentava-se antes como um ser indefinido, fragmentado, imprevisível e perverso, capaz das maiores monstruosidades que nem o progresso da civilização seria capaz

⁷⁸ JOFFILY, Mariana. 2008.

⁷⁹ LE GOFF, Jacques. *Memória e História*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda. 1984, v. 1, p. 103.

⁸⁰ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1990, p.1.

de impedir. Nas palavras de Seligmann-Silva, “a passagem por esse evento de destruição total abalou o pensamento ocidental até a raiz, destruindo suas certezas” tornando o registro historiográfico “limitado”, incapaz de dar conta dessa experiência⁸¹. Como afirma Gagnebin, após a guerra “[...] conhecer não significa mais dominar, não muito mais atingir, mas tocar, ser atingido e tocado de volta”⁸².

Houve então, nesse processo, uma tomada de consciência do historiador quanto à construção do fato histórico, em relação à não-inocência do documento, o que lançou luz sobre os processos de manipulação que se manifestam em todos os níveis do saber histórico.

Por outro lado, as ciências humanas, a partir dessa imensa catástrofe que foi a guerra, passaram a considerar que a historiografia e as ciências sociais eram incapazes de representar a realidade de modo satisfatório com os métodos do historicismo (positivista, realista). Nesse sentido, os críticos deveriam levar em conta em suas análises uma enorme sensação de perda, na ânsia de recuperar esse passado. Abria-se margem assim a uma “ética da escuta e do abrir-se ao outro”⁸³. E a memória anunciava-se nesse trajeto como a guardiã por excelência do que havia ocorrido, sendo que o dever de lembrar impunha-se através de uma compreensão do indivíduo, de uma memória que viesse de dentro para fora e que levasse em conta também, além de seu passado pessoal, as formas coletivas de compreensão desse passado. Assim sendo, na metade do século XX, Thompson faz alusão à necessidade de uma história a partir “dos de baixo”, que deveria levar também em consideração a inclusão nos estudos históricos de acontecimentos ainda não reconhecidos por ela, como história das mentalidades, história das representações, história da loucura, história das mulheres, etc.⁸⁴

Por outro lado, passou-se a relativizar a questão dos documentos, quando Lucien Febvre, um dos fundadores da Escola dos Annales, afirmou:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de

⁸¹ SELIGMANN-SILVA, M. Introdução. In. SELIGMANN-SILVA, M (org). *História, Memória, Literatura. O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003, p.13-16.

⁸² GAGNEBIN, J. M. Após Auschwitz. In. SELIGMANN-SILVA, M (org.). *História, Memória, Literatura. O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003, p.109.

⁸³ SELIGMANN-SILVA, M. Introdução. In. SELIGMANN-SILVA, M (org.), 2003, p. 15.

⁸⁴ LE GOFF, 1990, p. 31.

historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entreajuda que supre a ausência do documento escrito?⁸⁵

Concebia-se, portanto, que o historiador devia utilizar também outros tipos de documentos, atenuando de certa forma a primazia do documento textual, e utilizando-se de documentação de variadas naturezas que compõem a vida material, social, política e cultural humana. A partir dessa evolução conceitual, surgiu a história oral como uma fonte subsidiária e complementar para a pesquisa histórica, capaz de retratar as realidades, as vivências e os modos de vida de uma comunidade em cada tempo e nas suas mais variadas sociabilidades, lançando luz sobre os laços identitários de um povo. Neste sentido, avaliando a dimensão projetada pela História Oral e sua fidedignidade, Thompson assegura que: "se as fontes orais podem de fato transmitir informações 'fidedignas', tratá-las simplesmente como um documento a mais é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado"⁸⁶.

Um olhar mais detido sobre o período ditatorial revela que grande parte dessa memória está ancorada na história oral que, muito além de uma metodologia de pesquisa, constitui-se numa fonte histórica - individual e coletiva – dos movimentos sociais daquele período.

Ao constatar a imprecisão e os exageros dos processos judiciais em relação às mulheres, julgamos oportuno destacar também que, no contexto de violência que se vivia, não só militantes eram vítimas da repressão, mas alguns advogados(as) chegaram mesmo a ser detidos pela polícia ou sofreram diversas ameaças de morte, sendo obrigados a abandonar o país. Verificamos exemplos de obstinação entre algumas mulheres como Annina Alcântara, Eny Raimundo Moreira, Mércia Albuquerque e Wanda Othon Sidou, que despertavam a ira da repressão, pelo tipo de atuação que mantinham em defesa de seus clientes, sempre pautadas por muita coragem e nunca se deixando esmorecer diante dessas ameaças, que eram feitas como apontado nos depoimentos a seguir⁸⁷.

Mércia Albuquerque, advogada cearense foi detida no DOPS sem qualquer tipo de explicação. Como ela afirmou,

Fui presa na ponte que liga as ruas Nova e da Imperatriz. Fui para o DOPS. Lá estava o jornalista Ricardo Noblat e outras pessoas. A noite esfriou. Vestia um vestido leve.

⁸⁵ FEBVRE apud LE GOFF, 1990, p. 540.

⁸⁶ THOMPSON, E. P. *A voz do passado* – História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 29.

⁸⁷ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Acervo Comitê Brasileiro de Anistia (CBA).

Noblat havia recebido alimentação e roupa e emprestou um paletó de pijama num gesto carinhoso e deu-me alimentação. No momento da leitura da sentença, o auditor perguntou-me por Cândido e Roberto. Respondi-lhe que não sabia onde estavam. À noite fui presa, para “confessar” onde estavam os clientes. Presa na rua, quando chegava em casa. No dia seguinte, me dirigia para o banheiro com dois agentes, quando Teócritio Guerreiro me avistou. Discretamente, se aproximou e se inteirou que estava presa. Imediatamente comunicou a OAB. Não esqueço o gesto amigo do colega Dr. José Neves, foi à secretaria, levou-me livros, revistas, deu-me um pouco de segurança. De repente começou chegar chocolates, doces, frutas, e até flores que os colegas mandavam. Fui liberada sem explicações. Sofri muito e continuo sofrendo com essa participação política, sem estar preparada para assumir um papel de tanta responsabilidade. As casas dos amigos eram vasculhadas, meu filho Aradin, de apenas quatro anos ameaçado de morte, a polícia me seguindo, uma ciranda satânica⁸⁸.

Para Annina, apesar da tentativa da ditadura de manter “um regime legalista”, a Justiça e o Direito estavam ausentes do comportamento estatal repressivo. Como ela afirmou,

Direitos do advogado? Uma imensa piada. Não tínhamos nenhum recurso, nem mesmo na OAB (sobretudo na OAB!). As autoridades não só recusavam os direitos de defesa – durante o tempo dos interrogatórios, e portanto, das torturas, como negavam até mesmo a detenção dos presos. Durante anos foi negada a prisão de Rubens Paiva, detido em 20 de janeiro de 1971⁸⁹.

As irregularidades eram tamanhas e a atuação da lei completamente contraditória. Os encarregados do inquérito transformavam os inquéritos policiais, que tinham função meramente instrutória, em verdadeiras provas de acusação contra os réus. Como afirmou, “a lei quis encobrir a arbitrariedade dando prazos tanto para ‘as investigações policiais’ como para o ‘inquérito policial militar’⁹⁰, estendendo assim a detenção do prisioneiro muito além dos trinta dias contados a partir de sua detenção. Além disso, as prisões não eram comunicadas à Auditoria, o que impedia também a atuação rápida dos advogados. Como ela declara,

Nenhuma norma jurídica era respeitada, nenhum prazo, nenhuma regra de detenção. A incomunicabilidade completa do preso era a regra. Podia durar meses [...]. Nenhum contato com seu defensor, nem com a sua família, mesmo quando esta era autorizada a deixar na portaria algumas roupas e objetos de higiene pessoal. Não tínhamos nenhum recurso jurídico. O AI-5 havia abolido o *habeas-corpus*. [...] Não era fácil ser advogado

⁸⁸ ENTREVISTA DE MÉRCIA ALBUQUERQUE: A advogada dos mil processos. Jornal do Commercio – 30.01.1989. Fonte: <<http://sejarealistapecaoimpossivel.blogspot.com/2008/05/entrevista-de-mrcia-albuquerque.html>>. Acesso em: março de 2008.

⁸⁹ FREIRE, A.; ALMADA, I.; PONCE, G. *Tiradentes*: um presídio da ditadura: memórias dos presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997, p. 404-405.

⁹⁰ Idem, *ibidem*, p. 409.

de preso político. A quem recorrer? Estavam vivos, estavam no presídio, podíamos tentar ajudá-los. Ajudá-los, sim, porque defendê-los era utopia⁹¹.

Outro aspecto a ser destacado é que as testemunhas de acusação quase sempre eram policiais ou militares que haviam participado das investigações ou assistido aos depoimentos dos réus sob torturas. Quanto às testemunhas de defesa quase sempre elas estavam ausentes, pois os advogados tentavam evitar que sofressem constrangimentos maiores durante o interrogatório. Há casos inclusive de depoentes que foram retirados da Auditoria para “refrescarem a memória”, o que significava coação e tortura para aqueles que não declarassem o que os juízes militares desejavam.

⁹¹ FREIRE, A.; ALMADA, I.; PONCE, G., 1997, p. 409-411.

CAPÍTULO 2

O Despertar

A militância política dessas mulheres foi resultado de um processo em que vários fatores estiveram envolvidos como tipo de educação familiar, pertencimento a partidos políticos, influência de familiares de esquerda, leituras realizadas, atividades culturais desenvolvidas, influência de professores e até mesmo de grupo de amigos.

As origens do profundo comprometimento político dessas mulheres podem ser verificadas desde tenra idade através de uma educação familiar muito voltada ao estudo e à informação. Vinda de pais e mães que não possuíam militância política orgânica, mas que inculciam nos filhos o interesse pela política nacional e pelos rumos do país. Verificamos mesmo que algumas mulheres tinham em sua genealogia genitores ou parentes defensores de um pensamento de direita, não raro aliados ao esquema repressivo do Estado, a Ministros e a personalidades políticas (civis e militares) da época ou tinham uma percepção conservadora da realidade em especial no tocante aos costumes e à sexualidade.

O despertar da sensibilidade social pode ter surgido do seio familiar, através do estímulo escolar ou da influência de determinados professores. Nem sempre o ambiente familiar, no entanto, foi propício para o desenvolvimento de uma consciência política, já que muitos pais não tiveram muito acesso à escola ou abandonaram-na muito cedo, obrigados que estavam à luta pela sobrevivência. Muitos procuravam uma melhoria de vida nas grandes cidades, acompanhando o grande fluxo de gente que chegava às cidades grandes originado pelo êxodo rural no Brasil. Nem sempre, porém, as dificuldades econômicas e de estudo maternas e paternas foram impedimento para o desenvolvimento de seus filhos, servindo antes como estímulo a esses jovens na obtenção de um padrão de vida diferente. Tanto o estudo abriu portas para a militância política posterior, como a saída para o mercado de trabalho foi responsável também por mudar a percepção desses jovens, muitos deles arrimos de família que, ao se depararem em suas atividades profissionais com a desigualdade social, viram em seu labor um caminho para denunciar o regime militar, que impedia qualquer tipo de mudança.

A ditadura fazia-se sentir no cotidiano, no clima hostil e desconfiado do dia a dia. Como disse a jornalista Vilma Ary, as pessoas vestiam “máscaras de sorrir”⁹². Existia um estímulo à delação muito grande pela polícia, e os organismos que podiam resistir às arbitrariedades do regime, calaram-se. OAB (Organização dos Advogados do Brasil), ABI (Associação Brasileira de Imprensa) e a Igreja Católica se omitiram.

A imprensa estava amordaçada. À menor suspeita, a polícia fechava o campus das universidades e colocava todos para marchar, inclusive motoristas e cobradores de ônibus⁹³. O livreiro na universidade poderia ser um traidor em potencial⁹⁴.

Como afirmou Tânia Rodrigues Mendes, a repressão conduzia pessoas das salas de tortura diretamente para a sala de aula à procura de suspeitos. As pessoas foram paulatinamente introjetando o medo.

A ditadura acompanhada do monopólio do poder e por extensão da violência fragmentou o corpo social, impedindo suas atividades coletivas e levando cada vez mais a um silenciamento⁹⁵.

A ameaça onipresente da violência física e do extermínio ia sorrateiramente disciplinando a vida social e transformando o que cada pessoa era, por uma contínua reatualização dos temores e angústias, do ocultamento de informações, de advertências, de símbolos e decretos que se não produziam um sentimento de conformismo na população, levavam os indivíduos em grande parte a colocar em suspenso toda uma parte de si mesmos no intuito de evitar o sofrimento: seus interesses, sua vontade, sua espontaneidade, seus desejos, seus relacionamentos pessoais, suas amizades. Como afirma Barraza, as pessoas “aprenderam a viver cotidianamente a destituição”. Pouco a pouco, segundo a autora, aprende-se a economizar a palavra, a evitar mal entendidos. A censura explícita desdobra-se progressivamente em autocensura em nível individual, gerando um impulso cada vez maior em justificar a todo o momento a direção de seus atos. A disciplina congela o presente, vive-se a circularidade do tempo que gira ao redor do hoje⁹⁶.

Todos eram suspeitos até que se provasse o contrário e qualquer oposição, reclamação ou indisposição contra o regime era entendido como colaboração à resistência. Reclamar do preço da batata da feira era suficiente para ser chamado de “subversivo” na rua⁹⁷.

⁹² ARY, Vilma. *Trauma do Ovo*: ou culpada e/ou inocente. São Paulo: Editora Sol, 2005, p.89.

⁹³ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

⁹⁴ MELONI, Catarina. *1968. O Tempo das Escolhas*. São Paulo: Nova Alexandria, 2009, p. 13.

⁹⁵ BROCATO, C. *El exílio es el nuestro*. Argentina: Sudamericana, Planeta, 1982, p 152.

⁹⁶ BARRAZA, X. et al. *América Latina*: novas estratégias de dominação. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes: 1982. p. 162.

⁹⁷ Entrevista Lisete Lúcia de Silvio, São Paulo, 29 de agosto de 2010.

Os professores eram acusados de incutir “a propaganda doutrinária comunista” aos alunos. Uma professora foi punida por ter, durante suas aulas, trabalhado com a música *Construção* de Chico Buarque de Holanda. Resultado: foi demitida da escola⁹⁸.

Não havia segurança dentro da própria casa. Telefones eram controlados e não faltava trabalho para quem quisesse trair seu semelhante. Medo: de ter sido vítima da delação de algum ressentido, de estar com o nome numa agenda apreendida, do vizinho do lado, do colega de trabalho recém-contratado⁹⁹.

As arbitrariedades do que ocorria nas universidades eram constantemente denunciadas pelos estudantes, assim como a maneira de agir da repressão política. Logo, como afirmou Catarina Meloni, se passaria a sentir as ausências¹⁰⁰.

Para falar dessas mulheres sentimos necessidade então de adotar algumas categorias de análise, no intuito meramente de facilitar a compreensão desse despertar político-social dentro de alguns universos comuns. Evidentemente essas categorias não são categorias puras, mas elas nos ajudam a compreender as trajetórias diferenciadas dessas mulheres, que num momento posterior engajaram-se na luta armada. O percurso de todas elas, se não as levou necessariamente à militância numa organização armada, colocou em seus caminhos a necessidade de transformação da sociedade, de derrubada da ditadura civil-militar, através dos canais de que dispunham, escola, trabalho, cultura.

O contexto da época favorecia também a liberação dos costumes, em especial das mulheres, o que gerava muitos conflitos em família, e em alguns casos a saída da casa dos pais para fugir ao seu rígido controle. Nem sempre o rompimento se dava por questões políticas, ligados à militância política *tout court*, mas o abandono da casa dos pais poderia ter favorecido em algumas circunstâncias a vida do militante.

Em outros casos também, a casa dos pais era utilizada como ponto de encontro para reuniões e feitura de material clandestino, mesmo que os filhos já tivessem se mudado, casado, ou ido para outras regiões do país. Nesse tocante, o apoio dos pais foi essencial também para a proteção da organização, e dos filhos mais diretamente. A eles consagraremos uma seção em nosso trabalho, por terem desempenhado um papel coadjuvante na luta contra o regime ao esconder pessoas, facilitar contatos, fornecer dinheiro ou mesmo aderindo organicamente à ALN e dela fazendo parte como um de seus quadros.

⁹⁸ Sessão da Comissão de Anistia, Belo Horizonte, 13 de agosto de 2009.

⁹⁹ MELONI, 2009, p.27-29.

¹⁰⁰ Idem, ibidem, p.13.

2.1 Família

A educação familiar parece ter tido um papel muito importante para uma parcela de mulheres entrevistadas, que ressaltam um ambiente em casa que favorecia o posicionamento político. Lisete de Silvio, quadro da ALN no movimento estudantil, diz que desde cedo sempre houve um estímulo muito grande à leitura e à música dentro de casa. Seu pai, porém, só conseguiu terminar seu curso de advocacia depois de casado, quando ela, segunda filha do casal, nasceu em 1949.

A morte prematura de seu avô, assassinado em consequência de uma denúncia de violência escolar, levou seu pai e seus tios a batalharem muito cedo pelo sustento da casa, em especial sua avó que, com cinco filhos para criar, se esmerava no trabalho de casa para lhes dar boas condições de estudos. Foi ser lavadeira, passadeira, fazia pensão em casa e, assim, conseguiu formá-los.

[...] eu nasci numa família assim, classe média baixa, mas que são descendentes, filhos de imigrantes. E o imigrante europeu, vamos dizer o italiano, no caso (tinha um pouquinho de alemão) por paupérrimo que fosse, ele não vinha para trabalhar na fazenda como escravo, que é o caso da minha avó por exemplo, sempre teve mais cultura e enfim a Europa tem milênios de cultura, então não adianta, o cultural leva muito tempo para se formar e mais tempo ainda pra se dissolver, se bem que a agora está se dissolvendo rápido [...] Eu nasci, pelo menos meu pai e minha mãe, num lar onde se prezava muito inteligência, leitura então assim era muito comum falar da inteligência e, falar assim, ó, como aquela pessoa não lê... e assim meu pai lia Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, Tchekovski, ele lia muito, minha mãe era muito atualizada embora não tivesse nível universitário, meu pai era advogado. Meu avô era professor e jornalista, mas foi assassinado. Ele era professor e tinha um professor na mesma escola, primeiro grupo escolar do Brás, eu acho que ainda existe até hoje, foi reformado é um prédio antigo, bonito. Ele chamava-se Ângelo de Silvio, meu avô, e tinha um professor ali que espancava aluno e ele se irritou de tanto ver aluno espancado e denunciou o caso. E o cara - agora não - naquele tempo foi preso, ficou alguns meses. Quando meu avô, ele escrevia no Jornal do Comércio, que acho que foi extinto, estava assim tipo Praça da Sé, Pátio do Colégio por aí, meu avô estava passando, estava subindo alguma escadaria e o cara virou e falou assim, ah Ângelo eu vou te matar. Aí ele falou então mata, ele pegou o revólver e matou meu avô. E o meu pai tinha três meses. Naquele tempo não tinha previdência social... então eu acho que isso não necessariamente, mas é um fator, algo que favorece que você não embote tanto o seu raciocínio e havia uma efervescência cultural em casa e mesmo muita música¹⁰¹.

Militante do Grupo Tático Armado (GTA) da ALN, a carioca Ana Bursztyn acredita que a influência do seu pai, que a aproximava muito de grupos de judeus progressistas pode

¹⁰¹ Entrevista de Lisete Lúcia de Silvio. São Paulo, 29 de agosto de 2009.

ter ajudado a sedimentar nela uma consciência política. Isaac reunia sempre os filhos em casa para discutir filmes, livros, dando muito valor à cultura. Já na Universidade de Farmácia Bioquímica, batalhando contra o MEC-USAID (Ministério da Educação/*United States Agency for International Development*) e contra a política imperialista norte-americana, Bursztyn era a garota que denunciava na escadaria da faculdade os números da desnacionalização das pequenas e médias indústrias farmacêuticas brasileiras, que se convertiam em grandes Holdings. O ano era 1967.

A complexidade do contexto familiar teria, porém, um efeito contrário para Eliane Zamikowski, quadro de apoio da ALN, com treinamento em Cuba. Filha única de família militar, e neta de avós rescapados da Rússia soviética, a necessidade de mudança que até então para ela era uma discordância intuitiva, passou a ser um imperativo moral a partir das influências do pai de seu filho, um Engenheiro de Minas exilado da ditadura salazarista,

[...] no meu caso eu acho que eu não tive nenhuma influência de familiares, toda a família da minha mãe é do Rio de Janeiro e eram todos militares. Então tinha uma coisa muito assim forte já dentro de mim desde adolescente, que eu não concordava muito com os pontos de vista dos militares, tinha umas coisas que eles falavam que eu, desde adolescente, achava que... eles falavam assim, analfabeto não pode votar, imagine analfabeto... E eu tinha 12, 13 anos e eu já achava que estava totalmente errado não é? Então tinham muitos almirantes, generais na minha família. Então eu sempre tive isso dentro de mim, era uma coisa espontânea não sei. Eu sei que as pessoas não gostam muito que se fale assim, que é uma coisa de dentro da pessoa, mas é uma sensação assim de que o mundo não estava muito correto e que quem tivesse uma visão um pouquinho diferente tinha que lutar contra isso. Então isso sempre foi uma coisa dentro de mim, uma coisa meio intuitiva. [...] Meu pai era Engenheiro de Minas, era russo e naturalizado francês e depois naturalizado brasileiro. Ele veio para o Brasil em 1936, depois que ele se formou na França, veio trabalhar em Guarapari, em areia monazítica. Lá ele conheceu o irmão da minha mãe, o que não era militar, era médico, trabalhava na mina também e se casou com a minha mãe. Mas a trajetória dele foi muito diferente, porque os pais dele fugiram da Rússia em 1917 durante a revolução russa e o sofrimento aí foi ao contrário, porque eles fugiram porque eles não concordavam com os comunistas. Foi uma fuga espetacular num barquinho, uma história assim, chegaram na França com muita dificuldade. Meu avô tinha participado da guerra de 1914, tinha sido ferido, ficava doente, meu pai era pequenininho, enfim, ele cresceu assim, com isso na cabeça. Aí teve uma influência grande na minha politização o pai do meu filho, porque ele era um português exilado do Salazar, então aí sim, ele me dava muitos jornais para eu ler, livros. Então esse foi o pai do meu filho, ele era um português exilado. Então a minha politização foi aí. Ele fugiu de uma prisão do Salazar, chegou na Espanha, ele também era engenheiro de minas. Quando ele se formou tinha que assinar um documento apoiando Salazar, e aí ele não quis assinar e como ele não quis assinar, ele foi preso. Mas aí o pai dele tinha muito dinheiro e aí conseguiu que ele fugisse. E ele pegou um navio e veio pro Brasil. Então foi assim a trajetória. Ele contava coisas terríveis que aconteciam em Portugal. Então tudo isso fortaleceu muito em mim, essa ideia das injustiças, como é que a gente tinha um pouquinho mais de consciência, podia interferir, porque eu achava que era uma grande violência você saber as coisas e não participar, e deixar acontecer¹⁰².

¹⁰² Entrevista de Eliane Toscano Zamikowski. São Paulo, 2 de setembro de 2010.

O golpe civil-militar a encontrou na maternidade dando à luz Marcos, enquanto a casa de seus pais era invadida pela polícia política à procura de provas contra ela. Eliane distribuía o jornal *Brasil Urgente*, um jornal católico progressista criado pelo padre Josaphat. Relacionando sua colaboração com a distribuição do jornal, a polícia invadiu sua casa, levando de lá toda a sua biblioteca, livros políticos, romances, pintura, papéis, como ela diz, *tudo que eles puderam pegar, levaram embora*¹⁰³.

Eliane também frequentava a igreja dos Dominicanos para ouvir as pregações de Frei Chico, conhecido por seus discursos revolucionários,

Ele era um dominicano que era o ídolo das mulheres classe média alta aqui em São Paulo porque quando ele ia falar na Igreja dos Dominicanos, todas iam à missa só para ouvir falar. Porque ele era super revolucionário, então ele tinha esse carisma, ainda tem hoje, ele deve estar com 80 anos, então, depois ele largou a batina e casou [...] ¹⁰⁴

Outras mulheres, contudo, já tinham em suas trajetórias pessoais a influência de personalidades políticas do passado que, embora não sendo de linha progressista ou de esquerda, moldaram alguns tipos de comportamento. Esse parece ser o exemplo de Moema São Thiago que, oriunda da aristocracia política cearense, era conhecida na época como a *sobrinha do governador*.

Seu despertar político esteve então relacionado aos valores humanos que recebeu da família, em detrimento das relações de poder da sociedade política, com as quais também conviveu como sobrinha de Virgílio Távora. Sua conscientização veio, portanto, dos ensinamentos recebidos pela família.

[...], minha família é uma família extremamente política no Nordeste. Eu sou sobrinha do senador governador do Ceará Virgílio Távora, que foi governador do Ceará duas vezes, sou sobrinha do Flávio Marcílio que foi deputado federal, foi o presidente da Câmara dos Deputados três vezes, sou prima segunda do senador governador e deputado Alberto Silva do Piauí, e sou prima segunda também do senador governador Mão Santa do Piauí. Eu sou neta de Luís Moraes Correia, o Correia é o porto mais importante do Piauí, uma praia belíssima [...] O meu avô foi um grande jurista libertário, um homem espiritualizado também da Sociedade Teosófica, em 1912. Para você ter ideia, tem uma tese do meu avô defendendo o divórcio [...] Luis Correia no Piauí, é a terceira cidade do Piauí, é uma homenagem a ele. E o vovô foi ser professor de Direito, era um grande Jurista no Ceará, fez parte da Revolução de 1930, da Aliança Libertadora Nacional, foi secretário de Justiça do Ceará na revolução de 30, e foi também o primeiro Secretário de Fazenda do Ceará. E eu sou de uma família que eu acho que as mulheres são muito fortes, a vovó Esmelina, [...] Quando o vovô era Secretário de Justiça eu fui criada pela história que

¹⁰³ Entrevista de Eliane Toscano Zamikowski, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

¹⁰⁴ Idem.

minha avó ficava numa varanda, ela morava na Praça do Bisil, onde tinha o Corpo dos Bombeiros, e a minha avó ficava lá escrevendo, lendo, costurando, e os guardas pegavam os presos, os bombeiros, e davam volta para eles tomarem banho de sol, e o guarda estava chicoteando os presos. Na primeira volta chicoteou e a minha avó gritou, pára, deu a segunda volta e chicoteou e minha avó pára, na terceira vez quando o soldado passou chicoteando o preso, minha avó desceu da varanda, tomou o chicote do guarda chicoteou o guarda nas botas e levou o guarda preso até o quartel para falar com o comandante. São essas histórias de sentido de justiça... o meu avô tem essa história do divórcio, mas ele tem uma tese de 1910 sobre o socialismo, também uma pessoa espiritualizada, da Sociedade Teosófica, dos primeiros mestres da Índia que vieram ao Brasil. Vovô foi ao Rio de Janeiro para se encontrar com ele, então eu sempre tive esse background e eu acho que estava no meu inconsciente, e só anos depois, inclusive com a minha evolução, foi que eu fui me dar conta¹⁰⁵.

Com 15 anos de idade, Moema passou a morar com seu Tio Virgílio. A possibilidade da mudança da família para o Rio de Janeiro inquieta o pai. Criar sete mulheres em uma cidade extremamente sensualizada como o Rio de Janeiro não daria certo. Era a cidade da perdição. Decidiu ir para o Paraná. Entraram num acordo. Moema iria para a casa de Tio Virgílio. Tinha 15 anos e nunca se esqueceu dos conselhos do tio Paulo,

[...] ele disse, olhe, você vai morar numa sociedade diferente, você tem que fazer o seguinte, você vai ter pessoas que vão ser suas amigas porque você é mulher, e você vai conhecer pessoas que vão ser suas amigas simplesmente porque você é sobrinha do Governador. Isso para mim foi muito importante, porque um mês depois eu fiz aniversário, e eu tive uma festa dos quinze anos, eu recebi tanto presente que eu tinha perfume e sabonete até os vinte anos no guarda-roupa, e eu sabia que daqueles 400, 600 presentes, tinham quinze presentes que eram para Moema, o resto dos presentes era pra sobrinha do Governador¹⁰⁶.

Casado com Marta Caldeira Brandt, Paulo, seu tio, havia sido preso e respondia a IPM (Inquérito Policial Militar). Trabalhava no Banco do Brasil. Sua esposa, Marta Caldeira Brandt, tinha organizado a primeira viagem de mulheres brasileiras a Moscou. Teve, além disso, grande atuação na área social, tornando-se uma referência política para Moema,

[...] a minha tia teve uma atuação muito bonita na área social, e o Andreazza que a gente dizia horrores dele, é Andreazza o de olhos azuis, verdes, ele ficou encantado e ele deu muita força, porque a minha tia pegou um filé mignon que as construtoras queriam todas e de uma favela ela fez as casas, e foi a primeira pessoa que colocou as casas sociais em nome das mulheres, as mulheres não podiam... As mulheres então eram as proprietárias para os homens não poderem vender as casas [...] Eu acompanhava ela vendo, então eu descobri a pobreza. Porque para mim, o interior do Brasil era o sítio da minha família, dos meus tios e eu via as favelas e o trabalho da minha tia¹⁰⁷.

¹⁰⁵ Entrevista de Moema São Thiago, Brasília, 11 de julho de 2010.

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ Idem.

Ao mesmo tempo em que acompanhava a tia nos trabalhos assistenciais, Moema testemunhava de dentro de casa a movimentação política nacional.

[...] meus tios eram do sistema, mas o meu avô era libertário. Tio Virgílio levou energia pra Paulo Afonso, ele tinha sido ministro de João Goulart. Então eu estou no palanque com Tio Virgílio, era menina, entende e o Castelo Branco está como Presidente da República, e morando na mesma casa porque o Castelo Branco ficava no Palácio, com a casa, então quando o Castelo Branco chegava, a gente mudava para o quarto dos empregados. Aí nesse dia, o tio Virgílio no comício disse, “Paulo Afonso a gente agradece o Presidente da República, mas eu quero registrar que essa energia só existe porque o presidente João Goulart...”. O Castelo Branco saiu do comício e quando tio Virgílio chegou em casa ele mandou chamar. Eu fui para a varanda com a Tia Luiza, eu tinha 15 anos. E o Castelo Branco, “eu quero dizer que eu não dei ordem de prisão porque você é filho, é sobrinho de marechal Juarez Távora, senão você teria sido preso, que isso não se repita”. Aí tio Virgílio disse “não, registro histórico eu sempre farei, e também faria pelas costas”. Então esses fatos, essas vivências, são coisas assim muito importantes¹⁰⁸.

A percepção de que algo estava errado começou a se sedimentar com a sua ida para os Estados Unidos. Proscrito no Brasil, Celso Furtado falava livremente aos alunos americanos. Moema sentia a necessidade de tomar posição. As denúncias contra a guerra do Vietnã começavam a aparecer, junto com as piores notícias do Brasil: tortura, fome, miséria... A volta prometia ser diferente.

Neta de portugueses analfabetos, avô estivador e avó dona de casa, Tania Fayal desconhece as origens de sua família sanguínea. Lembra-se do avô já cego andando pelo quintal da casa. Tinham vindo de Trás d’Os Montes e se estabelecido em uma casa no Morro da Conceição no Rio de Janeiro. Seu pai era o irmão caçula de uma família numerosa. Filho de Dona Albina e seu Augusto, trabalhava como representante de joias enquanto a mãe de Tania administrava uma casa de pensão. A família dispersa e desconhecida ampliou-se com a chegada dos novos hóspedes,

A minha vida é dominada por aquilo que eu sou, conseqüentemente eu faço política e mexo com algumas coisas, é a minha vida, é como eu sou. Então para poder ver como eu ajo politicamente, como eu cheguei na política, é porque eu sou assim desde que eu nasci. A vida me aproximou de pessoas como dos meus pais quando eu nasci, fruto dessa relação, dessa mãe sem eira nem beira, que fez o segundo ano primário, meu pai nascido de uma família toda de portugueses que chegaram e foram morar no Morro da Conceição, que é em frente ao cais do Porto e hoje é um dos morros mais conceituados em termos de cultura histórica da cidade do Rio de Janeiro. Então no Morro da Conceição, ali nasceu minha irmã e meu pai com essa família de portugueses, nasceu no Brasil. Os meus avós, meu avô esse português bronco, que meu pai quando contava para gente como era meu avô, era só que ele morreu quando eu tinha três ou quatro anos de idade. Eu tenho uma

¹⁰⁸ Entrevista de Moema São Thiago, Brasília, 11 de julho de 2010.

grata lembrança dele, mas ele já cego, andando por aquele quintal no morro da Conceição. Quando a gente passa ali na Praça Mauá a gente vê os fundos, mas eu não sei mais qual era a casa, porque a casa foi reformada, foi vendida, mas era da família, meu avô, no cais do porto, analfabeto, minha avó também, não sabia ler nem escrever, vieram de Trás D'Os Montes e foram morar no Morro da Conceição. Nasce meu pai caçula, atrevido, porque ele fez até segundo ano primário, mas a supremacia da elegância... Dia inteiro, era o dia inteiro joias, representação na época que vender joia era... e ele vendendo o mais elegante, chegava na hora do almoço, trocava tudo, foi um dos homens mais elegantes do comércio, era uma coisa deles, dois semianalfabetos. Meu pai dominava uma matemática, botava uma conta nele que ele fazia em segundos. A minha vida política, (foi) movida por essas famílias que vieram, todos eles comunistas, da Aeronáutica, vieram do Sul, transferidos para o Rio de Janeiro e um deles, o Laforé, um dos mais perseguidos, o mais atuante, formamos uma família. Porque os meus pais já moravam na Correia Dutra 25, aonde eu nasci, [...] acho que desceram em 47, minha irmã nasceu [...] lá em cima na Conceição, ficou ali, eu acho que eles vieram em 47 morar nessa Correia Dutra. Transformaram essa casa que eles alugaram, numa casa de pensão e alugando os quartos e davam pensão, e meu pai trabalhando com joias no comércio da rua, representante de joias na época que se vendia joias pesadas. E meu pai quatro horas da manhã ajudava a minha mãe corta legume, corta isso. Aí minha família é isso. E minha mãe uma dona de casa impecável tomando conta daquilo que ela alugava que depois eles passaram da fase da pensão, evoluíram para não ter mais pensão, porque era muito trabalho, mas a minha infância, eu sempre morei coletiva, na coletividade porque eu nasci e me criei nessa casa. [...] Era uma convivência, que coincidia com o que eu já era de alguma forma. Eu devia ter o quê, três, quatro anos mas eu já estava... essa família especificamente do Laforé, que era o comunista mais perseguido do Rio de Janeiro, ou de todo o Brasil, era o tal da Aeronáutica que até hoje a mulher dele, recebeu uma parte da Anistia mas não concluiu falta coisa [...] Os mais perseguidos são os militares [...] os militares que atuaram contra o golpe, eles não perdoam. [...] Dito isso essa família começou a fazer parte da minha formação [...]. Meu pai comungava com as ideias, a minha mãe é uma pessoa que não tem uma origem e ela comungava sim o sentimento da emoção, maternalmente, cuidando, nunca ninguém lá em casa foi de afetividade, de beijos e de abraços, nem pensar, mas a minha mãe como ela cuidava desses comunistas, abrigando as mulheres deles, dando, quando chega uma Anita, a mãe do George (George Vidor) com aquele, com um menino que ainda nem tinha nascido, com aquele marido que vou ali comprar um cigarro e nunca mais voltava, e esses garotos, George, Georgete foram criados pela minha mãe [...] e ela na sua soberana potência de cuidar de todo mundo, minha mãe cuidou de todo mundo, [...] ela cuidou de todos¹⁰⁹.

Se para Tania a formação política começou com esses hóspedes de pensão, para outras mulheres, contudo, ela foi influenciada mais diretamente pelo contato com irmãos mais velhos, tios ou pessoas que a vida colocou em seus caminhos, e que tiveram um papel importante em sua educação política.

Nascida em Palmeira dos Índios, interior de Alagoas, Maria do Amparo Araújo teve uma infância tranquila. Morava no sítio dos pais chamado Limão. Lá foi alfabetizada numa Escola Rural que ficava próxima a um engenho. Ia para a escola, levada pelo pai, na garupa do cavalo. Brincava com as outras crianças, tomava banho de açude, e a vida assim de criança corria sem maiores sobressaltos. Num dado momento foi morar com os avós em Anadia

¹⁰⁹ Entrevista de Tania Fayal, Maricá (RJ), 20 de março de 2010.

devido a complicações no parto de sua mãe, que precisou ser hospitalizada. Acabou ficando, mesmo porque precisava dar continuidade aos estudos na cidade¹¹⁰.

Amparo foi muito influenciada pelo seu irmão Luiz com quem tinha uma forte ligação afetiva. Enquanto vivia em Anadia, e ele em São Paulo, Luiz sempre que podia levava, durante as férias, livros para ela ler. Era criança ainda, e as leituras infantojuvenis sempre tinham um conteúdo social.

Apesar de sua família ter um tio que participava da política convencional no interior de Alagoas, não teve pais que militaram diretamente ou que estivessem ligados a qualquer partido de esquerda. Como ela afirma, o contexto da época favoreceu muito a sua conscientização,

[...] a partir da adolescência a gente estava começando a entrar na juventude. Naquela época a política ela era uma chama muito forte, era praticamente o caminho natural das pessoas, às vezes mais intensamente, às vezes menos intensamente, mas era uma coisa do cotidiano, então eu fiz, tive a minha iniciação logo, assim que eu entrei no ginásio, naquele tempo era o ginásio. Lá no interior de Alagoas. Aí eu tinha lá União Estadual dos Estudantes Secundaristas, todo mundo da minha turma fazia parte. A gente estava tendo essa iniciação quando teve o golpe militar. No colégio uma coisa que eu me lembro uma vez, porque também faz muito tempo, eu me lembro que pediram para fazer uma redação e o Edson Luis tinha morrido, e eu escrevo uma redação sobre isso, e há problemas na escola, na verdade, a minha sorte é que foi assim perto de começar as férias porque ficaram assim todo mundo me olhando esquisito. Havia um clima de medo¹¹¹.

No dia do golpe, Amparo reuniu 200 alunos em passeata. Também foi ela quem mobilizou um protesto contra o prefeito de Anadia. Os estudantes do período noturno não podiam estudar por falta de iluminação na cidade. A energia era movida a motor naquela época e faltava óleo para abastecê-lo. O dinheiro do óleo era desviado pelo prefeito e investido na construção de sua casa. Amparo se expunha e começou a ser perseguida. Diante dos acontecimentos, a família achou por bem mandá-la para São Paulo. Foi uma alegria inesperada para ela: iria ficar perto de *Lula*, seu irmão adorado.

Foi então para um colégio interno em Mogi Mirim, interior do estado. Lá mantinha contato com o irmão, e com um padre progressista que, em negociação com as freiras, conseguia lhe passar outros livros que não havia na biblioteca. Luiz também comprava livros e fazia doações para a escola. Foi assim que Amparo, com 14/15 anos, já tinha tido contato com Lênin, Marx, Sartre, Simone de Beauvoir. Era uma leitora voraz. Luiz nessa época, como ela conta,

¹¹⁰ AMPARO ARAÚJO. A luta de uma mulher. Documentário. Projeto Experimental II. Trabalho de Conclusão em Comunicação Social, Faculdade do Vale do Ipojuca, Favip, 2007.

¹¹¹ Entrevista de Maria do Amparo Almeida Araújo, Recife (PE), 08 de janeiro de 2009.

[...] ele já era militante do movimento estudantil, ele já está num processo mais aprofundado de formação, e milita também no movimento estudantil operário católico e as coisas assim, e fazia teatro e nas férias principalmente [...] eu ia passear com ele nas reuniões. Eu acho que meu irmão e os amigos dele [...] tinham alguma aproximação com o PCB. Mas eles, eu acho que eles entram direto na ALN e eu também entro direto na ALN um pouco mais para frente¹¹².

Reprovada no internato, contudo, a falta de condições financeiras pesa na hora de pagar a escola mais um ano. Sua mãe lhe consegue então uma vaga num colégio estadual na Vila Brasilândia em São Paulo - para onde também havia se mudado - e Amparo transfere-se para a capital, indo viver com a mãe na Lapa. Quando Luiz sai de casa, Amparo o acompanha. Vai morar com ele e sua companheira Carmem Jacomini. Como ela afirma, “[...] aí essa minha convivência com ele, e o grupo é muito próximo, [...] eu acho que há uma influência subliminar”¹¹³. Fica com Luiz até ele ir para Cuba.

Mineira de origem e sempre interessada em política, Ilma Horst Noronha teve influências políticas de um tio. Nascida em São José do Caparaó, foi com três anos para o Rio de Janeiro para ser criada pelos avós. Morou antes numa aldeia entre Caratinga e Governador Valadares, junto com a mãe que, separada de seu pai, casou-se de novo. Os padrões morais rígidos de sua família não aceitaram o novo casamento, só restando à mãe de Ilma fugir. Já na casa dos avós Ilma passou a ter muitas discussões políticas com seu tio caçula que, solteiro, morava com seus avós. O desenrolar da política foi sempre, como ela observa, uma preocupação do povo mineiro independente de vinculação político-partidária. Como ela conta,

[...] meu tio a gente conversava muito, ele lia muito, para mim, a gente conversava muito e veio a época da eleição do Jânio. Jango versus Jânio. E minha avó, esse negócio de dizer que é preocupado com a política não quer dizer que seja de esquerda, minha avó era uma pessoa extremamente conservadora, de direita eu acho que por formação, e a minha vó então era eleitora do Jânio Quadros. E assim, eu participei ativamente daquela discussão toda em casa, eu tinha um primo da minha idade que era músico, e tal, ia votar no Lott, e nós dois saímos até na porrada por causa disso. E aí depois aquela confusão toda, o cara vai assume e renuncia, mas a gente falou, mas o que que é isso?¹¹⁴

Muito cedo Ilma começa então a militar. Com 12 anos já participa do grêmio estudantil do colégio estadual Rivadávia Correia. Os participantes do grêmio eram militantes bem mais velhos do que ela e já possuíam uma vinculação partidária. Desta maneira, Ilma se vincula à Ala Vermelha. Junto de seu namorado à época, se reúne também para discutir as

¹¹²Entrevista de Maria do Amparo Almeida Araújo, Recife (PE), 08 de janeiro de 2009.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ Entrevista de Ilma Horst Noronha, Rio de Janeiro, 11 de março de 2009.

divisões internas que ocorriam no Partido Comunista, do qual ele era membro. É a única das entrevistadas a ter aderido posteriormente à ALN oriunda do movimento secundarista. Foi presa no dia de sua primeira aula de vestibular.

Darci Toshiko Miyaki também defende que a sua conscientização partiu dos contatos estabelecidos dentro do Colégio Maria Imaculada, com a proximidade com um anarquista catalão.

[...] com seis anos eu iria para São Paulo e ia para Colégio de freira, então com seis anos eu fui internada em Colégio de Freira, que era o Maria Imaculada, e quando eu era presidente (da Cruzada Eucarística Infantil), por influência, esse foi o meu grande mentor, seu Jaime Sabatez, catalão que tinha participado da guerra civil espanhola, ele tinha vindo para o Brasil. Tinha a *Vemaguet* e ele trabalhava nessa indústria. E ele foi uma pessoa que me atçou muito intelectualmente, politicamente, então a minha primeira formação política foi anarquista na verdade, e derivada de um participante da guerra civil espanhola. Eu digo que ele me cutucou muito intelectualmente entendeu? Por quê? Ele chegava para mim falando assim, então sabe o Darwin? Então ele falava que nós derivamos dos macacos não sei quê, eu não tinha lido é evidente, era garota ainda e daí eu ia na biblioteca pegava o livro e lia, e muitos fins de semana, porque as filhas dele eram internas comigo, eram espanholas e catalãs, eu ia muito para a casa delas, aí da outra vez que eu me encontrava com ele, viu, eu li. Aí, sabe o jovem é meio metido, aí eu chegava para ele e ficava conversando com ele. “Mas você entendeu errado”. Aí ele me explicava as coisas. E ele falava muito sobre a guerra civil espanhola então praticamente já na minha infância, digamos que com uns 9, 10 anos, eu já ouvia, embora eu não entendesse muito, evidente, mas já era alguma sementinha. Quando eu me tornei presidente da Cruzada, ele falou pra mim, Darci você percebeu que existe gente muito pobre, que tem favelas e tal? Aí foi outra semente que ele me plantou, sabe, então eu comecei um trabalho, cheguei para as freiras, evidente que foi um trabalho com conotação assistencialista na verdade, então eu cheguei para as freiras e falei, para elas porque que a gente não vai trabalhar na favela do Vergueiro? Porque tinha uma favela muito grande lá no Vergueiro, aí elas falaram, demorou um pouquinho e elas aceitaram a ideia, só que inicialmente a ideia foi aceita desde que as pessoas assistissem a missa, então a gente ia dar alguma noção de higiene, ia dar mantimentos, e na realidade foi nessa favela que realmente surgiu minha consciência política, ajudada evidente, porque tudo eu discutia com seu Jaime, sabe, e ele me orientava. Depois eu sempre fui de ler muito, em função do seu Jaime, e gostava mesmo sabe? Meu pai chegou para mim e me disse o seguinte, [...] antes do golpe, no (período) do Jânio, “está entrando um governo que é comunista, então Darci você tem que ter na cabeça, que não adianta você ter dinheiro, o papai tem sete filhos, por mais que o papai deixe, vai dividir em sete, então a herança que eu vou deixar para vocês é o estudo, vocês têm direito de escolher a faculdade que quiser, porque o estudo quanto mais você usar, mais valor vai ter”, então esse negócio de estudar vem do seu Jaime, vem do meu pai, vem dos meus irmãos [...]

¹¹⁵ Entrevista de Darci Toshiko Miyaki, Indaiatuba (SP), 28 de agosto de 2010.

2.2 Escola

Um dos lugares dos saberes para essas mulheres foi a escola. Algumas leituras e atividades culturais desenvolvidas por professores engajados começaram a despertar a sensibilidade social dos alunos. Essa parece ser uma das motivações de Robêni Baptista da Costa, militante da ALN integrada ao setor de imprensa da organização,

Eu sou de Mirassolândia, mas a cidade é muito pertinho e eu fui para Mirassol para estudar porque ser mulher da roça... meu pai tinha dó de pôr as meninas, duas mulheres, no cabo de enxada. Eles tinham um pequeno sítio e numa pequena propriedade rural é a família que toca, não tem choro. E aí por isso nós fomos para a cidade. Nos colocaram na escola e aí eu continuei estudando no colegial em Mirassol porque na minha cidadezinha não tinha, e no colegial em Mirassol havia um grêmio estudantil e eu participava. Nós tínhamos... com o pessoal, eu fazia clássico de manhã, curso clássico, antigo clássico que se extinguiu, hoje é colegial, tinha clássico e científico e eu fazia o clássico e à tarde. [...] No curso clássico nós tínhamos um grupo de professores recém-egressos da USP ou então estudantes da USP, então a gente... inclusive a gente tinha uma professora de filosofia que nos levava toda semana um monte de panfleto, de notícias que estavam acontecendo em São Paulo, isso era 65, 66 e um professor de latim que nos levava para ver uma vez por mês uma peça em São Paulo porque havia um convênio do governo do Estado com a Rede Ferroviária Federal pra levar estudantes do interior para a capital para assistir teatro. Então uma vez por mês esse professor nos levava, ajeitava na casa das pessoas, a gente embarcava na sexta à noite, sábado ficava por ali, sábado à noite via, embarcava após a peça e domingo de manhã estava já na escola, estava de volta em Mirassol. Esse mesmo professor é que nos levava as notícias e as propostas da UNE que eram veiculadas pelo CPC, que era o movimento estudantil, que era o movimento cultural da UNE nos Centros Populares de Cultura. Então nós também montamos o nosso Centro Popular de Cultura, a gente montava peça, jogral... Minha família era do interior mesmo. Assim da roça mesmo, dura, meu pai sabia ler e escrever, um homem inteligente, mas minha mãe não sabia ler e escrever, é... não tinha informação dentro de casa. Nós tivemos uma formação diferente. [...] A gente lia Marx no colegial, com essa professora de filosofia. É, mas tinha que ler porque fazia parte do programa de filosofia e era Marx e Engels, filósofos não é? Enquanto filósofos, mas a gente discutia muito. Essa professora era de uma família super tradicional lá na cidade, de juizes, de fazendeiros, era diferente. Então aí depois, em 66 eu fui para São Paulo e aí eu fui para prestar vestibular. Era final do ano¹¹⁶.

Em outros casos, a escola ou o cursinho eram lugares de reunião dos alunos, de preparação das passeatas e de conscientização política.

Alguns colégios de São Paulo funcionaram como irradiadores da concepção de esquerda na época. O Equipe Vestibulares e o Colégio Santa Inês, por exemplo, foram alguns deles, na medida em que contaram com muitos alunos e professores que posteriormente se engajariam nos movimentos de protesto estudantil, bem como ingressariam nas organizações de luta armada.

¹¹⁶ Entrevista de Robêni Baptista da Costa. Campinas (SP), 25 de outubro de 2008.

O Colégio Equipe de São Paulo teve início como um Cursinho do Grêmio reunindo alunos da Filosofia da USP (Universidade de São Paulo) que prestaram algum tipo de colaboração na época à ALN.

Menção ao colégio foi feita em alguns processos do *Brasil Nunca Mais* referentes à organização, sendo que nessa documentação também foram encontrados alguns trabalhos de escola apreendidos com os alunos e utilizados também pela repressão como prova de acusação de que o cursinho funcionava como polo de agitação¹¹⁷.

A partir de seu quadro de professores, o cursinho passou a arrecadar contribuições em dinheiro para pagamento de advogados de presos políticos, auxiliando igualmente no financiamento de casas, e na realização de trabalho de massa entre os alunos. Importante observar também que as pesquisas sobre movimento estudantil até o momento focam o ME (Movimento Estudantil) dentro das universidades, desconsiderando, no entanto que a militância também atravessou de maneira bastante acentuada os estudantes secundaristas¹¹⁸.

Houve um grupo bastante atuante no Equipe em torno de Joel Rufino, pelo que consta nessa documentação. Nos processos da Justiça Militar, o nome do advogado e ex-militante Idibal Pivetta também aparece como tendo tido algum vínculo com a escola, seja pela sua presença frequente entre os estudantes, seja por conta da apresentação de peças elaboradas pelo dramaturgo, criador do Teatro União Olho Vivo¹¹⁹. Algumas publicações relativas às experiências do grupo de teatro chegaram a ser feitas até mesmo pelo departamento gráfico do cursinho, como a edição do livro *Em busca de um teatro popular* de César Vieira (codinome adotado por Idibal Pivetta), publicado em 1971.

Raimundo Pereira, além de ser um dos sócios do cursinho, foi o responsável pela vinda de Joel Rufino à escola. Foi ele também quem lhe conseguiu trabalho na Editora Abril quando o professor chegou à São Paulo, fugindo da repressão no Rio de Janeiro. Convidou Rufino para dar aulas no cursinho pré-vestibular em 1967, tomando, contudo, as devidas precauções da época,

¹¹⁷ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais. Processo 203.

¹¹⁸ É importante ressaltar que a ALN no Rio de Janeiro foi formada essencialmente por estudantes secundaristas. Segundo o depoimento de Carlos Eugênio Paz, um de seus dirigentes, ainda que as bases da organização não pudessem contar na cidade com apoio estudantil expressivo, a organização atraiu para si alguns núcleos de estudantes secundaristas, espalhados principalmente no Colégio Pedro II, no Maillet Soares e nas Escolas de Aplicação da UFRJ.

¹¹⁹ VIEIRA, César. *Em Busca de um Teatro Popular*. São Paulo: Departamento Gráfico do Grupo Educacional Equipe, 1977.

[...] não posso contratá-lo com nome verdadeiro, escolhe um”. Andava lendo sobre a Revolução Praieira, ‘Pedro Ivo, me veio na bucha’. Ganhei o primeiro milhão (de cruzeiros) da minha vida. Colegas, Yara Iavelberg, longe ainda de conhecer Lamarca, Marilena Chauí, Carlos Alberto Sardenberg, Marisa Lajolo, José Miguel Wisnick [...] davam aulas no cursinho. “Eu simpatizava com um dos diretores Ishiro Nagami, manso e quase mudo. Uma noite foi botar uma bomba não se sabe onde, subindo para a Consolação por uma transversal, na esquina da Maria Antônia explodiu¹²⁰”.

A conscientização de outras mulheres no Equipe parece também ter se iniciado através dos contatos com o professor¹²¹. Odila Boeira Rodarte, Olívia Gomes, Nadine Habert, Iracema de Nola Indig e Elza Edith Salek parecem ter mantido relações de militância com Rufino através do Equipe.

O professor tomava café com Antônio Benetazzo, de quem também assumiu aulas do Curso Delta Universitário, antes que ele caísse na clandestinidade. Como revela, entrou em 1969,

[...] naturalmente para a rede de ‘apoio’ da ALN, ligado a uma psiquiatra, responsável pela base médica da organização, de quem nada sabia e vice-versa. [...] Trocávamos papéis e recados que, em dois anos, me mandaram a Rio, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, conduzindo militantes armados¹²².

Numa noite do ano de 1973 e “espiando o céu pela janela do Presídio do Hipódromo no Brás”, como escreveu em suas memórias, Rufino menciona o contato com esses companheiros,

[...] tenho dificuldade em escrever sobre a prisão. Dúvidas enormes, medo de fantasmas, vergonha de autopiedade. Memórias do cárcere é um gênero esquivo. O sujeito conta vacilações, interjeições covardes, pedidos de clemência? Mostra apenas o lado forte, episódios em que honrou o povo, sofrimentos surdos nas mãos dos torturadores. Guardei durante um tempo, já na rotina do presídio, ainda não a salvo da OBAN (sempre se podia voltar), a vontade de ter morrido numa daquelas saletas revestidas de Eucatex. A sobrevivência era um pecado. Pelo menos desde o extermínio de Aylton Mortati, o Tenente, meados de 1971, andavam na minha cola. Minha mulher fora presa, solta e de novo trazida, despiam-na às gargalhadas no meio de uma roda de torturadores. Fora corajoso levando combatentes para o Sul, agora não era, nu, balançado pelos choques, vendo a mulher tentar em vão esconder os peitos. Falei de minha relação com Tenente, que àquela altura eu não sabia morto, com Benetazzo, que eu sabia morto, com Sarapu, que eu sabia longe, com Paulo de Tarso Wenceslau, preso. Não tive coragem e tive juízo. Não me preparara, como alguns, para a tortura, à base de cianureto ou “consciência revolucionária” e técnica de despiste. Minha crença na luta armada desaparecera, havia

¹²⁰ RUFINO, Joel. *Assim foi* (se me parece). Rio de Janeiro: Rocco, 2008, p. 27.

¹²¹ Joel Rufino teria colaborado esporadicamente com o jornal Amanhã, publicando textos de crítica ao regime utilizando-se do codinome Pedro Ivo dos Santos e associando-se a outros jornalistas como Raimundo Pereira e Ítalo Tronca.

¹²² RUFINO, op.cit., p. 27.

dois anos não procurava ninguém, ninguém me procurava, a médica de Santo André, meu contato sumira. Os torturadores sabiam que pouco lhes podia dar, nem por isso me largaram. Trinta anos passados, não me arrependo do conjunto de minhas ações de apoio, mas tenho vergonha do que fiz ali. Entreguei algumas pessoas que me pareciam inofensivas, querendo acreditar que se as prendessem não seriam maltratadas, um curto transtorno e logo deixariam o inferno. E se estivessem envolvidas, sem eu saber, com esquemas maiores, redes de luta, como iam se livrar? A tática covarde e arriscada, por acaso, deu certo: nenhuma foi a julgamento comigo, descartadas logo. Houve quem nunca me perdoasse. A alguns pedi desculpas. Reencontrando Maranhão na rua Angélica, fingiu não me ver... Noutra ocasião, falamos, sem mencionar o fato, reatamos a amizade. A Tota, a Marly, a Elza, nada precisei pedir. Com Raimundo Pereira (não chegou a ser preso), só me expliquei 34 anos depois. Reencontrei R.S. (na audiência). Já não tinha o rosto inquieto dos nossos pontos, mas duro. Achei que se lhe dissesse que continuava a estimá-la falaria comigo. Não falou. Levantaram suspeitas de que teria passado pra o lado da repressão¹²³.

Documento da repressão suspeitava de que era o professor quem coordenava no Brasil a entrada de militantes que haviam concluído curso em Cuba. A denúncia contra ele é realizada em abril de 1967. Outras acusações falavam em reuniões de seu grupo na Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro. Desde o golpe vinha sendo procurado pela polícia, tendo se exilado na Bolívia e no Chile por um determinado período, até retornar ao Brasil e ser preso em 30 de dezembro de 1972 pelo DOI-CODI¹²⁴.

O Colégio Equipe foi fundado, entretanto, pelos militantes da AP (Ação Popular), após o rompimento com o Grêmio estudantil da USP (Universidade de São Paulo), de maioria pecebista. Foi composto, contudo, como se verá adiante, por pessoas que posteriormente se engajariam na luta armada ou que a ela se associariam de maneira solidária, mantendo vínculos com a ALN.

Com efeito, o Colégio Equipe não pode ser apresentado como uma instituição majoritariamente contra o regime militar. Seria então mais prudente destacar que parte de seu corpo docente ou discente teria se envolvido com alguns grupos armados ou lutado de outras formas contra a ditadura militar. Nos dias de hoje o Colégio se autodefine (como se verifica em sua página on-line) como um Colégio que se tornou "um espaço privilegiado de ensino e resistência democrática nos anos de autoritarismo" sendo uma "referência importante no processo de abertura política do país, através de seus posicionamentos e, principalmente, do seu trabalho educacional fundamentado no pensamento crítico e participativo de alunos e professores"¹²⁵. Algumas outras informações nessa página indicam que ele surgiu no final de

¹²³ RUFINO, 2008, p.90.

¹²⁴ APERJ, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Comunismo, pasta 154, fls. 14-15.

¹²⁵ Disponível em: <http://www.colegioequipe.g12.br/agora/doc.cfm?id_doc=1823>. Acesso em 05/08/2008.

1968 como um curso preparatório para o vestibular sendo de fato formado por professores que pertenciam ao Cursinho do Grêmio da Filosofia da USP.

Seus fundadores eram, porém, pessoas que esboçavam ideologia de esquerda. Um dos sócios do colégio, segundo as informações consultadas, era Raimundo Pereira, jornalista e fundador posteriormente do Jornal *Movimento*. Outro sócio que ocupou um dos postos administrativos do Equipe foi Jocimar Archangelo.

Alguns outros professores do Equipe também se destacaram por suas ideologias de esquerda como Francisco Salles e Ivone, sua mulher à época. Nos depoimentos de algumas de nossas entrevistadas, o nome de Castelo aparece como fazendo parte do corpo da administração do colégio, além dos professores Luiz Eduardo da Rocha Merlino, Ricardo Maranhão e sua esposa Maria Cecília Cortez de Albuquerque Maranhão¹²⁶.

O cursinho abrigou muitos professores que estavam sendo perseguidos naqueles anos, como Samuel Iavelberg. Maria Cecília chegou a ser presa pelo DOPS acusada de receber professores e alunos do Equipe em sua casa para realizarem reuniões consideradas “subversivas”. Teria participado, segundo a denúncia, de reuniões políticas, de passeatas e assembleias estudantis, além de receber exemplares de jornais subversivos *Política Operária* e *Classe Operária* que eram lidos e depois passados para outros alunos do colégio. Outras pessoas que tiveram alguma relação com o cursinho foram Roque Aparecido da Silva e Socorro, sua mulher, além do historiador José Jobson de Andrade Arruda, que era professor e participou ativamente na época¹²⁷.

Pelo Equipe passaram muitos alunos que, se não estavam implicados nos movimentos da época, também chegariam a responder a processos na Justiça Militar. Nádia Vilela, aluna do cursinho no ano de 1971, relata em depoimento que ela e mais alguns alunos chegaram a realizar uma reunião de estudantes no local em agosto de 1972 discutindo sobre o movimento estudantil na ALN. Teriam participado dessa reunião alguns alunos como Marcos Sokol, aluno do primeiro ano de Economia da USP, Roberto Woffenson aluno de Ciências Sociais, César Castiglione, que trabalhava no departamento do curso e mais alguns estudantes do noturno da filosofia da USP. No interior do Colégio o grupo arrecadava dinheiro,

¹²⁶Entrevista de Maria Aparecida Baccega, São Paulo, 10 de novembro de 2008. Enid Yatsuda Frederico [Mensagem Eletrônica], 28 de setembro de 2009. Cf. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Acervo BNM, Processo 203.

¹²⁷ Informações de Enid Yatsuda Frederico. Cf. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Acervo BNM, Processo 203.

contribuindo para o pagamento de advogados, que era repassado a José Carlos de Souza Santos¹²⁸.

Paulo Frateschi segundo essa documentação também era estudante do Colégio, e se encontrava com frequência com Ibsen Veroes no Equipe. Paulo de Tarso Vannucchi parece ter tido relações com o cursinho, se não de amizades com seus estudantes, como um de seus alunos. As prisões ocorridas no Equipe, segundo os dados pesquisados, teriam começado em outubro de 1970, obrigando então Ibsen Veroes a passar para a clandestinidade.

Houve a morte inclusive de um de seus funcionários no bairro da Consolação, no momento em que transportava explosivos em seu carro. O acidente com Ishiro Nagami, cujo nome aparece na denúncia militar como sendo tesoureiro do Equipe, teria causado certo pânico às pessoas que com ele travavam amizade ou que trabalhavam junto, gerando o abandono de alguns alunos do cursinho, já implicados com organizações armadas.

Alguns outros estudantes do Equipe envolvidos em política estudantil parecem ter auxiliado o militante da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) Waldir Sarapu (cujo nome esteve envolvido no atentado contra o Quartel General do II Exército em junho de 1968) e Antônio Geraldo da Costa a sair do país pela fronteira. Alguns outros contatos foram estabelecidos no interior do colégio para a retirada do país da militante Marilena Jacomini.

Segundo Enid Yatsuda Frederico, militante da AP, no colégio também teriam sido armazenadas algumas armas, que posteriormente seriam atiradas num rio. Carlos Vogt, que era professor do Colégio à época, teria sido o responsável pela retirada do armamento do local¹²⁹.

A repressão em seus documentos investiga um suposto recebimento de correspondência vinda de Cuba por Hiroaki Torigoe que, segundo a denúncia, utilizava o armário dos estudantes do cursinho para fazer contatos. Luiz Araújo, irmão de Maria do Amparo Araújo, segundo esses documentos, tinha contatos no cursinho e era quem recebia esses papéis. A suspeita é de que recebia cartas da namorada chilena que vivia em Cuba. A denúncia, porém, não é confiável, já que os depoimentos dos envolvidos na questão são obtidos sob tortura. Há de se considerar também os excessos da repressão que superestimava os contatos dos militantes. As cartas, se é que existiram, poderiam ser apenas cartas de amor, de um casal que viveria depois clandestino no Brasil, e cujo relacionamento produziria a filha

¹²⁸ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Acervo BNM, Processo 670.

¹²⁹ Informações de Enid Yatsuda Frederico, [Mensagem Eletrônica], 28 de setembro de 2009.

Alina, nome adotado pela mãe em homenagem à Ação Libertadora Nacional.¹³⁰ Certo era que Ludovico, como Luiz era carinhosamente chamado, desenvolvia junto a Célia, sua companheira, tarefas de falsificação de documentos, provavelmente aprendidas no período em que esteve em Cuba realizando treinamento¹³¹.

Outros alunos da USP que em 1973 seriam detidos por ligações com a ALN também tiveram passagem pelo Equipe como Katie Melles Megre, Alberto Lázaro e Liliam Frazão. Maria Aparecida Baccega também estudou no cursinho no ano de 1972¹³².

O cursinho foi também, para Arlete Diogo, responsável pela sua iniciação política. Foi aluna de Joel Rufino. A escolha pelo cursinho foi feita justamente pelo fato de ele ser conhecido como engajado e representar para ela uma forma de começar a fazer alguma coisa mais consistente na militância estudantil,

[...] eu não sabia direito o que era a militância, eu vim a saber depois. Então assim, totalmente cururu, então eu não sei esses detalhes [...] eu era menininha de tudo, eu era bolsista, eu ganhei uma bolsa integral no Equipe, eu já trabalhava, eu já dava aula e eu chegava na sala de aula, vai ter a passeata. Eu era a primeira, eu ia, não queria nem saber. Eu ia para o CRUSP, era uma forma... foi assim que eu comecei militar... mas foi o Equipe. No Equipe que eu comecei a participar das passeatas e tomada do CRUSP, aí fui conhecendo uma ou outra pessoa. Quando teve a invasão do CRUSP e que foi feita a barreira para a defesa, então a gente foi, o pessoal, os professores do cursinho vinham e falavam na sala de aula quem quer ir, nós estamos indo para lá¹³³.

Ana Maria Ramos Estevão, quadro de apoio da ALN, também teve contato com o Equipe após a saída do Presídio Tiradentes. Foi para o cursinho no intuito de retomar os estudos, já que o MEC (Ministério da Educação) não reconheceu seu diploma da Faculdade Metodista. Ana Maria conheceu Sedi Hirano com quem Ishiro Nagami dividia a casa, e mais uma série de professores de esquerda: “[...] eu sabia que eles eram todos de esquerda, tinha o Tota, o Aguinaldo, tinha um monte de gente, que depois virou professor, o Tota da história, o João Pedro, o Ricardo Maranhão, Regina sua ex-mulher [...]”¹³⁴.

O Colégio Santa Inês também chegou a ser acusado na época de abrigar pessoas perseguidas, arrecadar fundos para pagamento de advogados, bem como repudiar (através de seus alunos) a ditadura civil-militar.

¹³⁰ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais. Processo 203.

¹³¹ Entrevista de Maria do Amparo Araújo, Recife (PE), 8 de janeiro de 2009. Tentamos estabelecer contato com Célia, que ainda hoje mora em Cuba, mas ela não quis dar depoimento.

¹³² Entrevista de Maria Aparecida Baccega, São Paulo, 10 de novembro de 2008.

¹³³ Entrevista de Arlete Lopes Diogo, São Paulo, 12 de junho de 2010.

¹³⁴ Entrevista de Ana Maria Ramos Estevão, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

Luiz Amparo Araújo e Maria Aparecida Baccega foram professores do Colégio. O Colégio Santa Inês, diferentemente do Equipe, era um colégio que tinha um longo histórico de atuação na cidade de São Paulo, sendo fundado no início do século XX por padres salesianos no bairro do Bom Retiro. Não sabemos, no entanto, se alguns outros quadros administrativos ou mesmo da igreja teriam atuado no interior do Colégio¹³⁵.

Algumas proprietárias de escola utilizavam também esses espaços para colaborar na luta contra a ditadura. Esse foi o caso da militante Marília Guimarães, quadro ligado à VAR-Palmares, organização que manteve contato com ALN, chegando a realizar ações armadas conjuntamente através de seu líder James Allen Luz.¹³⁶ Marília esteve envolvida no sequestro de um avião da Varig, desviado para Cuba no ano de 1969¹³⁷.

No colégio em que estudava, a militante começou a montar uma célula de oposição angariando simpatias para a montagem de um outro colégio particular. Seu depoimento é muito interessante em demonstrar de que forma a educação poderia não só ser transmissora de conhecimento, mas desempenhar, na prática, um papel de difusão das propostas dos grupos armados.

Comprei um colégio num subúrbio do Rio. Fui bem favorecida, naquela época o governo criou uma lei que todas as empresas que tivessem mais de cem funcionários eram obrigadas a ter uma escola, era um acordo que eles tinham feito com o MEC-USAID, mas de qualquer maneira favorecia. Era para favorecer a uns quantos e por sorte, como eu descobri essa lei, eu fui buscar e consegui subvenção dessas empresas que tinham mais de cem funcionários inclusive a Varig foi uma delas. Depois foi muito interessante porque o sequestro foi com um avião da Varig. Fica parecendo até que foi proposital. Então a militância vai num crescendo [...] e a escola serviu muito para isso, por quê? Porque nós começamos na realidade, inicialmente fazendo um trabalho social, era o que a gente fazia. Por quê? Eu consegui com meu pai que mandasse dentistas para dar para os bolsistas que eram favelados de Acari, da favela do Acari e do conjunto de funcionalismo público que chamava IAPETEC, nem existe mais hoje, é realmente, totalmente favelizado. E tínhamos médicos, as professoras, eu tinha um cuidado super especial com as professoras, eu já tinha dado aula em pré-vestibulares e também dava aula de alfabetização de adultos, tinha feito parte do método Paulo Freire, mas a escola foi o núcleo maior. Depois já com o aparecimento, com o racha do PC, [...] a escola passou a ter uma outra conotação, ela continuou fazendo todo aquele trabalho e passou a ser uma célula da organização entendeu? Quer dizer, isso foi acontecendo de uma maneira muito natural. Nós utilizávamos... todo o material gráfico usado, era feito na escola. Todo, todo, até a Guerra de Guerrilhas, nós fizemos a Guerra de Guerrilhas inteira, livros e livros e livros feitos no mimeógrafo. Então a escola tinha essa função, nós guardávamos, ali era o lugar onde se guardavam as armas... No sótão, armas o tempo inteiro. Tempo até da clandestinidade com o Marcelo e o Eduardo andava com a mala cheia de armas, metralhadora e tudo, entrava em hotel, o carregador dizia, “ai que mala pesada!”, aí vinha correndo o Hélio,

¹³⁵Disponível em: <<http://www.colegiodesantaines.com.br/valores.htm>>. Acesso em set. 2009.

¹³⁶ Depoimento de Carlos Eugênio Sarmiento Coêlho da Paz, Rio de Janeiro, 7 de abril de 2011.

¹³⁷ GUIMARÃES, Marília. *Nesta Terra, Neste Instante*. Rio de Janeiro: Ebendinger, 2000. (Livro de Memórias). Entrevista de Marília Guimarães, Rio de Janeiro, 2 de março de 2009.

mas... até aí (mantinha) vida legal e ninguém desconfiava de nada por isso que era uma fachada, era uma super fachada a escola. Porque toda escola podia ter um mimeógrafo, quando acaba as aulas, de noite é, enquanto estava fazendo alfabetização de adultos que de um modo geral a gente não deixava a parte de secretaria funcionar de noite porque de noite a gente estava rodando o material que ia ser distribuído para qualquer lugar, para outro estado, para outro lugar, e eu tinha comprado um mimeógrafo profissional, não um mimeógrafo à mão, era um mimeógrafo elétrico. Então a militância foi se dando dessa maneira, quer dizer, não foi uma coisa imposta, ou alguém chegou e como se diz, te recrutou, eu não fui recrutada, sabe? A escola funcionava como... não só como um centro de apoio total à organização, mas também financeiramente porque eu tinha que dar do meu dinheiro para os companheiros que estavam morando em outro lugar, comer, pegar ônibus, sabe?¹³⁸

Ana Maria Ramos diz que seus colegas de militância enterraram armas no chão da Faculdade de Teologia em São Bernardo. Sabendo de sua prisão, alguns recolheram tudo que tinham em casa, documentos, armas e dinheiro e transferiram para o quintal da universidade. Ninguém sabe porém se, passados tantos anos, alguém voltou ao local para recuperar esse material.

Verifica-se que o recrudescimento da repressão realizou-se num momento em que ocorria uma sensível ampliação do quadro científico e universitário no país. Apesar da cassação e aposentadoria compulsória de muitos professores universitários no momento imediato ao golpe, verificou-se que no início do ano de 1970 e nos anos subsequentes houve uma grande expansão das matrículas do ensino superior, sobretudo atribuídas ao aumento da participação feminina. Em 1971 algo em torno da metade das mulheres concentrava-se nos Cursos de Letras, Ciências Sociais e Filosofia, cursos para o qual confluíam grande parte dos opositores do regime¹³⁹. Tal dado refletiu-se, como era natural, num aumento de mulheres recém-formadas ou em vias de conclusão de curso, inseridas no mercado de trabalho. Como afirmou Arlete Diogo,

[...] naquela época se abriam muitas escolas e não tinha professor, então o Estado abriu a possibilidade dos estudantes das universidades poderem, eu dei aula desde... o primeiro ano da faculdade eu já dava aula em escola estadual, é... abriram essa possibilidade para que as escolas pudessem serem expandidas para a periferia, faltavam muitas vagas, então, não tinha quem desse aulas¹⁴⁰.

Bastava então apenas um comprovante de matrícula da universidade, para ser admitido como professor da rede pública¹⁴¹.

¹³⁸ Entrevista de Marília Guimarães, Rio de Janeiro, 2 de março de 2009.

¹³⁹ ROSEMBERG, Fúlvia. *Educação gênero e raça*. Encontro da Latino American Studies Association, Guadalajara, México, 17-19, Abril, 1997. (mimeo).

¹⁴⁰ Entrevista de Arlete Lopes Diogo, São Paulo, 12 de junho de 2010.

¹⁴¹ Entrevista de Albertina Pedrassoli Salles, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

Toda a política educacional realizada pelo regime era a demonstração dos fabulosos números do crescimento econômico produzidos pelo Milagre Brasileiro, cujos efeitos faziam-se sentir na “democratização” do ensino fundamental. O aumento da construção de escolas fazia parte do assédio da ditadura militar para ganhar também a adesão da população.

Os anos 70 assistiram também ao crescimento de uma classe média, pequena até então no país, que mudaria sensivelmente a composição social da população, aumentando, posteriormente e de forma brutal, a diferença do leque salarial daqueles que tinham acesso à educação, daqueles que jamais teriam acesso à universidade¹⁴².

Ao mesmo tempo em que a ditadura buscou com o AI-5 a neutralização das carreiras que tinham conteúdo crítico, cassando seus melhores cérebros, ela transformava a Universidade em um eixo da própria política científica do sistema. Dentro dessa lógica, o regime militar investiu pesado nas áreas tecnológicas, razão pela qual foram criadas as instituições Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) nesse período.

Após o golpe militar de 1964 muitos educadores passaram a ser perseguidos em função de seus posicionamentos ideológicos. Muitos foram demitidos, presos ou obrigados repentinamente a mudarem de profissão à menor suspeita de colaborarem com a militância de esquerda ou possuírem parentes ligados à resistência. Algumas pessoas puderam contar, no entanto, com simpatias pessoais, de diretores ou chefes de trabalho, que dentro de determinadas condições as ajudaram. Isso fica evidente no depoimento de Maria Aparecida Baccega, apoio da ALN e atuante no movimento sindical de Osasco,

E eu consegui que meu emprego do SESI, eu trabalhava no SESI na sede, eu tinha saído da escola, porque assim que a coisa caiu, a diretora, eu era uma excelente funcionária, isso conta muito nessas horas, que, aliás, era uma das coisas que o Partido ensinava para a gente, você tem que ser o melhor, você tem que ser o melhor, melhor aluno... essas coisas. Mas enfim eu era muito boa funcionária, me chamaram para trabalhar na sede, foi uma maneira de me tirar de Osasco entendeu? Tinha que tirar de lá, tiraram e concordaram que eu fosse uma vez por semana [visitar Granville, seu marido preso]. Quarta à tarde eu tinha liberado para ir. Foram muito legais nesse sentido. Desde que eu não contasse para ninguém, nem meus colegas e amigos. De um certo modo ela estava me protegendo. E claro que você não entende nada disso naquele momento. Hoje eu entendo, quer dizer, ela não podia absolutamente fazer alarde, quer dizer, dela concordar que uma funcionária dela saísse toda quarta-feira para ver o marido terrorista que estava preso. Porque ela tinha um chefe, que é a FIESP, que era quem ia para OBAN, não é? Estava na OBAN. Hoje eu entendo, claro¹⁴³.

¹⁴² Entrevista de Sandra Negraes Brisolla, Campinas (SP), 24 de outubro de 2008.

¹⁴³ Entrevista de Maria Aparecida Baccega. São Paulo, 10 de novembro de 2008.

Consultando as fichas de qualificação das mulheres detidas ou investigadas pela polícia da época, verificamos que muitas delas eram normalistas chegando a exercer o magistério concomitantemente à militância. Entre alguns nomes de mulheres que estiveram vinculadas à organização encontramos: Idinaura Aparecida Marques (normalista), Lígia Cardieri Mendonça (professora), Tânia Mendes (professora secundária), Zilda Junqueira (professora), Aurora Furtado (professora de matemática) e Walderês Nunes Loureiro (pedagoga).

Robêni Baptista da Costa dava aulas em Cajamar (SP), e participava de trabalhos de alfabetização pelo interior do Brasil. Um deles foi realizado na Bahia, em áreas posteriormente inundadas pela represa de Sobradinho, conhecidas por Pilão Marcado e Remanso. Embora não fosse qualquer atividade de militância organizada, sua viagem à Bahia não passou despercebida para a repressão, quando a polícia descobriu um cartão postal que Robêni havia enviado a uma amiga. Encontrado na residência de Paulo Sandroni, de quem suas amigas Darcy Gil de Oliveira e Leslie Denise Beloque também tinham alugado a casa, todos acabaram sendo envolvidos no episódio da captura do embaixador americano. Sandroni era fiador de Paulo de Tarso Venceslau, envolvido no seqüestro. Robêni não era mais então a estudante Ângela Maria Gonçalves, surpreendida no Congresso de Ibiúna com nome falso um ano antes, mas a professora que estava semeando a “catilinária” comunista em meio aos jovens. Presa em 1970 e atingida por um processo da Justiça Militar, Robêni foi condenada a quatro anos de prisão pelo Conselho Permanente de Justiça com a seguinte justificativa: “Parece ao Conselho que uma militante da ALN não pode exercer – como a ré vinha exercendo – cargo de professora, por ser obrigatória a presunção de que fará do magistério um meio de envenenamento da juventude, com a paranóia revolucionária contida no ‘mini-manual’ de Marighela”¹⁴⁴.

Robêni fazia parte do setor de imprensa da ALN. No *aparelho* que mantinha em São Paulo imprimiam o *Mini-manual do guerrilheiro urbano* e panfletos que seriam divulgados à população¹⁴⁵. Realizou muitos trabalhos de tradução para a ALN, datilografava textos, e realizava panfletagens. Os textos e revistas estrangeiros eram conseguidos junto a José Reinaldo Paes Leme, estudante de economia da USP que havia morado com ela.

¹⁴⁴ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais. Processo 70.

¹⁴⁵ “Aparelhos” eram as casas clandestinas da organização (de conhecimento limitado aos militantes) e que serviam como moradia, depósito de armas, explosivos e material de imprensa.

Paes Leme trazia da Argentina livros com temáticas de esquerda que eram traduzidos e repassados para os integrantes do grupo¹⁴⁶. Auxiliou também na impressão de documentos relativos ao movimento estudantil e à reestruturação da UEE-SP (União dos Estudantes do Estado de São Paulo). Alguns documentos apreendidos no “aparelho” em que os três estudantes moravam (ela, Reinaldo e seu Alcides Mamizuka, seu companheiro), demonstram a atuação que a organização teve junto ao núcleo estudantil¹⁴⁷.

Os militantes adaptaram o “aparelho”, que se situava na Vila Ipojuca, para receber um mimeógrafo.

[Alcides] tinha feito um esquema, uma mesa, ele fez mesmo, um braço, uma mesa e forrou a mesa com cobertor para não fazer barulho, esse era um mimeógrafo elétrico, rodava num mimeógrafo elétrico, tudo saía nesse mimeógrafo. E esse mimeógrafo rodava dia e noite plec, plec, plec, plec. E o som abaixado, e o ruído abafado para os vizinhos não ouvirem¹⁴⁸.

A função de Robêni era rodar tudo que vinha pronto, realizar a infraestrutura como se dizia costumeiramente entre os militantes, e depois distribuir para o movimento estudantil. Os stencils, segundo Robêni, já vinham prontos e a compartimentação da organização não permitia saber a matriz de produção do jornal¹⁴⁹.

Reinaldo Paes Leme morador do “aparelho” de Robêni e um bom amigo dos tempos de Mirassol chegou a prestar depoimento no DOPS. Conseguiu, porém, escapar curiosamente da casa no momento da invasão da polícia. Tendo observado que havia uma geladeira nova no *aparelho*, comprada, aliás, segundo Robêni, com dinheiro do cofre Adhemar de Barros, disse que era o vendedor responsável pela geladeira e deu no pé.

A gráfica da ALN responsável pela produção do jornal *Venceremos* parece ter sido extinta pela polícia em fevereiro de 1972 com a prisão de Jorge Fidelino Galvão de Figueiredo e Ladislau Crispim, responsáveis pela reprodução do jornal. Segundo informações obtidas nas entrevistas, a gráfica tinha razão social e funcionava legalmente. Um dos mais

¹⁴⁶ *Brasil: seis anos de ditadura, Torturas de Paulo Shilling, Obras escolhidas de Lênin*, estão entre alguns títulos apreendidos pela polícia.

¹⁴⁷ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (Unicamp). Arquivo Edgard Leuenroth. Acervo Brasil Nunca Mais (BNM), Processo n. 70.

¹⁴⁸ Entrevista de Robêni Baptista da Costa. Campinas (SP), 25 de outubro de 2008.

¹⁴⁹ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Acervo BNM-Anexos. Os principais periódicos da ALN foram *Venceremos*, *Ação* e *O Guerrilheiro*. Estão disponíveis para consulta no AEL oito exemplares do *Venceremos* abrangendo o período de abril de 1971 a fevereiro de 1972. Em relação ao periódico *Ação*, encontram-se quatro exemplares no acervo (agosto 1971, novembro de 1971, maio/junho 1972 e janeiro de 1973). Quanto a *O Guerrilheiro* foram encontrados quatro exemplares (novembro de 1970, janeiro de 1972, janeiro de 1973 e abril de 1973).

ativos nesse setor, carinhosamente chamado pelos colegas de militância, de “rei do papel” era Dimas Casemiro, integrante do MRT (Movimento Revolucionário Tiradentes), organização coirmã da ALN nas ações armadas¹⁵⁰. Encontramos, porém, material impresso após essa data, e a indicação de que Aurora Furtado se encarregava também desse tipo de função na organização antes de ser assassinada pela repressão no final desse mesmo ano (novembro de 1972)¹⁵¹. José Luiz da Cunha e Iuri Xavier Pereira parecem ter dado continuidade a essas tarefas, senão de produção dos textos das filipetas, da impressão e distribuição desse material. Walderês Nunes Loureiro, mineira de Nanuque parece ter elaborado alguns artigos para serem publicados no jornal *Unidade*, outro veículo da organização, difundido a partir do Chile. Afinal, imprimir textos e difundi-los era também uma das tarefas revolucionárias.

Sônia Maria Ferreira Lima, militante mineira e quadro de ação da ALN, também estudava para ser professora. Seguiu o Normal no Colégio Marília de Dirceu e integrava um grupo de professoras que iam ao Morro do Veloso participar de campanhas de alfabetização pelo Método Paulo Freire. Como afirma, era movida pela ideia de que todos tinham o direito de aprender a ler e a escrever, um sentido mais humanitário do que propriamente político ainda, como afirma. Trabalhou muito em escolas periféricas e noturnas enquanto cursava Letras (português-inglês) na Faculdade de Filosofia.

Manteve um emprego também na Secretaria de Educação até começar a ser procurada pela polícia. Com a Universidade cercada em 1968 e as suspeitas em seu trabalho, transferiu-se para o Rio de Janeiro onde se juntaria a Hércio Pereira Fortes, comandante regional da ALN e seu companheiro.

A ideia dessas professoras era primordialmente criar um espírito crítico nos alunos, mais do que recrutá-los de imediato para a ALN. Eliete Ferrer, proprietária do *Sistema Cometa de Ensino* no Rio de Janeiro, afirma que nunca chegou a misturar trabalho com militância pelos riscos que isso representava, em especial para ela, que desempenhava um importante trabalho de abrigo para os militantes perseguidos. Não podia ser denunciada pelos alunos ou por algum alcaguete da polícia infiltrado na escola, coisa corriqueira naqueles anos.

Em geral o trabalho era mais de divulgação, como afirmou Arlete Lopes Diogo, do que de recrutamento. Ela levava as discussões de seu grupo de estudos, que se reunia em sua casa, para dentro da sala de aula. Ela, sua irmã Arlene Lopes, Concepcion Martin Peres, Katie Megres Reis, Lisete de Silvio, Adriano Diogo, Ronaldo Mouth Queiroz e Alexandre

¹⁵⁰ Entrevista de Carlos Eugênio Sarmento Coêlho da Paz, Rio de Janeiro, 3 de setembro de 2009.

¹⁵¹ Entrevista de Maria do Amparo Almeida Araújo, Recife (PE), 8 de janeiro de 2009.

Vannucchi Leme permaneceram durante os anos de 1971 e 1972 se reunindo clandestinamente,

[...] o trabalho da escola era um trabalho de conscientização e de apoio na verdade [...], não apoio para recrutar para a luta armada, mas um apoio enfim, de divulgação. Ah, olha, existe esse grupo, eles lutam por conta disso, porque a gente tinha tanta dificuldade de penetração, que esse boca a boca era importantíssimo, então a gente tinha um trabalho grande. Então o grupo de estudos, alguma coisa a gente pensava até em aplicar na escola, porque a gente trabalhava não é?¹⁵²

Arlete realizou muitas panfletagens nas igrejas próximas da escola onde trabalhava na Vila Zelina. Em especial na Igreja da Paz, onde tinha sido seu casamento. Era uma forma como diz, de propagandear a luta que empreendiam contra o regime,

[...] além da localidade a gente tinha um trabalho com os alunos de conscientização e nós fazíamos esse trabalho. Depois a gente ia distribuir. Por que que a gente escolhia uma igreja da Vila Zelina? Porque a maior parte dos nossos alunos eram de lá, era uma forma de fechar o trabalho não é? Você fazia um trabalho na escola, e você ia distribuir o veículo de comunicação da organização. A gente mesmo ia panfletar¹⁵³.

Difundiam a greve de fome dos presos políticos do Presídio Tiradentes, denunciavam o aumento das tarifas de ônibus, a prisão de colegas da USP. Todo o processo de impressão de textos e distribuição de material de denúncia era um trabalho que, além de minucioso, exigia muita precaução. As panfletagens em geral eram realizadas de madrugada para não levantar suspeitas da polícia. Os militantes iam de casa em casa entregando volantes dentro de envelopes fechados¹⁵⁴.

A necessidade de máquinas, papéis, tinta e meios de transporte para difundir esse material era também uma preocupação da organização, e muitas vezes poderia ser um problema. Arlete e Diogo circulavam com a capota do carro cheia de *Venceremos* quando foram surpreendidos pela chegada da polícia. Usavam o veículo do casal, com placa legal para a distribuição desse material, uma temeridade em tempos de execuções nas ruas e de prisões em pontos de ônibus. Felizmente conseguiram escapar. Não por muito tempo.

Na escola onde Arlete lecionava, trabalhava toda a sua família, sua irmã, seu cunhado, sua sogra e seu marido. Era como ela se refere jocosamente, “a República Socialista da Vila Zelina”, que dava oportunidade de trabalho a todos os colegas recém-formados ou em vias de

¹⁵² Entrevista de Arlete Lopes Diogo, São Paulo, 12 de junho de 2010.

¹⁵³ Idem.

¹⁵⁴ COSTA, Caio Túlio. *Cale-se*. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

concluir o curso. Quando foi presa, Arlete acabava de chegar de uma aula de teatro de final de semana, parte de uma atividade que desenvolvia com os alunos utilizando a experiência do Teatro Jornal de Augusto Boal.

Arlete era também, por uma grande ironia do destino, orientadora do Centro Cívico da escola, onde lecionava OSPB (Organização Social e Política do Brasil) e Educação Moral e Cívica. Desempenhava, claro, nas fímbrias do sistema atividades paralelas de militância, utilizando ainda a fragilidade da disciplina, para se contrapor ao ufanismo dos militares, antes que a Secretaria de Educação passasse a exigir atestado ideológico para todo o corpo de professores.

A ditadura militar deveria inculcar nas escolas o respeito às convicções morais e religiosas num claro respeito às crenças “professadas” por ela. A intenção era de que os indivíduos se adequassem à nova ordem política. Um dos exemplos claros dessa prática era exatamente a implementação e obrigatoriedade em todas as escolas públicas do país dos Cursos de Educação Moral e Cívica, na intenção de fazer “valer” os ideais da “revolução de 1964” e inculcar na mente das pessoas valores como: obediência, passividade, ordem, fé, responsabilidade e patriotismo. A disciplina fazia parte então da estratégia psicossocial elaborada pelo governo militar para interferir na dinâmica social, nas formas de pensamentos e nas subjetividades individuais¹⁵⁵.

2.3 O Partido Comunista Brasileiro (PCB)

Além da educação familiar e das influências da escola como formadoras de opinião, uma grande parcela de mulheres que entraram na ALN eram oriundas do partido comunista (PCB), sofreram as suas influências, ou eram dirigentes de bases.

Encontramos na ALN militantes que evidentemente romperam com o partido seguindo a proposta de luta armada, outras que se integraram diretamente à dissidência sem passagem pelo partido, e mulheres que, embora continuassem filiadas ao PCB, constituíram-se numa área próxima à organização auxiliando seus militantes em momentos críticos.

¹⁵⁵ BRASIL. Decreto-Lei nº. 869, 12 de setembro de 1969. Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no País, e dá outras providências.

Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=195811>>. Acesso em 05/08/2007.

Sônia Ferreira Lima, por exemplo, diz que os simpatizantes caracterizavam-se, com raras exceções, por serem famílias já estabelecidas compostas de casais de 35 a 40 anos com filhos pequenos. Eram funcionários públicos, professores, médicos que, com todas as limitações que se apresentavam, fizeram o máximo que podiam.

Um quadro do partido que ajudou muito na militância foi a professora Radha Abramo. Radha desempenhava também tarefas de apoio, repassando informações, visitando presídios, vendendo coisas para ajudar os presos políticos. Escondeu muitas vezes em sua casa o militante José Dirceu.

Mulher de muita iniciativa, foi ela quem possibilitou a vinda de Edgar Morin à USP, quando os estudantes tomaram a Faculdade de Comunicação. Muito bem informada, hospedou o intelectual num hotel na rua Vieira de Carvalho pertencente ao então deputado cassado Rubens Beirodt Paiva. Poucos na época conheciam o hotel e muito menos seus proprietários¹⁵⁶.

Devemos lembrar que a militância política envolveu outras dimensões que não fizeram parte essencialmente do partido. Ela nasceu de uma conversa, de uma discussão, de um interesse, de um sentimento. É inegável, porém, que o PCB foi uma escola de formação de muitas mulheres. Com o fim da Segunda Guerra, os partidos socialistas e a União Soviética, em especial, perceberam a importância do trabalho que elas podiam desenvolver.

Zuleika Alembert afirma que, terminada a guerra, integrou-se ao PCB, pois o partido representava naquele momento uma nova perspectiva para os jovens e, em especial, para as mulheres. De família pequeno-burguesa, sua militância foi bastante tortuosa pois, como afirma, era mais consequência de uma busca intelectual dos problemas vividos no interior de sua própria casa, do que originada exatamente de uma demanda trabalhista, como os operários que se mobilizavam por uma “razão estomacal”¹⁵⁷.

O que alimentava sua participação no partido era, então, a necessidade de mudança de caráter da participação da mulher na sociedade, pois desde menina reprimida em casa, era impedida de estudar, e dava aulas escondida. Era sua mãe, praticamente analfabeta, quem a estimulava e a acolhia em seus desejos de mudança. Romper o modelo era isso que buscavam essas mulheres. Foi participando das campanhas dos anos 50 como a defesa do petróleo, a proteção das riquezas nacionais, em defesa da Amazônia e fundando associações femininas por todo o país que se tentava fundar uma atividade que organizasse de maneira mais

¹⁵⁶ Entrevista de Maria Lúcia Alves Ferreira, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

¹⁵⁷ COSTA, Albertina et al. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p.46 e seguintes.

consistente essas mulheres. Muitas militantes lutaram pela legalidade do partido, recolhendo assinaturas, realizando festas para arrecadação de recursos, e não era o fato de serem mulheres que as afastaria, então, da militância com a volta à legalidade do partido. O partido nesse momento legalizado também necessitava de ampliação de quadros¹⁵⁸.

Entre algumas outras entidades femininas que se mobilizaram no período anterior ao golpe, podemos citar a atividade no Sindicato dos Servidores Públicos de Belo Horizonte que, em outubro de 1963, realizou a primeira Conferência Internacional da Mulher Trabalhadora, tendo como organizadoras Maria Celeste Reis e Maria Auxiliadora Marques Carvalho¹⁵⁹. Destacou-se também nesse sentido a Liga Feminina do Estado da Guanabara, ligada ao PCB, que lutou em 1964 pela anistia dos sargentos, tendo sido integrada por muitas mulheres como Ruth Santana, Elza Soares Ribeiro, Maria Cardoso Sampaio, Yara Vargas, Ana Lima Carmo, Antonieta Campos da Paz, Zilda Xavier Pereira, Emília Monteiro Ramos, Clara Sharf, Lúcia Muholland, Zélia Pinho de Rezende, Ana Montenegro, Gilda Xavier, Ana Lima Carmo, Rosalva Santos e Ivone Paula Silva.

A Liga Feminina da Guanabara foi fundada em 21 de abril de 60 em substituição à Associação Feminina do Distrito Federal, que teve suas atividades suspensas por decreto em 1959.

A suspensão das atividades da Associação Feminina do Distrito Federal e mais tarde o seu fechamento foi motivada pela descoberta do DOPS de suas ligações com o partido. A Liga integrou-se num amplo movimento de combate à carestia de vida, recolhendo também assinaturas para levar caravanas de representantes à Brasília. Suas propostas foram entregues ao Presidente da República João Goulart, que encontrava nelas também um apoio para suas Reformas de Base.

Suas militantes reuniam-se para apresentar suas propostas, em bancas espalhadas pela cidade do Rio de Janeiro, em geral em regiões como Cinelândia ou Largo da Carioca, pontos de grande movimentação. A Liga fez campanha contra os frigoríficos, denunciando o aumento do preço da carne e do leite em sucessivos comícios que ocorriam na Central do Brasil e na Vila Leopoldina. Seus passos eram seguidos pela polícia carioca, que produziu alguns documentos sobre ela no DOPS, além de reproduzir alguns despachos produzidos por essas mulheres a Francisco Julião, Chagas Freitas e Almino Afonso¹⁶⁰.

¹⁵⁸ COSTA, Albertina et al., 1980.

¹⁵⁹ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais. Anexo 460.

¹⁶⁰ APERJ, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Antonieta C.da Paz, pasta 10, doss.4, fls 59 cx 826. Entrevista de Mariza Campos da Paz, Rio de Janeiro, 6 de julho de 2010.

Da Liga algumas mulheres integraram a ALN como Clara Sharf, Ana Montenegro, Antonieta Campos da Paz e Zilda de Paula Xavier Pereira.

2.3.1 A zeladora do sagrado coração do Partido Comunista¹⁶¹

Antonieta Campos da Paz teve um importante papel dentro do partido. Ainda jovem e muito católica passou a realizar trabalho de catequese na periferia de Petrópolis (RJ). O contato com a favela convenceu-a progressivamente de que a catequese tinha pouco apelo entre as crianças pobres e sem perspectivas de futuro. De catequista passou então a dar preferência às aulas de higiene, ao recolhimento de brinquedos e às doações de alimentos às famílias carentes, do que pregar o Evangelho.

Segundo sua filha Mariza, Antonieta nunca passou do primário. O partido constituiu-se para ela numa verdadeira escola de vida, e tudo que aprendeu foi adquirido nos cursos de política do PCB.

Completamente autodidata, Antonieta foi presa a primeira vez recolhendo assinaturas em favor da Paz de Estocolmo. Todo o trabalho feminino desenvolvido no Rio de Janeiro foi feito também por ela que, além de excelente oradora, assinava reportagens no *Imprensa Popular*, jornal do partido. Era responsável pela página feminina do jornal em função do qual seguiu um curso na ABI (Associação Brasileira de Imprensa) para poder aprimorá-la. Reuniu também em torno de si outras militantes do partido cujas preocupações eram semelhantes à sua, trazendo Ana Montenegro e Beatriz Bandeira para a confecção da página. Fundou também a revista *Momento Feminino*, sendo presença constante nas reuniões de base do partido, como também dando assistência a todas as bases femininas fundadas no Rio de Janeiro¹⁶².

Quando seu marido, o Dr. Campos da Paz, e seu sogro Manuel Venâncio Campos da Paz, ambos militantes do PCB, foram presos, era Antonieta quem servia de mensageira na prisão, conseguindo passar recados e informações aos presos à revelia da guarda do presídio. Mariza conta o expediente usado pela mãe,

¹⁶¹ Era assim que Antonieta era chamada pelo Dr. Campos da Paz, segundo Mariza, sua filha. Entrevista de Mariza Campos da Paz, Rio de Janeiro, 6 de julho de 2010.

¹⁶² Entrevista de Mariza Campos da Paz, Rio de Janeiro, 6 de julho de 2010.

[...] dentro do cordão do pijama, eles enrolavam um papel fininho e tinha então coisas que iam para dentro da prisão e saíam de dentro da prisão costuradas no cordão do pijama. Quando levava a roupa limpa tinha mensagem, quando levava roupa suja para casa tinha mensagem, era assim que fazia não é? Meu pai fora preso em 1936, meu avô foi preso em 35, logo depois da Intentona Comunista, meu pai foi preso em março de 36, ficou um ano, meu avô ficou um ano e meio. Então quando eles saíram ela começou aos pouquinhos a trabalhar com um movimento que se chamava Socorro Vermelho. Prestava solidariedade às pessoas, juntava dinheiro, arrumava remédio, arranjava médico e depois então em 1947 ela entrou no partido para ajudar na campanha eleitoral do meu avô, e daí para frente continuou sempre¹⁶³.

Mariza afirma que em sua casa sempre se falou de política. Era hábito da família sentar-se à mesa da cozinha toda noite para escutar os comentários da BBC de Londres, transmitidos na época por Antônio Callado. Foi a militância da mãe que estimulou o engajamento político da filha, que compartilhou com ela muitas das suas ideias, “[...] entrei na Juventude Comunista com 15 anos, levada por ela e entusiasmada pelas ideias do comunismo. Solidariedade e política são palavras que para mim sempre tiveram um conteúdo muito grande”¹⁶⁴.

Embora influenciada pela mãe, Mariza cerrou fileiras em torno de Giocondo Dias quando houve a dissidência no partido, enquanto sua mãe foi atraída pela proposta de luta armada de Carlos Marighella.

Desconhecendo a militância de Antonieta na ALN, membro da coordenação Regional da ALN e quadro de apoio da organização no Rio de Janeiro, só agora Mariza pôde reconstituir a trajetória de sua mãe através de um diário completamente esquecido dentro de um baú¹⁶⁵.

2.3.2 Uma moça criada à moda antiga¹⁶⁶

Assim como Antonieta, o partido também representou para Sandra Negraes Brisolla um caminho de participação política.

Seu envolvimento começou aos 13 anos de idade vendendo o jornal *Hoje* na Vila das Belezas. Era lá que Sandra começava a dar os primeiros passos como integrante da Juventude

¹⁶³ Entrevista de Mariza Campos da Paz, Rio de Janeiro, 6 de julho de 2010.

¹⁶⁴ Idem.

¹⁶⁵ Mariza está escrevendo um livro dedicado à mãe.

¹⁶⁶ Assim se referiu sua mãe numa carta em sua defesa para o Juiz da 2ª CJM, Dr. Nelson Machado Guimarães. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais. Processo 100.

Comunista. Seus pais eram também quadros do partido e, conseqüentemente, aproximaram-na da esquerda.

Como ela afirmou, “aos 7 anos, quando perguntaram no Grupo Escolar Mário de Andrade, no Brooklin, a religião de cada aluno eu respondi: Comunista. Todos se assustaram, e a professora disse que isso não era religião”¹⁶⁷. Apesar da distribuição do jornal em bairros populares, Sandra ainda não entendia o sentido de seu trabalho, tendo abandonado a Juventude Comunista pouco tempo depois. Filha de um funcionário civil da Aeronáutica aposentado, provavelmente por complicações políticas, e de Dona Maria Cecília, funcionária do INSS, Sandra estudava Economia à noite na Universidade de São Paulo, e trabalhava como química industrial numa perfumaria de dia. Havia seguido curso de Química Industrial no Mackenzie.

Dona de uma personalidade forte, sua mãe era divertidamente chamada, pelo marido, de “sargento instrutor”, enquanto Ciro, seu pai, além de músico, era assessor do Secretário de Cultura. Talvez um artigo publicado no jornal da cidade possa ter concorrido para a demissão de seu pai da corporação, já que, segundo ela, o artigo não foi bem recebido pelos seus superiores da Aeronáutica. A paixão por aviões teria que ser deixada de lado, então, em favor da cultura e de uma tuberculose contraída à época.

De qualquer forma já se começavam a sentir os efeitos da ditadura civil-militar na família, fato que antes não era pelo menos percebido por Sandra,

Quando eu trabalhei em Resende os militares não eram o que são hoje, e ficaram depois. Então eu acho, por exemplo, quando eu trabalhava em Resende era engraçado porque eu morava próximo da Vila Militar. Resende é uma cidade que só tem milico não é? Porque a Agulhas Negras está lá. Mas naquele tempo, ano de 1961 por aí, eles, os militares, você não tinha aquela história do comunismo como ameaça, então eu me lembro, eu ia em festa que tinha militares e eu conversava com os coronéis naturalmente, falava que era uma pessoa de esquerda, defendia minhas ideias e não tinha problema. Então, parece que hoje é diferente por toda a história dos milicos não é¹⁶⁸?

As relações no PCB e a proximidade com a tia, Edith Negraes Brisolla, também membro do Partido Comunista e jornalista da *France Express*, favoreciam o contato de Sandra com Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira. Aliás, foi da Tchecoslováquia que ela, junto ao trabalho da tia na Rádio de Praga, acompanhou a dissidência do Partido, além de conhecer e conviver com Osvaldo Orlando da Costa, o *Osvaldão* do Araguaia.

¹⁶⁷ Entrevista de Sandra Negraes Brisolla, Campinas (SP), 24 de outubro de 2008.

¹⁶⁸ Idem.

A entrada na Universidade e os vínculos de amizade pessoal com colegas e líderes estudantis (estudou desde a infância com Clarisse Herzog e Fátima Jordão, seguiu curso de química industrial com Norberto Nehring e era amiga íntima de Paulo Tarso Venceslau) completariam o quadro daquela estudante que, anos mais tarde, seria perseguida em decorrência do sequestro do embaixador americano.

2.3.3 Um dia a mais para chegar a liberdade¹⁶⁹

É assim que Jessie Jane encerra uma das muitas cartas enviadas para seu companheiro Colombo Vieira, do Presídio Talavera Bruce (Bangu) em outubro de 1970. Presa em julho do mesmo ano, a professora primária e militante de ação da ALN teria que esperar muitos anos ainda até sair da prisão, vivendo ao ritmo dos humores dos generais, em especial do Brigadeiro da Aeronáutica João Paulo Burnier, responsável pela sua prisão.

Duas famílias completamente antagônicas começam a história daquela que um dia empreenderia, junto a dois companheiros de militância, a tentativa de sequestro do avião Caravelle PP-PDX em 1º de julho de 1970. Antes de ser a “temida sequestradora” de avião, que a repressão tanto difundia, Jessie Jane era uma garota como outra qualquer de sua época, jovem, cheia de energia e disposta a mudar o país. Com um diferencial: não era oriunda das chamadas “classes médias intelectualizadas”, nem tinha saído do movimento estudantil, como tantas outras jovens que seriam ganhas pela ALN.

Fazia sim o magistério na Zona Leste de São Paulo, para onde a família havia se transferido após passagem por Minas, Paraná e Mato Grosso. Seu destino, porém, não seria a de normalista como fora o de sua mãe, ensinando nos grotões os filhos dos trabalhadores sem terra. Mineira de uma família muito católica por parte de pai e protestante por parte de mãe, Jessie conviveu desde menina com a luta de seu pai junto aos camponeses de Colônia Federal, atual Mato Grosso do Sul, uma região de terra de grilagem onde seu pai participava, junto aos trabalhadores, da luta para a obtenção do título da terra. Muitos nordestinos e sulistas confluíam para a área, incentivados pela expansão das fronteiras agrícolas de Getúlio Vargas. Washington Alves da Silva, contador e herdeiro direto das terras do pai, abandonou a família e a riqueza paterna para se tornar operário e comunista na cidade de São Paulo. A família foi

¹⁶⁹ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Coleção Jessie Jane. (CARTA) JJ/002 po.I. (26/10/1970).

morar na Zona Leste de São Paulo no ano de 1962, e Jessie com treze anos passou não só a acompanhar sua mãe nas reuniões de base do partido na região da Penha, mas a presenciar o grande número de quadros do PCB que procurava sua casa para a realização de reuniões e para se esconder da polícia.

Muitos camponeses de Mato Grosso pernoitavam lá também, de passagem a São Paulo para tratamento médico assim como eram cada vez mais estreitas as relações de seu pai com os dois dirigentes da ALN: Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira, que frequentavam a sua casa.

Refratário às associações de bairro que se multiplicavam naqueles anos, e que poderiam comprometer a vida de um militante procurado, Washington pôde então abrigar um grande número de combatentes dos mais variados matizes políticos no imediato pós-golpe. Hospedou-se lá, por exemplo, o Sargento Garcia, líder dos sargentos na revolta de Brasília e cassado com o golpe de 1964. Era ele quem ajudava Jessie a fazer o dever de casa quando ela chegava da escola. Seus tios também frequentavam a casa, com a proposta de um dia serem levados à Cuba por Marighella. Jethero Cardoso, um dos tios de Jessie, assim como ela, seria posteriormente preso em São Paulo no mês de maio de 1970, dois meses depois seria sua sobrinha.

O ambiente de discussões políticas, leituras (seus pais liam muito jornal, ouviam também a BBC de Londres) e a relação político-afetiva mantida com quem se hospedava em sua casa foram contribuindo então para o despertar político de Jessie, e forjando nela um forte senso de responsabilidade. As situações de risco, claro, se apresentavam, como ela conta,

Tem um episódio muito engraçado, eu fiz curso normal, então eu estou no primeiro ano normal, eu estudava na Penha e tinha aqueles cartazes de procurados. E tinha estado lá em casa um sujeito chamado, eu não sei mais o nome, eu não sei mais o nome legal dele, ele chama-se Roberto, era um cara da VPR, ele tinha feito uma ação e levou um tiro na perna e ele estava escondido em casa durante meses, levado pelo Toledo. E ele ficava no quarto de casa. Um dia tinha uma menina, uma colega do Curso Normal, fazendo trabalho comigo na cozinha e ele passou para o banheiro e ela viu. Ele era um homem bonito, assim um homem dos trinta e poucos anos, um homem que chamava atenção. Dias depois nós estamos numa pastelaria na Penha e tinha na frente da mesa que estávamos um cartaz e ele estava no cartaz. Ela olhou para mim como quem diz, eu vi esse sujeito na sua casa, eu fiz de conta que não entendi. Eu cheguei em casa e disse, olha, aconteceu isso e meu pai tirou ele de lá. Todo mundo se conhecia. Nós sabíamos quem eram e era engraçado porque as crianças não falavam essas coisas, porque lá em casa tudo isso era muito dito, não havia segredo do meu pai e da minha mãe. Então quando chegava alguém lá em casa machucado, ferido, meu pai dizia, é isso, isso, isso, tal, entendeu, para todo mundo, desde o menor ao maior. E foi isso que aconteceu¹⁷⁰.

¹⁷⁰ Entrevista de Jessie Jane, Rio de Janeiro, 18 de março de 2009.

Quando havia reuniões em sua casa, eram os seus irmãozinhos menores que, do campinho da esquina do bairro popular em que viviam, observavam os movimentos estranhos para alertar a casa em caso de perigo iminente. Todos eles, vestidos em seus calçãozinhos de meninos, faziam a segurança das reuniões.

A entrada de Jessie na luta armada não poderia deixar de trazer, como é natural, pânico ao seu pai. Chegou até a discutir feio um dia, obrigando seu pai a se render às evidências: era ele, o anfitrião da casa, quem levava os seus hóspedes para esse caminho. Com a filha, portanto, não podia ser diferente. Ainda que discordasse da luta armada, seu pai achava que ela era necessária.

Meu pai tinha uma teoria que era o seguinte. Meu pai, por exemplo, não acreditava na vitória da luta armada, ele dizia muito claramente isso, mas ele dizia que o Brasil tinha que viver essa experiência porque havia todo um mito da passividade da sociedade e que isso era necessário viver, que a gente não tinha estrutura para ganhar porque a gente não tinha apoio de massa, não tinha um exército, o partido comunista que deveria ter sido agente disso, não foi capaz de fazer, mas que era necessário viver isso, então ele apoiava todas as pessoas, ganhava os filhos, muitos jovens que foram presos por conta do meu pai, não porque ele tenha aberto as pessoas, mas meu pai era um tipo educador sabe? Meu pai na verdade fazia a cooptação para uma ideia, não para uma organização entendeu?¹⁷¹

2.3.4 Go Home Mister Gordon!

Era essa a pichação de Cidinha, Maria Aparecida Santos, no movimento secundarista de Ribeirão Preto, quando começou a participar dos primeiros protestos estudantis.

Ainda que não tão robusto como veio a ser o movimento universitário na cidade ou menos desenvolvido ainda que os estudantes secundaristas do Rio de Janeiro, o movimento estudantil em Ribeirão sentia-se notar pela combatividade, criatividade e pela presença de um partido muito atuante, em especial junto aos trabalhadores rurais, numa cidade sabidamente conhecida pela forte presença de uma aristocracia agrária.

A militância de Cidinha no Partido Comunista foi um processo em que estiveram aliadas as experiências vividas no interior de sua casa ao contexto de agitação da época, que obrigava os países latino-americanos a se posicionarem politicamente em relação a uma série de acontecimentos mundiais, como a guerra do Vietnã, o advento da Guerra Fria e o imperialismo norte-americano.

¹⁷¹ Entrevista de Jessie Jane, Rio de Janeiro, 18 de março de 2009.

Cidinha acompanhava os rumos da política nacional, de dentro da sua casa, as dificuldades de manutenção do governo de Juscelino Kubitschek em 1956, e o aparecimento de João Goulart. Filha de pai meeiro, com conhecimentos muito rudimentares, e de mãe costureira, Cidinha recebeu seus primeiros ensinamentos no interior de uma casa sem luz elétrica situada numa Vila Fabril em Anápolis (GO). É lá que seu pai, trabalhando no sistema de “meia” ou parceria, aproxima-se do Partido Comunista e passa a militar junto aos colonos da fazenda. É lá também que ele participa da guerrilha de Trombas e Formoso, enquanto sua mãe se encarrega das tarefas da casa e da alfabetização dos filhos, impedidos, pelos constantes deslocamentos, de seguir escola regularmente. Era o ano de 1953, em que o partido recolhia assinaturas denunciando a morte do casal Rosenberg, a guerra da Coreia e realizava a campanha *O Petróleo é Nosso*.

Foi em Anápolis que Cidinha assistiu aos primeiros comícios de sua vida, escondendo-se no interior de igrejas ou bares nas ocasiões de quebra-quebra. Ela e seu irmão ainda muito pequenos - tinham cinco ou seis anos - escutavam as histórias sobre Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança. A foto retida na memória despertava a curiosidade da criança: *o que é ficar preso, pai?* Nunca mais se esqueceria do jornal com a foto de Luís Carlos Prestes deixando a prisão no Estado Novo.

Os companheiros do partido pegavam-nos no colo e a porta da casa estava sempre aberta de noite para quem precisasse de abrigo nos corre-corres após as manifestações. Com a luz apagada e a porta aberta, Dona Laura, mãe de Cidinha, não conseguia dormir preocupada...

A casa era movimentada e recebia gente regularmente. Seus três cômodos eram sempre colocados à disposição daqueles que vinham se esconder durante o dia, enquanto as crianças brincavam no quintal. Um negro armado de terno branco sumindo na escuridão da noite, essa é a imagem que Cidinha guardou da vida dura da militância. Com tifo, mãe e filha mudam-se para o noroeste paulista deixando Anápolis e Goiânia para trás. O pai, quando voltava explicava a ausência, “[...] falava da luta de Formoso (Trombas e Formoso), contava das noites dormidas nos matos, dos encontros perigosos com jagunços, contava o que os grileiros faziam; que destruíam plantações; que torturavam famílias de posseiros; que incendiavam as casas, matavam ou roubavam as criações, etc.”¹⁷².

Tudo ia-se, então, sedimentando em sua formação: as ausências prolongadas do pai em casa, pessoas estranhas que circulavam e falavam baixinho, um revólver passado

¹⁷² Entrevista de Maria Aparecida Santos, Ribeirão Preto (SP), 28 de novembro de 2008.

sigilosamente de dentro de um quarto. Tudo isso, claro, explicado depois, dentro das conversas francas que sempre tinham. E cujo efeito na sua formação seria decisivo. Não política e ideológica ainda, como afirma Cidinha, não tinha ainda idade para tanto, mas todas aquelas histórias serviam para entender que a vida não era fácil. E menos fácil ainda para os pobres. E eles estavam entre estes.

Enquanto isso, Cidinha era embalada pelas histórias de Iuri Gagárin, semanalmente publicadas em quadrinhos no jornal *Novos Rumos*. Com nove anos entra na escola em Ribeirão Preto. A partir daí passa, na cidade, a acompanhar a eleição dos candidatos do partido, é levada pelos pais às reuniões nos Campos Elísios, e nos comícios que lotavam a Praça Schmidt de Ribeirão Preto. Participava sempre quando podia das festas da UGT (União Geral dos Trabalhadores), bem como das peças de teatro e das palestras, saindo sempre junto da mãe para soltar santinhos e panfletos dos candidatos comunistas, antes das eleições.

Joaquim Câmara Ferreira hospedava-se em sua casa nas vezes em que ia a Ribeirão Preto. Cidinha registra ainda uma palestra que *Toledo* fez na cidade em 1961 falando aos trabalhadores da importância do décimo terceiro salário. Toda a família foi assistir levando também os vizinhos.

Tudo isso antes do golpe de 64, que vai encontrá-la já fazendo panfletagens à noite, de maneira muito espontânea, ainda que acompanhada de um adulto. Pouco tempo depois já participa do movimento secundarista.

Após o golpe, os protestos ganham fôlego com bonecos e bandeirolas, confeccionados dentro de sua casa pelas esmeradas mãos de dona Laura, que trabalhava como costureira para ajudar no orçamento da casa,

Lincoln Gordon, ele veio aqui em Ribeirão e o partido preparou uma recepção para ele, quer dizer tudo foi desenvolvido, praticamente também dentro da minha casa, os bonecos que foram costurados minha mãe que costurou, eu e a Anita, filha do Irineu, e o papai que enchemos os bonecos. Papai e Marietto foram buscar capim e lá tinha uma área bem grande no fundo de casa, então ficava bem escondido assim no fundo, quem entrasse não via, e era aberto, não era coberto não, é que tinha umas parreiras de chuchu e aquilo ficava bem lá no fundo assim e, aí a gente começa mais a sentir o peso da coisa e a militância se dá mesmo internamente a partir de 64 tudo o que a gente fazia era dessa maneira¹⁷³.

Junto aos bonecos, espalhados pelas vias de maior acesso público, como conta Cidinha Santos, Lincoln Gordon encontraria, chegando à cidade, a mensagem nada hospitaleira pichada nos muros: *Go Home Mister Gordon!* em inglês e português.

¹⁷³ Entrevista de Maria Aparecida Santos, Ribeirão Preto (SP), 28 de novembro de 2008.

Estudando no Colégio Santos Dumont, e já em contato com a base universitária na cidade através de Pedro Augusto de Azevedo Marques, a futura guerrilheira assiste aos espetáculos do CPC (Centro Popular de Cultura) da UNE, trazidos a Ribeirão Preto, e começa a participar das passeatas e se indispor com seus professores na sala de aula: *Ei! meu pai é comunista e ele não faz nada disso que o senhor tá falando!*

De resto vai amalhando sabedoria com as leituras que Indio, Irineu de Moraes, vai lhe passando. Numa brochura coberta de papel-cartão, lê *Se fores preso Camarada*, que vai dar a tônica do que enfrentaria alguns anos mais tarde.

As discussões para as teses do VI Congresso passam a ser realizadas em sua casa, depois de o Brasil ter sido sacudido pelas grandes manifestações de rua, ocorridas em 1966, as *setembradas*. A tentativa foi de aglutinar e ampliar a rede de simpatizantes para a proposta de luta armada. Joaquim Câmara Ferreira coordena em Ribeirão a luta interna no partido, e Cidinha acompanha da cozinha o tipo de discussão que se travava. As teses eram muitas, e a intenção era que o partido ficasse unido em torno do mesmo tipo de proposta. Como afirmou Cidinha em entrevista,

[...] a luta armada sempre foi um tema recorrente dentro do partido, porque ouvia sempre este tema nas discussões. As teses para o VI congresso do Partido eram discutidas nas nossas poucas bases. Houve também a saída do partido de alguns militantes que formaram um grupo político. Aí tivemos que recompor o partido novamente. Nesta ocasião, eu continuava estudando e trabalhando e participando de um núcleo do partido formado por alguns estudantes e não estudantes. Discutia-se a organização novamente, a eterna tarefa de construir o partido nos locais de estudos, de trabalho, de moradia e a discussão política interna se dava intensamente. Muitas dessas reuniões se deu em minha casa. As discussões eram intensas e com a vinda de companheiros das direções elas se acirravam e algumas mais harmônicas. Assim foi até se chegar à conferência estadual. Já é sabido o que significou esta conferência. As discussões para a realização da conferência foram muito importantes no sentido de consolidar a posição política defendida pela maioria do partido daqui de Ribeirão Preto, com outros militantes do estado de S.P., envolvendo militantes que faziam parte da direção estadual e nacional como Joaquim Câmara Ferreira, Marighella e tantos outros. Continuamos discutindo as teses para o 6º Congresso e penso que a grande maioria, com a expectativa de que nossa proposta fosse vencedora e que o partido ficasse unido¹⁷⁴.

O que viria dali para frente seria o resultado do estreitamento das liberdades democráticas sepultadas pelo golpe de abril. Os tempos eram duros, mas nem todas as pessoas passariam a viver de boca fechada e de olhos baixos. Maria Aparecida Santos seria uma delas. Como ela afirma, “eu, não vou dizer que eu fui militante desde que eu nasci, mas a

¹⁷⁴Entrevista de Maria Aparecida Santos, Ribeirão Preto (SP), 28 de novembro de 2008.

minha experiência, o meu processo foi longo dentro do partido, você ter um pai comunista, sabe, sem querer, você tem [...] esse dom pra seguir, é uma escola”¹⁷⁵.

2.3.5 Assim foi temperado o aço¹⁷⁶

Nem todas as mulheres da ALN foram influenciadas pelo engajamento familiar. Muitas delas já se ligaram ou mantiveram relações com o partido comunista no período de universidade.

Esse foi o caso de Sônia Maria Ferreira Lima, militante do GTA da ALN. Sua atuação atravessou o partido desde Ouro Preto, cidade de origem, tendo se intensificado a partir do relacionamento estabelecido com Hércio Pereira Fortes, seu conterrâneo, membro do partido comunista e estudante da Escola Técnica Federal de Minas. Além das leituras sugeridas pelos militantes veteranos do PCB, de romances que situavam seus personagens no contexto histórico brasileiro, como *Os Capitães de Areia* de Jorge Amado ou *Os Sertões* de Euclides da Cunha, Sônia tinha, como tarefas do partido, a organização de um núcleo de militantes na Universidade. Foi dirigente do Comitê Universitário do PCB. Como vice-presidente da UEE (União Estadual Estudantil) ajudava então a organizar passeatas e a distribuir panfletos do alto dos edifícios, contando sempre com um grupo de pessoas independentes que cuidavam de sua segurança e dos demais participantes: Jorge Batista e César Maia.

O golpe militar seria o responsável pela saída de muitos militantes do partido comunista, que se reorganizariam em outros grupos identificados com a proposta de luta armada. Assim sendo, é criada a Corrente em Minas Gerais, que continuaria a manter laços de solidariedade com o partido, assim como contatos com o PCBR, PC do B e Ala Vermelha. Mário Alves, por exemplo, chegou a se esconder na casa de Sônia Ferreira Lima e tinha grandes laços de amizade com Hércio, importantes também num período de necessidade.

Tudo leva a crer que as organizações mantinham contato entre si, antes mesmo de os militantes da Corrente incorporarem-se à ALN em maio de 1969. Alguns combatentes, no entanto, não eram partidários da incorporação, achando que a Corrente deveria manter atuação paralela com a organização e com ela estabelecer uma frente conjunta de luta. Para

¹⁷⁵ Entrevista de Maria Aparecida Santos, Ribeirão Preto (SP), 28 de novembro de 2008.

¹⁷⁶ Referência ao livro de Nikolai Ostrovski, autor do realismo russo que através de Pavel, seu personagem principal, chama atenção para a necessidade da educação para destruir a antiga ordem burguesa e construir um novo mundo socialista.

Sônia, a integração à ALN, foi “um mal necessário”, pois estavam sendo dizimados em Minas Gerais.

O depoimento de Ricardo Apgua é ilustrativo em mostrar que o grupo mineiro ligado ao partido, do qual ele também fez parte (Ricardo foi do Comitê Municipal de Belo Horizonte e da Seção Estudantil Estadual), antecipou-se ao rompimento do PCB, atraindo para si, desde o golpe militar, os contrariados com o partido e reunindo-os num grupo que daria origem à Corrente Revolucionária. Como ele afirma,

Desde o golpe de 64 que a ideia de derrubar a ditadura através da luta armada dominava os setores ativos do partido no movimento de massas. As lideranças estudantis e operárias da época optaram pelo caminho das armas. Ideias como o Poder Local e a Frente Ampla preconizando a atuação pacífica dentro dos limites políticos impostos pela ditadura, se restringiam à superestrutura dirigente do Partido. Quando o Comitê Central começou a manipular os Congressos Estaduais forjando delegações que careciam de representatividade real, nos convencemos de que o nosso afastamento seria uma questão de tempo e nos antecipamos montando uma organização paralela. Mas, nos mantivemos oficialmente no Partido até que fomos expulsos¹⁷⁷.

Segundo ele, os militantes da Corrente Revolucionária de Minas consideravam necessária a união de todas as forças contra a ditadura, cujo lema era: revolução democrática e nacional libertadora.

As resistências à incorporação à ALN de fato existiram (como ratifica a entrevista realizada com Ricardo), mas na condução do movimento operário e nas greves de Minas Gerais houve uma grande compatibilidade com a POLOP (Política Operária), em que pesem os interesses sindicais e reivindicativos. Como ele afirma,

Da nossa parte, estávamos sendo coerentes com a nossa estratégia de união das forças democráticas. Exigíamos o fim do arrocho salarial e liberdade para o movimento sindical. Este foi o momento em que se esteve mais próximo de uma unificação entre as duas organizações. A dicotomia provocada pela discussão estratégica, no entanto, voltou a nos separar tão logo este momento foi superado. A título de exemplo gostaria de observar que a Corrente e a POLOP chegaram a constituir uma comissão responsável para iniciar um processo de unificação. Havia até um grupo de trabalho onde a nossa representação era dirigida pelo Mario Roberto Galhardo Zanconato, o XUXU e, nela, o Ângelo Pezutti comandava o grupo que representava a POLOP. No Colégio Estadual de Belo Horizonte, chegou a ser feita uma experiência de unificação das bases das duas organizações. O processo morreu ao chocar-se nos entraves das posturas estratégicas.¹⁷⁸

A Corrente ajudava na distribuição, em portas de fábrica, do jornal *O Metalúrgico* jornal oficial do sindicato também controlado pela organização. O grupo mineiro editava na

¹⁷⁷ Entrevista de Ricardo Apgua. [Mensagem Eletrônica], 5 de junho de 2008.

¹⁷⁸ Idem.

Cidade Industrial de Contagem o *1º de Maio* cuja elaboração e distribuição estavam sob a responsabilidade de Hécio Pereira Fortes. A POLOP publicava o *Piquete*, embora sempre tenha dominado uma colaboração estreita entre os responsáveis pelos jornais. O *1º de Maio* era rodado no Diretório da Escola de Minas, a partir da cooperação do militante José Júlio Araújo. Mais tarde, já no interior da ALN, seria editado o *Guerrilha Operária*.¹⁷⁹

Ricardo chegou a participar de reuniões com Toledo e Marighella no processo de aproximação entre a Corrente Revolucionária de Minas e o Comitê Estadual de São Paulo. Rompendo com o partido, os dois dirigentes da ALN também costurariam esses apoios num momento seguinte.

Sônia era ligada às bases operárias da organização e desenvolvia um trabalho em Divinópolis, cidade do Triângulo Mineiro. Também mantinha trabalho político em Morro Velho, Nova Lima, onde havia um forte agrupamento do partido comunista. A intenção era sempre ganhar esses operários para a luta armada. A região era composta de gerações e gerações de mineiros que viviam em precárias condições de trabalho.

Indispensável destacar aqui que a greve dos metalúrgicos de Contagem (1968) teve à frente a militante Conceição Imaculada de Oliveira, ligada ao sindicato da categoria.

A Corrente atuava no movimento estudantil de Juiz de Fora, Governador Valadares, Ouro Preto e Belo Horizonte. Embora sem penetração no campo, houve uma tentativa de inserir quadros na região de Montes Claros, conhecida por seus conflitos de terra, infrutífera entretanto, pela própria atuação da repressão, que obrigou os militantes mineiros a se dispersarem para Rio de Janeiro e São Paulo, cidades que possibilitavam uma maior cobertura dos quadros clandestinos¹⁸⁰.

Outra militante da Corrente e também estudante, como Hécio, da Escola Federal de Minas Gerais, onde fazia curso de desenho industrial, foi Marília Angélica do Amaral. Embora não tenhamos conseguido encontrá-la e dos rumores que não morasse mais no Brasil, as notícias sobre ela indicam que, ao fugir das prisões que recaíram sobre a Corrente, Maria Angélica refugiou-se no Uruguai e de lá, após recontatar a ALN, foi para Cuba participar de treinamento guerrilheiro, fazendo parte do III Exército.

¹⁷⁹ Cf. PIMENTA, Edileuza. *Trabalhador: arme-se e liberte-se: A Ação Libertadora Nacional e a resistência operária pela luta guerrilheira*. 2007. Monografia. (Graduação em História) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2007.

¹⁸⁰ APERJ, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Secreto-pasta 104, fls. 397, maço 2-56, cx 598. Entrevista de Sônia Maria Ferreira Lima, Ouro Preto (MG), 29 de fevereiro de 2009. Ricardo Apgua. [Mensagem Eletrônica], 5 de junho de 2008.

2.3.6 Não dava para ficar de braços cruzados...

Neta de italianos que se estabeleceram em Jarinu, cidade do interior paulista, Nair Benedicto é a oitava filha de um casal de operários. Seis mulheres e um homem, todos nascidos no interior. Dona Maria, sua mãe, esperava ter em Nair o caçula da família. Para sua frustração, nasceu mais uma menina.

A infância toda de Nair foi passada próxima à Praça João Mendes, local da sede do *Hoje*, jornal comunista. Nair recorda-se das inúmeras vezes em que foi acordada pela mãe de manhã, para ceder o quarto aos jornalistas que procuravam abrigo em sua casa, após o empastelamento do jornal. Para ela, ainda criança, isso era sentido como um sinal de aventura. Tendo que dividir uma só cama com todos os seus irmãos, para dar lugar àqueles estranhos, a cena não deixava de ser encarada, às vezes, com certo desagrado pela frequência com que acontecia. Nair se perguntava: *de novo a polícia?*

Outra coisa que ela se questionava: porque numa família cheia de mulheres, o homem tinha sempre a primazia?

A necessidade de se afirmar nesse ambiente como mulher aliada às constantes visitas inesperadas levaram Nair naturalmente ao caminho político.

Órfã de pai muito cedo, Nair acompanhou a batalha da mãe para criar todos os irmãos. Dona Maria trabalhava incansavelmente de manhã, à tarde e à noite. Os filhos cresceram todos muito reivindicativos, como era de se esperar numa família de origem operária, na qual a contestação estava sempre mais ligada à sobrevivência e à luta diária do trabalhador do que a quaisquer veleidades intelectuais. Fazia parte do dia a dia.

Nem por isso a estrutura familiar não estava voltada ao prazer: sua mãe adorava dançar, e quando saía deixava os filhos com o marido, que se encarregava deles até ela voltar. Nair com três anos escutava surpresa as histórias que suas irmãs mais velhas lhe contavam, *ah, a mamãe foi a primeira pessoa que cortou os cabelos em Jarinu. A mamãe gostava de dançar, então ela ia dançar e o papai ficava com as crianças.*

Aos poucos Nair ia incorporando valores e exemplos, que teriam consequências posteriores em sua vida. Da mesma forma que seus pais a faziam sair da cama para dar lugar àqueles que necessitavam de abrigo, Nair seria movida anos mais tarde pelo mesmo sentimento de solidariedade que a fariam se aproximar de Carlos Marighella, Joaquim Câmara Ferreira, Virgílio Gomes da Silva, Lauriberto Reis, Antônio Benetazzo e tantos outros.

2.3.7 Agora chega dessa brincadeira, vamos brincar de outra coisa!¹⁸¹

Guiomar Silva Lopes, a comandante *Maria* do Grupo Tático Armado (GTA) vivenciou toda a euforia do governo Jango em 1961. Nascida em 1944, tinha 16 anos. Morava no Sumaré com os pais e a irmã, e convivia com pessoas do partido. Sua formação, acredita, partiu desses contatos estabelecidos durante a adolescência, cuja influência intelectual e política foi muito importante para seu engajamento. A cada discurso de Luís Carlos Prestes, Guiomar estava presente. Era figura constante também nos encontros organizados pelo partido no Sindicato do Parque Dom Pedro. Desde esse momento Guiomar já participava das ações de agitação política, típicas do movimento estudantil daqueles anos, como pichações, distribuição de panfletos, etc. Era secundarista. Nunca esteve matriculada em internatos ou escolas religiosas, como muitas de suas companheiras de armas, como veremos, já que seu pai era um agnóstico, mas estudou na tradicional escola Caetano de Campos, que na ocasião não tinha grêmio estudantil organizado. De lá fazia Colégio Bandeirantes, o único caminho, como acreditava, para passar no vestibular de medicina. Com o golpe civil-militar, assistiu à perseguição de seu núcleo de amigos e a uma série de arbitrariedades.

Ao mesmo tempo em que ingressava na Santa Casa no ano 1965, acompanhava perplexa o dismantelamento das estruturas partidárias, os Atos Institucionais, as cassações e perseguições. A Frente Ampla se organizava numa tentativa de oposição. Com efeito, depois do golpe, as pessoas começaram a ter *cara de partido*, como disse Cidinha Santos. No ano seguinte, Guiomar já se integra à dissidência estudantil estabelecendo discussões, participando de reuniões e passeatas, e procurando outras estratégias de luta. Régis Debray, Mao Zedong introduzem os debates que se seguirão em 1967. Momentos esses, de reflexão e de mudanças, que modificarão definitivamente sua vida.

¹⁸¹ Era o que uma presa política dizia ao passar pelo Presídio Tiradentes, registrada em carta de Guiomar para a irmã. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais. Processos 100 e 102.

2.3.8 Porque eu era muito forte, sabe? Não sou mais não¹⁸²

Maria Aparecida Baccega tomou consciência da desigualdade social no ginásio. Filha de pai italiano fascista e de mãe semianalfabeta, Baccega entrou na mesma escola em que estudava a filha do Prefeito. No exame de admissão passou em primeiro lugar. A filha de um operário morador da Vila Tibério, em Ribeirão Preto, começou a perceber a diferença. O fato de ser desconhecida da classe alta e entrar como primeira na lista de aprovados gerou um escândalo. Como uma filha de operário iria dividir a mesma sala de aula com a filha do prefeito? Não podia. Saiu no jornal. A escola estadual naquele tempo tinha suas “reservas de mercado”. Só rico estudava. Pobre tinha que trabalhar. Não foi fácil para Baccega convencer o pai de que ela precisava ir para a escola, ele preferia que a filha abrisse uma oficina de costura. Sua mãe, já no leito de morte, conseguiu convencê-lo de que a filha iria estudar. E assim foi feito, como conta Baccega,

Eu tenho uma história muito simples. Eu tenho 65 anos hoje, eu nasci em 1943 portanto, em 53 eu estava prestando exame de admissão. Eu sou filha de italiano imigrante e meu pai tinha até o 2º ano de grupo mas ele veio da Itália já com o 2º, 3º ano de grupo. Então a visão dele sempre foi mais aberta, ele sempre leu jornal. Ele era politicamente estruturado à direita, como todo italiano que vivia aqui era fascista porque o Mussolini fez coisas maravilhosas na Itália para eles, segundo eles, porque o Mussolini mandava uns caras aqui dizer que agora eles seriam protegidos. Os italianos sofreram muito, mas isso é outra história. Minha mãe era semianalfabeta, ela mal sabia assinar o nome e então eu fiz o Grupo escolar no bairro onde eu morava que se chama Vila Tibério. E eu prestei, na minha casa meu pai não queria de jeito nenhum que eu estudasse, ele achava que mulher tinha que aprender a costurar, abrir uma oficina. E, mas a minha mãe estava muito doente, como de fato veio morrer logo que eu entrei no ginásio e ela pediu para ele que ele deixasse, então eu prestei a admissão, não sei porquê, não sei, quando eu digo não sei, eu não sei mesmo, eu passei em primeiro lugar. Isso foi um escândalo na cidade, saía no jornal. Porque a escola do Estado era só para rico entende? Então eu uma menina que sempre viveu num bairro operário sobretudo italiano, porque a minha família é toda italiana que vai para um lugar onde só tem rico. Quer dizer um negócio totalmente absurdo e mais, havia três tipos de classe, a masculina, a feminina e a mista. A mista era onde estavam os alunos menos competentes digamos assim, então eles faziam uma classe mista. A turma masculina era mais forte e eu entrei na feminina. Então eu caio lá não é? Evidentemente eu tinha ideias dessa diferença social porque... mas eu não vivia essa diferença social, eu não vivia isso, até entrar no ginásio. Aí eu entrei no ginásio e comecei a viver isso, que é bem diferente de você saber, é bem diferente. E ao mesmo tempo eu começo a viver isso e achar que não era bem por aí, que essa coisa não devia ser assim, porque eu tinha por outro lado algumas amigas na escola primária que eu achava mais inteligentes do que eu, uma delas se chama Eliana Boschini, acho que está viva. Eu era fã da menina sabe e ela não foi para lá e tinha umas burras do meu lado, umas burras assim, que passavam porque eram filha do Prefeito. Aquilo começa a mexer com a tua cabeça.

¹⁸² Entrevista de Maria Aparecida Baccega, São Paulo, 10 de novembro de 2008.

Eu tinha 11 anos sabe? Aquela história por que que isso é assim? Isso está errado. Você fica meio no está errado¹⁸³.

Logo passa a participar da organização do grêmio estudantil Olavo Bilac. Era a época em que as escolas do Estado fervilhavam de acontecimentos. Baccega começa então a se destacar na sala de aula, e a pedido da professora a substitui nas aulas de português da primeira série ginásial. Concomitantemente às aulas, militava fazendo campanha para a eleição da chapa do grêmio estudantil. O convite para entrar no partido não tardaria, como ela declara,

Aí finalmente chega o grande dia em que alguém chega pra você com o partidão, se eu queria ir a uma reunião e aí eu fui. A reunião era uma reunião que lia os *Novos Rumos* e discutia [...]. Aí depois disso é que eu fui convidada a participar, aí no dia que você é convidada, aí tem o cara, aí vinha, tudo isso era um ritual, vinha o cara que era responsável pela cidade, pela região não é, nesse caso era o Irineu que ficou super meu amigo. É, aí vem o Irineu e aí vem aquela conversa séria com você. Era séria assim. Você tinha que se despojar, era uma coisa meio religiosa. Você tinha que se despojar, você tinha que saber se fosse necessário ir para um outro lugar, por algum motivo, uma tarefa etc., você tinha que ir, se você estava disposta a isso, se não tava, uma coisa bem... coisa bem... hoje eu acho, na época eu não achava não é? E foi assim que eu entrei, entrei no Partidão, fiquei no partidão dos 15 anos até, eu nasci em 43, eu fiquei até 67 que é quando teve o racha da ALN. Isso com 20 anos, participando muito sempre¹⁸⁴.

Baccega continuou fazendo política estudantil até entrar na Universidade. Foi eleita secretária de organização e foi secretária de política durante a faculdade. Era aluna da primeira turma do Direito em Ribeirão Preto e havia feito Normal. Vendia o jornal *Novos Rumos* na Universidade, e realizava panfletagens distribuindo material sobre a carteira dos alunos. Recolhia dinheiro para o partido e participava com frequência das festas que ele organizava.

Conheceu seu companheiro Antônio Granville Ponce na Faculdade de Direito em Ribeirão Preto antes de ser preso em 1964. Baccega foi visitá-lo no Quartel da Força Pública de Ribeirão Preto. Não sabia, porém, o que o futuro lhe reservava: dois anos depois, já em São Paulo, ela faria o mesmo caminho.

O golpe de 64 tornou a vida de todo mundo muito difícil. Todos somem por um tempo da Universidade. Na volta, Baccega tem que escutar sermão do professor anticomunista. Ribeirão tinha ficado pequena para ela. Além disso, havia rumores na cidade da existência de um navio-prisão. Órfã de mãe muito cedo, Baccega escutava da tia: *você tem quem ir embora!*

¹⁸³ Entrevista de Maria Aparecida Baccega, São Paulo, 10 de novembro de 2008.

¹⁸⁴ Idem.

E foi isso que fez. Trocou Ribeirão Preto pela capital, e foi seguir o curso de pós-graduação em Direito. Professores: Miguel Reale e Alfredo Buzaid. Não ficou muito tempo. Na cidade grande conviveria com as dificuldades e com a dimensão geográfica da capital. Tomar ônibus para trabalhar não era uma realidade que fazia parte de sua vida no interior. O ônibus não ter horário era outro complicador. Morava em pensionato e muito sem dinheiro, comia macarrão misturado à farinha de mandioca para forrar o estômago. Tentava saltar antes do ônibus para não pagar a passagem, expediente muito usado pelos estudantes em seus truques de sobrevivência nas grandes cidades.

Em São Paulo organizou e participou de passeatas. Trocou a pós-graduação pela militância na base do Partido Comunista em Osasco, onde trabalhou como diretora de uma escola. Tudo se passou muito rápido, até a prisão de Granville. O relógio, a partir de então, marcava diferente.

CAPÍTULO 3

Forças da conservação em choque: a constituição de lugares de resistência

3.1 A igreja e o movimento católico

Tentar compatibilizar revolução com apostolado não parece ter representado grandes dificuldades para essa geração. Nenhuma contradição parece ter existido entre as duas linhas para alguns militantes, numa igreja que estava cada vez mais voltada ao pobre, unindo assistencialismo às ideias de esquerda. Com efeito, percebemos que uma parcela considerável de mulheres da ALN teve contato com o *humanismo cristão* da Ação Popular ou foi influenciada pela formação que tiveram em colégios religiosos. Era o momento em que se dizia que todo cristão não podia fugir ao seu compromisso com a sociedade e cabia a ele dar sua contribuição para melhorá-la. A militância, ainda que de viés religioso, foi a consequência mais direta dessa ideia. As propostas mais progressistas da igreja vinham de encontro a uma juventude cada vez mais mobilizada politicamente. E as influenciariam ainda mais a continuar nesse caminho.

O próprio surgimento da Ação Popular, como afirmou Maria Auxiliadora Arantes, militante da AP, “[...] foi fruto da iniciativa de um grupo de líderes dos diversos movimentos da Ação Católica, irritados que estavam com parte da hierarquia da Igreja, que não aceitava as posições progressistas do grupo”¹⁸⁵.

O professor Marcelo Ridenti realizou uma ampla pesquisa sobre a evolução política da Ação Popular no Brasil, demonstrando que sua adesão ao marxismo-leninismo se deu no ano de 1968, apesar de ser produto da Ação Católica, que aglutinava em seu início boa parte da intelectualidade católica conservadora.

Como ele afirmou,

A AP surgiu em 1962, embora o ato formal de fundação só viesse a ocorrer em 1963, em Salvador. Estava implantada principalmente no movimento estudantil, no qual manteve a Presidência da UNE e de muitos centros acadêmicos e outras entidades representativas locais e regionais durante os anos 60. Gestou-se em particular no interior da JUC, que

¹⁸⁵ ARANTES, Maria Auxiliadora A. de. *Pacto Re-velado: psicanálise e clandestinidade política*. São Paulo: Escuta, 1994, p.26.

mostrara sua força política organizada no XXIII Congresso Nacional dos Estudantes, em 1960, quando compôs a chapa eleita para a diretoria da UNE com outros grupos de esquerda. Entretanto, cabe lembrar que além da JUC, da JEC e de outros movimentos católicos predominantes nas origens da AP, a organização bebeu de outra¹⁸⁶.

Comer junto, trabalhar junto, lutar junto, era essa a concepção da Ação Popular (AP) que aconselhava aos seus militantes a chamada “integração na produção”. Seus quadros deveriam se deslocar para o campo ou para a indústria, trabalhando como posseiros, pequenos proprietários ou como operários nas grandes indústrias do país, num processo de aprofundamento da consciência política do militante através do contato, na prática, com os trabalhadores, em benefício de quem estavam lutando¹⁸⁷. Como disse Francisco Negrini Romero, militante da AP que passou em seguida para a ALN,

[...] eu comecei a militar na Ação Católica. Eu considero a Ação Católica, foi a minha iniciadora de poder pensar e agir, que eles tinham uma linha que era ver, julgar e agir [...] Entrei na Ação Católica, e através das reflexões... porque não era só refletir o evangelho, a ação, a vida pessoal, mas era a militância estudantil, [...] o militante tinha que fazer algum trabalho, algum trabalho de conscientização¹⁸⁸.

A ALN chegou a deslocar militantes para o campo e para as fábricas, mas numa estratégia política diferente da Ação Popular. O objetivo era a criação de uma Coluna Guerrilheira que seria formada com o apoio dessas pessoas dispersas pelo país. Não havia, salvo engano, qualquer intenção de deslocar militantes para adquirirem uma “consciência social” mais robusta, nos lugares de origem de conflitos ou em regiões muito pobres. Havia sim, é claro, leituras, a preparação para a luta, e a disposição dos militantes envolvidos na realização de trabalho político: conscientização dos trabalhadores, leituras, treinamentos militares, etc. A revolução pedia a cada militante aquilo que ele fosse capaz de fazer por ela. Essa era a concepção principal da ALN.

Tereza Poggi, italiana radicada no Brasil desde 1965 para participar dos trabalhos sociais desenvolvidos por Dom Hélder Câmara, trabalhou cinco anos junto ao Bispo. Deu apoio a feridos e pessoas perseguidas naqueles anos, porém sem vinculação direta a nenhuma organização armada. Sua conscientização política deu-se primordialmente a partir do viés religioso. Tereza, em entrevista concedida, afirmou que prestava colaboração, não porque

¹⁸⁶ RIDENTI, Marcelo S. Ação Popular: cristianismo e marxismo. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (orgs.). *História do marxismo no Brasil*, 5. Partidos e organizações dos anos 20 aos 60. Campinas: ed. da Unicamp, 2002, p. 17.

¹⁸⁷ A experiência dos revolucionários do Vietnã foi resumida por Ho Chi Minh na conhecida política dos três preceitos, que assim se enuncia: viver junto, comer junto e trabalhar junto. Esta identificação é tão importante que a Igreja Católica a adotou para sua pastoral operária com a experiência dos padres operários.

¹⁸⁸ Entrevista de Francisco Negrini Romero, Piracicaba (SP), 2 de maio de 2010.

tivesse uma ideologia política, mas movida essencialmente por humanismo. Esteve, contudo, muito ligada ao MEB (Movimento de Educação de Base), que desenvolveu um importante papel de conscientização. O MEB, segundo Ridenti, era essencialmente educativo em sua origem, sem ter qualquer vinculação política. No entanto, como o sociólogo afirma, “não obstante, no início dos anos 60, o MEB constituiu-se num espaço de atuação para católicos de esquerda, que procuravam conscientizar e politizar especialmente o povo do campo durante o processo de aprendizagem”¹⁸⁹.

Moema São Thiago, por exemplo, durante a faculdade, acompanhava o grupo de alfabetização de Dom Fragoso. A ida aos Estados Unidos tinha provocado grandes transformações em sua visão de mundo.

[...] começo a me envolver com movimento de teatro e que o Frei Dom Fragoso vai então fazer em 1968, que foi o AI-5 não é, a gente ia fazer um trabalho de teatro na área do Dom Fragoso, e ele recebia um pessoal de alfabetização, conheceu o CEU [...] o Centro Estudantil Universitário, ia fazer vários grupos de alfabetização e eu ia pelo grupo de teatro. O grupo de teatro que apoiava o trabalho de alfabetização, [...] continuei no grupo, e íamos fazer teatro com Dom Fragoso, aí teve o AI-5, e o grupo de setenta e cinco pessoas que ia fazer alfabetização caiu para quatro pessoas, e eu fui uma das quatro [que permaneceu]. E por conhecer a realidade do interior, da seca, o trabalho de Dom Fragoso, foi um outro mundo pra mim, então quando eu voltei dos Estados Unidos eu voltei muito mais engajada, entende?¹⁹⁰

O pensamento cristão, contudo, pode ter influenciado diferentemente essas mulheres. As ideias cristãs não chegavam necessariamente para elas pela sua militância na AP. Nem todas mantiveram vínculos com o grupo. O espírito de solidariedade, o despojamento de si em relação ao outro, podem ter chegado por vários outros veículos, como é natural na sociedade: a escola, partidos, igrejas.

Maria Lygia Quartim de Moraes, por exemplo, foi despertada pelo trabalho de assistência social desenvolvido por sua tia Nadir Kfoury, fundadora do Partido Democrata Cristão, mesmo partido do ex-presidente Jânio Quadros. Seus pais não militavam, embora sempre tenham dado muito incentivo aos filhos. Sua visão de esquerda, como disse, foi muito atravessada pela visão cristã, adquirida em colégio interno. Uma visão, como afirma, cheia de maniqueísmos. Estudante num Colégio de Freiras, aproximou-se das irmãs mais progressistas da escola, e descobriu na leitura de Simone de Beauvoir um caminho de libertação. Como ela afirma,

¹⁸⁹ RIDENTI, 2002, p. 21.

¹⁹⁰ Entrevista de Moema São Thiago, Brasília, 11 de julho de 2010.

Minha família, tinha uma ligação até longínqua com política. Na verdade eu tinha uma tia que era militante de esquerda, da esquerda católica, Nadir Kfoury e um pouco por influência dela. Ela foi fundadora do PDC Partido Democrata Cristão, então meu pai também entrou nisso, eu me lembro de criança distribuindo coisinhas, o ano em que a Democracia Cristã ela se consolidou como Partido, o Jânio Quadros que não tinha legenda entrou para Democracia Cristã, então o Partido que não era nada de repente estava... Então é essa por um lado, por outro lado claro, essa tia foi de uma influência fundamental e ela era realmente cristã revolucionária. Agora, na minha própria casa não, os meus pais eram, principalmente meu pai, muito crítico, um homem inteligente, lia muito, era um ambiente de muita crítica, meu pai fazia crítica da família burguesa, ele adorava a família burguesa, mas ele era um crítico, você entende? Assim, um vício de um bando, então ele tinha uma crítica muito forte e eles tinham, digo meu pai e minha mãe, eles tinham uma relação de muito apoio, porque pensando bem era até um pouco exagerado, porque sempre tinham razão os filhos. Porque eles achavam que se havia algum problema na escola, era que a escola é que não prestava, então nós estávamos sempre certos, sempre deram muita força. A maior influência que eu tive na verdade acho que foi a leitura de Simone de Beauvoir, foi uma coisa assim extraordinária eu me lembro, porque eu estava num Colégio de freira como era o costume e tinha lá algumas freiras mais avançadas, e eu, e tinha um, e eu digo sempre na verdade a predisposição para você colocar no lugar de cuidar, a boa predisposição é quando você faz isso movida por um sentimento que o Enicot chama de reparação não é? Ele fala que as crianças que foram amadas assim, muito cuidadas, têm essa predisposição, têm naturalmente essa tendência de alguma forma tentar reparar. Em português dá um mau sentido, mas assim no sentido de retribuir, prefiro a ideia de retribuição do que reparação. Só que acontece o seguinte, tudo aquilo que eu sentia em relação à coisa do outro, com uma visão cristã, enfim que era toda uma simbologia senão toda ela... eu passei isso para a esquerda. Então a minha primeira visão da esquerda era uma coisa assim, do bem e do mal, socialismo como bem, fazia o paraíso na terra, era uma... na verdade tinha toda uma ligação¹⁹¹.

O ambiente dos internatos pode ter colaborado também, o que é bem plausível, para o desejo de modificação de costumes por parte dessas mulheres. Embora não sendo considerada por algumas dessas entrevistadas como uma das motivações principais para sua militância política, a passagem por esses lugares foi ocasião de se defrontarem, em maior ou menor grau, com o pensamento conservador da Igreja ou, em alguns casos, com linhas até mais progressistas (especialmente se pensarmos na sensível transformação da Igreja naqueles anos).

Norma Leonor Hall Freire, por exemplo, jornalista da revista *Realidade* afirma que antes de qualquer tipo de ideologia, o despertar de uma *consciência feminina* parece estar na base de seu desejo de mudança. Foi educada no ambiente conservador de um Colégio de Freiras, do qual foi expulsa por transgredir o regulamento, “[...] teve uma freira com lencinho que passava para ver seu eu estava com o olho pintado. Eu já estava terminando... e aquilo me

¹⁹¹ Entrevista de Maria Lygia Quartim de Moraes, Campinas (SP), 17 de setembro de 2003.

desagradou e eu devo ter dado uma resposta e aí e chamaram meus pais para assinarem um papel [...] para que eu respeitasse determinações da escola, tanto dentro como fora”¹⁹².

Norma não queria viver a realidade da mulher prendada dentro de casa. Tinha ânsia, portanto, de conhecer a vida e de romper com esse modelo de pensamento.

Um percurso similar ao de Maria Lygia parece ser o de Ana Corbisier, desde garota muito influenciada pelos trabalhos assistencialistas realizados pela tia na Favela da Vila Altino.

Ana tinha 11 anos quando começou a demonstrar preocupação com a desigualdade, com a pobreza, e com as diferenças. Claro que uma preocupação nitidamente atravessada por sua formação católica. Originária de classe média, era a *prima pobre de família rica*, e viveu dentro de casa toda a contradição de não ter dinheiro, apesar do pai professor (Roland Corbisier), da família manter graus de parentesco com a família Mesquita, proprietários do Jornal *O Estadão*, e com almirantes da Marinha no Rio de Janeiro.

[...] meu pai era professor, ele não queria que minha mãe trabalhasse, então ela bordava, fazia unha para a família, ela fazia um monte de coisa para a família, porque a família tinha muito dinheiro, então eu sou prima pobre de família rica e então sempre convivi com a diferença e na favela então que essa diferença aparecia mais ¹⁹³.

Impedida de trabalhar também pelo marido, com quem se casou aos 18 anos, Ana passou a ajudar uma associação chamada OAF (Organização de Auxílio Fraternal), uma instituição de mulheres abandonadas pelos maridos. Começou a desenvolver esse trabalho assistencialista fazendo doações de cestas básicas, enquanto cursava Ciências Sociais na USP. Era o ano de 1959. As conversas em sala de aula começam paulatinamente a desestimular seu trabalho junto a essas mulheres. Surge para Ana a necessidade de construção de um pensamento diferente que consiga modificar em maior profundidade a situação dessas mulheres. Como ela afirma,

[...] eu ficava desesperada, porque toda semana eu dava uma cesta básica para elas e na outra semana tinha que dar outra cesta básica e aquilo não avançava em nada e teve uma que me disse, seis dias por semana eu trabalho e no sétimo eu peço esmola, e eu pensei quem sou eu para dizer para ela não pedir esmola... pedir esmola era pedir roupa, era complementar a renda dela, era o jeito dela ter, porque com o trabalho ela conseguia manter os filhos todos. Então eu comecei e na faculdade só ouvia, precisa mexer nas estruturas, eu não tinha a menor ideia do que que era isso, então eu disse, eu acho que o

¹⁹² Entrevista de Norma Leonor Hall Freire, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

¹⁹³ Entrevista de Ana Corbisier, São Paulo, 29 de abril de 2010.

buraco é mais embaixo, que não adianta ficar fazendo esse tipo de trabalho, eu acho que no fundo tinha a ver com a coisa da igreja¹⁹⁴.

Sua militância começa então ligada à Igreja e seguindo na linha da Teologia da Libertação. Ana participa muito de todas as atividades promovidas pelos dominicanos, assiste a cursos de Frei Carlos Josaphat, e realiza a distribuição nas ruas do jornal *Brasil Urgente*.

Nessas circunstâncias, já está casada e com dois filhos, tendo que conciliar o trabalho de casa, com amamentação, trabalho político e universidade. Com tanta tarefa, nem consegue se dedicar ao movimento estudantil como pretendia, apesar de estar sempre à procura de vínculos mais fortes. Seu contato com quadros supostamente do partido comunista acabam selando sua entrada na ALN.

Observa-se também que são numerosas as militantes que nesses anos se dedicaram a trabalhos sociais. Muitos deles estavam ligados a campanhas de fraternidade das igrejas, ou a associações da sociedade civil. O trabalho de assistência social envolvia doações de cestas básicas, aulas de alfabetização nos subúrbios, recreação para as crianças, servindo muitas vezes como canal de mobilização política aos moradores.

É importante destacar que um trabalho profícuo da Igreja Católica começou a ser realizado no Brasil no início dos anos 1960, com a implantação das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) que, além de levar o evangelho, reuniam em torno de si pessoas pobres da periferia das cidades, trabalhadores do campo para realizarem um trabalho de conscientização política. A AP e o MEB tiveram uma forte relação com as CEBs, e alguns autores acreditam mesmo que a atuação do Movimento de Educação de Base teria sido o embrião dessas Comunidades. Cogita-se também que a Ação Popular em sua diretriz de integração social do estudante à vida do operário e do camponês também pode ter estimulado o surgimento das CEBs. De qualquer maneira os três instrumentos (MEB, AP, CEBs) estavam fortemente influenciados pela Teologia da Libertação e pelas ideias progressistas da Igreja formuladas desde o Concílio Vaticano II e o encontro em Medellín.

Tânia Mendes lembra-se com humor da presença dos seminaristas no Colégio Américo Brasiliense na primeira vez em que estudou em escola mista,

O Colégio Américo Brasiliense, que abriu, ele já era mais avançado, então as salas eram mistas [...] Nós demos o maior azar porque a sala era mista, mas todos os alunos eram seminaristas. Entendeu? Todos, certo? E a gente, não é possível! Na sala estava o Pedro Anibal Droba. Eles tiveram uma militância mais no sentido dos movimentos sociais mesmo, e não das organizações. Todos eles têm uma história não é? Mesmo ligados às

¹⁹⁴ Entrevista de Ana Corbisier, São Paulo, 29 de abril de 2010.

Comunidades Eclesiais de Base, ou como professores, mas muito mais na linha dos movimentos sociais, das Comunidades Eclesiais de Base até porque eles já estavam no seminário. Nenhum virou padre, certo? Mas tiveram uma militância da igreja, da igreja, da Teologia da Libertação. Eles eram aliás, eles estavam assistindo aula fora do seminário num colégio público que já era a visão da Teologia da Libertação [...] Eles tiveram uma vida diferenciada. Ao que me conste do meu colegial clássico, só eu que mudei de companhia¹⁹⁵.

Ainda seguindo o Curso Normal, Arlete Diogo também realizou educação de jovens na Favela da Vila Prudente. Passou dois anos realizando essa atividade até entrar na Universidade. Procurava mecanismos de inserção na massa. Não teve, contudo, relação com a Ação Popular. Seu aprofundamento político, segundo diz, se realizou no cursinho Equipe em São Paulo¹⁹⁶.

Darci Toshiko Miyaki foi outra militante da ALN que frequentou colégio religioso. Estudava no Maria Imaculada em São Paulo, e participava, no colégio, da Cruzada Eucarística Infantil. Foi lá que percebeu o tratamento diferenciado entre as estudantes: as internas, órfãs ou aquelas que não tinham condições de pagar os estudos trabalhavam para aquelas de maior poder aquisitivo. Às pobres eram sempre destinados os serviços domésticos, enquanto às ricas era dado outro tipo de tratamento. Era o primeiro despertar de Darci para as injustiças do mundo, que teria ainda que esperar as influências de um anarquista catalão para se converter em prática política.

Anunciava-se então para essas mulheres um outro horizonte de participação que se sobrepunha ao universo religioso, ou tentava acomodá-lo de alguma maneira à urgência da revolução. Ou negá-lo completamente, como aconteceu com algumas militantes.

Lídia Guerlenda, militante do grupo armado na ALN, descreve a dificuldade que teve para romper com sua formação religiosa quando passou a militar. Estudante do Colégio Maria Imaculada Dr. Piero Roverse, ela afirma que levou um ano para resolver a questão da existência de Deus,

Foi um ano onde, pela primeira vez eu estudei a Bíblia, todas as noites; onde, pela primeira vez, eu pego os quatro Evangelhos para ler direito. Sozinha, sem discutir com ninguém, pensando e enfrentando missa. Eu ia à missa ficava observando as pessoas e me perguntando: por que será que essa veio? E essa outra, qual a motivação? Aquele outro, será que ele crê? Até que, no final do terceiro científico, essa questão da não existência de Deus fica resolvida para mim com muito sofrimento. Na realidade ela teve dois anos de gestação: um, com muita discussão, muita argumentação, muita falação e, mais um, de reflexão muito sofrida. Eu comparo esses dois anos, em termos de sofrimento reflexivo,

¹⁹⁵ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

¹⁹⁶ Entrevista de Arlete Lopes Diogo, São Paulo, 12 de junho de 2010.

ao sofrimento que foi analisar o processo de luta armada, lá em Cuba. [...] Para eu me tornar agnóstica, não foi fácil, foi um parto!¹⁹⁷

Anos antes porém, Lídia era obrigada a fazer trabalho de escola contra o comunismo,

[...] Comunista, a gente já sabia, mais ou menos, o que era, porque a escola, em 1963, tinha promovido a realização, entre os alunos, de dois trabalhos: o primeiro, contra o divórcio. [...] Pouco tempo depois, realizamos o segundo trabalho, que era contra o comunismo. A gente pesquisava onde? Na revista *O Cruzeiro* e no jornal *O Estadão*. Íamos lá para a cidade, para o centro da cidade, de ônibus pesquisar aqueles artigos do David Nasser, aquelas coisas horrorosas. Copiava aquilo como sendo a verdade mais pura. “O comunismo acaba com o direito paterno aos filhos, é contra a família, proíbe a crença em Deus”. [...] Essa coisa inclusive, de fazer trabalho contra o divórcio, contra o comunismo, já era nitidamente, preparação para o que vinha depois: o golpe militar¹⁹⁸.

Darci Miyaki também passou pelo mesmo processo de negação de Lídia Guerlenda, como se verifica de seu depoimento,

[...] eu entro numa fase em que eu passo para uma fase de negação, negação do catolicismo porque eu quando criança até ir para o pensionato Maria Imaculada, eu era obrigada a assistir missa todo dia, e todo mundo levantava cinco e meia, seis horas da manhã, para ter que assistir missa, sabe, antes de comer, rezava, depois de comer, rezava, então começa uma fase em que eu nego tudo isso [...]¹⁹⁹

Muitas vezes o ambiente conservador e/ou anticomunista vivido dentro dessas escolas definiriam outro tipo de conduta de seus alunos. Moema São Thiago, estudante de colégio religioso, afirma que foi a partir da escola que mudou a relação que tinha com o comunismo,

[...] tem uma freira fantástica, a irmã Elisabete, que está viva no Ceará, que era uma freira e eu andava sempre, eu sempre andei com pessoas mais velhas do que eu [...] Nós começamos a seguir a irmã Elisabete, teve uma chuva, o Ceará tem o inverno e tem a seca, o inverno é a chuva muito grande, que caiu assim a rua, o colégio, caiu o asfalto tudinho, aí fizeram campanha para os pobres. Aí a gente foi ajudar o colégio vai e resolve numa cidade de praia, fazer uma piscina, e eu e outros colegas começamos a... A maioria das meninas tinha tudo piscina em casa, frequentavam clube com piscina, era uma cidade de praia, porque que o colégio ia gastar dinheiro fazendo piscina? Então essa freira foi afastada como comunista que estava fazendo a cabeça da gente como comunista, então é a época que eu mudo a relação do monstro vermelho do comunismo para a consciência social²⁰⁰.

¹⁹⁷ LIMA, Ruth. *Nunca é tarde para saber: histórias de vida, histórias da guerrilha*. 1998. Tese Doutorado (História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, p 333-334.

¹⁹⁸ Idem, *ibidem*, p 325-327.

¹⁹⁹ Entrevista de Darci Toshiko Miyaki, Indaiatuba (SP), 2 de agosto de 2010.

²⁰⁰ Entrevista de Moema São Thiago, Brasília, 11 de julho de 2010.

Maria Aparecida Costa, militante da Equipe de Fogo da ALN em São Paulo, estudou em escola religiosa antes de se incorporar à organização. Filha de pai ferroviário não sindicalizado, Cida não teve contato com o movimento secundarista, e sua militância foi se consolidando através de ações ligadas à JUC (Juventude Universitária Católica). Sua educação em casa também sempre foi muito voltada para o outro, como observa,

[...] uma sensibilidade para o outro, exatamente isso, minha mãe cumpria as funções que cabiam até então, era esperado não é, de uma mulher, também não tinha militância nenhuma, eu acho que eu fico pensando sobre isso eu acho que a origem mesmo vem assim, vem lá de trás, da escola. Eu, meu pai tinha uma preocupação assim, de que a gente estudasse e isso para ele era assim muito fundamental, tanto ele como a minha mãe acho que pelo fato de não terem estudado quando eram crianças, muito pelas condições de vida do interior, na roça, eles vieram para São Paulo e não tiveram a menor condição e meu pai tinha isso muito claro, que ele queria me dar uma boa educação, tinha que estudar pronto, e me colocou num colégio de freiras, freiras católicas não é? Salesianas em Santo André, enfim apesar de ser uma escola naquele tempo assim muito, como eu diria, muito mais voltada, uma preocupação muito mais com o pecado do que qualquer ato social, atividade social, preocupação social, eu acho que alguns valores do outro, acabam permanecendo e aí quando eu fui, eu entrei na Faculdade, nós não tínhamos militância nenhuma, nem de secundarista, em 1962 comecei em 1963, acho que primeiro ano, porque já havia assim um centro, eu tinha uma preocupação, mas não sabia explicitar, eu não sabia nem como colocar isso, mas era muito mais a nível de vida, de ajudar, essa participação [...] Participei do movimento universitário de desfavelamento então começo a ir pra favela conhecer *in loco* aquilo, então de alguma forma eu tinha uma certa ideia, tinha uma visão, mas nunca tive contato direto, então eu começo a me inserir em algum tipo de coisas assim²⁰¹.

Participou do Movimento Universitário de Desfavelamento quando entrou na Universidade em 1962, e acompanhava todos os comícios relacionados às Reformas de Base de João Goulart,

[...] além de favelas nós acabamos indo assim, tinha uma menina que era assim muito ativa, e ela participava de todos os comícios porque na época as reformas e tudo o mais, então eu comecei a ir, não me lembro assim se esse comício era ou não era, eu me lembro de um comício que era no Cine São José que existia aqui em São Paulo, cheíssimo, aquilo vibrava, era uma atividade incrível, discussões das mais variadas pessoas falando das mais variadas ideias, mas todo mundo querendo mudar, reforma... Aquilo para mim foi descortinando um mundo que eu não supunha, eu comecei a achar que era por aí mesmo, que havia que mudar, tinha muita coisa, de ouvir dizer não é, era muito mais do ponto de vista quase emocional, religioso, das pessoas sabe? E você começa a ver isso dentro de um contexto sócio-econômico. Bom, mas por que isso acontece? Isso é dado ou pode ser mudado? Então foi todo um despertar de coisas assim, e a efervescência na época da Faculdade, o tempo que se vivia era muito grande, era muito difícil eu acho assim, citando algumas sensibilidades, você de alguma forma você não ser tocado por isso, uns pelo mais, outros pelo menos, uns preferiam deixar de lado que estavam vendo, mas de alguma forma não tinha como você fugir desse ambiente, que era um ambiente de altas

²⁰¹ Entrevista Maria Aparecida Costa, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

discussões não é? Discussões políticas, discussões sobre a sua vida, o sentido da vida, desde muito cedo talvez até por uma questão sei lá da escola, da visão religiosa. Quem é você? Para onde você vai? Qual é o teu papel no mundo? Havia um enfoque que era todo cristão, apesar de ser um enfoque mais amplo, o que que você pode fazer enfim diante desse mundo que você está vendo? E aí entrei na JUC. Foi o que eu participei mais foi da JUC, e a JUC não podia deixar de sentir os reflexos disso tudo. Então com a JUC tinha, nós tínhamos muitas discussões, aquela visão do cristianismo aplicado²⁰².

Moradora do bairro Taquaral em Campinas, interior de São Paulo, Diva Maria Burnier militava junto ao Padre Milton Santana da Igreja Nossa Senhora de Fátima na cidade. Embora Diva ainda não soubesse, o padre integrava a Ação Católica. Costumava, entretanto, se reunir com ele e outros colegas, nos fins de semana. Encontravam-se na PUC (Pontifícia Universidade Católica) todos os sábados para discutir assuntos de interesse nacional, como desenvolvimento, subdesenvolvimento, áreas de estudos que também pertenciam às preocupações da Universidade.

Sobrinha do Brigadeiro da Aeronáutica Paulo Burnier, Diva era bibliotecária do Centro Acadêmico de Economia na Universidade Católica e ajudava na distribuição de documentos, xerocava textos, participava de passeatas estudantis até se transferir para São Paulo, onde pretendia fazer curso de mestrado. Em São Paulo dividindo apartamento com colegas no Edifício Copan, começa a ter contatos com pessoas da ALN, até aderir à organização, passando a atuar como apoio.

Movimentos assistenciais em favelas também influenciaram Albertina Pedrassoli. Seus pais não possuíam posições de esquerda, mas eram pessoas sempre muito informadas. Nascida no interior de São Paulo, na cidade de Fernando Prestes, fez até a quarta série do primário continuando seus estudos na cidade de Taquaritinga, onde fez o científico. Como ela lembra,

Lá eu estudei até os 17 anos, fiz científico e tudo e eu participava ativamente eu gostava, procurei e achei assim movimento ligado à igreja, foi a única coisa que... isso fazia parte de uma formação que eu tive pelo movimento religioso e de sair mesmo, de procurar fazer alguma coisa pelas injustiças, isso... os valores foram passados. Não foram passados assim, não eram, não tinham uma visão de esquerda, meu pai e minha mãe eram professores, meu pai também era uma pessoa que tinha estudado, inclusive no Dante Alighieri naquela época em 1930. Eram pessoas que tinham uma certa cultura e liam muito jornal. Mas não tinham nenhuma posição de esquerda, mas me passavam muito essa noção dos valores, de ajudar e assim que tudo começou. E lá em Taquaritinga também, eu tinha participação nesses movimentos de igreja, ir para as favelas, conversar com as pessoas, tentar fazer alguma coisa que nunca se faz mesmo nada, mas assim com essa visão. Em 1963 eu comecei a me envolver com o pessoal da AP, foi a época da... eu

²⁰² Entrevista Maria Aparecida Costa, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

comecei a perceber que era por aí mesmo meu caminho. E aí esse grupo era muito legal e a gente se reunia para fazer, para estudar, discussões política²⁰³.

Em 1966 Albertina deixa a cidade do interior para estudar em São Paulo. É na capital que continua sua militância na AP, participando da JUC enquanto segue curso de matemática na Universidade Católica. Liga-se ao Centro Acadêmico da São Bento e realiza panfletagens em bairros operários. Ficava na porta da fábrica distribuindo material,

[...] cinco horas da manhã, quatro horas da manhã ia para lá, eu lembro que nos íamos muito para Osasco naquele Brás, não lembro agora eu teria que rever o nome das fábricas que a gente ia panfletar. Geralmente era mais em Osasco mesmo. E íamos para Itanhaém, tínhamos uma casa lá que nós íamos passar o final de semana, é uma praia aqui não é? Lá para aquele lado Praia Grande, e lá a gente ficava fazendo estudos mesmo, a gente estudava. Leituras, discussões, reuniões. Interessante²⁰⁴.

Albertina participou também de muitas assembleias e manifestações. Acompanhava as passeatas da USP, da PUC, e onde houvesse protestos estava presente.

Afastou-se da AP e do movimento estudantil em 1969. Junto a sua amiga Vera Lúcia Xavier, aluga um apartamento, deixando a Casa do Estudante onde morava até então. Seu namorado à época, Fernando Casadei, estudante de economia em São Paulo, já vinha sendo muito procurado. Albertina passa, então, a servir como sua base de apoio na Ação Libertadora Nacional.

Oriunda também da Juventude Católica, Yara Gouvêa, na época estudante de Letras na USP, acompanhou todos os seminários realizados por padres estrangeiros que vinham ao Brasil naquele momento, e que pregavam a necessidade da integração do intelectual à vida operária. Como ela diz, “[...] minha primeira atuação foi realmente imbuída desse espírito das leituras das encíclicas todas, a gente estudava aquelas encíclicas, de João XXIII, todos os documentos de Medlín [...]”²⁰⁵.

Imbuída da ideia vinda dos padres progressistas, Yara criou um núcleo de reflexão dentro da Gessy Lever, uma grande multinacional em Valinhos (SP). Logo perceberia os limites desse tipo de atuação,

Eu vou na Gessy Lever, em Valinhos, e crio um núcleo com as operárias e eu entro naquele mundo operário com a minha cabeça de estudante, que na época todas as noites a gente distribuía panfleto, fazia pichação, que a ditadura já estava bem instalada. E eu fazia tudo isso. Eu distribuía panfletos, eu pichava as paredes com as palavras de ordem,

²⁰³ Entrevista Albertina Pedrassoli Salles, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

²⁰⁴ Idem.

²⁰⁵ Entrevista de Yara Gouvêa, Brasília, 8 de julho de 2010.

organizava passeatas, não é, participava em passeata com a Catarina e Travassos um pouco por toda a parte, ia para aquelas reuniões intermináveis, que varavam a noite etc. e tal. Eu vejo com esse núcleo que eu criei na Gessy Lever que cabeça de estudante e cabeça de operário não tinha nada a ver. A grande constatação que eu fiz. Porque quando eu comecei a incitar as operárias a distribuir panfleto na saída da fábrica, ou isso e aquilo, todo mundo recuou, e todo mundo começou a me colocar a questão que elas não podiam perder o emprego, que tinha que ser um outro tipo de ação. Não podia ser aquele negócio que nas nossas cabeças de estudante que pensava a transformação da sociedade como nós estávamos fazendo, nós estudantes, e eu vi os limites imediatamente não é, desse tipo de ação, junto com as operárias, junto com a classe operária, porque a coisa tinha que ser feita de uma maneira diferente. Eu acho que os companheiros que conseguiram criar sindicatos, transformar os sindicatos, eu acho que eles tiveram uma ação muito mais efetiva, do que aquele grupo da Ação Popular, que criava núcleos nas fábricas querendo que operário tivesse o mesmo tipo de ação que tinham os estudantes. Era a nossa grande ignorância²⁰⁶.

Natural de Campinas, Yara foi estudante do Colégio Culto à Ciência, um colégio de excelente qualidade e de grande prestígio intelectual. Muitos alunos do Culto à Ciência, como afirma, ingressaram depois na luta armada. Um deles: Ottoni Fernandes Júnior. O colégio formou pessoas extremamente comprometidas com o país e que posteriormente teriam grande projeção nacional, como Regina Duarte, Miriam Paglia Costa e até o apresentador de televisão Faustão, formador, portanto, de uma elite intelectual brasileira.

De família progressista, Leda Gitahy também teve militância na AP, integrando-se durante a fase de ginásio à JEC (Juventude Estudantil Católica). Ligou-se à AP logo depois do golpe, que pegou de surpresa sua família, de valores muito democráticos,

[...] você sabe quem era o meu vizinho? Quando a gente era criança ainda, estava no colegial, o pessoal da... um jornalista que foi preso da *Última Hora* que é o pai do Josimar Melo, sabe esse que escreve sobre comida e que depois criou a Libelu, eles eram crianças... eram bem menores que eu, então eu lembro de que quando o pai dele foi preso no pós golpe, ou seja a *minha família, os meus amigos, eles eram solidários com as pessoas que eram perseguidas*²⁰⁷.

Dentro de casa, Leda sempre teve muita liberdade,

[...] a gente podia ler de tudo, eu já tinha lido Sartre, eu sei que qualquer livro era liberado, e depois, a gente, eu estou numa fase da igreja do João XXIII que é uma fase muito progressista da igreja, então esses padres, essas freiras. Quando eu estou no Gervaiseau, no colegial eu estou no Gervaiseau, aí eu não estou militando no Gervaiseau, mas aí por exemplo uma pessoa que eu sou muito ligada é a Madre Cristina [...] que era muito progressista. Então eu estou num circuito católico e muito progressista, mas nessa fase eu deixo de ser católica, quando eu deixo de ser católica, eu deixo de militar, ir na missa, essas coisas todas, eu fico parada até entrar na universidade em 68²⁰⁸.

²⁰⁶Entrevista de Yara Gouvêa, Brasília, 8 de julho de 2010.

²⁰⁷Entrevista de Leda Gitahy, Campinas (SP) 8 de maio de 2010. Grifos nossos.

²⁰⁸Idem.

Assim, como seus pais – embora sem vinculação nenhuma com as organizações armadas – Leda sempre foi muito solidária com seus companheiros de luta. “Vivia quase caindo” por conta deles, como diz, tal era a proximidade de relações. Leda nunca entrou na ALN, apesar de seus amigos quase na sua totalidade pertencerem à organização. Companheira de Bernardino Figueiredo, líder de massas e presidente da UEE-SP, Leda na iminência de ser presa saiu do país. Serviu mais como um apoio ao próprio companheiro, procurado e clandestino. Era ela quem saía para trabalhar, por exemplo. Bernardino, apesar das relações amistosas com companheiros da DI-SP (Dissidência de São Paulo), nunca se incorporou à ALN. Para repressão, isso pouco importava. Para os órgãos de inteligência, quem estava no alto da hierarquia do movimento estudantil estava necessariamente no alto na hierarquia das organizações armadas²⁰⁹.

De toda maneira, Leda desempenhou um papel fundamental de apoio no exterior, hospedando pessoas, conseguindo alimentação, fornecendo dinheiro. A isso se deve sua presença neste trabalho e é por isso que levamos em consideração seu processo de conscientização política, que contraria a maioria dos perfis de militantes da ALN.

Não só a igreja católica progressista deu abertura à militância de esquerda, mas os fiéis que professavam outros credos também foram se incorporando à luta de resistência. A Igreja Protestante também foi bastante atuante naqueles anos. Alguns religiosos receberam também as influências da Ação Popular, como no caso de Paulo Wright, que ajudou a reorganizar a AP após o golpe militar. Segundo Ridenti, Paulo começou a aproximar-se da AP no segundo semestre de 1963, aumentando seus vínculos depois do golpe e aproximando-se inclusive de lideranças evangélicas²¹⁰.

Muitos anos antes a Igreja Católica já havia aberto suas portas para receber religiosos que seguiam outras orientações, entre eles, os protestantes. A união entre as igrejas, num grande ecumenismo parece ter sido um traço marcante naqueles anos de regime militar. Comportamento verificado, contudo, no clero mais comprometido com a democracia, pois a cúpula da Igreja Católica como é sabido, permaneceu do lado dos militares. A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) se não chegou a apoiar publicamente o regime, foi omissa em relação aos grandes arbítrios cometidos. Esse ecumenismo ficou demonstrado, por exemplo, na missa de sétimo dia realizada em razão do assassinato de Alexandre Vannucchi Leme em São Paulo, em 1973.

²⁰⁹ Entrevista de Leda Gitahy, Campinas (SP) 8 de maio de 2010.

²¹⁰ RIDENTI, 2002, p. 13.

Os protestantes como um todo demoraram mais do que católicos a se engajar politicamente. A Igreja Protestante achava que a fé deveria se manifestar de maneira independente e que a igreja não deveria se envolver em questões da sociedade.

Não pareceu ter sido isso o que aconteceu com Ana Maria Ramos, cuja militância no movimento secundarista esteve ligada à Igreja Metodista, que formava na época moças para serem missionárias da Igreja. Sua turma foi a última, pois, pouco tempo depois, o Instituto Metodista foi fechado em São Paulo. Mas foi lá que Ana Maria, entre os anos de 1965 e 1968, estudou. Tinha à sua disposição uma enorme biblioteca e na grade curricular quatro horas de leitura obrigatória por dia. Uma biblioteca livre, pois não havia nenhum tipo de restrição de obras ou autores. Como Ana Maria relata,

[...] ao mesmo tempo havia na Igreja Metodista um movimento muito forte, na Faculdade de Teologia aqui em São Bernardo e grupos de jovens que acabaram indo ser militantes da Ação Popular, da AP. Esse grupo de jovens que está aí até hoje, o Nivaldo Padilha, a Eliana Rollemberg que está na Bahia, em Recife, na FASE. Esse grupo, essas pessoas de certa forma, pegaram as escolas da Igreja Metodista, a Faculdade de Teologia e o Instituto Metodista e começaram a fazer um trabalho de organização dos estudantes da Igreja Metodista, desse tipo de estudante. O que acabou dando que a Faculdade de Teologia fechou em 1968, da Igreja Metodista, teve uma greve de muitos meses e a gente tinha muito contato então a gente começou a trocar informação e aí a participar das passeatas, tiramos a Reitora da escola, que era uma missionária, Dina Rizzi, missionária americana, elegemos o Reitor. Então foi um processo que foi da Igreja Metodista para fora. Mas é claro que quem vai, quem ia para o Instituto Metodista, a escola das moças, já tinha uma determinada sensibilidade para essas questões sociais, políticas e tudo isso, não é? E aí você junta um monte de adolescente nessa época, põe no mesmo lugar com livro à vontade para estudar, todo mundo muito pobre não é, que queria uma chance de fazer isso e deu no que deu, com certeza. Daí a gente com o tempo acabou militando no movimento secundarista via Igreja Metodista²¹¹.

Claro que a leitura e a orientação de estudantes mais velhos iriam frutificar. A conselho dos mais experientes, Ana Maria foi tendo contato com as teorias de esquerda. Participava de grupo de estudos para ler os textos de Mao Zedong, Che Guevara, Régis Debray. O Instituto Metodista chegou a enviar representantes para a passeata de 1º de maio de 1968. Ana nunca se aproximou da AP, nem de seus setores, JEC, JOC (Juventude Operária Católica), JUC. Limitou sua militância, como afirma, ao movimento ecumênico, à Igreja Metodista ou Presbiteriana. A entrada na Escola de Serviço Social da PUC em 1969 a colocou de resto em contato com quadros expoentes do movimento estudantil universitário, já vinculados, embora ela não soubesse, à ALN. Como ela diz,

Quando eu entrei na faculdade, o trote dos alunos, dos calouros, foi uma palestra com o Benetazzo sobre a Reforma Universitária. Que é uma coisa assim que... o Benê morreu

²¹¹ Entrevista de Ana Maria Ramos Estevão, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

depois. Mas a gente... então isso foi parte do trote, além de... aí eu encontrei, a Sílvia [Sílvia Peroba] que era veterana que foi do Serviço Social, que foi falar na palestra. Eles foram levantando, isso depois a gente percebeu, quem eram as pessoas que tinham mais possibilidade de depois serem recrutadas para o movimento de esquerda armada²¹².

Ana continuou participando da política estudantil universitária, foi eleita presidente do Centro Acadêmico de sua unidade, até ser recrutada por Sílvia Peroba Carneiro para integrar a ALN. Antes disso já havia participado de arrecadação de dinheiro para a guerrilha, mimeografado e distribuído panfletos, e participado de muitas passeatas. Lembra de uma em particular,

[...] teve uma época que veio o Rockefeller para o Brasil e a gente participou da passeata que quebrou... que foi na frente da embaixada americana, e eu ia fazer passeata na frente do *Estadão*, que na época era, quebramos o vidro, os vidros todos do *Estadão* ali na Consolação. Tinha um monte de atividades políticas já não é, mas que ainda, a gente, eu não sabia ainda que eram partidárias assim. Aí depois eu entrei para o Centro Acadêmico, eu virei presidente do Centro Acadêmico do curso e aí que a coisa foi, e sempre discutindo com as pessoas, e aí que a coisa foi sendo mais clara. E daí que ficou muito claro que eu ia fazer parte de uma rede de apoio. Mas não era assim... não era dito claramente, venha entrar para a ALN²¹³.

A radicalização de Ana Maria parecia atender ao vaticínio do pastor Paulo Wright, quando disse: “não resta aos cristãos outra atitude senão a de insurrectos”²¹⁴.

3.2 Universidade

A Universidade foi para essa geração um caminho de crescimento pessoal e político. Como afirmou Marialice Foracchi, “a inserção do jovem no universo estudantil, pôde tanto atender aos propósitos de preservação dos *status quo* [...] defendidos pelas camadas dominantes, quanto aos anseios de participação social ampliada [...] pelas camadas em ascensão”²¹⁵.

²¹² Entrevista de Ana Maria Ramos Estevão, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

²¹³ *Idem*.

²¹⁴ WRIGHT, Delora Jan. *O coronel tem um segredo*: Paulo Wright não está em Cuba. Petrópolis: Vozes, 1993, p.52.

²¹⁵ FORACCHI, Marialice. *O Estudante e a transformação da sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1977, p. 124.

A educação nesse sentido, e num período em que havia um incremento da classe média no país, funcionou como fator de mobilidade no que Foracchi define também como *situação de classe*. “A educação portanto é uma expressão da *situação de classe* desses jovens, além de um requisito necessário do processo de transformação social tendo o jovem como agente desse processo”²¹⁶.

A politização para muitas dessas mulheres, como já afirmamos, foi realizada na Universidade. Grande número delas antes de se incorporarem à ALN fizeram parte do movimento estudantil, mas o seu despertar social começou contudo mais cedo, para muitas associado à família, às experiências de adolescente, ao local em que viviam (subúrbios, vilas operárias, áreas rurais, capitais ou cidades do interior) ou aos vínculos que estabeleceram. A atuação na Universidade, além de responder ao fechamento do regime militar, deu continuidade ao sentimento de insatisfação já esboçado por elas dentro de casa. Claro está que a rebeldia estudantil, a busca de um novo modelo de vida, e de padrões comportamentais também esteve na origem de toda essa mobilização política. Como afirma Foracchi, “a radicalização do movimento estudantil não seria simples manifestação das polarizações ideológicas da classe média, mas representaria, no plano da personalidade, a síntese das alternativas de autonomia socialmente oferecidas ao estudante”²¹⁷.

De maneira geral a Universidade constituiu para essas mulheres potencialidades emancipadoras. Vimos que muitas mulheres mantinham relações de afetividade com colegas de curso e que dessas relações se vincularam à ALN. Outras dimensões socializadoras da experiência familiar podem ter predisposto talvez o jovem a projetos de transformação social. Vimos, por exemplo, a relação aberta que alguns pais demonstravam com os filhos, o tipo de educação voltada para a solidariedade, o impulso reivindicatório presente na família, a integração política/social a que essas mulheres foram expostas desde cedo seguindo seus pais, professores, ou parentes em atividades públicas de militância que atravessaram o partido, a igreja, a escola.

No conjunto de quarenta entrevistadas, apenas uma se referiu à Universidade como o espaço de incentivo à militância política mais diretamente. Eliete Ferrer, militante da ALN no setor de apoio do Rio de Janeiro, afirmou que a entrada na Faculdade de História foi determinante para seu despertar político. Sua conscientização atravessou, como afirma, a Universidade, mas foi estimulada também por contatos com colegas de escola, tentando buscar “alternativas” que estavam mais relacionadas à irrequietação juvenil propriamente dita

²¹⁶ FORACCHI, 1977, p. 125, grifos nossos.

²¹⁷ Idem, ibidem, p.237.

- não menos importante - do que a uma militância política mais direta e definida. O ambiente em sua casa e na família não favorecia qualquer tipo de atuação. Eliete afirmou:

Eu acho que quem me politizou foi Monteiro Lobato, não sei se você já ouviu falar de alguém que foi politizada pelo Monteiro Lobato, eu sempre li Monteiro Lobato e sempre achei um absurdo as ingerências internacionais no Brasil, a desigualdade, as injustiças sociais, então eu... Mas não falei da Tânia, na época que eu estava fazendo Normal e tinha um pessoal que era do partidão nessa época. Na Escola Normal eles estudavam russo. Então eles levavam... eu aprendi a escrever meu nome em russo, eu me aproximei desse lance e já era de esquerda sem saber, então eu me aproximei muito da esquerda, do pessoal do... daquele movimento de alfabetização [...] Paulo Freire. A Tânia era da minha turma. Os pais dela eram de esquerda, então eu me influenciei muito com ela, embora nós fôssemos da mesma turma somos completamente diferentes. Nós éramos amigas, mas não tão íntimas, mas éramos amigas. Já te falei da nossa identidade, nós éramos as mais novas da turma, E fui muito influenciada por ela que era partidão. Não fui para o Programa Nacional de Alfabetização porque os meus pais eram de direita [...]²¹⁸.

No primeiro ano de faculdade em 1966 Eliete já participava de tudo a que tinha direito. Estava no cerco da Medicina em 1966, participou de tomada da universidade, de passeatas, de panfletagens, etc. Como ela afirma,

[...] eu não era organizada não, mas eu fazia tudo, eu ajudava a fazer cartazes, quando eu panfletava, eu ia em todas [as panfletagens], absolutamente todas as passeatas, apedrejei o GLOBO, teve um dia que... eu gostaria tanto de ver aquela foto, saiu a minha foto na primeira página do GLOBO, no dia seguinte eu acho que foi a morte do Edson Luís se eu não me engano, e nós saímos em passeata, com o enterro dele desde, sei lá da onde, ou foi um outro estudante que morreu, foi um estudante que veio já do Pedro Ernesto e passou ali na UERJ e nós fomos atrás, eu não lembro, tinha um caixão eu não me lembro qual enterro era, eu fui em tudo. Então depois a gente deixou esse corpo [...] na Central talvez e o grupo voltou tudo a pé, é claro. Apedrejamos o GLOBO, e saiu a minha foto com um bando de gente quer dizer, eu saí na foto, não é só a minha, eu saí na foto de um grupo que estava apedrejando o GLOBO, eu saí bem assim, com uma blusa preta²¹⁹

Se o despertar ocorreu para Eliete a partir de sua entrada na Universidade, para Vilma Barban, o engajamento foi meramente circunstancial e determinado essencialmente pelo contexto que se vivia na época. Ela afirma que sempre foi área periférica, embora sua militância fosse entendida como do Partido Comunista pelo tipo de atividades que desenvolvia: participação no Centro Acadêmico, teatro, programa de alfabetização. Vilma nunca foi filiada ao PCB, sendo considerada um de seus membros quando ainda achava que *comunista comia criancinha*. Como ela afirma,

²¹⁸ Entrevista de Eliete Ferrer, Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010.

²¹⁹ Idem.

[...] eu acho que foi um pouco apropriação. Era um grupo que fazia um monte de coisas e você fazia. É. Então por aí a gente se relacionava com a UBES enfim, vida de estudante colegial, trinta, quarenta anos atrás, acho que era até mais divertido do que agora. Não sei como anda agora, mas era muito divertido, muito agitado, muito divertido. No meio disso tinham algumas reuniões um pouco mais concentradas justamente quando ocorreu o racha no Partido. Então uns jovens um pouco mais organizados como o Ottoni, aquele povo, todo mundo da turma em Campinas, mas que estavam com uma proposta mais formalizada. Bom, então nisso eu já estava fazendo vestibular, sonhando de entrar na USP, morar no CRUSP e também, eu me vejo muito ativa, muito ingênua, e com muita vontade de fazer coisas. Então não posso dizer eu escolhi ser do PC [...] Eu estava prestando vestibular, passei na USP, estava vindo para o CRUSP, tinha aquele bolo de gente que eu conhecia que definia. Então eu me sinto mais indo no bolo do que exatamente eu estou escolhendo a luta armada, sabe?²²⁰

A atuação de Vilma demonstra, portanto, a força de identificação que havia entre colegas da universidade, o microcosmo tão particular em que o militante estava enredado. Revela também que a militância partiu de necessidades de caráter individual, de estar inserido a um grupo, de sentimentos de pertencimento coletivo. O objetivo e o subjetivo entrelaçavam-se continuamente.

3.3 Espaço

Considerando que os espaços de produção cultural são constituídos de territorialidades onde se fortalecem os laços coletivos e as experiências de vida em comum, a atuação de algumas mulheres foi determinada em certa medida pela dimensão espacial da cidade. Em especial, pela sua constituição política em locais estruturalmente distantes dos espaços de poder ou que a ele se contrapunham. Espaços, portanto, de resistência, que não haviam sido ainda incorporados à lógica do Estado repressor. O espaço será considerado aqui na sua dimensão social, mais do que em sua dimensão física, pois os lugares de resistência foram também criados tanto em localidades de centro como de periferia. O prédio da UNE, por exemplo, situado no bairro do Flamengo, foi um espaço de contestação integrado à cidade, assim como a Maria Antônia, palco de grandes acontecimentos políticos.

A fábrica naqueles anos também era integrada à cidade e não existia ainda o processo de interiorização das indústrias como vemos hoje. Situavam-se em alguns bairros de São Paulo e Osasco, e eram compostas pelas Vilas Fabris, onde moravam os trabalhadores. Brás, Mooca, Belenzinho são bairros que abrigavam algumas dessas fábricas, como as Indústrias

²²⁰ Entrevista de Vilma Barban, São Paulo, 8 de abril de 2010.

Matarazzo e o Cotonifício Crespi. Em Osasco ficava o Cotonifício Beltrano e as multinacionais do setor elétrico e metalúrgico²²¹.

Algumas das militantes da ALN nasceram e cresceram em Vilas Fabris, trabalharam em indústrias de tecelagem, ou moravam ou trabalhavam nas imediações de lugares extremamente politizados. Isso por si só não explica seus engajamentos, mas pode ter servido como potencializador de um espírito combativo que elas já traziam de casa, da escola, ou da própria observação da realidade.

Nascida em Santo André, conhecida naqueles anos como ‘Cidade Vermelha’, Tânia Mendes morava na Vila Guiomar. Sua conscientização política se deve à sua família de origem operária e ao tipo de educação que teve em casa,

[...] eu acho que a família, porque meu pai era estrangeiro eles sempre, a gente morava na Vila Guiomar que era um conjunto habitacional montado por Getúlio, no INPS naquele tempo. Meu pai era sapateiro, minha mãe era tecelã, depois durante a guerra meu pai fez um curso por correspondência de consertar rádio, TV, e depois transformou-se em pequeno comerciante, abriram uma fábrica, uma loja de sapatos, ele e o irmão. Mas, eles foram sempre muito abertos. Nós somos em quatro irmãos, cada um seguiu o que quis na vida. Minha mãe sempre foi uma pessoa muito atendida, eles sempre foram muito informados, liam o jornal, eles prestavam atenção, então eu acho que a primeira coisa começou ali [...] e a Vila também era uma Vila de operários, você sabia que tinha greve, você sabia que tinha coisas, então você era criança, estava na pré-escola, de repente, olha vai vir aí a repressão, então tinha toda uma organização na Vila, a filha do fulano ia buscar criança na escola, então você assistia a mobilização política, os meus irmãos não optaram por isso, mas também não são contra porque, não se filiaram à militância política direta, mas nunca se isentaram dessa discussão. Gente que nunca achou que a política não fosse importante para a gente. Então começou lá. Porque na cidade de Santo André você torcia pelo Jango, você torcia pelo Juscelino, eu me lembro de ser muito criança e os meus pais discutindo o discurso do Juscelino, não sei em quem eles iam votar, então essa discussão política na família na frente dos filhos também teve influência. Então eles discutiam com a mesma paixão que eles discutiam o Corinthians. A gente sabia direitinho do Partido Comunista porque a gente morava numa vila típica, o Marighella que morou numa casa, o Toledo que morou na outra, tinha a minha, eu cantei, assim, o Prestes era um herói e a Rádio Crupi da cidade era claramente de esquerda certo? Então quando chegou no Brasil com a Anita Leocádia, naquele período que o partido foi legalizado, eu tocava harmônica, depois eu tocava violão, eu fui lá, eu me apresentava na rádio, para a Anita Leocádia, para o Prestes. Mas a minha mãe e meu pai sabiam, eu era criança [...] eu sabia também que era um partido porque havia uma prática de ler o jornal para as crianças, qualquer morador, chegava assim, o primeiro que chegava, chamava todo mundo que estava brincando na rua, maior muvuca certo, e lia o jornal, lia o jornal para você o que estava acontecendo. Então além daquilo que eu falei que você via acontecer determinadas coisas, quando vinha a repressão, você via as famílias escondendo coisa no quintal, entendeu? Escondendo livro, uma porção de coisas [...]. Eu sabia que tinha o Partido Comunista, eu sabia a diferença entre Partido Comunista e Partido Comunista do Brasil, eu sabia o que era a União Soviética, eu sabia da revolução porque as pessoas estavam entusiasmadas por isso, por esse socialismo, elas estavam legitimamente entusiasmadas, e tinha coisas no cenário, na cidade. Eu cantava harmonia, recitava poesia,

²²¹ BLAY, Eva. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias de São Paulo*. São Paulo: Nobel: 1985.

eu sempre fui muito metida. Mas não era militância no partido, até porque minha mãe não era filiada, porque eles eram estrangeiros, eles não podiam fazer isso. Mas, entendiam que a política precisava melhorar, eu me lembro, eu era muito criança, que meu pai não podia votar, mas minha mãe, era brasileira, e podia votar, então eu me lembro dela me levar na cabine de votação, ficava explicando o que que era aquilo entendeu? Isso é importante. E de não aceitar o papelzinho na entrada. Então acho que essas coisas, eu nem sabia o que era aquilo mas eu sabia que se a minha mãe estava fazendo daquele jeito é porque devia ser muito importante você ter uma posição e nunca tivemos nenhuma restrição por parte da família²²².

Tânia frequentava sempre as posses dos dirigentes nos sindicatos levada pela mãe e era uma aluna ativa na escola. Foi dela e de seu grupo colegial a primeira montagem da peça *Liberdade, Liberdade*, que saiu em espetáculos itinerantes pelo interior de São Paulo. Como ela afirma, “a gente levou o Liberdade, Liberdade para o CRUSP, que foi um acontecimento entendeu? Foi o teatro da USP que fez isso, mas levando o grupo de teatro do colegial. A montagem era nossa”²²³.

Muito talentosa, escrevia artigos desde muito jovem para a página estudantil do *Jornal Gazeta*, hoje *Diário do Grande ABC*. Em 1968 entrou para a Escola de Comunicação da USP, que concluiria alguns anos depois, em razão de sua prisão.

Descendente de imigrantes espanhóis e vinda de uma família de lavradores do interior de São Paulo, Ilda Gomes da Silva veio jovem para São Paulo à procura de trabalho. A vida dura da roça foi abandonada pelo bairro de São Miguel Paulista. Ilda foi para a produção. Empregou-se como fiadora na Nitro Química. No seu depoimento a respeito do percurso de sua família ela diz:

Meus pais não tinham influência de esquerda nenhuma. Meu pai lia muito, mas eu não tenho muito conhecimento do meu pai porque ele faleceu quando eu era muito pequena, eu tinha sete anos, quando ele faleceu. Então o meu conhecimento do meu pai era mais o que a minha mãe falava. Felizmente a gente teve muito com ela, ela faleceu faz pouco tempo. Mas, ele lia muito, ele era uma pessoa muito instruída mas politicamente eu penso que ele não tinha nada naquela época. Eu era pequena, eu saí de Lucianópolis com 14 anos. Quando papai faleceu, a gente morava num sítio, o sítio era nosso. Minha mãe não tinha muito contato com a lavoura, de trabalhar essas coisas, e sofreu muito com a morte do meu pai, foi também muito judiada pela família. Coisas de família que quer prejudicar mesmo. Então aí veio a oportunidade, eu tinha 14 anos, da gente vir para São Paulo. Quando papai faleceu minhas irmãs entraram na lavoura. Ficaram uns dois, três anos na lavoura. Os mais velhos eram um homem e duas mulheres acima de mim. Esses três e um empregado que a gente tinha, é que tocavam o sítio. Mas aí teve a geadada, queimou tudo, aí ficou muito difícil. Aí juntou tudo, a morte do meu pai, juntou a questão dos meus parentes que judiaram da minha mãe, a geadada... Nós todos pequenos, porque o maior tinha 14 anos, então minha mãe foi tocando o sítio conforme ela pôde com a ajuda dos meus avós por parte de mãe, e os meus irmãozinhos que eram de 14, 13 e 12 anos.

²²² Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

²²³ Idem.

Quando meu pai faleceu a gente estava na cidadezinha, estava assim, na vilinha da cidade, eu estava na escola, sete anos, papai falecendo, mamãe voltou para o sítio outra vez porque não podia ficar lá, não tinha condições. E aí eu já não tinha condições de ir na escola. A escola era muito longe, não dava para a gente ir. Fiquei sem estudar. Eu estava com 14 anos, quando a gente veio para São Paulo, aí então, eu comecei a estudar aqui, mas o estudo foi precário, não foi um estudo²²⁴.

O papel das mulheres em guerras, tradicionalmente, foi aquele de assegurar a perenidade do lar, momentaneamente abandonado pelo pai, educar as crianças e cuidar das economias da casa. Tarefa, portanto, nada fácil, para quem tinha, como Ilda, quatro filhos pequenos, um marido procurado, nenhum contato com sua família e a falta de apoio da sociedade.

Quando aconteceu o golpe, cujo anúncio escutou pelo rádio, Ilda teve a impressão de que viria uma guerra.

Ninguém esperava o golpe. Nessa época eu estava começando a me engajar na ação política, o Virgílio estava me orientando porque ele era mais ativo nessas coisas. Ele trabalhava no Sindicato, onde trabalhavam políticos. Ele tinha muita relação com os políticos, tanto é que ele trabalhou na campanha do advogado Gilbrancos Paranhos, que foi meu padrinho de casamento. Quando transmitiu a notícia, eu estava ouvindo o rádio e quando eu escutei o golpe, eu falei, meu Deus o que é isso daí, eu me assustei. E o Virgílio estava no sindicato e o sindicato foi invadido, foi uma das primeiras coisas que eles intervieram foram os sindicato. Aí o Virgílio foi detido, mas foi detido e logo voltou para casa. Não ficou lá, mas já ficou fichado. Eu fiquei com medo de uma guerra, aqui podia surgir uma guerra [...] porque a rádio fez muita propaganda [...], falavam muito e eu fiquei com medo que surgisse uma guerra²²⁵.

A necessidade de ajuda incitou algumas mulheres que muitas vezes não tinham vocação nem formação política definida ou muito clara a participar da oposição ao golpe. Esse não pareceu ser, contudo, o caso de Ilda, que já se mostrava uma operária muito combativa em São Miguel Paulista,

[...] eu fiz greve, eu participava das greves, eu ajudava na greve, porque eu achava que a greve estava ajudando em alguma coisa todos nós, os operários. Reivindicar salário, melhores condições de vida, décimo terceiro, muitas coisas que a gente sentia naquela época. Acho que a greve foi 1957 eu era solteira ainda, foi uma greve muito grande e eu e meus irmãos todos participamos, eu, minhas irmãs todos participamos da greve. E quando terminou a greve que a gente venceu, ganhou o que a gente queria, combinação com o sindicato que era o sindicato quem dirigia a greve, todo mundo voltou a trabalhar e nós não voltamos, eu e as minhas irmãs. Não aceitaram que a gente voltasse, eu fiquei mais de dez dias de castigo. Naquele tempo eles não prendiam, o castigo era afastar da fábrica. Então eu fui castigada. Eu fiquei dez dias em casa, minhas irmãs foram trabalhar

²²⁴ Entrevista de Ilda Gomes da Silva, São Paulo, 27 de agosto de 2010.

²²⁵ Idem.

e eu ainda continuei em casa porque nessa greve eles me chamaram como a cabeça da greve e eu não era cabeça nada, eu participava da greve. Eles achavam que eu era cabeça da greve e tudo ia em cima de mim, então fiquei mais dez dias sem trabalhar. Tudo que acontecia lá dentro era eu, eles não podiam me ver conversando com ninguém que eu já estava fazendo motim e na hora do almoço a gente sentava num grupo assim conversando, eles já vinham, o chefe já vinha brigar com a gente e dizer que a gente estava fazendo motim. E eu brigava, todos nós brigávamos com ele, e eu brigava assim, eu dizia que na hora do almoço, a gente fazia o que queria e que ele não tinha direito a nada. Eu já tinha seis anos de fábrica. E eu entrei no sindicato, e conversando no sindicato eu voltei a trabalhar. Quando voltei a trabalhar eu abri um processo pelo sindicato contra a fábrica. Eu ganhei esse processo, eu ganhei os dez dias que eu fiquei em casa, ganhei o aumento, ganhei com juros. Então recebi os meus direitos. E depois tiveram vários processos contra a fábrica, eu tinha muito processo contra a fábrica, qualquer coisinha eu abria um processo²²⁶.

Foi Ilda também quem iniciou a luta na Nitro Química para que todas as mulheres pudessem ter direito ao berçário,

[...] a fábrica nessa época tinha um berçário para os filhos dos operários, mas eles tinham essa lei que quem tinha direito ao berçário era pai e mãe que trabalhassem na fábrica. Então os filhos tinham direito até os 14 anos, e depois dos 14 anos eles iam para escola. E como o Virgílio não trabalhava, eu só tinha direito a seis meses, enquanto eu estivesse amamentando. Mas eu não queria, eu queria meus direitos, eu achava que quem tinha direito era eu, como mãe e não ele que é pai. Pai é pai, não tem a obrigação que tem a mãe, de amamentar, de alimentar, então eu achava que quem tinha direito ao berçário era eu. E eles diziam que não, que só se o Virgílio trabalhasse na fábrica, eu tinha direito a mais tempo, então eu tinha só seis meses. Aí eu falei que se eu não tivesse direito a mais de seis meses, eu ia levar o menino para a fábrica. O Vladimir era pequenininho, tinha seis meses. Eles me propuseram um acordo me mandaram para cá, me mandaram para lá, me mandaram para todo lugar porque eu estava mais ativa dentro da fábrica [...] até que eles tiveram que fazer acordo, eu tinha já seis anos de fábrica. Eu não queria acordo eu queria trabalhar, eu queria os meus direitos na fábrica, eu tinha uns dez processos contra a fábrica. Eu queria reivindicar o processo para as outras trabalhadoras porque não era só eu, tinham várias trabalhadoras com criança e que o marido não trabalhava lá²²⁷.

Além de Ilda, houve a participação de pelo menos mais três operárias na ALN como Ozenilda Alice Garcia, Maria Imaculada de Oliveira e Efigênia Maria de Oliveira. As irmãs Maria Imaculada e Efigênia estiveram entre os líderes da primeira e da segunda greves operárias no Brasil, após o golpe de 1964. Eram líderes do Sindicato dos Metalúrgicos e participaram da greve de Contagem. Ozenilda trabalhou na Nitro Química. Pelo que consta na documentação referente a seu nome, realizou alguns levantamentos para a ALN. Foi presa em 22 de dezembro de 1969²²⁸.

²²⁶ Entrevista de Ilda Gomes da Silva, São Paulo, 27 de agosto de 2010.

²²⁷ Idem.

²²⁸ Entrevista de Ricardo Apgua. [Mensagem Eletrônica], 5 de junho de 2008. Referentes ao grupo de Minas Gerais, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais. Processo 143 e 100 (referente a Ozenilda).

Nair Benedicto, a quem já nos referimos anteriormente, trabalhava como secretária na Telem, empresa fornecedora de chaves elétricas e aparelhos de iluminação para as indústrias brasileiras. A Telem pertencia ao francês radicado no Brasil, Jacques Breyton, com quem posteriormente Nair veio a se casar. A empresa ficava na rua Maria Antônia, e o casal, sempre que possível, saía para acompanhar as discussões que ocorriam na Filosofia ou acompanhar os ensaios do teatro de Arena. Jacques tinha chegado há pouco tempo ao país e ainda estava se ambientando. Foi colocado, porém, no olho do furacão. Nada que não fizesse parte de sua trajetória de ex-resistente francês durante a Segunda Guerra condecorado com legião de Honra da França. Convencido de suas posições de esquerda, Jacques participa, levado por amigos, de reuniões com Mário Schemberg junto ao Sindicato dos padeiros, e no mesmo período estreita relações com Pedro Pomar²²⁹. As relações amistosas que passam a manter com estudantes da USP, já em contato com a Dissidência Estudantil (DI), levarão o casal a dar apoio logístico à ALN. Como ele afirma em suas memórias, *“les sollicitations de l’ ALN deviennent plus lourdes de jour en jour: Héberger une imprimante, en service, cacher des militants qui doivent fuir du Brésil[...] tenter de secourir d’ eventuels rescapés d’ Ibiuna via Campinas”*²³⁰.

A trajetória de Tania Fayal parece ter sido influenciada também por certas territorialidades durante sua juventude. Sua casa dava exatamente fundos para o Prédio da UNE, o que favoreceu muito seu contato com os movimentos culturais de esquerda que, como ela conta, foram definidores de sua vida política.

Aonde é que eu fui desembocar? Do lado melhor da vida da política. Claro, eu fui nascida na praia do Flamengo, na rua Correia Dutra, 25, que hoje é um motel, não podia deixar de ser, juntaram três casarões, demoliram e construíam esse motel. Essa Correia Dutra era um núcleo cuja casa dava fundos para uma vila na Praia do Flamengo, cujos fundos também se uniam à União Nacional dos Estudantes. Praticamente era a única casa da Correia Dutra número 25 que tinha conexão com esta vila. Existe até hoje, fechada com um gradil e quando você passa você vê. E qual era a minha frequência na UNE? Diária, até meu pai cortar. Mas, quando ele cortou já era na véspera do golpe, na véspera literalmente [...] Nós vivíamos momentos políticos dos mais controversos, quer dizer, nós não tínhamos ainda uma ditadura estabelecida, o golpe de 1964 tinha sido dado há algumas hora. O Laforé junto com a tropa dele da Aeronáutica estava tomando conta da UNE. Quando ele soube do golpe entrou na vila, tirou a farda, queimou-se ali mesmo e entrou para a clandestinidade naquele momento, porque ele sabia que ele ia ser o primeiro preso, e foi, e foi logo depois. Ele não tinha conseguido ainda fugir. [...] Eu convivia com esse movimento estudantil e convivia sobretudo com o pessoal da Paissandu, aquela esquerda festiva maravilhosa que os anos não trazem mais. Enfim, era uma explosão de

²²⁹ BREYTON, Jacques. *D’ un Continent à L’ autre*. Mémoires. [S.l., s.n.], [2005], p.161-162.

²³⁰ “as solicitações da ALN tornam-se a cada dia mais frequentes: ocultar um mimeógrafo, em funcionamento, esconder militantes que devem fugir do Brasil [...], tentar socorrer eventuais militantes fugitivos do cerco de Ibiúna via Campinas.” BREYTON, op. cit., p.166.

tudo e a cultura e a política sempre caminharam juntas, sempre, culturalmente sempre foi uma coisa assim, então você convivia no Paissandu, no Oklahoma, naqueles bares, naquelas cercanias sobretudo naquele bairro teve muita influência do movimento estudantil, então eu convivia com eles todos, a gente se esbarrava nas reuniões²³¹.

3.4 Cultura

Atividades culturais também desempenharam um papel fundamental para a mobilização dessas mulheres. Desde o final dos anos 60 até 1972 a universidade vivia tempos de domínio absoluto do Estado, não havia mais manifestações de rua e muitos alunos estavam apenas preocupados com questões curriculares ou relacionadas à própria universidade.

O foco de resistência sobrevivia nos grupos de teatro, cinema, música e literatura, tentando dar sentido à arte da representação. Seriam eles então o desaguadouro da insatisfação de muitos estudantes cerceados em sua liberdade pessoal e política.

Depois das longas discussões políticas, disputas por diretórios, lutas pela reforma universitária e fuga dos cassetetes da polícia, era na cultura, no teatro, na literatura e nas artes plásticas que essa plateia se reunia. Claro que não de forma passiva, porque nada para essa geração foi vivido de forma passiva. A cultura precisava *acordar* o Brasil, era o caminho da conscientização dos grandes desafios que o Brasil teria pela frente. E os jovens faziam isso de forma criativa, bem humorada e pouco convencional, antes que um dia tudo se perdesse pelo envenenamento psicológico das Forças Armadas. Algumas mulheres, como veremos, se não atuaram diretamente em peças, músicas e outros tipos de apresentações artísticas, se inspiraram através deles seja por um viés estudantil ou mesmo profissional. Vemos que alguns artistas colaboraram com a organização, que, vinculados ou não ao grupo armado, deram de alguma maneira sua contribuição fortalecendo sua luta. Coisas simples, entretanto, que faziam uma grande diferença na época, como liberar o dinheiro da venda dos ingressos para os militantes, permitir que eles panfletassem nos locais de espetáculo, fazer a divulgação de sua luta no exterior. Leon Hirzman e Liana sua companheira davam dinheiro para a ALN. Eram contatos de Luiz José da Cunha (Crioulo). A entrega era feita na Urca, onde o casal morava, para Alex Xavier Pereira e Carlos Eugênio Paz²³².

Muitos artistas também mobilizaram recursos para os presos políticos, participando das visitas semanais às cadeias, fazendo suas turnês e campanhas em favor de sua libertação,

²³¹ Entrevista de Tania Fayal, Maricá (RJ), 20 de março de 2010.

²³² Entrevista de Carlos Eugênio Sarmiento Coêlho da Paz, Rio de Janeiro, 18 de abril de 2011.

ou participando dos shows de música organizados pelos estudantes, na reconstrução de suas entidades.

Vilma Ary, entre inúmeras tarefas de auxílio que desempenhou junto à resistência, utilizou também o teatro como polo aglutinador de uma grande parte de opositores do regime. Estudante de jornalismo da Universidade Cásper Líbero e responsável pelo departamento de teatro do Centro Acadêmico de sua unidade, Vilma não só debatia a temática das apresentações, como conseguia desconto nas peças para os alunos. Sua ligação com o movimento estudantil a levaria mais tarde para a *Folha de São Paulo* onde prestaria um valioso trabalho de cobertura das agitações de rua. Como ela afirma,

O meu trabalho na Faculdade era bem político, a gente participava do Grêmio e nessa época, eles conquistaram o Grêmio e eu fiquei com a parte de departamento de teatro. Eu fiz algumas atividades no teatro, eu consegui levar o pessoal para todas as peças com desconto, a gente tinha participação em discussões, aquele tipo de atividade que acaba politizando muito. Nós participamos da tentativa de formar o TUSP, o Teatro da Universidade de São Paulo, aquela foi a primeira tentativa, a primeira tentativa foi nossa quando nós na Escola de Sociologia e Política nós tentamos formar a peça. Era um grupo grande tanto da minha faculdade, que era de Jornalismo, Casper Líbero, quanto do pessoal da Sociologia e Política, e também tinha um outro grupo que eu acho que era o pessoal da São Francisco que também participava com a gente. Isso tudo politizou muito naquela época. Isso foi 64/65, foi uma época bem politizada, cultural e pessoal, a não conformação com o golpe, com essa ditadura que se instalou, a gente não aceitava, a gente via um processo muito democrático, de formação democrática, minha geração ela é eminentemente democrática porque ela se formou nisso, de repente ela se deu de cara com a ditadura e era muito difícil a gente aceitar isso, nosso espírito não engolia. Então é nesse impacto que se dá a não aceitação da ditadura. Não fui só eu, várias pessoas que eu conheço também tiveram esse mesmo impacto. Também o que eu estava vendo, o que a gente acaba vendo dentro de jornalismo é que tem muita coisa errada muita coisa que você, por exemplo, crianças sendo estupradas ou gente passando fome, uma promiscuidade muito grande, coisas que você descobre que não é aquele mar de rosas que você tinha quando você morava na casa dos seus pais. Eu morava no Paraíso então, tinha um privilégio muito grande, então é um bairro muito bom, mas com o tempo você vai vendo coisas muito erradas e você vai se questionando. Foi triste, foi muito triste porque nós estávamos na Faculdade, nós já estávamos mais conscientes eu e o meu amigo Roberto Bicceli e nós saímos andando feito doidos naquele dia, procurando pessoas que tinham algum contato com essa esquerda mais organizada. Acabamos na casa de uma amiga, falando com ela e com o marido, que o marido dela era de organização. Aí você começa a ficar sabendo que o pessoal de teatro que era um pessoal que parecia mais engajado, todos eles somem, se escondem. Na Faculdade a direita foi muito pesada, a gente que não era da direita se sentiu acuada, se sentiu agredida pelo pessoal da direita... Aí começa todo um processo de tentar reprimir a gente, isso foi logo 1964 no dia 31 de março. A gente andou se mexendo naquele momento para ver se descobria quem tinha alguma coisa, não havia nada. Voltamos para casa, cada um com a cara no chão [...]. Mas efetivamente não tinha nada para fazer, nada, nada, nada. Aí passam-se uns dias assim meio de recesso até que se começa, o que nós vamos fazer? Como nós vamos fazer? Foi aí que veio a história do teatro, que entra o viés do teatro, e através dos debates do teatro que a gente fez política, e eu tomei essa iniciativa, então eu tive uma visão política daquela área cultural. Foi importante porque a gente começou a discutir o que se fazer e

um dos lados foi esse lado da cultura, da política do teatro, e a gente interferiu bastante, a gente foi muito presente nessa fase, muito presente, então interessante isso²³³.

Antes de militar como quadro de apoio da ALN, Eliete Ferrer participava do grupo musical *Equipe Mercado*, um grupo de música experimental originado em Santa Teresa, Rio de Janeiro. De forma divertida, ela narra as peripécias da banda:

[...] é nessa casa em Santa Teresa que a Equipe Mercado nasceu. Nasceu na minha casa. Eu cantava, o Ricardo tocava violão e o Ronaldo fazia as letras, então eu comecei a estudar música e nós sentíamos falta de uma banda, tínhamos que ter uma banda porque a gente contratava isso e aquilo mas não dava certo. A gente uma vez foi fazer uma apresentação na Rede Globo, TV Tupi, eu não me lembro mais qual era a TV, eu cantei, e a orquestra, era a orquestra do Erlon Chagas que me acompanhava, mas nós não gostamos porque aquilo não era o que a gente queria, a gente queria um movimento, a gente queria outra coisa. A gente começou a assistir, eu, o Ronaldo e o Ricardo, começamos a assistir ensaios de bandas, ensaios de banda, aí ouvimos falar de uma banda que tocava na Faculdade de Arquitetura e nós fomos ver e gostamos. E fizemos contato e foi aí que nós formamos a *Equipe Mercado*. O que que a gente vai ser? Equipe. Por quê? Porque cada um é um, e é uma coisa em equipe, então as cantoras seriam eu e a Diana, que já era cantora do grupo. Então eu comecei a participar do grupo assim, mas não cantando, a gente fazia reunião de tudo que ia fazer, tudo precisava de reuniões, cada passo. A gente foi participar do Festival de Cataguases, até nós fomos expulsos. Nós fizemos um rap fantástico. Não ganhamos o festival por causa da censura, mas ganhamos o prêmio de originalidade. [...] Fomos todos presos no dia no palco, a polícia invadiu o teatro, fomos todos para a delegacia, atentado ao pudor. Foi uma coisa muito interessante que nós bolamos, nós éramos um grupo grande e o Carlinhos que era o marido da Creuzinha, minha amiga, ele se fantasiou, fomos todos fantasiados de mendigos no palco, todo mundo mendigo, roupa rasgada, sujos e o Carlinhos seria o mendigo mor, no meio do palco, no meio do lixo, a gente catou lixo na rua botamos então um monte de lixo no palco e a gente só jogando aquilo para o alto, tipo maluco, e aquilo caindo. E aconteceu uma coisa incrível, nós compramos carne, muita carne, quilos de carne e fizemos k-suco vermelho, então, a gente no palco simulava que a gente estava brigando por pedaços de carne, nós éramos trogloditas, nós estávamos simulando trogloditas que brigavam por pedaços de carne e vomitavam sangue, o sangue, a gente colocava aquilo na boca e cuspiamos, um horror. Isso foi em Cataguases, no Festival Audiovisual de Cataguases, eu entrei também no festival com poemas concretos, que era um festival de poesia e música, Ronaldo entrou claro, porque o Ronaldo escrevia muito bem, tinha poemas ótimos, eu entrei com dois poemas também dois ou três, concorrendo e o Festival de música. A música chamava *Mary K no esgoto das maravilhas*. Enquanto a banda tocava a gente fazia essa cena. Entrou o Laco que era o namorado da Lilian, a Lilian é a irmã do Reinaldo e do Ronaldo, e o namorado dela, que era que era remador, um físico de halterofilista, então, ele entrou de sunga, fazendo aquelas coisas de halterofilista, e nós colocamos os olhos nele, ele era o único cara bem nutrido. Ele entrou no palco, o palco era assim, retangular e ele ficava passando para lá e para cá, na beira do palco só fazendo pose de halteres e nós no plano imediatamente atrás brigando pela carne, todos nós éramos mendigos, quatro ou cinco, brigando por um pedaço de carne, vomitando sangue, aquele coisa, a banda no fundo tocando tudo, o Carlinhos no meio jogando lixo para o alto, e isso foi nossa apresentação. Uma coisa muito inovadora para a época. Foi um escândalo, a mulher, a filha do prefeito se eu não me engano, se era mulher ou a filha, agora não me lembro, saiu vomitando do teatro, a polícia invadiu e aí fomos todos presos,

²³³ Entrevista de Vilma Ary, São Paulo, 16 de novembro de 2008.

mas saímos, imediatamente fomos soltos, não tinha sentido, procuraram droga, não tinha droga e foi para nós uma festa enorme, reunião, discussão. Nós líamos muito, nós éramos um grupo, pelo menos eu, eu lia, o Ronaldo lia, o Ricardo um pouco, o pessoal que tocava instrumento era mais alienado²³⁴.

Tânia Rodrigues Mendes, por exemplo, aluna da Escola de Comunicação e Artes da USP encenava a peça *Rei Momo* de Idibal Pivetta. Tânia teve participação ativa no interior da ALN. Estabelecia, junto ao seu marido, Gabriel Mendes, contatos entre a ALN e o Molipo, distribuía documentação da organização, e aproximou ao seu grupo um núcleo da Faculdade de Geografia da USP²³⁵. Foi ela quem deu nome ao grupo sendo presa junto a Idibal, quando retiravam documentação comprometedora do *aparelho* em que Tânia vivia com Gabriel. Ela contou um pouco da experiência do grupo, da presença de Idibal e das dificuldades naqueles anos de conseguir realizar movimento de massa,

[...] fiz teatro no grupo Núcleo, fiz teatro no Grupo União Olho Vivo, isso antes de ser presa. Aliás eu dei o nome para o grupo União Olho Vivo. Era o teatro do 11 de Agosto, não era o União Olho Vivo, era o teatro do 11, mas a gente entra quando o Idibal vai montar *Rei Momo*, no circo que ficava ali perto do Detran. O teatro do 11 já tinha feito vários espetáculos e foi fazer o *Rei Momo* [...] você começa a ter expressões políticas, porque como você não tinha nenhum lugar para falar politicamente, as coisas começam a acontecer na SBPC, no teatro, [...] entendeu? Corinthians, democracia Corinthiana e por aí vai porque você não tem espaço para discutir [...]. Era um esforço de você fazer trabalho de massa, todas essas ações mais conscientes ou menos conscientes, às vezes até intuitivamente, eram um esforço de você criar trabalho de massa, então o próprio texto do *Rei Momo* se você for ler é isso. E a maneira como foi montado. Então vinha a Maria Luiza Barreto, fazer experiência corporal, então todo o treinamento das pessoas que eram não atores. Você procurava ao mesmo tempo agregar não atores para fazer o teatro do Boal, o teatro do não ator, e esse teatro ia ser itinerante, ele ia para todos os bairros discutindo o *Rei Momo*, o que você achava, e fazia depois um debate [...] o Idibal, quando ninguém queria ser advogado de preso, com medo da repressão, ele foi o único que foi advogado. Então as pessoas também não pediam nada para ele, você tinha que deixar o cara como advogado. Era a única reserva técnica que nós tínhamos, entendeu? Então, ele militava como advogado, e ele, como autor de teatro, ele não assinava Idibal, ele assinava César Vieira, certo? Vai fazer o teatro, quer dizer ampliou, foi militar. O grupo ensaiava na Painele Publicidade e ele ia agregando simpatizantes, tinha uma função o espetáculo. E aí eu dei o nome porque um dia nós estamos chegando no circo e o circo estava derrubado pela repressão, ali no Ibirapuera. E ficou a maior discussão, o que a gente fazia, todo mundo apavorado, aí fica uma discussão, àquela altura do campeonato eu já tinha uma certa resistência às discussões prolongadas, [...], aí eu virei e falei gente, então põe União Olho Vivo, união porque a gente é unido, e olho vivo porque nós vamos ficar olhando o que os caras estão querendo fazer. União Olho Vivo pé ligeiro do samba, e aí tinha um monte de gente ótima fazendo as músicas, as músicas são belíssimas e nós começamos a fazer os espetáculos pelos bairros e no final se faziam grandes discussões entendeu²³⁶?

²³⁴ Entrevista de Eliete Ferrer, Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010.

²³⁵ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Acervo BNM. Processo 209.

²³⁶ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

Ana Maria Ramos tinha muitas amigas do curso de serviço social que participaram do Grupo União Olho Vivo, e que recolhiam dinheiro para contribuir com a organização. Bety Chachamovitz militante do setor de informações da ALN chegou a encenar *Os Fuzis da Senhora Carrar* no Teatro Arena.

Um grupo de teatro composto por estudantes da Letras e da Geologia também foi criado no ano de 1971. O grupo Teatro-Jornal da USP, do qual faziam parte Adriano Diogo, Arlete Lopes Diogo, Arlene Faria Lopes, Lisete de Silvio, Luiz Bongiovanni, Alberto Alonso Lázaro, se reunia para discussão das apresentações, sendo assessorados em expressão corporal por Celso Frateschi. Os alunos se apresentavam também no Bichusp na recepção aos calouros da Universidade²³⁷. Numa dessas apresentações convidaram Plínio Marcos para apresentar *Quando as Máquinas Param* no Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Têxteis. Foram surpreendidos, contudo, com a chegada de um comando da ALN, como conta Arlete,

[...] teve um episódio também interessante, nós tínhamos que organizar o Bichusp, que era a festa de recepção dos calouros. A gente queria levar a peça *Quando as máquinas param*, do Plínio Marcos, que estava ali no Sindicato, lá no Brás eu acho, não lembro, eu lembro que nós fomos, fui eu e o Adriano, mais duas pessoas contatar o Plínio Marcos. Contatamos e fizemos, ele fez o espetáculo de graça, depois de alguns dias disso, a ALN parou o espetáculo e lançou um manifesto.[...] Aí o Plínio Marcos achou que nós que tivéssemos... ele ficou tão bravo e brigou, e a gente não sabia de nada, não sabia nada [...] e ele foi preso por causa disso²³⁸.

Embora contassem com o apoio dos artistas, as ações de propaganda da organização também apresentavam seus riscos, em especial para artistas que já estavam na mira da polícia em função de sua arte engajada, como era o caso de Plínio Marcos.

Maria Suely Serra, militante de apoio da ALN, e estudante de Ciências Sociais da USP, fazia parte da peça. A ação de propaganda foi realizada no local do espetáculo em setembro de 1972, onde os guerrilheiros distribuíram o jornal *Venceremos*, e fizeram um discurso público erguendo uma bandeira com a insígnia da organização, representada pela alça de mira²³⁹.

O grupo de Arlete utilizava as experiências aprendidas com Augusto Boal para mobilizar os estudantes. Como ela afirma,

²³⁷ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Acervo BNM. Processo 670.

²³⁸ Entrevista de Arlete Lopes Diogo, São Paulo, 12 de junho de 2010.

²³⁹ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Acervo BNM. Processo 706 e *Venceremos* 3.

[...] trabalhávamos com as notícias que saíam no jornal, não eram só as notícias censuradas, Transamazônica, a gente tinha todas as críticas à Transamazônica, a gente montava esquetes sobre a Transamazônica, que a gente tirou do jornal... temas sociais, sempre. Nós fomos fazer curso com o Boal no Teatro de Arena, Celso Frateschi, Denise Del Vecchio, que fazia história também, na época era companheira do Celso Frateschi, então o Boal chegou a nos orientar, deu vários cursos porque ele fazia o teatro do povo, a ideia era essa mesma, que a gente servisse de multiplicador pelo teatro do povo²⁴⁰.

O curso de Geologia se reunia também em torno das mesmas propostas de fazer um teatro engajado, realizando apresentações relâmpago durante o ano de 1970,

[...] a Geologia era muito característica nessa época porque a Geologia era o foco, era onde se concentrava o maior número de militantes, depois até da ALN, então muita coisa acabava acontecendo. Eles tinham um grupo próprio porque eram todos estudantes de geologia. Fizemos o grupo orientados pelo Boal e o pessoal começava a se espalhar e a fazer e a apresentar. A gente fazia apresentação relâmpago, montava o esquete e na hora do almoço pintava na história, aí fazia o esquete e saía rapidinho²⁴¹

Na capital goiana, a ALN contou com um núcleo que daria apoio ao Rio de Janeiro e São Paulo e no qual algumas militantes mulheres também atuaram. Tiveram militância de destaque Dagmar Pereira da Silva, irmã de Hamilton Pereira, mais conhecido como Pedro Tierra²⁴², bem como Perpétua do Socorro Nunes de Melo. A militância política desse núcleo partiu fundamentalmente de atividades culturais realizadas em fins de 1968, como a realização de peças de teatro, que discutiam a política brasileira, elaborando críticas à construção da Rodovia Transamazônica, à indústria brasileira em mãos estrangeiras, e trazendo títulos como *O Ciclo da Borracha* e *Um sublime amor sem lua e esperança* criadas por Athos e Hamilton Pereira e encenadas por companheiros de escola e militância.

Outros grupos de militantes também se formariam através dessas atividades artísticas, em torno de Joel Rufino ou em atividades que eram promovidas pelo Centro Acadêmico da Medicina da USP, do qual participavam Heloísa Ianni, Ana Stephan Castro, Silvia Gil Ferreira, Lídia Guerlenda, Gelson Reicher e Antônio Carlos Cabral.

²⁴⁰ Entrevista de Arlete Lopes Diogo, São Paulo, 12 de junho de 2010.

²⁴¹ Idem.

²⁴² Pedro Tierra é o pseudônimo utilizado por Hamilton Pereira. Por sua militância na Ação Libertadora Nacional (ALN), cumpriu cinco anos de prisão (1972/77) em Goiânia, Brasília e São Paulo. Libertado, contribuiu para fundar e organizar Sindicatos de Trabalhadores Rurais. É membro da diretoria executiva do PT desde 1987. Foi secretário de Cultura do Distrito Federal. Desde 2003 é presidente da Fundação Perseu Abramo. Militante informal do MST; participou da Comissão Pastoral da Terra. Tem oito livros publicados entre eles, *Poemas do Povo da Noite*, escrito durante a prisão. O livro foi publicado parcialmente em italiano sob o título *Canti del popolo della Notte* por David M. Turolo e, depois, em edição definitiva em espanhol, com prefácio e tradução de Pedro Casaldáliga. Recebeu uma menção honrosa da Casa das Américas, Havana, em 1978 e só em 1979 foi publicado no Brasil pela Editorial Livramento. Atualmente Hamilton Pereira trabalha no Ministério do Meio Ambiente.

Os setores de arte profissionalizados também colaboravam com a organização. Militantes da ALN ficavam com o dinheiro da venda dos ingressos dos espetáculos de Geraldo Vandré, Augusto Boal e das apresentações do Teatro Opinião²⁴³.

Norma Bengel foi um elemento importante no sequestro do embaixador suíço. Era ela quem tinha acesso à casa onde ficou o embaixador e quem levava comida e remédios²⁴⁴. Referiam-se a ela na organização como *a Artista*. Alguns militantes só souberam que a *Artista* era Norma Benguel, com o fim da ditadura²⁴⁵. Ela e a atriz Gilda Grillo foram envolvidas pela repressão à expropriação do carro pagador do IPEG (Instituto de Previdência da Guanabara), realizado pela ALN em novembro de 1968. Nada porém foi comprovado contra elas. Em que pese a militância de Gilda, a atriz era vinculada ao PCB e trabalhava na Editora Abril, como jornalista. Era empresária da peça *O Assalto*. Seus passos eram seguidos pela polícia carioca, como se verificou nos documentos²⁴⁶. Sônia Necerssian também ajudava segundo depoimento de Carlos Eugênio Paz,

A Norma e a Sônia Necerssian ajudavam muito. Sônia vinha de carro com a gente para fazer pichação. Uma eu me lembro [...] porque teve consequência: o dia da final do Caminhando e Cantando contra o Sabiá, no Maracanãzinho. Tinha tido o 8 de outubro, dia do guerrilheiro heroico, ou era aquele dia mesmo, ou era o dia seguinte então o que que a gente fez, saímos com Sônia Necerssian dirigindo o fusquinha creme dela, Aldo e Girafa [Luis Afonso Miranda Rodriguez] nós quatro, armados evidentemente e pegamos o carro legal de Sônia, mudamos a placa com a fita isolante e fomos e pichamos o muro do Maracanã e do Maracanãzinho inteiro com a seguinte palavra de ordem oito de Outubro, era o primeiro ano do assassinato do Che Guevara, *Oito de Outubro dia do Guerrilheiro heróico. Marighella o nosso Che*. Demos a volta todinha e fomos embora. Depois teve alguns caras que foram presos nesse dia porque saíram do Maracanãzinho e estavam pichando Caminhando e Cantando, os PMs devem ter achado que eles botaram *Marighella o nosso Che* e foram atrás e prenderam os caras, foram processados, foram levados para a cadeia e Sônia Necerssian ajudando. Norma sempre que podia passava uma grana se precisasse, nunca cheguei a pedir, mas tenho certeza que se eu falasse Norma, posso dormir na sua casa? Que eu dormiria na casa dela, sem nenhum problema, porque ela fez com outras pessoas. Sônia também. Sônia acabou sendo presa pela VPR, foi muito torturada e teve um comportamento digno. Depois disso elas vieram para Paris, mantive relação com Norma e com Sônia lá em Paris, visitei a casa delas mais uma vez, jantamos juntos, saímos para comer, grandes companheiras que sempre ajudaram, sempre deram apoio, então a gente tinha uma rede²⁴⁷.

²⁴³ Depoimento de Carlos Eugênio Sarmiento Coêlho da Paz, Rio de Janeiro, 3 de agosto de 2009.

²⁴⁴ Entrevista de Yara Gouvêa, Brasília, 8 de julho de 2010.

²⁴⁵ Entrevista de Eliane Toscano Zamikowski, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

²⁴⁶ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Acervo BNM. Processo 348 Gilda Grillo e Norma Bengel. Jornal sem identificação acrescentado ao processo descreve “Terror incendeia no Méier, p. 126-128. APERJ-Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Notação 115, fls. 284, cx 935 (Gilda Grillo) e Divisão de Informações/DOPS cx. 395 (Norma Benguel).

²⁴⁷ Entrevista de Carlos Eugênio Sarmiento Coêlho da Paz, Rio de Janeiro, 18 de abril de 2011.

Outros artistas prestaram colaboração em outros momentos da trajetória desses militantes. Em especial durante o período de prisão de grande parte deles, período em que iam visitá-los e contribuir com o fundo de greve aos presos políticos. Muitos artistas visitaram o Presídio Frei Caneca/RJ, como Zivaldo, Mário Lago, Dina Sfat, Paulo José, Renata Sorrah, Hugo Carvana, João das Neves, Elizabeth Savala, Guilherme Karan, Ney Latorraca, Lucélia Santos, Loise Cardoso, Elke Maravilha, Joel Barcelos, Osmar Prado e Francisco Cuoco²⁴⁸. Elis Regina também prestou colaboração aos presos do Tiradentes. Como afirmou Robêni,

[...] ela encomenda o tapete para o pessoal da ala masculina, um tapete gigante que ela gostou e falou no show sabe, é uma solidariedade e ela estava correndo risco porque ela era uma mulher pública. Então ela tinha uma rede de gente que comprava as coisas que saíam do Presídio Tiradentes²⁴⁹

Marília Medalha incrementou a quantidade de mulheres que levavam comida para os presos do Presídio Tiradentes e a atriz Nilda Maria do Teatro Ruth Escobar ajudou na preparação do teatro de fantoches entre as presas políticas, quando lá esteve presa.

No seu conjunto, grande parte dessas mulheres, se não incentivaram seus alunos a participar de atividades culturais, foram influenciadas por elas durante a sua militância. Em alguns casos a arte engajada da época foi preponderante para sua conscientização e entrada posteriormente na ALN.

Maria Aparecida Baccega e Ieda Chaves tanto organizavam como participaram de peças de teatro estudantil em Osasco como o “Subdesenvolvido, subdesenvolvido...”, *Os Fuzis da Senhora Carrar*. Como professora, Baccega levava também seus alunos a shows de música popular brasileira. Granville, seu marido, também organizou muitos shows de bossa nova em Ribeirão Preto. Maria Aparecida não tinha talentos, porém, para encenar. Um dia foi parar no palco para representar uma peça. Junto dela estava Zequinha Barreto e mais uma militante de Osasco. Um churrasco e algumas cervejas na hora do almoço colocariam a perder o espetáculo, misturado à falta de talento da militante, que disse, “[...] as pessoas diziam que o ponto falava mais alto do que o autor”²⁵⁰.

No depoimento de Robêni, seu professor de latim a levava uma vez por mês a uma peça em São Paulo graças a um convênio firmado entre o governo do Estado e a Rede Ferroviária Federal que levavam estudantes do interior para a capital. Motivados pelo

²⁴⁸ Entrevista de Eliane Toscano Zamikowski, São Paulo, 2 de setembro de 2010. A respeito do apoio dos artistas Cf. CIPRIANO, Perly; VIANA, Gilney. *Fome de Liberdade: relato dos presos políticos*. Vitória: [s.n.], 1992.

²⁴⁹ Entrevista de Robêni Baptista da Costa, Campinas (SP), 25 de outubro de 2008.

²⁵⁰ Entrevista de Maria Aparecida Baccega, São Paulo, 10 de novembro de 2008.

professor e pelas propostas da UNE veiculadas pelo CPC, Robêni também montou, junto ao seu grupo em Mirassol, peças e jograis.

O contato com atividades culturais para muitas delas se realizaria ainda nos grêmios da escola, que realizavam, através da militância estudantil, apresentação de peças e musicais, embora sob controle da administração das escolas a que pertenciam. Exemplo disso foi o contato que Maria Aparecida Santos teve ao fazer parte do grêmio da escola Santos Dumont de Ribeirão Preto,

[...] porque para mim aqueles moços tão jovens daquele jeito e falando de teatro, de música, aquilo para mim era um encantamento, porque eu ficava encantada. Eu nasci, eu não tenho preconceito contra música nenhuma, eu ouvia música sertaneja, daquelas sertanejas mesmo, da Rádio Tupi, da Rádio Record, de São Paulo e a gente ouvia Tonico e Tinoco que ia ao vivo nas rádios tocar, eu ouvia Emilinha Borba, Ângela Maria, ouvia as músicas do Mário Lago, cantava como muita gente. Elvis Presley eu adorava, eu vivia dançando rock, twist, eu fiz tudo o que eu tinha direito nessa fase, aí peguei os Beatles já nessa época, já pega os Beatles, depois vem Tubecheck com twist, todas essas coisas, aí começa a bossa nova, eu vejo esses rapazes que faziam Medicina, que faziam Direito, discutindo João Gilberto, você começa... E aí eu estou frequentando a escola, fazendo escola, estudando no ginásio, tendo contato com o francês, com o inglês, com latim, até com esperanto, porque o diretor da escola ele era espírita e ele adotou o esperanto²⁵¹.

Maria Aparecida Santos, por influência da militância paterna no PCB, chegou também a participar das atividades promovidas pelo Comitê do partido na cidade de Ribeirão Preto, indo a palestras e peças de teatro apresentadas na UGT (União Geral dos Trabalhadores).

A ocupação do prédio da Maria Antônia pelos estudantes também representou um momento culturalmente importante para essa geração de 1968, como aponta Leda Gitahy,

[...] o movimento de 1968 era um movimento muito cultural. Cultural em que sentido? Por exemplo, o que fazia o movimento social em 1968, em todas as faculdades, principalmente na Maria Antônia? Ciclo de cinema. A gente ia pegar os filmes da Cinemateca e passava num monte de faculdade, debate, era uma coisa muito rica do ponto de vista cultural, então era um movimento que era denso do ponto de vista cultural, então eu lembro que na Maria Antônia naquele tempo da ocupação, não era uma ocupação parada, eram filmes, palestras, era uma coisa muito dinâmica do ponto de vista de conteúdo, de exposição, de conteúdo, era muito cultural, passavam vários intelectuais estrangeiros, fizeram uma coisa bastante interessante do ponto de vista cultural, eu acho que o movimento de 1968 não só aqui mas em toda parte é um movimento muito denso do ponto de vista cultural²⁵².

Algumas mulheres iam às apresentações teatrais para fazer a segurança dos espetáculos, o que não a impedia, contudo, de assistir às peças, como ironiza Sandra Brisolla,

²⁵¹ Entrevista Maria Aparecida Santos, Ribeirão Preto, 28 de novembro de 2008.

²⁵² Entrevista Leda Gitahy, Campinas (SP), 8 de maio de 2010.

“a gente na verdade ia assistir a peça de graça. Isso a gente fez, eu gostava muito de teatro, ia não é?”²⁵³

Assim como grande parte de sua geração, Maria Lygia Quartim, junto aos amigos e ao irmão mais velho, frequentava museus, participava de bienais,

[...] tinha uma coisa assim cultural e o meu irmão João ele namorava com uma belíssima jovem que se formou em arquitetura e que era muito chegada à arte, então eu me lembro nós tínhamos uma vida cultural muito intensa que era a Cinemateca, Museu de Arte francesa que era mania, japonês, Bienais, esse amigo nosso Caio Pagano que é um pianista nacional e outro que era bom também, esqueci o nome, que era pianista também [...]²⁵⁴

Nair Benedicto, trabalhando numa empresa na Rua Maria Antônia, frequentava com assiduidade os ensaios do Teatro de Arena. Um lanche rápido era suficiente para aproveitar o intervalo de almoço para ver Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri. Foi aluna de Antônio Benetazzo, professor de Arquitetura na USP, em companhia de quem também realizou trabalhos interessantes, apreendidos pela repressão. Um deles, que Nair nunca recuperou, foi um vídeo que tentava mostrar as mudanças pelas quais passava a cidade de São Paulo com a construção do metrô. O bairro da Vila Mariana tinha se transformado num grande canteiro de obras e curiosamente a implosão das casas da região tinha preservado suas escadas. Uma parte da cidade era escombros, outra, escadas que davam para o nada.

Vilma Barban, Eliane Toscano, Lisete de Silvio e Darci Miyaki iam aos espetáculos do Teatro Arena, sempre que podiam. Para elas a arte era um método de chamar as pessoas, de entrosamento e conscientização. Vilma participou de teatro na época do ginásio.

Ana Corbisier,²⁵⁵ muito amiga de José Celso Martinez Correia, fez algumas pontas nas peças do teatro Oficina e Maria Lúcia Alves Ferreira recebia artistas em casa, como conta,

Em 1965, mas logo depois eu percebi que tinha uma coisa de festival, de música popular... como minha mãe era artista, eu trabalhei na Bienal, entendeu, como Monitora, então tinha essa coisa e eu era muito ligada à música, a artes, também ao teatro, tinha toda essa efervescência. E assim, eu conheci o Chico quando ele estava escrevendo Morte e Vida Severina. A minha ligação era muito com o pessoal do Gil, Caetano, entendeu, por essa questão da música nessa época. Eu não militei depois do golpe, nem participei de nada logo depois do golpe. Digamos que eu estava nessa coisa ou de estudar, entendeu, ou de fazer a minha vida de jovem. Só quando eu entrei em 1967 é que eu liguei na questão, só assim, ter contato com pessoas não é? Tinha o Grupo Opinião com a Bethânia, eu conheci as pessoas, eles foram em casa. Não que eu atuasse com eles, eu era expectadora²⁵⁵

²⁵³ Entrevista de Sandra Negraes Brisolla, Campinas (SP), 24 de outubro de 2008.

²⁵⁴ Entrevista de Maria Lygia Quartim de Moraes, Campinas (SP), 17 de setembro de 2003.

²⁵⁵ Entrevista Maria Lúcia Alves Ferreira, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

Tania Fayal participava de todas as atividades culturais na sede da UNE.

[...] o CPC era um... eu vivia no CPC, comecei com o negócio de jogar ping pong, que nunca joguei nada, mas eu queria estar do lado do Oduvaldo, o Osvaldo Viera Filho [...] eu queria uma forma de eu penetrar, uma desculpa para eu estar do lado do hoje Edu Lobo, essas pessoas, Vereza. Vereza caramba, Joel Barcelos virou meu irmão, fui levá-lo para comer lá em casa, morava num colchão, a UNE tinha residentes também, João das Neves ficou escondido em casa depois do golpe de 1964 como o Vianinha também ficou, que a minha casa serviu no golpe de 1964 [...] nessa fase nós estávamos num processo de reestruturação do prédio da UNE, tinham tido grandes manifestações, Che Guevara, Fidel Castro já tinham estado por ali nesses governos de Juscelino, de Jânio de tudo, e greve de bonde, muita eclosão. Minha vida foi em torno daquela UNE, aquilo era uma explosão de acontecimentos políticos, em vários processos da vida brasileira, de governos, enfim, a UNE era a minha referência, era a minha vida política. Nós estávamos reconstruindo o teatro onde tinham encenado várias peças, inclusive uma chamada *Brasil com S*, da qual eu fazia parte. Mas eu ajudava, eu limpava, eu fazia qualquer coisa para poder ajudar ali, eu queria estar naquele meio artístico, que era o que eu gostava, já era a minha vida ali, a política junto com a atividade que eu [...] o falecido Milani foi na minha casa, entrou na vila e foi lá pedir para minha mãe para eu ir na Kombi do pessoal da UNE para o comício de 13 de março de 1964. Foi a minha primeira manifestação na Praia do Flamengo, toda aquela coisa, a chegada do Che, Iuri Gagarin, tudo aquilo que representava aquilo que era uma aspiração²⁵⁶.

Yara Gouvêa criou um grupo de jogral e depois já na faculdade montou um grupo de teatro. Sempre foi muito incentivada culturalmente por uma professora de filosofia do Colégio Culto à Ciência, Margot Proença,

A Margot Proença, a mãe da Maitê Proença, teve uma morte muito lamentável, a Margot Proença ela formou aquele grupo era uma cabeça pensante, ela organizava semanalmente saraus culturais na casa dela. E com outros companheiros lá no Culto à Ciência, tinha se formado um grupo de jogral, a gente passava naqueles bares de Campinas declamando poesia, conhecia praticamente Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira, e vários outros poetas brasileiros, você conhecia, tinha tudo na cabeça tanto que eu recebi o primeiro prêmio num concurso nacional sobre literatura brasileira²⁵⁷.

Verificamos, portanto, que muitas dessas mulheres participaram dos movimentos culturais daqueles anos, identificando-se com suas propostas ou encontrando nelas subsídios para a militância.

²⁵⁶ Entrevista Tania Fayal, Maricá (RJ), 20 de março de 2010.

²⁵⁷ Entrevista de Yara Gouvêa, Brasília, 8 de julho de 2010. Cf. GOUVÊA, Yara; BIRCK, Danielle. *Duas Vozes*. São Paulo: Editora de Cultura, 2007.

3.5 Saída da casa dos pais: estudo, trabalho, militância

A saída da casa dos pais representava um primeiro passo para a libertação dessas mulheres. Ela era consequência do rompimento dos rígidos padrões morais que estavam sendo questionados naquele momento, fruto da revolução de costumes colocada em marcha no país, que vinha não raro acompanhada do engajamento político na escola, universidade e nos locais de trabalho.

A incompatibilidade com os pais também fez com que Eliete Ferrer, militante de apoio da ALN do Rio de Janeiro, passasse a morar em coletivos e repúblicas. O espírito livre de Eliete chocava-se frontalmente com o forte moralismo dos pais aliado às pressões em relação à sua militância política, como disse em entrevista. Para Eli era uma época de crescimento pessoal muito grande, de descobertas, buscas e realizações, infelizmente muito mal compreendida pelos pais e parentes.

Nós mulheres daquela geração nós realmente rompemos com muita coisa, eu não tenho dúvida [...] Eu quando saí da casa dos meus pais, eu saí porque eu quis, eu saí porque eu não aguentava mais a pressão absurda, moralista do meu pai e da minha mãe, eu fui assediada por parentes que achavam que eu era puta²⁵⁸

Eli deixou a casa paterna, reprimida desde criança, para onde voltaria onze anos depois com a assinatura da Lei de Anistia. Criança agitada no grupo escolar, onde fazia suas travessuras, foi colocada muitas vezes de castigo pela educação rígida do pai e da mãe, ambos, feirante e doméstica, oriundos de classes muito pobres. Canhota, apanhou muito para aprender a escrever com a mão direita. Numa madrugada, esperou o pai sair para a feira às quatro da manhã e foi embora.

[...] eu sou filha de feirante, meu pai era feirante e minha mãe doméstica. Eles antes eram tecelões, trabalhavam em fábrica de tecido, mas ganhavam muito pouco. Então meu pai resolveu largar a fábrica e investir na feira. Ele descobriu que ele trabalhando na feira ele trabalhava uma semana e ele ganhava o que ele ganhava durante um mês na fábrica. Ele ficava preso naquela fábrica o dia inteiro, aquela coisa ruim, na feira ele tinha mobilidade. Muito trabalho também, acordava às três da manhã, aquela coisa, mas ganhava mais dinheiro e tinha mais liberdade até porque a coisa era dele. O meu pai era pequeno comerciante e eles eram de classe média baixa. Eu sempre estudei em colégios públicos, jamais paguei escola. Minha família era super pobre, eu não tinha dinheiro para comer. Agora eu era intelectualizada, mas oriunda das classes bastante pobres, não tem nem dúvida disso. Meu pai era semianalfabeto também, minha família era muito pobre. Eu só

²⁵⁸ Entrevista de Eliete Ferrer, Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010.

morava em coletivo, eu não tinha condições de morar, só em coletivo, como é que eu ia pagar aluguel? Então eu quando saí de casa, eu saí em busca do meu caminho²⁵⁹.

A saída da casa dos pais poderia ser sinal também para essas mulheres de entrada na ilegalidade. Era uma forma de não envolver também a família em suas atividades ou de se resguardar dela mesma em alguns casos.

Filha de um ex-oficial do Exército que mantinha relações íntimas e privilegiadas com a Escola de Cadetes de Campinas, Yara Gouvêa, militante estudantil e apoio da ALN, também tinha um horizonte diferente para sua vida, além de temer que o próprio pai a entregasse para a polícia.

Fui criada numa família machista onde a superioridade do homem era total. Durante toda a minha adolescência eu escutei da minha mãe, você tem que preparar já o baú, o enxoval para casar [...] Já aos 16 anos eu comecei a divergir muito das opiniões do meu pai, que era um homem de autoridade, eu comecei a sentir que as minhas opiniões, os meus engajamentos, necessitavam de uma certa independência econômica. Eu adorava dar aula, eu adorava escrever, eu deixei, durante uma época que eu passei, acho que uns dois meses e meio dentro de um quarto, eu pedi para o dono da casa um quarto fechado, não sei nem quem tinha naquela família, o quarto era trancado, ele abria e me deixava uma refeição por dia, janela fechada e tudo. Mas eu pedi para ele uma máquina de escrever. Durante eu acho os dois meses que eu passei lá, eu deixei e mandei para minha irmã todas as apostilas daquele cursinho em que eu dava aula e minha irmã me disse que aquele cursinho usou durante dez anos essas apostilas²⁶⁰.

Seu quarto foi invadido e revistado por seu pai. Eram tantos documentos a dar fim, que a fogueira seria mais chamariz para o Corpo de Bombeiros, como brincou sua irmã, do que uma solução para apagar os vestígios de sua participação na ALN. Resultado: a documentação foi levada para um Seminário de Campinas, que dava cobertura aos estudantes.

Danielle Birck, militante francesa vinda ao país para estabelecer contatos com a esquerda armada sob a alegação “de uma curta temporada de férias no Brasil” afirma que sua formação foi realizada em reação ao meio familiar, psicologicamente, intelectualmente e politicamente. A tomada de consciência foi progressiva e realizada a partir do final dos seus estudos de Liceu e das leituras, reflexões e encontros com colegas. Seus pais eram pessoas modestas e sem estudos. O pai era relojoeiro e a mãe trabalhava com bordado e costura num ateliê francês, atividades que, segundo ela, não predispunham à ação coletiva e absolutamente a uma militância política. Não sendo maior de idade, Danielle Birck teve que recorrer à falsificação da assinatura dos pais para obter um quarto na cidade universitária de Nanterre e se mudar de casa.

²⁵⁹ Entrevista de Eliete Ferrer, Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010.

²⁶⁰ Entrevista de Yara Gouvêa, Brasília, 8 de julho de 2010.

1968 mudava o mundo, mudava as mentalidades e deixava para trás casamento na igreja, anel no dedo e o mito da virgindade. Pelo menos para a classe média intelectualizada, pois a classe operária trabalhadora vivia outra realidade²⁶¹. Tânia Mendes, estudante de Comunicação na USP, criada numa Vila Operária e militante de apoio da ALN, relata um episódio interessante ao demonstrar as modificações por que passavam as mulheres naqueles anos:

[...] eu sou de uma família que a gente é a primeira geração de classe média na realidade, os filhos primeira geração de classe média, a gente nunca fez essa discussão (sobre a liberação de costumes) para você ter uma ideia como é diferente, quando a gente foi casar, a minha irmã mais velha, que era vamos dizer a primeira classe média dessa família, ela ficou chocada que a gente não ia casar na igreja, então ela queria de qualquer jeito que a gente fizesse o casamento na igreja. Eu cheguei para o meu pai e falei, pai o senhor, quer o casamento, porque ela disse que ia pagar o casamento na igreja. Pai o senhor quer o casamento na igreja ou trocar o amortecedor do carro? Eu desmanchei um noivado, quando eu saí do colegial [...] Eu comecei a namorar o cara na viagem para a Bahia e gostava do cara, aí quando evoluiu, ah a gente vai casar, teve todo aquele sonho de fazer tudo isso, mas ele queria casar, queria ter um casamento, queria ter uma casa, queria ter filho, e eu nunca pensei muito, mas não queria ter muitos filhos, queria ter minha vida com meu marido fazer um monte de coisa, queria ter carreira, já é outra cabeça. Aí quando o cara fala, não, vamos casar, vamos avisar que nós vamos casar, aí ele chegou para mim e falou, eu comecei a ganhar dinheiro, comecei a preparar o nosso casamento, eu comprei uma máquina de costura. Por que não uma máquina de lavar? Gente aquilo, eu já ah não, comigo não, acabou, certo?²⁶²

Yara Gouvêa não teve dúvida, também quando se deparou com um ateliê de costura na sua frente no interior do Carandiru, para onde foi levada após a prisão no Congresso de Ibiúna: foi para a lavanderia. Era conhecida entre as presas comuns, acusadas de crimes hediondos, como a menina que matou o político, tal era a ignorância reinante entre elas,

Eu falei, eu vou abrir uma torneira e eu vou fingir que eu estou lavando roupa. Eu quero ver a água escorrendo para esquecer muitas coisas. Eu não consegui fazer nada, eu fui rodeada por presas, que estavam muito impressionadas, o que que a menina tinha feito para estar ali. Daí eu vi que tinha uma que dominava todas as outras, a que falava e que só dava a autorização para as outras falarem enquanto ela quisesse, essa aí perguntou, o que que a menina fez? E eu com muito orgulho disse que era presa política. Daí ela virou e disse assim, ah, a menina matou um político... eu fiquei horrorizada, não eu não matei ninguém não sei quê, aquele negócio, ela virou para as outras e disse, tá vendo, é assim que tem que fazer. É bom pra vocês. Diante do juiz, de interrogatório, vocês têm que dizer que não mataram ninguém. Não mataram ninguém. E eu virei o exemplo, eu era a menina que tinha matado um político²⁶³

²⁶¹ NASSER, Ana Cristina Nasser. *O Outro lado da Moeda: a representação do dinheiro na vida das operárias e das donas de casa*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1989.

²⁶² Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

²⁶³ Entrevista de Yara Gouvêa, Brasília, 8 de julho de 2010.

Era a primeira vez que a classe média brasileira enchia as prisões do Estado pelos chamados “crimes de opinião” ou por provocar a “guerra revolucionária” na versão da Lei de Segurança Nacional. Nem todas conseguiram viver, contudo, com um universo tão antagônico do seu, sem sentir um certo embaraço, como relata Maria Aparecida Baccega, quadro de apoio da ALN, em visita ao marido no Presídio do Carandiru,

Bom, aí, você vai atrás. E eu era a primeira não é? Ia atrás, fui atrás, fui aqui, fui lá, fui acolá, fui lá no Carandiru, Detenção, aí eles disseram: é chegaram uns terroristas ontem, está aqui. Eu saí de lá, fui lá na Auditoria, fui lá e disse, olha, eles transferiram meu marido eu vim aqui pedir uma autorização para eu entrar. E eu peguei a autorização, eu fui a única que entrei naquele negócio, a única. Porque a Auditoria não deixou mais ninguém, não é porque eu sou boazinha, não é, porque eu fui primeiro, eles não tinham muito ideia de que não iam dar. Eu cheguei com essa autorização para entrar. Aí é uma experiência muito... nesse lugar eu não levei meu filho, eu não tive coragem, é uma experiência muito diferente de tudo o que eu já tinha vivido. Primeiro você fica numa fila com mulheres que são mais pobres que você e não é que você vai bem arrumada, mas você tem todos os dentes, você tem o cabelo lavado, enfim, essas coisas que distinguem você, não tem jeito. E elas também levam comida e a gente passa por uma revista muitas vezes terrível, entendeu? Todas passam, eu também. E eles foram para o pavilhão 8 e era longe, então eu ia carregando, ia carregando a comida, bem longe, e ia conversando com elas. Então a primeira vez que eu fui, ela falou assim, onde ele estava, onde está seu marido? Eu falei, está no Pavilhão 8. Aí elas me olharam assim com uma puta admiração porque o pavilhão 8 era o pavilhão dos jurados de morte, daqueles que eram mais valentes, entendeu? Que não é nada disso. Então ficava assim um certo respeito, um certo cuidado com ela, entendeu? Quem é seu marido, você fala o nome e ela nunca ouviu falar. Enfim, é uma experiência horrível. Aí cheguei, essa foi a pior coisa, nesse dia especialmente, foi um dos piores... cheguei no lugar, entreguei a autorização. “Como você tem essa autorização?” “Eu peguei na Auditoria, o senhor pode ver aí, tá tudo assinadinho, direitinho”. “Não, mas nenhuma Auditoria...”. “Não deu para ninguém, mas deu para mim, o senhor pode ligar lá”. “Não, que que vem aqui, ver esse terrorista, porque não sei quê, não sei que lá”. Bom, aí chama o Granville, vem um homem vestido de azul, cabelo e barba raspados, ele usava barba, completamente raspados, zero, que num primeiro momento você não sabe que é, uma coisa assim horrível, entendeu?²⁶⁴

Muitas mulheres deixavam também a casa dos pais para seguirem cursos em escolas e universidades em cidades com maiores recursos ou nas grandes capitais. Vindas do interior, e enfrentando um custo de vida mais alto na capital, muitas delas se viram obrigadas a custear seus estudos fora, já que a vida na cidade grande onerava muitos pais que trabalhavam no interior. Para isso empregavam-se em trabalhos de meio período, como auxiliares de escritório, telefonistas, vendedoras/comerciantes ou em pesquisas de opinião, etc. Trabalhavam para sobreviver já que algumas mulheres, quando iniciaram sua militância, cursavam ainda escolas médias ou iniciavam seu curso universitário, não tendo ainda a rigor uma profissão definida. Contrariamente aos tempos de hoje, o mercado de trabalho brasileiro

²⁶⁴ Entrevista de Maria Aparecida Baccega, São Paulo, 10 de novembro de 2008.

não exigia o diploma universitário como essencial para a obtenção de um emprego. A disparidade entre aqueles que tinham feito universidade e os que não tinham condições de segui-la surgiu nos anos 70. Como afirma Sandra, “quando eu comecei a trabalhar com química eu era química industrial depois de fazer um curso técnico, eu ganhava o salário mínimo, salário mínimo ganha muito pouca gente. Então essas diferenças sociais foram introduzidas nesse período”²⁶⁵.

Por outro lado, o número de pessoas que entrava na universidade era muito pequeno em relação à população em geral. Algumas delas, contudo, empregavam-se em outros serviços até que a sua situação financeira melhorasse. Tania Fayal trabalhava desde os 17 anos. Tinha carteira assinada no Instituto Pandiá Calógeras, conseguida através da indicação de um primo major intendente. Era ali que se situava o serviço de abastecimento de todos os quartéis do Rio de Janeiro. A ALN ainda não existia e Tania vivia seus momentos de movimento estudantil.

De maneira geral, as mulheres conciliavam estudo e trabalho, administrando também seu tempo para a militância política. Todas trabalhavam como quadros legais e só deixaram o emprego quando entraram na clandestinidade ou foram presas. Como Sandra afirma, “eu não cheguei a ter militância fechada, sempre estive conciliando esta com o trabalho e a Faculdade. Era excelente aluna, o que muito me ajudou quando tive que conseguir os papéis para revalidar as matérias já feitas e continuar o curso no Chile”²⁶⁶.

Aliás, ser boa aluna era sempre uma recomendação ao militante. Ler e estudar faziam parte de sua formação. O próprio curso universitário que realizavam já se constituía, para algumas delas, numa enorme dificuldade financeira. Muitas se viam oneradas pelos encargos da própria vida universitária, que incluía transporte, alimentação, moradia, aquisição de livros entre outros. Não é fortuito também que muitas dessas mulheres tenham morado na Residência Universitária do CRUSP, convertido num expressivo local de aglutinação da oposição política contra a ditadura civil-militar.

Como afirmou uma de suas moradoras, “[...] ia morar no CRUSP quem precisava mesmo ou quem tinha um ideário de esquerda, então eu passei pelos dois [critérios] não é? E aí eu fui morar no CRUSP já em 67”²⁶⁷.

²⁶⁵ Entrevista de Sandra Negraes Brisolla, Campinas (SP), 24 de outubro de 2008.

²⁶⁶ Idem.

²⁶⁷ Entrevista de Robêni Baptista da Costa, Campinas (SP), 25 de outubro de 2010.

Muitas dessas mulheres que vinham a São Paulo para estudar eram provenientes do interior ou vinham de outros estados, sem muitas condições econômicas. A título de curiosidade, temos:

Quadro 1. Procedência geográfica

Nome	Cidade	Estado
Albertina Pedrassoli Salles	Fernando Prestes	São Paulo
Diva Maria Burnier	Campinas	São Paulo
Eliana Calmon dos Reis	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
Idinaura Ap.Marques	Tupã	São Paulo
Leslie Denise Beloque	Monte Aprazível	São Paulo
Márcia Coelho dos Santos	Belo Horizonte	Minas Gerais
Maria Aparecida Baccega	Ribeirão Preto	São Paulo
Maria Augusta Thomaz	Leme	São Paulo
Maria do Amparo Almeida Araújo	Anadia	Alagoas
Mariangela Colloca	Marília	São Paulo
Regina Elza Solitrenick	Santos	São Paulo
Robêni Baptista da Costa	Mirassol	São Paulo
Rose Nogueira Clauset	Jacareí	São Paulo
Tânia Mendes	Santo André	São Paulo
Vera Lúcia Xavier	Recife	Pernambuco
Vilma Barban	Campinas	São Paulo
Yara Gouvêa	Campinas	São Paulo
Zilda Almeida Junqueira	Amparo	São Paulo

Sem dinheiro e sem conhecer direito a cidade de São Paulo, o caminho natural dessas mulheres, ingressantes na USP, era o CRUSP. A passagem delas pela Cidade Universitária foi curta, pois, no final de 1968, com o CRUSP invadido, todos os alunos foram obrigados a se retirar. A grande maioria delas ingressou na universidade entre os anos de 1967/1968. Um ano portanto de intensos debates do movimento estudantil, sobre a reforma universitária, a constituição das Comissões Paritárias, a luta pelos excedentes, a denúncia do acordo MEC-USAID, a melhoria de estruturas, prédios, laboratórios, bibliotecas, restaurante universitário. Tudo isso, claro, sem esquecer o processo de radicalização dessas mulheres. Nem todas as mulheres que se integraram à ALN, contudo, tiveram passagem pelo CRUSP, pelas seguintes razões:

- estarem em trânsito (portanto já na clandestinidade): São Paulo servia apenas para dar maior mobilidade de militância, ao contrário de seus lugares de origem;
- haviam já abandonado a Universidade e se transferido para outros locais;
- o fato de serem mulheres que já moravam na capital (na casa dos pais ou não);
- o fato de serem pessoas já graduadas e que procuraram a USP apenas para complementar sua formação, ou em busca de oportunidades de trabalho na capital;
- o fato de não terem feito USP, mas outras Universidades como Santa Casa, Escola de Sociologia e Política, FAAP, Casper Líbero, Universidade Católica (PUC), Faculdades de Teologia, Faculdade de Santo André, Escolas Técnicas, etc.

O CRUSP era de qualquer maneira um polo de agitação para o qual confluíam também os estudantes que não tinham vínculos com a Universidade. Arlete Diogo, por exemplo, ainda era secundarista quando foi ajudar a realizar a barreira de segurança contra a invasão do prédio.

O CRUSP serviu de abrigo a muitos estudantes que vieram de todas as partes do país para participar do Congresso de Ibiúna. Era o local onde os delegados recebiam senhas, informações, faziam contatos, etc. A esse respeito o depoimento de Leda Gitahy é ilustrativo e bem humorado,

[...] quando a gente estava organizando Ibiúna, por exemplo, a gente estava organizando o Congresso, aí estava chegando gente do Brasil inteiro. Houve um boato de que eles iam invadir o CRUSP, e a gente estava com um monte de delegados no CRUSP, a gente ia tirar os delegados do CRUSP e pôr aqui em casa, que era perto da USP. De madrugada eu botei 30 pessoas. Quando o meu pai acordou, acordaram, eles acharam que alguém buzinou lá, para ver se eu estava lá, eu disse que não tinha ninguém, mas... só que tinha 30 pessoas. Depois para tirar, minha mãe tirando para os vizinhos não verem aquelas pessoas, a gente ia levar eles para a PUC, foi uma encrenca, então que ideia a minha de colocar 30 pessoas, muita gente, aí minha mãe não me achava lá dentro, ela me chamou veio uma menina que era da medicina de Belo Horizonte²⁶⁸

Darcy Miyaki também morava no CRUSP. Cursava Direito na época, que só veio a terminar muitos anos depois ao sair da prisão. Gradualmente ela foi se integrando à ALN e se preparando para a luta. O movimento estudantil estava se radicalizando e o CRUSP se tornou também um lugar de recrutamento para a ALN,

²⁶⁸ Entrevista de Leda Gitahy, Campinas (SP), 8 de maio de 2010.

[...] eu me engajei completamente de noite no movimento estudantil. Nesse meio tempo já conheci algumas pessoas, que eram do PCB, mas já estavam divergindo, já seria a Ala Marighella. Então eu já passo a ter contato com esse pessoal, Argonauta Pacheco, o Rolando que eu conheci mais tarde, o Viriato pai, e mais ou menos nessa época a Cidinha [Cida Costa] também, nós duas já começamos, eu digo nós duas, porque a gente já começou juntas, e fazendo trabalhos juntas, então nós íamos para a Vila Maria também, foi uma fase muito importante da minha vida, ia para a Vila Maria e ia para bairros fazendo trabalho de alfabetização, pelo método Paulo Freire que a gente usava. E depois que há a separação do grupo de Marighella do PCB, o Marighella manda a gente fazer curso de primeiros socorros e parto [...] Inicialmente a gente passava informações para o Viriato do movimento estudantil, de como era. Provavelmente a partir daí ele captava algumas pessoas que poderiam ser militantes da ALN. Depois gradualmente eu fui fazer curso de tiro. Eu andava com uma maletinha preta de couro, aliás, eu tinha mania de andar de preto, andava muito de preto e a minha maletinha preta, então nós íamos fazer um curso de explosivos, e eu, não sei onde o Viriato morava, eu não podia levar esse material que nós íamos usar no curso. Eu tinha o meu guarda roupa no CRUSP, onde eu guardava alguma coisa, inclusive aconteceu uma vez de eu estar limpando a minha arma, eu não sei qual foi das duas se foi a Denise, ou se foi a Darcy Gil de Oliveira, que entrou e me pegou limpando a arma, não deu tempo de esconder. Elas me achavam muito estranha, aquela mulher que vive vestida de preto. Tanto que numa das invasões do CRUSP eu estava com essa maletinha. Então eu acho que eu ia ser uma das primeiras presas porque... e não tinha nem feito o curso ainda. Era o material que nós íamos utilizar para aprender²⁶⁹.

Darci saiu diretamente do CRUSP para Cuba. Não chegou a enfrentar a invasão que dispersaria todos os estudantes no final de 1968.

²⁶⁹ Entrevista de Darci Toshiko Miyaki, Indaiatuba (SP), 28 de agosto de 2010.

CAPÍTULO 4

O apoio como setor e como gesto: as redes subterrâneas da militância

4.1 O Trabalho

O trabalho também era um demonstrativo para elas de seu sucesso como boas profissionais, era o símbolo de independência. Algumas delas não podiam contar, porém, com a ajuda dos pais em decorrência do rompimento com a família. Um exemplo desse perfil encontra-se na experiência vivida por Vera Xavier de Andrade, narrada por Albertina Pedrassoli, ambas militantes da ALN e companheiras de *aparelho*:

[...] ela teria uma história linda porque ela rompeu com o pai. O pai dela era um engenheiro da Odebrecht naquele tempo, ele inclusive foi quem fez a reforma do Teatro de Manaus e tudo que tinha lá de estradas, coisas assim gigantescas era o pai dela que era engenheiro quem coordenava. E ela veio para São Paulo, rompeu com o pai, e veio para São Paulo, veio fazer sociologia aqui. Bom, todas nós participamos muito dessa revolução sexual do feminismo no sentido de ser independente, as mulheres não eram independentes, sempre tinham que casar e depender, casar porque gosto de você, nesse sentido feminista e também no sentido de que a revolução sexual a gente começou ali, a gente começou ali. E a Vera, ela deu uma entrevista na *Realidade* contando da experiência dela, o pai dela leu a entrevista e nunca mais falou com ela. Vieram a conversar e ele era muito rígido, ele era muito rico. Ela largou tudo. A Vera vivia assim, alugava quartinho aqui, alugava quartinho ali, ela fazia, ela trabalhava muito em jornal, editoras, fazia traduções para sobreviver, ela fazia muita tradução, eu acho que ela fazia free não tinha um trabalho fixo. Tanto que muitos anos depois e tudo a mãe dela veio numa época que ela esteve presa, contratou advogado, fez tudo isso. A mãe, o pai não. Mas alguns anos antes do pai morrer eles se reconciliaram, mas foi muito dolorido para ela, ela chorava muito, olha que coisa incrível, mas ele também já estava na cadeira de rodas. O pai dela deu um apartamento para ela morar aqui, perto do Brooklin. Era o que ela vivia e você conhecia a Vera e você não imaginava a vida dela, ela era militante mesmo, era de apoio, mas assim, um apoio maior de contato. Ela tinha mais contatos do que eu. A Vera sofreu de uma depressão muito forte e tomou medicamentos e voltou para Recife, para família dela. Mas ela não aguentou, eu acho que o tratamento não foi adequado, ela se suicidou de depressão. Foi muito violenta a morte dela²⁷⁰.

Era comum também que as mulheres já tivessem em seus trabalhos contatos da militância, obtendo empregos dentro de simpatias políticas para continuarem exercendo a sua militância dentro de uma fachada legal, que buscava não sobrecarregar a organização, já empenhada na manutenção dos quadros clandestinos. Além da identificação política, as

²⁷⁰ Entrevista de Albertina Pedrassoli Salles, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

relações naturais de amizade também favoreciam a aproximação no momento da obtenção do emprego.

Esse foi o caso de Maria Aparecida Costa que passou a trabalhar num escritório de advocacia. Cida mantinha-se financeiramente até o momento em que foi obrigada a cair na clandestinidade e abandonar o emprego, exatamente dois meses antes de ser presa. Não era, claro, funcionária modelo, devido às suas constantes ausências, o que pode ter contribuído para as insatisfações que começaram a aparecer, antes de ela entrar na ilegalidade em definitivo. Não desenvolvia tarefas para a ALN no seu emprego, mas seguia somente a norma estabelecida na organização: manter-se com seus recursos próprios e permanecer um quadro legal na organização.

Presa pelo delegado Otavinho no Rio de Janeiro, em dezembro de 1969, acabou levando indiretamente à detenção daquele que lhe tinha oferecido emprego, ajudando talvez o DOPS a levantar a história de seu empregador, também envolvido em política e membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Também contando com simpatias de quadros do partido, Tania Fayal passou a trabalhar num escritório de engenharia que realizava o cadastramento dos bens móveis do cais do Porto do Rio de Janeiro. Era paga de acordo com o volume do trabalho do escritório, e não tinha carteira assinada. Simpatizante de Carlos Marighella, o escritório pertencia a Sandro Werneck e situava-se na rua Franklin Roosevelt. Domingos Fernandes, seu companheiro e membro da coordenação regional da ALN no Rio, era quem tinha lhe arrumado o emprego.

Outros militantes mantinham um verniz aparentemente descompromissado em seus empregos, como Diva Burnier. Sobrinha do Brigadeiro Burnier da Aeronáutica, Diva trabalhava na empresa CIA ASPLAN de Planejamento, mesma empresa em que também trabalhavam Virgílio Gomes da Silva (*Jonas*) e Vinicius Caldevilla. Formada em economia no final de 1968, mudou-se para São Paulo no ano seguinte. Ao mesmo tempo em que trabalhava na empresa, começou seu mestrado em Ciências Sociais na USP, pouco depois abandonado, por conta de sua prisão. A ASPLAN era responsável por projetos em vários estados do Brasil, em especial no Rio Grande do Sul, coordenado por Frei Catão. Foi na ASPLAN que Diva travou conhecimento com Virgílio, ambos foram companheiros de organização e foi a partir de conversas estabelecidas entre eles que Diva decidiu prestar colaboração à ALN. Era muito novinha para o tipo de responsabilidade que tomava em mãos, além de desaconselhável por

ter parentesco direto com o Brigadeiro e estrategista da Operação PARA-SAR. Virgílio a chamava carinhosamente de ‘companheirinha’²⁷¹.

Tanto ela quanto Frei Catão, presos quase na mesma época, foram obrigados a responder aos questionamentos da repressão sobre o quadro de funcionários da empresa e sobre a quantidade de “infiltrados de esquerda” na ASPLAN.

A empresa foi cercada pela polícia e sua mesa revistada a partir da denúncia de um militante. Gavetas abertas, tudo revirado, até que a polícia encontrou um bilhete com os dizeres, “no dia X, temos um encontro marcado”. Imaginou certamente estar com um trunfo nas mãos, mais um pouco prenderia um peixe grande que havia marcado encontro com Diva. Não se deram conta do ridículo da situação e nem da intenção do bilhete, uma simples mensagem de amigo secreto que anunciava o felizardo: Sebastião Advíncula, um dos diretores da ASPLAN.

Sandra Brisolla também trabalhava no mesmo local que seu colega de curso, Norberto Nehring. Ambos foram admitidos numa empresa de Planejamento Econômico coordenada pelo militante Mathias Arruda²⁷².

Trabalhar lado a lado, alimentar os mesmos ideais de mudança, e correr os mesmos riscos, esse era o quadro dos militantes que, mesmo vulneráveis, criavam laços sólidos de solidariedade. O partido representava, sem dúvida, uma retaguarda importante, e nada desprezível na obtenção de trabalho. Encontrar empregos, para quem não desfrutava do milagre econômico, parecia difícil, por isso as redes de contatos eram fundamentais entre as esquerdas.

Outras mulheres já exerciam tarefas de interesse da organização dentro de empresas. Clandestinas ou não, tentavam angariar simpatizantes e expandir o trabalho da organização. Não eram colaborações “sedentárias” que já partissem do trabalho que desenvolviam e que dispensassem tarefas adicionais, mas trabalhos em que as militantes eram deslocadas para realizá-los, como foi o caso de Maria do Amparo Araújo, que se empregou junto aos operários da Metalúrgica Mangels para a preparação de uma *expropriação*. Como Amparo afirma,

Nós fazíamos sempre. A estratégia era a seguinte, eu uma mocinha muito distinta, datilógrafa, naquele tempo não tinha computador, eu me empregava nas fábricas, passava dois, três, quatro meses observando todo o movimento para montar... No caso específico da Mangels eu fiz toda a parte interna [...] Eu participava das festinhas de aniversário, dos casamentos, eu era uma pessoa absolutamente integrada no contexto. A minha missão específica era preparar a ação de *expropriação*²⁷³.

²⁷¹ Entrevista de Diva Maria Burnier, São Paulo, 29 de julho de 2010.

²⁷² Entrevista de Sandra Negraes Brisolla, Campinas (SP), 24 de outubro de 2008.

²⁷³ Entrevista de Maria do Amparo Almeida Araújo, Recife (PE), 8 de janeiro de 2009.

A expropriação da Mangels ocorreu em junho de 1971. Outro exemplo desse tipo de inserção na organização foi realizada por Walderês Nunes Loureiro, professora primária natural de Nanuque (MG). Walderês realizava alfabetização nas favelas e dava aula no período noturno num bairro operário em Belo Horizonte. Terminado o curso de Pedagogia em 1969 na UFMG, foge para São Paulo, já procurada pela repressão. Militante da ALN, a essa época junto com seu companheiro Eduardo Antônio da Fonseca, passa a viver clandestinamente. Com a obtenção de um documento falso sob o nome de Maria Helena Gomes emprega-se como operadora de máquina na Fábrica de Relógios Hora S/A em Santo Amaro. Como afirma, “entre 1971 a 1974, como milhares de pessoas nesse país, fui impedida de exercer a minha profissão [...] Metade desse tempo passei fugindo da polícia e lutando pela sobrevivência como operária de fábrica; a outra metade passei na prisão”²⁷⁴. Seu marido foi morto em 1971 e ela foi presa e respondeu a processo. Em 1974 terminou de cumprir sua pena de um ano e meio (foi presa em 18 de agosto de 1972). A dificuldade para ser empregada continuou depois de colocada em liberdade, sendo obrigada a preencher uma ficha chamada Modelo 14, para a investigação de seu passado pelo SNI (Serviço Nacional de Informações), exigida a todos funcionários ingressantes em órgãos públicos. “Os patrões e dirigentes não queriam comprometer-se com os militares ainda no poder, aceitando uma ‘subversiva’ como empregada. Perdi meu emprego de professora concursada e efetiva do Estado de Minas Gerais, quando meu afastamento foi, arbitrariamente, considerado abandono de cargo [...]”²⁷⁵.

Objetivando ou não qualquer tipo de trabalho político no interior da fábrica, o fato é que estar empregada, como se depreende de seu depoimento, assim como de seu processo, funcionou para Walderês como uma proteção, ainda que tenha permanecido por poucos meses e fazendo uso de um documento frio. Seu marido tinha sido morto e tudo indica que ela havia perdido contato com a organização. Tinha, portanto, que se manter, o que não impede de dizer que sua proximidade com operários, desde a época em que lecionava em Belo Horizonte, não fizesse parte da estratégia da organização em se aproximar desse setor.

Tânia Mendes realizou estágio na Pirelli com o objetivo de obter informações. Realizava estágio na gerência de marketing da empresa. Foi lá que descobriu que Albert Henning Boilesen, diretor da Ultragás, enviava documentos às outras empresas alertando para o perigo das organizações armadas. Estudante de Biblioteconomia, curso considerado à época

²⁷⁴ LOUREIRO, Walderês Nunes. Memória inclui muitos mortos. In. SALLES, Pinheiro. *A Ditadura Militar em Goiás: depoimentos para a história*. Goiânia: Poligráfica Off-set e Digital, 2008, p.167.

²⁷⁵ Idem, *ibidem*, p.170-171.

de Segurança Nacional, Tânia realizou para a ALN um trabalho de informação estratégica. Em 1969, quando realizava estágio na empresa, assistiu de perto o impacto que os discursos de José Dirceu exerciam sobre as ações da Pirelli que despencavam à mais remota ideia de que os jovens tomariam o poder. A repressão, como pôde perceber, atribuía mais força ao movimento estudantil do que ele tinha na verdade, a ponto de ter consequências na condução financeira das empresas. Trabalhando na Fundação Getúlio Vargas, onde era concursada, após cumprir pena de um ano e seis meses no Presídio do Hipódromo (SP), Tânia deparou-se, em 1975, com o organograma das organizações publicado junto ao boletim cambial das empresas. Nada muito surpreendente para ela que, em seu trabalho na Pirelli, já tinha tido acesso às informações que os empresários dispunham sobre a luta armada.

Havia constantes demandas da organização sobre casos de corrupção dentro dos órgãos públicos do Estado, assim como anseio por informações sobre a vida pessoal dos grandes figurões da época que estavam envolvidos no esquema repressivo. Assunto delicado, que Tânia lida com muita prudência, pois tendo acesso ao Plano Estratégico do Governo, e à circulação de material entre as empresas, transformar-se-ia no alvo preferencial dos militares. Tentaram de tudo, como disse, para incriminá-la em seu processo, mas a arma mantida no *aparelho* em que vivia foi misteriosamente retirada do inquérito. Receio da repressão? Moeda de troca pelas informações de que ela dispunha? Nunca soube. Nem o advogado. Nada impediu, contudo, que fosse presa e condenada como fazendo parte de um grupo da ALN ligado ao grupo teatral União Olho Vivo, fundado por Idibal Pivetta, mais conhecido como César Vieira.

A ditadura brasileira, como grande parte das ditaduras, foi mãe de todos os vícios, como bem definiu Catarina Meloni: segregação social, roubafeiras, abuso de poder, tráfico de influências, cartelização, corporativismos, corrupção de todos os tipos. Muitos civis não só incentivaram mas se locupletaram com ela, em especial os grandes empresários beneficiados por uma indústria de segurança que se formou a partir da crescente preparação da polícia contra a “subversão”. Não foi raro encontrar reuniões realizadas entre empresários com o Ministro das Minas e Energia discutindo segurança²⁷⁶.

Tânia tinha informações privilegiadas em seu trabalho, como saber com antecedência que o Ministro da Agricultura na época, Luís Fernando Cirne Lima, deixaria o governo militar. Um pouco de leitura e análise da realidade bastariam para imaginar essa possibilidade

²⁷⁶ ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, DEOPS. Série Temática OP 0829 Exilados (77-81).

com certo grau de certeza, embora os interrogadores da repressão acreditassem, dentro de sua megalomania, que era ela quem tinha arquitetado a queda do Ministro! Como ela declara,

[...] Eu já tinha aquela imensa carga de ter lido todas as informações privilegiadas que eu tive acesso, não dos órgãos de repressão imediatos, mas de quem estava, Golbery e companhia. Teve uma vez que, aliás a repressão me perguntava isso, apanhei pra caramba por causa disso. E não é nada disso, é só uma questão de fazer uma avaliação. Eu já tinha desenvolvido toda uma tecnologia de fazer avaliação de situações estratégicas, a ditadura vai caminhar para lá, aí caminhar para lá, vai caminhar para lá, ou vai caminhar para quatro lados dependendo disso, então eu cheguei no Hipódromo e aí já tinha um bando de gente presa²⁷⁷.

Tânia chegou a contribuir com dinheiro para a ALN, não, claro, de forma sistemática, já que a fonte da organização era retirada de dinheiro dos grandes empresários capitalistas: os bancos.

As melhores coberturas, porém, pareciam ser daquelas mulheres que nada modificaram, aparentemente, de sua vida profissional para colaborar com a organização.

Ruth Tegon, por exemplo, trabalhava na época na Scala D'Oro, uma empresa de tecidos cuja diretoria pertencia a um afilhado do Ministro da Economia Delfim Neto. Precavida, Ruth anotava em uma cadernetinha o telefone direto de Delfim no caso de ser presa. Como ela disse, isso poderia intimidar os agentes da detenção, que não colocariam a mão nela logo de cara sem antes ver com quem estavam lidando. Como parte das empresas que mantinham vínculos com a OBAN, a Scala D'Oro recebia a visita de muitos militares; todos à procura de sedas para suas amantes ou atraídos por um novo tecido de terno masculino que estava em voga na época: serilene.

Ruth aproveitava o tempo de trabalho na empresa à procura de documentos que incriminassem a Scala por contribuir com dinheiro para a OBAN. Continuava na empresa, uma boa fachada para mulher de preso político que tinha que se ausentar do trabalho todas as semanas na hora do almoço para visitar seu companheiro na cadeia. Claro, com a anuência do gerente geral, que em dias de visita do Comandante do II Exército lhe dizia: “vamos dispensar você amanhã viu? Porque vem o general aí...”

Exercendo a profissão de jornalista, Norma Leonor Hall Freire também utilizou seu trabalho para repasse de informações. Atuou como pombo correio no interior da ALN utilizando a rede dinâmica de contatos de sua profissão para ajudar pessoas. Como ela disse, “eu nem perguntava o que era, eu punha na bolsa e levava, eu entregava [...] nunca fui de

²⁷⁷ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

fazer muitas perguntas”²⁷⁸. Durante a Universidade entrou para o partido, mas logo depois se afastou. Como profissional da Editoria Internacional, e em função de seu crescente interesse pelas mudanças políticas, publicou na revista *Veja* uma entrevista com Leonel Brizola, que lhe renderia muitos problemas na prisão,

[...] esse assunto é meio dolorido para mim [...] a história é muito diferente na época. Quando eu estive presa eles queriam saber o que eu fui fazer no Uruguai. Claro que eu fui lá a trabalho, mas também eu fui xeretar, eu queria saber o que estava acontecendo, as notícias. A informação não circulava com tanta rapidez, e eu queria saber quem na verdade era Jango, quem era Brizola, como era a situação dos exilados brasileiros no Uruguai, isso do lado jornalístico, digamos assim, e também, sentir um pouco da movimentação na América Latina. Eu sempre fui muito sensível a essa coisa latino-americana, a essa coisa mestiça entende? Latino-americana. Eu procurava, eu também não acreditava numa participação puramente intelectual, eu acho que a prática faz parte. Então a minha prática era, digamos assim, quando solicitada, e você é muito solicitada na época, era, eu simplesmente fazia²⁷⁹.

Norma também realizou outras tarefas de apoio para a ALN e encontrava-se com o comando da organização em São Paulo com relativa frequência, e com um dos mais procurados militantes da repressão: *Clemente*.

Havia uma urgência no ar para continuar seguindo as diretrizes muito lentas do partido comunista. O apelo pela radicalização encontrava ressonância também nas redações dos jornais, entre os jornalistas mais engajados como Norma, que no fim da Faculdade já trabalhava na revista *Realidade*, numa redação extremamente atuante naquele momento. Como ela afirma,

[...] faculdade, trabalho, era uma época que havia, foram radicalizados núcleos rapidamente, e eu participei desse processo de radicalização, participei como? Eu fui envolvida no processo, fui envolvida parece uma coisa passiva, não, o processo estava ali, eu estava dentro do processo. E então, tinha de um lado a faculdade, do outro lado tinha a redação, a redação de que eu participava era um pessoal bastante politizado, não da mesma maneira do pessoal universitário, mas dentro do jornalismo muito atuante. Tanto que brincavam, que a redação queria fazer revolução na próxima edição [...] Várias solicitações de vários lados e era justamente o que eu estava procurando na época²⁸⁰.

Vilma Ary estava embebida daquele contexto de mobilização quando chegou à *Folha de São Paulo*. Seria a porta voz do movimento estudantil paulista na área de Educação no jornal, para onde foi recomendada por uma equipe de peso do *Estadão* e fortemente

²⁷⁸ Entrevista de Norma Leonor Hall Freire, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

²⁷⁹ Idem.

²⁸⁰ Idem.

comprometida politicamente na época: Fernando Pacheco Jordão, Luiz Roberto Fortes e Luiz Weiss.

Da cobertura sobre os vestibulares, Vilma passou rapidamente para a área de movimento estudantil, travando conhecimento com os principais líderes naquele momento: José Dirceu, Luis Travassos e Catarina Meloni. Priorizando todos os lados das disputas estudantis, foi se enfiando pouco a pouco na política, cujo trabalho também era uma extensão do que pensava.

“Cubra, cubra”, era isso o que mais ouvia na redação, embora fosse ela quem fazia sua pauta. Nunca foi pautada por ninguém, como diz.

Conseguiu ser a primeira jornalista a entrar no Necrotério do Hospital das Clínicas e divulgar em primeira mão o resultado da autópsia realizada no estudante morto no confronto da Maria Antônia.

Foi impressionante porque eu estava de fora, eu não fiquei dentro da Maria Antônia, fiquei de fora, porque quando eu cheguei já tinha a guerra acontecendo. Mas quando eu cheguei, a coisa estava tão volumosa que não dava para entrar. Aí me falaram que o corpo tinha ido para o Necrotério das Clínicas. Aí eu peguei o carro de jornalismo e fui embora. Fui embora, não quis saber. E chegando lá eu chamei o pessoal de medicina que a gente... eu tinha um trânsito entendeu? Eu era respeitada, então eu falei, olha o corpo está aí, eu quero ver. Vamos olhar para ver que tipo de tiro foi, porque conforme o tiro a gente vai ter uma... Nós entramos eu e o médico, que era estudante, mas era médico. Bom, o tiro começava aqui e terminava assim atrás [demonstra], então arma 45. Aí eu falei com eles, tem que entrar alguém lá dentro para fazer a autópsia, vocês não podem deixar só eles darem a autópsia que eles quiserem, vocês tem que entrar, tem que ter alguém, você entende que tipo de militância que eu fazia? Era essa. Vocês tem que entrar. Consegui fazer este cara entrar para ser parte da autópsia, e nós ficamos lá fora. Nessa altura eu tinha que combinar com todo mundo, de um jeito que todo mundo publicasse o resultado e não só eu, porque senão eu, top, top no bumbum. Aí conversa vai, conversa vem, todo mundo concordou de publicar. Aí saiu 45, aí pronto era o que a gente queria saber, era aquilo mesmo, porque tinha sido arma de guerra deles mesmo. O caras do IML estavam muito agressivos, estavam muito agressivos [...] Aí eles falaram, você vai ter que sair. Eu falei tudo bem, eu saio. Saímos, ficamos lá fora esperando o resultado, aí eles saíram, entregaram o resultado e a gente foi embora para a redação. Antes da redação a gente passou para o pessoal do comando o informe, assumiram o compromisso de todo mundo de publicar e foi aí que a gente conseguiu essa publicação [...] Mas o fato foi desse jeito mesmo, aí eu passei lá na Maria Antônia. Fui eu que gerei a notícia, eu tinha muito de fazer isso, eu tinha muito essa mania de fazer gerar a notícia para as coisas acontecerem entendeu? Muita coisa eu fiz acontecer senão, não acontecia também, ou algum outro teria que fazer isso não é, que não fosse eu²⁸¹.

De certa forma Vilma tornou-se um elo de ligação desses estudantes com o jornal. Trabalhou sempre fazendo esse tipo de cobertura de 1967 até 1970, quando foi presa. Foi a

²⁸¹ Entrevista de Vilma Ary, São Paulo, 16 de novembro de 2008.

primeira jornalista a divulgar um documento elaborado por José Dirceu, líder estudantil de então e vencedor das eleições da União Estadual dos Estudantes.

Realizou muitas coberturas de passeatas estudantis, não sem os riscos que isso envolvia:

[...] sofria junto com eles, e escondia, algumas vezes gritei, mas foi duro, algumas coisas foram fáceis, outras foram muito difíceis. Teve momentos assim muito difíceis quando eles jogaram bombas. Não foi fácil não. Mas eu estava lá, fazia cobertura, fiz bastante coisa. Teve numa passeata que foi uma que explodiu em frente ali da Caetano de Campos, eles começaram a atirar, eles atiraram ali entendeu? E eu fiquei em pânico, fiquei em pânico, eu subi num apartamento, liguei para a redação, falei, vocês mandam outro jornalista que eu não vou descer. Sabe quando dá pânico? Deu um pânico, eu falei, não vou descer. No fim mandaram um cara ligado à polícia, dessa área da polícia, então ele tinha mais trânsito porque eles estavam atirando mesmo entendeu? Eu falei não, existe um limite, existe o limite da preservação. Então foi aí que eu não desci, mas nas outras todas eu participei, tudo, tudo. Mas, teve esse momento sim, a gente é humano, a gente não, por mais analista que você seja você é humana no fim, eu acho, não sei²⁸².

Em suas memórias do movimento estudantil, Catarina Meloni narra como era tratado todo tipo de manifestação estudantil: como crime. Em suas palavras,

Para realizar uma reunião de diretoria de Centro Acadêmico, era preciso procurar um esconderijo; para uma reunião de UEE, era necessário todo um esquema de segurança; para um conselho da UNE, era preciso agir como autênticos clandestinos. O Congresso da UNE foi tratado como uma manifestação de guerrilha. Que mais queriam de nós? Empurraram-nos para a clandestinidade, usaram contra nós armas, cavalos, porões²⁸³.

A reação da ditadura era um pouco em consequência da força que eles pensavam encontrar. A imprensa também foi a responsável por difundir o temor em relação a todos aqueles estudantes mobilizados. A luta armada era tratada da pior maneira: *Abatidos mais dois terroristas, Morrem mais dois asseclas do terror, Matar é o objetivo único do movimento subversivo*²⁸⁴. Eram os verdadeiros vietcongs do asfalto e às mulheres ficava reservado sempre o papel depreciativo da loira dos assaltos. Será que toda loira nas mãos da repressão foi mais torturada pelo simples fato de ser loira? Na realidade, a repressão parecia conhecer muito pouco todas elas, morenas em sua grande maioria, baseando suas avaliações em estereótipos que nenhuma relação tinham com a realidade, exceto pelo uso das perucas.

O confisco dos bens da família, casa, dinheiro, carro ou tudo de valor que fosse apreendido era dividido entre os policiais do DOPS. Eliane Zamikowski diz:

²⁸² Entrevista de Vilma Ary, São Paulo, 16 de novembro de 2008.

²⁸³ MELONI, 2009, p. 124-125.

²⁸⁴ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Movimento Estudantil, pasta 056,12 B.

[...] eles ficaram com a Mercedes do Carlos, ficaram com outro carro que nós tínhamos, ficaram com, se eu contar quantas coisas eu perdi, eu fiquei sem nada [...] a repressão pegou tudo que eu tinha, os meus livros que eu mais gostava, os meus discos, naquela época era vitrola, minha vitrola que era a minha paixão também²⁸⁵.

Darci Toshiko Miyaki recrutada para realizar levantamentos na organização, empregou-se como contadora no escritório de Carvalho Pinto, com intuito de obter informações que pudessem ser úteis à ALN. O trabalho não teve sucesso contudo, do ponto de vista de obtenção de informações. Poucas pessoas transitavam pelo local, preferindo o escritório da Arena situado na Praça da República e bem perto do local onde Darci trabalhava. Ficou pouco tempo, até sair do Brasil.

Na ALN, houve, porém, aquelas militantes que simplesmente conciliavam estudo e trabalho até entrar na clandestinidade ou começar a manter os primeiros contatos com a organização.

Albertina Pedrassoli, militante de apoio, dava aulas em São Paulo no Colégio Estadual Santa Terezinha, em Santana. Em 1969 presta concurso no Banco do Estado, onde, aprovada, passou a trabalhar dividindo seu tempo entre o trabalho na escola, as aulas na Universidade, o trabalho no banco, e claro a militância política. Era o primeiro concurso que o banco abria para mulheres. Embora trabalhando como bancária, sua cabeça não ficava muito no banco, era o auge da militância como disse, e ela queria participar.

O trabalho servia também em muitos casos para a justificativa de falta de tempo para a militância. E de maneira convincente, pois Albertina estudando de manhã, trabalhando à tarde e lecionando à noite, não teria tempo para qualquer tipo de atividade política. Pelo menos essa foi a alegação de seu advogado na tentativa de inocentá-la de sua primeira prisão. Albertina também jogaria habilmente com os estereótipos de gênero, expediente muito usado na época, apresentando-se como a namorada sonsa do interior, que além de não possuir nenhum envolvimento político, desconhecia completamente a militância do namorado, Fernando Casadei Sales. O difícil, como ela disse, foi explicar isso na segunda prisão. Menina ingênua do interior? Não colava mais, nem para ela, pelo grau de envolvimento que foi tendo, nem para a repressão, que se especializava a cada dia na obtenção de informações sobre a luta armada.

Maria Lúcia Alves Ferreira trabalhou na pesquisa do metrô na Montor ao lado de Paulo Tarso Venceslau. Militante estudantil nessa época, não sabia ao certo que tipo de

²⁸⁵ Entrevista de Eliane Toscano Zamikowski, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

vinculação política seu colega de trabalho tinha, o conhecia da Universidade de São Paulo, mas suspeitava que havia alguma coisa por detrás. Viria a descobrir seu vínculo depois da decretação do AI-5 (Ato Institucional n. 5). A pesquisa na Montor consistia em definir a estação principal do metrô com base no volume de passagem das pessoas.

Ana Bursztyn foi ser telefonista olhando nos classificados dos jornais do Rio de Janeiro. Serviço de atendente internacional que lhe garantia um dinheiro para pagar seu aluguel num expediente das três às nove da noite na Praça Tiradentes. Estava semiclandestina e começava o processo de discussão política com Aldo de Sá Brito para entrar na ALN.

Lisete trabalhava num Laboratório de Análises Clínicas na Brigadeiro Luiz Antônio e ajudava eventualmente a organização com seu salário. As despesas principais: papel, mimeógrafo e deslocamento. O deslocamento aparentemente estava resolvido com um fusquinha 66 ganho de seu pai, o famoso *verdolengo*, como brincava Alexandre Vannucchi, seu namorado. O carro circulava pela cidade de São Paulo nos “pontos” que os militantes mantinham entre si. *Verdolengo* só parou de rodar na morte de Alexandre. A partir daí começaria um verdadeiro périplo para Lisete conseguir sair do país.

Repertoriando as fichas de qualificação no DOPS sobre essas mulheres, temos uma dimensão das atividades que elas exerciam no mercado de trabalho. Muitas delas eram professoras. Nada surpreendente se considerarmos a expansão da escola na época e a demanda de profissionais na área, mesmo que fossem estudantes exercendo um trabalho temporário, para custearem suas vidas. Os vínculos empregatícios denotavam também, quando não realizados sob nome falso, um símbolo de “recuperação” do militante para a polícia. Respondendo a processos, em especial após a saída da prisão, estar empregado constituía, para a polícia, prova de bom comportamento do militante, volta à vida legal, e não reincidência no “crime”. Melhor dizendo, não teriam mais em seus boletins a identificação, *profissão: comunista*.

Não é necessário dizer que a polícia tinha controles sobre esses militantes, que após deixar o presídio deveriam comparecer toda semana ao DOPS ou a Auditoria Militar para deixar suas assinaturas, no caso de responderem ainda a processos, estando em liberdade vigiada (*Menagem*).

A maioria das mulheres que entrevistamos se queixaram muito desse controle, pois além de serem momentos de intenso constrangimento para elas, pelas ameaças e chacotas feitas por parte dos policiais, perturbavam muito seu dia a dia, inclusive seus trabalhos, que a repressão fazia “tanta questão” que mantivessem.

Outro complicador dessa situação era a reinserção ao mercado de trabalho. Havia temor por todo lado, e ninguém, com raras exceções, estava disposto a se comprometer empregando uma ex-presa política. *Você não dá pra produção, Sinto muito as vagas já estão preenchidas* eram coisas que escutavam pela rua. Tudo lhes era hostil, e até o sol agredia²⁸⁶.

Um capítulo à parte foi dedicado a esse momento de retomada, *cavado à unha*, como disse Guiomar Silva Lopes, e somente possível através das redes de solidariedade que saíram em socorro de todas essas pessoas: amigos, famílias, pessoas de bom coração.

Como disse Catarina Meloni, “nesses anos todos existe um marco: 1985, quando consegui um emprego”. Catarina ainda não tinha resolvido seus problemas de clandestinidade, mas, como narra, “pelo menos coleí por cima das identidades anteriores, uma mais adequada àquilo que queria para mim”²⁸⁷.

Nas *Informações sobre a vida pregressa do indiciado* constava (Albertina Pedrassoli: bancária-universitária); (Arlete Lopes Diogo: professora); (Maria Aparecida Baccega: advogada/diretora de escola); (Aurora Maria Furtado: bancária); (Betty Chachamovitz: professora de matemática); (Clara Sharf: prendas domésticas); (Ilda Gomes: prendas domésticas); (Diva Maria Burnier: economista da ASPLAN); (Edith Negraes Brisolla: jornalista); (Eliana Calmon dos Reis: bancária); (Rose Nogueira Clauzet: jornalista Folha da Tarde); (Eliane Toscano Zamikowski: prendas domésticas); Suzana Keniger Lisboa: secretária); (Elza Edith Salek: orientadora educacional); (Flávia Lobo: professora); (Idinaura Aparecida Marques: normalista); (Iracema de Nola Indig: funcionária pública estadual); (Isaura Alprim: industriária); (Jane Vanine: secretária); (Katie Melles Megre: entrevistadora); (Lígia Cardieri Mendonça: professora); (Lúcia Novaes: funcionária pública federal); Luzia Flora Leme: prendas domésticas); (Márcia Coelho dos Santos: jornalista); (Maria Amélia Araújo: médica); (Maria Aparecida Costa: advogada); (Maria Aparecida Santos: contadora); (Maria Conceição Sarmiento Coelho da Paz: prendas domésticas); (Maria Sampaio Tavares: arquiteta); (Olivia Gomes: enfermeira); (Ilda Gomes: operária); (Ozenilda Alice Garcia: fiandeira); (Sônia Maria Ferreira Lima: professora); (Tânia Mendes: professora secundária); (Vera Maria Idiart: ex-funcionária da Secretaria do Trabalho); (Walderês Nunes Loureiro: pedagoga); (Zilda Junqueira: professora); (Eliane Tejera: auxiliar de escritório).

A casa de muitos pais e/ou sogros chegou também a dar abrigo a militantes perseguidos pela polícia e a servir como esconderijos para documentação considerada

²⁸⁶ Referência à alergia que adquiriu Ana Bursztyn ao sair do Presídio. Entrevista Ana Bursztyn Miranda, Rio de Janeiro, 13 de março de 2009.

²⁸⁷ MELONI, 2009, p.70.

comprometedora. Não foram poucos os casos encontrados de militantes da ALN que utilizaram esses locais como espaços de solidariedade, quando ainda moravam com os pais, ou após mudança de moradia. Informados ou não sobre a atividade de seus filhos e sobre a utilização da casa como depositário de material dito “subversivo”, muitos pais, como veremos a seguir, também foram presos e chamados a depôr, ainda que não tivessem nenhuma relação política com a organização ou soubessem das atividades de seus filhos.

À revelia dos pais, Cida Costa escondia bombas em casa. Como ela afirma,

[...] aprendi a fazer bomba, a transportar a bomba, a gente transportava bomba, teve uma época que eu morava com a minha mãe, eu levava bomba para esconder em casa, um negócio louco. Cheio de latinha de leite ninho para gente carregar ora no ônibus, pode parecer um negócio um pouco, vou dizer, um pouco precário viu? Nós estávamos expostos a perigos que eu acho que nós não tínhamos nem noção muito clara, mas tudo era muito simples. O Hanz tinha uma bomba. Tudo bem, você precisa guardar? A gente leva, quando vier de casa, coloca umas roupas em cima para ninguém mexer, e quando precisa você pega de volta. Quer dizer, isso era uma coisa feita com muita naturalidade, sem nenhum drama²⁸⁸

Diva Burnier levou para a casa dos pais uma mala contendo joias da expropriação realizada pela ALN à relojoaria Majô em junho de 1969. Seus pais não imaginavam o que pudesse estar acontecendo: não sabiam da militância de Diva e muito menos do conteúdo da mala.

Carlos Eugênio Paz, ainda secundarista no Rio de Janeiro, também escondia bombas dentro do armário de sua casa. Usava o mesmo expediente de Cida Costa, escondendo com roupas e cobertas. Um dia Marlete, a empregada da casa, disparou, “Dona Maria tem uma bomba dentro do armário do Carlos Eugênio!” Sua mãe furiosa chamou o filho, “Carlos Eugênio, o que é isso?” Carlos Eugênio tentou se explicar, “não mãe, não se preocupe, foi o Marighella quem mandou guardar aqui em casa”. Não teve jeito. Dona Maria olhou para ele e respondeu, “pois diga ao Marighella que ele manda lá na casa dele, não manda na minha casa! Você vai sumir com essa bomba daqui!”²⁸⁹

A experiência no trabalho dessas mulheres evidencia, em matéria de ação clandestina, a determinação de luta que tiveram. Todos os espaços de sua vida foram ocupados em função das tarefas a serem realizadas para a organização. A descrição pormenorizada das funções que cada uma exerceu nesse período foi realizada para demonstrar os laços concretos de pertencimento mantidos por essas mulheres à organização, e realizados de forma discreta.

²⁸⁸ Entrevista de Maria Aparecida Costa, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

²⁸⁹ Entrevista de Carlos Eugênio Sarmiento Coêlho da Paz, Rio de Janeiro, 18 de abril de 2011.

Dentro do trabalho, essas mulheres também desenvolveram uma rede de resistência sem terem que viver essencialmente reclusas nos *aparelhos*. Não há no Brasil bibliografia específica sobre esse aspecto, de como a luta contra a ditadura utilizou-se da rede legal de militantes e simpatizantes tendo penetração junto à população economicamente ativa. Não temos, portanto, um número para dimensionar quantas e por quanto tempo essas mulheres desempenharam esse papel, considerando-se também que o trabalho foi realizado sob nome falso e muitas vezes sem registro em carteira.

4.2 O apoio interno

Ao Ilmo Diretor Geral do DOPS

Acolhi em minha casa, a pedido de uma amiga comum, por dois dias somente, uma pessoa cuja gravidade de suas atividades, desconhecia. Fui movida unicamente por sentimentos de solidariedade humana que graças ao Senhor sou dotada e jamais por simpatia às suas ideias extremistas, pois delas não tinha conhecimento.

Cursei a Faculdade numa época bastante agitada em que a grande maioria dos universitários do país se encontrava sempre mobilizada, numa atividade defesa-ataque, pois determinadas forças se encarregavam de nos fazer parecer que nosso desejo de crescimento intelectual cultural estava ameaçado. Era quase impossível que não tomássemos uma posição, dada as interferências que sofríamos com tal insistência, que nos impedia de uma maior reflexão.

Apesar de tudo de qualquer lado que me colocasse, seria bastante difícil minha participação efetiva.

Desde dezembro do ano anterior que ocupo o cargo de psicóloga na Divisão de Habilitação do DETRAN, somente recebendo referências elogiosas.

Funcionei ainda como psicóloga na Academia de Polícia onde chefei um grupo de trabalho, sendo merecedora de toda confiança. Estou atuando junto ao ITOS (Instituto Técnico de Orientação e Seleção), instituições dirigidas pelo coronel Torres, por quem fui convidada, militar que ocupa posição importante no exército e, que travei relações quando este funcionava no CODI visitando os presos da Polícia de Exército. Infelizmente o coronel Torres se encontra em Brasília, caso contrário, atestaria também minha idoneidade.

Todos esses fatos muito me enobrecem, porém não terão eficácia na esfera social, caso persista essa marca que me coloca ao nível de um delinquente, sem condições de me integrar na sociedade. (06/4/73)

Conforme o que foi esclarecido anteriormente e que consta no processo acima referido, o meu envolvimento foi motivado por solidariedade humana e excessiva emotividade, estando eu totalmente desvinculada politicamente dessas pessoas.

Fui nomeada pelo governador do Estado em (277-I) dezembro do ano anterior, psicóloga da Divisão de habilitação do Detran. Estou atuando nessa função há nove meses sem poder assinar meu contrato e sem receber honorários, pois me falta esse doc. (a não concessão do doc. deliberatório deste DOPS).

Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1973²⁹⁰.

²⁹⁰ APERJ, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Eliane Toscano, Comunismo, pasta 115, fls. 277.

O pedido acima é revelador do papel e dos riscos do que se convencionou chamar de setor de apoio na ALN. O interesse de nossa pesquisa foi mostrar as diferentes formas de inserção das mulheres na organização, as diferentes tarefas a que se dedicaram e de que forma o setor de apoio da ALN foi estruturado. Foi meramente ocasional e utilizado de acordo com as circunstâncias? Constituiu-se verdadeiramente num setor e foi preparado para o tipo de função que exercia? Foi responsável por manter por mais tempo a organização atuante no país? Teve resultados efetivos e/ou duradouros na luta da organização, forjando também consciências? Representou para as mulheres uma maneira transgressora de participação, ou reforçou o papel tradicionalmente desempenhado pelas mulheres em momentos de esgarçamento democrático? Foi desempenhado também por homens? Antes de respondermos a todas essas questões, e mostrar o apoio em sua variedade de tarefas, é necessário descrever o que entendemos pelo conceito de apoio. E como a organização o utilizou.

Pensamos o apoio como um setor extremamente móvel, que chegou muitas vezes a se confundir em nível de atividades com outras bases da organização. Muitas vezes ele representou um estágio inicial da militância, para vir depois atender a outras necessidades da ALN, tendo mesmo precipitado seus militantes num momento seguinte para o setor armado, ou se confundindo com ele em determinados momentos da luta.

O apoio geralmente era recrutado do movimento estudantil, entre militantes mais velhos do Partido Comunista ou entre simpatizantes que, embora não talhados para a luta corpo a corpo, demonstraram-se muito solidários nos momentos mais críticos da organização.

Em alguns casos, esse “socorro vermelho”²⁹¹ continuou compartimentado, sem se dissolver no núcleo operacional/militar da ALN. Concorreu muito para isso a disposição pessoal dos militantes em assumir outras responsabilidades no interior da organização. Havia sim liberdade de escolha na organização como veremos a seguir, e a própria maneira na qual estava estruturada a ALN permitia esse tipo de comportamento. O fato de dar autonomia de ação a seus participantes incentivou muito a entrada das mulheres na organização, que se identificaram com ela pelas mais variadas razões, estando também atravessadas tanto por relações de afetividade e amizade, como pelos influxos teóricos recebidos por essas mulheres em sua militância estudantil. A iniciação política dessas mulheres se deu, salvo alguns raros

²⁹¹ Utilizamos o termo “socorro vermelho” no sentido utilizado por uma de nossas depoentes quando se referia à solidariedade presente na esquerda brasileira nas décadas de 1960 e 1970. Em realidade o Socorro Vermelho foi uma organização internacional criada ainda no processo da Revolução Russa e nos apoios necessários aos combatentes contra os prógrons na Polônia e nas lutas dos Partisan na Guerra Civil Espanhola. Ele faz parte das Instituições do Internacionalismo comunista ou libertário.

casos, majoritariamente no movimento estudantil. E foi ele que preparou essas mulheres, além é claro da educação recebida em casa por pais comunistas e/ou progressistas, para o tipo de tarefas que desenvolveriam depois, já ligadas à ALN. Algumas dessas tarefas já eram sabidamente realizadas no movimento estudantil, que para se defender da repressão também utilizou a clandestinidade e táticas de guerra contra a polícia de maneira ostensiva.

O setor de apoio foi também o primeiro a ser atingido pela repressão que, à procura dos “peixes grandes” da ALN, prendia os quadros legais da organização no intuito de chegar ao comando da organização. *Quem mais militava legalmente na organização?* Essa era a pergunta frequente nos interrogatórios. A repressão precisava desmontar a grande teia da ALN que se irradiava pelo movimento estudantil, operário e camponês. Nos documentos da repressão há investigações a respeito dos núcleos da ALN nas universidades, no movimento camponês (Tocantins, Goiás, Mato Grosso, Pernambuco, Pará, Ceará) e operário (São Paulo, Osasco, Belo Horizonte). A polícia procurava encontrar militantes “infiltrados” na COSIPA em Cubatão e anexava às investigações no campo as escrituras de terra recentemente adquiridas nesses estados²⁹². Queriam saber suas identidades, seus interesses. Pois, com efeito, propriedades foram compradas pela organização por quadros legais e autóctones, que em colaboração à ALN tinham seus pequenos roçados. Colaboração inestimável para o lançamento da guerrilha rural, tão mencionada nas estratégias da organização. Muitos policiais dirigiam-se à paisana para essas localidades, utilizando a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) como pretexto para a realização de pesquisas na área. As missões da igreja nessas regiões também eram motivo de desassossego dos agentes, pois, através de um trabalho integrado junto aos ribeirinhos, algumas freiras e padres não só abrigaram militantes perseguidos, como utilizaram suas competências intelectuais para a conscientização de seus povoados, para a montagem de cooperativas, para o incremento das aulas às crianças. Irmãzinhas de Foucauld, dominicanos, salesianos e seguidores da Teologia da Libertação, multiplicavam seus trabalhos nesses lugarejos. Dom Pedro Casaldáliga, por exemplo, teve muitos problemas com o regime militar. Nos documentos do DOPS paulista era completamente defenestrado. Há muito ainda a ser pesquisado sobre esse assunto, o que foge a este trabalho, na medida em que necessitamos de mais tempo de investigação e pela própria dificuldade de acesso às pessoas que agiram nesses grupos de forma anônima naqueles anos.

²⁹² UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais. Processos 99,12, 153, 706, 121.

O apoio foi tratado nesta tese com maior amplitude. Ele não se restringiu apenas ao Brasil, mas foi realizado no exterior, por militantes do partido comunista e por familiares, amigos e até por pessoas desconhecidas pois, em alguns casos, mais do que um setor, ele foi uma atitude. O apoio, portanto, não será entendido apenas como um setor pertencente à ALN essencialmente, já que a colaboração continuou a ser praticada por militantes que posteriormente formaram a Tendência Leninista (TL), e o Movimento de Libertação Popular (Molipo). Embora interiormente muito afinadas às suas ideias, as pessoas que desses grupos participaram não se afastaram completamente de seus companheiros de origem mas continuaram mantendo os laços de solidariedade que os unia atavicamente à ideia geral da revolução. As cooperações continuaram existindo, dentro e fora do país. As dissidências ocorridas na ALN chegaram a originar um grupo intermediário de pessoas que serviam como um apoio estratégico às duas organizações no Brasil realizando discussões, repasse de material e encontros, e que pela falta de conhecimento da repressão foi chamado de Grupo Independente. Na realidade, o Grupo Independente nunca existiu de fato da forma como a repressão o descreveu, mas eram militantes, saídos ou não das prisões, que tentavam retomar a luta sem despertar suspeitas da polícia, e que acabou, pelas circunstâncias da época, ganhando esse verniz. Fora do país, os exemplos de solidariedade se multiplicaram, num exílio que, visto de mais perto, também contou com solidariedades, apesar das brigas homéricas em relação à escolha do programa político mais adequado a seguir.

Temos que considerar também que a atuação da ALN na chamada Frente Armada possibilitava trocas constantes entre outros agrupamentos. Militantes circulavam conjuntamente para planejamento e execução das ações armadas, nas capturas de embaixadores, na elaboração de relatórios de queda ou de listas de torturadores. As listas dos nomes que seriam banidos do país também eram discutidas entre os grupos.

Vê-se, assim, que o apoio teve um papel que atravessou as fronteiras políticas e geográficas existentes. Temos a constituição de uma base interna de apoio aos militantes, assim como externa, realizada pelas pessoas que saíram do Brasil em direção ao exílio em países como Chile, Argentina, Panamá, Peru, Bolívia, França, Suécia, Alemanha e Portugal. Nem todas essas pessoas dessa rede de apoio da organização eram exilados ou banidos do Brasil, mas constituíam militantes em trânsito na execução de tarefas para a organização, repasse de mensagens, dinheiro, documentos, cartas e até de alimentos muito requisitados pelos brasileiros. Houve militantes que saíram do Brasil como setor de apoio e voltaram ao país como quadros da equipe de fogo, após a realização de cursos de guerrilha, de inteligência, de falsificação, de explosivos, etc. Todos que saíram esperavam também voltar

um dia. A luta seria prolongada, o que havia era apenas um recuo momentâneo. A maior dificuldade para esses militantes foi dar-se conta de que deveriam interromper a luta sem ter conseguido derrubar a ditadura, e ainda ter que enfrentar a dor da perda de tantos companheiros de armas.

O apoio foi feito também de forma casual por pessoas da população que, tendo a oportunidade de denunciar um “subversivo” na rua, não o fizeram. A colaboração a esses militantes, cada vez mais isolados no país, também foi feita de pequenos gestos, que na realidade podiam ser o limite entre a vida e a morte.

Podemos pensar então que o engajamento, com toda sua complexidade, pode ter tido origem também na vontade individual dessas pessoas, e talvez fosse uma manifestação de um inconsciente coletivo que, embora não tenha reagido ao golpe civil-militar no momento adequado, expressava-se no momento em que essas circunstâncias se apresentavam. Tinham abandonado a luta, mas não seus combatentes agora em perigo. Viam tudo talvez com um misto de medo e curiosidade. Talvez já tivessem ouvido falar deles na TV, no rádio e nos jornais, sem jamais terem se defrontado com um deles. Não eram tão perigosos assim, vistos de perto. Empreenderam uma luta que não foram capazes de realizar. Será isso mesmo?

A considerar as palavras de Catarina Meloni tendemos a achar que não.

Bem ou mal, a população seguia o seu caminho. A vida continuava sem grandes mudanças aparentes, mas a restrição das liberdades criava constrangimentos. No coração de todos havia o medo, mas havia também o desejo de ver o sol brilhar no futuro. Não se pode dizer que a sociedade estivesse dividida. Havia setores inconformados, houve manifestações de parcelas importantes das classes trabalhadoras. Mas, passados os eventos geradores das crises, as coisas voltavam à normalidade. As pessoas podiam até sentir-se insatisfeitas e desejar outras realidades, podiam murmurar contra a opressão e dar apoio político e material aos clandestinos, mas em geral não iam além disso, e olhando agora, já era muito, embora os que estavam engajados naquele momento desejassem mais. Era muito porque qualquer um podia ter problemas, receber a acusação, ser preso sem explicação e até desaparecer sem deixar vestígios, por mais absurdo que isso possa parecer hoje. A população queria a desmoralização do autoritarismo, a falência dos esquemas de força contra a sociedade, a volta do direito de votar. Queria circular livremente, não correr riscos, falar sem medo. Cada vez mais aprofundava-se o sentimento de que pensar era uma coisa perigosa. [...] Os setores radicais sentiram a falta de apoio da população, o que os fez permanecer confinados em seus próprios redutos. Mais tarde, com a reconquista da democracia, até as instituições que abrigavam tais pessoas e grupos extremados os excluíram de seu meio, de uma forma não oficial. Ficaram assim como seres malditos, rejeitados pela sociedade e por seus próprios companheiros que não queriam ter seu nome ligado àqueles estigmatizados por ações violentas condenadas dentro e fora do país²⁹³.

²⁹³ MELONI, 2009, p. 27-28.

Essa rede de apoio foi o que permitiu a volta desses militantes à vida diária, saídos da prisão ou voltando de anos de exílio. Nem governo, nem família, é preciso que se diga, puderam ou quiseram amparar a volta desses filhos. Pelo menos nem todas as famílias abriram os braços para recebê-los, por serem motivo de grande vergonha. Preferiam vê-los mortos do que ter de conviver com aquelas criaturas estranhas. Outros preferiam acreditar que tinham sido levados à militância pelas más companhias.

Ao pensar nos pequenos gestos, chegamos também a encontrar uma grande rede de solidariedade no interior das prisões. Não só a comunicação foi feita em proveito da atuação da organização fora, como também a prisão representou para esses militantes um lugar de resistência ao invés de um sinal de capitulação. Encontramos um documento da ALN apreendido pela polícia no *aparelho* de Antônio Carlos Bicalho Lana datado de janeiro de 1974, no qual estão indicadas algumas diretrizes úteis a seguir para continuar a luta do interior das prisões.

Nem sempre as famílias ou pessoas a quem a militância recorria eram conhecidas. Era preferível assim, não ficariam expostas. Aceitava-se a cooperação sem nada perguntar à pessoa, nem nome, nem endereço, nem estado civil. As regras de segurança, apesar de sempre estritamente seguidas, levavam às surpresas indesejáveis de vez em quando. Não porque esses militantes não quisessem segui-las, mas pelas circunstâncias normais da vida. Lisete de Silvio antes de sair do país, imediatamente após a morte de Alexandre Vannucchi, seu companheiro, ainda se lembra da casa em que ficou - possivelmente simpatizantes do PCB - levada por uma professora que mais parecia a Gina, a mulher-propaganda dos palitos de dentes. Não demorou muito, e na manhã seguinte à de sua chegada, Lisete já descobriu o endereço de seus simpatizantes ao olhar sem querer um embrulho de pão em cima da mesa. Detalhes assim, que poderiam comprometer rapidamente os esquemas de proteção mantidos pela ALN, jogando nas garras do delegado Fleury seus anfitriões. Lisete permaneceu ali mais um dia até encontrar um novo lugar de abrigo.

Cidinha Santos lembra-se de um casal de velhos que com frequência cedia a casa para reuniões em Ribeirão Preto, mas pouco soube me informar sobre seu paradeiro. Como ela afirma,

Participei de reuniões em vários locais, mas a discrição era a regra. Havia os apoios mas não conhecíamos todos. Mas me lembro vagamente de ter participado de uma ou duas reuniões onde havia pessoas idosas como moradoras. O apoio sempre existiu nessas situações. Depois do golpe, houve um retraimento por parte não só de militantes como de simpatizantes. Mas mesmo assim, as pessoas foram se juntando e foi se estabelecendo uma rede. A colaboração recebida era aquela que os apoios podiam dar e diga-se de

passagem, eram atos de solidariedade importantíssimos. Olhando hoje para o passado, quem não viveu aquela conjuntura, não pode avaliar a importância de gestos, que dependendo do tratamento que se dê a eles, podem ser considerados uma banalidade. A verdade é que, apesar de ainda sermos poucos e termos ainda naquela época poucos apoios, foram de uma riqueza inestimável. Se houve ajuda para colocar alguém pela fronteira, não sei se aconteceu. Uma ação deste tipo, se houve, ficou restrita a quem executou tal ação. Quanto às mulheres, mesmo que eu não as tenha conhecido na sua maioria, deve ter havido muitas, mesmo que em proporção muitíssimo menor que a dos homens. As que conheci, que faziam parte das minhas relações de amizade, como te disse eram poucas mas me ajudaram muito. Quando sai da prisão, algum tempo depois procurei encontrá-las. Mas não as encontrei mais, pois já haviam mudado de endereço e provavelmente de cidade. Tempos depois encontrei com duas delas aqui em Ribeirão Preto, mas já não viviam mais aqui. A vida depois se incumbiu de nos afastar de vez²⁹⁴.

Outra simpatizante com quem conseguimos entrar em contato foi Tereza Poggi, italiana que se transferiu para o Brasil para realizar trabalhos junto a Dom Helder Câmara na capital pernambucana. Tereza realizava um trabalho essencialmente de caráter assistencialista junto às comunidades carentes da cidade. No desenvolvimento dessa tarefa ficou morando nos escritórios da Diocese, onde mantinha contatos com estudantes da Ação Católica, até se deslocar, três meses depois, para o estado do Maranhão num programa estadual de interiorização do ensino. A decisão de ir para o Maranhão parece também estar ligada ao clima cada vez mais hostil vivido em Recife.

Durante o desenrolar de seu curso de Sociologia na capital pernambucana, Tereza foi testemunha dos tiros de metralhadora desferidos contra o prédio da Diocese em desagravo contra Dom Hélder Câmara.

Através de pessoas que conhecia, começou muito naturalmente a prestar solidariedade arranjando casas para esconder militantes perseguidos. Partindo para São Luís do Maranhão passou não só a receber pessoas em sua própria casa, mas a ajudá-las com recursos médicos e financeiros. Todos camponeses, em sua grande maioria, muitos dos quais doentes e necessitando de assistência médica. Durante os dois anos em que lá permaneceu, acredita que devem ter passado pela sua casa cerca de 15 pessoas, entre homens e mulheres. Chegou a hospedar Felícia, esposa de Rui Frazão, permitindo o desenvolvimento de um trabalho político junto às quebradeiras de babaçu na região. Apesar do grande movimento em sua casa, e de Tereza, para todos os efeitos, morar sozinha, ela desconhece se chegou a ser denunciada por alguém, apesar dos olhares curiosos da população na época. Como ela conta,

Era uma casa, dessas casas antigas não é? Que tem primeiro a sala, depois a cozinha, depois, não sei, vários quartos, aí chegava e ficava lá. Tinha cuidado, não sabia nem de

²⁹⁴ Entrevista de Maria Aparecida Santos, Ribeirão Preto, 28 de novembro de 2008.

onde vinha esse pessoal. Mas podia suscitar uma suspeita não sei quê, de pessoal que vem para cá, para lá. Mas, eu acho que suscitou quando começaram a ficar olhando, ficaram olhando o movimento lá²⁹⁵.

Tereza usava também contatos seus dentro de hospitais, para indicar médicos discretos e de confiança para tratar dessas pessoas, em geral estranhas naquele ambiente. Escolhia sempre aqueles mais acessíveis e que não faziam muitas perguntas. Escondeu também uma mala em sua casa descobrindo depois seu conteúdo: armas e o Livro Vermelho da Revolução.

Como estrangeira realizou contatos na Itália para acolher pessoas que deixavam o Brasil. Eram pessoas desconhecidas para ela: um casal com filho pequeno e duas moças que saíram de Recife e do Rio de Janeiro. Nunca conheceu pessoalmente os brasileiros a quem ajudou, certificando-se apenas de que haviam chegado bem. Perguntada de qual organização faziam parte, Tereza foi incisiva, “para mim tanto faz, eram seres humanos. Nesse sentido, precisavam de ajuda, de apoio”²⁹⁶.

Sandra Negraes Brisolla teve que se exilar no Chile para não sofrer maiores consequências do regime militar. Amiga pessoal de Paulo de Tarso Wenceslau, emprestou a casa de veraneio de seus pais, em São Sebastião, para seu amigo. Na casa, estavam de passagem Ilda Gomes da Silva, esposa de Virgílio Gomes da Silva, seus dois filhos, além de Manoel Cyrillo participante poucos dias antes do sequestro do embaixador americano Charles Elbrick no Rio de Janeiro. Sandra entraria para os arquivos da polícia da seguinte maneira:

A denunciada era colega de Faculdade do co-réu Paulo Tarso Wenceslau, tendo-lhe emprestado por várias vezes sua casa de veraneio em São Sebastião, denominada Solar Brisolla, onde ali se esconderam os terroristas assaltantes da ALN, tendo ali sido presos os co-réus Manoel Cyrillo, Paulo Tarso Wenceslau bem como a família de Virgílio Gomes da Silva. (SP, 1º de junho de 1970)²⁹⁷.

Tudo que fez para auxiliar seus companheiros, inclusive ter cedido a casa de praia dos pais, foi consentido e feito de maneira consciente por ela. O médico Boanerges de Souza Massa também passou um período escondido na mesma casa de praia, recuperando-se de um ferimento à bala provocado numa ação armada. Sandra também sabia disso. Como ela mesma disse em entrevista:

Quando veio o AI-5 e a repressão se tornou muito maior, minha tia me propôs fazer uma lista de pessoas que poderiam dar esse apoio logístico, importante, conforme ela já sabia

²⁹⁵ Entrevista de Tereza Poggi, Recife (PE), 8 de janeiro de 2009.

²⁹⁶ Idem.

²⁹⁷ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais. Processo 70. USP/Unicamp.

pela militância passada. Ela não sabia detalhes sobre minha militância, era parte da estratégia não dar informação desnecessariamente sequer para os companheiros mais próximos. Paulo de Tarso era meu colega de Faculdade, eu emprestava a chave da casa da praia [de meus pais] a ele quando me pedia, e também emprestava a outros amigos. Por alguns desses amigos soube que me estavam buscando (pois haviam encontrado papéis que permitiram identificá-los na praia) na véspera de minha detenção. Depois de me buscarem na Faculdade [disfarçados com blusão da Economia da USP] no dia seguinte me acarearam com Paulo de Tarso e ele negou tudo o que diziam a meu respeito – depois de ter passado a noite sendo torturado – e eles se convenceram de que eu não tinha nenhum envolvimento. Quando minha tia foi presa – devido a ter buscado abrigo para uma moça a meu pedido – eu estava no Chile e só soube depois de alguns meses – vi em um jornal que trazia o nome dos citados no processo. Meus pais achavam que se eu soubesse poderia tentar voltar para o Brasil e por isso não me contaram [...]”²⁹⁸

Até então a militância de Sandra limitava-se aos contatos com o Partido Comunista e a tarefas no movimento estudantil. Participou da ocupação da Faculdade e da seleção dos delegados para o XXX Congresso da UNE. Ajudou muito durante o desenrolar do Congresso transportando gente para a cidade de Ibiúna, local do encontro.

A sua família, ao saber de sua prisão logo se mobilizou para ajudá-la, em especial sua mãe, que se responsabilizou pelo acompanhamento de seu processo na Auditoria, contratou advogada, e procurou explicar ao Juiz, Dr. Nelson Guimarães, a idoneidade da família e a necessidade da saída de Sandra do país.

Sandra afirma que ficou pouco tempo detida, até conseguir sair pelo Chile. Nenhum contato funcionou entretanto como esperavam, sendo seu pai quem muito habilmente conseguiu fazê-la passar pela fronteira. Como ela narra,

Quando eu cheguei no Chile meu primo em São Paulo, o Carlos Eduardo, ele era realmente Procurador e quando aconteceu o negócio comigo, quer dizer, minha mãe foi procurada, meu pai foi procurado, foi localizado perguntaram a ele, “como é que a gente faz para levar a Sandra para fora do Brasil?” Ele falou, “olha, tem um esquema pelo Paraguai, você vai, você procura uma tal de Dona Eva, você não vai esquecer, porque é a primeira mulher do mundo, então você vai lá, chegando lá, você pergunta, onde está Dona Eva? Aí ela tem um esquema”, porque você precisava de um visto de saída, para poder sair, precisava de uma autorização policial para poder sair do país naquela época. “Então você vai lá, procura a Dona Eva que ela consegue toda a documentação para você, então aí você sai”. E daí nós fomos atrás da Dona Eva. Chegamos lá ninguém conhecia essa tal de Dona Eva, tinha caído o esquema da Dona Eva. Aí então, meu pai tinha sido da Aeronáutica, funcionário da Aeronáutica e tinha a carteirinha dele. Toda vez que ele fazia uma infração de trânsito ele tirava a carteirinha... (risos). Ele lembrou da carteirinha da Aeronáutica. Então ele chegou lá, entrou na polícia e falou, “eu sou oficial da Aeronáutica, eu vim, eu estou passeando com a minha família, eu vou até o Paraguai, mas eu quero ficar lá, até aqui, na fronteira, mas eu quero ficar lá com a minha mulher jogando de noite, e a minha filha é muito mocinha eu quero mandar ela de volta antes e eu vou ficar com meu filho e a minha mulher. Então eu queria que você me desse dois salvo condutos, um para minha filha e outro para nós três”. Porque como é que eles

²⁹⁸ Entrevista de Sandra Negraes Brisolla, Campinas (SP), 24 de outubro de 2008.

vinham voltar os três? Aí o cara falou, não, pois não, e fez na hora. Foi a sorte. E aí nós saímos²⁹⁹.

Após prender Sandra, os policiais à paisana foram até a casa de seus pais, com objetivo de prender todos que estavam ali. Como Sandra conta,

Fomos levados ao DOI-CODI (na época Operação Bandeirantes) e colocados em quartos separados por sexo. Comigo e com minha mãe estava uma namorada de um colega da Faculdade, que insistia em conversar, enquanto eu dizia que as paredes têm ouvidos. Fomos interrogados separadamente e minha mãe ficou muito nervosa por ter discutido com os militares. Ela dizia que eu trabalhava na Faculdade, em uma empresa e era química responsável por uma perfumaria, além de estudante do curso noturno de Economia. Em que horas podia ser terrorista? Eles diziam que todos os estudantes são terroristas, e ela respondeu com ironia: Se todos os estudantes são terroristas, que belo futuro tem esse país! Eles ficaram furiosos e ela depois se culpava porque temia que a raiva se descontasse em mim. Como meu pai, músico, era assessor do Secretário de Cultura (mas seu cartão dizia assessor do Governador, porque esse era o cargo disponível quando ele foi contratado), e no dia seguinte era aniversário dele e meu, estando marcada reunião em casa, fomos finalmente liberados e pedidas as devidas desculpas, além das recomendações para não me envolver em política. Ficamos 22 horas. na Rua Tutóia.³⁰⁰

Apesar do pouco tempo em que ficou presa, o apelo de sua mãe revela como sua filha estava abalada, razão principal, segundo ela, para ter deixado o Brasil. Nas palavras de Maria Cecília,

Minha filha não se encontra no Brasil e sua advogada Fúlvia Preste já explicou pessoalmente os motivos que nos levaram a fazê-la ir para o Chile. Não saiu foragida, mas sim normalmente, com todos os papéis em ordem, sendo que ainda no dia de sua saída tive que tirar uma segunda via da Carteira de Identidade no D.I., pois não encontrou a 1ª via. Desde que fomos levados à Operação Bandeirantes, não houve mais paz em minha casa. Minha filha só dormia em minha cama, tomava banho de porta encostada, não foi mais para o seu trabalho nem para sua Escola e não largava meu marido um segundo, indo para o trabalho dele e voltando com ele. Foi um tormento indescritível. O nervosismo dela crescia dia a dia e fomos obrigados a levá-la a nosso médico de família que nos aconselhou levá-la para fora. Tudo isso a Fúlvia já deve ter sobejo contado a V. Excia³⁰¹.

Sandra só voltaria ao Brasil em dezembro de 1975. A casa em São Sebastião ficaria por muitos anos fechada.

Vilma Ary, além de seu envolvimento em teatro e de seu trabalho como jornalista da *Folha de São Paulo*, também realizou de maneira clandestina tarefas para militantes.

²⁹⁹ Entrevista de Sandra Negraes Brisolla, Campinas (SP), 24 de outubro de 2008.

³⁰⁰ Idem.

³⁰¹ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais. Processo 100.

Processada como militante da Rede, organização que posteriormente se incorporou à ALN, Vilma hospedou Luis Travassos em sua casa enquanto sua mãe estava ausente, apesar dos protestos da empregada doméstica. Morando na casa da mãe, contudo, o abrigo de Vilma foi meramente episódico e nem rendeu maiores problemas a ela. Travassos poderia bem passar ainda naquela época como um amigo de faculdade. O que mais dor de cabeça lhe trouxe e o que a fez encabeçar o processo da Rede em São Paulo foi a informação de que seria informante de Fernando Koleritz. Na realidade, Vilma não havia aderido a nenhuma organização, e de forma independente prestava seu apoio. Foi, claro, solicitada por Koleritz a ajudar a organização, para a qual realizou uma tarefa cujo risco ela desconhecia completamente: a passagem pelo campo de treinamento no Vale do Ribeira. Ela tinha sido encarregada pela organização de ir de ônibus até Curitiba fazendo papel de olheira na estrada. O combinado era ir e voltar no mesmo dia, mas Vilma não contava com a surpresa que iria ter pela frente: o Exército tinha acabado de cercar a cidade de Registro à procura de Carlos Lamarca, enquanto Vilma passava simultaneamente pela ocupação militar. Bastava essa informação cair nas mãos da repressão e Vilma seria imediatamente relacionada ao campo e detida. Felizmente a polícia nunca soube de sua passagem por ali. Sorte a sua. Outra razão levou Vilma Ary à Tutóia: a perseguição a outra jornalista de mesmo nome, mas militante da ALN, Ana Wilma de Moraes e Vasconcelos.

Ser apoio representava riscos também, dependendo de como ele fosse encarado. Como Vilma ressalta,

Fernando Koleritz, perguntou se eu queria ajudar, eu falei, tudo bem. Mas não me deu uma ficha, não teve aulas comigo, nada, só que uma hora ele pediu para fazer isso, eu falei, tudo bem e fui à Curitiba. Então baseado nisso ele achou que eu estava nessa organização, agora como eu sou mais formal, eu achei que eu não fazia parte dessa militância. Eu deveria ter tido uma reunião, alguma coisa do gênero, eu não consegui nunca me desfiliar [...] eles me tratavam como se eu fosse dessa organização. Companheirismo tudo, é companheirismo tudo bem. [...] Não tinha uma pessoa que eu não fizesse, era uma coisa que eu achava que era obrigação minha e de todo mundo, sabendo alguma coisa passar para frente, como uma rede de informações. Inclusive essa ideia de rede de informações eu dei para o Koleritz. Na minha cabeça eu lembro de ter falado, tem que ter uma rede, e acabei falando de rede de informações, não sei se isso acabou fazendo ele achar que eu fazia parte, mas era uma ideia minha, dá para entender a história, o inverso da história?³⁰²

Outras militantes prestaram esse tipo de colaboração, já numa situação diferenciada. Enquanto Tereza Poggi e Vilma Ary permaneceram atuando de maneira mais independente,

³⁰² Entrevista de Vilma Ary, São Paulo, 16 de novembro de 2008.

Antonieta Campos da Paz, antigo quadro do Partido Comunista, membro da Liga Feminina da Guanabara e militante da coordenação da ALN no Rio de Janeiro, também atuou como um quadro de apoio, apesar de estar na direção da ALN. Seu exemplo é paradigmático do tipo de configuração da organização, na medida em que demonstra que a hierarquia na organização, se ela existiu, não esteve ligada a uma “hierarquia essencialmente funcional”. Um quadro experiente politicamente poderia atuar como apoio se assim o desejasse ou se houvesse alguns outros impedimentos de ordem prática. A ascensão na organização – se houve espaço para isso em termos de disputa de poder – baseada no desempenho de tarefas das mais simples às mais complexas, não se constituía, nos parece, numa situação definidora de comando na organização. Certamente os jovens universitários que se integraram à ALN realizaram mais ações armadas do que seus dirigentes. Mesmo porque o setor armado numa guerrilha é geralmente ocupado por militantes jovens. Aos dirigentes cabiam sim tarefas complexas, ligadas à condução da luta, à definição das estratégias. O perfil de cada militante e o tipo de disposição que ele tinha parecem ter sido mais definidores das tarefas que iria desempenhar do que elementos como idade, classe, gênero, situação política (partido comunista, movimento estudantil, movimento católico, movimento cultural). Encontramos nessa ideia uma das características inovadoras até então na organização, que pode ter contribuído para atrair tantas mulheres à ALN, tanto na vanguarda como na retaguarda, sem a necessidade de um centralismo democrático, e atuando de forma horizontal.

Antonieta Campos da Paz, por exemplo, além de albergar combatentes, coisa, aliás, que fez durante toda sua vida no partido, realizava tarefas de reconhecimento e levantamentos para as ações em bancos. Nesses levantamentos deveria observar se havia segurança no estabelecimento, quantos caixas tinham, em que hora chegava o malote de dinheiro. Era uma senhora acima de qualquer suspeita, como disse Carlos Eugênio Paz, *com sua carinha de inocente*. Com esse perfil, tinha entrada fácil nos bancos, além de ser muito elogiada pelos pequenos mapas que preparava para a organização com todo o levantamento obtido: a descrição das entradas e saídas dos estabelecimentos, ruas principais, comércio. Mariza, sua filha, conta:

[...] eles se reuniam muito na casa dela, que ela imaginava que a casa era segura, mas na verdade, a casa já estava sendo vigiada quatro meses antes. Eles invadiram nesse dia porque o Xavier, ex-marido da Zilda [Zilda de Paula Xavier Pereira], já nessas alturas, tinha feito um assalto, o carro tinha ficado manchado de sangue e ele tinha ido lá, quer dizer, alguém se machucou, ele entrou no carro machucado e ele foi lá lavar o carro, coisa que ele fazia com muita frequência, sempre ia para lá de carro. Muitas vezes ele lavava o carro lá e enfim, nesse dia eles acharam que iam pegá-lo. Aí depois ela não tinha muito

como negar, ela admitiu algumas coisas, mas nunca chegou a dizer até que ponto era o engajamento dela, nem para mim, nem para minha irmã. Porque minha irmã era solteira e morava com ela. Era uma casa enorme lá no Horto que nem existe mais, mas era uma coisa assim, de... não sei, de segurança é claro não é, [...] ela não podia dizer³⁰³.

Antonieta abrigou também um curso de explosivos em sua casa, quando da vinda de Epitácio Remígio de retorno de Cuba. Não foram poucas as vezes em que contribuiu materialmente com a ALN, fazendo finanças para a organização. Segundo nos informou sua filha, Antonieta teria emprestado à ALN CR\$ 1.500,00 cruzeiros, quantia nada desprezível à época. Guardava também o dinheiro das expropriações em sua casa. Sônia Maria Ferreira Lima, em entrevista que me concedeu, afirma que chegando ao Rio de Janeiro foi junto a Antonieta que permaneceu cerca de dois meses escondida. A irmã de Mariza e filha caçula de Antonieta recordam-se da presença de uma militante que ficou em sua casa na mesma época. Era *Laura*, codinome de Sônia³⁰⁴.

Ruth Tegon integrou-se diretamente à ALN, com exceção da grande maioria de mulheres que, numa espécie de rito de passagem, pertenciam ao partido ou saíram do movimento estudantil. Separada, com 34 anos e mãe de dois filhos, trocou a cidade de Campinas por São Paulo, já decidida a fazer alguma coisa na ALN. Passou a viver numa pensão barata e a dar aulas numa escola primária de periferia. Vivia antes os dramas de um casamento infeliz, e trabalhava numa modesta boutique montada em casa. Em São Paulo, já separada do marido e com seu companheiro Marco Antônio Moro, começaria a militar. Deixou as crianças em Campinas com sua mãe até que fosse possível buscá-las. Como Ruth afirma,

Era final de 1967 quando nós viemos para cá. Eu me lembro perfeitamente quando o Marighella morreu, eu já tinha saído da escola, eu trabalhava, estava trabalhando numa empresa na Alameda Casa Branca. Foi horrível porque era o contato que a gente tinha, o Marighella, os frades dominicanos também, me parece que ajudavam muito e nessa época foi quando o pessoal já tinha sido mandado para Cuba, e eu tinha em casa, uma das tarefas foi de, naquele tempo não tinha computador, então foi datilografar um manual de tática de guerrilha, e eu estava datilografando em casa à noite, quando vieram buscar o Marco³⁰⁵.

No dia da invasão de sua casa pelos policiais do DOPS, Ruth levou um susto. Precisava de todo jeito dar sumiço em tudo que pudesse comprometê-los. Ainda que a casa guardasse também exemplares da *Voz Operária*, material impresso considerado ingênuo à

³⁰³ Entrevista de Mariza Campos da Paz, Rio de Janeiro, 6 de julho de 2010.

³⁰⁴ Entrevista de Sônia Maria Ferreira Lima, Ouro Preto (MG), 27, 28 e 29 de fevereiro de 2009.

³⁰⁵ Entrevista de Ruth Tegon, São Paulo, 10 de abril de 2010.

época, a lixeira estava cheia de papéis amassados com os dizeres de Marighella que a qualquer momento poderiam ser encontrados pela repressão. Os policiais esperavam a chegada de Marco Antônio enquanto Ruth tricotava na sala aparentemente muito calma. A solução, encontrada por ela naquele momento, foi ir ao quarto sob o pretexto de apanhar um novo novelo de linha, para se desembaraçar dos papéis jogando-os pelo telhado até que os pudesse levar para o Convento dos Dominicanos, entregando-os para o frei Giorgio Callegari. Certamente ele encontraria um bom destino para eles. Chegou lá e disse, “olha, eu estou com isso aqui, e não sei o que fazer. E Giorgio Callegari, pode deixar com a gente, e foi lá pra dentro. Depois ele voltou e falou olha, pode ficar sossegada, eu escondi debaixo de Nossa Senhora (risos)”³⁰⁶.

Outros documentos também foram retirados do cofre do Hospital Samaritano, por Ruth e Lúcia Airosa, esposa do médico Carlos Madeira, para serem entregues ao Convento. Na gaveta da casa de Ruth havia também dois revólveres que felizmente na revista da casa não foram encontrados. Como disse Ruth, os policiais estavam à procura de Carlos Marighella,

[...] eles estavam atrás era da ALN mesmo. A primeira coisa quando o delegado me levou no quarto foi, o Dr. Marco traz gente aqui que você nunca viu? Eu falei não, todas as pessoas que o Marco traz aqui são amigos nossos e eu conheço todos. Ele nunca trouxe um crioulo alto, moreno? Ele estava procurando pelo Marighella. É queria mais saber da militância dele. Eles já tinham informações que ele tinha saído com a dissidência, mas eles não tinham prova nenhuma, nada. Tranquilo, passou então estava tranquilo porque realmente nem... continuamos com a militância, fomos fazer uma vez, com o Alex, acho que era o Alex [Alex Xavier Pereira], é o Alex foi com a gente na praia em Ubatuba, que a gente tinha uma casa lá, para aprender a montar arma, que era a coisa que eu mais apanhava, era isso, coquetel molotov essas coisinhas. E ficamos lá uns três ou quatro dias. Era 1969 por aí. Bom, o Marighella já tinha morrido, a gente tinha contato com o *Toledo*, o Câmara Ferreira³⁰⁷.

Ruth também realizou muitos levantamentos para poder abrigar Denise Crispim que estava grávida de Eduardo Collen Leite (Bacuri). A organização precisava encontrar um lugar seguro para ela ficar com o bebê,

A gente fez um monte de coisa, inclusive nessa época teve um negócio, que a Denise Crispim tinha tido filho do Bacuri e a gente precisava arrumar um lugar para ela deixar essa criança. A gente começou a fazer levantamento de casas assim, de gente que a gente conhecia e que era ou empregada doméstica... que a gente pudesse inventar uma história. Acabou não sendo, não dando sequência a isso, eu não me lembro assim como é que foi resolvido isso, mas eu me lembro que... A gente procurou muito, a gente ia para uns

³⁰⁶ Entrevista de Ruth Tegon, São Paulo, 10 de abril de 2010.

³⁰⁷ Idem.

buracos aí ter contato com alguma pessoa que pudesse... teve esse lado também. Levantamentos a gente fazia de pessoas, de locais, todas essas coisas³⁰⁸.

Ruth deu hospedagem a militantes perseguidos como Antônio Carlos Bicalho Lana e Ricardo Apgua,

[...] em casa, no apartamento que a gente morava, a gente recebeu dois rapazes, um o Antônio Carlos Bicalho Lana, foi morto, e outro o Ricardo que foi para o Panamá depois... os meninos ficaram em casa e é engraçado porque era o Toledo quem dava dinheiro para eles para comprar, roupa para ir pra Cuba. Eles iam a Sena, no Brás, não sei o que faziam, porque era muito pouco dinheiro. Eu acho que foi uma época até perto do Natal e os dois ficaram lá em casa. Daí, foi nessa época que o delegado foi em casa, daí quando ele foi em casa eles tinham saído uma semana antes, quando o Marco foi preso pela segunda vez. Então, e eles ficaram lá e eu fiquei com rubéola, e os dois cuidaram de mim tão bonitinhos, eles eram tão jovenzinhos... Mas, e os dois saíram, eu me lembro até quando saíram eu acho até que com o restinho de dinheiro que eles ainda tinham eles compraram um panetone, que eu nunca me esqueci. Ai todo mundo fala assim, não esses caras foram muito duros, esses caras não sei quê, e por aí você vê que não é nada disso, nada disso. E eles saíram na semana seguinte o delegado, foi assim sorte, são essas coisas que...³⁰⁹

Nair Benedicto deu apoio na medida das necessidades à organização. Sempre com vida legal, claro. Sua casa era o local de reuniões dos dirigentes da ALN, o ponto de transbordo e esconderijo dos carros utilizados nas ações de expropriação, e lugar também de intensa visitação de artistas e intelectuais da USP. Os estudantes que visitavam sua casa e de Jaques Breyton, seu marido francês e ex-resistente de guerra, já faziam parte da dissidência estudantil: Paulo Tarso Venceslau, Maurice Politi, Lauriberto Reis, José Dirceu, Consuelo de Castro, Antônio Benetazzo, Percival e Ermínia Maricato, entre outros³¹⁰. Como Nair afirma,

[...] a gente alojou em casa todo mundo barra pesada e que a gente sabia perfeitamente quem eram. A gente saía para jantar e combinava onde a gente deixaria o carro, aí eles pegavam o carro. Era uma loucura porque a gente ia nessas casas francesas, a gente nem podia tocar no assunto que os franceses... em geral esse povo que vêm de fora os europeus que vinham, os franceses em particular, o Jacques era um pouco uma exceção, porque eles vêm sendo pequenos funcionários e vêm ser grandes funcionários aqui, então é difícil para eles serem mais... eles vêm aqui de repente eles viram burgueses mesmo. Então a gente frequentava a Colônia mas a gente saía, e daí a gente combinava uma forma, que a gente conhecia todos os apartamentos e suas casas e a gente combinava de deixar o carro num lugar que a gente pela janela ou pelo portão enxergasse que estava tudo bem, que o carro tinha voltado. Então isso foi inúmeras vezes. Então a casa era muito boa porque ela permitia uma privacidade, você tinha que subir a rampa e parar lá em cima. E lá em cima para você ver lá em cima o que estava acontecendo só no prédio com binóculo. Naquela época nem tinham os prédios ali em volta. Mas a casa era muito

³⁰⁸ Entrevista de Ruth Tegen, São Paulo, 10 de abril de 2010.

³⁰⁹ Idem.

³¹⁰ BREYTON, [2005], p.163.

segura, então quando saía gente, a gente sabia tudo, os assaltos, claro que isso não está no nosso processo porque eles nos preservaram e a gente os preservou. Eles chegavam e daí subiam ou então paravam o carro embaixo, fechavam a porta, e o carro ficava totalmente protegido. Então a gente, a gente dava um apoio vamos dizer consciente e na medida que a gente podia ir mais longe, a gente ia, na medida das necessidades³¹¹.

Joaquim Câmara Ferreira e Carlos Marighella também frequentavam a casa de Nair. Realizam debates e leituras de documentos. Quando as reuniões eram maiores, eram feitas num porão da casa, de modo que os militantes ficassem mais compartimentados, evitando assim contatos paralelos com os próprios proprietários. O porão era chamado de “território livre” e era lá que chegaram a ocorrer duas ou três reuniões reunindo cerca de dez pessoas mais ou menos³¹². Jacques chegou a dar algumas aulas sobre explosivos para o grupo trazendo a experiência que havia adquirido na França. Embora Nair, em sua Defesa ao Conselho Permanente de Justiça, diga que as reuniões não passaram de encontros amistosos, e que ela não estava sempre presente em casa, muitos planos e ações da ALN com certeza surgiram ali. Cada vez a casa era mais solicitada pela organização, assim como o carro que era deixado num esquema de revezamento com Paulo Tarso Venceslau.

[...] a casa tinha um porão que a gente chamava de território livre. Então o que acontecia, o Toledo por exemplo, ele chegava, marcava uma reunião, muitas vezes ele tinha reunião com a gente mesmo, daí não era no porão, era em casa mesmo, ele jantou muitas vezes com a gente, ele vinha trazer notícias, discutir e explicar certas coisas, os caminhos [...]. Marighella também. Então essas reuniões, eram reuniões para falar de política, para falar da organização e era para falar dos próximos passos, mas era eu, o Jacques e o Toledo. Eu, o Jacques e o Marighella, eu, o Jacques e o... sabe? E isso era em casa como nós estamos aqui. Agora, quando o Marighella marcava uma reunião com todo mundo era no porão e realmente a gente não descia. No porão a gente não ia porque eram dez pessoas. A casa, eu acho que era uma casa preciosíssima para eles, para as ações, para desenvolvimento das coisas. Então não valia a pena colocar em risco uma coisa porque em geral essas reuniões, por exemplo, essas reuniões com o Marighella eram oito pessoas, nove, dez. Então a gente já fazia sanduíche café e deixava tudo lá embaixo, eventualmente ele subia para dar uma ideia, para falar está tudo indo bem, tá tudo calmo, e ficava um pouco conosco, descia de novo. Mas, a gente não descia, talvez tenha descido uma vez, duas vezes, mas não era o hábito descer, não [...] o Jacques eu acho que usou muito o que ele sabia de fabricar bombas [...] ele chegou a dar aulas lá para o pessoal do GTA³¹³.

Nair também fez contribuições em dinheiro à ALN, embora isso não fosse, segundo ela, a maior solicitação da organização. A ALN necessitava de estrutura para a realização de encontros, para poder chegar e esconder os carros, para a troca de placas. A lista com os 15

³¹¹ Entrevista de Nair Benedicto, São Paulo, 19 de junho de 2010.

³¹² BREYTON, [2005].

³¹³ Entrevista de Nair Benedicto, São Paulo, 19 de junho de 2010.

militantes trocados pelo embaixador americano em setembro de 1969 foi elaborada dentro de sua casa. Provavelmente, a própria ação de captura do embaixador pode ter sido arquitetada ali, como ela imagina. *Toledo* pedia, às vezes, para que Nair escondesse uma mala. Nair nunca olhava e nunca se interessou em saber o seu conteúdo. Apenas guardava. A casa seria descrita nos anúncios dos jornais, da época, em especial do Jornal *Globo*, como a *Casa do Terror*.³¹⁴

Nair pôde contar também com o apoio de amigos franceses, que ajudaram a lhe dar suporte nos momentos mais difíceis. Encontrou colaboração em particular entre franceses casados com brasileiros. Um casal francês, como ela conta, chegou a conduzir Roque Aparecido e sua esposa até o Rio Grande do Sul para de lá saírem do Brasil. Assim como alguns amigos ajudaram na partida, outros tiveram um papel fundamental na divulgação de denúncias sobre o Brasil no exterior. Esse foi o caso de Anne Marie Dadé, funcionária da área de comunicações do Consulado Francês que, além de difundir as notícias sobre o Brasil no exterior, ajudava também, através de seus contatos na França, no acolhimento aos exilados brasileiros que chegavam à Europa.

Nair, mesmo fora da prisão chegou a se encontrar várias vezes com a militante Aurora do Nascimento Furtado. Tentava ajudá-la de alguma maneira, pois sua foto estava em todos os cartazes. Nair marcava alguns pontos com Aurora para conversar, saber notícias dela e lhe passar algum dinheiro.

Rose Nogueira em conversa informal disse que, saindo da prisão, continuou a falsificar documentos para todos aqueles que necessitavam sair do Brasil. Foi ela quem ajudou Ilda Gomes, viúva de Virgílio Gomes da Silva, e Maria Aparecida Horta a deixarem o país. Maria Aparecida estava grávida e precisa usar uma roupa que não chamasse atenção. A bata com que saiu foi feita pelas mãos de Rose. Em Cuba, Maria Aparecida Horta teria sua filha com segurança. Rose também recebia em casa Carlos Marighella, quando havia necessidade de realizar alguma reunião.

Saindo da prisão, Rose continuou ajudando suas companheiras de cela, vendendo seus trabalhos, fazendo crochê, e sempre que podia enviava material para confecção de bolsas de couro e outros artesanatos, para o presídio.

Não tendo participado de nenhuma ação diretamente, Maria Lygia Quartim de Moraes realizava levantamentos para a ALN. A ideia era que, ao invés de serem enviados a Cuba, os militantes fossem se aprimorando durante a própria luta desenvolvida no Brasil. Era ela quem

³¹⁴ BREYTON, [2005], p.189.

ajudava na tradução da revista cubana *Tri-Continental*, atuando na organização como apoio. Uma das tarefas das quais se orgulha muito foi esvaziar o *aparelho* de Carlos Marighella.

Uma ação que eu me lembro que eu participei que foi de grande emoção. Caiu alguma coisa ligada ao Marighella lá no Rio e havia a chance do apartamento que o Marighella ficava em São Paulo ter sido, a polícia ter entrado lá. Então era fundamental para a organização... era 1968. Então era importante fazer o levantamento e limpar o *aparelho*, tirar tudo que estava lá do Marighella, porque o Marighella estava morando lá, era em Pinheiros onde ele morava com a Clara. Eu achei que a Clara fosse uma mulatona, quer dizer, ter esse nome de Clara não... sei lá porque eu achei, Clara baiana, imaginei sei lá, e aí, então tinha que fazer o levantamento. Então, você vai lá, inventando assim, eu fingia que eu ia fazer uma pesquisa e ia de casa em casa até chegar no apartamento. Então fomos fazer o levantamento, fomos não, o Toledo e o Norberto ficaram esperando e eu fui, ia fazer essa pesquisa, aí tinha uma vizinha, aquilo era completamente inconsistente, entendeu? Em todo caso uma pergunta ridícula qualquer, eu ia dizer que era um trabalho para escola e que coincidência eu entrei na casa de Marighella. Aí eu fui, porque os vizinhos teriam comentado, eu toquei numa casa, alguns falavam, eu inventei alguma coisinha ridícula qualquer, as pessoas diziam, foi suficiente e eu fui lá toquei a campainha, toquei a campainha, toquei campainha, toquei a campainha, se tivesse a polícia já teriam me prendido evidentemente, me enfiado no... eu falei, olha eu acho que está limpeza, não vi nada, não tinha nada de violência, os vizinhos estavam tranquilos. E aí naquela noite eu ajudei, aí fizemos uma ação que era para ir lá e trazer tudo, fazer a limpeza do *aparelho*. Estavam vários carros, com cobertura, estava Takao, me lembro assim, Marquito, tinha uma operação de guerra e aí nós fomos lá limpar, fazer aquela limpeza do apartamento e onde põem as coisas, onde? Foram tudo para a minha casa. Põem tudo na casa da Maria Lygia, então eu recebi aquelas malas do Marighella, com as coisas do Marighella e da Clara. E aí, porque eu tinha que sumir, ficar com aquelas malas, tinha que fazer desaparecer aquelas coisas das minhas coisas e o que eu achei mais engraçado, eu disse isso para a Clara, o que eu achei mais engraçado era umas perucas que tinha e umas perucas loiras, eu falei, mas deve chamar a atenção (risos) um mulatona com peruca loira, em nenhum momento eu imaginei que a Clara fosse branca de neve, porque a Clara é branquíssima. Na verdade, eu não tinha ideia que ela chamava Clara Sharf, teria caído a ficha, chamava Clara, eu nunca soube o sobrenome dela, então e caíram todas as cartas, eu tinha toda a coisa do Marighella. Aí eu fiquei apaixonada por Marighella, porque ele tinha poemas eróticos, ele tinha milhares de coisas, onde é que pode ficar tudo isso? Algumas coisas, assim, a polícia não percebeu que era do... algumas coisas voltaram para a organização, outras eu sumi, eu sei que alguma coisa ficou em casa e depois foi tudo para o DOPS, mas o DOPS não sabia o que era aquilo. Lá em casa os caras pegaram um verdadeiro arsenal de coisa importante que deve ter jogado fora ou deve estar lá no DOPS, sei lá, nunca fui lá ver³¹⁵.

Nem sempre, porém, algumas tarefas eram agradáveis, como verificamos em seu depoimento,

Por exemplo, o Norberto não, o Norberto já estava, o Norberto, com aquela cara de anjo, loirinho já fazia ações e um belo dia eles resolveram, maldita hora, resolveram assaltar uma, roubaram dinamite, e aí onde eles puseram a dinamite? Na minha casa. Aí eu dizia, mas é muito horrível, porque nós tínhamos alugado uma casa que tinha um porão e os caras podiam colocar coisa lá, e dinamite tem que ficar virando, porque dinamite não

³¹⁵ Entrevista de Maria Lygia Quartim de Moraes, Campinas (SP), 17 de setembro de 2003.

pode deixar senão explode, é um pavor, mas é que o Norberto sabia mexer, mas eu falei olha, Norberto, eu me sinto super mal de estar aqui em cima dessa dinamite. Depois foi para a casa do Knapp e da Eliana e ela falou que ela ficava lá virando dinamite, puxa o que será das criancinhas? Aquela dinamite virou o maior abacaxi, tinha quilos de dinamite lá, uma coisa bem chata³¹⁶.

Maria Lygia conseguiu que Otávio Angelo fosse ao oculista. Não era fácil ir ao médico, ter uma consulta, tratar dos dentes, quando se estava clandestino, sendo perseguido e com foto estampada em todo lugar. Por isso, tudo dependia de contatos, da boa vontade das pessoas e do mais completo sigilo.

Ilma Horst Noronha militante do GTA do Rio de Janeiro, por exemplo, durante todo o período de gravidez, não pôde fazer o pré-natal. Escondê-la também era difícil. No início da gestação chegou a participar de alguns levantamentos para ações. Continuou militando, contudo, após o nascimento da filha. A criança ficava sob os cuidados de Eliete Ferrer, apoio da ALN, o que dava liberdade e segurança à mãe de atuar, e a certeza de que sua filha estaria em ótimas mãos.

Robêni se lembra do primeiro Natal passado fora da prisão. Alcides, seu companheiro, teve uma crise de artrite reumatoide e teve que ser internado às pressas. Os apoios do PCB vieram em seu socorro. Era Sérgio Arouca, professor de Medicina da Unicamp. Alcides foi internado com nome falso e Sérgio pediu urgência no atendimento. Salvou sua vida. Os cuidados com ele continuaram. Sua recuperação foi feita numa casa que até então Robêni desconhecia (veio a saber anos depois em seu casamento). Seus donos, um casal de simpatizantes, tinham viajado e deixado a casa para hospedá-los. Ficar doente ou ter problema de saúde, além de não ser agradável, limitava, é claro, a militância. Gabriel Prado Mendes, por exemplo, procurado em São Paulo e tendo se transferido para Mato Grosso teve que voltar imediatamente à capital paulista em função de um câncer linfático. Foi desse momento em diante que ele e Tânia passaram a atuar de maneira mais branda, integrando-se às atividades de teatro desenvolvidas por Idibal Pivetta. Pouco depois de sua volta, Gabriel foi preso, estava fazendo quimioterapia no Hospital do Câncer, onde entrou com nome falso: não era Gabriel, mas Carlos Alberto. O delegado Fleury queria levá-los, ele e Tânia, para um sítio de tortura. Nesse meio tempo o médico de Gabriel é preso. Já fora da prisão, a primeira coisa que faz é trocar o nome do paciente do prontuário. Carlos Alberto volta a ter a identidade verdadeira. Na semana seguinte a Cruz Vermelha requisita Gabriel para realizar tratamento, era um caso de pesquisa. Dessa forma, o gesto do médico impede que os dois sejam levados

³¹⁶ Entrevista de Maria Lygia Quartim, Campinas (SP), 17 de setembro de 2003.

por Fleury, e Gabriel é liberado da prisão. Tânia ainda teve que cumprir um ano e seis meses de cadeia.

Todos que mantivessem qualquer relação com os militantes, mesmo profissionalmente, tinham facilitado dentro da concepção militar a “guerra revolucionária”. Isso se verifica na quantidade de profissionais que foram implicados nos processos da Justiça Militar, sem ter na realidade vínculos, balconistas, donos de bares, motoristas de táxi, etc.

O dentista que atendeu os filhos de Ilda Gomes representa um desses profissionais. Ilda preparava-se para ir para Cuba com seus filhos, quando é presa na casa de São Sebastião. Antes da viagem queria, porém, que as crianças passassem por um exame odontológico para se certificar de que tudo estava bem. No entanto, o dentista é preso para dar explicações sobre que tipo de relações estabelecia com Ilda. Nunca mais se viram, e o dentista, ressentido, acreditou que era ela quem o tinha entregado para a polícia.

Trabalhando na Montor e em contato diário com Paulo Tarso Venceslau, Maria Lúcia Alves Ferreira, a Malu, emprestava seu carro para o amigo, que era deixado na garagem do CREA, onde seu pai trabalhava. Malu dava muitas caronas também a ele e foi em sua companhia que arquitetaram a retirada de José Dirceu da cadeia. Como ela afirma,

A gente ficou praticamente dois meses fazendo esquema para tirar o Zé Dirceu da cadeia, era um esquema entendeu, eu que não sei se ele tinha esquema organizado, isso eu não sei entendeu? Eu não sabia, e também não sei até hoje, mas a gente fez levantamento, fazia mapas. A gente quase fez em frente à Auditoria, tinha tudo preparado. Se essa ação acontecesse seria, eu ia participar de uma ação, mas mais como apoio mesmo, você entendeu, porque era uma coisa... a gente só participava do que eles faziam de levantamento. Então no Forte, por exemplo, a gente tinha mapa do Forte, como que era não sei quê, porque eles estavam em Santos, então a gente foi para o Guarujá, ficamos na casa de uma pessoa, eu, o Lauri e o Paulo de Tarso, ficamos na casa da (*Nenê*), estava a Nenê também, a Célia, e depois eles iam para a Auditoria. Eu entrei na Auditoria porque eu era legal, o Paulo nessa época já estava clandestino, [...] em 68, eu não me lembro a época mas a gente estava ainda na pesquisa e eu acho que a partir daí o Paulo começou a ficar clandestino, foi morar em outro lugar, mudou de casa, não foi mais trabalhar. Então como eu participei da organização de Ibiúna, e eu estava muito próxima do Paulo, a gente tinha toda essa coisa de tirar os meninos. A gente queria de qualquer jeito, não era possível ficarem presos e todos tinham saído, todos os 700 tinham saído. A gente começou a fazer levantamento e [ver] possibilidades de tirá-lo, eu me lembro que eles vieram na Auditoria, mas não aconteceu. Aí teve o Ato Institucional nº 5 dia 13 de dezembro, aí as coisas começaram a ficar bem mais difíceis, porque a situação era outra³¹⁷.

Uma das outras tarefas que Malu desempenhou dando estrutura à ALN foi ajudar a retirar as pessoas do país.

³¹⁷ Entrevista de Maria Lúcia Alves Ferreira, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

[...] então assim, o meu trabalho era das pessoas. Estava-se montando um esquema de saída de pessoas que precisavam ir para Cuba, então por exemplo, o dia que o Arantes foi para Cuba ele saiu de avião daqui, nós que levamos ele para o aeroporto, o Benetazzo que era também outra pessoa muito próxima da gente, o Arno que morava na casa do Paulo, eu levei também uma outra pessoa que eu nem sei quem é. Eu levei para o Paraná, eu e o Lauri, o Lauri não dirigia nessa época, e eu dirigia, então a gente foi até o Paraná, deixamos ele lá, que a gente estava criando esse esquema de saída através do Frei Beto. Isso eu sei agora, na época só sabia que tinha um esquema de saída e que você tinha que levar a pessoa até tal lugar, de tal lugar ela, ou pegava um ônibus, ou outra pessoa pegava e levava ela pro Rio Grande do Sul. Eu sabia que era no Rio Grande do Sul, eu não sabia como funcionava [...] E eu trabalhava nessa coisa de resgate de pessoas que estavam se queimando, ou porque se queimou num assalto, enfim qualquer coisa. E tinha que sair, porque existia esse esquema de retirada de pessoas. Tanto é que o Arantes, a gente deixou ele no Aeroporto, a gente pegou a Lola [Aurora do Nascimento Furtado] para eles se despedirem e a gente fazia algum esquema para ver se a pessoa entrou direitinho, se não houve problema. Ele saiu de avião daqui. Então teve várias quedas da ALN e aí várias pessoas que precisaram sair e a gente ficou trabalhando para esse pessoal, que encontrava o Marighella, que aí tinha um esquema [...]³¹⁸

De modo geral, essas pessoas se deslocavam com documentação falsa, adquirida com o setor encarregado pela ALN dessa tarefa. Como afirma Malu, “[...] só o Benetazzo saiu com o documento dele, porque ele não era tão queimado assim, apesar de ser uma das pessoas que falava muito durante todas as assembleias, mas ele saiu em junho [...] ele era italiano, então ele tinha a documentação italiana e podia ir pra Europa a hora que ele quisesse”³¹⁹.

Malu serviu também como motorista na organização, entre algumas outras funções que desenvolveu. Foi ela quem conduziu alguns militantes da ALN para o Rio de Janeiro, em encontros que antecederam, por exemplo, o sequestro do embaixador americano,

[...] a gente foi para o Rio, porque tinha que fazer encontros e coisas no Maracanã, eu, o Lauri e o Paulo fomos para o Rio. Agora, eu não participava muito da questão, o que que está acontecendo entendeu, o que vai rolar? Não, não sei nem quem estava ali também, não sei nem te dizer, eu sei que a gente foi para o Rio, teve encontros lá com pessoas, mas não se comentava o que vai rolar. Eles encontravam pessoas. Eu e o Lauri ficávamos de fora e o Paulo ia conversar com essas pessoas, contatar os cariocas³²⁰.

Malu também chegou a esconder bombas em sua casa e abrigar Lauriberto Reis num momento difícil para a organização,

[...] em agosto a gente vai para o Rio e a gente estudando, a gente fazendo mil coisas. Em setembro tem o sequestro, a gente deu uma recuada, eu e o Lauri ficamos muito juntos, a gente não comentava, mas as pessoas comentavam, ah, eu acho que o Paulo de Tarso está

³¹⁸ Entrevista de Maria Lúcia Alves Ferreira, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

³¹⁹ Idem.

³²⁰ Idem.

nessa história, a gente não tinha especulação. A gente, eu sou de temperamento discreto, então eu não fico perguntando. Eu só fiquei sabendo que o Paulo tinha participado do sequestro na última semana que eu fiquei com o Lauri direto, que ele estava nervosíssimo, então eu ficava todo o tempo acompanhando ele, para ver o que que tinha acontecido aqui, o que que tinha acontecido ali, se fulano tinha caído. Quando ele soube que a Nair e o Jacques tinham caído ele ficou péssimo e dormiu em casa nessa noite, e por causa dessa história do sequestro e do Paulo ter se queimado, tinha algumas bombas que tinham sido preparadas pelo Arno Preis, acho que foi ele que fez porque depois eu fiquei sabendo que ele era expert em fazer bomba. Um dia o Lauri falou assim, eu não sei se estava o Paulo, ou se foi o Paulo e o Lauri eu não lembro, olha nós precisamos guardar umas coisas na sua casa, mas é muito provisório, tem algum problema? Eu falei não, não tem problema, mas eu também não perguntei o que que era, entendeu, porque isso dava para a minha segurança, aí eu falei não tem problema, aí quando a gente foi levar, eu fiquei sabendo o que era, porque aí também não tem como... aí eu acondicionei numa mala e pus lá no meu armário, e ficou lá. Só que aí foi todo mundo caindo, eu mesmo tive que sair de casa porque eu soube que a polícia estava na minha casa, por uma vitrine [...]³²¹

As relações de amigos ou conhecidos acabam também se misturando à militância política. O irmão de Malu, apesar de não ter qualquer relação com a ALN, ficou preso durante quinze dias às vésperas do cerco pela polícia a Carlos Marighella. O motivo, como Malu diz, foi um carro,

Ele tinha um carro emprestado pelo Clauset porque a gente estudou juntos, e o dia que o Clauset foi preso, meu irmão foi preso, ficou quinze dias preso até aceitarem que ele não tinha nada a ver com nada, só tinha emprestado o carro do Clauset, o carro dele foi usado, [...] no dia que o Marighella morreu porque você sabe que a polícia montou uma coisa mesmo, um esquema entendeu, um carro que ele conhecia, que o Marighella conhecia, puseram os padres em dois carros que eram da organização, de gente que estava presa, e um deles era do Clauset mas estava no nome do meu irmão, entendeu, aí ele foi, ficou quinze, vinte dias preso [...]³²²

Uma das mais frequentes tarefas de Eliete Ferrer foi dar hospedagem a militantes procurados. Embora ela fosse da ALN, seu apoio não se limitou portanto a acolher apenas militantes de sua organização, mas Eli desempenhou um papel fundamental para preservar vida e militância dessas pessoas. Acolheu em sua casa pessoas procuradas que faziam parte de suas relações pessoais ou que possuíam vínculos políticos com outras organizações armadas. Ela que em sua vida precisou tanto do apoio de pessoas para morar em repúblicas e coletivos, pela mais absoluta falta de dinheiro, era agora quem abria a sua casa.

Nunca se negou, porém a dar abrigo a quem precisasse. Uma das pessoas a quem hospedou por cerca de dois meses foi Ilma Noronha, na época grávida. Junto a Ilma recebeu

³²¹ Entrevista de Maria Lúcia Alves Ferreira, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

³²² Idem.

em sua casa também a militante Maria Alice Campos Freire. Ambas eram militantes da ALN e atuavam no setor armado da organização.

Como ela afirma,

[...] quando eu era casada com o Ronaldo, com Mercado [Equipe Mercado] ou não, a gente guardava gente em casa. Em 1973 outras pessoas também dormiam lá em casa, não era só esse pessoal. Antes, disso quando eu morava em Santa Teresa várias pessoas procuradas dormiram lá em casa. Pode dormir? Claro, fica aí. A gente deixava, é claro. O Castor que era um cara que era da VPR dormiu lá em casa várias vezes. Ele já era clandestino, ele era meu amigo, imagina, de faculdade. Ele era secundarista quando eu o conheci, ele era segurança do Vladimir. Mais tarde ele ficou procurado, foi para a VPR mesmo, foi para o Vale da Ribeira e foi muito procurado, mas de vez em quando ele ia dormir lá em casa. Batia, posso dormir aí? Pode. Ele dormia com uma arma assim do lado³²³.

O refúgio para as pessoas perseguidas era feito dentro de muitos sigilos como conta Eli. No caso da hospedagem de Ilma e Maria Alice, ela não sabia quem eram. Sabia o mínimo necessário para poder atuar: que eram perseguidas e que o marido de uma delas estava preso. Tomava também os seus cuidados. No contato com quem abrigava, não era mais Eliete e sim *Luiza*, nome de sua avó. Ronaldo, seu companheiro era *Rogério*, em homenagem a Rogério Duprat, de quem gostava, e pela similaridade dos nomes, fácil, portanto, de memorizar.

Na casa de Eliete também foram escondidos muitos panfletos e armas. No momento em que Reinaldo Guarany, seu cunhado, foi preso, o apartamento em que moravam ela e Ronaldo foi abandonado. Ficou um ano fechado com tudo dentro,

[...] tinha panfleto, tinha muita coisa em casa. Ele [Reinaldo Guarany] caiu em 24 de agosto de 1970, foi no dia do Exército, no dia do Caxias, é agosto de 70. Aí o Luiz Carlos nos avisou que ele caiu e que a Kalu [Eliane Potiguara Simões] ia sumir, entrar na clandestinidade e ele também porque ele não sabia se o Reinaldo ia abrir ou não. Então ele ia sumir, a gente deu algumas coisas a ele, não sei, eu me lembro vagamente desse dia, mas ficamos apreensivíssimos, com a caída do Reinaldo, fomos para casa, que morávamos no mesmo prédio que ele morava, nós estávamos com muito medo se a polícia já saberia onde ele morava ou não. O apartamento ficou um ano fechado, com tudo lá dentro, mimeógrafo, armas. O carro foi perdido, o carro do Simões [seu sogro] que era usado em ações, o carro foi abandonado aqui no fluminense. E conheci muita gente que ficava na casa do Reinaldo porque a gente se cruzava não só no elevador, ou quando eu ia na casa do Reinaldo e estavam lá aquelas pessoas que eu sabia digamos assim, que eram todas militantes. Eu conheci gente lá quando eu estava indo embora, mas eu via uma cara ou outra [...] a quantidade de ceguinhos que subiam no elevador era diária³²⁴.

³²³ Entrevista de Eliete Ferrer, Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010.

³²⁴ Idem.

Já casada com Luiz Carlos Guimarães, jornalista do *Correio da Manhã*, e com o marido denunciado à polícia pela expropriação de um mimeógrafo numa escola, a história se repetiria alguns anos depois. Eliete conta que dias antes de ele ser preso, corria o ano de 1973, eles jogaram muitas armas fora da casa onde moravam em Botafogo. Como ela afirma, “ já que ele não estava mais participando, não tinha nada, para quê ficar com aquilo guardado?”³²⁵ José Carlos Guimarães era do grupo armado da ALN. Não só fazia ações, como realizava levantamentos. Eli e ele tentaram descobrir a Casa de São Conrado, uma prisão clandestina no Rio de Janeiro, utilizada para a tortura de presos políticos. Como ela diz,

[...] Nós procuramos eu e o Luiz Carlos, ainda não estávamos namorando, a gente se fingia de namorado, quando o Reinaldo foi preso, a gente sabia que tinha uma casa em São Conrado que era uma casa de tortura. Nós fomos os dois fingindo que éramos namorados lá por São Conrado, fizemos isso vários dias procurando essa tal casa de tortura. Um perigo danado, até porque ele era militante da ALN, foi logo depois que o Reinaldo foi preso... Mas mesmo antes, ele era meu amigo, mesmo antes ele sempre foi meu companheiro [...]. A gente atuava junto, a gente fazia várias coisas juntas, esse negócio, esse levantamento lá em São Conrado nós fomos juntos fazer, fomos muitos dias lá³²⁶.

Eli realizou outros levantamentos para a ALN, como em bancos e estaleiros, como ela conta,

[...] fiz levantamento de vários bancos. Eu me lembro de dois ou três bancos, teve um banco que até depois foi feito, no Jacaré, acho que Banco do Brasil fui várias vezes lá paquerar esse banco, alguém fez aquele banco. Ia lá, ficava no ponto de ônibus, andando a pé, aí ficava lá digamos meia hora, porque também você não pode ficar muito tempo se expondo, no dia seguinte meia hora, outra hora [...] Fiz levantamento da Ishikawajima, fui lá na Ishikawajima, ia todo dia paquerar, disfarçando para ver se chegava o carro forte [...] As minhas ações mais perigosas foram guardar gente em casa, porque paquerar banco, paquerar empresa para mim não tinha perigo nenhum, perigo nenhum³²⁷.

Depois do nascimento da filha de Ilma, Eliete é quem tomava conta da criança, para que a mãe pudesse continuar militando. Fez isso inúmeras vezes,

[...] eu fiquei... ela [Ilma Noronha] teve a Taninha, eu fiquei com a Taninha neném [...] várias vezes, porque, claro, ela teve o neném e depois eles tiveram que fazer qualquer coisa, que eu não me lembro mais, então me entregaram a Taninha que era um bebê lindo, loirinho, eu fiquei com a Taninha no colo em Copacabana durante umas duas horas. Eu tinha que ficar com ela para entregar ela a não sei quem, acho que o Luiz Carlos que me deu a Taninha no colo, e eu fui com a Taninha para um hotel, *Hotel Apa* em Copacabana, mas não entrei no hotel. Entrei no hotel, mas não para me hospedar entrei no hotel na sala

³²⁵ Entrevista de Eliete Ferrer, Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010.

³²⁶ Idem.

³²⁷ Idem.

de recepção ali sentada com todo o conforto, lendo jornal, o neném no colo, disfarçando, ela não chorou nem nada, nem um momento, dormiu o tempo todo ou abria o olhinho me olhava, uma coisa assim e ela dormindo e aí chegou a hora certa de eu entregar a Taninha não sei a quem mais...³²⁸

A militância de Eliete continuou até sua saída do país. Ela afirma que Luiz Carlos a protegeu muito e impediu que ela, num ímpeto, se incorporasse ao setor armado da organização. Além de ser perigoso, a organização precisava, segundo ele, das pessoas periféricas e dos quadros legais que pudessem dar apoio. Ainda mais depois de várias quedas sofridas pela organização no Rio de Janeiro.

Luiz Carlos Guimarães foi preso na porta do *Correio da Manhã* em abril de 1973. Já era procurado desde 1970, por causa de um mimeógrafo retirado de uma escola. Foi convocado pelo jornal onde trabalhava para realizar a cobertura da vinda de Alfredo Strossner ao Brasil. O nome dele, portanto, foi parar no Arquivo do SNI, e a partir daí começaram a levantar a sua vida. Foi preso com um talão da lavanderia no bolso do casaco, e o endereço da casa onde morava com Eli foi descoberto. Solto em julho do mesmo ano, ele e Eli foram para a Argentina, através de contatos feitos com o ERP (Exército Revolucionário Popular). De lá percorreriam ainda um longo caminho.

A jornalista Norma Leonor Hall Freire, como já mencionamos anteriormente, utilizou seu trabalho para repasse de informações. Além dessa colaboração à ALN, permitiu a hospedagem de pessoas na iminência de saírem do país. Foi Norma quem deu guarida a Maria Valderez Sarmento Coelho da Paz. Valderez participava do movimento estudantil no Rio de Janeiro, mas não chegou a integrar a ALN. Fazia Escola de Desenho Industrial, e tinha sido detida no Congresso de Ibiúna no final de 1968. Quase um ano depois, confundida num interrogatório da polícia com outra militante, foi presa e torturada. Seu irmão que se tornaria um dos militantes mais procurados no Brasil, tendo sua cabeça posta a prêmio pelos agentes da OBAN de São Paulo, ainda frequentava serviço militar no Forte de Copacabana quando foi surpreendido pela notícia da prisão da irmã. Desertaria do Exército alguns meses depois sendo obrigado a ir para São Paulo, após a morte de Carlos Marighella.

Foi Norma então que solidariamente cuidou de Valderez, levando-a para a sua casa e a acolhendo até a sua saída do país. Na época Norma morava sozinha, era independente e já trabalhava. Através de seus contatos permitiu também a Valderez que se encontrasse com sua mãe e seu irmão,

³²⁸ Entrevista de Eliete Ferrer, Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010.

[...] Deda veio para casa, a Deda, a gente ficou amiga. Eu trabalhava e morava num prédio onde tinham muitas velhinhas e elas ficavam querendo saber o que que eu estava fazendo. Na época, uma menina morando sozinha era um pouco meio... eu achava bárbaro. Aí, eu falei, Deda não põe o nariz, tinha uma saída, um quadrado interno, e era onde elas ficavam tricotando e verificando o que que acontecia. Eu falei, não põe o nariz ali, fica se possível escondidinha. De noite eu chegava, a gente dava um passeio, eu punha ela no carro e saía um pouco. Mas ela ficou muito isolada e deprimida. Eu tenho desenhos que ela fez guardados. Aí um dia, a Deda pediu, não me lembro o que aconteceu, e ela pediu um contato e como eu era, tinha fachada, eu falei, claro, por que não não é? Se eu posso fazer e você não, eu faço³²⁹.

Norma estava em processo de recrutamento, pelo menos é isso que se depreende de seu depoimento. Havia se encontrado com *Toledo*, com Carlos Eugênio Paz e com Guiomar Silva Lopes. Como ela afirma,

[...] eu tinha sim interesse em começar a participar, só a época, só a atividade jornalística e só a leitura e discussão não estavam me satisfazendo mais, estava radicalizando no processo interno que acompanha naturalmente, sabe, a coisa da militância geral, social, da época, mas também tem esse processo então, eu estava entrando nisso quando eu entro em contato com o Carlos³³⁰.

No entanto, havia um cuidado para que ela, como um apoio legal, continuasse a desenvolver o tipo de colaboração que prestava, sem chamar a atenção da polícia. Como ela afirma,

Então a minha área sempre foi por aí, essa coisa de informação, que faz parte das minhas preocupações [...] No jargão político, eu tinha uma fachada legal, eu podia ser de apoio e a única vez que eu considerei a possibilidade de entrar seriamente para clandestinidade, quando a coisa se colocou na minha frente, foi na semana anterior à minha prisão. O Carlos me passou para Guiomar, que era do GTA, sinceramente eu deveria logo depois começar a fazer... mas fui presa³³¹.

Não houve tempo de integrá-la à ALN ao setor armado como parecia ter sido seu desejo. Norma foi denunciada à polícia justamente por fazer parte do quadro de apoio e, na avaliação de quem foi preso, estar menos comprometida com a organização. Não foi a primeira desse setor a não ser preservada. Naquela conjuntura, a questão não era a preservação de quadros, e sim de vidas. Ao invés de Norma recompor as quedas da ALN, foi levada de roldão junto aos presos.

³²⁹ Entrevista de Norma Leonor Hall Freire, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

³³⁰ Idem.

³³¹ Idem.

Preso também, Diva Burnier foi acusada de guardar uma mala de joias em sua casa. Diva morava no edifício Copan em São Paulo desde o início de 1969, para onde tinha se mudado em busca de estudo e trabalho. Admitida como funcionária da ASPLAN onde teria contato com Virgílio Gomes da Silva, Diva passou a atuar na rede de apoio da ALN. Embora encontrasse diariamente com Virgílio no trabalho, era no Chamon da Galeria Metrópole que se encontravam. Como ela afirma, “[...] fiquei com a mala de joias do roubo da relojoaria Majô. Eu fiquei assim com essa incumbência de guardar essa mala na medida em que eu tinha vida legal. Uma coisa que os companheiros têm algo de crítica é que eu nunca pensei que eu fosse ser presa, eu achava que não...”³³²

Embora a repressão tentasse saber das relações que a ASPLAN mantinha com a ALN, a acusação principal contra Diva foi ter colaborado com a ação de expropriação ao guardar a mala. Era, pois, cúmplice e “mantenedora” da ALN. Diva tentou levar a mala para a casa dos seus pais em Campinas, após saber da prisão de um companheiro de trabalho. Não adiantou, a repressão bateu lá. Era o dia 5 de janeiro de 1970 quando Diva foi presa no trabalho. O destino das joias? A repressão deve ter dividido entre si, embora para todos os efeitos no processo movido contra Diva constasse o valor do prejuízo que a ALN tinha causado à relojoaria³³³.

Enquanto a repressão contabilizava o valor do prejuízo das empresas, os militantes viviam de maneira provisória. Fazia parte da escolha, não era questão de incompetência. Pouco conhecida é a colaboração que Ilda Gomes prestou, uma inestimável ajuda naqueles anos. Quando se fala dela pensa-se mais na viúva, privada do marido e dos filhos do que na militante que, imbuída das mesmas ideias que motivaram seu marido e os jovens que o seguiram, acompanhou todo o processo de luta. Simpatizante sim, passiva não. Ilda nunca foi a mulher manipulada que consta nos documentos da repressão. Nem a dona de casa complacente. Teve seu papel. Pouco notado porém, por uma história que muitas vezes valoriza os fatos heroicos desse tempo. Importante contudo redimensionar esses fatos e seus protagonistas em seus contextos de luta.

Quando Virgílio Gomes saiu do Brasil, Ilda ainda desconhecia que ele fosse realizar treinamento em Cuba,

[...] quando ele saiu ele falou que ia passear na União Soviética porque era a única reconhecida aqui era a União Soviética. Ele falou que ia fazer um passeio na União

³³² Entrevista de Diva Maria Burnier, São Paulo, 29 de julho de 2010.

³³³ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais. Processo 100.

Soviética, aí então eu não tive mais contato com ele, nunca soube nada dele, só pelos companheiros que ele estava bem. Eram os companheiros do partido que me traziam informação dele. Aí quando [...] ele regressou da viagem, foi quando eu fiquei sabendo, que ele tinha ido para Cuba, tinha passado esses dois anos em Cuba. Aí foi onde ele entrou mesmo para a ALN³³⁴.

Foram dois anos de ausência, em que Ilda, grávida, tinha um pequeno bar para administrar, além de criar os dois filhos pequenos. A organização ajudava na sua manutenção e de tempos em tempos alguém aparecia para levar mantimentos, dinheiro ou para perguntar se ela estava precisando de alguma coisa. Como ela afirma, “[...] ajudavam sim, não sei se era a ALN ou se era o partido, eles me davam uma ajuda, tinha um companheiro que sempre me mandava alguma coisa”³³⁵.

Mesmo assim, nesses dois anos de ausência, era Ilda quem mantinha a casa, trabalhando na Fábrica da Estrela. Antes de partir para Cuba, Virgílio também ficava no bar. Com o sindicato fechado e sem trabalho, a ideia do bar foi a solução imediata encontrada para manter a família. Lá, como diz Ilda, ele tentava ganhar os fregueses, em conversas informais,

[...] então a militância... às vezes ele fazia contato com alguém no bar, conversava com eles ou queria ganhar eles para o partido, qualquer coisa, lá no bar como um freguês, como um freguês ficava lá conversando e ganhando as pessoas [...] Nesse negócio do bar era ele quem fazia as coisas, então ele falava para mim, a única coisa que eu quero nessa hora que eu estou conversando com alguém, que eu estou lá com os meus fregueses é que você me tome conta do bar. Aí eu ficava ali atendendo no balcão. Era um barzinho pequenininho [...]. Então conversava com um no bar, depois conversava com outro, mas como freguês, como freguês que passa³³⁶.

Quando Virgílio voltou de Cuba, o casal se mudou para Ribeirão Preto. Gregório, o filho, já tinha nascido. Foi lá principalmente que Ilda passou a dar maior contribuição à organização. O casal se estabeleceu num sítio de propriedade de Arlindo Teixeira, militante do partido. Não houve venda da terra nem repasse da escritura para o nome de Virgílio. Era uma área afastada e de muito mato, próxima a uma ferrovia desativada. O sítio chamava-se Águas Virtuosas e era próximo da cidade de Altinópolis (SP). Provavelmente devia ser um carreador de cana, muito comum naquela região.

A base implantada em Ribeirão Preto serviria como uma espécie de recuo tático e tinha sido sugerida pelo próprio Marighella. Na casa eram guardadas roupas, algumas pistolas (quantidade imensamente menor do que as suspeitas da repressão) e muitos documentos:

³³⁴ Entrevista de Ilda Gomes da Silva, São Paulo, 27 de agosto de 2010.

³³⁵ Idem.

³³⁶ Idem.

papéis, livros que provavelmente pertenciam a Patrocínio dos Santos ou a José Marietto, quadros do partido que apoiavam a ALN e que, segundo Ilda, ajudavam a administrar o sítio. Não havia no local luz elétrica, nem telefone. Como Ilda afirma,

Quando teve coisa escondida, foi em Ribeirão Preto porque aí estava arrumando roupas para campanha, que eles estavam pensando realmente em entrar para guerrilha, então eram umas roupas que eles tinham arrumado e uma, não sei se tinha dois, ou três revólveres, eu acho que não tem nem arma nem nada. Então na minha casa, nem disso punha muito para não prejudicar [...]. Essa [decisão] foi da organização, do Marighella. Então já foi com esse, com essa intenção [montar uma base da ALN]. Porque a gente foi para Ribeirão Preto diretamente para esse sítio, porque esse sítio era de um companheiro do partido [...]. Então ofereceu esse sítio para a gente ir para lá, para fazer isso mesmo, ser apoio, não tivesse onde ir, levava as pessoas para lá. E justamente nessa, foi lá... nós ficamos lá acho que não passou de um ano, foi pouco tempo que a gente ficou lá, foi quando mataram o Marquito [Marco Antônio Braz de Carvalho].

Virgílio deslocava-se constantemente entre São Paulo e Ribeirão Preto. O médico Carlos Madeira era quem o transportava nesses trajetos. Aliás, na mudança de Ilda para o sítio, foi Madeira quem a conduziu para a região. Ilda sempre aconselhava o marido sobre o perigo de ele ser preso nessas viagens, “[...]eu falava para o Virgílio [...] olha daqui a pouco você não vai poder nem vir aqui, depois de ônibus, depois de carro, aí vai chegar um tempo que você... vão te pegar na rua, vão te pegar no caminho”³³⁷.

Manoel Clarindo militante do PCB era quem com mais frequência levava Ilda até o sítio, que ficava distante da cidade. Era a maneira encontrada para que o sítio não ficasse muito conhecido. Clarindo tinha uma casa de máquinas de costura em Ribeirão Preto e foi ele quem, algum tempo depois, alugou para Ilda uma casa provisória em Ribeirão, até que, de passagem por São Sebastião, ela pudesse sair do país em direção a Cuba. Foi essa casa que constou na documentação do DOPS como endereço da moradia. Foi a última casa em que Ilda morou antes de ser presa. Ficava numa região central da cidade, na rua Barão do Amazonas. Ilda acredita que ficou um ano ali. Possivelmente esperava condições de sair, documentação falsa, contatos, etc.

A casa de tão provisória não era montada. Ilda não trabalhava e as crianças não frequentavam a escola, pois podiam servir de chamariz para a polícia chegar até Virgílio. Tudo era transitório ali dentro. Para a repressão, no entanto, era motivo de escárnio, como Ilda diz,

³³⁷ Entrevista de Ilda Gomes da Silva, São Paulo, 27 de agosto de 2010.

Minha casa de Ribeirão Preto era uma casa assim, uma mesinha de caixão, umas cadeiras de caixão, porque era transitória. A polícia deu muita risada disso aí. Aí eles falavam assim, seu marido era bom para você? Era. Ele dava assistência, dava boa vida? Dava. Eu falei, era. Você estava contente com aquela vida, com aquelas casas que você tinha lá? É, porque era uma casa de pobre. Então a casa de passagem para nós, mas para eles era de pobre. Então eles achavam que aquilo era uma miséria desgraçada, só tinha um armarinho de caixão, um fogão, o melhor que tinha lá era a cama, então eles davam risada, deram tanta risada, isso é a boa vida que ele te dava? O conforto? Era³³⁸.

A função de Ilda era de apoio. Como ela disse em entrevista,

[...] eu era apoio, eu nunca militei, eu nunca fiz ação, eu nunca participei de nada e não sabia muita coisa da ALN que o Virgílio não me falava e muitas vezes quanto menos eu soubesse era melhor para mim, para mim e para as crianças. A única coisa que ele falava para mim, é que ele queria que eu cuidasse dos companheiros que eles me levavam em casa, porque às vezes os companheiros não tinham onde ir, então dois, três dias ficavam em casa até arrumar um destino diferente. Então eu era mais apoio provisório. O Virgílio não queria me envolver em nada. Ele dizia que eu desse jeito eu ficava ausente de tudo, não pegava culpa de nada, que os companheiros iam embora, esqueciam de mim, e eu esquecia deles. Então não me prejudicava em nada. Passaram poucos companheiros também pela minha casa. E aí foi onde eu tive o contato com a ALN, tive contato com a ALN nesse sentido. Do Virgílio levar os companheiros para casa. Eu não fui militante, nem no partido, nem na organização, na ALN eu fui militante, eu ajudava, eu fazia o que eu podia, apoio, ajudava os companheiros, fazia o que pudesse, mas militar mesmo na organização eu nunca fui militante, então eu fazia o que meu coração saía, o que dava para fazer, porque eu achava que o Brasil tinha que mudar e eu achava que a luta deles era certa, mas que a minha condição não era própria para fazer aquilo que a organização exigia. A organização exigia se isolar de tudo, porque se tivesse que ir para o mato, tinha que ir para o mato, se precisasse, aí tinha que abandonar filho, abandonar... onde que eu ia deixar os meus filhos? Então era o que eu pudesse fazer junto dos meus filhos, eu fazia. Então a minha vida foi essa. Uma coisa consciente, não era uma coisa obrigada, não era uma coisa imposta, era uma coisa que saía de mim porque já no início, no tempo de operária, no meu tempo de operária eu já achava que eu devia de lutar por direitos dos trabalhadores e lutei o que eu pude. Até onde as minhas condições davam para lutar junto com o sindicato e depois na ALN junto com o Virgílio, foi a mesma coisa, no que eu pudesse ajudar, eu ajudava na minha consciência, no meu instinto, no meu modo de pensar, agora mais do que isso não daria para fazer porque tinha criança pequena³³⁹.

Ilda chegou a dar alguns tiros enquanto estava no sítio de Águas Virtuosas. Para matar passarinho, como ela brinca. Havia uma gruta própria para isso que abafava os ruídos de tiros. Como ela diz,

Ele [Virgílio] queria me poupar pelos meus filhos, porque meus filhos eram criança e imagine... Então ele me explicava muita coisa, quantas vezes eu não fui andar no sítio, na fazenda, andar com ele por lá, fazer caminhada, às vezes eu dava uns tiros, mas não que eu tivesse fazendo treinamento, ele dizia, você tem que aprender a andar no mato porque pode ser que um dia você precise entrar no mato. Então ele me preparava para tudo e politicamente alguma coisa ele me falava, eu também não estava tão... muitas vezes eu

³³⁸ Entrevista de Ilda Gomes da Silva, São Paulo, 27 de agosto de 2010.

³³⁹ Idem.

sabia muitas coisas dele, coisas que eu não podia saber, detalhes do sequestro, eu sabia que ele participou do sequestro, eu não sabia, não sabia detalhes, ele não me falou. E ele falou, quanto menos você souber do sequestro vai ser melhor, porque a gente não sabe, mas é possível que você não caia presa, mas se você for presa eu não sei até onde a tua resistência vai, se eles te torturarem até onde você vai aguentar e isso pode prejudicar muita gente. Pode ser que você resista, pode ser que você não resista, então ele falava o que podia [...]³⁴⁰

Quanto aos treinos com armas no sítio,

[...] o barulho do trem se escutava muito longe, então era um lugar isolado mesmo, um lugar próprio mesmo para isso e essa gruta o Virgílio andou dando tiro lá, dando tiro com os meninos lá, ensinando os meninos a dar tiro. E talvez se não tivesse acontecido o que aconteceu, fosse o foco da guerrilha lá. Mas não chegou a ser. Não chegou a ser porque caiu antes tudo [...] Que eu lembro que passou em casa foi o Fon [Aton Fon], foi o Marietto [José Marietto], uma mulher que eu não me lembro o nome dela, o Fleurizinho [...] jovem, todos jovens, o mais velho era o Virgílio e aí eles ficavam em casa num dia e no outro iam embora. Então o meu contato com eles foi muito pouco, o meu contato foi mais com o Fon e com o Cyrillo. E o Fon é o que ficava mais em casa, eu já tinha mais contato com a família dele, conhecia, já conhecia a família [...]³⁴¹

Cidinha Santos tinha ido ao sítio em Águas Virtuosas, como ela diz em seu depoimento,

[...] é, treinamento de tiro, e era um lugar bom, porque era um lugar montanhoso, tinha grutas, tinham uns lugares escondidos, você podia dar tiro de metralhadora que ninguém... Agora se eu tivesse que ir lá, eu nunca iria, porque a gente saía daqui com o olho fechado, a gente saía até um determinado ponto, depois você andava com o olho fechado, hora que entrava no meio daquele matagal, você não sabia onde você estava, porque as estradas não eram como é hoje... [...] Você tinha uma porção de estradinha vicinal que eles davam volta, volta, volta, volta, no meio do caminho, voltava aqui. E, eu nunca soube aonde era, eu fui saber depois de muito tempo que era perto de Altinópolis e que chamava Águas Virtuosas...³⁴²

Manoel Clarindo tinha uma chácara na região onde se realizavam algumas reuniões. Era conhecida como Chacrinha. Cida Santos participou de alguns encontros. Mas, como ela diz,

A gente passou muito mais tempo [...] fazendo, se reorganizando para poder continuar e ter condições de continuar levando uma discussão produtiva e de alto nível com relação às teses do partido, do VI Congresso, do que realmente trabalhando, então o negócio foi resgatar praticamente todos aqueles contatos que existiam de comunistas e amigos para

³⁴⁰ Entrevista de Ilda Gomes da Silva, São Paulo, 27 de agosto de 2010.

³⁴¹ Idem.

³⁴² Entrevista de Maria Aparecida Santos, Ribeirão Preto, 28 de novembro de 2010.

você poder continuar, agora a gente tinha muito claro desde o início que a gente não ia fazer guerrilha em Ribeirão Preto³⁴³.

Ilda não conseguiu sair do país, apesar de todos os esforços. Foi presa na casa de São Sebastião e levada para São Paulo. Só voltaria a ver o sítio, acompanhada dos policiais. Manoel Clarindo, Patrocínio, Arlindo Teixeira e sua mulher, todos foram presos. O caseiro que ficou no local, quando Ilda foi morar em Ribeirão, também foi interrogado. Virgílio foi morto.

Ilda estava pronta para sair do Brasil. Sairiam ela e os filhos com documentos falsos sob a identidade de Penha dos Santos Félix. Nunca imaginou que seria presa. Não estava nos seus planos. Nem nos da ALN. A viagem a Cuba teria que esperar mais alguns anos decisivos para ela encerrar a entrevista desta forma,

[...] eu não tenho palavras para agradecer o que fizeram comigo [em Cuba], o que o meu país não fez não é? O meu país o que fez foi me prejudicar, em primeiro lugar foi matar o pai dos meus filhos, em segundo lugar não reconhecer a morte dele, e terceiro lugar não aparecer o corpo dele [...] e lá em Cuba ele é um herói³⁴⁴.

Se Cuba representava para Ilda a chegada, para Eliane Toscano Zamikowski era só mais um passo. A tempestade viria depois.

Eliane trabalhava como secretária de uma empresa em São Paulo antes de Marcos, seu filho, nascer. Conheceu seu companheiro Carlos Knapp em 1966 e pouco tempo depois já militava na ALN. Tinha muitos amigos do partido comunista, mas não chegou a aderir ao PCB, pois sentia a necessidade de tomada de uma posição mais firme naqueles anos. O primeiro encontro com Carlos Marighella, levada pela amiga Ana Corbisier foi curioso: estavam mapeando a cidade de São Paulo. Eliane viu um mapa aberto em cima da mesa da sala, com as marcações sendo feitas. Desde esse dia, então, se convence de que era a decisão mais certa a seguir. Tenta convencer seu companheiro, Carlos Knapp que ainda resistia. Não estava no seu horizonte, talvez, tornar-se revolucionário. Era um publicitário muito conhecido na época, ganhador de vários prêmios, uma decisão dessas poderia mudar completamente sua vida, como de fato mudou posteriormente.

Eliane começou atuando como apoio, cuidando das mulheres e crianças cujos pais e maridos estavam realizando treinamento em Cuba. Era a primeira turma enviada para a ilha, composta quase na sua totalidade de operários. Ela e Clara Sharf se encarregavam de levar

³⁴³ Entrevista de Maria Aparecida Santos, Ribeirão Preto, 28 de novembro de 2010.

³⁴⁴ Entrevista de Ilda Gomes da Silva, São Paulo, 27 de agosto de 2010.

roupas entre outras coisas a essas famílias. Trabalhando junto a Boanerges Massa, médico, integrado também à ALN, Eliane conseguia amostras grátis de remédios. Como ela diz, enchiam os carros de amostras e levavam. O desenrolar da luta ia se encarregando de definir o tipo de atividade, segundo ela, que as pessoas iriam ter no conjunto da organização. Como ela observa,

[...] você começa assim dando apoio mas depois você, você pensa que tem muita gente, não tem quase ninguém, e você então tem que fazer tudo. Então você é motorista, você vai buscar não sei quem, trazer não sei quem, você vai fazendo várias coisas. Pode ser que outras pessoas, outras mulheres, tenham feito só isso, mas os que eu conheci, acabávamos fazendo tudo porque faltava gente, tinha muita gente fazendo treinamento em Cuba. Ninguém escolhia nada, as coisas iam acontecendo. Quando você está numa situação assim tudo é muito rápido, você precisa das coisas numa urgência terrível, você não conhece ninguém, é um anonimato, você tem um nome falso. Tudo era secreto, você não podia saber, porque você punha em risco as pessoas, então quanto menos você soubesse melhor. Então a gente vivia assim, não tinha nada determinado³⁴⁵.

O sigilo sempre foi a tônica, contudo, na organização. Como ela afirma, militava junto a Marquito, sem conhecer nada de sua vida. Tendo hospedado Carlos Marighella e Clara Sharf em sua casa também não sabia de muita coisa. Preservar as informações era fundamental então, naquele momento.

Eliane marcava pontos na rua com militantes, dava coberturas para determinadas ações, levava mantimentos, dinheiro e remédios para as pessoas. Levava Marighella nos pontos de encontro, e servia também como sua motorista em algumas viagens, “[...] eu ia dirigindo, mas eu não perguntava para ele onde que ele ia. Ele falava assim, você vai lá para o Rio de Janeiro me deixa no Méier, em tal lugar, eu ia com ele, mas eu não...”³⁴⁶

Eliane lembra-se de Marighella ficar o dia todo na máquina de escrever em sua casa. Ela aproveitava então para ler seus rascunhos. Mais tarde foi denunciada pela empregada doméstica, que disse à polícia que era Eliane quem passava o dia todo escrevendo.

Eliane não fazia finanças exatamente para a organização. O mais importante para o dirigente parece ter sido a cobertura que o casal lhe proporcionava. Eliane e Knapp moravam numa mansão dos Jardins e Knapp circulava pela cidade de São Paulo numa mercedes. Marighella podia então se deslocar pela cidade de mercedes, com a certeza de que nunca seria parado ou revistado pela polícia. A casa, contudo, ficava a duas quadras do Coronel do II Exército. Como Eliane diz,

³⁴⁵ Entrevista de Eliane Toscano Zamikowski, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

³⁴⁶ Idem.

[...] o Marighella falava assim para mim, não ele nem falava, ele pegava a minha bolsa, pegava um dinheiro, ele mesmo pegava, ei Preto, chamava ele de Preto, o que que você está fazendo? O Marighella não tinha um tostão. Então quando ele precisava de algum dinheiro, para tomar um café não sei o quê, ele pegava na minha bolsa e era assim...³⁴⁷

Numa das ações realizadas pela ALN, Eliane também cuidou de um ferido. Francisco Gomes da Silva, irmão de Virgílio, tinha sido baleado numa ação. Coube a ela levá-lo para casa e pedir socorro. Dali em diante foi uma sucessão de coisas que a obrigariam, ela e Knapp, a deixar o país.

Abandonar a casa era um complicador, pois lá estavam as dinamites retiradas um pouco antes de uma Pedreira em Mogi das Cruzes, nas Indústrias de Explosivos Rochester. Ana Corbisier havia emprestado o carro para seus companheiros nesta ação. Parte do material ficou também na casa de Maria Lygia e de Norberto Nehring. Como ela afirma, “[...] tinha 300 Kg de dinamite na garagem. Era um trabalho que eu tinha que fazer, dia sim, dia não virando as caixa para não explodir. E a empregada achava aquilo estranhíssimo. Eu ficava virando as caixas, eu tinha um pouco de medo que aquilo explodisse [...]”³⁴⁸.

Eliane soube anos mais tarde que foi Maria Lúcia Alves Ferreira, junto de seu pai e de mais uma amiga, quem retirou as caixas de dinamite de sua casa. Foram jogadas no Rio Pinheiros ao que tudo indica. O pai de Malu tinha experiência com esse material. Em sua firma *Minérios do Cal Ltda.*, seu Benedito usava dinamite para explodir calcário. Não deixou, contudo, de ter problemas pela profissão que exercia, ainda mais tendo a filha procurada. Ia toda semana ao DOPS prestar esclarecimentos. Achavam provavelmente que era ele quem fornecia dinamite para a ALN. Na realidade, era exatamente o contrário.

Mais uma vez também a polícia realizou uma razia em sua casa. Eliane perdeu sua segunda biblioteca. Na sua casa como disse, havia muita coisa guardada, documento, joias, provavelmente da expropriação da Relojoaria Majô. Uma das malas devia ter ido parar em sua casa. Outra em Campinas na casa dos pais de Diva.

Eliane realizou também alguns levantamentos para ações. Treinou tiro numa mata próxima a São Paulo e teve aulas de primeiros socorros com uma enfermeira que frequentava sua casa.

As aulas eram de tiro. Eles levavam a gente para esse lugar que eu nem sei mais onde era, para aprender a atirar. Aprendi a aplicar injeção, primeiros socorros, tudo isso a gente aprendia. Tinha uma enfermeira, mas eu nem sabia quem era essa enfermeira, para te

³⁴⁷ Entrevista de Eliane Toscano Zamikowski, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

³⁴⁸ Idem.

falar a verdade [...] ela ia na minha casa, tinha um grupo de pessoas que iam lá, eu nem sabia quem era quem³⁴⁹.

Com a repressão em seu encalço, Eliane não podia mais ficar em São Paulo. Ligou antes para sua mãe, e a casa já tinha sido invadida. Decidiram partir para o Rio de Janeiro para dar um tempo, mas logo voltaram a São Paulo.

Eu liguei para minha mãe e a minha mãe falou assim, olha, sabe que eu passei muito mal hoje? Vieram muitos médicos, os médicos estão todos aqui em casa cuidando de mim. Eu entendi que ela estava falando que tinha polícia na casa dos meus pais, na rua Estados Unidos. Aí a gente não tinha mais para onde ir e a gente pegou o carro e nós fomos para o Rio de Janeiro, e aí aconteceu uma coisa cinematográfica porque a gente estava indo para o Rio e já era de madrugada, cinco da manhã, e a gente não tinha dormido não sei quanto tempo. Depois a gente entrou num bar para tomar um café, alguma coisa assim, quando a gente viu os jornais, a nossa cara estava nos jornais, sabe como nos filmes que a pessoa se vê no jornal? Puxa, já estava tudo no jornal. E o nosso carro estava sendo procurado, eles já tinham anotado a placa dos carros, e a gente seguiu viagem para o Rio. Deixamos o carro não sei aonde e fomos na casa de uns amigos. A gente tinha muitos amigos no Rio, tinha o Chico Buarque, a gente tinha um advogado que era advogado nosso e era advogado do Chico também, então a gente ficou vendo umas pessoas assim. Também não podia ficar lá, tinha que voltar para São Paulo [...] e pegamos um avião com nome falso, e viemos para São Paulo³⁵⁰.

Até que pudessem sair do país, ficaram alojados com pessoas desconhecidas utilizando casa e redes de apoio de *Toledo*.

Nós ficamos bastante tempo ainda clandestinos. Eu saía na rua tinha e tinha o meu cartaz assim, e mudando de *aparelho*, e com as nossas caras nos postes, nos aeroportos, nas rodoviárias e as pessoas que receberam, eram pessoas totalmente desconhecidas para nós, a gente não sabia...[...] era muito perigoso se a gente soubesse³⁵¹.

Foi Paulo Tarso Venceslau que, utilizando o esquema de saída montado por Frei Betto no Rio Grande do Sul, quem a levou de carro até o Uruguai.

[...] então eu fiz essa viagem, ele me pegou no carro dele, a gente foi para o Rio Grande do Sul. A gente dormiu em um lugar que era uma coisa horrível, que era um dormitório que eles pegavam os mendigos e levavam para dormir. E a gente dormiu lá naquela noite. Sabe lençóis molhados, fazia um frio, porque era mês de julho, agosto, não sei, lençóis molhados, eu fiquei a noite toda sentada na beira da cama porque eu não tinha coragem de deitar. E aí no dia seguinte a gente foi para um lugar em São Borja não sei, nem me lembro direito. A gente atravessou a fronteira, e chegamos no Uruguai. Era época dos Tupamaros. Nós fomos parados umas dez vezes, desde a fronteira até chegar em Montevideu porque eles estavam procurando um tupamaro e paravam o nosso carro e a

³⁴⁹ Entrevista de Eliane Toscano Zamikowski, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

³⁵⁰ Idem.

³⁵¹ Idem.

gente andando na estrada. Teve uma hora que um guarda mandou a gente parar e falou se a gente podia dar carona para uma pessoa, ia falar para o guarda que não podia dar carona? Ele entrou e aí a gente não sabia se ele era um policial, o que que era. [A gente] não falava uma palavra, e ele falava, vocês não conversam? O Carlos chegou uma semana depois por um outro esquema...³⁵²

Eliane saiu do país, com documento falso. Era *Anne Marie Rossman*, personagem do livro *Amerika* de Kafka. Fazia o caminho inverso de *Karl Rossman*, seu marido imaginário que, chegando aos Estados Unidos, conhece o desemprego e a humilhação entre homens pouco dispostos a tolerar as diferenças. Eliane seria então a personagem de um romance inacabado: como Rossman vagava pela América...

Mantendo sempre vida legal, Ana Maria Ramos desde o movimento estudantil colaborava com a ALN. Recolhia dinheiro nas festas e bailes promovidos pela Universidade, e usava o mimeógrafo do Centro Acadêmico para imprimir jornais e panfletos clandestinos que seriam distribuídos durante as ações armadas da organização. Chegou a realizar treinamento com armas, porém sem muito sucesso. Não era seu perfil. Seria mais útil como quadro legal, pela grande rede de pessoas que mantinha, além de desenvolver muitas tarefas para a organização como conseguir dinheiro, casas (tinha uma rede de apoio de casas que poderiam ser utilizadas em caso de emergência), remédios, e pessoas que pudessem acolher os perseguidos políticos.

Era um apoio entretanto ligado a quadros armados extremamente procurados na época como Hiroaki Torigoe, Sílvia Peroba Carneiro e Carlos Eugênio Paz. Aliás, estava para se mudar para um *aparelho* com Clemente quando foi presa. O contrato de aluguel da casa caiu com ela. Num grande deslize de segurança, o documento estava no nome legal de Carlos Eugênio, desertor do Forte de Copacabana e dono de um sem números de ações em São Paulo. Era o ano de 1970. A organização, no entanto, cobriu os três pontos que Carlos Eugênio teria com Ana Maria, na tentativa de evitar maiores quedas. Não houve nenhum tipo de prejuízo. Como ela afirma,

[...] quando eu fui presa em 1970, uma coisa que ficou clara para mim e acho que ficou para todo mundo, é que do jeito que estava não tinha chance. Não tinha mesmo. Eu fui presa e eu só falei do Carlos Eugênio, porque acharam o contrato de aluguel. Aí tinha o endereço dele, acharam na minha casa, estava guardado comigo [...]³⁵³

³⁵² Entrevista de Eliane Toscano Zamikowski, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

³⁵³ Entrevista de Ana Maria Ramos Estevão, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

O endereço da casa que constava no documento era da pensão de Dona Maria. A polícia foi lá. Num lance de sorte e de solidariedade tanto da dona da pensão como do seu Zé, o zelador, *Clemente* conseguiu escapar.

Encosto ouvido na porta do quarto ouço os passos arrastados de dona Maria, que pergunta quem é e pede paciência. Totalmente desperto, visto calça e camisa, me sento para amarrar os sapatos. Dona Maria abre a portinhola da porta de entrada. Polícia, estamos procurando um terrorista. Olhe a foto e diga se o conhece [...] Desculpe dona é o nosso serviço... quem mora aí além da senhora? Somente meu sobrinho, rapaz trabalhador, não se mete com terroristas [...] Está segura de que não o viu pelo prédio? Temos que encontrá-lo, é um assassino perigoso. Vamos descer e mandar fechar a portaria, daqui ele não escapa, revistaremos tudo. [...] [O zelador] É o sobrinho da velha do terceiro andar, deixem passar.³⁵⁴

Clemente nunca mais veria Dona Maria, para poder agradecer. As obras do metrô tinham destruído uma grande área nas imediações da rua Vergueiro, onde era sua pensão. Também não a encontrou nos registros de imóveis da cidade.

Ana Maria Ramos recrutaria também Idinaura Marques para a ALN. Moravam juntas. Em sua casa escondeu Rafael de Falco, dando abrigo a outros companheiros perseguidos, como Maria Aparecida Horta. Abrigou anos mais tarde, já no ano de 1976, militantes da VAR-Palmares. Wilson Barbosa também ficou escondido um período em sua casa, assim como na casa de sua mãe em Vila Nova Cachoeirinha, São Paulo. Deu guarida a *Justo*. Como ela diz “[...] até hoje a repressão nunca ficou sabendo que ele tinha ficado muito tempo guardado na minha casa, na casa da minha mãe, na casa da família da Idinaura”³⁵⁵.

Idinaura sua companheira de república recolhia medicamentos para a guerrilha. As caixas contendo esses remédios foram apreendidas em Ribeirão Preto na casa de Irineu de Moraes. Idinaura foi presa no ano de 1972. Pelos interrogatórios da repressão, a polícia queria saber se a medicação seria destinada à região do Araguaia³⁵⁶. Era o começo da guerrilha no Bico do Papagaio. Em depoimento, os militantes envolvidos no recolhimento dessa medicação alegaram que os remédios seriam destinados a Gabriel Mendes, que estava doente. De fato Gabriel tinha câncer linfático. Era comum os militantes recolherem medicação. A guerrilha urbana também fazia uso dela.

Tânia Mendes, contudo, esposa de Gabriel, afirma que soube na época que a medicação ia mesmo para a região do Araguaia. Pelo menos assim lhe disseram. A

³⁵⁴ PAZ, Carlos Eugênio. *Viagem à Luta Armada*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008, p.17-19.

³⁵⁵ Entrevista de Ana Maria Ramos Estevão, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

³⁵⁶ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais, Processos 209 e 706.

cooperação, entretanto, não foi realizada ao nível de organização (ALN e PC do B) e, sim, de pessoas, provavelmente amigos ou conhecidos.

Às vezes uma ligação telefônica bastaria para evitar uma prisão em massa. Helen, amiga de Ana Maria, foi quem alertou a todos os amigos e conhecidos para não aparecerem na república. Sílvia Peroba foi a primeira a ser avisada. A polícia em geral montava campana nas casas que invadia esperando prender quem quer que chegasse.

Saindo da prisão, Ana Maria continuaria a prestar solidariedade aos militantes. Era ligada ao Conselho Ecumênico de Igrejas e através dele conseguia apoio para as pessoas deixarem o país.

[...] eu era ligada ao Centro Ecumênico de Documentação e Informação, o CEDI no Rio de Janeiro, que era ligado ao Conselho Ecumênico de Igrejas. Por que quando eu saí da prisão, eu fiquei indo, vindo, levando gente, documento, dólares, passaporte que o povo do Conselho Ecumênico de Igrejas de Genebra mandava para as pessoas saírem do país. Fiz muito isso. E o Jeter Ramalho trouxe dinheiro do exterior para o fundo de greve aqui no ABC. Várias vezes levava gente, argentino que estava aqui até a fronteira, acompanhava até Assuncion. Isso já em 1977. Eu ajudei exilados argentinos a cruzar a fronteira para renovar o visto, eu já fui várias vezes para Assunción do Paraguai³⁵⁷.

Arlete Lopes Diogo também deu muitas contribuições à organização. Em relação à hospedagem, deu abrigo a Alexandre Vannucchi Leme e Ronaldo Mouth Queiroz, quadros procuradíssimos do setor estudantil da ALN. Ambos dividiram o apartamento por bastante tempo no ano de 1972. Enzo Júnior também teve passagem por lá, antes de fugir do Brasil em direção ao Chile.

Realizaram, ela e seu grupo, muitas reuniões em sua casa, que logo passaram a ser clandestinas. As pessoas subiam até o apartamento sempre de olhos vendados. O grupo de estudos que se reunia em sua casa chegou a pensar em publicar uma revista que seria distribuída na Zona Leste, como ela afirma,

A gente chegou a conversar um pouco sobre isso. Por que olha a coincidência também, eram pessoas que moravam de certa forma próximas e que estudavam, a Arlene, minha irmã fez Letras na USP, a Concepcion fazia História, eu fazia Sociologia e Política, a Lisete fazia História, e éramos todas da Zona Leste. E nos reuníamos e, se não me falha a memória, era até uma coisa localizada, para a gente poder ter mais penetração na região, porque tem um outro detalhe, todas nós já dávamos aula em escolas estaduais, e a gente fazia do trabalho uma militância mesmo, porque você trabalhava com os alunos³⁵⁸.

Seu contato mais imediato era com Queiroz. Como ela afirma,

³⁵⁷ Entrevista de Ana Maria Ramos Estevão, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

³⁵⁸ Entrevista de Arlete Lopes Diogo, São Paulo, 12 de junho de 2010.

Eu participei ativamente, e a gente sentava para escrever os documentos e daí começa, o meu contato sempre foi via Queiroz, o que foi muito enriquecedor porque era uma pessoa fantástica e muito interessante [...] Por exemplo, o *Venceremos* nós fizemos muitas panfletagens com o *Venceremos*, nós fizemos em porta de igreja, nos bairros. A gente tinha uma certa autonomia de organizar algumas atividades nos bairros. A gente sugeria para o Queiroz, e ele dizia, olha é interessante a gente estar distribuindo para população e a gente sugeria algumas regiões, alguns bairros, a gente discutia, reunia com o Queiroz, e planejava [...] ³⁵⁹

Arlete usava muito a estrutura da universidade para a confecção de panfletos, usava o mimeógrafo à disposição dos alunos no Centro Acadêmico para reproduzir documentação, difundia as ações armadas realizadas pela ALN. Não escrevia diretamente no *Venceremos*, mas sempre que podia, dava sugestões do que poderia constar nas próximas edições do jornal. Distribuía também o jornal da Geologia, o *Brucutu*. Como ela afirma, “[...] a gente ajudava porque era um grupo que mistura coisas, familiar também, praticidade, por exemplo, vai ter a distribuição do *Brucutu*, precisa de cinco pessoas, o Adriano ia, eu também ia porque era mais fácil. *Brucutu* nossa, distribuímos bastante ³⁶⁰”.

Arlete fazia parte do setor estudantil da ALN. Provavelmente seria um quadro deslocado para o setor armado. Estava sendo preparada para ocupar uma função de maior complexidade. As atividades relacionadas ao movimento estudantil eram mescladas, como se verifica, às tarefas de apoio, como hospedar pessoas, conseguir contatos, emprestar o carro para a organização. A entrada na equipe de fogo seria o próximo passo para ela. Pois, da distribuição de *Venceremos*, Arlete paulatinamente começou a ser preparada para realizar pequenas *expropriações* em supermercados. Embora não se lembre muito, acha que realizou alguns levantamentos para a organização também. O fato de estar em casa com os três militantes mais procurados do país (Alexandre Vannucchi Leme, Ronaldo Mouth Queiroz e Enzo Nico Jr.) naqueles anos, além do próprio marido, Adriano Diogo, acabou de certa forma impedindo que ela aprofundasse sua atuação na ALN,

[...] seria o próximo passo [...] foi milimétrico [...] que à medida que a coisa, o cerco estava muito grande e só não fizemos isso porque como nós já estávamos... o Queiroz estava em casa, já era difícil. Porque a gente levava uma vida legal, eu trabalhava e se a gente fosse sair à noite, eles tinham que ficar no escuro, não podiam fazer nenhum ruído e era um risco terrível porque a gente entrava na garagem, mas subia no elevador. Os três, não era um, os três! ³⁶¹

³⁵⁹ Entrevista de Arlete Lopes Diogo, São Paulo, 12 de junho de 2010.

³⁶⁰ Idem.

³⁶¹ Idem.

Arlete ajudou também Vannucchi e Queiroz a se manterem. Dava dinheiro, comprava roupas ou outras coisas de que eles tinham necessidade. Como ela conta,

[...] a gente comprou roupa, e comprou cobertor, e comprou um monte de coisa porque como eles tiveram que abandonar o *aparelho* rapidamente eles não tinham quase nada. E foi por conta disso que eu pude dizer que o Queiroz depois que ele foi morto, que eles o trouxeram para o pátio do DOI-CODI. Um dia eu estava na cela e eu vi eles comemorando, comemorando ali dentro, pegamos, pegamos, pegamos, matamos e fizeram um escândalo, e a gente não sabia o que era. Eles me levaram para interrogatório, para tortura e eu vi jogado no chão tudo o que eu tinha comprado para o Queiroz, então tinha cobertor, um abrigo impermeável porque vivia, andava muito, cobria ponto, então eu tenho certeza que era ele. Eles executaram o Queiroz, foi executado. Terrível. O Queiroz era uma grande ameaça eu acho, porque era um salto de qualidade para a questão da atuação da organização. E isso eles sabiam. Eles tinham essa informação, falaram na tortura e me interrogaram várias vezes. Como eles sabiam que o Queiroz tinha ficado em casa, eles queriam saber o que que o Queiroz falava, o que que ele deixava de falar, então ele era, eles temia muito que a gente passasse, saísse daquele isolamento e partisse para massa, porque aí eles não iam ter controle³⁶².

Logo depois Arlete seria também presa. Não chegou a lidar com armas de fogo assim como não fez qualquer tipo de treinamento armado. Militava compartimentada e também usava um codinome, *Lúcia*, escolhido por ela mesma. Nem Adriano Diogo sabia exatamente o que ela fazia. Como afirma,

[...] nós estávamos sendo preparados. Era uma medida de segurança. Eu tinha o meu codinome. O Adriano não sabia, posteriormente até depois que a gente foi preso um dia eu comentei com ele [...] A gente fazia esses treinamentos isolados e sem contato, ele nem sabia o que eu fazia e eu nem sabia qual era o treinamento que ele estava sendo preparado [...] ³⁶³

Os treinamentos a que ela se refere acima têm relação com o início das expropriações nos supermercados. Ela confessa que não era fácil para ela conviver com as contradições entre a formação católica e a necessidade da revolução,

[...] era a coisa mais doida do mundo, sem contar para mim era um terror, eu fazia porque eu acreditava tanto e acreditava na direção que esse era o caminho. Mas dentro de mim tinha toda a formação católica, religiosa, dos pais e o pecado, a honestidade. Era muito conflitante, nossa senhora, para mim era um terror, eu ia fazer, mas era muito, muito difícil, mas eu ia. E eu tenho impressão que a gente teria realmente se engajado, inclusive em grupo armado, é que realmente não deu tempo. Na verdade era um treinamento, não era o produto em si, mas era para te... para que você começasse a ser treinado para situações adversas, para situações perigosas [...] para que você começasse a se preparar, não dava para você chegar direto e já ir treinar, atirar. Tinha uma série de

³⁶² Entrevista de Arlete Lopes Diogo, São Paulo, 12 de junho de 2010.

³⁶³ Idem.

outras coisas que você tinha que fazer, e a questão é ideológica mesmo, *expropriar* porque é uma rede de supermercado burguês e vou *expropriar*³⁶⁴.

Esse tipo de treinamento, como Arlete diz, começou em 1972. Foi rápido no entanto, em março do ano seguinte ela e Adriano foram presos.

Tânia Mendes desenvolveu igualmente uma série de tarefas diferentes para a organização, além de utilizar seu trabalho como fonte de informação para a ALN. Ajudava no que fosse preciso. Já na época de faculdade e participando do movimento estudantil carregava coisas, fazia a segurança das passeatas de rua, levava comida durante a ocupação dos prédios da Universidade. Quando houve a prisão em Ibiúna, juntou-se às mães na mobilização em frente ao DOPS.

Ainda no DCE (Diretório Central dos Estudantes) da Universidade, Tânia elaborava alguns trabalhos de divulgação para a ALN. Na escala de tarefas na organização, era uma espécie de *apoio indireto* como ela afirma, apesar de já conhecer alguns dirigentes da organização. Estava ainda em processo de aproximação,

Fiz muito panfleto do Marighella, porque eu tenho umas habilidades [...]. Aquelas coisas que você tinha que fazer panfleto, eles queriam fazer um panfleto que tinha aquela mão da ALN, com o braço armado e era mimeógrafo a álcool, a tinta, então você não tinha como fazer desenho, então eu passei uma tarde desenhando com uma lixa de unha para poder fazer os buraquinhos. Enfim, eu não era um quadro, eu não estou num grupo, eu era meio assim, numa coisa eu resolvia o problema, eu faço a tela de silkscream, eu faço isso, eu faço aquilo, eu faço várias coisas, mas, eu não estava na ALN, eu estava no DCE³⁶⁵.

Integrada à ALN, por Maurice Politi, Tânia começou a participar, como afirma, da periferia do grupo de fogo, tomando conta dos carros no momento das *expropriações*. Realizou alguns levantamentos também, de banco, de ruas, etc.

A organização planejava realizar um resgate de presos do Presídio Tiradentes. Fato esse que não se concretizou, embora Tânia tivesse sido escalada para fazer a pesquisa. Afirma que fez um levantamento a respeito de Miguel Reale, Reitor da USP naquele momento. O objetivo disso, Tânia não sabe exatamente. Era encarregada de fazer e fazia, sem mais perguntas. Passou também para a ALN informações a respeito da composição da direção da empresa Valisère.

Tânia guardou arma e farda em sua casa, assim como alojou companheiros procurados como Enzo Nico Jr. e Sílvia Peroba Carneiro. Nunca andou armada, embora tenha

³⁶⁴ Entrevista de Arlete Lopes Diogo, São Paulo, 12 de junho de 2010.

³⁶⁵ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo 1º de maio de 2010.

realizado treinamento de tiro na região de Cerquilha. Raspou muita numeração de revólver. Existia a ideia de que ela tinha condições de passar para um setor mais ofensivo, mas o contexto da época e a rapidez com que os fatos se deram jogaram por terra essa possibilidade.

Muito habilidosa para trabalhos manuais foi responsável também por fazer uma serigrafia com o rosto de Carlos Marighella para utilizar nas pichações pela cidade. Aprendera a técnica da serigrafia no movimento estudantil, coisa que lhe serviu também nos momentos de clandestinidade, pois, já com alguma experiência, foi trabalhar numa serigrafia na Mooca que produzia inclusive as placas e geladeiras para a Kibon. Tânia sentia que as pessoas ali tinham ligação com a repressão.

Falsificou também carteiras de identidade, revisava os textos dos jornais distribuídos pela organização e chegou inclusive a realizar um curso de auxiliar de enfermagem quando em trânsito por Mato Grosso, fugindo da repressão em São Paulo.

Como disse Tânia, as tarefas sobravam para ela fazer. Com efeito, ela teve diversas funções. Segundo ela, tentava-se compartimentar a organização por uma questão de segurança, mas havia falta de pessoas para realizar algumas tarefas. Os militantes da ALN acabaram, na sua opinião, atuando muitas vezes de maneira híbrida. Ela, por exemplo, desenvolveu várias tarefas no setor de massas, informação, armado, etc.

Mas o fato é que eu não vejo que fosse uma coisa assim, precisava compartimentar por uma questão de segurança, mas você não tinha uma quantidade enorme de pessoas para poder fazer esse tipo de especialização. Eu acho que se tivesse continuado acontecendo, até aconteceria isso, você daria condições das pessoas funcionarem mais como o cara que ia fazer a comunicação, mais o cara que ia fazer, *mas existia...* mas era um negócio híbrido, eu não via a coisa como sendo um negócio militar que ia terminar na [...] ³⁶⁶

O apoio na organização parece ter sido, com efeito, mais uma atitude solidária dentre todas as outras atribuições dos militantes da ALN. Nem sempre era uma tarefa, como observamos nos depoimentos, restrita essencialmente a um setor específico da organização, embora Tânia se refira à sua existência. Um exemplo disso temos na experiência de Ana Bursztyn. Militante do quadro armado da ALN, mantendo contato no Rio de Janeiro com Carlos Fayal e Ronaldo Dutra Machado, acolheu em sua casa companheiros do MAR

³⁶⁶ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo 1º de maio de 2010, grifos nossos.

(Movimento Armado Revolucionário) que tinham realizado a fuga dos prisioneiros do Presídio Lemos de Brito e que, portanto, estavam sendo procurados³⁶⁷.

Outra militante que foi posteriormente do setor armado da ALN foi Moema São Thiago. Durante uma ação desastrosa da organização no Ceará, foi ela quem abrigou o militante Gilberto Thelmo Sidney Marques, ferido à bala após a ação de *justiçamento* de um comerciante em São Benedito. Ação proibida pela direção nacional e, ao que tudo indica, praticada como vendeta³⁶⁸.

Moema escondeu Gilberto na Biblioteca de seu tio Flávio Marcílio, Presidente à época da Câmara dos Deputados. Foi colocado ali à revelia do tio é claro, que desconhecia absolutamente o envolvimento de sua sobrinha na ALN. A respeito disso ela afirma,

[...] ele não sabia, ele tinha uma casa e no andar de cima era uma biblioteca muito bonita, muito grande, então eu falei com o caseiro, meus tios não estavam, e eu falei, olha, eu preciso estudar, eu vou entrar e sair, e aí entrei e coloquei o Thelmo escondido lá, e ele ia lá. Era um lugar seguro. Essa história é muito interessante porque o tio Flávio soube depois, e nunca me cobrou politicamente [...]³⁶⁹

Através de sua irmã Iara que trabalhava nas Docas do Ceará, Moema conseguiu que ele fosse atendido pelo médico Bruno Bento Pimentel. O médico e sua irmã foram posteriormente presos, suspeitos de colaboração. Segundo Moema, “[...] eu era do grupo de apoio, eu andava com a mulher do Sílvio [Sílvio Mota] para conseguir remédio. Por exemplo, o contato com esse médico Bruno, são pessoas para a gente ter, juntar remédios para guerrilha, conseguir dinheiro. A gente arrecadava remédios, fundos e tudo, foi a época que eu peguei as minhas joias todas de família e vendi para a revolução”³⁷⁰.

Após a ação da ALN, Moema se viu na contingência de ajudar. Ela e Inês, esposa de Sílvio Mota, deram suporte à família de um dos participantes da ação, que tinha fugido para

³⁶⁷ O Movimento Armado Revolucionário originou-se do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), uma organização armada e de oposição ao regime militar de 1964, composta basicamente por militares cassados pelos militares no poder e por outros militantes infiltrados dentro dos próprios quartéis. Comandado por Jefferson Cardim de Alencar Osório e inicialmente influenciado por Leonel Brizola, com o apoio de Fidel Castro, manteve sua direção em seus primórdios na cidade de Montevidéu, no Uruguai. Com muitos militantes com experiência militar, inclusive treinados em Cuba, o MNR seria o grande responsável pelo início da luta armada, tendo iniciado, em 1965, uma guerrilha na serra gaúcha que chegou a tomar cinco cidades até ser dominada pelas forças da ditadura. Nova tentativa de guerrilha, desta vez na Serra de Caparaó, em 1967, foi destruída antes mesmo de começar. Praticamente desmantelado, desligou-se de Brizola e fundiu-se com a Polop para dar origem a VPR, enquanto outra facção deu origem ao Movimento Armado Revolucionário (MAR).

³⁶⁸ Entrevista de Moema São Thiago, Brasília, 11 de julho de 2010. Cf. MOTA, Sílvio. *Rebeldes*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009. Cf. também FARIAS, Airton. *Além das armas: guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72)*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2007. Informações obtidas de Valdemar Menezes em 5 de abril de 2008 e de Gilberto Thelmo Sidney Marques em 8 de abril de 2008.

³⁶⁹ Entrevista de Moema São Thiago, Brasília, 11 de julho de 2010.

³⁷⁰ Idem.

São Paulo. A ação tinha ocorrido em julho de 1970. Logo Moema, também já procurada e com as fotos estampadas nos principais jornais do Nordeste, iria para São Paulo. Quando caiu na clandestinidade, como disse, saiu da Coluna Social para a Coluna Policial. Entre um apoio e outro, outra coisa que fazia era frequentar cartomantes: queria saber quando a revolução ia acontecer...

Moema já participava de movimento estudantil, cursava Direito na época, era ligada ao CEU (Centro Estudantil Universitário) e fazia trabalho social junto a Dom Fragoso nas áreas carentes do Ceará. Teve simpatias pelo PC do B e PCBR. Foi o PCBR, como ela diz, quem lhe deu formação política. A relação também era afetiva, como se observa:

Eu fiquei muito amiga do Chico de Assis, o pessoal ia almoçar muito lá em casa, casa de família grande, muita comida, e todo mundo magrinho e com fome, todo mundo adorava ir almoçar lá em casa ou lanchar para reforçar a boia. Era o caso de Chico de Assis que morava em pensão, era menino pobre. Foi o caso do Davi. Então tinha esse suporte, de ir em casa tomar caldo, a partir daí com o Fabiani [Fabiani Cunha] começa a história da ALN [...]³⁷¹

A repressão atribui a Moema ter encontrado um sítio na região de Pacajus para a realização de reuniões da organização. Embora informação pouco confiável, Moema afirma “eu acho que sim, pode ser que sim. A gente procurava o que a organização estava precisando. Espaço para reunião? Era evidente que a gente ia procurar e eu pelo fato de ser uma pessoal socialmente bem relacionada facilitava esse trabalho [...]³⁷².”

Quando chegou a São Paulo, Moema estava decidida a entrar no grupo de fogo. Já havia feito alguns treinamentos de tiro com um primo seu no Ceará, mas realizaria outros em São Paulo. Na capital paulista realizaria algumas ações. Andava com uma beretta pequena escondida debaixo da pantalona ou sob as batinhas de grávida, modelo de roupa muito em voga na época, e que favorecia as militantes. Os primeiros contatos na chegada já foram feitos com *Toledo*.

Ao mesmo tempo em que Moema estava integrada ao GTA (Grupo Tático Armado) da ALN continuou a desenvolver tarefas de apoio, como cuidar de feridos em ações ou ajudar, ainda que de maneira provisória, na produção do jornal da organização.

Teve uma época na organização que eu ficava menos na ação porque eu cuidava desse japonês [...]. Segurava o *aparelho*, aí tinha época que você cuidava mais do jornal que fazia o *Guerrilheiro*, quando a Auxiliadora morre, a nossa Auxiliadora [Aurora Furtado], eu assumi mais o jornal. Eu deixei de fazer ações porque eu tinha que cuidar do japonês. O japonês ia sair, mas o japonês tinha escutado o barulho, tinha localizado mais ou

³⁷¹ Entrevista de Moema São Thiago, Brasília, 11 de julho de 2010.

³⁷² Idem.

menos o *aparelho*, então ele teve que ficar mais tempo no *aparelho*, porque ele sabia mais ou menos a localização se ele caísse... Então a gente teve o maior cuidado para entregar ele diretamente na hora da saída, depois eu vou encontrar esse japonês em Cuba. Eu acho que a nossa casa foi a última casa [em que ele ficou antes de ir para Cuba]³⁷³.

Ilma Horst Noronha, no início de sua militância na organização, recolhia roupas, sapatos, medicamentos e dinheiro para enviar ao campo. Não sabe hoje para onde seria levado esse material, mas era, como ela afirma, “uma coisa assim, bem de apoio mesmo”. Ilma deveria, como disse, ser deslocada para o trabalho de massa da organização. Como o trabalho não aconteceu, ficou na área de planejamento, que consistia, segundo ela, em realizar levantamentos. Continuará integrada à ALN, combinando ações armadas junto a outras tarefas.

Nós ficamos mais na área de planejamento, estou dando esse nome hoje. Então nós fazíamos todos os levantamentos dos bancos, nós recebíamos os endereços, nós íamos, pesquisávamos, entrávamos, víamos o movimento, qual era o caminho de entrada, possíveis rotas de fuga, tudo a pé. Depois nós recebemos também uma incumbência de fazer um levantamento, um planejamento para vários sequestros. Nós recebemos uma lista enorme, e começamos a fazer os levantamentos,. Quando o Domingos [Domingos Fernandes] caiu, ele caiu com essa lista de pessoas para serem sequestradas, inclusive, isso foi na época do triunvirato, da Junta Militar. Nós fizemos um levantamento detalhadíssimo da vida, horário, rota, dos três [Presidentes Militares]. Tinha mais gente, mas assim, o que ficou marcado para mim, porque esse foi um trabalho longo, foram os três, um morava na Urca, seis horas da manhã já estávamos na Urca, o outro na Ilha do Governador, o terceiro eu já não me lembro. Então essa era, eu acho que foi uma das últimas fases do nosso trabalho, que aí caiu tudo isso [...]³⁷⁴

Yara Gouvêa, no período em que permaneceu no Brasil – ela deixou o país com as quedas povocadas com a morte de Marighella –, utilizou muito os contatos que tinha com a Igreja para esconder pessoas e documentação. O Seminário de Padres em Campinas não só abrigou muita gente perseguida, como permitiu a retirada de algumas pessoas do país. Yara foi uma delas,

[...] eu escondi armas, eu escondi documentos naquele Seminário que existe em Campinas, existe um Seminário de Padres em Campinas, escondi inclusive muita gente no sótão do Seminário. Muita gente. Efetivamente isso eram tarefas que eu fazia. Eu ia no Seminário, o fato de que eu estudava numa Universidade Católica, aquilo era uma cobertura muito boa, porque nós podíamos transitar nessa rede de padres de seminaristas e isso e aquilo, sem levantar muitas suspeitas até um determinado momento. Agora eu não sei se a repressão algum dia desconfiou de que o sótão daquele Seminário tivesse servido a esconder tanta gente. E tanto material. O diretor do Seminário na época, naquela

³⁷³ Entrevista de Moema São Thiago, Brasília, 11 de julho de 2010.

³⁷⁴ Entrevista de Ilma Horst Noronha, Rio de Janeiro, 11 de março de 2009.

época era o Monsenhor Bruno Nardini, que dava cobertura. Será que um dia a repressão soube o que Bruno Nardini fazia?³⁷⁵

Outros militantes também se esconderam nesse seminário, que provavelmente pertencia à ordem dos claretianos. Informações recebidas de um militante cujo nome preferimos preservar, afirmaram que o bispo Dom Pedro Casaldáliga junto ao Padre Antônio Canuto estiveram em março de 1969 neste local, levando alguns militantes clandestinos da ALN para atuarem no Araguaia em trabalhos de interesse da Igreja. Ambos não tinham qualquer relação, portanto, com a organização, desconhecendo até mesmo que alguns desses militantes fossem membros da ALN. A organização, contudo, sabia que enviava militantes para dar início a um trabalho político na região; tinha sido, aliás, uma recomendação do próprio *Toledo*.

Yara soube com antecedência pelo pai, que tinha sido oficial do Exército e ainda mantinha contatos com os meios militares, que os dominicanos que davam colaboração à ALN iam cair. Tentou alertar as pessoas. Foi à procura de uma amiga que estava intimamente ligada à *Livraria Duas Cidades* para tentar passar a notícia para a frente. A *Livraria Duas Cidades* era o ponto na época através do qual os freis colaboravam com os militantes perseguidos, conseguindo documentos para eles deixarem o país e dando apoio para aqueles que haviam sido muito torturados.

Yara tentou avisar a Cúria Metropolitana sobre a prisão dos dominicanos, mas foi colocada para fora. Como ela conta,

Eu tinha tentado avisar a Igreja Católica sobre a questão dos dominicanos, que eu tinha sido expulsa da Cúria por um senhor que agora nem lembro o nome, já me apagou da ideia, da memória completamente. “Monsenhor, estou sabendo de que os dominicanos estão correndo um risco muito grande”. Ele levantou da cadeira e me disse, “Rua! Rua! Rua!”. E eu disse, “sim senhor, mas quem me garante que quando eu chegar –porque eu tinha subido dois andares de escada sem elevador – quando eu chegar lá embaixo que o senhor não tenha avisado a polícia?”. Eu disse, “eu não posso ser presa Monsenhor”. E ele gritava, gritava, rua, tanto que quando eu saí, que eu abri a porta, que eu vi a Iraci Palocci na esquina, eu falei para ela. Ela compreendeu, eu corri de um lado, ela correu do outro. Eu disse, é seguro, [...] um monte de gente vai ser preso e esses dominicanos vão cair antes da hora. E eu nunca soube se a Irani Palocci conseguiu fazer chegar aos dominicanos essa informação ou não. O fato é que eles caíram uma semana depois. Meu pai tinha razão³⁷⁶.

Yara foi da ALN, mas também deu apoio a outras organizações. Como ela afirmou, não havia na realidade uma separação estanque nas organizações armadas. Ela transitava tanto

³⁷⁵ Entrevista de Yara Gouvêa, Brasília, 8 de julho de 2010.

³⁷⁶ Idem.

pelo PCdoB, AP, como pela ALN. Era um grupo que atuava junto, via *Livraria Duas Cidades*. Conseguiu sair do país através da ampla rede de apoio mantida pela Igreja Presbiteriana,

[...] quando eu saí, eu fui recebida por uma suíça. A saída do Brasil foi toda organizada pelo pessoal da ALN com a ajuda da Igreja Presbiteriana. Tanto que eu era guardada na Suíça pelo pessoal do Claudius que é da Igreja Presbiteriana³⁷⁷. O pastor Wright já tinha perdido o filho, naquele momento, ele estava muito abalado no começo, mas ajudava efetivamente [...]³⁷⁸

A casa de Maria Aparecida Baccega era um *aparelho*, onde se reunia a direção da ALN. Ficava no bairro de Pinheiros e Joaquim Câmara Ferreira o utilizava com frequência. Foi alugado dentro das próprias condições da organização. Baccega sempre foi um quadro legal da organização. Chegou a ser detida, mas conseguiu se livrar de processo. Seu marido, Antônio Granville Ponce, foi condenado e cumpriu pena em São Paulo. Como ela disse em entrevista, *quem tirou meu marido da prisão fui eu!* E de fato, foi uma longa travessia, para saber notícia dele, levar comida, lutar pela sua libertação. Ficou sentada dois anos e meio no sofá da Auditoria.

Baccega abrigou também um seminarista do Ceará que, de passagem pela sua casa, voltava de Cuba. Era Valdemar Menezes, conhecido como Plotino. Chegou a visitá-lo anos depois quando ele cumpria pena no Presídio Paula Sarasate. Naquele momento, não conhecia detalhes de sua vida.

Virgílio Gomes da Silva frequentava a sua casa, assim como Carlos Madeira, e Zequinha Barreto, amigo íntimo da família. Barreto é lembrado com grande carinho por Maria Aparecida. Ele brincava com seus filhos, tocava violão para eles e, antes de eclodir a greve, tinha combinado um passeio a Santos. Barreto não apareceu mais. A criança indo a padaria um dia voltou assustada, mãe *o Barreto tá no jornal, ele foi preso*. Como Baccega diz,

Minha casa era ponto de passagem, tinha um negócio de levar umas notas com número não sei quê, eu não sei o que era, sei que era na minha casa. Também não queria saber. Mas eu sei que eu vi nota, dinheiro, número. E nem sempre a gente tinha empregada e também não era qualquer empregada que podia pôr. Então era muito complexo aquilo ali. Mas os companheiros ajudavam sempre muito[...]³⁷⁹

³⁷⁷ Silvius Petrus Claudius Ceccon foi caricaturista brasileiro e mantinha muitos contatos com o Conselho Ecumênico de Igrejas. Trabalhou na revista *O Cruzeiro, Jornal do Brasil, Pif-Paf* e integrou a equipe de fundadores do jornal *O Pasquim*. Em 1971 mudou-se para Genebra, onde fundou junto ao educador Paulo Freire o Instituto de Ação Participativa – Idac. Por meio desse Instituto, realizou, entre 1971 e 1975, um importante trabalho de alfabetização de adultos nos países africanos de língua portuguesa.

³⁷⁸ Entrevista de Yara Gouvêa, Brasília, 8 de julho de 2010.

³⁷⁹ Entrevista de Maria Aparecida Baccega, São Paulo, 10 de novembro de 2008.

O apartamento de Albertina Pedrassoli, alugado com sua amiga e também militante da ALN Vera Lúcia Xavier de Andrade, serviu de local de encontros e abrigo para os militantes. Não eram muitas pessoas, como Albertina observa. Fernando Casadei Sales, voltando já clandestino de Brasília em 1969, ficou hospedado lá. Naquele momento porém, muita gente da ALN estava sendo presa.

Albertina abrigou em sua casa, antes de sua primeira prisão, Eliana Calmon dos Reis. No entanto, no dia em que Eliana foi para o apartamento, todos foram presos: ela, Albertina, Vera e Fernando. Era abril de 1970. O apartamento estava alugado em nome delas, e eram as duas que o mantinham com seus salários. Na casa, invadida pela repressão, que permaneceu ali durante dois meses, foram encontrados muitos livros. Não havia contudo nem armas, nem explosivos, nem documentos que pudessem comprometê-los. Eram muito cuidadosos. No processo como se verifica, foi apreendida apenas uma carteirinha de Albertina do Centro Acadêmico da São Bento (PUC)³⁸⁰.

Albertina foi solta em julho de 1970 e voltou a militar. Continuou atuando como apoio. Cobria pontos com algumas pessoas. Assim que Fernando saiu da prisão resolveram se casar. Albertina modificou o nome, passando a assinar apenas um dos sobrenomes, Sales, menos conhecido da repressão. Alugaram então uma casa cujo endereço ninguém conhecia. Na volta da primeira prisão, ambos se integram ao Molipo e passaram a tentar unificar as duas organizações.

Fernando passou, então, a retirar as pessoas perseguidas do país. Albertina o acompanhava ajudando no que podia. Hospedaram Sílvia Peroba Carneiro em seu apartamento nessa fase, antes de ela ser levada até o Uruguai. Era procuradíssima pelos órgãos de repressão. Albertina deu as malas para que ela saísse. Também ajudaram Ilda Gomes a ir para Cuba. Albertina sempre manteve o nome legal, não adotou codinome, nem usava documento falso. Fernando atendia na época pelo nome de *Marcos Vinicius Aranha*.

Albertina não teve tempo de militar no Molipo, pois logo foi novamente presa. O que fazia, nessa época, segundo disse, era recopiar os textos de Fernando. Ele sempre escrevia muito. Tanto que a polícia na segunda invasão apreendeu todos os escritos dele. Da segunda prisão em diante, Albertina deixou de militar. Pelo menos na organização.

Todos os exemplos aqui colhidos demonstram que o setor de apoio na organização foi extremamente ativo. Essas mulheres, contudo, não ocuparam o primeiro plano na historiografia tradicional. O acolhimento de pessoas procuradas pela polícia também era uma

³⁸⁰ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS Arquivo Edgard Leuenroth (AEL). Acervo Brasil Nunca Mais, processo 68.

tarefa importante. Eram gestos de grande solidariedade frente ao medo reinante das pessoas, que tinham pavor de encontrar militantes na rua ou mesmo de abrigá-los. Hotéis e pensões eram lugares temerários de permanecer, pois os militantes tinham que entrar com registros falsos ou podiam ser reconhecidos por alguém, dada a grande movimentação desses locais. À medida que a repressão recrudescia, os militantes eram obrigados a passar rapidamente para a clandestinidade. O aluguel de casas para a montagem de *aparelhos* não era garantia de segurança, já que as agências imobiliárias passaram paulatinamente a ser controladas pela repressão. Havia mesmo anúncios prontos feitos pela polícia dissimulando as informações desejadas pelos guerrilheiros. Os apoios surgiam então como uma solução, mais segura e imediata, no caso de o militante ter que se mudar às pressas de casa. A casa dos pais, chácaras, sítios afastados também foram utilizados, até que a situação se acalmasse ou que eles/elas pudessem sair do país. Além do mais, esses apoios eram pessoas da confiança da organização ou faziam parte do círculo pessoal do militante. Dentre as entrevistadas apenas uma se referiu ao caso de um apoio ter colaborado com a repressão³⁸¹.

4.3 Pais e mães

O apoio da família e de parentes também fez parte de algumas atividades desenvolvidas por algumas mulheres que, através do acesso a hospitais, prisões e delegacias ou mesmo dentro de suas casas, procuravam prestar solidariedade e trazer conforto aos seus filhos, sobrinhos, netos, irmãos, e maridos. A resistência dessas mães nasceu e viveu dentro de suas próprias casas à medida que se solidarizavam com seus filhos ou simpatizavam-se com a ALN.

Muitas mães foram presas e obrigadas a prestar declarações sendo envolvidas nos processos da ALN e associadas à “luta subversiva”. Em que pese o carinho e conforto que traziam, também funcionaram como grandes parceiras na comunicação entre os militantes, dando algum tipo de sustentação à luta, quando não se integraram de fato à ALN. O dever de toda mãe é visitar o filho preso, assim como parecia ser qualquer nível de ajuda que elas pudessem dar. A mãe de Jessie Jane, por exemplo, detida pelo delegado Fleury, ao ser questionada porque recebia tantos amigos comunistas de seu marido em casa, respondeu apenas *é minha função como esposa*.

³⁸¹ Entrevista de Tania Fayal, Maricá (RJ), 20 de março de 2010.

Não assumiam portanto esse papel submisso por caráter, isso era resultado, na realidade, de alguns dos pretextos para se proteger e proteger seus filhos das arbitrariedades da polícia. Fariam tudo que estivesse ao seu alcance para tê-los de volta, mas sem se submeter aos desmandos dos generais.

Ao olhar a Defesa de algumas dessas mães, envolvidas na chamada “guerra revolucionária, verificamos que utilizavam vantajosamente os apelos culturais da época para poderem atuar. E atuaram sendo solidárias mesmo durante a luta, abrigando, dando comida, dinheiro, carro e utilizando seus contatos com seu grupo social e de trabalho para conseguir ajuda. Fosse ela a liberação de um processo, a obtenção de advogado, o recebimento de notícias, o envio de comida e material higiênico para as prisões. Alguns pais pertenciam a famílias influentes, e que podiam talvez ajudar. O mais comum naquela época, contudo, era receber um não das pessoas a quem apelavam. O medo paralisava muita gente. Ilma Noronha foi testemunha do desespero de um casal que a alojou por alguns dias.

Quando os parentes eram mais íntimos, essas mães recebiam às vezes reprimendas pelo tipo de educação que deram aos seus filhos. Como era possível que aquele doce de menina que conheceram na infância tivesse se tornado a temida guerrilheira dos cartazes?

Nem todos os pais sentiam decepção de seus filhos por eles terem abandonado a casa, o trabalho, os estudos, para se engajarem na luta armada. Também nem todos eram ingênuos a ponto de acreditarem na propaganda do regime. Antes apoiavam, respeitavam, apesar da angústia que sentiam, e da discordância política que nutriam por suas escolhas. Como afirmou Catarina Meloni,

Um filho clandestino era um eterno desassossego, a falta de segurança completa, a total incerteza do dia de amanhã. Os lares eram revistados, as pessoas seguidas, os telefones, controlados. Não havia mais vida privada. As mães que batessem à porta podia ser prenúncio de qualquer coisa: um estranho querendo espionar, notícia de prisão ou morte ou o próprio filho visitando a família na calada da noite. Vinha oculto e saía antes que fosse visto. No dia seguinte, a mãe estava mais feliz, e o pai, mais nervoso [...] Ainda escuro, a mãe enrolava em papel alumínio o resto do bolo, e o pai corria ao posto de gasolina trocar um cheque. Quem estava ilegal não podia sair trocando cheque em banco. Filho clandestino não ia para casa, nem telefonava. Fazia contato. Se mandava carta, até chegar ao destino passava antes por três ou quatro intermediários, percorria muitos quilômetros em mãos, e só chegava meses depois. Nosso correio de mão em mão era lento, não estampava carimbo. Nossas cartas não traziam o lugar de origem nem data.³⁸²

Os policiais, se não prendiam seus filhos, invadiam as casas, chantageavam seus parentes, destruíam objetos, confiscavam outros. Mas as mães davam o troco: ajudavam os

³⁸² MELONI, 2009, p.42.

clandestinos, criavam dificuldades ao regime, desprezavam as consígnias da ditadura, iam aos tribunais denunciar o desaparecimento de alguém, escreviam cartas aos generais, ajudavam pessoas a saírem pela fronteira, atos importantes quando as portas começaram a se fechar para os combatentes à procura de abrigo.

Nos periódicos da ALN lá estava o apelo às mulheres para que participassem de sua luta contra o regime e os informes às donas de casa dos efeitos do ‘milagre brasileiro’: o aumento da cesta básica, a escola para os filhos, a baixa dos salários, o preço do transporte. Procuravam fazer propaganda política e davam notícia também dos avanços feitos pela organização e quais os alvos preferenciais do governo que tinham atacado. A ALN chegou a publicar a seguinte carta às mulheres de militares,

Prezada senhora ou senhorita,

Ao dirigir-lhe a presente carta, nós o fazemos na convicção de que nosso gesto surtirá algum efeito sobre seu sentimento de mãe, esposa, filha, irmã ou noiva de militar.

Os militares assumiram uma grave responsabilidade, ao desencadear no país, em 1964, a tormenta que aflige nosso povo. Depois da subida dos militares ao poder, a carestia aumentou, os aluguéis se elevaram a níveis absurdos, os salários se reduziram mais ainda, os impostos atingiram a raia do impossível, a vida tornou-se um inferno. Avançou o processo de desnacionalização e entrega do Brasil aos Estados Unidos.

A corrupção é hoje muito maior no governo e nas Forças Armadas. Até o nome da mulher de Andreazza serviu como nome de batismo para o navio de uma empresa que distribui grossas gorjetas ao ministro.

As Forças Armadas e, em especial, o Exército, agasalham gerês de militarismo. Os chefes militares se arvoram em salvadores da pátria, mas não passam de aproveitadores, opressores do povo e inimigo da razão.

Para a maior desgraça de nosso povo, são os militares que comandam os quartéis, os que torturam os presos políticos. O quartel da PE da rua Barão de Mesquita, na Guanabara, é a sede da Gestapo brasileira. Ali os oficiais despem as moças que são presas, acusadas de crimes políticos e assaltos a bancos, abusam delas e as mergulham nuas em bacias d’ água para receberem choques elétricos. O nazismo sobrevive no Brasil apadrinhado pela responsabilidade dos militares.

É preciso que a mulher brasileira, que tem laços de parentesco com os militares, procurem adverti-los, chamando-os à razão e fazendo com que parem de cometer esses crimes.

A condição humana deve se respeitada. E por isso mesmo nós não vamos parar nossa luta pela derrubada da ditadura militar. O povo brasileiro será livre.³⁸³

As mães representaram, então, outro perfil de mulheres que compuseram igualmente a resistência naqueles anos. A atitude, porém, não poderia ser de outra forma. Como se acantear às tarefas de casa quando seus maridos ou filhos eram prisioneiros, estavam feridos ou possivelmente mortos, e elas encontravam-se na eventualidade de ter que cuidar da educação

³⁸³ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Ação Libertadora Nacional, anexo 5302.

das crianças e da manutenção financeira da casa? Exemplos disso encontramos na militância de alguns pais e mães que, embora não houvessem tomado contato com o partido comunista na época, nem mantido qualquer grau de militância política anterior, mantiveram contatos com a ALN adotando uma postura bastante corajosa frente à repressão de Estado, seja à procura de seus filhos, presos ou “desaparecidos”, seja em apoio à própria militância na organização. Inevitável, portanto, que a luta contra a ditadura civil militar não se transformasse em atuação conjunta das famílias, quando unidos por um mesmo ideal, pais, filhos e pessoas próximas enfrentaram o mesmo conjunto de dificuldades da vida cotidiana, as angústias, a inquietação em relação à sorte de amigos e colegas desaparecidos, presos ou mortos.

O apoio desses pais deu-se das mais variadas maneiras. Alguns pais mesmo que professassem uma ideologia de direita foram solidários com seus filhos, nos momentos mais críticos, ou foram modificando paulatinamente com o tempo sua maneira de pensar.

A mãe de Ana Corbisier, por exemplo, estava ligada ao setor militar, era secretária executiva do IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais) e ligada a Golbery de Couto e Silva em São Paulo. Andava com seus arquivos em seu carro e circulava no meio dos empresários. Ana lembra-se de ela ter comparecido ao enterro do diretor da Ultragás, Henning Albert Boilesen, amparando sua primeira esposa. Ouvia também comentários de sua mãe sobre a esposa de Boilesen que o alertava para não comparecer mais à OBAN, que aquilo “não ia dar certo”. Por isso, Ana tinha certeza de que ele participava do sistema. A morte de Boilesen e a informação sobre sua colaboração com o regime repressivo, contudo, não passaram por ela na organização. Mas, o panfleto jogado na ação de *justiçamento* foi escrito por uma mulher.

Foi a mãe de Ana quem lhe deu auxílio quando ela estava saindo do país, após uma ação armada frustrada em Suzano. Foi dela, também, uma carta para a TV Cultura justificando a necessidade de afastamento de Ana por motivos de saúde. Alegou que a filha estava depressiva e anexou junto ao documento um atestado médico. Contratou um advogado para defendê-la. Esvaziou também seu apartamento que, como Ana disse, continha muitas coisas comprometedoras, e ainda levou o carro de Ana para ser lavado, apagando as pistas de sangue do ferimento à bala de Francisco Gomes da Silva, o Chiquinho, irmão de Virgílio. Ana foi dada como morta, e confundida com Ana Maria Nacinovic, assassinada em junho de 1972. Desesperada, sua mãe passou a ir a cartomantes à procura de uma resposta: invariavelmente diziam que era um barbudo quem a estava protegendo. E de fato, entre palpites e acertos, Ana estava na ilha de Fidel Castro, onde foi realizar treinamento de guerrilhas. Sem notícia

nenhuma da filha, sua mãe pediu ao jornalista Flávio Tavares que tentasse localizá-la. Foi assim que a repressão, segundo ela, soube de sua passagem por Cuba, pois Flávio enviou um telex para sua mãe. Como ela afirmou, “a minha família só atrapalhava, não ajudava porque eles não tinham noção não é, minha mãe mesmo”³⁸⁴.

Seu pai morava no Rio de Janeiro. Era separado de sua mãe desde quando Ana tinha 13 anos de idade. Identificava-se muito com as ideias da filha. Partiu dele a vontade de se encontrar com Carlos Marighella. Como ela afirma,

Meu pai quis encontrá-lo [Carlos Marighella] porque com o meu pai eu tinha esse vínculo. E aí, eu levei meu pai para conversar com ele e o meu pai perguntou, “quantas pessoas você tem?” Aí ele disse, “olha, muito pouco, acho que umas quinhentas”, mas assim sabe... e ele viu que meu pai não era da luta, meu pai era um intelectual. “Você continua escrevendo, está ótimo, está ótimo”, entende?³⁸⁵

Roland Corbisier escreveu muitos livros, mas o mais importante para Ana foi o que lhe dedicou, à *Ana, filha primogênita, modelo de força e de coragem*. Só se reencontrariam após a Anistia.

Preso no DOPS e acusada de colaborar com Fernando Koleritz, Vilma Ary também relata a coragem de sua mãe em enfrentar a repressão. Órfã de pai cedo, era a mãe quem administrava a casa e a família, embora Vilma já fosse uma mulher independente e com profissão definida. Trabalhava como jornalista na *Folha de S.Paulo* cobrindo o movimento estudantil. Como ela afirma,

Minha mãe teve uma postura muito grande, postura de até enfrentar os caras do DOPS. Ela foi lá e posou o dedo na cara dos caras do DOPS assim... Cadê as pulseiras da minha filha? Quer dizer, eles ficaram com seis pulseiras de ouro. Ela cobrou da filha dela. Não é interessante? Por que você vai ver é uma pessoa que não tem nada a ver com política, mas que tem uma hombridade. Ela encara um filho da puta de um repressor com muita autoridade. Por que não dá para acreditar, não dá para acreditar. Minha mãe foi na OBAN depois comigo na época, minha irmã foi e acho que meu irmão foi junto. Meu irmão conhecia o pessoal do CCC, porque meu irmão fez Faculdade de Direito. Ele sabia quem eram os caras. Então quando ele chegou lá, os caras trataram ele bem porque meu irmão era um cara neutro, enfim, não se intrometia em nada. O máximo que ele fazia era futebol, então chamaram quem é irmã do Samir Ary? Ah, então aparece lá na janela que ele quer te ver. Depois apareceu um colchão a mais lá na sala, na sede, é isso³⁸⁶.

Invadiram depois sua casa à procura de material que pudesse incriminá-la. Toda sua família sofreu, de alguma maneira, os efeitos de sua prisão.

³⁸⁴ Entrevista de Ana Corbisier, São Paulo, 29 de abril de 2010.

³⁸⁵ Idem.

³⁸⁶ Entrevista de Vilma Ary, São Paulo, 16 de novembro de 2008.

[...] eles vieram pegar aqui. Eles vieram e levaram um livro do meu pai, o livro chamava Exército Vermelho, que meu pai era um homem interessado na Rússia, na China, ele tinha umas coisas. Então ele tinha um livro chamado Exército Vermelho, sobre a Rússia, não era sobre os comunistas, era a Rússia. Então eles pegaram esse livro e levaram. Tudo bem, se eles forem ler vai ver que não tinha nada a ver com as calças. Mas, eles eram muito loucos, eles são todos muito loucos, não dá para acreditar. Eu acho que eles atiraram no escuro, algumas coisas eles acertaram e outras eles não acertaram entendeu? Então deve ter muito bagulho lá com eles... Por exemplo, o meu irmão de alguma forma foi atingido porque eu fui atingida, o sócio do meu irmão foi atingido porque a cunhada dele foi atingida, entendeu? Todas as famílias acabaram sendo atingidas e nisso começa a ser processado na cabeça desse pessoal o que foi a ditadura militar, o que aconteceu³⁸⁷.

A mãe de Sandra Brisolla, Dona Maria Cecília sobre a qual mencionamos, também teve uma atitude corajosa frente à repressão. Foi ela quem enviou uma carta ao Auditor do Inquérito de sua filha explicando-lhe as razões pelas quais Sandra tinha deixado o país. Seus pais não conheciam em profundidade sua militância, fato que os protegia de alguma maneira. Eram favoráveis, contudo, à sua participação no Partido Comunista, com o qual também mantinham relações. Estiveram sempre ao seu lado, ajudando Sandra a deixar o país, acompanhando seu processo e a visitando no Chile, sempre que podiam. Sua mãe foi levada ao DOI-CODI e depois liberada. A casa de São Sebastião, pivô de toda a história, ficou completamente destruída.

De família modesta, Sônia escutou um dia de seu pai em Ouro Preto (MG), “eu estou sabendo que você é do Diretório Acadêmico. Deixa isso para os ricos, minha filha [...] isso aí é para filho de rico, rico quando é preso eles soltam logo, eles não matam, cuidado com isso”³⁸⁸.

Foi a única vez em que tocaram no assunto. Seus pais souberam de sua militância depois, pelas páginas dos jornais. Sônia já estava alojada na ocasião na casa de amigos que, mais do que amigos, eram simpatizantes. A polícia bateu lá, chantageou as pessoas, ameaçou com a perda de emprego, mas não conseguiu nada. Seu irmão, que era militar, estava algemado atrás do jipe do Exército, à espera para reconhecê-la. Sônia sentiu a pressão por sua militância de todos os lados,

Eu acho que eu sofri muita humilhação aqui em Ouro Preto, que a minha mãe e meu pai têm uma ideia totalmente diferente, mas quando eu era representante de turma, um dos melhores amigos, do pessoal daqui de casa, ele falava assim comigo, “por que você está lutando aí? Seus pais não sabem nem ler, nem escrever, você não vale nem o escarro que eu dou aqui”. Um homem que foi diretor da escola Normal, era assim baixo nível, uma

³⁸⁷ Entrevista de Vilma Ary, São Paulo, 16 de novembro de 2008.

³⁸⁸ Entrevista de Sônia Maria Ferreira Lima, Ouro Preto (MG), 27 de fevereiro de 2009.

vontade assim de zerar entende? Depois um outro amigão também advogado, tentou tomar essa casa deles [dos pais]. Falavam assim comigo, “ô menina, por que você não vai ensinar seu pai a ler e escrever ao invés de sair aí para o Veloso [fazia trabalho de alfabetização no morro do Veloso], ensinar os teus pais a escrever?” Tentaram não é, tentaram de todo jeito.³⁸⁹

Sua irmã Maria Natividade, que lhe deu grande sustentação no período de militância, afirmou em entrevista que foi muito duro para o pai atravessar toda essa experiência. Era difícil encontrar advogado que a defendesse. Como afirmou Leta Alves, além de os advogados não terem acesso aos presos, se você procurava um advogado era quase a mesma coisa que denunciá-lo³⁹⁰.

Dois dos irmãos de Maria Natividade eram militares (são dez filhos ao todo) e, segundo ela, tentaram prendê-la e obrigá-la a entregar à polícia seus amigos da cidade. Em suas palavras,

Meu irmão, que é militar [...] chegou na formação COCEX uma vez e falou para mim o seguinte, fardado, armado e falou comigo que era para eu entregar o pessoal todo daqui de Ouro Preto, porque senão eu seria presa. Eu tinha 24 h para poder entregar o pessoal. Aí eu falei com ele, “então está bom, depois você me prende então”. E saí, fui nas Repúblicas, avisei para o pessoal que eles estavam de olho [...] Ele não prendeu, é claro [...] tentou me prender, tentou prender a Sônia, e tentou prender meu irmão. Ele entrou aqui em casa armado, vestido de militar. De metralhadora. Teve um outro irmão. Ele tentou prender também. Meu pai colocou ele no sótão da casa, falou para ele assim “prendo ele agora”³⁹¹.

A política naquele tempo era capaz de dividir as famílias, de colocar pais contra filhos, irmãos contra irmãos. A repressão muito habilmente estimulava a delação, a traição, e toda a sorte de baixezas possíveis na obtenção de informações.

Um assunto doloroso portanto para as famílias, e não menos incômodo para Sônia e sua irmã que se viram enredadas nesse tipo de torpeza do regime. Não foi raro nesses anos encontrar pais que, ao entregar seus filhos à polícia, acreditavam estar salvando suas vidas.

Muitas vezes as relações de amizade ultrapassavam as fronteiras políticas. Amigos e conhecidos da família de Leda Gitahy, por exemplo, tinham graus de parentesco com a família Camargo Correia. Não que isso os tornasse, por razões de família, apoiadores do regime. De qualquer forma, alguns alertas chegavam até ela,

³⁸⁹ Entrevista de Sônia Maria Ferreira Lima, Ouro Preto (MG), 27 de fevereiro de 2009.

³⁹⁰ COSTA, 1980, p. 168.

³⁹¹ Entrevista de Maria Natividade Ferreira, Ouro Preto (MG), 1º de março de 2009.

Quando eu fui presa em Ibiúna eu tinha acabado de mudar de casa, não fazia uma semana, duas semanas que meus pais tinham mudado. Eles estavam há muitos anos construindo uma casa, todos os meus documentos tinham o endereço da casa aonde eu morava, e aí eu dei o endereço que eu tinha quinze dias antes, eu não dei o endereço novo. Teve uma confusão, a pessoa que foi morar na casa em que eu morava antes, ela também se chamava Leda. Você entendeu? Só que essa Leda ela era casada e essa casa era de uns amigos do meu pai, e ele era diretor da Camargo Corrêa, que eram amigos dos meus pais há muitos anos, desde a juventude. Eles tinham crescido com os filhos e aí eles moravam em outra casa. Essa era a casa que eles tinham construído primeiro, era uma casa feita pelo Muche, era uma casa muito bonita no Brooklin, e essa casa eles emprestaram para os meus pais quando a gente vendeu a nossa casa para botar o dinheiro na construção. A gente ficou nessa casa, quando a gente saiu dessa casa, essa casa estava com o irmão dele, irmão caçula que era casado com essa Leda que era bem mais velha do que eu, ela tinha filhos pequenos. Também chamava Leda Maria, só que mudava o sobrenome. E eles foram incomodar muito essa família, essa moça, mas essa moça tinha as costas muito quentes, porque ela era de uma família, o pessoal depois inclusive da Camargo Corrêa financiou a OBAN, ou seja, era uma família muito importante em São Paulo e daí não passava. E ela dizia que não tinha a menor ideia de quem tinha morado lá antes, porque ela não ia dedar a gente, ela sabia, porque a gente se conhecia, ela sabia onde nós estávamos [...] parentes que foram da Camargo Correia, mas esses eram meus tios, eram os meus amigos ou seja, uma coisa é você estar de acordo, outra coisa são os laços de família, os laços de amizade e de família são muito importantes, nessa hora, e ninguém vai ficar dedando ninguém. Mas eu sei que a Camargo já tinha ligações com a repressão, porque, por exemplo, quando eu tive na manifestação do 1º de maio, um outro tio, eles não são meus tios, são amigos, mas era o grupo de amigos dos meus pais, [...] ele veio avisar minha mãe que quando ele viu as fotos da Sé, ele tinha me visto na Praça da Sé, porque ela descreveu a roupa que eu estava vestida, então ele tinha acesso direto, então eles tinham uma ligação, o pessoal dos negócios com o pessoal da repressão já nessa fase, porque eles sabiam de coisas, tanto que eles viviam dizendo para me tirar daqui, que era muito perigoso³⁹².

Os policiais não chegaram a invadir a casa de Leda, quando ela estava sendo procurada. Seu pai era um profissional influente, isso de certa forma o protegia, como ela afirma,

[...] é que na minha família batia no meu pai e não passava, porque meu pai era diretor do IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas). Ele era uma pessoa muito respeitada, ele era bancado pela Camargo. E tem coisas que acontecem. Um companheiro levou a polícia na minha casa, isso a gente já estava no Chile. Levou na minha casa, e aí meu pai foi para a porta. Isso quem contou foi o próprio companheiro quando ele foi pedir desculpas que ele tinha levado a polícia em casa. Aí meu pai foi na porta e eles não entraram, era a OBAN, e eles não entraram. Papai era uma figura muito gentil, muito bem educado, mas meio autoritário. Então quando voltou, por que vocês não entraram? Ah, porque o doutor não convidou. Então uma vez chamaram ele na OBAN aí ele foi, teve que falar, contaram umas coisas para ele. Mas quando eles foram lá na casa do meu pai, um dos caras da OBAN que estava junto nessa operação, era o marido de uma funcionária que tinha trabalhado com meu pai há trinta anos e amava meu pai. Porque papai era muito querido pelas pessoas de baixo escalão, ele nunca fez muita distinção, ele era de uma família meio aristocrática, mas ele nunca fez a menor distinção. Ele sempre tinha muita consideração por todas as pessoas, então isso é um comportamento que não é muito comum aqui no

³⁹² Entrevista de Leda Gitahy, Campinas (SP), 8 de maio de 2010.

Brasil, no Brasil as pessoas serem bem educadas com uma pessoa. Então a funcionária dele, gostava muito dele, então estava lá um cara que era casado com uma pessoa que trabalhava com ele há anos e que gostava. Não, o doutor eu garanto, ele dizia para o outro cara, não eu reconheço o doutor, é gente muito boa, sabe?³⁹³

As relações de confiança muitas vezes ficavam também abaladas entre pais e filhos em função dos segredos que visavam proteger as famílias. Alguns ressentimentos ficaram desses anos, e seriam resolvidos posteriormente, quando os guerrilheiros voltassem para casa. Os pais desejavam a cumplicidade de seus filhos, num momento muito difícil para eles. Para os pais a preocupação era natural, vivia-se um momento nacional muito conturbado, de grande violência, de desaparecimentos e mortes. Malu demorou alguns anos para se reconciliar com seu pai, que se sentiu traído por não saber que sua atuação ia muito além do movimento estudantil. A casa, contudo, muito próxima da USP, estava sempre cheia de estudantes,

Quando foi, eu não me lembro exatamente, mas quando foi meados de 1969 começavam a sair as fotos das pessoas aqui, aqueles cartazes. E por acaso uma das pessoas que estava nos cartazes o meu pai conhecia ou conhecia a família. E o meu pai me perguntou se eu estava nessa história também. Eu falei para ele que não. Quando eu falei para ele que não, eu achei que era melhor eu sair de casa, então assim, eu comecei num processo em julho de 1969 de procurar um lugar pra morar, ou com alguém, ou sozinha, mas por minha conta, porque eu não queria envolver meus pais nessa história, mas não deu... Quando ele viu a foto do João Quartim, que era estudante da Faculdade, filho da classe média, “ah, porque esse rapaz é filho de não sei quem, você não está nessa história?” Eu falei, não. Chato porque ele sabia que eu estava no movimento estudantil, ele permitiu, ele deixou, então eu, claro que eu não podia dizer para ele que eu estava [participando], mas eu não devia ter usado a casa dele assim³⁹⁴.

Após a captura do embaixador americano, Malu passou a ser procurada pela polícia. Teve que sair então de casa. Na noite em que a polícia invadiu a casa dos seus pais, Malu voltava da faculdade e percebeu algum movimento estranho pela fresta da janela. Correu mais tarde, para o orelhão conseguindo avisar a mãe de que estava bem e confirmar com ela que a casa estava tomada. Provavelmente o telefone estava grampeado e os militares entraram da segunda vez naquela mesma noite já com metralhadoras, levando seus pais para a OBAN. Seu Benedito, pai de Malu era engenheiro do IPT e tinha uma firma de minérios. Trabalhava com dinamite. Só essa informação bastou para que fosse chamado toda semana a OBAN para prestar declarações. Segundo conta Malu,

Meu pai tinha uma firma chamada *Minérios do Cal Ltda* que usava dinamite, era dinamitar para tirar o calcário, o minério do rio, e o calcário que fabrica vidro com isso.

³⁹³ Entrevista de Leda Gitahy, Campinas (SP), 8 de maio de 2010.

³⁹⁴ Entrevista de Maria Lúcia Alves Ferreira, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

Ele vendia essa areia para fazer vidro para a *Nadir Figueiredo*, e acho que as pessoas descobriram. Meu pai tinha sido preso com a minha mãe, soltaram na mesma noite, então eles voltaram para casa, não ficaram presos, mas eles foram para OBAN, e depois meu pai teve que prestar depoimento toda semana, não sei exatamente quanto tempo, mas durou muito tempo, eu acho que eles fizeram o levantamento da vida do meu pai, como o meu pai era filho de fazendeiro e tinha muita coisa em Ribeirão quando começou a cair Ribeirão, ele também teve problemas [...] Isso são hipóteses, eu não sei se é uma coisa que a gente pode afirmar, mas meu pai trabalhava com dinamite e eu tenho a impressão de que essa coisa de ficar atrás do meu pai, porque eles podiam achar que meu pai era quem fornecia dinamite para a ALN³⁹⁵.

Malu havia deixado bombas que lhe foram dadas por Arno Preis dentro de seu armário, e foram seus pais que se encarregaram de retirá-las. Também concordaram que ela saísse do país por sua segurança e ajudaram-na com dinheiro para a viagem. De qualquer forma, seu pai ficou muito chateado por ela ter omitido que estava ligada à luta armada.

De Brasil, Malu foi para a França. Voltaria ao continente latino-americano acompanhando Ricardo Zarattini e o grupo da Tendência Leninista (TL) no Chile. No desespero, seus pais tentaram fazer com que ela assinasse um documento no Chile dizendo-se arrependida. Era a condição para poder voltar ao Brasil. Não seriam os primeiros pais que, na ânsia de ter a filha de volta, estariam suscetíveis à astúcia da polícia. Guiomar Silva Lopes tentou suicídio, ao saber que seus pais fizeram o mesmo, utilizando à sua revelia uma carta de apelo ao presidente Médici. Como afirma Malu,

Meu pai ficou dando muita entrevista, tendo que ir no DOPS. Teve uma vez que a polícia fez uma carta e ele me mandou essa carta que era para eu assinar me arrependendo de tudo, e aí eu poderia voltar para o Brasil. Isso para mim foi um horror. Depois eu entendi. Eu acho que foi ingenuidade dele, o que ele queria, era que eu voltasse. Para ele foi um sofrimento em casa, dez anos... mas a carta era uma carta horrível, que eu tinha que assinar e eu não assinei. Para mim esse foi um momento muito difícil³⁹⁶.

Os pais de Maria Lygia Quartim sempre estiveram do seu lado. Por meio de conhecidos de seu pai no DOPS, Maria Lygia tanto conseguiu passar informações para a organização, como ter a garantia de que poderia voltar ao Brasil em segurança. Era na casa de seus pais que a repressão ameaçava Norberto Nehring seu marido, pelo telefone. Por conhecidos ali dentro, que estimavam Norberto, ele conseguiu não ser torturado em sua primeira prisão. Foi solto e ficou de se apresentar novamente numa segunda-feira, após o aniversário da filha no final de semana. Com a cumplicidade dos pais, Norberto não só não se apresentou ao DOPS como foi para Cuba depois de um tempo. Para todos os efeitos, eram os

³⁹⁵ Entrevista de Maria Lúcia Alves Ferreira, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

³⁹⁶ Idem.

policiais do DOPS que tinham sumido com ele no dia em que se apresentaria. O artifício exigiu muito da família, em especial de Maria Lygia, que um tempo depois também saiu do país para reencontrá-lo. Durante a viagem Maria Lygia foi encarregada também de levar uma carta para a esposa de Carlos Lamarca. Foi sua mãe quem lhe deu a ideia: costurá-la no manteau de Marta, sua neta. E assim foi feito. A carta chegou aos seu destino sem que a repressão suspeitasse³⁹⁷.

O pai de Maria Lygia não chegou a prestar depoimento, mas era chamado com frequência ao DOPS para ver o depoimento de outras pessoas acusando João, seu filho. Norberto foi morto misteriosamente voltando ao Brasil. Maria Lygia embora tivesse recebido garantias de que, voltando ao Brasil, não seria presa, passou a receber cartas de ameaça no seu trabalho. Tudo foi resolvido pelos contatos amistosos de seu pai, embora ele não tenha deixado de dizer ao seu conhecido, “sabe o que é [...], todo mundo tem filho, e se acontecer alguma coisa com a minha filha, eu vou matar os seus também”³⁹⁸.

Os pais de Cida Costa desconfiavam de sua militância armada, embora ninguém comentasse. A radicalização partia geralmente naquela época da militância estudantil, que se reunia, conversava, fazia discursos em casa, no ônibus, na esquina. Seus pais já tinham testemunhado tudo isso. Foram extremamente solidários com ela quando descobriram que militava na ALN. Cida já tinha saído da casa dos pais nesse período e morava num *aparelho* da organização em companhia de Takao Amano, Cida Santos e Virgílio Gomes da Silva. No período de militância marcava encontros com o pai em alguns pontos pela cidade. Quando soube que iria a Cuba por recomendação de *Toledo*, o encontro em Santos tinha sabor de despedida. Chegou a escrever uma carta contando da viagem, no intuito de preveni-los. Como ela conta,

Eu deixei uma carta porque era para eu ter ido para Cuba, então eu falei olha, eu vou escrever a carta que ele não sabe de nada, mas eu disse que eu ia mesmo, porque eu achava que eu estava saindo daqui. Mas, enquanto eu estive aqui eu me encontrava com ele e ele acabou sendo levado numa dessas ocasiões, não sei se eu já estava no Rio ou não, mas ele foi levado para o DOI-CODI. E ele me contou que ele chegou lá e eles brincavam com ele, alguém que o interrogou pegou uma arma, brincava, jogava a arma assim para cima, deixava cair e disse para ele, “pois é, porque você não diz onde está a sua filha? Melhor porque o Exército, a gente vai tratar bem, porque pode acontecer muitas coisas com ela”. E fica toda uma pressão e o cara brincando com essa arma e deixando cair e ele falou para um desses investigadores o seguinte, foi um interrogador, ele disse “olha, quer dizer que se eu deixar minha filha, esse pessoal mata”? “Mata, se não entregar, essa gente mata, ela está procurada, assassina, a gente mata”. Aí ele disse, “não, se vocês matarem sabe o que eu faço? Eu pego o corpo dela e ponho uma bandeira

³⁹⁷ Entrevista de Maria Lygia Quartim de Moraes, Campinas (SP), 17 de setembro de 2003.

³⁹⁸ Idem.

nacional no caixão dela”. Eles achavam que não tinham mais o que conversar e achava também que ele não sabia de nada, então é o tipo de coisa assim, no fundo ele torcia pela filha, ele torcia do seu jeito e o jeito era apoiar de alguma forma³⁹⁹.

Quando Takao Amano é preso, Cida, não tendo para onde ir, vai para a casa dos pais. Chegou quando os policiais tinham acabado de sair. Ficou até amanhecer o dia e depois mudou-se para a casa de um amigo solidário até poder ir para o Rio de Janeiro. Já presa, seus pais não faltavam às visitas. Durante quatro anos em que ficou no Tiradentes, nunca deixaram de estar presentes um dia sequer, assim como sua irmã que sempre levava para ela os doces de que mais gostava.

Robêni também teve o auxílio dos pais quando estava presa no Presídio Tiradentes. Seus pais estavam muito empobrecidos, ambos trabalhando no Hotel Mato Grosso, seu pai como guarda noturno e sua mãe como camareira. Nunca deixaram, no entanto, de ajudar. Como ela disse em entrevista, todo sábado seu pai chegava na cadeia com cigarros, queijo e um pacote de laranja. Ia toda semana. Eles tinham perdido tudo. Antes, viviam do sítio e da máquina de beneficiamento de arroz. Robêni, mesmo nos períodos de semiclandestinidadade, fazia o possível para mandar um dinheirinho para eles. Como ela afirma, logo que foram presos, os pais tentaram visitá-los na OBAN, a ela e a Mamizuka, mas só conseguiram vê-la três meses depois, quando já tinham sido transferidos para o prédio do DOPS. Como ela diz,

[...] três meses depois nós fomos para o DOPS e lá no DOPS, o meu pai levou a minha mãe para me ver e ela chorou tanto, tanto, tanto. Esse episódio me lembra a Mariza jogando a feijoada que ela levou para o Lula na calçada do DOPS. Porque ela jogou as panelas de feijoada na calçada porque não pôde entrar. E a minha mãe chorou tanto, tanto, mas chorou gritado, sabe aquela coisa de italiano, de siciliano, porque ela queria ver o Alcides também e ela dizia que ele estava morto, vocês mataram ele, e ela não sabia onde ela tava não é? E ela gritava, vocês mataram ele! Vocês mataram ele! Então me mostra, e gritando e chorando, mas não de enfrentamento, entende, de sentimento. E aí eles tiveram que mostrar, não é que eles tiveram que mostrar, acho que eles ficaram com dó dessa mulher magrinha, ruivinha chorando, se descabelando lá. E aí foram buscar. Por causa disso quando nós fomos para o Tiradentes nós fomos com um papel dizendo que a gente poderia receber visita conjunta. Em geral meu pai ia. Levava minha mãe, de vez em quando, mas quando a minha irmã vinha era interessante. Eu tenho um cunhado muito bom, então o que que ele fazia? Ele ia guardando as bananas, várias etapas, ele tem sítio de bananas, então ele tinha uma camionetinha, juntava a banana em várias etapas de amadurecimento e trazia, um caminhão cheio de banana para o presídio inteiro. Era o jeito dele participar. O meu pai toda semana, chegava lá com um pacotinho de cigarro, um saquinho de laranja e um queijo, toda semana, meu pai ia toda semana, toda semana nos ver [...] ⁴⁰⁰

³⁹⁹ Entrevista de Maria Aparecida Costa, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

⁴⁰⁰ Entrevista de Robêni Baptista da Costa, Campinas (SP), 25 de outubro de 2008.

Ruth Tegon já havia perdido o pai quando passou a militar na ALN. Sua mãe foi quem cuidou das netas dando oportunidade a Ruth de se estabelecer em São Paulo, para onde se mudou com Marco Antônio Moro. Não foi fácil, porque ela já vinha de um casamento com filhos, assim como seu companheiro. Foi uma mudança bastante radical em sua vida para aqueles tempos e para parte da família conservadora. Sua mãe esteve sempre do seu lado, durante a militância e sofreu com a ausência da filha quando ela teve que sair do país. Quando Ruth estava no Chile a visitava,

Minhas filhas ficaram em Campinas com a mamãe, e viemos só nós dois para cá. Mamãe aceitava, a mamãe era apaixonada pelo Marco, sempre foi, ela fazia doce e ia levar para ele. Com as minhas irmãs eu nem tocava no assunto porque elas moravam em Campinas. Campinas é uma cidade bem tradicional. O papai já tinha falecido. Bom na minha família sim, foram dois choques. Primeiro separar, separar tudo bem, todo mundo sabia que estava mal o casamento. Separar e já ter uma outra pessoa já foi difícil, mas daí mamãe assimilou tudo muito bem, foi super amiga da gente, mas tudo isso para mamãe foi doloroso, quer dizer separar e arrumar outra pessoa que além de tudo era comunista. Você imagina [...] quando a gente estava fora no Chile eu me lembro que minha mãe ia para lá, porque a mamãe ficou fora de tudo. Ela levou coisas para feijoada. Nós fizemos feijoada no dia 24, primeira vez na vida que ela viu feijoada no Natal, porque estava todo mundo louco para comer feijoada⁴⁰¹.

Órfã de mãe muito jovem, Maria Aparecida Baccega tinha na tia sua principal aliada naqueles anos. Seu pai, embora não concordasse com sua luta, a respeitava. Já sabia que a filha era de esquerda e ligada ao movimento estudantil. Admirava sua combatividade e a de Granville, seu genro, embora fosse um homem de direita. Foi a sua tia quem a estimulou a deixar Ribeirão Preto. As histórias sobre o navio Raul Soares (navio-prisão) atracado em Santos corriam em Ribeirão Preto e eram terríveis. Baccega tinha mesmo é que fugir.

A mãe de Nair Benedicto não só ficou ao seu lado durante a prisão como chegou a testemunhar o movimento de militantes na casa da filha. Sempre muito discreta, jamais reprovou qualquer comportamento. Sempre deu apoio à sua militância. Era operária, sabia o valor da luta. Foi presa também e levada junto ao neto e à babá para o DOPS. A casa foi invadida e foram obrigados durante muitos meses a conviver com o entra e sai da polícia. Como Nair se lembra,

A minha mãe era uma figura muito positiva, muito, então, durante o tempo de prisão, ela agregou muita gente. Sabia [da militância] e sempre apoiou. Ela tinha uma visão... ela não sabia em detalhes, mas sabia que... Ela não morava comigo mas, ela vinha muito em casa. Ela ficou em casa o tempo todo que eu fiquei presa. Mas ela sabia e a gente inclusive falava para ela, olha, tal dia mãe é melhor não vir ou muitas vezes ela chegava

⁴⁰¹ Entrevista de Ruth Tegon, São Paulo, 10 de abril de 2010.

e estava rolando alguma coisa, mas ela ficava na dela. Ela foi presa um dia, ela foi presa com o Frederic e a babá e a deixaram lá de um dia para o outro. Para mim foi uma forma de tortura também porque falaram para mim que tinham posto ela no pau de arara, que ela passou mal, e que a levaram para a UTI, então eles faziam esses...⁴⁰²

Filha de comunistas, os pais de Jessie sempre a apoiaram. Não puderam prestar ajuda por muito tempo, pois, todos perseguidos, se dispersaram. Washington Alves da Silva saiu do país trocado pela captura do embaixador suíço. Sandra sua irmã e Leta, sua mãe, foram para o Chile. Sua irmã mais nova Vani ficou por dez anos clandestina no Brasil. E Jessie presa em julho de 1970 no Rio de Janeiro, só ganhou a liberdade com a Anistia. Ficou sozinha então, e contando com a solidariedade das colegas de cela e de suas famílias. Escrevia cartas para o seu companheiro Colombo Vieira, que nem sempre chegavam ao seu destino em função da censura do Presídio. Quem a ajudou muito foi Iná, sua sogra. Esteve presente nos momentos mais difíceis como ela conta,

Minha sogra é uma mulher do povo. Ela ficou viúva muito jovem e a vida dela foi assim, você imagina uma viúva com dois filhos e meu sogro que era aeroviário. Quando a minha cunhada tinha 20 anos, já militava no MR-8 [Movimento Revolucionário 8 de Outubro] antigo, mas ela não sabia de nada. E minha cunhada casou. Na verdade casou para ir para a clandestinidade no Paraná, e ela fez um enxoval porque a filha ia casar. E a filha foi, mudou para o Paraná. E de repente, ela descobre que a filha, o genro está todo mundo preso no Paraná. E a vida da minha sogra a partir daí mudou completamente. Minha cunhada foi presa em abril de 1969 [...] Então de repente minha sogra se viu envolvida naquela loucura toda e de uma nora que ela não sabia quem era, que era eu, quer dizer, até me conhecia, mas não tinha... Mas ela faria isso por qualquer pessoa, tanto é que o ex-marido da minha cunhada, ele foi preso primeiro, depois a minha cunhada foi presa e já estava com outro companheiro, e ela visitava esse ex-marido da minha cunhada que era do Piauí, que não tinha família, e o irmão dele. Ela segura essa barra toda. E ela é uma pessoa muito interessante minha sogra, porque ela é muito intuitiva. É assim, aquele negócio de senso de justiça do povo mesmo, [...] o pobre tem sempre razão. Todos os presos conhecem ela. Minha sogra é diferente, por exemplo da Iramaya [Iramaya Benjamin], dessas pessoas que tiveram protagonismo porque são de classe média. Minha sogra não é isso, minha sogra é uma mulher que nessas circunstâncias se vê envolvida com esse problema do tamanho que ele teve. E sem nenhum tipo de... enfim, as pessoas que viveram sabem quem é ela, mas ela não é um personagem da história, entendeu?⁴⁰³

Os pais de Guiomar deram muito apoio a ela durante a militância. Seu pai tinha sido área próxima do partido e não deixava de esconder a simpatia que nutria pela militância da filha. Ainda que fosse fonte de preocupação da família. Depois que Guiomar saiu de casa, eles conseguiram se encontrar em raríssimas vezes. Como ela conta, na clandestinidade era mais

⁴⁰² Entrevista de Nair Benedicto, São Paulo, 19 de junho de 2010.

⁴⁰³ Entrevista de Jessie Jane, Rio de Janeiro, 18 de março de 2009.

difícil, “eu também rodeava e também, ia, fazia telefonemas, tentava ver se era possível, e eu encontrei algumas vezes meu pai”⁴⁰⁴.

Depois de presa eles sempre a visitavam e sua mãe chegou a levar comida para ela na cadeia todos os dias. Para romper com a solidão, Guiomar escrevia cartas. Para a mãe, para a irmã, para um amigo. Era a maneira que encontrava de manter contato com o exterior e também de dar notícias, conversar, pedir ajuda. Como ela disse, “a gente sabia que elas passavam pela censura [...] era difícil porque você tinha que falar tudo por metáfora”⁴⁰⁵.

Seus pais sempre foram muito solidários. No afã de ajudá-la a abreviar seus anos de cadeia acabaram influenciados a escrever uma carta, sem o conhecimento de Guiomar, para o Presidente Médici. Esse fato a desgostou profundamente. Até hoje ela se emociona ao contar,

Isso foi uma coisa meio complicada porque chegou um determinado momento que a minha família começou a perceber que eu não ia sair, então eles começaram a me pressionar para que eu fizesse alguma coisa, que tinham ou que contratar outros advogados, ou irem para Brasília, e se envolveram com primos meus, um pessoal até não muito honesto. Bom, e nessa história toda e como a gente toda semana tinha uma solicitação de médico, para voltar, porque eles começaram a me levar e depois pararam, e numa dessas coisas, eu acabei assinando um papel meio que em branco, e aí acabaram escrevendo essa carta de uma forma assim muito dramática, que eu acabei tentando suicídio por causa dessa carta. Foi [...] uma coisa assim que para mim [foi] mortal. Eu percebia que era uma vontade de me proteger. O problema é usar, não é o problema dos pais fazerem uma coisa dessas, o problema é a utilização, quer dizer, onde é que vão te jogar, onde é que vão te colocar, vão te jogar no braço da repressão? Nossa, para mim era mortal. Perfeitamente compreensível, o que me deixava alucinada e que me deixou, me fez escolher a morte, era bom, agora eu estou na mão da repressão, eu vou ser considerada uma traidora, agora, não tenho saída. Tanto que tem um comentário, eu li numa dessas coisas da polícia, ou do SNI, dizendo, provavelmente não foi ela que escreveu, quer dizer, o próprio Serviço de Inteligência, percebe que aquilo não tinha sido uma coisa minha. Foi difícil. Muito difícil para eles [meus pais] porque eles sabiam a intenção. Sabiam com quem lidavam, mas é a ânsia, acho que fica até um pouco cego, eu tenho que tirar minha filha, porque eu estou vendo que ela não sai, nesse processo aqui ela está perdida, vai ficar na cadeia, então eles começaram a criar histórias e ajudados por outras pessoas meio mirabolantes, achando que alguém poderia favorecê-los, assim, nesse sentido ingênuos [...]⁴⁰⁶

Nada que depois não tenha sido resolvido. A solidariedade e o carinho sempre imperaram entre elas. Note-se a carta entre mãe e filha,

Mamãe,

Você nem pode imaginar, mas nem pode mesmo calcular como estava aquele pernil. Só de falar já enche a boca de água. Estava genial, muito bem temperado. Todo mundo adorou. E a farofa: como dizia aquele amigo nosso foi um manjar dos deuses.

⁴⁰⁴ Entrevista de Guiomar Silva Lopes, São Paulo, 22 de novembro de 2008.

⁴⁰⁵ Idem.

⁴⁰⁶ Idem.

O fim de semana acho que com esse tempo miserável. Só dá mesmo vontade de ficar embaixo das cobertas. Espero que você desforre essa garoa aqui de S. Paulo, com um sol maravilhoso e uma praia bem curtida. Quanta cor você pode ver aí fora. Uma parte da beleza está aí, não a perca.

Estou ouvindo um disco antigo nosso, que me faz lembrar muito a Glorinha e o marido. Tempo bom aquele – triste pensar que não volta mais.

Mamãe não se esqueça disso em cada minuto seu, aproveitá-lo ao máximo. Em tudo tem sempre beleza. Ouça, veja, sinta, sinta muito mesmo.

Aproveite a sua praia mesmo aquela sua cidade fantasma (que por sinal daria um bom filme).

Na próxima semana quero te ver muito queimada de sol e muito feliz.

Um abraço do tamanho de um bonde da sua filha que não consegue esquecer um minuto de vocês.

Bidau 30/1/71⁴⁰⁷

Vilma Barban enquanto esteve presa, ao contrário de Guiomar ou Jessie Jane, não se correspondia muito com a família. Sua família era toda analfabeta. Ficaram chocados quando souberam de sua prisão. Era conhecida como a *nervosinha* da família. Sempre a apoiaram, contudo. Tinham muito orgulho da filha que tinham, era a primeira da família que tinha ido para a faculdade.

Apesar do pai dominador, Tania Fayal sempre teve na família um esteio. Eles acompanhavam sua militância no movimento estudantil, souberam de sua entrada na ALN, cuidaram dela entre uma prisão e outra, e foram ao Chile ajudá-la.

A gente [ela e Domingos Fernandes] não estava mais em contato com a família, desde 19 de dezembro, o Domingos chegou em casa quatro horas da tarde, ou três horas da tarde, me dizendo que o Aton [Aton Fon Filho] tinha faltado a dois pontos e a gente morando em Copacabana. Quando eu me casei com o Domingos, oficialmente a gente se casou no dia 5 de setembro de 1969, no dia do sequestro do embaixador americano. Nós não sabíamos, o Domingos não sabia, claro, nem o Marighella sabia?! Eu tinha acabado de casar, eu tinha uma fachada legal meus pais conheciam mas sabiam que ele era... porque o pessoal que veio de São Paulo no casamento, não podiam conhecer a casa? Primeiro porque não arrumamos ainda, nós estamos morando de favor, entendeu? E ninguém denunciava informação. Ninguém também especulava sobre o que eu pudesse estar fazendo. Todo mundo sabia que Tania é das políticas, Tania é envolvida em movimento estudantil, Tania vai em passeata, Tania é do barraco, então ninguém ficou surpreso, agora, surpresa é de repente presa na luta armada. A família não ficou surpresa porque era uma consequência natural, agora meus pais já sabiam. Quando eu fui para ALN, eu e o Domingos falamos para eles, botamos meu pai dentro do quarto. Quando a gente foi dizer para ele que eu tinha entrado mesmo na ALN que a gente ia casar, que a gente ia viver uma vida mais profissionalizada, ligada a coisa, ele disse, você sabe que eu a vida inteira fui um simpatizante, sempre dei apoio, meu pai era contato da Anita Prestes, dava dinheiro todo mês, manteve isso a vida inteira nos tempos duros e sofridos. Ele nunca teve coragem de entrar para linha de fogo de nada. A gente já morava no aparelho da rua República do Peru, em Copacabana, nós estávamos juntos há três meses e fazia 19 dias que a gente tinha se casado quando a gente foi preso. A gente se casou dia 5 de setembro

⁴⁰⁷ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (Unicamp). Arquivo Edgard Leuenroth, Fundo Brasil Nunca Mais, Processo 102.

de 1969 e meus pais tiveram que autorizar inclusive porque eu era de menor. Nós éramos legais, e o nosso aparelho ninguém conhecia a não ser a mãe dele, minha mãe, e o pai dele, o falecido seu Salvador, e o meu pai só. Conheciam para alguma emergência que tivesse⁴⁰⁸.

Solta pouco tempo depois, Tania ficou em prisão domiciliar. Respondia a inquérito no CIEX (Centro de Informação do Exército) por porte de arma, e tinha que se apresentar ao Ministério de Guerra toda semana. Ia sempre com seus pais. Quinze dias depois a polícia aparece em sua casa para levá-la novamente. Sua mãe e seu sogro foram visitá-la em Bangu. Sua mãe ficava na porta pressionando para conseguir fazer entrar alimentos e outras coisas para Tania.

Em Bangu nós tínhamos visitas de quinze em quinze dias, e se alternavam, meu sogro, seu Salvador, com as idas da Ilha Grande. Ele chorava e achava que eu é que tinha posto o Domingos [na ALN], mas tudo bem, seu Salvador. Mas claro, logo atrás estendeu a mão, sempre. Sempre, minha família sempre estendeu. Cada um a sua maneira, minha mãe chorando, porque minha mãe chorava diariamente, ela ia para o PIC [Pelotão de Investigações Criminais] e ficava. Ela era conhecida pelo Modesto, dos advogados, pelas mães dos familiares, que ficavam na porta tentando levar pelo menos coisa para gente comer. Então a gente recebia quando eles queriam, uma cartinha ou outra depois que eles liam. Eu tomando complexo B que minha mãe levou, [ela] conseguiu entrar com um travesseiro para mim e o meu complexo B, para eu me alimentar, mas eu saí com 38 quilos da cadeia. O seu Salvador [sogro] ele só sabia, o carinho dele era dar dinheiro, ele me enchia de dinheiro e eu dizia, o que que eu vou fazer com esse dinheiro aqui? Então eu ajudei muita gente [quando saíram banidos após o sequestro do embaixador alemão]⁴⁰⁹.

Quando Tânia Mendes foi se casar com Gabriel, foi sua mãe quem ajudou a fazer a segurança do casamento. Ele tinha acabado de sair de sua primeira prisão. Casaram-se em abril de 1971. Os convidados eram todos amigos, de armas e da universidade. A grande maioria dos presentes era militante da ALN. Tânia e Gabriel que já moravam juntos há algum tempo resolveram legalizar então a união para não despertar mais suspeitas da repressão que, aparentemente, não tolerava as uniões livres. Era coisa de comunista.

Seus pais sempre souberam da militância de Tânia. Já estavam acostumados a esconder pessoas procuradas, na própria Vila fabril onde moravam, quando ela era invadida pela polícia. Gabriel Mendes também ficou lá quando estava clandestino. Assim como Sílvia Peroba, quadro procuradíssimo do Molipo. Ele e Tânia ainda nem namoravam. Descobriram que a polícia já sabia seus nomes no dia da festa de casamento e ficaram a noite inteira perambulando pelo aeroporto de Perdizes, até conseguir recontatar alguém da organização.

⁴⁰⁸ Entrevista de Tania Fayal, Maricá (RJ), 20 de março de 2010.

⁴⁰⁹ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

Não havia ninguém nos pontos de encontro, nem nos pontos de referência, que eram marcados justamente para se certificarem do desaparecimento de alguém, em caso de prisão ou morte. Tânia ficou então clandestina e foi se abrigar na casa de um tio que era major da FAB (Força Aérea Brasileira), na Alameda Itu. Mesmo edifício em que morava Délio Jardim de Matos, Brigadeiro da Aeronáutica nos governos de Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo. Ninguém suspeitaria então que estivesse ali. Quando Gabriel foi preso, Tânia refugiou-se na casa de Lilian Meyer. Algum tempo depois Lilian, tendo os pais presos e muito ameaçados [seu pai era dono da Bridgestone] se entregou à polícia. Como conta Tânia,

A minha família em Santo André [fizeram] só campana. Ninguém mais foi preso. Guardei até arma em casa, arma, farda, na minha, e na da minha mãe. A Sílvia nem sabe onde ela ficou até hoje, ela não sabe. Mas ela ficou na casa da minha mãe. Mas, a minha mãe e meu pai sabiam. Sabiam e na realidade era um lugar interessante porque, hoje foi vendido, mas meu pai tinha feito um sobrado para poder ter uma loja embaixo para ele consertar eletrodoméstico, que dava mais do que loja de calçados, e alugou aquilo. O sobrado da casa era todo em cima e embaixo tinha uma espécie de suíte com banheiro que era para ser o escritório dele. Ela ficou ali, mas minha mãe e o meu pai sabiam até porque eles tinham que dar – quando a gente não estivesse lá – eles tinham que dar o apoio, mas a gente fazia isso, guardou farda, arma⁴¹⁰.

Seus pais também vendiam os colares e todo tipo de artesanato que as presas políticas faziam. Foram sempre muito solidários, ao contrário das tias de Gabriel, seu marido, que de nada sabiam. Foram saber dele pelo *Jornal Nacional*: que estava na luta armada, tinha sido preso e estava casado. Quando o casal saiu da prisão, foram morar na casa dos pais de Tânia, e depois na casa da irmã de Gabriel até conseguirem organizar a vida. Silvia Mendes, nome da irmã de Gabriel, também consta nos documentos do DOPS como suspeita. A repressão achava que ela tivesse qualquer tipo de militância.

Norma Leonor Hall Freire também contou com a ajuda dos pais, que se mudaram do Rio – onde trabalhavam – para São Paulo para lhe dar assistência. Norma dava apoio à ALN e tinha escondido em sua casa a irmã de *Clemente*, um dos militantes mais procurados pela polícia da época. Desempenhava também função de mensageira atuando através de uma rede própria de contatos, não ligada necessariamente aos jornalistas com quem convivia.

Os policiais invadiram a sua casa, e a casa de sua avó. Por influências familiares, Norma conseguiu ser excluída do IPM (Inquérito Policial Militar), não sem ter sido barbaramente torturada antes de ganhar a liberdade. Seu avô, já falecido, tinha sido Comandante da Segunda Região Militar em São Paulo. Era da linha nacionalista do Exército.

⁴¹⁰ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

Norma não foi a primeira militante a recorrer a esse tipo de ajuda ali dentro para salvaguardar sua vida. Outras famílias também usaram esse recurso para ajudarem seus filhos.

[...] eu estava trabalhando em jornal, já trabalhava em redação nessa época, na redação da *Veja*, e todas as chefias de redação quando, que trabalhavam com a censura em aberto, quando estavam à procura de alguém, e sempre esse alguém tinha nome fictício, as chefias ficavam sabendo e havia sempre uma descrição física também, aí a minha chefia, a chefia de redação me chamou e falou, olha, estão atrás de você, estão procurando uma pessoa assim, assim, assim, e a gente achou que era você, se manda. Não sei te dizer se exatamente uma semana [antes de ser presa], foram alguns dias antes talvez, dois dias, mas que me pareceram muito tempo, porque eu não tinha realmente para onde ir, meus pais moravam no Rio, eu estava morando sozinha, então foi durante esses três dias que eu fiquei pulando de casa em casa para não ser encontrada. Fui até para a casa da minha vó, e a polícia foi lá. Minha avó velhinha, convidou eles para tomarem um café, tocou piano para eles, quer dizer eu vejo essa época assim um pouco disso tudo entende, dessa coisa meio felliana. Minha avó tocando piano para aquela repressão, o cara de metralhadora na casa dela e ela dizendo, põe essa bengala nessa coisa aqui, bem surrealista entendeu? A época era propícia a situações desse tipo. Eu fiquei pulando de casa em casa. Eu tinha um grande amigo, eu fui na casa dele, não fiquei mais porque também não queria comprometer, ficava assim na casa de cada um, e passei rapidamente na casa da minha avó, foi um dos poucos, foram me procurar no meu apartamento, aí foram me procurar na casa da minha avó, e foi aí que minha família no Rio ficou sabendo o que estava acontecendo e deu tempo do meu pai chegar. A figura paterna é sempre... naquele momento era a única, a coisa mais forte, o meu grupo, os meus amigos, o meu trabalho, não tinha ninguém, então a hora que meu pai chega eu me senti mais forte. Eu fui avisada na redação, então não era tão fácil sumir comigo assim, porque eu ainda tinha muitos laços, laços de trabalho, laços de família, o leiteiro que ia entregar leite, tinha gente que ia notar a falta e avisar a minha família [...]. O meu pai esteve na prisão, teve uma vez me visitando, minha mãe se mudou praticamente para São Paulo, minha avó veio uma vez. Minha família [...] fez todo o possível para me tirar de lá, uma única vez eu pedi socorro que eu passei mal no Tiradentes, que eu disse, eu não vou sair mais daqui, eu entrei em depressão. A primeira vez que eu vi minha mãe eu disse, pelo amor de Deus me tira daqui. E aí não sei bem o que fizeram, eu sei que demorou um tempo, mas aí, eu fui excluída do processo. Foi arquivado o meu processo. O Promotor Militar descartou algumas pessoas [...]. Eu fiquei um tempo lá, até que eu fui transferida à noite para o DOPS, de madrugada. [...] Então, nessa noite a pauleira foi brava, porque aí eles queriam tirar a dúvida, tirar, o que será, o que que falta falar, o que ela não falou entendeu? Mas tive que durante um ano, ir toda semana lá na Brigadeiro [Brigadeiro Luiz Antônio onde se situava a Auditoria Militar] assinar. E isso foi um tormento para mim, porque quando eu achava que estava melhor, eu tinha que ir assinar e eu tremia tanto que a caneta caía, era um vexame, entendeu? A coisa do ter que ir ter que lembrar e a coisa muito presente, também situações [...] ⁴¹¹

Além de Norma, seu pai foi também chamado a OBAN para prestar esclarecimentos. Na casa onde Norma morava foram encontrados alguns mapas que a repressão tentou utilizar como prova de acusação contra ela, alegando que por trás daqueles mapas devia existir algum plano de ação da ALN. No entanto, Norma esclarece que pertenciam a seu pai:

⁴¹¹ Entrevista de Norma Leonor Hall Freire, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

Foram apreendidos no apartamento em que eu morava vários mapas mas não me lembro exatamente se do Galeão mas do Estádio do Guarani sim e, parece-me, que do aeroporto de Viracopos, de usinas hidrelétricas e da torre de Tv de Brasília. A explicação é que meu pai, engenheiro, trabalhou na construção do estádio do Guarani, em Campinas; em Brasília e depois em São Paulo. Quando minha família mudou-se para o Rio algumas coisas ficaram comigo em São Paulo. Entre elas, a caixa de mapas de meu pai, que foi apreendida entre outros objetos que se encontravam na minha casa. Acredito que na OBAN esta caixa se misturou com outras peças de acusação. Meu pai, eventualmente foi chamado para confirmar minha versão, e reconheceu alguns dos mapas como seus, outros não⁴¹².

Em alguns casos algumas famílias influentes pouco podiam fazer por suas filhas. As discordâncias já vinham de dentro de casa pelo fato de os pais não aceitarem a maneira diferente de viver e de pensar dos filhos. Moema conta, por exemplo, da dificuldade de ser compreendida pelos pais, das conversas com a mãe, dos efeitos da ditadura sobre sua família,

Meu pai era uma pessoa assim meio selfman, meu pai deu um duro danado na vida e achava que qualquer um dando um duro que ele deu, poderia ser alguém. Eu me lembro uma cena que eu brincava uma vez dizendo assim, eu não fumo, não bebo, não jogo, não ando com mulheres, aí ele disse assim, mas tem o pior de todos, é ser subversiva! Por que ser subversiva para ele, era ser puta, era ser drogada, era ser... sabe, tudo isso. Então papai nunca aceitou minhas ideias, a gente pensava muito diferente [...] Papai era tesoureiro do Banco do Brasil, e toda vez que papai ia viajar, eles sabiam que papai não tinha nada, papai era daquele tipo Hélio Bicudo, se um dia o papai tivesse cuspidado fora do pinico, ele estava lascado, mesmo assim lascaram ele porque ele nunca teve aposentadoria, como ele tinha que ter no Banco entende? E o que que aconteceu? Papai ia viajar, tinha um malote de dinheiro, levava e na hora de embarcar a polícia olhava e, o senhor é o pai da Moema? Espere aí e chamava o papai para o interrogatório. E naquela época não tinham tantos voos então papai... eles faziam para sacanear. Aí pegavam a mamãe, eles ligavam para a mamãe, olha, prendemos a Moema, estamos com ela em São Paulo, sabe o que está acontecendo? A mamãe ficava louca. Naquela época não tinha celular para avisar, então era a mamãe ligando para Virgílio, e o Tio Flávio e eles tentando saber se realmente eu tinha... e eles sabiam que não era eu, eles ligaram para mamãe para sacanear, para matar mamãe de infarte, para mamãe perturbar os tios⁴¹³.

Sempre que podia Moema escrevia cartas para sua mãe. Geralmente eram enviadas por alguém da organização do exterior, no intuito de confundir a repressão. A relação com a família não parece ter sido das mais simples. Mesmo com Flávio Marcílio, seu tio, na Biblioteca de quem havia escondido um militante ferido à bala após a ação de São Benedito. Notícias da época dão conta de que, a convite de seu tio Flávio Marcílio, tinha chegado à Fortaleza o coronel Hermes Araújo de Oliveira, do Exército português e um dos maiores

⁴¹² Entrevista de Norma Leonor Hall Freire. [Mensagem Eletrônica], 18 de abril de 2010.

⁴¹³ Entrevista de Moema São Thiago, Brasília, 11 de julho de 2010.

especialistas em guerra subversiva, convidado para a realização de algumas conferências no estado⁴¹⁴.

Eliane Zamikowski nunca sentiu oposição direta de seus pais a sua militância. Tinham medo contudo, mas nunca foram uma força contrária, sempre respeitaram suas escolhas. Foram, claro, pegos de surpresa, como afirma Eliane, quando o primeiro ferido chegou em sua casa: era Takao Amano,

[...] foi uma coisa difícil para mim, porque eu estava na casa dos meus pais, quando chegou alguém e me entregou o Takao, o Takao todo ferido, meu Deus do céu. Mas eu tinha que levar, como é que eu ia fazer? Eu tinha que entrar na casa dos meus pais com ele. E foi um choque muito grande para os meus pais, ver uma pessoa ferida e eu cuidando dela. E aí ele ficou uns dias lá, aí eu fazia curativo, isso foi duro para os meus pais. Depois até acostumei, fui me acostumando⁴¹⁵.

Procurada, Eliane teve que sair do país, sem poder levar seu filho. A casa foi invadida pela repressão, e sua família ficou sendo vigiada noite e dia. Queriam prendê-la a qualquer custo e seu filho serviria como isca. A família sentiu muito,

É um pedaço bem desagradável porque eles puseram um carro da polícia no jardim da casa, no fundo do jardim da casa dos meus pais e ficaram lá. E a minha mãe era obrigada a dar almoço para eles, café da manhã, e eles ficavam na sala assim, Marcos andando de velocípede dentro de casa e eles com metralhadora na mão. O Marcos teve que ser tirado da escolinha porque meus pais tinham muito medo, porque todo lugar que ele ia, o carro da polícia seguia porque achava que eu ia pegar o Marcos. Eles estavam lá me esperando. O Marcos ficava lá, quando os meus pais tinham que depor no DOPS, o Marcos ficava sozinho com os policiais, muitas vezes, muitas vezes. E eles eram interrogados em salas diferentes. Um dia minha mãe estava numa sala quando ela viu todas as minhas roupas num armário, e ela pegou umas roupas, colocou numa sacola que ela tinha, eles tinham levado todas as minhas roupas, tinha lá assim biquínis, casacos, tudo o que você possa imaginar eles tinham deixado lá nesse armário. E aí era uma coisa muito complicada mesmo, porque eles ficaram seis meses assim... Foi muito difícil deles saírem do Brasil [seus pais e a criança] porque eles não davam passaporte para o Marcos. Mas como a família da minha mãe é de militares, nós tínhamos um tio, irmão da minha mãe, que era almirante e, através desse tio, o Marcos conseguiu ter um passaporte. Ele tinha cinco anos na época. Aí eles foram para Paris, foi toda uma odisséia até chegar em Argel. Meu pai, ele era diretor da COSIPA, que era na época da ditadura, tinha uma direção de militares e ele foi demitido da COSIPA. Eles sofreram consequências. Eles viajaram oito vezes para a Europa, e eles não tinham muito dinheiro. Então eles passaram por dificuldades muito grandes, filha única, eles eram muito agarrados ao Marcos e eles ficaram muito tempo longe do Marcos. Então houve muito sofrimento também eu já não gosto muito de falar, isso já dá vontade de chorar, e você vê que os anos não encobrem isso, está sempre ali, encobrem assim aparentemente. Mas o sofrimento... eu sei que o sofrimento todo mundo tem, mas tem coisas que são muito fortes assim.⁴¹⁶

⁴¹⁴ *Tribuna do Ceará*, 14/08/72. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais. Anexo do Processo 176, Doc. 04, p. 306.

⁴¹⁵ Entrevista de Eliane Toscano Zamikowski, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

⁴¹⁶ *Idem*.

Na casa de Lisete ocorriam frequentes reuniões de seu grupo de estudos da USP. Seus pais não eram simpáticos à ditadura e apoiavam a luta da filha, sem no entanto deixar de alertá-la sobre os perigos. Assim que Lisete soube do desaparecimento de Alexandre, foi correndo para esvaziar o *aparelho* dele. Contou com a cooperação da família, em especial com o pai de uma cunhada sua, que era do Partido Comunista. Os parentes que frequentavam as festas de domingo desapareceram de sua casa. A solidariedade veio de uma amiga libanesa, como Lisete conta,

Eu tinha tirado tudo de casa, eu tirei no domingo de manhã eu não lembro quando, ou quando eu fui levar meus pais para almoçar, eu não sei, eu peguei o mimeógrafo, peguei tudo e levei para casa do meu irmão que era na rua de baixo. E o meu irmão não ficou sabendo, pus embaixo, falei com a minha cunhada que o pai dela era do partidão e pus embaixo, escondendo tudo embaixo da cama de casal, e meu irmão estava dormindo, eu fiz tudo aquilo sem ele saber [...] Eles queriam levar meus pais, invadiram a casa do vizinho, eles vasculharam a casa do meu irmão. Quando eles foram entrar, minha cunhada, tinha acabado de ter, era um sobrinho chamado Alexandre também, mas por coincidência o Alexandre estava vivo quando ele nasceu, tinha três, quatro meses por aí. Quando eles foram entrar, o Miguel [irmão], eu não falo que a família é toda sensível, pôs a mão assim, vocês não entram, minha mulher está amamentando meu filho. A OBAN não entrou. Por sorte, porque estava tudo embaixo da cama. Daí então o seu Antônio e a esposa que eram a mãe e o pai da minha cunhada, eles moravam no mesmo prédio, eles passaram a noite – porque ele era do partidão então eles tinham muita prática – desmontando o mimeógrafo. Aí depois meu irmão foi jogar não sei aonde. E pondo aqueles papéis na soda e queimando para desaparecer com qualquer coisa caso eles voltassem. Quiseram levar a minha família inteira, queriam levar meu irmão nossa fizeram, eles invadiram a casa da vizinha, a rua fechou, veio PM, veio OBAN, fecharam a rua, foi aquele escândalo, e a minha família ficou estigmatizada. Tinha uma rede de solidariedade com a minha família? Tinha. Tinha uma senhora libanesa mãe da Sara que dizia, Lídia se você precisar esconder a sua filha, traga ela para cá que eu mando para o Líbano e nunca ninguém vai saber. Isso eu fiquei sabendo depois que eu voltei para o Brasil mas teve gente que... inclusive familiares que nem telefonavam. Minha casa sempre foi muito farta, muito receptiva, sempre gostavam de fazer muita festa, era classe média, média baixa, mas gostavam. Então todo domingo tinha um pessoal que tocava violão, MPB, então fulano gosta de uísque, uísque, fulano gosta de cachaça, cachaça, fulano gosta de rum, rum, fulano gosta de vinho e a minha mãe fazia aquela comidaiada, então assim, tinha 12, 13, 14 pessoas todo santo domingo, era super divertido, muito alegre. Daí uns iam embora, outros ficavam lá para almoçar. Aquela fartura de italiano miou, nunca mais foram perguntar se meus pais estavam bem, só o Jonas que era vizinho. Entendeu?⁴¹⁷

A família de Ana Maria Ramos deu apoio à organização ao acolher Wilson Barbosa e Wilson da Conceição Pinto em sua casa. Como ela disse, “a militância da minha família era receber gente em casa”. Seus pais deram muito suporte a ela tanto no período de militância quanto depois, quando esteve presa. Muitos amigos também foram solidários, seja passando

⁴¹⁷ Entrevista de Lisete Lídia de Silvio, São Paulo, 29 de agosto de 2010.

recados, certificando-se de que tudo estava bem com Ana Maria quando ela não comparecia à Faculdade, ou quando, podendo entregar seu nome ou o nome de seus pais à polícia, não o fizeram. A polícia ficou de campana na sua casa, gente estranha também começou a circular na rua. Como ela conta,

[...] quando era gente assim mais procurada eu não deixava na minha casa, eu deixava na casa da minha mãe na Vila Nova Cachoeirinha que naquela época ninguém imaginaria que eu iria deixar na casa da minha mãe. Tanto que quando eu fui presa, o Wilson não falou o meu nome, o meu apelido de família, que é Netinha. Você vê nessas coisas da prisão está tudo Netinha, mas não era meu nome de guerra como eles achavam que era Sônia. Eles achavam, a polícia acabou achando que era meu nome, mas eles nunca perguntaram como é que as pessoas sabiam meu apelido de família, porque senão a minha família teria ido. Os meus pais sempre deram o maior apoio e os meus colegas de faculdade, que era gente que também era apoio, deram a maior força. Meus pais me visitavam, meus pais iam lá na OBAN ficar lá na porta, o tempo todo. A minha família sempre me deu muito suporte. Eles não tinham grana, meu pai era operário, minha família sempre foi muito pobre, mas sempre admirava muito esse tipo de coisa, tinha o maior respeito, nunca acharam que eu era louca, sabe? Nunca invadiram a casa dos meus pais, mas ficaram de campana. Muitas vezes na frente da casa da minha mãe, gente passando. A Idinaura, a Lelé, a Leslie Denise, as minhas amigas de faculdade, que não chegaram a ser presas, mas que ficaram fazendo... toda vez que eu sumia da aula, elas iam avisar a minha família, iam avisar o advogado, compravam pacotes e pacotes de coisas para minha mãe levar para o Presídio⁴¹⁸.

Os pais de Albertina Pedrassoli tomaram um grande susto ao saber da sua prisão. Desconfiavam já de sua participação no movimento estudantil. Ela e Casadei, seu companheiro, não os visitavam mais. A família quase não tinha muita notícia. Mas sempre estiveram juntos dela assim que souberam de sua prisão, acionando advogado, ajudando a desmontar apartamento, cuidando de Albertina quando Casadei permanecia preso. Em Fernando Prestes, cidade de origem de Albertina, a repercussão foi muito boa, segundo afirmou. Se *Zuca*, como era conhecida na cidade, estava fazendo aquilo, é porque estava certo.

Bem, inicialmente eu me chamava Albertina Pedrassoli, é o nome que eu recebi do meu pai, e depois quando me casei, eu passei a me chamar Albertina Salles porque eu já tinha sido presa uma vez com o nome de Albertina Pedrassoli e o casamento ocorreu entre duas prisões e o meu papel, era um papel de apoio, então eu achei que, nós, eu e Fernando, achamos que se eu trocasse totalmente de nome, nós poderíamos, ou enganar a polícia ou dar um tempo para que as coisas pudessem... para que eu pudesse ganhar essa função, de poder estar alugando uma casa, um apartamento etc., e a gente continuar ainda atuando e foi aí que aconteceu, que aliás, foi muito difícil explicar isso pra minha família que nem imaginava o que estava ocorrendo mas que, quer dizer, tinham uma desconfiança porque a gente já tinha sido preso uma vez, mas o porquê disso não sabiam. Achavam que a gente já tinha se “regenerado”. Na primeira prisão foram pegos de surpresa, e eles perguntavam, minha filha vocês estão afastados? Estamos. Estão afastados? Estamos. Só

⁴¹⁸ Entrevista de Ana Maria Ramos Estevão, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

que nós não íamos lá, nada. Então eles desconfiavam muito, muito mesmo, mas eles não sabiam. Tanto é, que a primeira prisão foi um susto. Aí meu pai ficou maluco, começou a acionar alguns parentes. Lá na minha cidade, por exemplo, era uma coisa maluca porque quem que é terrorista? Porque veio logo informação da polícia que tinha terrorista naquela cidade [...]. Chega, porque todas as polícias de todas as cidades estavam mobilizadas e avisavam. A cidade inteira apoiou, incrível não é? Eu achei que era uma cidade tão atrasada, mas não, o pessoal apoiou, porque se a *Zuca*, que era meu nome, está participando, é porque tem alguma coisa aí que não é isso daí terrorista, nossa, total apoio[...]⁴¹⁹

Albertina depois da segunda prisão foi muito ajudada pela sogra, que a acompanhou a desmontar o último apartamento em que ela e Fernando tinham morado,

[...] eu e a minha sogra é que fomos lá quando eles liberaram o apartamento. Fomos lá, desmontei mais um amigo do Fernando, da medicina, nós fomos lá, desmontamos o apartamento, demos tudo, guardamos, tinha alguns livros, muito disco nós chegamos até a levar algumas coisas, dei para o meu irmão. Mas eles já tinham feito uma limpeza no apartamento [...]⁴²⁰

A casa dos pais de Arlete também era utilizada para encontro de militantes. Para todos os efeitos, eram estudantes que se reuniam para trabalhos da universidade. Foi uma grande surpresa para eles quando Arlete foi presa. Casada e já morando com Adriano, também utilizava seu apartamento para reuniões de seu grupo. Mesmo assim, continuou se reunindo na casa dos pais, pois tinham maior autonomia de entrada e saída.

Diva Burnier não encontrou o mesmo tipo de apoio em sua família. Sobrinha do Brigadeiro João Paulo Burnier, sua militância foi motivo de grande vergonha para os pais, que se mudaram de Campinas após trinta anos morando na cidade. Sua mãe a visitava na cadeia, seu pai bem menos. A casa de Campinas foi invadida quando os policiais estavam à procura da mala de joias, *expropriada* pela ALN numa ação armada. Seu irmão tentou dar sumiço na mala, mas foi desaconselhado por um primo, que tinha receio de sumirem com Diva. Ser sobrinha de um brigadeiro da linha dura tampouco a ajudou na cadeia. Como ela contou,

O Brigadeiro mandou um subordinado dele pra saber a real história, para que ele soubesse da história verdadeira. Agora quando eu saí da Operação Bandeirantes e fui para o DOPS, nós estávamos na antessala do Fleury, e foi anunciado, foi falado o nome e coisa assim, o Fleury disse, “eu não quero ouvir falar o nome dessa aí”. Então foi isso. E eu passei um mês incomunicável não é? Eu só tinha comunicação porque eu tinha um tio Brigadeiro e eu tinha um tio Almirante. E esse almirante era ultra católico. Ele era Almirante da Marinha. Ele punha a farda branca, todas as medalhas no peito e ia para o DOPS, batia lá no DOPS e conseguia nos visitar. Almirante Ender Luis Penedo. Eu quando saí da cadeia,

⁴¹⁹ Entrevista de Albertina Pedrassoli Salles, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

⁴²⁰ Idem.

meu pai estava tão envergonhado em Campinas que ele mudou dois meses depois da cidade. Ele não suportava. O fato deles terem mudado de Campinas me fez muito mal. Eles moraram lá, tinham 26, 27 anos de cidade⁴²¹.

Outras militantes também tinham parentes pertencentes ao regime. Não só Diva passou por isso. Uma amiga de Lisete, sobrinha de General do Exército, além de estar presa, sofria todo dia as provocações de seu tio, que fazia questão de visitá-la na cadeia para ofendê-la.

Yara Gouvêa também teve uma relação complicada com seu pai, apoiador do regime. Tinha receio de que o próprio pai a entregasse para a repressão. Ao voltar ao Brasil contudo, depois de anos de exílio, Yara utilizou a influência paterna para se proteger. A volta da filha, que lhe deu o único neto de sua vida, foi abrandando seu coração e a relação entre os dois foi, aos poucos, sendo restabelecida. Yara por uma informação errada, foi dada como morta. Seus pais chegaram a fazer o seu luto.

Meu pai tinha, tinha sido oficial do Exército, tinha mantido relações muito íntimas com o pessoal da Escola de Cadetes de Campinas, e era na época um dos diretores da Beneficência Portuguesa. Ele foi durante mais de trinta anos diretor da Beneficência Portuguesa, mas guardava relações íntimas com os militares. Meu pai queria absolutamente que eu deixasse das minhas atividades. Na prisão eu fui interrogada pelo Romeu Tuma. No DOPS, ele e um outro delegado, amigo do meu pai, queriam que eu assinasse um documento, porque foi o momento que eles faziam depoimentos falsos dizendo que você tinha sido induzida a participar, que você não tinha nada a ver com isso, mas que os culpados eram fulano, sicrano, beltrano. Isso foi feito, era o momento em que eles começavam a pôr pessoas na televisão, os arrependidos. Isso foi feito, eles tentaram fazer isso comigo. Um professor chegou para os meus pais e disse que ele tinha tido informações seguríssimas de que eu tinha sido assassinada no Araguaia. A minha família fez o meu luto. Durante dois anos eles fizeram o meu luto. E quando eu mandei uma carta através da mulher do professor Bayard de Boiteux, a Vera, com a foto do meu filho, eu tinha tido um filho, eu ressuscitei. Porque eu estava morta para eles. E isso é uma coisa que ninguém pode avaliar. A desestruturação de uma família que fez o luto de uma pessoa, porque o aparelho repressivo jogava com isso também. Jogava com esse tipo de desestruturação. Na volta, vários companheiros foram interrogados no aeroporto. Eu não cheguei por causa do meu pai. Os delegados estavam lá. Eu escolhi descer em Viracopos, porque Viracopos era propriedade da minha família, do meu avô. Meu avô português foi quem chamou aquela propriedade, de Viracopos porque ele reunia seus amigos portugueses para virar o copo e todas as tardes bebiam. E nós morremos de dar risada até hoje, porque quando o Carvalho Pinto desapropriou aquela área o Aeroporto continuou sendo chamado de Viracopos, a família disse olha, ninguém pode imaginar que eles não sabiam que Viracopos era em homenagem a um bando de bêbados portugueses [...] Então eu escolhi descer lá, e claro que foi uma coisa assim muito emocionante porque foi lá que eu passei a minha infância, e meu pai conhecendo todo o pessoal da torre eles conseguiram entrar na pista, eles cercaram o avião, e estavam todos com flores brancas. Então todos os outros passageiros eles nem sequer podiam imaginar o que estava

⁴²¹ Entrevista de Diva Maria Burnier, São Paulo, 29 de julho de 2010.

acontecendo. Os delegados que estavam presentes ficaram muito intimidados por essa ação, teve um delegado que chegou e disse, tomamos ato da sua volta para o Brasil, registramos que você foi entregue à sua família, e tudo bem. Então aquilo foi uma intimidação total, ninguém ousou nem nada [...]⁴²²

Afastada dos pais, Eliete tinha na sogra sua principal aliada. Para visitá-la fazia cada vez um caminho diferente, “era minha sogra querida, minha segunda mãe. Eu almoçava na casa da Margot, eu nunca deixei de comer na casa da Margot. Mais tarde quando eu já estava morando com o Luiz Carlos, eu almoçava na Margot e fazia uma quentinha e levava para o Luiz Carlos comer em casa”⁴²³. Foi seu sogro também quem os ajudou a deixar o Brasil levando-os de carro para São Paulo.

Se não eram os atritos entre pais e filhos que às vezes definiam as relações que teriam posteriormente na militância ou no período de exílio, alguns reflexos das mães, naquele momento, poderiam complicar a situação de seus filhos. Elas não tinham as mesmas defesas que eles e acabavam, não intencionalmente, gerando problemas. Na realidade não passavam de gestos de carinho. Ana Bursztyn conta a invasão de sua casa, a prisão de sua mãe e sua irmã, e a foto de primeira página no jornal *O Globo*,

Em 1969 quando a barra começou a pesar, meus pais começaram a ficar com muito medo. Hoje quando eu penso nisso eu não gostaria de ter sido mãe naquela época. Em casa era um caos. Antigamente os meios de comunicação não eram tão desenvolvidos então a escuta telefônica era disarada. No dia do meu aniversário de 21 anos, foi presente de maioridade do Estado Brasileiro, dia 30 de dezembro de 1969 invadiram minha casa. Cercaram desde sete da manhã. Eu ia me encontrar com a minha mãe – que era dia do meu aniversário – num centro comercial ali perto, às cinco horas. Ela me levava um lanchinho, um dinheirinho e eu ia comprar uma roupinha para mim que eu estava completamente sem roupa. Ela era sempre muito pontual e não apareceu, eram duas quadras lá de casa, eu falei, ah, eu vou dar um pulo em casa, dia do meu aniversário, aí eu fui andando. Eu estava semiclandestina. Eu me encontrava com a família, só não morava em casa. Eu atravessei a rua e na esquina havia um orelhão. Eu pensei, ah eu vou dar uma ligada para casa antes de ir, é melhor. Aí eu liguei e a minha mãe falou, desaparece que a casa está cercada desde às sete da manhã. Aí dei meia volta e fui embora. Eles prenderam a minha mãe, a minha irmã e ficaram de tocaia, de campana até de noite quando chegou meu irmão. E levaram eles para o CODI. E outro dia a Perla falou, eles falam muito pouco sobre isso em casa, esse dia sempre foi um dia do terror, quando se comenta em choros e lágrimas, o dia do meu aniversário. Durante anos foi o drama de 21 anos. E a Perla comentou comigo que era um carro, um fusquinha, civis que enfiaram elas no carro, que estavam as duas, e a mamãe toda orgulhosa atrás mostrou para ela uma foto que ela tinha minha, assim pequenininha, olha aqui, ela está aqui no meu bolso. Pois é exatamente a foto que eles botaram quatro dias depois na primeira página do *Globo*⁴²⁴.

⁴²² Entrevista de Yara Gouvêa, Brasília, 8 de julho de 2010.

⁴²³ Entrevista de Eliete Ferrer, Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010.

⁴²⁴ Entrevista de Ana Bursztyn Miranda, Rio de Janeiro, 1º de março de 2009.

Sem contato com a mãe desde os dois anos de idade, e tendo um pai que não concordava com a militância, a trajetória de Darci Miyaki não foi nada fácil. Voltando ao Brasil no primeiro semestre de 1971, Darci foi presa em janeiro de 1972. Já tinha saído da casa do pai e de sua tia (na realidade uma amiga de sua mãe, com quem tinha sido deixada), morado no CRUSP e retornava de treinamento em Cuba. Não teve ajuda do pai durante a sua militância e, quando presa, sentiu que para ele era um esforço tremendo visitá-la na prisão. Não era esse o futuro que talvez ele almejasse para a filha. Os atritos já haviam começado desde a sua militância no movimento estudantil, obrigando Darci a sair de casa. Como ela conta,

Meu pai era um homem de negócios, ele tinha fazendas, essas coisas, depois ele teve uma construtora. Meu pai percebe meu envolvimento político, e aí ele me faz optar, ou você segue essa linha, então você se sustenta, ou você para. Eu falei não, eu estou trabalhando, eu vou continuar trabalhando, e continuei trabalhando. Nessa época eu comecei a trabalhar na Varig parece que foi em agosto de 1965, trabalhei até dezembro de 1965, depois eu comecei a fazer o cursinho para valer mesmo em 1966, porque o trabalho era período integral, e era em Congonhas, então o meu rendimento de escola era mais ou menos. Nesse meio tempo, eu morava na casa de uma senhora que era minha tia, e ela percebe também que eu estou envolvida, e me pede para sair de casa. Às vezes eu ficava muito envergonhada, porque aparece Lapa City [na ficha de qualificação do DOPS] que era a casa do meu pai e é um bairro da burguesia entendeu? Mas eu nunca morei lá, era a casa da família do meu pai, ou seja dele, da esposa dele, e dos meus irmãos por parte de pai. Foi feita campana na casa dessa minha tia que não era minha tia. Essas campanas já começam em 1969 e eu já estava fora do Brasil porque eu fui para Cuba em novembro de 68. Sabe, pelo menos na minha vida, foi bastante difícil, foi bastante difícil por quê? Geralmente, digamos 90% dos companheiros sempre tiveram uma família, sempre tiveram quando presos, o apoio dessa família, quando saíam da cadeia, sempre tinham o apoio da família, eu não tive isso. Quando eu estive presa na OBAN, todos já estavam recebendo visitas lá dentro, tanto as meninas, quanto os companheiros e eu não tinha visita. Aí um dia, eu não me lembro se foi a Eliane [Eliane Potiguara] ou a Linda [Linda Tayah], pediu para ligar para o Rio de Janeiro, para a família. Acho que foi a Eliane para vir visitá-la. Isso foi na porta da cela, aí o major Ulstra virou para mim e falou assim, e você, e a sua família? Eu falei eu não quero falar com a minha família. Ah, vai falar sim, dá o telefone aí do seu pai. Eu não sei o telefone do meu pai, aí ele tirou a Eliane e eu, e subimos, aí ele falou assim, vai procurar na lista telefônica, e eu procurei na lista, aí claro, tinha o telefone do meu pai. Ele falou pode ligar para o seu pai. A Eliane já tinha falado com o Rio, estava me esperando. Eu liguei para o meu pai, falei olha pai, eu estou presa. Eu escrevi uma carta para ele, que meu pai não tinha nada a ver com as minhas opções, eu tinha os meus irmãos na verdade, que estavam seguindo toda uma carreira, irmãos, cunhados, dentro da USP, o Issao eu não sei se já era livre docente ou estava fazendo tese, ia atrapalhar muito a carreira deles ao saber de mim, tinha um outro cunhado que, o Mário que era da Farmácia Bioquímica, professor também, e eles nem iam querer saber nada que tivesse relação comigo, foi uma opção minha, e poderia até ter prejudicado a carreira deles. Bem, voltando, eu escrevi uma carta para o meu pai dizendo que eu estava namorando com um francês e que eu ia embora para a França, para Paris, morar com ele. E mandei, que era uma forma dele ficar resguardado da minha opção, para preservá-lo mesmo. Bom então eu ligo para o meu pai nesse dia na OBAN, eu falei para ele, olha pai, eu tô aqui presa será que daria para o senhor vir aqui? Ele falou não, eu não vou. Darci

você escolheu o seu caminho. Eu falei tá, o senhor tem razão, realmente eu escolhi, está tudo bem pai, e numa boa, isso daí também numa boa que eu fui criada assim, com livre arbítrio, pois se eu escolhi, tem que arcar, eu penso assim. Desliguei o telefone. Aí o Ulstra virou e falou assim, e daí, ele vem? Eu falei não, ele não vem. Aí ele me falou assim, dá o telefone do seu pai, eu falei não, eu não quero que ele venha. Ele falou, eu quero o telefone. Eu dei o telefone do meu pai, ele ligou e falou para o meu pai, o senhor está convocado a vir aqui. Meu pai foi. Foi apavorado tanto que ele levou uma promotora amiga da família junto com ele. Encontrei com ele e ele foi algumas vezes à OBAN e ele foi algumas vezes ao Tiradentes. Até que chegou um dia que eu falei para ele, olha pai, é difícil o senhor vir aqui? Ele falou, é. Eu falei tá bom pai, não precisa vir. Daí ele não foi mais⁴²⁵.

Se Yara, Diva, Darci, Eliete e Moema não tiveram o apoio e a concordância dos pais pelas suas escolhas de vida, pelo menos durante o período de militância no Brasil, e outras mulheres sentiram o afastamento dos parentes, amigos, conhecidos, sendo temidas pelo que representavam, algumas mães tiveram relações de militância que se entrelaçaram de maneira mais profunda a suas vidas pessoais.

A mãe de Amparo Araújo, Dona Maria José, por exemplo, não sabia da militância da filha antes de se envolver com o militante Francisco Seiko Okama. Como afirma Amparo,

[Minha mãe] é uma mulher do interior do Alagoas que foi obrigada a ficar com um homem, ela tinha 13 anos, ele tinha 30, e ela aprende a fazer parto sozinha, porque senão as moradoras da fazenda morriam. Ela desenvolve esse dom, então ela tem uma sabedoria muito especial. Quando ela se separa do papai, ela vai para Maceió, vai para o interior do Maceió, monta uma farmácia e continua fazendo parto. Mas em um determinado momento, ela vê que ela não tem mais horizontes, ela vende, bota o filho debaixo do braço e vai embora para São Paulo. Com a parte dela na partilha do desquite, ela compra uma moradia em São Paulo. Ela se mata de trabalhar, ela praticamente não tem vida, ela trabalha em três, quatro empregos de plantonista em Hospital, esses plantões 24 h. Depois ela faz concurso. Então ela passa no Concurso da cidade de Mauá onde ela dá muito plantão. Eu tinha terminado o ginásio, eu já estava com 17 anos e eu podia já fazer o supletivo de segundo grau. Eu queria adiantar porque eu tinha me atrasado, eu tinha sido reprovada. Eu me inscrevo num curso supletivo em Santo André, e é aí que eu conheço o Francisco Seiko Okama, e a gente faz pichação, e a gente nessa época, a gente faz pichação, a gente faz panfletagem, pela Campanha do Voto Nulo essas coisas assim, leves. Eu passo a guardar coisas na casa da minha mãe. Que tipo de coisas? Arma, material, documentos. Ela não sabia. Como é que eu fazia para mamãe não chegar perto? Eu deixava no meio de uma tremenda bagunça, que era o meu guarda-roupa. Aí acontece um fato interessante que eu sou colega de Francisco Seiko na escola, ele trabalha na fábrica, ele era operário metalúrgico, e a mamãe que era uma mulher muito bonita na época, muito sedutora e muito namoradeira, ela fica sempre se encontrado num dos pontos de ônibus da vida com o Chico. Só que eles não sabem dessa relação minha com ela, nem minha com ele. Eles começam a ter um envolvimento. E um belo dia eu chego em casa e dou de cara com o Chico, e minha mãe apresenta como o namorado dela. Eu faço de conta que não conheço ele, me apresento normalmente e aí no dia seguinte na escola que vai esclarecer a situação [...] Tem uma outra coisa que a mamãe faz, sabe quando matam a Gastone Beltrão? Estava em casa, porque eles pensam que sou eu... ela é de Alagoas [...] de repente eu não sei, aí mamãe é levada para reconhecer, aí mamãe tem

⁴²⁵ Entrevista de Darci Toshiko Miyaki, Indaiatuba (SP), 28 de agosto de 2010.

um chilique, eles passam algum tempo pensando que fui eu que morri. Ela não diz nem sim nem não, muito pelo contrário, só que ela tem um chilique, ela não conta [se o chilique foi proposital]⁴²⁶.

Embora permaneça o silêncio, é muito provável que Dona Maria José já soubesse da militância das pessoas que a cercavam. Pouco provável também é que não tenha reconhecido a diferença de Gastone e de sua filha Maria do Amparo. Consultando os arquivos da repressão e o laudo do IML (Instituto Médico Legal) de Gastone, verifica-se que, apesar do tiroteio que a vitimou, seu corpo estava perfeitamente identificável, com perfurações de bala que não a desfiguraram. Em alguns processos verificam-se, com efeito, laudos médicos acompanhados de fotos das vítimas. Consideramos, portanto, que a atitude da mãe de Amparo, se não foi de espanto, por ver uma menina tão jovem morta, tinha como intenção proteger sua filha. A polícia não perseguiria uma morta. Pode ter sido uma estratégia de proteção, embora isso não passe de meras suposições nossas.

As consequências da militância para aquelas mães que se inseriram na organização foram também duras. Muito sofrimento ainda persiste nas falas de seus filhos que, de um momento para o outro, assumiram o papel de pais. A militância de Antonieta teve consequências trágicas para a sua família, que a fizeram interromper sua militância política depois da reconquista das liberdades democráticas. Dedicou-se à vida doméstica e aos filhos.

Sua casa foi invadida duas vezes, e a filha vendo sua mãe sem qualquer tipo de suporte tentou recorrer a um tio. Quando chegou lá para encontrá-la, “o cunhado não tinha deixado ela entrar, estava em casa com medo, e ela, estava sentada num rebordo da janela do corredor do edifício”⁴²⁷. Não obtiveram ajuda na família. Mariza tentou então o contato com um primo de seu pai, que havia sido Ministro da Aeronáutica, também sem sucesso. Como ela disse, “eu telefonei e fui lá na casa dele. [...] eu cheguei e bati na porta [...] não me mandou entrar, quando eu comecei a falar, ele disse assim, eu não posso fazer nada e plaft, fechou a porta na minha cara”⁴²⁸.

Sabendo da perseguição à sua mãe, Mariza tentou alertar seu irmão. Sua casa já tinha sido invadida pela manhã. Uma kombi com chapa fria estava estacionada na frente do seu edifício enquanto os policiais revistavam o apartamento à procura de Antonieta. Como Mariza conta,

⁴²⁶ Entrevista de Maria do Amparo Almeida Araújo, Recife (PE), 8 de janeiro de 2009.

⁴²⁷ Entrevista de Mariza Campos da Paz, Rio de Janeiro, 6 de julho de 2010.

⁴²⁸ Idem.

[...] nesse dia [da invasão de sua casa] meu irmão tinha voltado para trabalhar e eu resolvi que eu não podia deixar mais ele sem saber do que estava se passando e resolvi dizer a ele. Fui no hospital onde ele estava trabalhando e falei olha, aconteceu isso, e eu preciso que agora você me ajude porque eu sou a única pessoa que sabe onde a mamãe está escondida [...] então você precisa saber para ajudar [...] só estamos do lado de fora eu e você. E isso aconteceu às duas horas da tarde. Às nove da noite ele morreu de infarte. Obviamente quer dizer tinha um problema cardíaco sério e morreu. E eu tinha combinado de encontrar meu irmão às nove da noite no velório, que a avó da mulher dele tinha morrido. Então era um lugar neutro porque eles nos seguiam acintosamente, o tempo todo, a mim e ao meu marido, faziam questão que nós víssemos que estávamos sendo seguidos. Quando eu cheguei no cemitério, meu irmão estava morto [...]. Eu fui na casa da tia onde minha mãe estava escondida, busquei ela para ver o meu irmão, mas aí chamei todos os irmãos dela e falei, arranja gente para ir no velório, não deixa ela sozinha um minuto, fica em volta, sempre pelo menos três pessoas para não sequestrarem ela durante o enterro. E a combinei com um médico amigo dela, uma hora antes do enterro, tirar ela de lá e levá-la para uma casa de saúde e repouso. Ela ficou uma semana de repouso, tomando remédio para dormir [...]⁴²⁹

A casa de Antonieta foi invadida e os policiais ficaram acampados no local durante alguns dias. Um casal conhecido da família, assim que pôde entrar, conseguiu retirar material explosivo que Antonieta havia deixado, apesar de ela dizer aos filhos e ao advogado que sua participação era muito superficial.

Depois de sua segunda prisão e de ficar quarenta dias na Barão de Mesquita, Ilma Noronha foi solta. Voltou a militar mais ativamente na ALN em março de 1971, após o nascimento de sua filha, em novembro do ano anterior, estabelecendo contatos entre a organização e a prisão, através das visitas que Dona Meire, sua sogra, fazia ao seu filho Rômulo Noronha. Ilma fica mais um ano atuando na organização até ser presa em janeiro de 1972, com a filha pequena. Como ela conta,

Eu acho que a minha sogra teria escrito um livro, nós também tivemos um episódio assim interessante, logo assim que eu saí da cadeia, ela era minha referência, eu sempre fui apaixonada por ela, ela era uma super mulher, teve onze filhos. O meu sogro era do Exército, mas na época que o Rômulo foi preso ele estava servindo no Amapá, estava muito longe [...] A mãe do Rômulo começou a fazer uma ponte entre o Rômulo e a ALN. Nós conseguimos refazer esse contato via Dona Meire, então, na verdade, nós começamos a tentar articular uma ação, dentre outras atividades de contato, de levantamento, de planejar algumas ações fazendo essa ponte com a cadeia. Eu me lembro que quem cobria os pontos comigo e com o Hércio [Hércio Pereira Fortes] era o meu cunhado, que sempre foi um cara super legal, na época ele tinha 12 anos. Eu voltei a me inserir nos contatos, cumprindo pontos, mas eu não me lembro muito assim, qual era a função desses contatos. O que eu me lembro claramente, obviamente, é esse com a minha sogra. Eles passavam do presídio para nós essas informações, e no final, a gente estava organizando na verdade uma fuga da Ilha Grande. Da Ilha Grande não, porque quando eles vinham para o Rio, eles ficavam num Presídio ali na Frei Caneca, um Presídio de passagem, então seria nesse trajeto. Isso já estava bem organizadinho. (De mulheres), só

⁴²⁹ Entrevista de Mariza Campos da Paz, Rio de Janeiro, 6 de julho de 2010.

eu, e minha sogra. É a mãe coragem. Ela era bárbara, quer dizer meu sogro era militar, ela era uma dona de casa, não sabia de nada disso, e aí quando o Rômulo foi preso ela assumiu um outro papel, ela tinha, ela tinha onze filhos, o Rômulo era o mais velho, então ela mudou, desde essa época [...] ⁴³⁰

A sogra de Ilma, além de cooperar nos levantamentos e funcionar como mensageira no interior da prisão, também era a portadora de cartas de amor de Rômulo para Ilma. Recebendo as cartas, Ilma guardava todas elas. Quando o *aparelho* em que estava foi cercado pela polícia (23 de janeiro de 1972), Ilma lembrou-se das cartas. Estavam justamente colocando as coisas no carro para fugir, mas a polícia chegou antes. Ilma tinha que sumir com cartas, pois, se a polícia as encontrasse, podia descobrir o sistema e comunicação que havia entre Dona Meire, seu cunhado e ela. Jogou na casa vizinha. Como ela conta,

Nesses contatos todos com a minha sogra, de vez em quando ela me trazia uma carta de amor do Rômulo, que ela trazia dentro do cigarro, não sei qual era o esquema dela, e aí eu lia as cartas e invés de eu rasgar as cartas, eu guardava., Eu peguei as cartas e botei na bolsa, falei, na hora que eles pegarem essa carta eles vão fazer a ligação com a Dona Meire, minha sogra, e vai cair um super esquema, porque tinha uma série de coisas planejadas, tinha o meu cunhado de 12 anos. Eu falei, bom, só tem uma solução, eu confiar na casa do lado. Eu me dava bem com todo mundo, era uma rede de amizades, mas do lado direito da casa morava um casal bem mais idoso que tinha um filho excepcional, e eles toda tarde quando eu estava ali na porta com a Tânia brincando, dava banho nela, e ficava com ela na porta, eles passavam com o filho, fazendo um passeio. Era uma rua humilde, um bairro humilde, subiam rua acima depois descia, então toda tarde eu via aquele casal, eles não falavam, nunca nos cumprimentamos, e eu eu joguei as cartas na casa deles. Eu fui para a PE [Polícia do Exército], fiquei na expectativa porque eu falei se aquele casal entregar as cartas, a Dona Meire vai chegar aqui. E ela nunca chegou, quer dizer, eles nunca entregaram as cartas ⁴³¹.

Vinda lá da Serra da Barriga, sertão alagoano, sem ancestrais de esquerda e sem vínculo com o Partido Comunista, o que poderia aparentemente justificar ou explicar a luta de Maria da Conceição Sarmiento Coelho da Paz reflete mais a maneira como uma mulher introjetou a necessidade da revolução, assimilando-a à sua identidade e criando seu próprio caminho. Sua experiência mostra que a militância nem sempre envolveu reflexão política apurada, nem dependeu essencialmente do nível educacional e/ou ideológico, nem partiu de espaços convencionais da política partidária. A oposição ao regime militar também não foi essencialmente emocional para ela e nem levada pelos sentimentos de uma mãe devotada em busca do filho perseguido. Falar disso é não dar o devido valor a essa mulher. Foi mãe sim, mas também soube ser militante quando o momento se apresentou. Teve o desprendimento

⁴³⁰ Entrevista de Ilma Horst Noronha, Rio de Janeiro, 11 de março de 2009.

⁴³¹ Idem.

revolucionário necessário para poder obedecer ao filho, seu comandante, respeitando mais as leis da guerra do que as regras da família nordestina. Soube enfrentar a aspereza de um caminho que ela mesma escolheu, sem nunca se queixar. Poderia, se quisesse, ter se acomodado a uma outra vida quando saiu de Maceió. Casada com um funcionário da Receita Federal, mãe de quatro filhos e morando no Rio de Janeiro, o futuro prometia ser tranquilo e sem desassossegos.

Maria conseguiu, assim, ultrapassar as barreiras sentimentais, físicas e geográficas. Sentimentais, porque sustentou a dispersão da família, a tortura da filha, a ameaça de morte ao filho, a distância da primeira neta, com a serenidade que raras vezes outros militantes conseguiram nesses anos. Físicas, pois permitiu-se, com 52 anos, realizar treinamento guerrilheiro em Cuba e, quando presa, desafiar seu torturador. Geográficas, porque saiu pelo mundo em função de sua participação política.

Maria da Conceição condensa em si a história dessas mães que foram se transformando junto à história do Brasil. Da mulher que ultrapassou o papel tradicional de filha, irmã, esposa e mãe.

Nunca se identificou com trabalhos assistenciais, associação de amigos do bairro, movimentos da igreja. Também não realizou panfletagem, nem distribuição de material de divulgação do partido. Do partido a única simpatia que tinha era por Luís Carlos Prestes. No restante achava que o PCB era comodista e incapaz de fazer a revolução. Tudo não passava de um grande proselitismo. Não tinham uma postura de enfrentamento e deixavam as malas prontas com antecedência em caso de prisão: pijama, escova de dentes, cigarros e fósforo, era tudo o que precisavam.

Apesar de ter feito até o quarto ginásial na escola, Dona Maria lia muito. Engana-se quem pensa que tomava contato com as teorias revolucionárias em voga na época. Lia, sim, muitos romances. Nada de Marx, Engels ou Lênin.

Já morando no Rio de Janeiro, para onde a família se transferiu no ano de 1958, Maria chegou a participar da feira da Providência. Era uma maneira de difundir a cultura alagoana para o resto do Brasil. Junto dela estavam a mãe de Cacá Diegues e dona Leda Collor de Melo.

Sua casa serviu como local de abrigo de muitos estudantes perseguidos pela polícia. Quando houve o incêndio da sede da UNE, todos se refugiaram em sua casa. Tinha a vantagem de ser próxima do prédio, além de o local ser de fácil acesso e para onde convergiam também as grandes manifestações estudantis. Como afirmou seu filho, “desde

1964 o Golpe de Estado, até a democratização, a quantidade de gente que minha mãe alimentou lá em casa, foi enorme [...]”⁴³².

No dia do incêndio ao prédio no entanto, Dona Maria tinha viajado. A casa foi denunciada por um dos vizinhos que telefonou à polícia. Dona Maria fez as malas e voltou imediatamente. A polícia apareceu, mas com muita habilidade, dona Maria conseguiu contornar a situação, como relata Carlos Eugênio,

Mamãe e papai estavam viajando. [...] E veio um monte de gente lá para casa. Eles não estavam lá, mas os estudantes vieram e porque que vieram? Porque minhas irmãs, como todos nós, tínhamos confiança de que a nossa casa era uma casa que acolhia os outros. Se a mamãe estivesse lá, aceitava também, talvez de uma maneira mais discreta porque foi tanto estudante, entrando, saindo virou um quartel general. E teve um vizinho de extrema direita, que telefonou à polícia. Uma vizinha que ouviu ele telefonando para polícia, foi lá no apartamento e avisou a gente. Aí esvaziamos, eu tinha 13 anos, minha irmã mais nova tinha 9 acho que já tinha 10. Saímos todo mundo, minha irmãs, usando eu e a minha irmã menorzinha como cobertura dentro do carro, levando três estudantes atrás e levando uma criança na frente. Aí esvaziamos a casa e mamãe pegou um avião para vir para casa, para segurar a barra. Ela voltou botou os filhos de volta para casa que a gente já estava clandestino. E realmente a polícia foi lá, Polícia e Exército Militar entraram em casa. *Tá vendo meus filhos, um está dormindo nesse quarto, a outra dormindo nesse quarto aqui como é que... isso é inveja desse povo!* Chegaram a olhar os livros, implicaram com um dicionário que estava escrito CCCP, que era Carlos Cardoso Coelho da Paz, mas, como eles tinham visto a Copa do Mundo de 1962, tinha a camisa da União Soviética, era no alfabeto cirílico era escrito CCCP que era SSSR, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, aí quando eles viram CCCP, acharam que era saudando, *olha aqui a camisa dos russos lá! A camisa dos russos, esses caras são comunistas mesmo!* E minha mãe com calma, não, isso é Carlos Cardoso Coelho da Paz, o meu marido que não está, está viajando, está no trabalho do Ministério da Fazenda. Aí ela começou a levar esse papo assim e os caras acabaram indo embora e pedindo desculpas⁴³³.

A única passeata de que Maria participou foi a Passeata dos Cem Mil. Reuniram-se ela, Carlos Eugênio e Maria Valéria, a irmã caçula, e saíram juntos. A família sempre teve uma relação franca entre si. No horário do almoço ou do jantar discutia-se o movimento estudantil, cada um contava o que andava fazendo. Nada era escondido. Como diz o filho,

Ai de nós se a gente fosse numa passeata sem avisar ela. Ela queria era ficar alerta porque se precisasse, levava advogado, ia soltar os filhos, porque estava todo mundo sendo preso, era controle de segurança da dona Maria Sarmiento. Então a mamãe fazia essas coisas, fazia um plantão assim, espalhava as notícias, telefonava, dava as notícias para as pessoas, aí as pessoas usavam lá em casa como um quartel general. Realmente era uma espécie de quartel general o apartamento da gente. As pessoas vinha entravam, comiam, pessoas às vezes, estudantes dos quatro cantos do Brasil, fazendo movimento estudantil que chegava aqui não tinham um puto, não tinha dinheiro, aí mamãe abrigava. Eu me lembro do nome de muitos, que viviam por lá. Frei Betto esteve em casa, quantas vezes

⁴³² Entrevista de Carlos Eugênio Sarmiento Coelho da Paz, Rio de Janeiro, 18 de abril de 2011.

⁴³³ Idem.

nessa época, ainda não era nem ordenado, vivia lá, também comeu na nossa mesa, junto conosco. Então a participação dela era essa. Ninguém nunca escondia, quando eu entrei para ALN eu contei para ela, eu falei, estou indo com o Marighella, que aliás foi o primeiro sinal que ela deu que talvez um dia ela viesse a militar, porque ela falou assim, esse aí eu confio! Esse Marighella, eu acho que vai fazer mesmo⁴³⁴.

Quando caiu o Congresso de Ibiúna, Dona Maria veio se somar às mães da Praça da Sé que se manifestavam pela liberdade de seus filhos. Visitou todas as presas e ajudou Ana Maria, de quem ficou muito amiga, a se encontrar com Vladimir Palmeira, líder estudantil.

O contato pessoal com Marighella foi realizado dois dias antes da morte do dirigente, num dia de feriado na capital paulistana. Dona Maria tinha acabado de chegar do Rio de Janeiro. Já tinha um profundo respeito pela sua figura e por sua firmeza política. Para seu filho, isso não seria diferente,

Minha mãe conheceu o Marighella na véspera da morte do Marighella por quê? Quando ficou estabelecido que eu ia botar uma bomba no Forte de Copacabana, evidentemente sem ferir ninguém, aquelas coisas todas, só barulho, Marighella falou para mim, você tem que oferecer à sua família a opção, quais são as opções, você tem que dizer a eles, ele sabia que minha mãe era de esquerda, eu sempre falava da minha mãe para ele, e mesmo meu pai, eu perguntei para ele, ele falou, você tem que falar com seu pai, não precisa dizer exatamente o que vai ser nem quando vai ser, mas você tem que falar porque ele é funcionário público, ele pode ser prejudicado na carreira dele, pode ser preso, pode ser torturado, eles podem dizer que ele está escondendo você. Tem que avisar para a família toda. Eu reuni a família mesmo meu pai que já estava separado da minha mãe, estava em São Paulo, fui em São Paulo para conversar com ele, juntei minha mãe e minhas irmãs, olha, eu vou pôr uma bomba no Forte, eu vou me mandar, eu vou para Cuba e para a guerrilha rural, isso era o plano do Marighella. Aí cada um fez sua escolha, minha irmã menor tinha 15 anos de idade, minha mãe achou melhor deixar com meu pai, a minha irmã mais velha que já tinha sido presa em Ibiúna, já tinha sido presa, acusada de ser da ALN, já tinha sido torturada, quis sair para ir embora para Paris, se exilar. Disse que não aguentava mais viver na clandestinidade e minha mãe ia para Cuba. Aí no feriado dos mortos, de todos os santos, no feriado dos mortos, nesse novembro era o quê, 2 de novembro, um companheiro nosso levou de carro minha irmã mais velha e a minha mãe de carro para São Paulo e contrário a tudo que eu já pregava dentro da organização como segurança, quem as recebeu, as duas lá em São Paulo, foi o Marighella, num ponto da avenida Rebouças, esquina com a outra Rua. Eu fiquei puto quando eu soube disso, eu soube disso depois da morte dele, porque isso foi assim, ele morreu 4 de novembro. Agora, não tinha porque ele estar de noite numa rua em São Paulo, num feriado, indo pegar a mãe e a irmã de um companheiro. Agora, depois que eu percebi o efeito que isso tinha tido na minha... eu entendi o porque ele foi, e foi um dos momentos que eu entendi a grandeza desse homem por quê? Por que que ele foi? Porque a luta armada ela estava destruindo uma família, uma criança de 15 anos estava sendo colocada para morar com o pai e a madrasta, a mais velha estava indo para a clandestinidade que já tinha sido torturada, mas que não tinha nenhuma definição de voltar para luta, ela não queria ir para Paris, a mãe que era de esquerda, mas já queria ir para Cuba, não queria ir para Europa, “quero ir pra Cuba, pelo menos em Cuba eu posso ajudar em alguma coisa”, o filho da

⁴³⁴ Entrevista de Carlos Eugênio Sarmiento Coêlho da Paz, Rio de Janeiro, 18 de abril de 2011.

família que tinha na época 19 anos de idade, tinha acabado de fazer 19 anos de idade, ia explodir, colocar uma bomba dentro do forte de Copacabana, entrar na clandestinidade e participar da guerrilha rural, e aí foi, por isso que ele foi. Então esse homem sabia captar a grandeza dos momentos, então pode ter até sido por esse tipo de coisa, que ele foi preso, que ele acabou caindo cedo, mas nós é que tínhamos que ter proporcionado uma segurança em torno, nós é que não tínhamos ainda, queria eu ter tido tempo de cuidar desses dois velhos, e que ele deixasse [...] mas ele foi lá para isso. Ele foi lá porque ele tinha consciência e a atitude dele, a atuação dele, o ato dele, o agir dele, estava destruindo uma família, que nunca se arrependeu de ter sido destruída dessa maneira, então minha mãe só viu o Marighella aí. E me conta ela que ela disse, mas porque que você está aqui, você não tinha que estar escondido?! E diz que ele riu assim... e eu nunca me esqueci desse gesto!⁴³⁵

Dona Maria após a morte de Marighella teve que esperar mais seis meses até poder sair do país e ir para Cuba onde faria o curso de enfermagem de guerra e de guerrilha urbana. Sua entrada na ALN é contada por seu filho, Carlos Eugênio Paz,

[...] Um dia conversando com mamãe, ela falou para mim, eu quero entrar na organização. Eu falei, estão abertas as portas para você e a levei para conversar com o *Toledo*. E o *Toledo* fez uma proposta dela fazer curso de enfermagem de guerra. Em São Paulo, minha mãe fez vários levantamentos, exatamente por ser uma pessoa já com 48 anos, não tinha aquela cara de estudante. Ela levantou banco, ela levantou fábrica, várias ações que a gente fez em 1970. E também minha mãe foi construindo, minha mãe era muito boa nisso, toda uma rede de apoio. Então minha mãe é recrutada em abril/maio de 1970, sai, passa dois anos em Cuba, fez o curso de enfermagem de guerra, fez o curso do Ponto Zero, que era o curso de guerrilha urbana, armas, explosivo, falsificação, aquele curso básico, aprendeu a atirar. Ela adorou Cuba e fez muitos amigos [...] e quando eu cheguei em Cuba o que vinham falar comigo, *ah es hijo de Juanita!* Eu cheguei em Cuba eu era o filho de *Juanita*; *Juana* fez um monte de amigos, no hospital, nos treinamentos, onde ela passava ela ia fazendo uma rede [...] Quando eu saí do Brasil minha mãe estava na clandestinidade [...] Ela voltou em julho de 1972, curou, ajudou a cuidar de ferimentos a bala e continuou fazendo, militando na clandestinidade, alugando quartos em casa de família, aquela vida nossa de clandestinidade, comendo o que dava para comer, bebendo o que dava para beber, viveu aqui, e foi presa em julho de 1974. Minha mãe voltou ela tinha 53 anos de idade, ela ficava a postos porque, por exemplo, a gente ia fazer uma ação e se tivesse um ferido, ela ia ajudar como enfermeira. O Arnaldo Cardoso Rocha, por exemplo, ela cuidou dele. Tiro na coxa. Ela andava armada, ela tinha a arma dela, nunca precisou usar, mas ela tinha a arma dela na bolsa, claro, uma militante clandestina na ALN, tinha treinado em Cuba, era condenada como qualquer um de nós. A minha mãe era primeiro minha mãe porque eu nasci em 1950, e a luta armada começou em 1967 [...] Só por causa disso, mas a minha mãe não entrou na ALN por ser minha mãe, minha mãe entrou na ALN porque ela era uma militante da Ação Libertadora Nacional, ela era contra a ditadura. Ela tinha feito o quarto primário, tinha casado como as moças eram destinadas a isso em Maceió, ela nasceu em 1920 em União dos Palmares, na Serra da Mata de Alagoas, olha o percurso que essa mulher fez, eu acho um trajeto fantástico, agora teve um momento desse trajeto que foi muito duro para ela, que foi a cadeia, a tortura? Olha, ela nunca se queixou. Agora, esse período que ela sai da cadeia o que que tinha para ela? Não tinha uma profissão, ela tinha sido dona de casa, ela tinha sido esposa, profissão: *prendas domésticas*. Apesar de ser uma mulher inteligentíssima. Aí foi vender livro, enciclopédia, essas coisas entendeu? Ela ficou muito sem perspectiva porque a

⁴³⁵ Entrevista de Carlos Eugênio Sarmiento Coêlho da Paz, Rio de Janeiro, 18 de abril de 2011.

perspectiva dela era a organização, era a revolução. Minha mãe foi emancipada pela luta armada, com a participação dela na ALN. Isso marcou a vida dela [...] ela guardava isso como uma coisa de orgulho. Com orgulho de ter conhecido o Marighella, de ter conhecido o *Toledo*, ter aprendido a curar de ferimento, de ter voltado na clandestinidade, de ter vivido dois anos na clandestinidade, ter sido presa e ter tido um comportamento digno, cheio de nível ideológico sem ter uma linha de leitura, mas é o nível ideológico da dignidade, do caráter, é isso realmente o que vale lá dentro⁴³⁶.

4.4 Apoio na prisão

A descrição das presas em cartas, relatos e documentos nos ajudam a compreender o alcance de um outro tipo de destruição, imposta a essas militantes pela política carcerária adotada pelo regime. Pode-se perceber também nessa documentação que a prisão, muito além de representar um sinal de capitulação, foi transformada em um espaço de luta e resistência, para todas aquelas mulheres que decidiram viver como protagonistas naqueles anos.

As condições de vida das presas no que se refere à alimentação, assistência sanitária, higiene, distribuição de espaços eram precárias e se encontravam no limite da sobrevivência física e psíquica. O frio e a umidade do cárcere, assim como a escassez de água, a falta de comida e de assistência médica eram problemas corriqueiros no interior das celas, além de essas mulheres terem que enfrentar parasitas de todas as espécies como ratos, baratas, sarnas, que circulavam pelo chão e pelas paredes sujas das celas. A enfermaria prestava serviços de forma irregular e, somente em casos considerados mais graves, esses militantes eram transferidos para um hospital, o que também implicava em várias autorizações entre o diretor do presídio e a polícia política, e um forte aparato de segurança para conter qualquer possibilidade de fuga. Dependia-se muito da boa vontade dos guardas para se conseguir fósforos, papel higiênico e tudo que fosse minimamente necessário para a vida no interior da cadeia.

Havia, além disso, o constante temor dessas mulheres de serem chamadas para novos interrogatórios, que aconteciam em momentos inesperados e dos quais muitas delas voltavam decompostas pelas torturas sofridas e, em muitos casos, arruinadas para sempre. Aliado ao embrutecimento e à despersonalização das detidas impedia-se também essas mulheres, pelo menos nos primeiros anos de cárcere, de exercerem alguma atividade laboral ou recreativa. A falta de informação, a dificuldade de comunicação com seus familiares, a censura permanente

⁴³⁶ Entrevista de Carlos Eugênio Sarmiento Coêlho da Paz, Rio de Janeiro, 18 de abril de 2011.

a livros e correspondências tentavam criar também as condições para o embotamento das faculdades críticas e intelectuais das presas.

Não se conhece a cifra exata de todas as mulheres que chegaram a ser presas naqueles anos. Muitas delas, como já afirmado, haviam participado apenas indiretamente da luta política, muitas foram presas por terem filhos envolvidos, outras por terem manifestado de alguma maneira sua simpatia pelos grupos revolucionários. O cárcere para essas mulheres constituiu-se, então, numa maneira de não sucumbirem à destruição física e psíquica.

Como escreveu uma militante, “na prisão é sobreviver para não morrer de sequela”. Muitas delas tiveram que aprender a conviver com esse isolamento, tentando extrair dele algum tipo de aprendizado:

Não sei não, mas tem dias como hoje que se eu pudesse criava asas [...] Pode escrever aí no seu livrinho, em termos de experiência humana, acho que cadeia é o maior teste. Mas tenho medo que depois de um certo limite a gente comece a se deformar, pela própria distância do tempo. Cadeia como forma de castigo não deixa de ser uma faca de dois gumes, de um lado você descobre suas potencialidades, extensão de sua capacidade, por outro lado você vê que muito pouco você utiliza e aí pode vir a sensação de impotência e de novo incapacidade. É meio Fausto (Goethe) [...] Bem, não tenho a real medida da verdade, é só uma previsão. É isso aí e quando eu digo que isso, já é a sensação de parada, não posso ir além. As minhas fronteiras são microscópicas. Só para sonhar hoje um pouco eu dançaria e beberia muita cerveja com você. Entrei novamente na fase de cansaço de ler, mas ouço muita música. E neste instante ouço Gil (em inglês).⁴³⁷

Se o relacionamento humano no interior das celas era intenso, o mesmo não se pode dizer dos relacionamentos entre homem/mulher, já que os casais eram impedidos frequentemente pelos guardas da carceragem de se comunicarem, não tinham direito à visita íntima e suas correspondências eram constantemente investigadas e selecionadas pela censura. Um exemplo de todo esse lado afetivo que, com toda sorte de dificuldades, sobreviveu a todas as limitações da prisão foi a história de Jessie Jane e Colombo Vieira.

Durante seis anos o casal manteve uma assídua correspondência, interrompida apenas, é claro, pela ação dos censuradores. Jessie foi detida no Presídio Feminino Talavera Bruce (Bangu) mantida na solitária por mais de dez meses, enquanto Colombo depois de preso e torturado, foi transferido para o Presídio da Ilha Grande. Apesar de toda a distância e vigilância, Jane e Colombo construíram uma história juntos, casaram-se na prisão e ali tiveram sua filha, Leta. Em duas cartas muito emocionantes sobre a gravidez, Jane escreve:

⁴³⁷ Guiomar Silva Lopes 13/09/1971. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais, Processos 100 e 102.

Mas ao contrário dos outros anos me sinto feliz hoje. Por constatar que estamos realmente vivos. Não apenas no sentido biológico do termo. Que apesar dos desencontros, próprios da prisão, estamos juntos construindo, pedra sobre pedra nossa relação homem/mulher. Tudo isto me faz sentir vitoriosa hoje. Sinto mesmo uma vontade de gritar isto na cara dos coronéis que num dia frio como este tentaram usar este nosso amor para nos destruir. Nosso filho está mexendo aqui dentro de mim. Vida nascida da gente. É isto o que importa! Sei lá, mesmo que esta prisão dure muitos anos mais tenho certeza de que estaremos juntos e que sobreviveremos globalmente. Porque somos gente e nos amamos. [...] Não quero nunca mais ficar grávida na cadeia, mas quero muito que esta criança nasça bem. Afinal é alguma coisa nossa, que vive independentemente de qualquer restrição. Assim como um hino da liberdade. É, é isto mesmo que sinto a cada manifestação⁴³⁸.

As cartas trocadas entre eles, que abrangem os anos de 1970 a 1976, descrevem não apenas a história de amor desses militantes, mas a trajetória de coragem, resistência e convicção, escrita pela maior parte dos presos políticos. Assuntos como solidão, a perda da noção de tempo, as greves de fome, dificuldades de relacionamento com as presas comuns e relações conflituosas com seus advogados, estão entre alguns dos inúmeros temas tratados. Ganham espaço também nessa documentação discussões sobre os excessos cometidos pelo regimento carcerário, sobre as sequelas das torturas, mas também sobre os estudos e as esperanças futuras fora do cárcere.

Não ficaram também de lado nessa documentação nem mesmo comentários sobre a situação específica da mulher na prisão e discussões que pretendiam rechaçar as ditas “benesses da repressão”, colocando no centro da discussão, para o bem ou para o mal, as melhorias na vida das presas, como a permissão de aparelhos televisores e rádios, além de festinhas no interior do Presídio⁴³⁹.

[...] Na semana que passou, aconteceu no presídio uma palestra da Rose M. Muraro sobre feminismo. Pelo que tem nos chegado houve pouco do significado de determinadas colocações dela. E isso é claro que haveria mesmo, principalmente se as colocações forem noutra plano que não os problemas específicos da mulher encarcerada. [...] De qualquer forma é muito difícil uma palestra por aqui, principalmente sobre temas que inevitavelmente desembocam em problemas considerados delicados (como é o caso do lesbianismo). Mas achei a iniciativa muito boa. Demonstra mais uma vez a nova mentalidade que está se tentando imprimir por aqui. E as garotas estão muito empolgadas com a notícia deste ser o ano das mulheres. [...] Acho que você pode avaliar bem a importância para as presas que tem a presença de uma mulher como a Rose. JB [Jornal do Brasil] também publicou notícia sobre certo Congresso feminista, feito no RGS [Rio Grande do Sul] onde se pede anistia ampla⁴⁴⁰.

⁴³⁸ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Coleção Jessie Jane. Pasta 5-1/07/75. JJ e JJ 130 22/07/76).

⁴³⁹ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. . Fundo Brasil Nunca Mais. Processo 174, p. 219-228.

⁴⁴⁰ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Coleção Jessie Jane. Pasta 5-JJ124, 13/07/75.

Para as presas grávidas ou que posteriormente chegaram a ter filhos já detidas, novas dificuldades vinham se somar a todas essas limitações, além da completa falta de estrutura que tornava insuportável a presença de crianças naquele ambiente. A angústia da separação impunha-se também a essas mães, como se verifica no depoimento pungente de Jane:

Hoje é o segundo dia que fico sem nossa menina, me sinto perdida desorientada. Como se faltasse algo de mim mesma, um braço, uma perna ou até mesmo meu coração. Não consigo falar ou pensar nela sem chorar. Como está sendo difícil!
Estes momentos de agora foram previstos desde que soubemos da existência da “célula multiplicadora”. Desde então venho me dizendo a cada dia, que este momento iria chegar. Sábado quando surgiu a possibilidade dela sair, entrei nesta tristeza em que me encontro agora. Ao voltar para o pavilhão comecei a arrumar as roupinhas dela. Lavar as fraldas sujas, passar e colocar tudo em ordem. Na hora da saída eu chorava tanto! Era a mesma sensação que senti no momento em que tiraram ela de dentro de mim. A mesma necessidade de protegê-la, ódio por esta situação que não nos permite criar a nossa filha. O mesmo choro da hora do parto. Tenho perfeita consciência de que lá fora ela está melhor do que aqui. Nunca quisemos que nossa filha fosse mini-prisioneira, que nem mesmo sofra pela nossa opção de vida. Ela, mais do que a maioria das crianças, precisa ser independente. Porque nós não temos, objetivamente um futuro para oferecer a ela. Claro que nossa opção de vida implica em que o futuro seja menos doído pra geração dela. Ontem fiquei observando as crianças que vejo aqui no presídio. Histórias tão terríveis que me fizeram sentir por um momento um gosto de egoísmo pelas minhas lágrimas. Por um momento, porque as minhas lágrimas e as tuas também são legítimas. Quero só mesmo te enviar este quase bilhete pra compartilhar contigo este momento. De uma dor imensa, mas que sei ser necessária.⁴⁴¹

Essa experiência atravessou as vidas de muitas delas, como se verificou com as militantes Linda Tayah, Ilma Noronha, Rose Nogueira, Nair Benedicto, Ilda Gomes, Arlete Diogo e tantas outras que, detidas com seus filhos ou torturadas grávidas, carregam esse trauma pelo resto de suas vidas.

Em uma das muitas vezes em que estive encarcerada a militante Ana Wilma Moraes e Vasconcelos, por conta da situação de perseguição e afastamento de sua filha de dois anos de idade, teve um colapso nervoso e tentou se suicidar, após permanecer 92 dias detida⁴⁴². Em exame psiquiátrico realizado em 17 de abril de 1970, foi detectado que Ana Wilma manifestava “psicose carcerária”, sendo realizado um teste de sanidade mental. Procedimentos assim buscavam não só esconder as torturas e sofrimentos impingidos às rés,

⁴⁴¹ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Coleção Jessie Jane. Pasta 6-21/02/76.

⁴⁴²Disponível em: <www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/03/07/materia.2008-03-07.5769884531/view-37k>. Acesso: abril de 2008.

como responsabilizá-las individualmente por quaisquer problemas emocionais e físicos que porventura pudessem enfrentar nas mãos da repressão⁴⁴³.

Um aspecto que gostaríamos de destacar, sobre o qual a bibliografia sobre a época em raríssimos casos trata, é a rede de comunicação e solidariedade que surgiu na prisão e que permitiu não só a sobrevivência física desses militantes, como a sobrevivência moral. O contato com a organização, a discussão e a produção de documentos e reflexões continuaram existindo dentro das cadeias. Realizada por homens e mulheres, já dissemos aqui que esse período da ditadura inaugurou a entrada da classe média no universo da pobreza e do crime da classe baixa pelo fato de a Lei de Segurança equiparar, pelo menos em determinado período, presos comuns e presos políticos.

A sociologia do crime naquele momento era majoritariamente masculina, e a condenação das presas políticas avolumou a presença das mulheres nesses locais, tanto de sua população fixa como flutuante.

Todas elas procuraram contudo não viver passivamente o período de prisão e uma das facetas do apoio foi exatamente o tipo de relações que foram estabelecidas entre a vida carcerária e a atuação da ALN no exterior. Já destacamos aqui os esforços de algumas mães que, burlando o sistema de segurança das cadeias, deram grandes contribuições à militância. Agora, destacaremos a ação das presas políticas entre si e com o restante da organização.

Ruth Tegon por exemplo, tendo seu marido preso, levava mensagens da ALN escritas com limão que, depois de passadas a ferro, podiam ser lidas. Geralmente essas mensagens eram usadas para refazer contatos e passar pontos entre os militantes. Foi ela quem passou também a lista dos nomes que saíram no sequestro do embaixador suíço em folha de seda dobrada e colada com durez, transportada debaixo da língua. Muito pequena e parecendo uma bala, passava despercebida pela vigilância dos guardas. No início das primeiras prisões a comida também serviu como instrumento de transporte de recados entre outras coisas. Ela vinha fechada e em sacos plásticos transparentes, fato, aliás, que também dificultava a vida da família dos presos como verificamos no depoimento de Maria Aparecida Baccega,

[...] esses saquinhos de plástico que agora fazem mal para natureza não existiam. Isso só existia para blusa em loja, e começou a ter um pouco nas bancas de jornal. E para entrar lá tem que ser transparente, então eu ia de banca em banca de jornal no meu caminho, pedindo saquinhos, eu ia nas lojas pedir saquinho, as pessoas não tinham boa vontade

⁴⁴³ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Brasil Nunca Mais. Processo 9.

para dar, porque eu acho que também não era muito fácil de comprar. Foi assim horrível, horrível, não tinha, não tinha, não tinha, não existia, quer dizer não existia⁴⁴⁴.

Ruth ia toda semana ao Presídio no horário do almoço. A presença constante era uma maneira de não alertar muito a repressão quando houvesse um contato de urgência realizado pela organização. Como ela afirma,

Eu ia na hora do almoço, eu trabalhava no Brás meu trabalho era no Brás no Largo da Concórdia, e no meu horário de almoço eu ia levar carta para o Marco e aí eu ia todo dia, tinha um armazém, um boteco na esquina, e da esquina eu já enxergava a janela do Tiradentes e o Marco já sabia que eu ia chegar e ele ficava lá em cima da janela fazendo tchauzinho de longe. E também porque eu precisava ir todo dia para acostumar porque eu ia sempre e quando precisasse de qualquer coisa... Então no meu trabalho tinha uma menina que trabalhava comigo que me ajudava porque eu tinha que esvaziar saco de pó de café, dentro do saco plástico, de feijão, de arroz e aí eles mexiam, viam se tinha alguma coisa dentro como era, bom a visita era essa, e às vezes também quando tinha alguma coisa importante para passar, eu me lembro até, não estou segura, não me lembro quando foi o negócio do Márcio [*justiçamento* de Márcio Leite de Toledo] foi para explicar porque⁴⁴⁵.

As visitas sempre apresentavam um certo risco também e Ruth sempre que saía avisava sua companheira de trabalho, “se eu não voltar daqui a quatro horas, aciona meu primo (afilhado do Delfim Neto) e manda me procurar!” Quando havia urgência, Ruth conseguia visita extra, convencendo o carcereiro seu Durval a lhe conseguir uma autorização. O pretexto era o escritório de advocacia do marido. Como ela conta,

[...] vinha lá seu Durval, eu ficava horas lá com o seu Durval. Olha seu Durval, sabe o que é, o Marco tem um escritório de advocacia, eu quero que logo ele saia, eu tenho certeza que ele vai sair logo, ele não fez nada, ele não tem nada, eu quero que o escritório esteja funcionando então eu tenho um monte de casos do escritório e... então eu precisava de uma visita porque tem umas coisas que só ele pode resolver, só ele sabe. E aí ele me dava um papelzinho de visita extra, e eu voltava para o trabalho e a menina estava lá com o coração batendo. Daí eu conseguia, consegui umas três ou quatro vezes...⁴⁴⁶

Houve o planejamento também, que passou por ela, de tentar interceptar a ambulância que levava Marco e Guiomar no trajeto do Presídio Tiradentes para a Santa Casa. Os dois tinham que ir ao hospital. Guiomar para cuidar de uma tromboflebite nas pernas e Marco, pelos danos causados pelo pau de arara no nervo ciático. Quem os atendia nas consultas, como Ruth veio a descobrir anos depois, era o hoje comentarista esportivo Osmar de Oliveira.

Ruth conseguiu com muita batalha que Marco fosse atendido na ortopedia do hospital.

⁴⁴⁴ Entrevista de Maria Aparecida Baccega, São Paulo, 10 de novembro de 2008.

⁴⁴⁵ Entrevista de Ruth Tegon, São Paulo, 10 de abril de 2010.

⁴⁴⁶ Idem.

A ambulância passava em frente de sua casa toda vez que levavam os militantes para tratamento de saúde. A ação, contudo, acabou não se concretizando. Era a terceira prisão de Marco Moro. Ele ficou detido de 1970 a 1971, quando depois eles saíram do país. Ruth prestou solidariedade também a Rose Nogueira, que permaneceu alguns dias em sua casa depois de ser colocada em liberdade.

Nair Benedicto, tendo saído antes do seu marido Jacques da cadeia, o visitava. Também era a ocasião de passar recados, roupas, etc. Todos sempre que podiam, como afirma Nair, passavam nomes de torturadores, delegados e como a repressão funcionava ali dentro. Já fora da cadeia, chegou a se encontrar com Aurora Furtado. Marcava pontos de encontro para saber de sua situação, passava um dinheirinho, recebia notícias. Enquanto esteve no DOPS, Nair e o marido receberam muito apoio dos intelectuais franceses, que fizeram um abaixo assinado em favor dos presos políticos, o que ajudou de certa forma a pressionar o Cônsul francês que foi obrigado a visitá-los na prisão.

Uma tentativa parecida que também não rendeu resultados foi realizada em Minas Gerais. Militantes da Corrente/ALN elaboraram um plano para retirar o militante Roberto Galhardo Zanconato do hospital para onde foi levado, depois de intensas sessões de tortura⁴⁴⁷.

Maria Lygia ao visitar Norberto no DOPS também foi responsável por passar à organização informações sobre os policiais e funcionários que atuavam ali dentro.

Eu ainda me lembro no dia que o Norberto, já estavam torturando, e o dia que o Norberto foi solto, eles me fizeram descer, por pura maldade, me fizeram descer onde estava a carceragem, estava tudo cheio de sangue. E o Norberto um dia falou para mim que o cara que servia café lá, era um dos maiores torturadores, um baixinho, de óculos, horroroso, puxa-saco, que aquele era um dos maiores torturadores que tinha. E eu estava com o Norberto na sala do diretor, trouxeram o Norberto para conversar comigo, e na sala dos delegados, lá, o Orlando Rosseti, quer dizer interrogando o Norberto e eu, e meu pai aflito ficou na porta da sala dos caras e eu vi meu pai assim, oi Tuma você por aqui!? E aí o Norberto falou, esse cara é dos piores, esse é o cara da Inteligência. Seu pai conhece ele, tira tudo a limpo, se informe com seu pai quem é esse cara, e fale para a organização. Bom, aí nós saímos e eu falei, ô pai, quem é aquele cara que você falou? Ah, é o Romeu Tuma, ele é irmão de um pessoal aqui da 25 de Março – porque minha família, tinha a família de traço árabe, que tinha, mexia com loja – ele tem um bico aí na Polícia Federal. Eu falei, ah, bico... o Tuma passava como se ele tivesse um biquinho, uma boquinha qualquer e era o cara da Inteligência e eu já falei isso para a organização. Eu falei olha, ele está sendo interrogado por essas pessoas, inclusive pelo Romeu Tuma, e diz ele que o Romeu Tuma é um cara perigoso⁴⁴⁸.

⁴⁴⁷ Entrevista de Sônia Maria Ferreira Lima, Ouro Preto (MG), 29 de fevereiro de 2009.

⁴⁴⁸ Entrevista de Maria Lygia Quartim de Moraes, Campinas (SP), 17 de setembro de 2003.

Eliete Ferrer conseguiu passar no Rio de Janeiro um radinho de pilha no meio de uma feijoada, além de mensagens cifradas dentro de cigarros,

Sempre passava, passava vários recados com certeza. Todos têm recados, todos temos... então teve recados, inclusive o Reinaldo estava preso, a gente, o Luiz Carlos passava coisas para passar para o Reinaldo que eu era uma ponte. Eu era da família, então cigarros, a gente preparava cigarros, tirava todo o fundo do cigarro, o tabaco, e ali dentro colocava papezinhos com letra mínima de escrito e botava no maço de cigarro para eles receberem esse maço de cigarro e aí abria o cigarro e eu sabia que ali alguma coisa tinha, via qual era o cigarro para abrir e ver o que tinha. E radinho de pilhas nós passamos e não podia. Radinho de pilha, mas foi no meio da comida, acho que a gente botou no meio de uma feijoada, enrolamos em mil sacos plásticos, ele foi ali e passou o radinho de pilha⁴⁴⁹.

Os recados passados não tinham só a função de informar a organização, mas estabelecer contatos com os advogados. A repressão impedia com frequência o encontro deles com seus clientes. Não cumpriam os pedidos e deixavam caducar os prazos. Luís Eduardo Greenhalg, por exemplo, tinha um encontro com Maria da Conceição Sarmento no DOPS. No dia de se avistar com sua cliente, ela foi transferida para o prédio da OBAN.

Ana Maria Ramos conta que passava recados para o advogado, costurados na roupa suja que enviava para a mãe,

Várias vezes, a minha mãe foi pegar roupa minha para lavar, e eu pegava lenço yes e escrevia coisas e punha na barra da saia por exemplo, e a minha mãe pegava. Quando a minha mãe pegava a minha roupa ela via e passava para o advogado, que no começo foi o Idibal, depois o Idibal foi preso e foi o Airton Soares. Na barra da saia, eu desmanchava a barra da saia, tinha agulha e linha lá, em lenço yes, colocava quem estava preso, quantas pessoas, tortura, e costurava de novo na barra da saia, porque quando você faz a revista e faz assim [demonstra] você não sente o lenço de papel. E aí passava. Passei muita coisa para o Idibal. Eu passava para minha mãe, ia para minha mãe, a minha mãe abria, ia mostrar para o advogado para o reverendo Jaime Wright, e eles já sabiam. Uma vez as meninas faziam, eu acho que até hoje a polícia nunca soube, a gente fazia artesanato, então tinha medalhões que se faziam de barro e dentro do medalhão se colocava mensagem dobradinha, sabe colar hippie? Com medalhãozinho assim de barro, de cerâmica. A gente fazia, lá dentro do Presídio. Fazia, fiz biquíni de crochê, fiz colarzinho de continha, nossa muita coisa. E medalhão e dentro do medalhão, tinha sempre mensagem. Cifrada.⁴⁵⁰

Ela revela que havia um guardinha no Presídio Tiradentes que trazia informações. Foi ele quem a avisou do sequestro do embaixador suíço,

[...] a guarda, é, a gente acabava sabendo porque tinha, a Cidinha lá de Ribeirão Preto, tinha um guardinha que servia o exército lá na Torre, então ele trazia todas as

⁴⁴⁹ Entrevista de Eliete Ferrer, Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010.

⁴⁵⁰ Entrevista de Ana Maria Ramos Estevão, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

informações quando ele estava de plantão à noite. Quando teve o sequestro do alemão, não do suíço, foi o último, o Bucher, [foi] que a gente ficou sabendo porque ele quem trazia as notícias.⁴⁵¹

Ana Bursztyn, por exemplo, não passou recados para fora, mas ajudava a redigir os ofícios para encaminhar as presas para o Hospital Souza Aguiar. Não sem ouvir críticas de suas companheiras. O clima de desconfiança generalizado a levou a se sentir novamente interrogada quando chegou ao Presídio Tiradentes. Ela conta também de algumas demonstrações de afeto,

[...] olha, tem um período negro da minha prisão em relação aos meus companheiros ou talvez porque eu tenha ficado muito isolada, não se sabia o que tinha acontecido, eu não sei exatamente tudo o que rolou, nem vou saber tudo isso. Só que quando eu cheguei no Tiradentes, já bem depois, e volta para o DOPS e volta para o DOI, primeiro que estava no meio de uma confusão danada que era o sequestro do suíço que eles estavam, vai e volta, tira, bota, esse não, tira para cá, volta para lá, eu voltando para o DOPS e para OBAN, eu tive uma dificuldade muito grande, eu demorei para entender uma vez que eu estava no CODI aqui no Rio na Barão de Mesquita, veio uma equipe do Fleury, me tirou, me levou para uma delegacia de bairro, me aplicou pentotal, e eu não entendi direito, eu não sei direito qual era a questão deles, me interrogando, me dando porrada o dia inteiro, depois me devolveram para o CODI eu fiquei lá dormindo. Eu demorei algum tempo, só quando eu voltei para São Paulo e voltei para a OBAN bem depois é que um dia, não sei o que eu estava fazendo no pátio, que eu encontrei com o Basílio no pátio, eu não sabia que ele tinha sido preso, foi setembro já... ele estava andando mal, com as pernas duras paralisadas, me abraçou, a gente falou pouco, bom, o negócio é que quando eu cheguei no Tiradentes, um dia talvez eu saiba o que aconteceu, eu acho que eu fiquei de quarentena, eu acho que eles não tinham certeza ainda se eu era quem sabe traidora, tinha feito acordo, o que eu tinha dado, o que eu não tinha dado, eu acho que eu fiquei de quarentena, e isso, quer dizer, não sei se aconteceu isso com todo mundo, espero que não, porque depois de passar por aquela merda toda, é... Eu passei alguns dias, alguns momentos conversando com alguns companheiros, sendo, entre aspas, interrogada de novo. Eu não tinha contato com o pessoal da organização lá fora. Muito tempo depois, foi quantos meses, eu não sei dizer, li algumas notícias a morte do Boilesen não sei o quê, a maneira como a gente se comunicava com os meninos. Tinha uma cela lá em cima que passava para uma cela dos meninos, aí a gente mantinha a carcereira lá embaixo conversando, fazia um buraquinho na parede e passava, documentos, coisas, escritos, quem tinha caído, a gente tinha muita preocupação em fazer listas de mortos e desaparecidos, eu sabia que era para passar para fora, mas não sei como é que ia, nunca soube, mesmo porque eu não tinha, minha família vinha de quinze em quinze dias, eu não tinha a menor... meu contato com a família era muito pequeno, então não participei dessas discussões ou coisas lá fora não [...] o Tiradentes bem que eles diziam, eles diziam para mim, a OBAN é o inferno, o DOPS é o purgatório e o Tiradentes é o paraíso, eles diziam muito [...] A gente conseguia ter atividades, até de leitura, ouvir rádio às vezes, às vezes eles davam batida, tiravam o rádio da gente, mas notícias de fora, notícias políticas, o que estava acontecendo, e um pouquinho de esportes, aí eu sempre me lembro da Pirica, maravilha, Heleni Telles Guariba, uma companheira que saiu e é desaparecida até hoje, pequenininha, baixinha, muito inteligente, muito afetiva, e péssima para jogar vôlei. Péssima, jogava com o chinelo arrastando, não sabia nada. Bom, algum pouquinho de

⁴⁵¹ Entrevista de Ana Maria Ramos Estevão, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

banho de sol, atividade de ginástica, tacos e televisão e um pouquinho de música, discussões... Em terra de cego quem tem um olho é rei, então quando alguma das presas estava mal de saúde, eles me chamavam para dizer o que eu achava, era estudante de farmácia imagina, e quando tinha que chamar a emergência, que era provavelmente Souza Aguiar, eles me tiravam da cela, eu batia ofício porque eles eram semianalfabetos, aí eles assinavam, quando o residente, o médico chegava de plantão, eu atendia eles com o ofício e que era para eles levarem ou não a presa. Eu construí uma vida qualquer, uma utilidade qualquer que eu já sabia ali dentro [...] Eu estava muito fodida aqui na Barão de Mesquita estava muito deprimida e sozinha, estava mal mesmo, às vezes eu ficava largadona lá na cama da cela. E eu me lembro de coisinhas do tipo, é, uma vez eles abrem a portinha, a portinhola para ver onde você estava fechada, toda hora. Uma vez que me jogaram lá depois de uma sessão de tortura, veio um dos guardinhas, que eram uns guardinhas de 18 anos, 19 anos que estavam servindo, um deles abriu a portinhola e jogou uma borboleta grande dentro da cela e eu fiquei deitada cheia de dores, ferida e olhando, eu achei um negócio muito bonito, eu fiquei emocionada. Outras assim, a comida era muito ruim, uma lavagem qualquer, uns fiapinhos de macarrão sei lá o quê, aí abria a portinhola assim embaixo botava a bandeja, aí teve uma hora que um pegou, tirou a bandeja de novo e botou dois pedaços de goiabada, dois pedaços de goiabada, umas coisinha assim que ajudam assim a manter um moral, você vê que tem humanidade no pedaço. Aqui fora também, teve algumas demonstrações aqui muito legais.⁴⁵²

Maria Aparecida Baccega que tinha o marido preso desempenhou várias tarefas como estafeta repassando mensagens, impedindo a prisão de outros militantes, levando comida e livros para dentro do Presídio.

Quando eu saí do DOPS... então, logo no começo, a menina, a Dulce. A Dulce estava passando por um interrogatório quase diário. Então eles perguntavam coisas para ela e diziam coisas para ela. Ah, nós sabemos que o fulano não sei quê... você entendeu? E ela, algumas coisas como essa que o Izaías ia ser preso, isso eu me lembro. Então tinha Izaías Almada, que foi preso em março, quando eu saí eu trouxe um aviso para o Izaías que ele ia ser preso. Eu nem sabia quem era o Izaías. Nem sabia. Eu trouxe isso, eu trouxe mais de uma coisa, eu sei que eu vim com uma coisa dentro do modess. Eu fui também atrás de um, era um psicólogo que estava na moda naquele tempo, psiquiatra ou psicólogo, que a Manon pediu para eu falar com ele porque ele era importante, porque a mulher dele era amiga da Manon, muito amiga, fizeram faculdade. A Manon não tinha família, então ela disse assim, por favor procura fulano, diz o que está acontecendo comigo, veja o que ele pode fazer por mim.. Então eu saí com essa incumbência da Manon, com umas tantas incumbências, quando eu saí de lá. Eu me lembro que eu fui procurar o Roberto Freire, o Roberto Freire não sabia onde morava o Izaías, não sabia nada, nada. Tinham [contato externo com a organização] através de mim. Mas eu não sei onde vai ter uma ação hoje, porque eu vou saber? Nessa situação! Então você fica sabe, se bem que de vez em quando prendiam alguém ligado a você e aí iam buscar o cara, às vezes davam uma surra, às vezes não davam. Relações com a organização? Por exemplo, tinha que tirar documento lá de dentro, a gente corria o risco para tirar o documento. Então teve um documento aí que foi para o exterior e eu tirei. Se me pegassem com aquele documento claro, qualquer pessoa ia ser morta. Às vezes eu sabia, por exemplo, era um Manifesto contra Tortura assinado pelos jornalistas, entendeu? Porque estava tendo um Congresso de jornalistas em algum lugar do mundo. E aí eu entregava para uma pessoa cujo ponto estava marcado, podia ser uma pessoa que eu conhecesse ou não não é? Não importa muito e eu tirei vários documentos lá de dentro. A história mais engraçada é que eu entrei com facas,

⁴⁵² Entrevista de Ana Bursztyrn Miranda, Rio de Janeiro, 13 de março de 2009.

era proibido não é? As facas super asseadas, mas para eles fazerem comida. Não me pergunte como. A hora que as facas chegaram lá, disse que o Granville tremia inteiro, *mas essa mulher é louca!* Mas temos histórias trágicas também. Eu dava aula no Santa Inês e eu tinha enfim boas relações com as moças. Elas pediram se eu arrumaria as apostilas do Santa Inês para elas, do ginásio, que elas queriam estudar lá. Elas mandaram esse recado para mim. Aí eu falei com o cara da Santa Inês, que era um cara legal, *para as presas lá do Tiradentes*. “Não, claro e tal”. Pegaram montes e montes de apostilas, todas as disciplinas, tudo pacotões eu carreguei, pacotões, etc. Chega lá eles não deixam entrar... E eu fazia cada escândalo mas cada escândalo, aí eles puseram um cartaz, um negócio bem grande, “Desacatar a autoridade, pena de não sei quanto a não sei quanto”. Também não adiantou nada porque... sabe, não deixava entrar. Então foi isso: eu fiz escândalo do lado de fora, eles fizeram escândalo do lado de dentro porque eles gritavam por causa de entrar as apostilas do Santa Inês! Que era o melhor curso de madurez da época. Curso de Madurez Santa Inês. Olha tem coisas... E no começo eles não tinham livros. Eu entrei no Tiradentes com o *Capital* em português. Porque eu comprei o livro e fui procurar, um livro, eu fui ajudada pelo meu amigo Otoni, na parte manual, porque eu não sou muito boa disso. Otoni Motter. E o livro não dava certo porque você tinha que ter a lombada, tudo igual. Era eu acho *Memórias do Escrivão Isaías Caminha*, uma edição de Memórias, tinha o mesmo tamanho, tinha que ter o mesmo tamanho, senão a lombada sobra ou falta desse livro. Aí o Otoni fez uma operação, tirar, por outro, não é? Inclusive nas primeiras páginas. Então eu entrei com *Memórias do Escrivão Isaías Caminha*. Foi dos primeiros livros, mas depois eles fizeram uma bela biblioteca lá. Outras pessoas entraram com outros livros. Isso aí é importante⁴⁵³.

Albertina Pedrassoli, enquanto Fernando seu marido estava preso, trazia mensagens da cadeia para Rabot (Genésio Homem de Oliveira). Nesse momento ela já estava ligada ao Molipo. Ficou em contato com ele e com outro militante e repassava as balinhas de papel confeccionadas na prisão.

Silvia Peroba ainda no movimento estudantil também atuou como estafeta na prisão, quando Carlos Lichtstjein seu companheiro estava preso.

Vilma Ary recebeu de fora uma Bíblia. Saindo da prisão viajou para Fortaleza com a mãe, pois tinham parentes na cidade. Ambas estavam muito mal, queriam respirar um pouco bem longe de São Paulo. Vilma Ary aproveitou a viagem para passar um recado para uma pessoa cuja família havia conhecido na prisão. Também foi no Tiradentes, quando esteve presa, que se converteu ao espiritismo. Como ela afirma,

[...] a única pessoa que entrou, que mandou um recado foi a Dona Marta e a Célia Helena, que elas trazem uma Bíblia, trouxeram a Bíblia, eu tenho até hoje a Bíblia, e eu não mandei recado nenhum porque também eu não tive ninguém, nenhuma visita assim que fosse, não tive ninguém. Eu fui para Fortaleza, eu e minha mãe, nós tivemos que pedir licença para o pessoal do DOI-CODI, eu fui lá, pedi licença, eles não fizeram restrição, eu disse onde nós íamos, acho que eles monitoraram lá, eu acho que monitoraram porque eu lembro que tinha gente assim observando a gente lá em Fortaleza. Mas eu também estava numa fase que eu tinha tido, fiz sonoterapia depois que eu saí. Então eu estava tomando peridol então ficava meio fora do ar, então não estava muito preocupada com eles não,

⁴⁵³ Entrevista de Maria Aparecida Baccega, São Paulo, 10 de novembro de 2008.

estava mais preocupada com a minha mãe [...] Mas eu sei que eles estavam cerceando, segurando, observando, eles estavam lá e eu ainda quando eu cheguei lá, eu fui procurar a família de um cara que tinha estado presa, que eu tinha visto aqui, e que me disse que morava em Fortaleza, e aí eu procurei. Fui procurar. Assim, tentando fazer as coisas de uma forma normal, natural, mas fazendo também o que eu achava que tinha que fazer. Eu me tornei espírita em 1970 mesmo durante a prisão [...] eu queria entender porque aconteceu aquilo comigo, se eu não era uma pessoa de organização, porque tinha acontecido tudo aquilo, porque eu tinha me safado, porque eu tinha sobrevivido, porque muita gente também pirou ou morreu quer dizer então, você não sabe. Então eu tentei fazer um entendimento lógico, dentro do raciocínio do espiritismo e tive muitas respostas, entendeu? Tive muitas respostas. Hoje eu sou uma pessoa realmente de convicção espírita. Eu sofri sim, sofri sim [...]. Aí eu comecei a exercer mais atividade, então era lavando lençol, fazendo varal, controlando a comida, então você acaba tendo uma atividade que você acaba esquecendo da coisa. E aí você estava do lado da tortura embaixo da tortura, em cima da tortura, sei lá, você ouvia grito toda hora, então era muito ruim, era assim, um peso pesado. Um período pesado, o período era pesado, o período é do Vale do Ribeira, não dá para esquecer isso não é?⁴⁵⁴

Robêni também utilizou muito a rede de solidariedade na prisão. Estava na OBAN quando conseguiu ser identificada pela ajuda de Márcia Mafra. Espalhou a notícia da morte de Joaquim Alencar Seixas, e conta de uma sandália usada para transmitir recados,

Em março, eu faço aniversário e a Márcia Mafra conseguiu mandar um bilhete para mãe dela de dentro da OBAN tá? Dizendo que era meu aniversário e aí, a gente não se conhecia, a gente se conheceu lá. E a mãe dela mandou um bolo, levou um bolo para o meu aniversário sabe, e aí eles deram recebido. Ela mandou uma cartinha com duas copiazinhas e eles deram recebido. Eu passo a existir por aquele bolo. Pela rede de solidariedade. A mulher do Sérgio Ferro [...] Bela Ferro é uma mulher muito importante para essa questão da solidariedade, da organização dos grupos porque não era só essa solidariedade para esconder gente. Quando eu cheguei no Presídio eu precisava de uns óculos, com o passar dos anos é que eu fui melhorando. O envelhecer muda... mas eu precisava de uns óculos fundo de garrafa... Eu consegui que me levassem ao hospital depois de alguns meses no Presídio Tiradentes e eu chamo de socorro vermelho, que é, o pessoal que conseguiu me mandar lá, dentro de uma semana [...]. A nossa rede de solidariedade era tamanha que nós tínhamos um sapateiro, que eu nunca soube quem era, que nos consertava os sapatos. Para que você quer sapato na cadeia? E eu ganhei uma sandália linda, sabe, maravilhosa, nunca tive uma coisa tão chique, sabe, de couro uma sandália abertinha na frente e ela tinha um salto bonito. Aí que chega, não tinha nada a ver comigo não é? Alguém chega para mim e diz, você ganhou um presente? Ganhei. O que que você ganhou? Uma sandália, o pessoal me mandou uma sandália, o pessoal lá de fora me mandou uma sandália. Ah, então deixa eu dar uma olhadinha nessa sandália aí, abre o salto e estava lá um bilhetezinho, a comunicação estava lá. Essa sandália foi para o concerto mil vezes⁴⁵⁵.

As saídas, mínimas que fossem do Presídio, para ir ao Hospital das Clínicas, faziam bem a Robêni. Como ela disse, era também uma forma de solidariedade, em especial se as

⁴⁵⁴ Entrevista de Vilma Ary, São Paulo, 16 de novembro de 2008.

⁴⁵⁵ Entrevista de Robêni Baptista da Costa, Campinas (SP), 25 de outubro de 2008.

mulheres sofriam de dor, ou algum problema, tendo condições de tratar, coisa rara naquele momento.

Embora o momento fosse tenso, Cida Costa admite que conseguiram passar algumas discussões internas para fora do Presídio, embora o que imperasse fossem as cobranças, o receio de *desbunde*, as delações e os relatórios de queda realizados com frequência pelos militantes.

Foi o coletivo, a gente passava muitas discussões internas de um lado para outro, e mesmo assim dentro daquelas carteirinhas de cigarro, de couro, a gente costumava do lado com crochê e aí punha papel de seda, e depois a gente presenteava os meninos, presenteava gente aqui fora, mandava recado, aqueles recados que a organização faz isso, que tem que passar para fora, em balinhas, enroladinha, denúncia de torturador, ou de torturas, ou às vezes, relatório de queda tinha muito disso, agora tinha o coletivo masculino que eu não sei dizer. Não me lembro do espaço da autocrítica, eu me lembro muito do espaço assim, muita cobrança, entendeu, relatório de queda, agora discussão pelo menos... havia, havia uma discussão, por exemplo, na ala feminina se discutia dos que estavam lá não só da ALN, mas enfim, sempre houve sim, um... mas era muito perigoso você discutir isso, eram discussões mais discretas, porque tudo era muito perigoso, porque a autocrítica pode ser identificada em alguns momentos com *desbundamento*, olha, você queria tudo, menos ser chamado de *desbundado*, então você questiona coisas, às vezes da própria cabeça da gente naquele momento que tudo estava acontecendo, tem gente fora, tem gente sendo morta, você ficar em discussões que podem na verdade, não significar enfraquecimento, então era uma situação, era um momento delicado para fazer isso. Interessante você sabe que quando eu peguei meu, que eu vi minha participação, nem vinha completa, truncada, mas de repente ele me trouxe uma carta escrita por uma das meninas que ali com quem se convivia, passando informações para fora, mas uma coisa assim, que eu jamais poderia, claro, você pode achar que sim, existe certo, mas ali estávamos todos tão juntos, tão assim que é difícil, e era mesmo, tudo arrumadinho, contando coisas para polícia, quem tinha feito reuniões, quem não tinha feito reuniões, fulana se dá com fulana, sim, o cotidiano⁴⁵⁶.

Tendo sido presa no Rio de Janeiro pelo delegado Otavinho, *justiçado* alguns anos depois pela organização, a repercussão de sua morte teve um efeito muito ruim na prisão como ela afirma,

Foi complicadíssimo, foi muito complicado porque é um período assim, de muito terror, de muito, acho que um medo coletivo, porque quando ele foi morto aí suspenderam visita, eu não sei, eu não me lembro bem. Cessaram-se as visitas e corriam aqueles dois que você nem sabe da onde, que tinham sido mortos, que tinham sido e que eles iam se vingar, e que eles, enfim, também levar gente lá de dentro, foi uma época claro, e claro a gente como preso também alimenta isso, alimenta isso muito assim nas conversas, entre irmãs não é, e chegar e o rolo da noite, de alguém ser chamado, de ser levado, nós achávamos que eles iam, que eles iam partir para uma atitude mesmo de represália. Foi assim, foi uma temporada assim muito difícil, entendeu? Por um lado alguém tinha sido

⁴⁵⁶ Entrevista de Maria Aparecida Costa, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

justiçado, as pessoas não sabiam quem era o Otavinho mas era um clima de apreensão. Vamos dizer assim, era um clima de apreensão bem grande, bem grande⁴⁵⁷.

As presas políticas também recebiam e mandavam notícias para o exterior dentro de suas relações pessoais de amizades e das campanhas dos Comitês de Anistia instalados no exterior.

[...] tinha assim, tinha coisas da França, mas assim, o Comitê Brasileiro, Comitê de... ou amigos nossos. Eu tenho uma grande amiga, que fez aquele filme da Leta. Ela morava em Aix-Provence, fazia história e cinema lá, então tinha assim. É... por exemplo, o Weiner [Carlos Weiner] mesmo disse que tem um conto meu publicado num artigo, numa revista francesa que eu nunca vi, ele me contou isso, mas eu nem sei que que é. Ele diz que tem na casa dele. Por um acaso achou, não me entregou, não sei o que que é. Tinha assim, as presas políticas argelinas então às vezes saía naquele jornal que era, que a Simone escrevia, ai meu Deus, enfim, um jornal da esquerda francesa. Saía coisas nossas, assim, carta, essas coisas chegavam, mas assim, eu não sei como chegavam até eles, mas imagino que seja uma rede de amigos nossos não sei, não sei. Mas assim, nunca tivemos... quem foi nos visitar foi a Branca Moreira Alves, que era uma mulher do movimento feminista, que eram pessoas mais... isso tudo é ano de 78, o ano que já está desembocando a Anistia, já tinha movimento. Nós tínhamos muita dificuldade com visitas, as mulheres não gostavam de visitar a gente, gostavam de visitar os rapazes, tinha uma fila para visitar os rapazes, para nós, nós batalhávamos para as pessoas nos visitarem⁴⁵⁸.

As companheiras de cela não só enviavam notícias para o exterior ou mandavam recados para os companheiros da organização. Havia também uma solidariedade muito grande entre as militantes ali dentro,

[...] eu rodei quase todas as celas. Como eu vou para lá com muita dificuldade, que eu não conseguia andar, então o pessoal, assim, muito carinhosamente mandou até fazer, porque a gente... a prisão, a privada é no chão. Então elas mandaram fazer um suporte, botar um assento de privada para mim, olha que coisa, então eu fiquei na cela de baixo. Aí depois eu fui melhorando, mas eu fiquei um bom tempo lá, depois eu fui, eu nem sei, eu andei cela, depois fui para cela 3, cela 6, enfim... eu andei, mas eu fiquei muito tempo e aí convivi bastante com a Heleni, com a Jô, que era a esposa do Mane, da VPR [...] ⁴⁵⁹

Guiomar passava recados também para Carlos Lichstjein que os repassava a Sílvia Peroba,

[...] eram informações, eram... não, era porque era, ai teve tantos momentos... é deixa eu me lembrar, é, primeiro eram informações sobre o que a repressão sabia, o que que era importante, depois surgiu vários momentos assim, o pessoal que achava que podia nos

⁴⁵⁷ Entrevista de Maria Aparecida Costa, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

⁴⁵⁸ Entrevista de Jessie Jane, Rio de Janeiro, 18 de março de 2009. A revista a que se refere provavelmente deve ser *Les Temps Modernes*.

⁴⁵⁹ Entrevista de Guiomar Silva Lopes, São Paulo, 22 de novembro de 2008.

tirar de lá, essas coisas, o quê mais? Tinha um embaixador não é, é tinha lá, eles queriam outros mas eu não sei que embaixador, mas eu sei que tinha uma outra lista, depois acharam que podiam entrar mais gente do Presídio, era meio complicado, mas de qualquer maneira isso, e documentos, e o problema maior era essa discussão do momento, que fazer, o que não fazer, o que representava aquele momento, um negócio, será que não era bom, essa discussão não é, recua, não recua, o que faz, o que que não faz, um momento complicado. Era difícil porque assim, ao mesmo tempo que você via que a situação, eu achava que era melhor o recuo tático... tentar ficar um pouco... aquilo que o Marighella tinha falado e que não conseguiu fazer, ele dizia assim, logo que o GTA caiu, ele dizia assim, agora é o momento de cuidar das feridas, mas só que não conseguiu cuidar das feridas. É, então eu acho que deveria haver um recuo tático, ganhar fôlego, analisar melhor o momento, para poder voltar com força, porque a minha noção quando eu caí, era a noção exata do cerco. Estávamos sendo estrangulados⁴⁶⁰.

Mesmo após ter saído da prisão, Vilma Barban ainda visitava as companheiras e ajudava financeiramente. Os recados que se lembra de ter passado eram instruções para os depoimentos nos processos.

Acho que eram mais recados, o que eu me lembro mais, era de ajustes para o julgamento, para os interrogatórios, informação, se alguém tinha sido preso, que transitava e eu me lembro que a gente fazia um monte de coisas assim. A coisa que eu mais lembro é que tinha uma pessoa que era filha de um dentista, então ela levava aquela massinha de dentista, que daí você molha, faz um broche, seca ela, a gente fazia. Eu fazia tricô e crochê adoidadamente para levantar fundo para quem quer que fosse, mesmo depois que eu saí. Mas todo mundo fazia alguma coisa. Mas, para completar, nós saímos, a gente tinha alguns contatos, muito pouco, de amigos, fosse da prisão, fosse de antes que ainda estavam e daí era um pouco assim, bom, eu queria fazer as coisas, então, o que a gente podia? A gente tinha um contato com as pessoas ou que estavam saindo, ou que estavam visitando e que a gente tinha por obrigação de estar acompanhando, de estar ajudando, mandando recados, levantando fundos por aqui⁴⁶¹.

As visitas às presas políticas, como Jessie Jane afirmou, apesar de serem poucas e bem menos frequentes do que na ala masculina, eram fundamentais para essas mulheres. Norma Freire destacou muito isso em seu depoimento, além da percepção de que fazia parte de um grupo muito particular,

Para quem está preso, dia de visita é fundamental. Então, enfim, era onde a gente pela primeira vez depois de muito tempo, tinha contato com a família talvez fora, antes disso, DOPS e Tiradentes, OBAN nenhum. Quando eu cheguei lá tinha assim uma meia dúzia de pessoas, mulheres quase enlouquecidas, porque tinham ficado na solitária muito tempo, e gente muito sofrida. Então você está falando de pessoas que estavam no limite da resistência, então qualquer coisa... Outra coisa por exemplo, essa eu vou contar porque me chocou profundamente. Assim, num dia de visita vieram, veio um grupo, digamos assim, intelectual, artista, estava a Ruth Escobar no meio, eu me lembro dela porque ela fez um comentário muito interessante. Então ela chegou no pátio do Tiradentes e a gente

⁴⁶⁰ Entrevista de Guiomar Silva Lopes, São Paulo, 22 de novembro de 2008.

⁴⁶¹ Entrevista de Vilma Barban, São Paulo, 8 de abril de 2010.

se vestia, se pintava, entendeu? O cotidiano da prisão é uma coisa muito, então você, aquilo é uma festa e a manutenção do riso para saúde mental, é fundamental, muito importante, e ela olhou para a gente assim, nós todas juntadinhas assim, esperando sua família chamar, “nossa, elas se pintam!” Sabe quando você se sente o elefante do zoológico? Isso para mim foi um efeito chocante, essa distância, e me deu uma visão assim, uma visão de nós no outro, entendeu? Uma alteridade⁴⁶².

Norma ajudou também a circular na prisão um abaixo-assinado protestando contra a morte de Olavo (Hansen). Contou também que era a ala gay que ajudava a intermediar os contatos com a ala masculina, e conseguiu passar para fora a informação de que um fotógrafo americano tinha sido preso.

O Olavo entrou lá, apanhou muito, eu me lembro dele, eu passei uma vez por lá, na frente da cela tinha um burquinho assim, dava para a gente ver dentro. Aí a gente tinha um sistema pequeno de comunicação, disseram, olha, tem um cara passando mal, vamos tentar chamar atenção, chamar um médico, pedir um internamento, ele tinha apanhado muito nos rins, inchou muito, aí, finalmente vieram buscar. A Tia [Tercina Dias de Oliveira] teve um piripaque, eu não me lembro se foi no mesmo momento, aí todas as mulheres, para entrar o médico, todas de costas, de frente para a parede, com mão para cima, mulheres apanhando, garotas não é? E uma velhinha passando mal e o médico tremendo para dar injeção, sabe essas coisas assim? E, então, eu aprendi essas coisas todas, essas vivências, que isso você não esquece. A coisa intelectual acho que é mais... é um pouco mais diferente.[...]. Tinha uma ala assim de gays me parece e a gente fazia sinalzinho para eles com o espelho, tinha um código e eles repassavam para a Ala masculina, vamos chamar assim. Então tinha esse correio assim de informação, num espelho e também cordões, nós em barbantes que a gente subia, baixava. A única informação que eu tentei passar para fora foi para avisar a embaixada americana que tinha um cidadão americano preso. Um fotógrafo da *Abril*, que estava na cela dos operários, era um fotógrafo da *Abril*, um americano que foi, daqueles bem desligados que foi fotografar o relógio da Estação da Luz e pendurado lá a polícia pegou ele, e ele entrou no DOPS num fim de semana, pegou as câmeras dele. *Ai, as minhas máquinas!* Só que lá dentro máquina era metralhadora, então tem essa assim... (risos), aí eu reconheci, o cara saiu na segunda-feira, Newton, americano⁴⁶³.

Algumas mulheres mantinham mensagens de fórum estritamente pessoal com família, amigos e namorados. Diva Burnier, por exemplo, entregava dentro do cigarro cartas de amor para o seu namorado. Também fazia contato com Airton Soares para preparar seu depoimento no DOPS.

Cida Santos afirma que utilizavam muito código morse nas celas e que procuravam preservar as informações do constante fluxo de entrada e saída na prisão, além de passar informações pela agulha de crochê,

⁴⁶² Entrevista de Norma Leonor Hall Freire, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

⁴⁶³ Idem.

A cela do Presídio Tiradentes ficou estável durante um certo tempo, mas depois como aquilo encheu muito e a gente que estava lá, nós tínhamos todo um esquema de discussão, de levantar as coisas para ver se saía alguma coisa, a gente tinha que levantar tudo isso, um esquema de mandar coisa para fora entendeu, umas escritas meio fantasmas que ninguém lia, é... quer dizer, aquilo, não sei porque que não liam, eu acho que estava tão na cara não é? E quando chegava gente nova lá a gente não tinha muita confiança mesmo, apesar de ser preso, então o que a gente fazia? A gente dava uma modificada nas celas, então vai fulano para lá, fulano para cá e outro aqui... são estratégias sim, às vezes. Mas isso não foi sempre assim não, algumas vezes. Mas como o pessoal que ficou lá, para ficar bastante tempo, ficava sempre é... as mesmas pessoas, as outras entravam e saíam mais rápido não é? Então a gente andou dando uma dividida sim nas celas, a cela, por exemplo, onde a gente fazia o código Morse, a nossa correspondência na parede, porque aquilo voava informação não é? Uma vez um marginal estava sozinho lá embaixo, um preso corró, correcional, a gente chegou, ei Dona Júlia, a gente chamava de Júlia todo mundo, era Júlia não é, vocês aí ontem à noite o código Morse funcionou hein? Olha! Eu falei, código Morse? Eu e a Denise, não, quê isso... a gente nunca viu o rosto dele mas a gente batia papo com ele. Hein aqui à noite, essa solidão aqui, tudo quietinho aí em cima, mas olha, vocês ficam passando sinal aí um para o outro. Eu falei, filho da mãe, se o guarda escuta isso não é? Nós falamos, não, aqui todo mundo dorme, depois de uma certa hora todo mundo tem que dormir porque amanhã nós temos que levantar cedo. Não tinha nenhum guarda na muralha naquela hora, era durante o dia isso, eles saem não é, pra andar, então não teve jeito, não ouviram, aí nós mudamos de assunto com ele, perguntamos se ele queria bituca (risos), para mudar de assunto rapidinho. E isso que... o som se espalha não é, se expande, ele tem propagação na parede e a gente ficava em cima e ele ficava embaixo e ele escutava, só que nosso código Morse era o nosso código Morse, ninguém ia decifrar aquilo! E aí essa cela, por exemplo, a gente fez um buraco na cela para passar [informação] para o outro lado, tudo combinado, tudo, passava do outro lado para falar com meu pai, medimos tudo, as medidas qual era sabe, eles mediram de lá, aí eles foram batendo lá, todo dia eles batiam um pouquinho até que um dia abriu. Abriu do tamanho de uma agulha de crochê. Eu passei uma agulha de crochê do outro lado, ensinei eles a pegarem a agulha lá no pátio, ensinando crochê, tinha que fazer isso não é? E aí, como, do lado de lá... Não, estou aprendendo a fazer crochê... vou fazer uma blusa para mim. Tinham várias maneiras de... Por exemplo, existe um negócio no meu processo, aonde existe uma lista elaborada de quem deveria sair, onde está meu nome e o nome do meu pai, uma análise de cada um. Eu sou vamos dizer assim, a 41 e a Cidinha Costa a 42, com uma observação em cada uma de nós. Agora isso foi feito na ala masculina, não foi feito lá conosco não. A gente elaborou muita coisa, muito trabalho no início, as denúncias que saíam que eu lembro que a gente se reuniu, vamos contar o que cada uma passou que a gente vai denunciar para o pessoal lá fora saber o que que passa, então, o cuidado a hora que fosse preso não é, para não entrar em pânico aquela coisa toda, que era aquilo que se foi mesmo o Marighella que fez aquele livrinho [*Se fores preso Camarada*], os presos fizeram para que os companheiros também agissem daquele jeito⁴⁶⁴.

Não só essas mulheres podiam contar com certos apoios dentro da prisão, como surpreendentemente eles podiam vir de um policial, de um carcereiro, de um soldado, de um guardinha, como de algumas presas comuns. Tania Fayal nesse sentido narra a experiência que teve no Rio de Janeiro, o contato com seu marido (embora a visita íntima não fosse uma

⁴⁶⁴ Entrevista de Maria Aparecida Santos, Ribeirão Preto (SP), 28 de novembro de 2008.

prática autorizada) e o acesso às notícias sobre o sequestro do embaixador alemão, a partir do qual seria trocada.

[Fiquei] três meses presa no Batalhão de Guardas sempre junto com a Linda Tayah, depois nós dividimos a comunicação através de um código Morse meio inventado pelo Domingos, através de batidas de uns guardas, dos soldados lá do Batalhão de Guardas, que nos ajudava. Quando o Domingos saiu lá de fora, ele entra dentro também de uma cela onde ele ficava sozinho e que era alojamento dos tenentes, eu e a Linda ficamos num quarto onde supostamente ficariam dois tenentes do Batalhão de plantão. Nós ficávamos no quarto deles que eram duas camas com um banheiro e que nós subíamos na privada e ficávamos olhando o pátio, vendo os toques com a chegada do Comandante, já sabíamos tudo isso. Até que um dia um soldadinho passou e jogou um bilhete dentro da nossa cela, que não era cela, era só um alojamento, então jogou para dizer que se a gente quisesse algum contato com a família, foi aí que mandamos dizer através da minha família [que estavam presas]. O Domingos por exemplo, era o meu ponto de contato, eu continuava mantendo por ser esposa, a gente chegou inclusive a se encontrar no DOPS, porque na hora que eles estavam sendo levados, porque no DOPS lá embaixo no Presídio de Mulheres comandado por um ex-policia que era da linha dura na época do Vargas, e que já estava aposentado e casado com uma ex-prostituta e que mais nos protegia do que qualquer outra coisa, quando os meninos estavam lá em cima no DOPS, já tinham vindo da PE [Polícia do Exército] e que iam ser transferidos para a Ilha Grande, eles chamaram as seis [mulheres] para ir despedir, a única que tinha um marido, tinha o Marcão e a Emília, ninguém teve essa ousadia que eu e o Domingos tivemos, como eu era marido e mulher, eles deixaram a gente entrar num quarto também de alojamento de sei lá o quê, e ali a gente deu uma transadinha e isso depois gerou psicologicamente que atrasasse a menstruação, aí levaram para exame, mas não era gravidez graças a Deus, pô já imaginou, só muita inconsequência. A gente se correspondia então ele era o meu ponto com a organização. Presa, era através do Domingos, que de certa forma, de alguma forma, a gente se conectava, mandava recado, se tivesse alguma coisa. Claro chegaram lá e perguntaram quem tem companheira lá em cima? Todo mundo disse que tinha, lógico ninguém tinha, mas companheira de alguma coisa da organização, para trocar ideia, e todas elas me criticaram muito depois porque eu tinha sido louca, você não trocou ideia da organização, da ALN por quê? Eu falei ah fala sério, vocês estão todas morrendo de inveja! Nós éramos completamente compartimentadas das presas incomunicáveis inclusive, elas tinham banho de sol, e a gente quando ia para o banho de sol éramos só nós, a gente tinha um horário, durante o dia todo, a gente circulava entre nós. Lá no DOPS [uma presa] ela se apaixonou por mim e ela era, elas que cozinhavam ali no corredor, que a gente ficava numa salinha que era uma improvisação ali no DOPS, no pátio, do lado da cozinha, das presas e as presas do DOPS eram todas gente boa, essa presa gente boa se apaixonou e se corta para ir lá para Bangu atrás de mim, sabia que eu tinha ido para Bangu, e vai com esse negócio de incomunicável, essa criatura falava comigo [...] ela ficava na cela sempre por lá pendurada na grade, ela no dia que teve o sequestro, estávamos todos reunidos, todo mundo reunido, a gente passava o dia e quando chegava numa certa hora, sete, oito horas vinha o cabo da guarda, apagava todas as luzes. Qualquer coisa que tinha, nós não tínhamos comunicação visual, televisão, isso não podia entrar, não podiam entrar revistas, não podia entrar jornal, não podia entrar nada disso. Quando teve o sequestro que eu saí, foi no dia 11 [11 de junho de 1970] se não me falha a memória, que foi feito o sequestro. No final dessa tarde, dia 11, essas presas da baderna, elas fizeram chegar ao nosso conhecimento, a gente não pôde receber, era um final de semana, claro, com certeza, era um sábado, é a gente tinha saído, já era durante a semana, terça-feira eu acho que a gente saiu, era uma terça-feira se não me falha a memória, era um final de semana, naquele final de semana a gente teria visita para receber comida e coisas e suspenderam a visita. Alguma coisa está acontecendo, mas

essas presas através dessa badernosa que cortou o pulso para ir para Bangu, elas pegaram um jornal, *O Dia, Uma Luta democrática*, uma coisa dessas qualquer, que saiu uma nota do sequestro. E dali pra frente nós não conseguimos receber mais notícia nenhuma, ela nos passava. Porque entre o nosso pelotão e o pelotão delas, era um corredor, tinha uma salinha onde ficavam os guardas do Presídio tomando conta das duas alas, a gente sempre ali, ai vem ele com papel a gente batia papo coisa e tal, numa dessas que ele está batendo papo deschavando exatamente para isso, elas vem por detrás jogam ele ali dentro do quartinho deles, tranca a porta do quartinho deles para nos passar o jornal, é o mínimo que a gente teve, só tivemos aquilo, aquela noticinha, meu Deus e agora quem vai ser? Todo mundo, ah, vai sair a Tânia, que eu era, daquela que estava ali, a que tinha já as broncas de pegar em armas, então a minha situação era pesada, eu, pô que nada, imagine que eu vou sair... eu? Jamais. E a gente não conseguia mais, porque logo depois elas tiraram eles [do quartinho]. Eles sabiam que tinham passado alguma informação [...] e depois não conseguia mais informação de jeito nenhum⁴⁶⁵.

Darci Miyaki saiu da prisão com a roupa do corpo. Uma roupa que uma companheira sua enviou através dos recadinhos passados por Cida Costa. Mandaram-lhe, algumas peças de roupas, calcinhas, sutiã, duas calças, duas camisetas. Era como disse Darci “o meu enxoval”. Saiu sem dinheiro e sem ter para onde ir. Alugou uma vaga de pensão com o pouco dinheiro que seu pai lhe deu nas raras visitas que fez à filha. Duas companheiras de cela a acolheram em suas casas, não por muito tempo. Até que ela encontrasse esse quarto de pensão. Como disse Darci,

Não era um quarto, era uma vaga, uma cama num beliche, com mais seis pessoas dentro de um quarto e essa pensão que eu fui morar, tinha desde universitários, até prostitutas, então eu tomava banho com tamanco de madeira desse tamanho porque eu estava fraca fisicamente, eu tinha muitas dores de coluna, sabe, daí é interessante, daí passava muita fome, não tinha dinheiro, não tinha emprego. Quem me protegeu foi o Leonel [Leonel Itaussu de Almeida Melo]⁴⁶⁶.

Foi o amigo quem a ajudou a voltar à faculdade. Como ela disse,

Como eu estava solta no mundo, eu achava que voltando para a Faculdade as pessoas iam me ver, eu ia criar alguns laços. Eu dava aula particular para sobreviver [...]. A Fanny Seixas, a mãe do Ivan, naquele miserê que ela vivia, com carência de tudo, quantas e quantas vezes ela não me alimentou, quantos pratos de comida aquela mulher fantástica me deu! Porque eu saí nessa situação, de literalmente passar fome, sabe, então fala assim um período de punição, não é uma data de punição que existe⁴⁶⁷.

⁴⁶⁵ Entrevista de Tania Fayal, Maricá (RJ), 20 de março de 2010.

⁴⁶⁶ Entrevista de Darcy Miyaki, Indaiatuba (SP), 28 de agosto de 2010.

⁴⁶⁷ Idem.

4.5 Apoio no exterior

Parte da atividade política das mulheres também foi realizada durante o exílio, assim como uma ampla tarefa de apoio e solidariedade foi colocada em funcionamento pelos militantes. Muitas mulheres tiveram que conviver com as ditaduras do continente latino-americano participando igualmente do processo de resistência ou contar com a cooperação da própria população para conseguir alimentação, esconderijo, contatos, etc. Embora nosso trabalho seja todo dirigido à atuação dessas mulheres no Brasil, não há, pelo próprio caráter que a resistência adquiriu no exterior, como não mencioná-la, ainda que não disponhamos de todas as fontes possíveis para aprofundar o assunto. Não podemos, portanto, deixar de considerar as experiências vividas por essa resistência que, embora distante do país, acabou de alguma maneira colaborando com a atuação da organização no Brasil. Essas mulheres foram testemunhas também de outros dramas políticos e pessoais na América Latina, Chile, Argentina, Peru, Bolívia, Panamá. Como fizeram então para sobreviver frente à carência de alimentos, transporte, moradia, tendo que se adaptar a uma nova realidade?

Não podemos esquecer, também, a contribuição dessas militantes na produção de informação, na difusão de notícias e nos debates que se seguiram relativos à luta armada no Brasil. A produção de textos e revistas constituiu-se em um ponto de referência para a intelectualidade brasileira nos anos posteriores e para os pesquisadores em particular, desejosos de entender a evolução e o declínio da ALN no Brasil e as trajetórias de seus militantes no exterior. Como veremos, algumas mulheres desenvolveram atividades de formação política, formaram grupos de debate e realizaram trabalhos assistenciais.

A casa de Ruth Tegon no Chile, por exemplo, serviu de abrigo para muitos militantes da organização. Ruth integrou-se à Tendência Leninista logo que chegou. O grupo propunha críticas ao direcionamento político da ALN, pretendendo resgatar o contato perdido com as massas. Faziam parte da TL Rolando Fratti, Ricardo Zarattini, Dario Canalli e muitos outros militantes que foram aderindo à medida que chegavam ao Chile. Segundo seu depoimento,

Depois lá no Chile começou a discussão, quando o Fratti chegou. Ele tinha vindo da Itália, daí começou a discussão da questão da Tendência Leninista da ALN que nós acabamos indo para a Tendência da ALN com o Zarattini, o Rolando Fratti, tinha o outro, bom tinha vários ali [...] A gente tinha uma gráfica em casa. Era um apartamento térreo e é uma impressão minha não sei, que ficava não sei, ficava no quintal num lugar que descia que tinha uma caldeira de aquecimento. E ficava lá e rodava material não é? Da ALN, depois da Tendência. Tanto é, que quando foi no golpe do Chile, a gente estava com isso lá em casa. Era a casa da mãe Joana, todo mundo entrava, mamãe ficava

apavorada quando ia para lá (risos), que era um tal de chegar gente e, quando faltava coisa, o Zarattini era um que chegava na minha casa cedinho porque ele já ia fazer fila para o pão e já chegava em casa o pão logo de manhã. O Fayal era um deles que estava sempre por lá, o outro menino, apelidado de *Torto* um baixinho que eu não lembro o nome, ele ficou até intoxicado coitado, o lugar que era a gráfica era um lugar pequenininho, ele ficou fechado lá dentro, passou mal⁴⁶⁸.

Durante o exílio chileno alguns jornais, com efeito, foram publicados e distribuídos em conjunto com outras organizações. O jornal *Ação e Resistência*, por exemplo, foi confeccionado em cooperação com o MR-8 no Chile. Era publicado em espanhol e distribuído no Brasil pelas correntes de transmissão clandestinas que atravessavam a fronteira. Começaram a aparecer no início de 1971, acompanhando provavelmente a chegada dos banidos com o sequestro do embaixador suíço.

Além das atividades de Ruth na TL, ela integrava a Rede Democrática de Mulheres, um grupo que dava assistência às esposas dos militantes do partido Comunista que, chegando ao Chile, tiveram muitas dificuldades de adaptação. Como ela conta,

Então, a gente começou, a ideia inicial foi da Zuleika (Zuleika Alembert) que era do partidão, que o partido devia estar começando através dela a se interessar pelo feminismo e a preocupação da gente era com essas mulheres que foram para lá, mas que não tinham muita noção do porquê estavam lá, porque tinham saído do Brasil, porque muitas, o marido era militante e elas nem sabiam e não entendiam muito porquê, e até fica difícil você ficar no exílio sem... eu não posso ir, eu não posso ver a minha família mais, e a gente começou a fazer um... montou esse comitê de mulheres brasileiras, foi, fazia reuniões, fazia o oito de março [...] eram pessoas que estavam num país estranho, quando chegaram, mas ninguém falava, elas não entendiam direito⁴⁶⁹.

A tentativa era, como disse, não só de dar assistência a essas mulheres, mas tentava-se organizá-las junto à política. Muitas delas a partir de trabalhos voluntários também auxiliavam a resistência chilena, como diz Ruth,

Nessa época antes da tentativa de golpe, durante o governo Allende, fazia assim, para ir montar uma praça em algum lugar, para ir pintar escola, esse tipo de coisa que você fazia, depois a resistência foi mais organização em termos de alimentos, distribuição de alimentos [...] E o contato da gente o que tinha, a gente tentava levantar o que tinha de arma, de tudo para passar para eles. Pelo que estava lá, pela perseguição que estava aos estrangeiros, a gente viu que quando não desse, a gente tinha que sair mesmo, porque estava ficando cada vez pior⁴⁷⁰.

⁴⁶⁸ Entrevista de Ruth Tegen, São Paulo, 10 de abril de 2010.

⁴⁶⁹ Idem.

⁴⁷⁰ Idem.

A prática do grupo contudo, apesar do estímulo a uma militância mais organizada, era bem leve, como disse Ruth, “era bem solto, é a gente comemorava, o dia internacional entendeu? Fazia festas e reuniões [...]”⁴⁷¹

No Chile, Ruth ajudou a colocar muitos militantes nas embaixadas. Tarefa nada fácil portanto, pois as pessoas tinham que atravessar as ruas de Santiago sob fogo cruzado, com a possibilidade de serem mortas, e sem a garantia de entrarem na embaixada, que passou a ser fortemente vigiada pelos militares chilenos. Não podiam também ultrapassar o toque de recolher. Ruth se lembra das mortes indiscriminadas que aconteciam no Chile,

Numa das vezes que a gente estava voltando para casa de manhã cedo, e as crianças ficavam na vizinha, e a gente que saía, ia para alguma casa de alguém que tivesse perto, a gente combinava. E tinha um cara deitado no chão, morto, depois passava o caminhão para recolher. De bruços super arrumado assim, estava de bruços, mas estava de blazer xadrezinho assim, me veio assim na memória que na hora assim, ah ele deve ser argentino, mas ficou marcado aquele negócio, aquela pessoa super arrumada, deitada no chão morta, daqui a pouco passou o caminhão, joga ali para dentro... [...]⁴⁷²

Para Eliete Ferrer que também chegou ao Chile um pouco antes do golpe, a situação foi trágica. No depoimento sentimos um pouco do clima em que se vivia,

No Chile só foi fugir, só foi fugir, cheguei lá... não fiz nada lá. Só me mantive viva. Meu objetivo era me manter viva, a mim e as pessoas porque em seguida veio o golpe, a gente mal chegou no Chile, não conhecia nada, mal falava espanhol. O Chile foi uma outra coisa, no Chile se a gente bobeasse a gente morria. Primeiro dia, por exemplo, a polícia bateu lá, além de mil coisas nos levaram para o terraço e fizeram, fizeram... como era o nome daquilo? É claro que me fuge, se explica, fuzilamento simulado, vocês vão morrer o caralho, não mataram, estou viva até hoje, não mataram não é? Mas você passa por mil coisas, sobressaltos, quer dizer, você a cada segundo você lutava para se manter viva. Desde que eu cheguei no Chile, praticamente dentro do golpe, até a hora que eu cheguei na Suécia. Então foi um negócio incansável, você não podia dormir direito, que você podia morrer, você não podia falar que... sabe, tudo, você precisava pensar em tudo, ter resposta para tudo e eu sou grande, eu sou mulher grande, eu hoje em dia sou mais gordinha porque sou mais velha, mas eu era magra, não era magra, nunca fui magrinha, mas mulher magra, tinha bunda, alta, ao contrário do chileno, eu não podia parecer chilena, eu jamais seria uma chilena, porque eu sou ágil, atlética entendeu, então eu era uma mulher magra com bunda então o chileno não tem bunda, o chileno não tem a cor da minha pele, nem as minhas feições, então foi um horror para mim sobreviver no Chile depois do golpe [...] As mulheres, os carabineiros trouxeram as mulheres, tentaram estuprar a gente, então um período muito difícil, muito ruim, uma merda. Eu hoje em dia estou contando um pouco. Aí depois levaram os meninos e os meninos para onde foram? Tiroteio, olha, o que eu passei no Chile eu não quero que nenhuma pessoa inimiga minha passe. Porque foi muito duro. Mesmo aqui no Brasil com a prisão do Luiz Carlos, eu passei muito mal, mas no Chile foi muito pior, porque você está no país dos outros, você não domina a língua, hoje em dia eu domino o espanhol, mas eu não dominava o

⁴⁷¹ Entrevista de Ruth Tegon, São Paulo, 10 de abril de 2010.

⁴⁷² Idem.

espanhol, recém-chegada, recém-saída do Brasil, entendeu? Eu não tive tempo de elaborar nada da minha vida, é, eu cortei a minha vida total, país, universo, espaço, tudo. Para ir para o Chile e o golpe... e eu só fui descansar, eu não sei quando, acho que dois anos depois que eu já estava na Suécia que eu fui parar. Não tive tempo de elaborar nada da minha vida, nada. Porque você pensa não é, vai dormir e hoje eu fiz isso, aquilo, você reflete, lá eu não tinha tempo de refletir, em nenhum momento porque se eu parasse para refletir, eu morria. Então nós, nós ficamos muito mal, dormimos agarradinhas. Quando a gente voltou da simulação de fuzilamento a gente viu que a porta tinha batido e a gente não podia entrar em casa, tem essas maçanetas que não abrem por fora, não é, aí estávamos sem chave. Aí o carabineiro chefe, o capitão Galhardo, ele pegou um molho de chaves enorme que ele tinha no bolso e foi experimentando e entrou, então a gente vivia ali no terror dele voltar a qualquer momento. Ele tentou estuprar a Leila, foi uma merda o que a gente passou. Então aí a gente sobreviveu, nem sei como, e da solidariedade de amigos⁴⁷³.

A ajuda, qualquer que fosse, então tinha um peso diferente. Era a diferença naquele contexto entre a vida e a morte,

E a gente conseguiu, a gente não, colocar pessoas dentro das embaixadas, levar, empurrar lá para dentro [...] Eu lembro que o Marco levou o Luiz Antônio Medeiros para a embaixada, ele foi para Venezuela. A Zuleika também foi para a Venezuela, é porque tinham algumas [embaixadas] que estavam mais fáceis de colocar, na da Itália estava meio complicado porque começaram a colocar carabineiro para tudo quanto era canto. Nós chegamos a ir num amigo chileno que ele nem era chileno, ele tinha um restaurante lá, ele era equatoriano, nos levou [até a embaixada], a Mila, a filha do Fratti, teve o golpe, ficou lá. A Mila tinha 14 anos, mas ela era desse tamanho grandona. A gente morria de medo. Qualquer noite os caras iam mesmo nos apartamentos, a gente tinha medo do que pudesse acontecer e a mãe dela conseguiu entrar na embaixada do Panamá, e daí ele levou a gente para a embaixada do Equador, nós chegamos lá, daí o cônsul chamou a gente e nos chamou de terrorista, eu com o Pedro no colo, ele tinha um ano. Ele nos botou para fora assim meia hora antes do toque de queda, nos enxotou daquela embaixada. Daí a gente consegue, a gente conseguiu ficar numa casa de um pessoal que a gente ia toda noite, quando a gente saía de casa ia para um *aparelho* de um pessoal que era para ficar durante a noite que era à noite que eles vinham. Era de brasileiros lá, é, e a gente ficava lá acordado a noite inteira. Depois no dia seguinte que a gente contactava o pessoal para ver no que que a gente podia ajudar, quem tinha que ser tirado, para onde ia. Eu lembro que chegaram lá no bairro onde mora o Washington [Washington Alves da Silva], a gente foi até lá, tivemos que dar meia volta porque estava tudo cercado, porque só tinha brasileiros ali naquele bairro. Aí a gente conseguiu levar algumas pessoas para algumas embaixadas, até que vimos que a gente tinha que ir também, aí a gente acabou indo para a embaixada do Panamá, depois foi até o Theotônio, que arrumou uma casa e aí transferiu o consulado para lá⁴⁷⁴.

Abandonando o Chile após o golpe, Ruth foi para a Europa. Estabeleceu-se na Bélgica. O trabalho com o grupo de mulheres no Chile foi ganhando novas configurações, já em contato mais estreito com o Partido Comunista, para as fileiras do qual, Ruth tinha retornado em 1974.

⁴⁷³ Entrevista de Eliete Ferrer, Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010.

⁴⁷⁴ Entrevista de Ruth Tegen, São Paulo, 10 de abril de 2010.

Mas depois eu acabei, eu acho que a Zuleika até que me convenceu mais, talvez até pelo trabalho que o partidão estava fazendo que a gente fez uns documentos, os primeiros documentos do partido das mulheres não é, que a gente discutia com o Giocondo Dias até esse documento, é porque quando eu voltei para o partido, a gente tinha já uma história desde o tempo do Chile, com a Zuleika, com as mulheres. A Zuleika chegou depois a escrever vários livros e quando eu estava na Bélgica a gente continuou. Aí quando eu entrei no Partido, eu participava com ela, com a Cristina que era mulher do Régis Stephan de Castro, a Cristina era uruguaia, a Cristina que hoje é casada com o Leandro Konder. E o Leandro a gente chamava muito, ele ia muito na Bélgica para palestras com estudantes, participava bastante das coisas da gente lá. Estava sempre com a gente lá. Que a gente fez um trabalho lá na Bélgica também com os estudantes brasileiros. Quando o Prestes esteve lá, ele reuniu estudantes brasileiros militantes. Então eu e a Zuleika a gente começou a trabalhar para fazer o documento do partido, porque tinha uma parte do partido que achava que isso era uma preocupação pequeno burguesa não é? A Anita principalmente, ela nem tomava conhecimento. A Anita era um sargento não é, do partido? E a gente começou a se organizar, tinha um pessoal do PCB, tinha de tudo, que fazia reunião. Até o Armênio Guedes que era do PCB e que representava eles lá, ficava irritadíssimo porque era para todo mundo se apresentar e eu ia como o Comitê de Mulheres Brasileiras. E o Giocondo deu o maior apoio para a gente, a discussão do documento era feita junto com o Giocondo na casa da Zuleika em Paris. E a gente foi. E o documento saiu, e eu acho que até um livrinho se eu me lembro bem sobre os comunistas e a questão feminina, da mulher. E era uma resolução bem avançada sabe? Que era um problema da discriminação da mulher, por que todas passam, que não era uma questão social, era uma questão de discriminação [...] era o começo, mas a gente chegou bem no começo desse resgate do PCB é, no Chile e depois com o pessoal em Paris, que já estava até mais avançado. Daí já tinha o movimento aqui no Brasil também, que a gente trocava ideia com eles. Essa militância do PCB era constante, organizar coisas, a gente ia às festas porque tinha o jornal dos partidos políticos, a gente ia na França do *Humanité*, tinha na Bélgica, a gente participava, a gente montava barraca do PCB também lá, e tinham conjuntos de música que cantavam quando tinha festa, dos gregos, dos comunistas gregos, dos portugueses, primeiro de maio, a gente participava de tudo, as crianças participavam também⁴⁷⁵.

Sandra Brisolla também realizou alguns trabalhos políticos no Chile. Passou a manter contato com o MIR (*Movimiento de Izquierda Revolucionária*) e a se encontrar com cerca de vinte mulheres camponesas. Era segundo ela,

[...] um pessoal querido, muito simples. E morava mesmo no campo. Era perto de Santiago mas era no campo. E o Chile não tem muita terra. O Chile é uma tripa. Mas, eles tinham feito reforma agrária. Então eles tinham uma certa consciência política por causa da reforma agrária que tinha distribuído terra. O pessoal da Democracia Cristã fez reforma agrária, não foi nem o Allende. Foi antes, foi o período anterior. Então e esse pessoal tinha um pessoal que era do partido socialista e obviamente no campo as atitudes machistas são muito mais arraigadas que nas cidades não é? Então tinha casos do homem que não deixa a mulher sair, que não deixa a mulher trabalhar, que não deixa a mulher fazer várias coisas, quer mandar no que ela faz e a gente discutia muito essas coisas com elas. Como elas tinham que reagir, como elas tinham que se organizar, e como elas podiam criar algumas facilidades que permitissem que elas se liberassem de várias tarefas domésticas para poder fazer outras coisas. E também alguns cursos de formação política.

⁴⁷⁵ Entrevista de Ruth Tegon, São Paulo, 10 de abril de 2010.

E depois eu comecei a militar no MIR quando eu terminei a Faculdade e comecei a fazer a pós-graduação. E aí eu já no final eu sai⁴⁷⁶.

Sandra também contribuiu para a caixinha que era feita pelos exilados no Chile para os mais necessitados. Já havia um montante de 70.000 dólares que já vinha sendo feito para receber os exilados no Chile.

Maria Lygia Quartim também chegou a ter algum vínculo com o Rede Democrática de Mulheres no Chile,

Eu entrei em contato, tive reunião com elas, mas no Chile a organização foi feita mais sob o controle do Partidão era a Zuleika Alambert. Aí a gente entrou de entrismo assim, as guerrilheiras, nós, entramos de entrismo, então por exemplo, assim reunião com aquele mulherio todo, então vamos fazer o Natal da criança, aquelas coisas do Partidão, então, dia tal, dia da Paz. Aí eu levantei a mão, companheiros, eu tenho uma proposta, que o dia 8 de outubro seja comemorado o dia do guerrilheiro herói, aí a assembleia aprovou. Então era um pouco assim a coisa, então fazia aquelas coisas de mulher. Eu conheci a mulher do Jonas, do Virgílio, ela estava lá com as criancinhas, eu vi que ela sobreviveu, porque a menina levou choque elétrico, foi um alívio ver a menina lá, ver todo mundo. Então faziam festas de Natal, essas coisas de confraternização, que era legal, porque eram para as pessoas realmente mais pobres entende? O Chile deu chance para muito mais gente do exílio, e eu perdi em vista dessas pessoas, porque os meus filhos tinham muito mais respaldo. Quando nós chegamos na França, nós tínhamos a dupla experiência, primeiro eu já tinha a experiência de luta de classes, eu vi o que que é a mulher reacionária, aquela mulher batendo panela contra o Allende, então sabe assim, eu sempre fui feminismo e luta de classes. Mas também era contra o partidão, porque eu era feminista⁴⁷⁷.

Na França, algum tempo depois participou do Círculo das Mulheres em Paris, um grupo essencialmente feminista. Como ela afirma,

Mas o grande grupo de mulheres se fez depois que eu estava no Brasil, que foi o Coletivo de Mulheres Feministas, acho que era o Coletivo de Mulheres Brasileiras, eu não me lembro qual era o nome do Coletivo, era o Coletivo, eu mesma depois estava no Brasil, *Nós Mulheres*, eu fui discutia com elas e foi um grupo extraordinário. Porque aí reuniu gente para caramba⁴⁷⁸.

Gozando de uma situação financeira privilegiada, Maria Lygia pôde ajudar exilados recém-chegados a cruzar a fronteira. Iam de carro, e assim não passavam por nenhum tipo de controle.

⁴⁷⁶ Entrevista de Sandra Negraes Brisolla, Campinas (SP), 24 de outubro de 2008.

⁴⁷⁷ Entrevista de Maria Lygia Quartim de Moraes, Campinas (SP), 17 de setembro de 2003.

⁴⁷⁸ Idem.

A minha cunhada, por exemplo, a Miriam queria ir para a França. E era de uma família muito rica, então nós tínhamos, o Eduardo tinha um carrão, a gente tinha um baita carrão, a gente foi, pegou a Miriam, marido, filhos, e enfiamos no carro e entramos na França, porque de carro naquela altura não tinha problema e assim o Eduardo vira e mexe ia buscar alguém⁴⁷⁹.

Ana Corbisier, quando esteve na França aguardando a ida a Cuba para realizar treinamento de guerrilhas, também ajudou a divulgar as ideias e os textos da ALN, em particular uma carta de Carlos Marighella aos Anti-Fascistas europeus que resultou na prisão de Albertina Gordo e seu marido Cláudio Vouga no Brasil⁴⁸⁰.

Chegando a Paris, Maria Lúcia Alves Ferreira começou a se reunir com outros militantes na Europa à procura de um novo caminho de luta. O modelo de luta da ALN chegava a um esgotamento para ela,

A gente reunia pessoas que a gente conversava e discutia com os grupos em Paris, teve um momento que eu, o Aloísio, o Abelardo, que era área próxima da ALN, a Luiza, o Maurinho, a gente resolveu dar um tempo para a ALN, a gente ficou, a gente assim achou que era melhor a gente dar um tempo, porque a gente não estava achando muito legal algumas coisas que estavam acontecendo aqui, e estava o Cláudio, o Frei Osvaldo, o Toledo tinha morrido. Esse grupinho, mais gente que era da ALN, não sei se o Aloísio... tinha outras pessoas, mas assim, eu sei que um dia a gente conversando com o Aloísio, a Luiza, o Maurinho, que eram da ALA mas ficaram próximos da ALN porque se identificavam mais com a ALN, então lá em Paris, a gente resolveu dar um tempo. Logo depois chegou em Paris algumas pessoas... Não passa um mês chega em Paris um pessoal com a Tendência, era o Rolando Fratti, o Ricardo Zarattini e o Del Royo eu acho que foram os que criaram, fizeram o documento, e eles foram contatando todo mundo. O Zara foi em Paris, na Itália, com essas pessoas, que já tinham ido já muitas pessoas, só exilados assim, que não tinham ido para Cuba, alguns que tinham voltado de Cuba, tipo o Del Royo, o Del Royo tinha voltado de Cuba mas não veio para o Brasil. Então eles fizeram contato em Paris, na Itália, na Argélia foram encontrar a Eliane e o Carlos Knapp da ALN, e nessa discussão da Tendência eu já estava indo para o Chile, então eu falei assim eu vou resolver isso lá no Chile quando eu chegar no Chile. Mas a gente achou maravilhoso o documento, todo esse grupo que eu posso lembrar, tem mais gente, Abelardo, o Maurinho já estava mais afastado, a Luiza, enfim, tinha muita discussão, tinham outros grupos também, e os documentos deles e a gente discutia e analisava, e eu cheguei no Chile em dezembro de 1971⁴⁸¹.

No Chile, Malu encarregava-se da produção da Revista *Unidade e Luta* já ligada à Tendência Leninista. Foram produzidos cinco números da Revista, que podem ser encontrados hoje no CEDEM/SP. O golpe abreviou o processo de criação e expansão da revista, como ela afirma, embora a orientação da TL fosse de continuar a luta, voltar a se engajar no Brasil ou ir para Cuba. A proposta, contudo, não foi aceita pelos exilados, que já

⁴⁷⁹ Entrevista de Maria Lygia Quartim de Moraes, Campinas (SP), 17 de setembro de 2003.

⁴⁸⁰ Entrevista de Ana Corbisier, São Paulo, 29 de abril de 2010.

⁴⁸¹ Entrevista de Maria Lúcia Alves Ferreira, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

vinham de uma ditadura no Brasil e tinham vivido uma derrota muito grande com o golpe chileno. Como Malu conta,

(A Revista) tem textos de discussão, tem uma entrevista com o Ibrahim, muito boa chamada Comissão de Fábrica, que eu me lembro assim, porque a gente foi, eu virei fotógrafa também, eu fotografava as revistas por microfilme e a gente mandava do Chile para o Brasil, e eles que revelavam aqui. Eu ia me mudar para a Argentina porque a Tendência ia mudar para a Argentina, e eu falei para o Zara que eu ia terminar a minha Faculdade, então eu fui para a Argentina para gente ver as possibilidades, como é que seria morar lá, não sei o que que a gente ia fazer, onde é que a gente ia ficar. A gente voltou para o Chile dia 10 de setembro ou 9, eu tinha uma passagem comprada para voltar para Argentina um pouco para ver já essas possibilidades de mudança e tem o golpe dia 11. Todo mundo queria que eu voltasse para Europa, [...] mas eu não queria e também eu tinha a minha ligação com a Tendência [...] então eu tinha compromisso, mas o pessoal todo e muita gente da Tendência foi, por exemplo, a Sônia [(Sônia Ferreira Lima), eu não sei se ela te contou isso, mas assim a orientação para ela era de voltar para Cuba [...] Quando você está se sentindo absolutamente derrotada, sofrida, entendeu? Nem o Marco Antônio [Marco Antônio Moro], nem a Ruth... acho que o Marco Antônio também era para voltar para o Brasil, [mas] assim, a gente estava muito fragilizado, eu estava fragilizada, entendeu porque eu assim, eu sofro, sabe, quando o Marighella morreu eu chorei, daí já foi um escândalo. Eu chorei porque ele foi enterrado como indigente, nossa, isso para mim foi a morte, como uma pessoa do vulto dele, e saiu no *Jornal da Tarde*, se você for procurar nos jornais você vê isso, enterrado como indigente [...] Eu jamais podia imaginar [que houvesse o golpe], o Zara falava o tempo todo que ia ter o golpe, para a gente se mudar para a Argentina, eu jamais pensei que ia ter o golpe no Chile. Era tudo muito rico, todo o processo que a gente vivia, a gente tinha muita esperança, sabe essa coisa assim, você ver que o Brasil... já era o que, eu cheguei lá era dezembro de 1971, já 1972 para a gente aqui no Brasil já nada entendeu? O Zara estava tentando, tinha contatos aqui no Brasil, mas está tentando ainda formar mais numa outra linha não é, de trabalho político, de enfim...⁴⁸²

Malu também realizava trabalhos em pequenas comunidades e nas fábricas nos fins de semana. Era um trabalho organizado pelo MIR, embora ela não tivesse vinculação com a organização.

[...] a gente não tinha militância organizada, esse trabalho que a gente fazia era com a comunidade, o Bigode [Cândido Hilário] trabalhava como operário na fábrica, então assim, quando ele sabia que tinha, como é que chamava, uma espécie de mutirão não é, tinha um nome, sábado e domingo para ajudar no negócio da produção ou limpar a fábrica, essas coisas a gente ia, então assim, era mais voluntário⁴⁸³.

Maria Lúcia Alves Ferreira foi também membro da diretoria da Rede Democrática de Mulheres. Ela conta que o grupo participou de muitas denúncias da ditadura civil-militar no exterior e promovia seminários e debates. Segundo ela, debatia-se não só a condição das

⁴⁸² Entrevista de Maria Lúcia Alves Ferreira, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

⁴⁸³ Idem.

militantes presas, mas também a questão da mulher no Brasil. Durou um ano e meio, segundo disse,

Era mesmo trabalho voluntário, a gente já tinha começado a trabalhar, mas eu militava muito na Tendência, eu trabalhava, eu me inscrevi na faculdade, depois de uns problemas que eu tive, eu tive que deixar de trabalhar entendeu, porque eu morava com uma pessoa dirigente da Tendência, e ele (Ricardo Zarattini) queria que eu militasse mais do que trabalhasse. Então, eu parei de trabalhar, fazia pesquisa também, e estudava também. E aí eu militava muito para a Tendência também. E a gente fazia a revista, eu que batia todas as revistas.⁴⁸⁴

Malu, enquanto esteve na França, recebeu também muitas denúncias vindas do Brasil para difundir. Um esquema de circulação de informações pela Europa foi realizado por Frei Osvaldo e José Luis Del Royo. Malu participou também de muitas campanhas pelo Brasil. Não vivia porém em função da luta, e tentava retomar estudo e trabalho.

Acho que foi pelo Frei Osvaldo, acho que o Del Royo ajudou muito, ele tinha contatos. Ah, estava o Sartre falando, olha eu tive campanhas... A gente não viveu em função disso, as pessoas tinham a sua vida, eu fiz um curso de mestrado lá, entendeu? Nesse ISSES que era onde o Aloísio [Aloísio Nunes] dava aula, ele que gestionou as bolsas para várias pessoas, Marcos Medeiros que era do Rio de Janeiro, o Falcão teve bolsa, o Maurinho, a Luiza, um cara de Minas, a Jussara [...]. Dois anos, sendo que eu ia muito para a Argélia porque eu fiquei muito amiga desse casal, o Carlos Knapp e a Eliane Toscano⁴⁸⁵.

O Convento dos Dominicanos também deu suporte aos militantes em Paris. Lá algumas pessoas ficavam alojadas. Eliane Zamikowski, embora estivesse morando em Londres, testemunha alguns encontros em Paris:

Quando eu fui para Londres eu tinha muito contato, porque a gente ia muito para Paris lá para a casa do Aloísio e da Vera, e o Frei Osvaldo também estava lá, eles militavam bastante, mas era um negócio muito... embora a gente fosse super amigo e estivesse sempre junto, a gente, que eu me lembre, não ficava discutindo o que eles faziam. Era uma coisa que eles faziam, que a gente sabia que eles faziam, mas não sabia muito bem o que eles faziam não é? Mesmo o Itobi era mais assim, não sei os contatos que ele tinha com o Glauber, a conversa era essa. O Convento dos dominicanos em Paris abrigou muita gente inclusive o Itobi morava lá. E o Osvaldo ficou lá também, então...⁴⁸⁶

Morando em Argel alguns anos antes, Eliane tornou-se a representante da ALN no país. Sua atividade era permitir a entrada em segurança em Argel dos militantes da organização.

⁴⁸⁴ Entrevista de Maria Lúcia Alves Ferreira, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

⁴⁸⁵ Idem.

⁴⁸⁶ Entrevista de Eliane Toscano Zamikowski, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

Eu era [responsável] só pela ALN, porque tinha um argelino que era responsável pelas organizações que estavam exiladas em Argel. Então o meu contato era só com ele, das pessoas que... Quando o Vladimir Palmeira chegou em Argel eu fui buscá-lo no Aeroporto, eu me responsabilizava por algumas pessoas que entravam em Argel, que eu conhecia que não eram espões nem nada. E aí levava para alguns lugares, era esse o meu trabalho em Argel. É, se realmente eram pessoas que estavam ligadas ao movimento ou se eram pessoas que estavam se infiltrando em Argel. Teve muito problema em Argel. Busquei, por exemplo, o Frei Osvaldo ficou hospedado na minha casa muito tempo, a Drozila teve também na minha casa. Algumas pessoas que chegavam assim ficavam lá. Eu lembro da Vera Tude, também da Drozila. É, em Argel ela tinha alguma função, mas também era um negócio meio secreto, que eu não ficava especulando muito, porque as pessoas agiam muito assim, então a gente não ficava conversando sobre o que que um ia fazer, o que que o outro ia fazer. Quando você volta de Cuba você está muito impregnada de que você não deve falar nada sabe, até uma vez foi muito engraçado porque convidaram eu e o Frei Osvaldo para ir na casa de uns italianos. E eles começaram a fazer perguntas e eu e o Osvaldo um olhava para o outro, ninguém respondia, ninguém falava, a gente não respondia as perguntas e aí os italianos acharam que a gente era meio estranho não é, mas é porque a gente estava imbuído dessa ideia de não falar para não prejudicar ninguém, para não se envolver, então foi uma noite muito engraçada. Toda vez que eu tenho encontro com Osvaldo, a gente volta a falar disso. A Malu que foi para o Chile, eu que preparei a ida toda dela para o Chile lá em Argel, porque ela estava morando na minha casa em Argel e ela queria ir para o Chile. E como eu era representante da ALN lá perante o governo argelino, eu que arrumei dinheiro, arrumei passagem, tudo para ela... o governo argelino era quem fornecia esses papéis não é? Porque eles lá tinham organizações de todo o mundo⁴⁸⁷.

Eliane também participou na Europa, de encontros feministas em Londres e na França, como afirmou,

A gente tinha um grupo de mulheres em Londres, que eram as feministas naquela época, 1972... porque eu morei em Londres 1972, 1973, 1974, aí eu fui para Barcelona. Então foi em 1973 foi assim complicadíssimo porque teve o onze de setembro e a queda do Allende não é? Então muitos brasileiros passaram por situações terríveis, inclusive a Malu que ficou presa na embaixada do Panamá, numa situação terrível, então tinham muitos brasileiros que iam para Londres. A Ia [Maria Lygia Quartim] mesmo, embora morasse em Paris, ela estava sempre lá, tinha um grupo de mulheres que a gente... naquela época era [...] também porque Paris e Londres na verdade é muito perto, a gente frequentava os grupos em Londres, os grupos em Paris. Sabe o que estava acontecendo naquele momento, era exatamente o contrário que eu sentia. Nos anos 60 teve aquela da mulher se voltar contra o homem, sabe para se afirmar como ser humano, para ser respeitada, ser livre tudo que aconteceu nos anos 60. Mas aí caiu num exagero, no meu modo de ver. Não só hoje em dia mas naquela época também eu via, caiu num exagero muito das mulheres ficarem com uma raiva dos homens, tudo era culpa dos homens. Tinha um livro de uma francesa que todo mundo lia que era assim, o título do livro, Uma mulher precisa tanto de um homem quanto um peixe de uma bicicleta, sabe? Então tinha um exagero assim nas leituras que eram feitas, nas colocações porque o homem... e aí engraçado porque eu sentia tudo isso assim, que era um exagero e depois as próprias feministas começaram a sentir isso porque começou a ter uma publicação de livros totalmente diferente, das mulheres que estavam muito insatisfeitas com tudo isso, porque

⁴⁸⁷ Entrevista de Eliane Toscano Zamikowski, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

elas estavam se sentindo sozinhas, porque elas assumiram um papel que estressava demais porque tinha três, quatro papéis, então eu sei que a vida dessas militantes feministas muito radicais se tornou um inferno. Quando eu vim aqui para o Brasil, eu conheci muitas delas, que eram sexólogas e isso e aquilo, militante do PT, extremamente radicais, mas extremamente infelizes. Aquilo que eu sentia. A gente... eu também não gostava muito porque essas reuniões acabavam sendo assim, reuniões para falar mal do marido ou do namorado e ficavam todas contando coisas particulares⁴⁸⁸.

Sônia Maria Ferreira Lima exilada no Chile e posteriormente na Suécia integrou-se ao Rede Democrática de Mulheres. O grupo continuou, como ela conta, atuante na Suécia e Panamá,

O Grupo de Mulheres Democráticas brasileiras era um grupo que sobreviveu o Chile, no Chile não muito, porque como eu te falei, eu estava na clandestinidade e foi só depois que o *Velho* caiu e que o Hélcio foi morto, o *Velho* foi morto também, que eu pude viver abertamente. Cheguei clandestina [ao Chile], era só tratar da saúde e voltar. Aí começou as mortes e o Tavares [José da Silva Tavares] voltou e acabou com a essência nossa que tinha ficado. A gente começou a... é, a gente tinha contatos com a Suécia, o pessoal mandava roupas da Suécia, a gente tinha uma organização de distribuir roupa, porque aqui parece, contando para você, parece que não é nada, mas era coisa assim, importante, bem importante entende? E era o partidão, o pessoal do Partidão que estava organizando tudo isso. E aí, o Grupo de Mulheres Brasileiras, de Mulheres Democráticas, que era assim, uma função assim, muito mais por assim dizer, dona de casa. Dona de casa organizada, entende? É, eu e a Elza tínhamos muito contato, contato político, a gente tinha reuniões de célula, o César Maia e eu. Mas eu tive contato com o pessoal, um por um, em lugares diferentes entende? A compartimentação... É, a gente fica com muito vício, mesmo nos tempos assim... porque o Lênin fala, que a gente deve lutar no tempo de paz e no tempo de guerra. Mas a gente continua... Trabalhava mais em Santiago, e depois a gente foi para Entroncamentos. Eu era da direção, mas era, eu acho que o nível político era muito baixo das mulheres do partidão. Era essencialmente de mulheres que saíam, saíam com o marido e os filhos. Houve muito disso⁴⁸⁹.

Apesar de ter superado a fase chilena, Sônia acredita que o grupo, com a sua mudança, não obteve um salto de qualidade política muito grande.

É, a gente era, chegava, levava para o acampamento, em geral o pessoal do acampamento eu tenho a impressão que era gente assim da reserva entende? Entra no exército, sai do exército todo mundo fazia isso não é? E a gente tinha medo deles, não queria aceitar esse negócio entende? Muitas vezes a gente, tinha gente de muitas organizações diferentes e muitos chilenos principalmente, o pessoal do MIR, eles achavam que a gente não tinha direito, eles chamavam a gente de estrangeiro, no Panamá e na Suécia. No Panamá a gente continuou com o Comitê, Grupo Democrático de Mulheres e na Suécia também, a gente continuou, a trabalhar mais com o pessoal do partidão, porque aí eu entrei, com as mulheres do partidão. A gente continuou essa parte. Eu me lembro, uma que era do partidão, que trabalhava no Palácio das Artes em Belo Horizonte que chama Nair, o filho dela se matou, a Valquíria, que era casada com o Nóbrega que era da VPR,

⁴⁸⁸ Entrevista de Eliane Toscano Zamikowski, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

⁴⁸⁹ Entrevista de Sônia Maria Ferreira Lima, Ouro Preto (MG), 27, 28 e 29 de fevereiro de 2009.

Margot Rachid é... depois tinha um pessoal do Ceará, um pessoal do Nordeste... Depois tinha uma que chama Valdenice, que era casada com o Washington que era do nordeste do Brasil que também está no processo de anistia. Como eu te digo, elas eram assim umas senhoras que acompanhavam, é. Mas são essas pessoas que eu me lembro agora. Olha eu vou te dizer uma coisa, eu te diria que não deu um salto de qualidade, e eu acho que o partido comunista, não é que eu tenha uma ojeriza contra o partido comunista não, mas a formação de quadros já estava, o pessoal já estava tão assim... é, que, ah, eles davam golpes entende, eles davam golpes assim nas direções. Eu era presidente do Grupo de Mulheres Democráticas, aí eu quis juntar chileno, eu quis juntar uruguaios, argentinos, porque aí os uruguaios já estavam chegando, o pessoal da Argentina já estava chegando, então a gente queria assim uma organização de mulheres. Não podia falar socialista, nem comunista porque tinha muita mulher que não aceitava, então a gente fazia, democrática é melhor, porque, assim para todo mundo. E davam golpe entende? Botavam outros, às vezes tinha reunião assim, reunião grande e eu como presidente convocava as reuniões, os secretários, a gente fazia as coisas lá e tudo entende? E de repente as mulheres do partidão falavam assim, hoje a gente, hoje a reunião vai ser para eleger a diretoria, entende? Aí colocava gente que nem sabia o que estava fazendo lá entende? E sempre, eu achei que ficou assim, havia uma polarização, entende? Era mais uma organização para as mulheres latino-americanas, é. Agora o programa, se você me perguntar sobre o programa, eu não posso te dizer nenhum ponto deles, entende? Porque eu me esqueci totalmente, pode ser que tenha alguma coisa no Boletim⁴⁹⁰.

O grupo, composto só de mulheres, ficou se reunindo até a Anistia no Brasil. Sônia continuou militando e participou ativamente também das campanhas pela Anistia na Suécia, que mobilizaram muita gente. O grupo de mulheres com a decretação da Lei de Anistia e a possibilidade de volta ao Brasil dos militantes ficou então dividido, como ela lembra,

Depois veio a luta pela Anistia, que também a gente ficou dividido. Eu participei. Eu tinha um, eu ia fazer contatos internacionais, França, Bélgica, essas coisas. Chamava Brasilien Komitee, Comitê Brasileiro, os jornais. Era uma A4, uma folha A4 dobrada em dois, usava todo o espaço, assim uma letrinha pequenininha⁴⁹¹.

Junto à distribuição do Boletim, essas mulheres também arrecadavam dinheiro através de festas e reuniões:

Todo mundo fazia isso lá, vendia comida, empanada chilena, vendia vinho, para arrecadar dinheiro, sempre fazia isso sim. Eu tenho a coleção [do Boletim] em casa. Eu preciso trazer, o nosso boletim do Comitê Brasileiro eu achei que ficou muito assim muita divulgação da notícia da política burguesa brasileira, das denúncias entende, documentos assim que o pessoal conseguia, documentos secretos da embaixada, agora não sei qual que era... acho que ficou muito assim divulgação da política da ditadura burguesa entendeu? Acho que perdeu um pouco da essência, a gente fazia muita denúncia, mas eu sou mais do ponto de vista pedagógico entende? Conhecimento, acho que conhecimento é o que nos ajuda. Eu acho que foi até quando veio a Anistia, porque a gente queria, o pessoal que não era do Partidão, nós éramos da linha da Anistia Geral e Irrestrita, e o partidão, não sei, era uma linha lá... é, eu não sei como chamava a linha deles, mas o

⁴⁹⁰ Entrevista de Sônia Maria Ferreira Lima, Ouro Preto (MG), 27, 28 e 29 de fevereiro de 2009.

⁴⁹¹ Idem.

pessoal da luta armada eles não queriam colocar no plano, você vê que absurdo? Porque eles achavam o seguinte, [...], a gente já começou a se organizar pela Anistia no Chile e o Fratti falava assim, o Fratti tinha umas ideias muito doidas, ele falava assim, olha, o negócio é o seguinte, eu acho que o pessoal do partidão eles pensam assim, se a gente começar por etapas, tinha aquele negócio de queimar etapas, não sei se você, se leu alguma coisa dessa. Então a ditadura está mais aberta, o povo brasileiro está mais aberto para aceitar as pessoas que não pegaram em armas entende? Eram essas ideias assim, e nós tivemos uma luta assim, um racha bem grande lá, porque a gente se dividiu mesmo, pelos dois tipos de Anistia. Nosso lado ganhou realmente. Acho que depois o partidão entrou, quando ele já viu que já não tinha... que estava ganhando terreno mesmo, simpatia a isso entende? A nossa linha. A gente continuou se reunindo até acho, setembro, outubro de 1979 se não me engano, sai o Decreto da Anistia, eu não sei se foi com o Figueiredo, com quem foi... Aí, a gente se dividiu, todo mundo veio para o Brasil. Os que puderam vieram para o Brasil logo... o Hércio e a Paloma já tinham nascido, o Hércio é de 1974 e a Paloma de 1976. Aí em 1979 eu comecei a estudar Psicologia, já comecei a trabalhar como professora de espanhol e português em 1975, sabia muito pouco sueco, mas arranhava um pouco inglês, estudei inglês aqui⁴⁹².

Eliete Ferrer também viveu o exílio sueco e participou de algumas atividades junto ao Comitê de Anistia, embora destaque as vaidades que havia em seu interior,

Eu tive participação nesses comitês, tive participação em entrevistas. Muitas vezes a gente foi entrevistado sobre o Chile, sobre o Brasil, então sempre que eu podia eu denunciava, mas não participei assim desses negócios. Ah, a gente vivia lá com o pessoal chamado Chile Comitê, a gente chegou e tinha aquele comitê de suecos e suecas não é, que era o Chile Comitê que nos dava guarida para caramba, nos ajudava bastante. Fora a ajuda institucional que na Suécia foi muito grande, nós tivemos ajuda dos comitês de apoio à pessoa oriunda do Chile. Foi uma leva enorme que foi para a Suécia, muita gente, não só brasileiros, mas bolivianos, chilenos, argentinos, uruguaios, então tinha muita gente mesmo. A Suécia tinha esses comitês de apoio que nos... que fazia até turismo com a gente, por exemplo. A gente militava no Comitê, tinha o Comitê, Comitê de Anistia na Suécia, isso eu participava, desse Comitê de Anistia. Participava um pouco. Por quê? Porque eu achava na época que os comitês eram muito viciados, as pessoas, era muito mais jogo de poder, vaidades. Lugar onde só tem cacique, não tem índio, cada um se julga uma liderança sei de lá quem não é, então isso enche o saco um pouco de participar desses lances porque é um saco você lidar com estrelas⁴⁹³.

Destaca também a grande atuação que o Primeiro Ministro sueco teve na resolução da situação dos estrangeiros no Chile. Edelstam chegou a ir pessoalmente ao país para auxiliar os militantes perseguidos. A Suécia, como ela disse,

Foi um país incrível, o primeiro Ministro foi pessoalmente receber a gente no Aeroporto. Quando a gente chegou na Suécia, tem essa passagem, já que você falou deles não é, nós fomos levados a umas lojas, para [comprar] roupa, a Suécia, o Estado nos pagou roupa, tudo. Nos deram uma pacote assim que a gente chegou com sabão em pó, absorvente higiênico, escova de dente, copinho, higiene pessoal não é, aquele pacote. Para os

⁴⁹² Entrevista de Sônia Maria Ferreira Lima, Ouro Preto (MG), 27, 28 e 29 de fevereiro de 2009.

⁴⁹³ Entrevista de Eliete Ferrer, Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010.

homens tinha esse pacotinho e tinha creme de barbear. Das mulheres tinha absorvente higiênico, a diferença era essa, o pacote masculino e o pacote feminino. Depois no dia seguinte nos levaram às lojas, para gente nos vestir, então nós ganhamos sapato de verão, tamanco, chinelo, bota, tênis, meia de mulher, meia soquete, meia de andar, calça comprida de lã, meiona, tinha X calças compridas, blusa, blusinha, camisola, um enxoval, eles nos compraram um enxoval, um enxoval completo, guarda-chuva. Eu nunca tinha tido guarda-chuva, gorro, tudo, luva, um guarda-roupa⁴⁹⁴.

Lisete de Silvio durante sua passagem pelo Chile destacou a solidariedade que encontrou nas Poplaciones chilenas, quando teve que se esconder no momento do golpe. As favelas de lá prestaram enorme solidariedade aos resistentes, acolhendo as pessoas procuradas, ajudando-as com contatos e informações, e dividindo a pouca comida disponível. A época era de grande escassez de gêneros alimentícios no país. Carmem Castillo, com quem nos encontramos em Paris, em conversa informal disse que, no Chile, sempre houve uma militância política muito forte nas favelas. O MIR, por exemplo, organização da qual fez parte, tinha um profícuo trabalho de formação política nesses locais. A considerar também o depoimento de Sandra Brisolla, uma das formas de penetração da organização nesses locais era feita através da organização de mutirões para o abastecimento de água, comida, armas, etc.

[...] o pessoal [durante a resistência no Chile] já tinha aberto uma rota de fuga por um muro que dava para uma favela. Uma favela chilena naquele então, era totalmente diferente de uma favela daqui. E era pobre? Muito. Mas era bem mais digna, sabe os caras tinham água para repartir, era mais limpa, era toda diferente, muito diferente e foi assim, uma das coisas muito lindas que eu vi no Chile, na Argentina. No Chile nessa época, a gente indo lá na favela e aquelas pessoas muito pobres, paupérrimas, elas chamavam a gente para se esconder na casa delas, no casebre delas. Então assim, onde a gente ficou algumas horas eu e o *Amaral*, era assim. Tinha umas pessoas velhas, idosos, tinha uma senhora que eu me lembro bem – tinha crianças e tinha adultos – então a comida não era nada, três batatas, duas bolinhas de manteiga, uns pães velhos e eles repartiam. A gente falava assim, não, não, não é, para não tirar deles. E eles faziam questão de repartir. Então era assim, muita solidariedade. E a gente depois foi para casa de outro operário que ele conhecia, daí tinha aquele correio do peão, como é que chama, jornal do peão, então eles avisavam quando tinha agendamento. Agendamento era quando eles chegam na sua casa e tiram tudo do lugar, eles tiram até essa capinha da tomada, do sofá, procuravam coisa no terreno, para ver se tinha coisa escondida, estouravam tudo da casa das pessoas, tudo, quando não levavam preso, quando não matavam. Então a gente picava a mula e ia para outra casa que o *Amaral* conhecesse, até que o *Amaral* teve que ir para outro lugar, me passou para o *Pedrinho*. A gente ficou de casa em casa até que arrumaram uma casa assim, classe média alta, mas aí era assim, não tinha mais o que fazer, e tinha o toque de recolher, então a gente falou, vamos para a embaixada[...]⁴⁹⁵

⁴⁹⁴ Entrevista de Eliete Ferrer, Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010.

⁴⁹⁵ Entrevista de Lisete Lúcia de Silvio, São Paulo, 29 de agosto de 2010.

Leda Gitahy saiu do Brasil em 1969. Ficou no Chile até o golpe de Pinochet indo para a Suécia posteriormente. Teve muitos trabalhos que envolviam militância política e encontro com trabalhadores. Foi no Chile que começou a se dar conta da diferença que havia entre a participação masculina e feminina na sociedade. Até então tinha tido uma educação livre, voltada para o estudo. Sua casa abrigou muitos militantes que chegavam perdidos ao Chile. Lá também eram realizadas reuniões da Tendência Leninista, da qual seu marido Bernardino Figueiredo era militante. Leda permaneceu, entretanto, atuando junto aos camponeses e operários chilenos sem ligação com a TL, a não ser o acolhimento para as reuniões.

No começo a gente, eu trabalhei, a gente trabalhou o tempo todo, porque aí o pessoal, os brasileiros nos ajudaram, nos receberam. Os brasileiros no Chile tinham uma caixinha que todo mundo dava dinheiro para ajudar as pessoas que chegavam. Tinha lá todos os ministros, ex-ministros do Jango, estava o Paulo de Tarso, estava o Plínio de Arruda Sampaio, tinha um monte de gente, e outras pessoas que eram da CEPAL que também ajudavam, depois tinha o Serra, Fernando Henrique tinha ido embora, tinha um bando de gente, mas eles sempre recebiam as pessoas e ajudavam, eram várias gerações, um pessoal do PC, enfim tinha várias pessoas lá que recebiam a gente [...] Eu entrei num treco chamado Fondo de Education y Extension Sindical, é uma coisa de capacitação camponesa e de pesquisa. Aí no começo eu fui auxiliar de pesquisa, depois eu fui, eu trabalhei numa pesquisa grande sobre os aforinos, sobre os boia-frias, mas eu dava muito curso, então eu trabalhava com capacitação em reforma agrária. Quando eu trabalhei lá, eu trabalhei bastante com implantação de reforma agrária, e depois eu fui para um outro treco que chama ICIRA que é Instituto de Capacitacion [Instituto de Capacitación y Investigación de la Reforma Agrária – ICIRA], é uma coisa Internacional com o governo chileno também uma coisa de implantação de reforma agrária. Então eu trabalhei a maior parte do tempo com reforma agrária, e no final eu fui para uma coisa que chamava INACAP que era como SENAI, e aí eu trabalhei com uma implantação da gestão, participação dos trabalhadores na gestão das empresas da área social. Eu trabalhei muito com essa parte, com camponeses [...] Eu trabalhava com reforma agrária, depois com capacitação operária, e fora do trabalho eu trabalhei muito com populadores, que era toma de terreno, sem-teto, e depois a gente fazia educação política, fazia curso de capacitação. Eu sempre trabalhei com camponeses, operários, e populadores. E aí tanto por militância como por... mas aí eu fui do Partido Socialista. As reuniões da TL eram na minha casa, eles viviam lá, mas realmente eu sempre fui [...] eu fazia toda a minha militância no Chile, e no Chile com operário, com camponês, que eu achava que se a gente ia voltar, a ideia era voltar, nos preparar para fazer guerrilha, revolução, a gente precisava aprender com o movimento operário, camponês, essas coisas, e uma maneira de aprender era trabalhando com eles, e aí eu fui trabalhar e fui militante do PS e no PS eu cheguei a ser Secretária Municipal, eles me ofereceram cargos até, eu era da Comissão Nacional Agrária, sabe, inclusive me ofereceram, uma época queriam que eu fosse interventora de uma fábrica e eu não aceitei. Eu achei que era, eu era muito nova, eu não tinha cacife para uma coisa tão grande. Eu trabalhei com mulheres, aliás a coisa de mulheres, a coisa de gênero, a questão de gênero, a minha ficha de gênero só caiu no Chile trabalhando com mulheres camponesa. Não me tinha caído a ficha de gênero antes, porque em casa nunca me passou pela cabeça que mulher tinha, sabe uma posição, como eu fui criada para ser uma profissional, uma doutora, umas coisas assim, eu não achava que tinha... eu não pensava nisso, isso não estava no meu... eu tinha lido claro, eu já tinha lido *O segundo Sexo*, Simone de Beauvoir e aquela coisa toda aí, mas eu não estava muito ligada nessa questão do gênero. A questão da mulher camponesa foi muito importante para mim. Por

quê? Porque eu ia lá para trabalhar com os sindicatos, então quem tinha me mandado era o partido, porque depois eu ia também pelos organismos agrários, de reforma agrária. Mas quando eu ia pelo partido eu tinha que ir lá, aí eu chego na reunião e eu tinha que dar assessoria a uma série de sindicatos camponeses na periferia de Santiago, e outros em volta. Aí eu chegava lá e era engraçado porque nas reuniões do sindicato só iam os homens e as viúvas, porque uma viúva era considerada um chefe de família, então ela não era bem uma mulher ou homem, ela era chefe de família entendeu, era esse o critério. Aí eu falava porque que as companheiras não vão? Porque elas são companheiras. Aí que eu descobri eu perguntei, mas ué, mas eu sou, e eu? Não, você não é, eu não sou mulher, eu era o partido, eu era a instituição que eu representava. Aí que eu comecei a entender que era um negócio meio implícito, aí a gente começou a trabalhar com as mulheres então a gente fazia reuniões com as mulheres. Aí uma outra de nós ficava com as crianças, para as mulheres poderem fazer reunião, sabe? A gente começou a organizar separado, homens, mulheres, crianças, e aí as mulheres começaram a me pedir coisas que eu não sabia como lidar. Por que era o seguinte, por exemplo, o problema de espancamento, de violência familiar, entendeu, então elas vinham falar comigo para eu fazer alguma coisa, e foi então que eu percebi que tanto as mulheres como os homens queriam que o partido ou a instituição, seja lá o que fosse, que era muito importante para a vida deles, eles participavam daquele partido há séculos, o Partido Socialista, não era uma coisa nova sabe, e que as instituições lidassem com uma coisa que na nossa cabeça simplória tinha a ver com o privado, e foi aí que eu comecei a me ligar com gênero, foi aí também que por causa da reforma agrária, que eu me liguei com a coisa de ciência e tecnologia, que do tipo de tecnologia, do tipo de trabalho disso dependem as relações sociais, um monte de coisa que eu trabalho até hoje [...]⁴⁹⁶

Leda enviava denúncias sobre tortura para o exterior. Tudo que chegasse ao seu conhecimento, divulgava, difundia. Na sua casa havia muito material da TL e um permanente movimento de gente abrigada. Faziam uma caixinha entre amigos mais próximos para ajudar as pessoas que chegavam.

O que a gente fez, o que chegou muito para gente, que a gente mandou para fora, foram todas as denúncias, as denúncias de tortura, chegava muita coisa na nossa mão, e chegava muita gente na nossa mão, gente assim, por exemplo, um dia chega um lá do PCdoB, um dia chega um cara, toca a campainha da minha casa, me larga uma menina lá e fala tchau, vira as costas e vai embora. A menina estava completamente mal pela tortura, completamente pirada, sabe, então as pessoas chegavam. E como a gente era muito conhecido, chegava na nossa casa tudo quanto era partido e organização, de várias partes diferentes do Brasil, que chegavam e que a gente que cuidava. Nós moramos em várias casas e no final a gente estava morando em seis, mas sempre naonde a gente estava chegava gente ou chegava gente porque as pessoas iam lá para a Faculdade, alguns chilenos tinham encontrado um brasileiro perdido na rua, eles levavam para faculdade, e aí eles levavam lá para a gente cuidar, então chegava de tudo, essa coisa de receber gente, por exemplo, tudo que a gente ganhava, além da caixinha geral, a gente tinha uma caixinha privada do grupo dos nossos amigos mais próximos. Era o seguinte, quando a pessoa chegava, chegava todo mundo muito mal, aí você tinha que colocar essa pessoa numa casa, dar um tempo para ela, sabe, arrumar a vida dela, e a gente, e não era bom você ficar sustentando aquelas pessoas, então a gente dava uma bolsa. Aí você dava um dinheiro e se a pessoa tivesse o nome marcado, tivesse que dividir as despesas, aí dividia desse dinheiro que ela recebeu. Imagina que chato você chegar na casa dos outros e não

⁴⁹⁶ Entrevista de Leda Gitahy, Campinas (SP), 8 de maio de 2010.

ter nem dinheiro para um ônibus, sabe essa coisa? Depois você precisava botar as pessoas nas casas e combinar com a personalidade delas, porque gente na mesma casa não pode ser gente que não combina com gente. Então tinha essa coisa, a solidariedade foi direto, e aí a gente tinha um grupo mais próximo, que a gente fazia essas coisas, uma outra caixinha, além da caixinha geral. A gente tinha uma caixinha própria, então quando a pessoa já conseguia, já estava trabalhando e tudo, o que acontecia, ela também todo mês dava uma porcentagem para...⁴⁹⁷

Leda conseguiu colocar também pessoas na embaixada, e liberar seu marido, Bernardino Figueiredo, da tortura do Estádio Nacional. Foram detidos em casa no dia 13 de setembro. Um dos militares vendo-a no Estádio com uma criança recém-nascida nos braços, a retirou dali de dentro. Leda pôde voltar para casa. Foi então que teve mais liberdade de ação para poder ajudar.

Eu tinha muita possibilidade de ação, eu conseguia fazer muita coisa, e foi o que eu fiz todo esse tempo, salvar gente, botar gente em embaixada, ficar embaixando gente, de ajudar chilenos, brasileiros, eu que botei o José Nóbrega dentro da embaixada, dos brasileiros, que ele tinha levado um tiro, estava ferido. Isso foram alguns meses, e eu precisava tirar o Bena [Bernardino] lá de dentro [Estádio nacional], porque eu tinha medo que eles o mandassem para o Brasil. Eu consegui um papel que fez ele não ser torturado, porque eu não fui lá no meu trabalho, mas eu fui no trabalho dele, aí tinha lá um interventor militar, aí eu ia lá com o meu bebê. Eu cheguei lá assim e falei para o cara, ah, pois é, eu estava lá com meu marido, imagina que o meu marido foi preso porque lá na minha casa tinha carta, e era verdade, tinha mapa, cartas aéreas, era do trabalho dele, não tinha nada disso, tinha bússola, claro ele era geólogo, imagina que ele foi preso, porque tinha aquelas coisas geológicas, que eram de uma empresa de mineração, e aí eu cheguei lá para o cara que era interventor, era um militar, não sei se era coronel, major, não me lembro, aí eu cheguei lá toda arrumadinha. Ah então já que não tinha ninguém aqui, meus pais não estavam aqui, estavam no Brasil, então que eu queria que ele me desse conselhos e dissesse o que eu deveria fazer. Aí o cara mandou chamar o procurador para me dar assessoria jurídica, não me pagaram o salário do meu marido, sabe, com aquela história de eu ser mulher e ter um bebê. E eu descobri, era arriscado mas ao mesmo tempo era uma coisa que... que eu devia ajudar o meu marido. Aí ele me deu um papel, e me deu um papel assinado por ele, que o Bernardino era um ótimo funcionário, que foi preso com essas coisas que tinha sido... sabe essas coisas? E eu consegui fazer esse papel chegar na mão dele, eu mandei, fiz várias cópias por exemplo, peguei certificado, fiz várias cópias, certifiquei, fiz com firma reconhecida, mandei um para a Cruz Vermelha, outro para o Alto Comissariado, outro para uma pessoa que trabalhava lá. Mas o que chegou na mão dele, eu mandei pelos caras que prenderam a gente, que iam toda hora levar preso lá. Fui lá, pedi para eles levarem o papel, claro que era, nós estávamos marcados todos nós, aí eu falei, mas você leva ou não leva? Aí ele falou, levo, e levou, e chegou na mão dele. Então quando ele ia ser interrogado pela polícia brasileira, ele tinha o papel, assinado por um militar. Então a gente, nessa fase a gente fez um trabalho, eu fiz, junto com os padres esse trabalho de salvar gente e de botar um monte de gente dentro da coisa, botar criança na embaixada. Minha mãe foi para o Chile, porque eu pedi para ela ir para o Chile porque ela estando lá eu ficava com retaguarda, porque eu estava arriscando a vida do meu filho você entendeu? Meu maior

⁴⁹⁷ Entrevista de Leda Gitahy, Campinas (SP), 8 de maio de 2010.

terror era ser presa com uma criança, isso que eu tinha mais medo, por isso que eu demorei tanto a ter criança, ainda sou presa com uma criança, e aí dá o efeito contrário entendeu? Mas ali podia dar e podia não dar, dependia do maluco que você cruzasse, então essa foi a fase no Chile. Foi um período bom fora essa parte triste do final⁴⁹⁸.

Junto de sua mãe, que foi para lá depois, Leda comprou uma camionete. Instalou em seu interior um berço para a criança e transformou o veículo num “instrumento de salvação de pessoas”, como afirmou à pesquisadora Olívia Joffily⁴⁹⁹. Percorriam as ruas de Santiago, transportando pessoas para as embaixadas para que pudessem pedir asilo político. Além do auxílio nas embaixadas, Leda criou um trabalho de assistência às mulheres separadas. Como ela afirma,

[...] as mulheres, foi o seguinte, lá o que deu as coisas com as mulheres, o que aconteceu com as mulheres, as mulheres chilenas tinham formado um grupo que chamava AUCAN e esse grupo na verdade era para apoiar os comedores populares, foi uma repressão enorme nas povoações, você criava panelas com minúsculas para alimentar as crianças, para crianças não morrerem de fome, e você fazia uma série de atos, de coisas para juntar dinheiro, para financiar suas atividades de apoio à população mais pobre. Só que o AUCAN ele era um grupo para isso, só que nessa fase, em geral isso acontece bastante, o que que acontecia, logo depois do golpe, as pessoas começam a entrar em parafuso, está em outro país, tanto que entraram em parafuso que começaram a se separar, aquele monte de casal a se separar, aquelas mulheres entraram em depressão, sabe? Então aquelas confusões, então o que que aconteceu, ali, primeiro uma amiga minha se separou, aí eu ficava lá dando assessoria, aí de repente começou a correr a bola de que eu era boa para ajudar gente que estava mal, e eu estava ficando louca de ajudar toda aquela gente, sabe de ir lá, ficar lá, cuidar das crianças. Mas aí eu convenci o pessoal da AUCAN, que eu ajudava eles, eu não era da AUCAN, de que o cuidado dos casais separados era uma tarefa revolucionária, era uma tarefa política, era solidariedade entre as mulheres e que se a gente se organizasse, ia ficar muito mais leve para todo mundo. Você fazia turno, então alguém ia lá, lavava roupa, cuidava das crianças, ia buscar as crianças na escola, limpava a casa, alguém ficava lá ouvindo a pessoa chorar e falar, porque você não tem o que dizer, você tem que ouvir. Mas aí não ficava nas costas de uma, duas pessoas entendeu? Então a gente começou a lidar com... porque você sabe que a esquerda não lidava com essas coisas. Para a gente lidar com essas coisas, a gente precisava, não tinha uma forma organizada, o que tinha é que você procurava as pessoas para... por exemplo, chegou uma pessoa muito mal, por causa de tortura, está lá arrebitada psicologicamente, aí o que que você vai fazer? Você vai procurar alguém que está lá e que é a psiquiatra, então um brasileiro psiquiatra, um chileno psiquiatra, e aí essa pessoa vem e vai dizer por exemplo, como essa moça, ah, não é bom essa pessoa do jeito que está, ficar numa casa que tenha criança, precisa mudar de casa, aí precisa procurar outra casa, daí você começa a dar, fazer o tratamento dessa pessoa. Não, mas não era organizado, a gente fazia essas coisas meio, claro que você usava as pessoas das organizações, mas não era feito de forma organizada. A gente organizava essas redes de ajuda, as caixinhas que a gente tinha, a gente fazia isso mais organizadamente e pedia ajuda às pessoas e elas atendiam, mas como eu já tinha essa experiência do nosso exílio, do exílio dos brasileiros, quando começou a acontecer o exílio dos latinos, eu joguei essa coisa como uma tarefa, e eu

⁴⁹⁸ Entrevista de Leda Gitahy, Campinas (SP), 8 de maio de 2010.

⁴⁹⁹ JOFFILY, Olívia Rangel. *Esperança Equilibrada: Resistência feminina à ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. 2005. Tese de Doutorado (Ciências Sociais). Universidade Católica – PUC-SP, São Paulo, p.108-109.

consegui convencer. Ainda bem não é? A gente conseguiu que esses grupos que eram para outras coisas, que eles também fizessem essa parte de mulheres, de crianças, de depressões, de apoio às famílias, porque isso não estava na pauta, e aí muitos grupos, daí surgiram muitos grupos feministas depois.⁵⁰⁰

Leda dava apoio aos Comitês de Luta pela Anistia e participava também do *Brazilien Gruppen*.

A atuação de Yara Gouvêa parece ter sido muito mais perigosa fora do país do que dentro dele. Tendo saído do Brasil em 1969, Yara foi para Genebra. Era ela quem recolhia a informação do Brasil para ser divulgada no FBI (*Front Brésilienne d' Information*), criada por iniciativa do ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes. Apesar de muitas disputas no interior do grupo, Yara foi sua principal articuladora e braço direito de Miguel Arraes na denúncia da ditadura civil-militar no exterior.

Antes de nos referirmos à FBI, é importante destacar que Yara não misturava a atividade de denúncia do regime com sua militância política. No Brasil era muito ligada à ALN e aos padres operários de Campinas. Foi presa no Congresso de Ibiúna. No exterior ligou-se à VPR.

Radicando-se em Genebra, onde continuou realizando curso universitário, foi ela quem cuidou no exterior das tratativas que envolveram o sequestro do embaixador suíço em dezembro de 1970. Como ela afirma,

Colaborei na tratativa. Porque a análise dos companheiros dentro do Brasil é de que o regime militar não ia mais ceder e de que ele preferia matar não só o embaixador suíço como matar também aquela lista que o MR-8 e a VPR já tinham encaminhado para o aparelho repressivo, estava com o nome dos 70 mais crianças etc. Era isso que eles pensavam. Daí o que eles pediram para mim? Eles pediram que eu fosse falar isso para o governo suíço, de que nós acreditávamos que o governo militar brasileiro não ia ceder. Foi essa a mensagem que eu fui levar para o suíço. É claro que eu procurei várias organizações de defesa dos direitos humanos para me proteger um pouco, mas eu fui de peito aberto fazer isso. Eu me expus. O sequestro do embaixador suíço no Brasil não recebeu ajuda logística qualquer a partir do exterior. Minha colaboração só ocorre quando foi preciso pressionar as autoridades suíças, através de organizações de direitos humanos, para que por sua vez, pressionassem o Governo brasileiro a aceitar a liberação dos 70 presos políticos em troca da liberação do embaixador.⁵⁰¹

Yara abriu uma conta bancária em Genebra também, para a conservação dos fundos do Cofre Adhemar de Barros. A conta permaneceu ativa durante um ano e meio, embora

⁵⁰⁰ Entrevista de Leda Gitahy, Campinas (SP), 8 de maio de 2010.

⁵⁰¹ Entrevista de Yara Gouvêa, Brasília, 8 de julho de 2010.

nunca tenha sido ela quem controlasse a distribuição do dinheiro. Como ela afirma, essa tarefa cabia a Onofre Pinto, Expedito Ferreira e Ladislav Dowbor.

Colaborou também em toda a imprensa internacional para a divulgação do sequestro. Segundo ela, “todas as matérias do jornal *Le Monde*, os jornalistas do *Le Monde* me procuravam, sabe, nós fazíamos juntos as matérias. Naquela época matérias do *Canard Enchaîné*, de várias, de vários jornais de muito impacto, nós escrevíamos juntos”⁵⁰².

O dinheiro do cofre foi utilizado para a compra de passaportes. Os documentos estavam em poder de Yara e foram queimados quando houve a Anistia e sua volta ao Brasil,

Nós tínhamos comprado com o dinheiro do cofre [...] passaportes verdadeiros [...] corrompendo funcionários, tanto no Uruguai, quanto no Equador. Com tudo, com carimbos etc., e etc.. Você podia colocar... enfim, só falso era o nome da pessoa, que aquela pessoa não existia, mas o resto era tudo verdadeiro, e estava naquele processo de você alienar um passaporte, mudar a foto e reproduzir com a mão, falsificar com a mão o carimbo que fossem carimbos em relevo, ou aqueles carimbos de borracha. Que foi o que eu fiz durante algum tempo para que os companheiros pudessem circular na Europa e na América Latina com passaportes. Nunca devolvi. Foram os passaportes que eu queimei em 1979, no momento em que nós tínhamos a certeza de que nós podíamos voltar para o Brasil⁵⁰³.

Durante o período em que ficou em Genebra, Yara pôde realizar curso de falsificação de documentos. O curso foi realizado junto a resistentes da Segunda Guerra Mundial, no minúsculo quarto de Danielle Birck, sua amiga francesa que colaborava com determinadas tarefas para a organização.

Eu fiz todo esse curso, toda essa preparação, nossa, foi uma coisa assim que ninguém recebeu. E eu tinha, eu era muito assim, eu conseguia fazer, na época era muito fácil falsificar, e eu conseguia reproduzir até carimbo em relevo eu reproduzia normal com que, com o aprendizado que eu tinha recebido deles. Tudo, como caminhar na rua, como isso, como aquilo. Era para ser a... meus instrutores eram antigos membros da Resistência francesa ligados ao Partido Comunista francês. Os documentos falsificados, sobretudo passaportes, serviam para que os companheiros se deslocassem entre a América Latina/Europa/Norte da África. Nunca tive aulas de explosivos ou de tiros nem no Brasil, nem no exterior⁵⁰⁴.

O curso de falsificação que Yara recebeu na França foi ensinado por ela posteriormente a algumas militantes no Chile em viagem realizada ao país em 1972 em companhia de Onofre Pinto. A intenção era colocar militantes dentro do Brasil para que

⁵⁰² Entrevista de Yara Gouvêa, Brasília, 8 de julho de 2010.

⁵⁰³ Idem.

⁵⁰⁴ Idem.

continuassem a luta. O curso foi dado, mas na volta Yara, desgostosa com os rumos da revolução, rompeu com a VPR.

Estive no Chile em 1972, com Onofre e *Roman*. Não tive contato com a sociedade chilena porque não deveria aparecer em público, minha estadia devia se passar na clandestinidade, já que lá tinha ido para formar outras companheiras na preparação dos documentos falsos. Estive quase todo o tempo isolada e sem debater com ninguém. Todas estas viagens eu fazia com documentos falsos. Eu me lembro de que em Talagante, eu conheci três [pessoas], depois me colocaram no subúrbio de Santiago, porque eu tinha que ser completamente clandestina. Depois no subúrbio também de Santiago umas cinco passaram [pelo curso]. Era muito irregular, eu vi que estava tudo muito desestruturado já. Quando eu passei em Talagante eu vi o que aqueles companheiros falavam, quando eu vi tudo aquilo, a coisa já foi ruindo dentro de mim. Eu acho que eu fiquei uns dois meses lá dando esses cursos⁵⁰⁵.

Voltando à Europa, Yara faz uma série de denúncias sobre tortura na TV e nas Universidades. Levou Apolônio de Carvalho e Ladislav Dowbor a um programa de TV e convidou o padre Jan Honoré Talpe para falar aos estudantes.

Eu consegui porque tinha contatos na televisão e passava informações para a televisão, eu tinha os meus contatos, não só na televisão como também na imprensa. Então eu consegui convencer o jornalista desse programa, um programa de muito impacto que existe até hoje, na televisão que se chama Television Suisse Romane que é a cadeia de televisão em língua francesa. Então eu consegui convencer que a gente podia fazer um programa bárbaro não é? Eu disse assim, nós vamos trazer três pessoas que ainda tem marcas de tortura no corpo, e tinha, as marcas de tortura do Ladislav Dowbor era uma coisa impressionante e o Apolônio [Apolônio de Carvalho], ele ainda tinha aqui nos pulsos, a marca de quando ele foi amarrado no pau de arara, e eu foquei muitas coisas no Apolônio, claro, o Apolônio com aquela cabeça branca, que tinha feito a guerra civil espanhola, que tinha lutado na resistência francesa, que tinha tido a maior condecoração que existe na França, que é Chevallier d'Honneur. Vamos fazer esse programa etc. e tal, mas como eles eram banidos os três, a única forma de fazê-los entrar na Suíça, era através de um convite de uma Associação de Direitos Humanos. Aí eu fui bater na porta da Associação Suíça de Direitos Humanos que fez o convite oficial e eles conseguiram entrar. E a gente já tinha combinado tudo, eu e os jornalistas, de que num momento dado o jornalista diria a Apolônio, que levantasse as mangas da camisa que a câmera focaria aqui, os traços da tortura e Ladislav Dowbor levantaria a calça, ele tinha crateras na perna dos choques elétricos não é, aquilo não cicatrizava nunca, e o Cerveira [Major Cerveira] que já tinha colocado na cabeça que ele tinha que voltar para o Brasil não compareceria ao programa. Bom, a gente fez o programa que fez *boom* na Europa. O governo brasileiro tinha torturado uma pessoa que tinha participado da guerra civil espanhola como brigadista, que era herói da resistência francesa. Depois, eu queria fazer uma grande manifestação contra a tortura em Genebra, isso logo que eu cheguei em Genebra. Daí teve duas moças suíças que disseram... eu falei para ela, nós temos que ir atrás de alguém que seja europeu, que tenha sido torturado e que saiu do Brasil, não tem melhor testemunho e para o europeu, o europeu, naquela época tinha muita desconfiança com latino-americano, muita desconfiança, a gente era uma coisa folclórica para eles, não é? Então eu disse, nada melhor do que ter um europeu para falar disso, que ainda era padre, na

⁵⁰⁵ Entrevista de Yara Gouvêa, Brasília, 8 de julho de 2010.

época: Jean Talpe. [Ele] era um dos elementos mais importantes para JUC de São Paulo. Tivemos a confirmação de que ele era professor de física na Universidade de Louvain (Bruxelas), chegamos na Universidade de Louvain, conseguimos o endereço aonde ele morava. Eu disse, eu vim fazer um convite para você, eu gostaria que você fosse dar uma palestra em Genebra, e daí ele me colocou em contato assim com quase toda a Europa todinha. E não foi uma palestra, foram muitas palestras e ele nunca tinha, desde que ele tinha voltado, depois que ele foi expulso do Brasil, ele nunca tinha participado de nada, então para ele foi nossa uma coisa... e aquilo foi muito importante. Muito importante⁵⁰⁶.

Yara conservava, ainda antes da Anistia, as cartas enviadas por Carlos Lamarca à organização. Segundo ela, as cartas diziam respeito aos planos de volta dos militantes ao Brasil. Yara também deu o mesmo destino dos passaportes: queimou todas elas.

Yara foi também uma das militantes mais ativas no funcionamento e na manutenção da chamada *Frente Brasileira de Informação* (FBI), criada no exterior para denunciar o regime militar.

A *Frente Brasileira de Informação* foi criada em 1969 a partir de um encontro entre Miguel Arraes e Márcio Moreira Alves. Segundo as informações de Yara, quando os quarenta banidos chegaram à Argel, a Frente ainda era muito pequena, quase familiar. Quem estava à frente desse trabalho eram Everardo Noronhães, sobrinho de Arraes, e um ex-padre, que havia se casado e deixado a batina. A rede de informações tinha começado nos Estados Unidos a partir de uma irmã de Márcio.

Márcio Moreira Alves tinha uma irmã que estava nos Estados Unidos que divulgava um pouco as notícias lá, e tinha mais ou menos essa rede que começou a se estruturar que era a rede de informações que saía de dentro do Brasil que vinha alimentar a *Frente Brasileira de informação* (FBI). Essa rede de um lado ela era alimentada através de uma rede que Márcio Moreira Alves tinha criado com a família dele, Dona Branquinha e a mãe dele, aqui no Brasil, Dona Branquinha e doutor Márcio. Eles tinham toda uma rede dentro da Igreja Católica, foi o lado da Igreja Católica... então dona Branquinha tinha criado aqui dentro do Brasil e ela era representante do Vaticano aqui de alguns movimentos, ela tinha criado umas redes que conseguiam fazer transitar as informações para fora. Doutor Márcio um pouco mais afastado, mas ele também colaborava nesse esquema, a família de Márcio Moreira Alves riquíssima, criou aquela possibilidade de dar ao Márcio Moreira Alves uma base em Paris que ninguém tinha, Márcio recebia diariamente toda a imprensa brasileira, toda não é, do *Estado de São Paulo* até todos os panfletos que clandestinamente eram publicados no Brasil. E isso ele recebia diariamente. Todas as revistas brasileiras, uma parte vinha para ele, outra parte vinha pra dona Violeta Gerveseau, irmã de Miguel Arraes, casada com Pierre Gerveseau, que a partir de um momento quando os socialistas começam a ter maior poder na França, tem trabalhos bastante importantes e era o braço direito de Michelle Vocat na França. Então as informações oficiais e oficiosas transitavam sobretudo através dessa rede. Agora, tinham todas as outras redes, efetivamente, que saíam de dentro das nossas prisões [...] Quando

⁵⁰⁶O belga Jan Honoré Talpe havia introduzido no Brasil a experiência dos padres operários. Jan Talpe era também físico e chegou a trabalhar na USP como professor. Foi expulso do Brasil em 1969, depois de ter sido preso em Osasco e passado pelo presídio Tiradentes.

eu entrei, a *Frente* existia em Argel e na França. A sede da *Frente* era em Argel. O Márcio recebia toda aquela documentação que eu falei para você e logo em seguida ele encaminhava toda a documentação para Miguel Arraes. Além disso, através daquelas redes todas que eu falei para você que existiam, cada vez que tinha um companheiro torturado, cada vez que se conseguia uma informação, ela chegava até a gente. E efetivamente nós tínhamos em Argel um arquivo impressionante sobre as torturas e mesmo um arquivo sobre... nós fazíamos artigos sobre diferentes assuntos não é, Amazônia, Nordeste, crescimento econômico. Nós tínhamos um grupo de economistas que trabalhavam em Argel que estudavam profundamente a economia brasileira e que colaboravam com a *Frente* e que se reuniam semanalmente com aquele grupinho da *Frente*, para discutir sobre essas questões brasileiras, então nós tínhamos isso. Infelizmente a questão política era mais difícil, primeiro desde que eu entrei na *Frente*, foi uma ciúmeira[...]⁵⁰⁷

Yara estabeleceu seu primeiro contato com Miguel Arraes em 1970 e em 1971 começou efetivamente a atuar no grupo. De um lado havia críticas de que a VPR tentava monopolizar a *Frente*, de outro Miguel Arraes tentava evitar que o objetivo principal da *Frente*, ou seja, a denúncia de tortura e a luta pela redemocratização do país, se dispersasse no mesmo ritmo em que ela estendia suas antenas para outros países. Segundo Yara,

Na verdade Miguel Arraes sempre recebeu todo mundo, sempre recebeu todo mundo, mas ele sempre teve muito claro que aqueles movimentos armados todos não representavam nada do povo brasileiro, mas ele nunca fechou a porta para ninguém, e eu ficava entre Miguel Arraes e os movimentos armados. Eu defendendo os movimentos armados, mas ao mesmo tempo conversando diariamente com ele e levando aquele trabalho para frente. Em Paris, a Violeta e o Márcio distribuía aquele boletim que era feito. Mas, quando eu entro, como eu já tinha antes de ir para Argel, criado antenas da *Frente Brasileira de Informação* em vários países europeus, eu dinamizei mais ainda aquilo. E efetivamente criamos antenas por toda a parte, onde pudemos, inclusive em Moscou, criamos uma antena da *Frente Brasileira de Informação*, o Boletim também era divulgado lá, em alguns países da antiga União Soviética, nós mandávamos para China, nós mandávamos para alguns países asiáticos. O Boletim da *Frente Brasileira de informação* tinha também autonomia no Chile, tanto que eles pegavam só parte dos artigos que eram elaborados pela gente, e faziam uma segunda parte que era específica lá da questão chilena, mas também ele era divulgado na América Latina. Era divulgado nos Estados Unidos, nós tínhamos uma grande rede de divulgação do Boletim lá nos Estados Unidos e uma grande rede de divulgação do boletim também no Canadá⁵⁰⁸.

O grupo era mantido financeiramente por Arraes, que destinava o lucro da sua empresa para a manutenção da revista (impressão, papel, distribuição). Havia também um certo número de assinantes. Os colaboradores recebiam uma mesada para se manterem. Yara conta com bom humor,

⁵⁰⁷ Entrevista de Yara Gouvêa, Brasília, 8 de julho de 2010.

⁵⁰⁸ Idem.

Era o milagre econômico (risos), porque eu tinha uma mesada para comer, o apartamento que eu tinha era um apartamento que o professor Boyard Maria Boiteux tinha recebido como apartamento de função subúrbio de Argel, enquanto professor da Universidade de Argel, porque ele tinha sabido, na hora que ele viu a inviabilidade de morar naquele lugar... porque o professor Boyard Maria Boiteux tinha dois filhos adolescentes que precisavam estudar e no subúrbio não tinha escola para as crianças estudarem⁵⁰⁹.

A quantidade de pessoas envolvidas na produção em Argel era muito pouca, ainda mais depois que alguns dos colaboradores foram, após a independência, para Angola e Moçambique. Restaram, então, Yara e Everardo trabalhando juntos.

Eu, o Everardo, mais um menino francês que fazia mais ou menos, eu batia no mimeógrafo que Everardo não sabia bater, e aí eu e Everardo rodávamos no mimeógrafo, tinha um francês, o Claude, que fazia as capas, umas capas muito bonitas. A capa mais bonita aliás, foi quando Lamarca morreu [...] A gente mandava aquilo para o mundo todo, e eu dizia para o Everardo, hein Everardo nós estamos mandando nossas impressões digitais para todos os organismos secretos. E íamos os dois com aqueles pacotes até GrandPost que era o Correio Central de Argel colocar aquilo. Dinheiro que o Miguel Arraes nos dava para colocar aqueles pacotes, e pacotes e pacotes. Na maior parte dos países, aquilo era reproduzido e tinha toda uma lista de assinantes do Boletim da *Frente Brasileira de Informação*. Eu fiquei sozinha com Miguel Arraes, e trabalhando, tendo já filho pequeno mais a *Frente Brasileira de Informação*. Daí ao invés de falar, de fazer os boletins, nós decidimos que íamos fazer um estudo e publicar o estudo mensalmente, que foi o que nós fizemos. Foi aí que foi publicado a *Questão Nacional*, o trabalho sobre Amazônia, um estudo sobre o Milagre Econômico, então deixamos de ser um Boletim Informativo, para se tornar num Boletim que formulava um pensamento, bom, porque não tínhamos mais pessoas, e também porque alguns, algumas pessoas na Europa começaram a querer ter autonomia e Miguel Arraes era contra a autonomia dos boletins [...] ⁵¹⁰

Enquanto sobreviveu como boletim, a FBI teve três sedes, uma em Kasbah, no bairro mais antigo de Argel, e depois, quando os recursos diminuíram, mudou-se para um apartamento de dois cômodos. A cozinha foi convertida em laboratório de fotografia. Era onde Yara trabalhava. Quando os recursos acabaram,

A *Frente* continuou a funcionar na casa da família Arraes dentro do Palácio do Povo, que era o Palácio do governo argelino, que tinha a sede principal e tinha várias casas, numa dessas casas vivia Miguel Arraes até que Boumediène fica doente e o governo, novo governo argelino pediu para Miguel Arraes deixar a casa e deu para Miguel Arraes viver num apartamento com três quartos, uma sala, ele, dona Madalena Arraes e os sete filhos e mais a *Frente Brasileira de Informação*⁵¹¹.

⁵⁰⁹ Entrevista de Yara Gouvêa, Brasília, 8 de julho de 2010.

⁵¹⁰ Idem.

⁵¹¹ Idem.

As denúncias que chegavam dos presídios brasileiros eram encaminhadas, invariavelmente, como afirmou Yara, por familiares e amigos dos presos políticos. A relação de Yara com Cuba também era frequente.

[...] Desde Genebra eu tinha relação diária com Cuba, primeiro porque eu enviava muitas coisas para os companheiros de Cuba, através da delegação cubana, segundo a pessoa que me acolheu, em Genebra, era na época Presidente da Associação de Amizade Suíça Cubana, não é? E depois os cubanos logo viram que eu podia ser um elemento de ligação segura para eles não é, também tinha isso. E em Argel foi total, eu via os cubanos diariamente, ajudava com *Prensa Latina*, redigia artigos para a *Prensa Latina*. A relação com Cuba era mais assim de divulgar coisa dos brasileiros em Cuba, porque muita gente estava no Brasil com recado para repassar para Cuba⁵¹².

Em Paris, Yara também tomou contato com o grupo *Nosotras*, formado por Danda Prado, que reunia muitas mulheres latino-americanas em torno das questões femininas. As discussões sobre a mulher eram realizadas também junto a Simone de Beauvoir.

Discutíamos muito a questão da mulher, foi ela [Danda] que me levou a várias manifestações do movimento de liberação das mulheres em Paris. Participei de várias manifestações junto com ela, e foi ela também quem me levou a conhecer a Simone de Beauvoir, que eu já conhecia Jean Paul Sartre com quem eu tinha organizado várias manifestações em Paris contra a tortura. Mas eu não conhecia a Simone de Beauvoir, Simone de Beauvoir eu conheci através de Danda Prado e o meu relacionamento com Simone de Beauvoir foi justamente pela causa das mulheres. Simone de Beauvoir ajudou muito os movimentos feministas dos anos 1970. Ela se reunia com frequência com Danda Prado, que pretendia que eu levasse adiante uma ação feminista no contexto argelino. Estivemos reunidas as três, Simone de Beauvoir, Danda Prado e eu, em abril de 1972, para discutir das ações feministas tanto no âmbito da VPR, quanto no âmbito de minha inserção na sociedade argelina. Daí nós criamos, a Danda criou em Paris um grupo de latino-americanas, nós criamos uma revista chamada *Nosotras*, que conseguiu publicar durante anos, *Nosotras* publicava não é? *Nosotras* é organizado em Paris e eu escrevia de Argel porque daí foi aquele momento, chegou o momento em que eu achava que eu não ia mais sair de Argel. Várias, várias mulheres, era um grupo grande de latino-americanas que se organizou para discutir a causa das mulheres⁵¹³.

Como vemos, o exílio foi uma grande lição para essas mulheres, que souberam manter por outros canais seus compromissos de luta.

⁵¹² Entrevista de Yara Gouvêa, Brasília, 8 de julho de 2010.

⁵¹³ Idem.

4.6 Crítica ao apoio

As tarefas que todas essas mulheres desempenharam, sejam quais fossem, mostram que elas estavam dispostas a participar, e que não aceitaram a ditadura civil-militar fazendo frente a elas com as armas e as competências disponíveis. A escola, o trabalho, a família, o partido ou a universidade, todos esses espaços elas souberam utilizar de maneira hábil e cautelosa.

A rede de apoio, como vimos, foi tecida de acordo com a situação vivida pela organização. Muitas vezes essa teia se esgarçava de tal maneira que não havia mais compartimentação entre as tarefas que se desenvolviam. Em outros casos, a compartimentação, porém, era mais do que desejada e conseguia ser colocada em prática. Temos que considerar que tudo foi muito rápido e que não houve muito tempo para que se realizasse a preparação almejada. Muitas mulheres fizeram minimamente treinamento com armas para defesa pessoal, outras já estavam em franco processo de recrutamento para o setor armado, ou foram obrigadas a portar armas em situações inesperadas e sem nenhuma preparação. Poucas na realidade pertencentes ao setor de apoio deixaram, portanto, de ter um mínimo de intimidade com armas de fogo.

Havia uma urgência de mudança muito grande naqueles anos, que talvez possa ter gerado uma precipitação dos quadros para táticas mais ofensivas, desconsiderando um trabalho mais longo de formação e recrutamento político.

Como disse Vilma Barban a substituição de militantes em função das quedas era muito rápida. Ela chega mesmo a dizer que ser presa a salvou. Entendemos isso no sentido de que o caminho da radicalização no grupo teria, em função da repressão, consequências nefastas para muitos que desempenhando ações armadas fatalmente seriam presos ou mortos. Ainda mais se pensarmos que no conjunto de atividades da organização era previsto o treinamento de guerrilha em Cuba.

Verificamos que no CRUSP algumas mulheres já começavam, ainda que prematuramente talvez, a ter contato com explosivos, a preparar mantas e a fabricar bombas, como verificamos em depoimentos de Darci Miyaki e Vilma Barban.

Eu acho que eu sou muito grata por ter sido presa. Outro dia eu falei isso num encontro, ficou aquele silêncio e depois um monte de gente falou, não é que eu acho que você tem razão? Por quê? Primeiro foi essa história de... se eu continuasse no pique em que as coisas estavam naquela época, se eu continuasse, eu ia entrar, porque as pessoas foram caindo, caindo, caindo, eu ia entrar para um grupo armado completamente ingênua,

despreparadíssima, então ia ser morta na primeira. Eu não tinha muita dúvida de que eu não ia me safar, com a polícia irascível que estava, então me salvou a vida não é⁵¹⁴?

Embora houvesse a compartimentação dentro da ALN, a ideia a ser seguida, nos parece, era ter um militante completo, provado em diversas tarefas. Luiz José da Cunha, por exemplo, um quadro teórico dos mais refinados, portanto, não atirava nem dirigia bem, mas tinha um alcance político invejável. Militava no setor armado.

De qualquer maneira, o que se verificou na prática e quando observamos mais de perto a atuação dos militantes, em especial dessas mulheres, foco deste nosso trabalho, é que os militantes colaboravam com a organização na medida de suas capacidades e habilidades. A ALN dava autonomia aos seus participantes.

O contexto acabou os empurrando para situações inesperadas e a liberdade de ação, quando não muito bem sedimentada, ou colocada em prática por militantes menos experientes, poderia ter dado lugar a grandes tragédias, movidas por voluntarismos, demonstrações de força, orgulhos juvenis, etc. Esse foi o caso talvez do *justiçamento* em São Benedito. Razões pessoais provavelmente se sobrepuseram aos interesses da organização.

Para Tania Fayal, que foi militante do GTA do Rio de Janeiro, a organização teve que conviver muito cedo com a falta de estrutura. Foi poderosa, vanguardista, deu enormes saltos, mas na realidade, como ela diz, “baseava-se na alma e no físico de meia dúzia de fodas”. De qualquer maneira ela insiste que o surgimento da ALN foi um rompimento total com o que se tinha na política até então. A ALN foi uma organização muito particular. Para Tania, Cuba foi o resultado mais concreto dos avanços da estrutura da organização, embora nada do que estava no horizonte naquele momento tenha chegado a ser realizado. O salto ao campo não foi dado e a guerrilha urbana não sobreviveu,

[...] a gente não teve tempo para chegar nem a 10% das necessidades de se estruturar para segurar uma onda mais adiante, logo logo a repressão também que foi a principal culpada dessa falta de... porque eu tenho certeza que os quadros que se tinham, com as perspectivas que se tinham, um encorajamento que se tinha cada vez maior, se tivesse dado mais tempo dessa estrutura se... também teria tido mais tempo também de resistência à luta, mais tempo para a repressão chegar onde chegou⁵¹⁵.

O setor armado, como vimos, também foi responsável por desenvolver outras tarefas além daquelas a que estava necessariamente atrelado. Como afirmou Sônia Ferreira Lima, “a

⁵¹⁴ Entrevista de Vilma Barban, São Paulo, 8 de abril de 2010.

⁵¹⁵ Entrevista de Tania Fayal, Maricá (RJ), 20 de março de 2010.

gente fazia de tudo”. Militantes do GTA muitas vezes serviam de olheiros na rua, dirigiam os carros, alugavam casas, realizavam levantamentos, faziam falsificação.

A falsificação, por exemplo, que era feita geralmente por pessoas treinadas em Cuba, foi realizada por pessoas que estavam ligadas ao apoio ou às massas estudantis. Vimos, por exemplo, que Tânia Mendes realizou essa tarefa.

Em certos momentos algumas pessoas da equipe de fogo eram obrigadas a abandonar, mesmo que momentaneamente, as ações armadas nas ruas, para socorrerem um ferido, por questões de clandestinidade profunda (cartazes espalhados por todos os lados, podendo ser identificados na rua e sem condições de sair do país) ou em caso de gravidez. Exemplos disso encontramos nas trajetórias de Moema, Ilma, Eliane. A estanqueidade não existia de maneira acentuada, as organizações atuavam conjuntamente e as tarefas de apoio eram realizadas intergrupos e não por setores determinados, mas estabelecidas entre pessoas. Um caso como esse foi verificado no recolhimento de medicação que seria destinada à região do Araguaia. Muitas vezes a própria militância envolvia relações de afetividade que eram trazidas para dentro das organizações. Como disse Robêni, então e aí, “é isso que precisa ser entendido, não era a ALN que cuidava só de seus militantes e a VAR dos seus, não. Quer dizer, havia os momentos de risco em que havia essa solidariedade, preciso tira fulano, preciso tirar o cara, preciso tirar”⁵¹⁶.

A preparação dos quadros de apoio também é um assunto que dividiu algumas militantes. Para algumas ela teve efeitos positivos, para outras mulheres ela praticamente inexistiu. Alguns quadros de apoio foram preservados, não porque houvesse uma política específica para esse setor, mas justamente por critérios baseados nas avaliações individuais. Durante as sessões de tortura, por exemplo, era menos comprometedor para a organização, na avaliação de alguns, abrir um quadro de apoio com menor comprometimento do que um militante da equipe de fogo. Aparentemente, entretanto. Porque muitas vezes o quadro de apoio tinha uma ampla rede de contatos que ficava exposta e prejudicada, ao passo que o militante do setor armado já era procurado, estava há muito tempo clandestino e isolado. Por outro lado, a formação de um quadro militar naquele contexto levava muito tempo e era uma tarefa extremamente complexa. Nem sempre a retaguarda contudo era periférica como se pensava.

⁵¹⁶ Entrevista de Robêni Baptista da Costa, Campinas (SP), 25 de outubro de 2008.

A preparação para a prisão e tortura também não estava nos manuais, ainda que em alguns momentos fosse discutida entre os militantes. Para Nair Benedicto, os encontros com Marighella e as conversas a esse respeito tiveram resultados,

Então, todo mundo pintou lá. Marighella, *Toledo*, todos. Então era, era uma, eu sabia tudo que estava acontecendo e foi um período muito de discussões e eu conheci todo esse pessoal e eles tinham uma postura, o Marighella tinha uma postura, uma postura muito de... de discutir mesmo, de explicar, não era simplesmente chegar e usar o local não é? Então muitos dizem que ele foi imprudente por que na realidade... mas enfim, ele tinha uma preocupação de que o pessoal de apoio, tivesse, não fosse um pessoal que estava sem saber o que estava fazendo, eu sabia muito bem o que estava fazendo. *O Toledo* que era uma figura muito doce, muito interessante e aí ficou naquela casa, ficou o Arno Preis, ficou o Virgílio, ficou todo mundo hospedado. Eu acho que o que eles prepararam um pouco a gente foi para a tortura. Houve essa discussão. Houve essa discussão que era o seguinte, se você fala, primeiro, não falar, que jeito, não lembrar de coisas onde está você e a pessoa, então é só você e a pessoa que pode falar não é, que foi o menino que nos delatou, era justamente isso, quer dizer, ele não precisava ter delatado se ele tivesse ouvido a aula do Marighella. Porque era isso, só estava ele e a outra pessoa, porque ele foi em casa de olhos vendados, ele abriu a venda, mas só ele sabia que ele tinha aberto a venda, ele não precisava [...] Olha que interessante, porque parece que não é nada essa aula, mas justamente, quem que vai falar de... se eu estou com você no carro, você está de olho vendado, se você não contou para o motorista que está te levando que você abaixou a venda, quem que vai saber que você abaixou a venda? Só você. Então contar esse tipo de coisa é o tipo bobo não é? Isso a gente estava muito preparado, primeiro o Marighella tinha muito preparado a gente dizendo, olha vocês tem que saber, se vocês falam, a tortura, a tortura é ruim, não é sopa, mas acontece o seguinte, se vocês falam uma coisa como eles vão saber se é só isso que vocês falaram? Então é assim, quando começa a falar você apanha muito que é para falar mais, então não teve, foi muito bom na realidade isso, porque isso segurou muito a gente, eu, por exemplo, mas eles falavam que eu ia, porque você vai se assustando um pouco, porque você vai ficando com o pé roxo, com as mãos roxas, ele põe cigarro na tua pele você grita porque você vê o cigarro, mas não porque você está sentindo, você perde tudo, então o instinto de sobrevivência fala mais alto, você fica apavorado de qualquer maneira, mas você vai por outro lado, lembrando aquelas coisas que te ajudam a ficar firme, ajuda, eu acho que é uma coisa importantíssima. Ao invés de, quer dizer, ele não teve medo de assustar a gente, que a gente parasse porque a gente estava assustado, a gente foi muito bem preparado. Na realidade, você cria um vínculo com as pessoas então, eu não sabia, até então, a última notícia que eu tinha tido era do Lauri dizendo que... eu sabia que o Paulo [Paulo Tarso Venceslau] estava preso, mas do Lauri [Lauriberto José Reyes] eu não sabia. Então e o Lauri na realidade escapou, foi ótimo que... Eu não sabia nada do que tinha acontecido com as pessoas que estiveram presas na minha casa, o Arno Preis tinha acabado de estar em casa, mas nessa hora eu acho que primeiro você não quer, é um mundo de coisas que vem na tua cabeça, mas uma coisa muito forte eu acho que pesa bastante a sobrevivência, eu quero sair, eu quero sair viva daqui e a outra coisa, é misturado esse envolvimento mesmo que você tem [...] porque são amigos, [...] tem um elo afetivo mesmo que você corre um risco junto não é? Então, e a gente está acreditando que estava fazendo uma coisa importante, então eu acho que, por exemplo, às vezes eu penso assim, ter saído da prisão e depois ter encontrado com a *Lola* [Aurora Furtado], será que eu não fui um pouco imprudente? Mas eu acho que é mais forte do que você, você fala bom eu saí, eu estou aqui livre, inteira, se dá para fazer alguma coisa, por que não fazer?⁵¹⁷

⁵¹⁷ Entrevista de Nair Benedicto Breyton, São Paulo, 19 de junho de 2010.

Algumas militantes em preparação para o grupo tático, vindas do movimento estudantil, ressentiram-se da falta de leitura, em detrimento da quantidade de ações voltadas essencialmente para a prática. As leituras, quando eram feitas, eram realizadas de maneira individual dependendo essencialmente da disposição do militante. Para Vilma Barban por exemplo, a organização tinha uma estrutura autoritária em termos de discussão. Como ela disse em entrevista, as circunstâncias daquele momento tiveram um peso maior em sua participação. O desejo de mudança sempre esteve presente, contudo. Não havia, como ela afirma, uma hierarquia definida, funcional ou organizacional na ALN, tudo parecia ser mais uma questão de participar, de estar ligado ao grupo.

Por outro lado, a rapidez com que as pessoas periféricas integravam-se à organização pode ter tido, na visão de Tânia Mendes, efeitos nocivos tanto para o movimento estudantil como para a luta armada.

A partir do momento em que o recrutamento da organização começou a ser realizado no movimento estudantil, as entidades estudantis passaram a existir para alimentar a guerrilha, impedindo um trabalho de massa mais intenso e independente. Para Tânia, houve uma grande confusão, entre os movimentos, que podiam atuar paralelamente e não se transformar em correia de transmissão da luta armada. Como ela afirma,

Quer dizer, aquela turma que estava no DCE da UNE, da USP que a gente estava reconstruindo, a gente estava reconstruindo o Centro Acadêmico, que a nossa meta era chegar ao final da gestão com todos os Centros Acadêmicos montados de tal maneira que tivesse substituição da diretoria da entidade, certo, de modo que você pudesse efetivamente remontar movimento estudantil, que era importante remontar certo, ou vou fazer uma ação armada? Não ia dar. Isso não é questão de ingenuidade, eu não estou criticando de agora, essa crítica foi feita à época. Essa discussão foi feita na época⁵¹⁸.

Para ela não houve condições de os dois movimentos atuarem juntos, o que pode ter colaborado para o enfraquecimento dos dois lados. Para Tânia, o processo se acentuou com a morte de Marighella, pois a partir daí,

A porrada da repressão ela teve uma consequência deletéria, por quê? Por que essa divisão, ela parou de ser feita, entendeu, então as pessoas que estavam no DCE da USP, que naquela altura do campeonato... tentava falar com a UNE do Honestino, ele queria montar a Guerrilha do Araguaia, aprender a remontar entidade estudantil... falavam com o DCE da USP, certo, então você começou a misturar. Não sei se você sabe do episódio da retirada do Enzo [Enzo Nico Jr.] do campus, como é que foi feita. O problema foi a mobilização dos estudantes. Era naquele momento que você ia arregimentar os caras para

⁵¹⁸ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

o grupo armado, foi espontâneo. Ele foi identificado, ele que fez a ação na Teodoro Sampaio e aí ele foi para a Geologia, a repressão entrou no campus, a repressão não entrava de tropa, ela ia com o Fleury, você sentia a repressão pelo cheiro da arma, do óleo de limpar a arma, entendeu? Então, você desenvolve umas habilidades de cheiro. Aí ele foi, ele estava na geologia assistindo aula, aí a repressão cerca a geologia e ele se esconde no teto não sei que, naqueles barracos, e aí começa uma mobilização infernal a partir do Centro Acadêmico, uma mobilização espontânea entendeu? Tinha desde nego jogando futebol para chamar a repressão para jogar futebol, entendeu até gente que entrou, foi lá, cortou o cabelo dele, botou não sei quê, mudou a cara, maquiou não sei quê, botou outra roupa, entendeu, puseram o carro não sei onde para ele sair, entendeu, então montaram um negócio espontâneo, meio espontâneo, enfim aquilo não foi programado, ninguém falou assim, vamos fazer uma ação de resgate do Enzo Nico. Aqueles estudantes fizeram isso. Só que você já está numa situação de grande desmobilização, de grande esgarçamento das organizações e também de grande militarismo das organizações. Então já tinha, essa coisa começou ficar e aí sobra para todo mundo, entendeu, você tem que ir... Imagina a essa altura eu estava tendo ponto com o Torigoe, com a Rita [Sílvia Peroba], entendeu, com a Maria Augusta Thomaz, eu, do DCE⁵¹⁹.

Leda Gitahy, por exemplo, embora todos os seus amigos tenham se incorporado à ALN, preferiu não aderir à organização. Estavam num processo rico de discussão da universidade e tinham uma política de massa que, na sua visão, era mais consistente em nível de organização, de discussões etc. Ela e Bernardino, seu companheiro, começavam a divergir da luta armada, pois,

A gente tinha um movimento inteirinho organizado em grupos, a gente tinha uma rede enorme no interior de movimento estudantil, e a gente é a favor de preservar o movimento de massas, que não havia contradição entre ter, precisava ter os dois movimentos, e aí as organizações armadas elas achavam diferente, elas achavam que tinha que largar tudo e fazer ação. E a gente não estava de acordo. A manutenção do movimento de massa e quando, e mesmo que muita gente fosse bem radical assim... teorias na época, a gente achava que não, que mesmo que você mantivesse movimento de massa... sem o movimento de massas que o negócio não ia dar em lugar nenhum, sabe você precisava ter as ligações⁵²⁰.

Verificamos que as condições para a radicalização eram estimuladas na maioria dos espaços de resistência. O TUOV (Teatro União Olho Vivo), segundo Tânia Mendes, naqueles anos, também passou a fornecer quadros para a organização. O próprio *César Vieira* foi preso e acusado de ligação à luta armada.

A crítica que fazem essas militantes é entendida dentro de um quadro de urgências e da necessidade cada vez mais crescente de recrutamento pela organização. Muitas pessoas entraram na ALN já tendo que assumir tarefas de maior monta para as quais não tinham tido talvez tempo necessário de preparação. Para Tânia, a periferia passou a assumir as funções

⁵¹⁹ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

⁵²⁰ Entrevista de Leda Gitahy, Campinas (SP), 8 de maio de 2010.

dos militantes presos, e a organização começou a se esgarçar com a ausência ou diminuição de seu braço legal, representado pelo movimento de massas: estudantil, camponês e operário. Depois, segundo ela, o que foi realizado foi uma política de contenção e minimização de perdas, pois a guerrilha foi cercada. Tânia cita, por exemplo, uma situação de apuro da organização, para demonstrar esse tipo de fragmentação que ela sofreu:

[...] Então no caso do Monir [Monir Tahan Saab], eu estou assistindo aula, a coisa estava tão esgarçada, estava tão... certo, que eu simplesmente vi uma pessoa na sala de aula que foi atrás de ajuda, quer dizer, o próprio cara que saiu da ação do grupo de fogo, que eu não sei quem é, sai de uma situação, que foi aquela ação que foi mal feita, que terminou com o Monir ferido. Aí você... porque eles sabiam que existe uma pessoa estudando na ECA que tem um casaco xadrez, e coincidentemente eu estava com o casaco xadrez, que eu não tinha um monte de casaco certo? Aí eu saio no meio da repressão, para achar um médico para não sei que, fui eu que fui achar o médico, fui eu que fui correr atrás para atender o Monir no lugar que ele estava escondido e eles não tinham muito, eles tinham que entregar o Monir, não tinham como segurar [...]⁵²¹

Como ela diz,

[...] a gente estava num beco sem saída. Então quais são as... e não estava num beco sem saída porque a proposta original da ALN estava errada, entendeu? Porque no embate a ação política nunca é aquilo que a gente imaginou, o embate que você travou está te levando para situações em que você não tinha saída. O que eu acho, que assim, aí vendo um pouco de agora aquela ocasião, eu acho que você não tinha noção, você não tinha se dado conta de que você precisava do braço legal nas coisas, e que isso fazia falta, que você não conseguiria fazer uma frente de massa, sem ter algum tipo de braço legal funcionando, você tinha as Comunidades Eclesiais de Base, mas era Igreja. Mas tem que fazer o trabalho de massa, não pode deixar de fazer as ações de enfrentamento certo, sem considerar, que permanecer fazendo esse enfrentamento, sem afinar... e a gente não afinou com isso, e que você tinha um sentimento que você tinha que organizar alguma coisa para o braço legal desse troço. Porque as ações passaram a ser feitas para sobrevivência das pessoas, e não da organização. Então o que aconteceu? Por outro lado, como estava tudo muito esgarçado, muito sem estrutura, e sem apoio, e sem lugar para você salvar pessoas [...] Me lembro um dia que eu estou com a Sílvia [Sílvia Peroba], ela não deve se lembrar disso, mas eu me lembro, eu estou com ela na Turiassu perto do Parque da Água Branca e aparece qualquer carro de serviço e a pessoa entra em pânico assim. Quer dizer que era visível, a pessoa não conseguia mais manter aquela situação, tem que ficar numa situação até muito forte, é uma situação que degradingola as pessoas⁵²².

Por outro lado, as tentativas de treinamento foram realizadas. Poucos quadros de apoio não tiveram contato com armas ou foram para lugares ermos para treinarem tiro. Para tentar solucionar as quedas na organização e as desavenças políticas formou-se um grupo de apoio, que foi denominado pela repressão como Grupo Independente. A tentativa era manter contato

⁵²¹ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

⁵²² Idem.

com os militantes, sem restrições de grupo, para tentar reanimar o trabalho de massa. Essas pessoas que estiveram ligadas a esse grupo não chegaram a se vincular, portanto, à ALN ou ao Molipo. Esforçavam-se na realidade em unir as duas organizações, em discutir e debater o que seria realizado futuramente⁵²³.

Entendeu, quem, o que mais vai propor? Vai o Molipo, passa a voltar com tudo aberto, repressão sabendo tudo, os caras morrendo feito... Eu, o dia que morreu o Benetazzo, eu queria morrer, gente como é que mata tanta gente? Nós vamos precisar dessas pessoas. Então tinha muito... não vou falar para Idinaura que a gente nunca discutiu isso na época, mas da minha posição na organização e do Gabriel, nós não, se precisar salvar o Lamarca, nós vamos salvar, se precisar salvar não sei quem, nós vamos salvar. Nós vamos precisar das pessoas. Entendeu, se a gente quiser dar uma continuada nisso aqui⁵²⁴.

A adesão na ALN não parece ter sido feita inicialmente de maneira setORIZADA, pois o apoio, como um setor específico dentro da ALN, foi móvel e híbrido. Houve também variadas maneiras de desenvolver essa rede de solidariedade sem estar necessariamente atrelada à militância essencialmente na ALN, apesar de ter sido realizada por áreas próximas à organização. O apoio foi dado por pais, mães, parentes, amigos, militantes de outras organizações, pessoas que tinham uma consciência de esquerda sem vinculação a grupos ou partidos, etc.

Não houve uma completa especialização das tarefas atribuídas a esses militantes, exceto os cursos preparatórios dirigidos do exterior para determinados tipos de atividade. Cuba, Chile, Coreia, Argélia, França foram alguns locais para onde os militantes se dirigiram, encontrando-se com remanescentes de guerra, que lhes passavam ensinamentos, leituras, contato com armas, explosivos, falsificação, treinamento na cidade e na selva, etc.

Outra observação a ser feita é que o recrutamento na ALN foi feito majoritariamente no movimento estudantil.

O movimento estudantil dentro da estratégia da ALN representava, nos escritos de Marighella, uma fonte, com efeito, de recrutamento de quadros para a organização. Nos documentos da organização, o ME (Movimento Estudantil) estava inserido no interior do que se definiu chamar Frente de Massas, para a qual também convergia a atuação junto às camadas operárias e camponesas.

Marighella afirmava, no entanto, que era necessário dar uma progressiva potência de fogo à Frente de Massas que lhe permitisse também ser capaz de realizar ações armadas.

⁵²³ Entrevista de Albertina Pedrassoli Salles, São Paulo, 2 de setembro de 2010. Entrevista de Ana Maria Ramos Estevão, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010 e César Castiglione [Mensagem Eletrônica], 17 de abril de 2010.

⁵²⁴ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

Como ele afirmou em *Questões de organização*, “não devemos confundir frente de massas com trabalho de massas. Frente de massas é frente de lutas e frente de ação de nível elevado”⁵²⁵.

O dirigente considerava desejável, portanto, que o trabalho de massas que vinha sendo realizado nos anos anteriores e imediatos ao golpe militar pelos estudantes continuasse existindo.

Muitos estudantes, por exemplo, que realizavam trabalho de massas, integrados a centros acadêmicos, grêmios estudantis ou realizando congressos, passeatas e ocupações de prédios, foram prevenidos, já no interior da ALN, das consequências nefastas que tais atividades poderiam lhes trazer em virtude da constante exposição pública a que estavam sujeitos. Marighella recomendava que os militantes tivessem a “ficha mais limpa possível”, não podendo ser presos em decorrência de uma greve realizada por um grêmio estudantil.

Delineava-se então a diferença para esses jovens do *trabalho de massa* e da *Frente de Massas*, que progressivamente adquiria potência de fogo. Os militantes da ALN que se engajariam nos grupos armados cuidavam então da segurança das passeatas, que iam progressivamente se constituindo numa arena de treinamento, com a utilização de bombas e armas”⁵²⁶.

As manifestações de rua também funcionavam como uma espécie de campo de treinamento já que os estudantes passavam progressivamente a utilizar algumas táticas de guerrilha durante os confrontos com a polícia. Segundo depoimento de Carlos Eugênio Paz, as primeiras ações armadas no Rio de Janeiro tiveram início em 1967. Segundo o dirigente, havia etapas a serem superadas durante a atuação na Frente Armada. A atuação guerrilheira começava pelas pequenas ações. Nas palavras do militante,

As pequenas eram, por exemplo, *expropriar* um mimeógrafo, numa universidade, num colégio ou numa firma de mimeógrafos para fazer imprensa clandestina na organização, *expropriação* de farmácia para pegar remédios para guardar para a guerrilha para tratar dos guerrilheiros, dos futuros guerrilheiros feridos. [...] As pequenas ações se definiam pelo seguinte, você atacava alvos que não tinham poder de fogo, pessoas desarmadas, você armado contra pessoas desarmadas. Isso era um critério básico daquela pequena ação, então você ia roubar um mimeógrafo na escola e não tinha ninguém armado lá, para proteger o mimeógrafo e então você não tinha que render ninguém. Ou seja, você tem um poder de fogo superior ao do inimigo. E a gente fazia questão que as pessoas fossem

⁵²⁵ CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA (CEDEM-UNESP). MARIGHELLA, Carlos. *De Questões de organização*, dez. 1968. (mimeo).

⁵²⁶ O militante Eli Frazão, por exemplo, realizava a segurança de José Dirceu e Luís Travassos durante as mobilizações estudantis. Informações semelhantes foram fornecidas pelos entrevistados José Pereira e Carlos Eugênio Sarmiento Coêlho da Paz. Cf. COSTA, Caio Túlio, 2003, p. 113.

inclusive participando das ações assim gradativamente até chegar ao que a gente chamava de “vestibular de ação”, quando o cara ia fazer uma ação grande⁵²⁷.

O documento *Questões de Organização* difundido em dezembro de 1968, data do Ato Institucional nº 5, demonstrava também a adaptação que a organização sofreria em relação às mudanças de contexto nacional. O documento alertava que a passagem de um tipo de luta para outro não significava a exclusão de nenhum deles. Pelo contrário, afirmava ele, as formas de luta de massas também se combinavam com as formas de luta de pequenos grupos armados.

A Frente de Massas atuando de forma legal junto às entidades sindicais, estudantis e intelectuais proporcionaria canais de penetração e comunicação para a organização, dando oportunidade à ALN de obter informação, recrutamento e apoio para suas causas. Não se negavam, portanto, na ALN, as formas legais e desarmadas de atuação,

[...] não existem regras, normas ou formas absolutas para a realização deste trabalho. Ele está sempre em função das condições objetivas de cada setor e cada local, e dos objetivos concretos que nos propusermos atingir em cada momento. Devemos combiná-lo com formas de trabalho clandestino, tanto de organização, como de agitação e propaganda. É fundamental realizar um trabalho pela base, e que cada militante tenha iniciativa e saiba em cada momento o que é possível, necessário e importante⁵²⁸.

Com efeito, o movimento estudantil fôra o maior movimento de oposição surgido até então na sociedade após o ano de 1964. Foram justamente esses movimentos oriundos das escolas e universidades que se tornaram focos de resistência contra a ditadura civil-militar. A ideia da resistência à ditadura militar estava representada por diversas entidades estudantis, como a UNE (União Nacional dos Estudantes), a UEE (União Estadual Estudantil), UMES (União Municipal de Estudantes), a UBES (União Brasileira de Estudantes Secundários), DCEs, DAs (Diretórios Acadêmicos), bem como contavam com a disposição de docentes que, oriundos das várias universidades brasileiras, também davam seu valioso apoio a todas essas causas.

O fundamental na ALN era que a ação fosse estimulada em todos os níveis como defendia Joaquim Câmara Ferreira, desde as de maior envergadura como sequestros de personalidades políticas e incêndio de patrulhas nas ruas, como divulgação de volantes,

⁵²⁷ Entrevista de Carlos Eugênio Sarmiento Coêlho da Paz, São Paulo, 21 de setembro de 2003.

⁵²⁸ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. (AEL). Acervo Brasil Nunca Mais (Guerrilheiro, n. 5, maio/junho de 1972).

pichações de paredes, até comícios no interior das fábricas ou onde existissem aglomerações populares⁵²⁹.

Toda atividade então era bem vinda, não havendo, desse modo, escalas de valor no interior daquilo que cada indivíduo pudesse contribuir. O propósito era sempre a ampliação de quadros considerando-se para o recrutamento na ALN tanto uma conversa informal, propaganda de boca em boca, recebimento de material da organização, como até mesmo a disposição de alguns para empunhar armas.

Verificando aquelas mulheres que deram apoio à ALN naqueles anos, a grande maioria delas foi preparada politicamente no movimento estudantil. Sandra, Malu, Eli, Ana Ramos, Tânia Mendes, Albertina Pedrassoli, Maria Lygia são alguns exemplos.

As pessoas da rede legal de colaboradores da organização e os estudantes eram os alvos preferenciais da polícia. Através deles chegariam ao comando da organização. Ele podia ser um apoio de diversas pessoas a quem a organização recorria ou um apoio pessoal ligado a relações fraternais, de amizade, de namoro, de casamento, de parentesco, então mais compartimentado. A respeito da preparação necessária a esse setor, Tânia Mendes afirmou,

Então o que acontecia, eu não vou falar que houve falta de preparo, porque senão você tinha que na ocasião, imaginar que o comando da organização tivesse noção que as pessoas não nascem prontas, que o treinamento não era só de tiro, então assim, especialmente o pessoal, Paulo de Tarso, tanto que no caso do Paulo Novaes, o que que é? O cara se comportava conforme os manuais, entendeu, e comportar-se conforme os manuais na tortura, não é normal, nenhum cidadão que está na vida, vai fazer. Entendeu, não adianta ele ler aquilo porque ele não vai entender, porque não passa na cabeça dele que ele vai ser torturado. Eu vou te dar o caso concreto, o Enzo era do grupo de fogo e namorava uma menina do Centro Acadêmico, do CA da Biologia que era uma pessoa absolutamente simpaticante, mas simpaticante do Enzo, dentro do CA da Biologia ela era a pessoa mais, vamos dizer, a que estava bem no comecinho, entendeu? Dá até para saber o tamanho da encrenca que ele estava enfrentando, porque até você entender a tamanha encrenca que está enfrentando, tinha que entender o tamanho da repressão. E aí quando ele é preso, entendeu, a repressão cai em cima dela. E ela nem conseguia entender que ela tinha que se esconder. A família não conseguia entender que ela tinha que se esconder, eles achavam que eles iam à OBAN explicar e que estava tudo certo. Entendeu, e aí o que aconteceu? Aí eu fiquei com a menina, fui, porque eu conhecia, eu falei, falei Enzo, você já explicou para ela que você está... porque a hora que dar um problema com você entendeu, vai cair, porque o pai dele era militar então tinha mais um problema. Ele era procurado pelo pai dele, quando o pai dele descobriu que ele estava na organização, falei além de você estar num grupo de fogo, seu pai, você sabe quem é certo? E aí, você imaginar... e ela não queria, ela não queria, ela achava que tinha que ir... eu precisei ficar toreando isso uma semana entendeu? Aí nós fomos, porque ela queria, eu convenci, eu falei então vai pelo menos para casa da tua família em Ubatuba. Eles tinham uma casa em Ubatuba, você fica lá, se acontecer alguma coisa, eles chegarem, sei lá, fala que você está de férias, entendeu? E eu falei para ela, fala que você está de férias, traumatizada, que você não imaginava que o seu namorado fosse isso... mas ela não queria assumir nem

⁵²⁹ CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA (CEDEM-UNESP), *O Guerrilheiro*, n. 2.

isso, ela achava que ela estava traindo o amor dela. Falar para repressão, entendeu, eu fiquei traumatizada porque eu não sabia, ele me enganou, todo mundo vai entender se você falar isso. Eu acho que é uma saída fácil entendeu, você dizer assim que o apoio tinha que ser treinado, está bom, tinha que ser treinado, tinha, desde que a gente desenvolvesse a frente de massas. A nossa frente de massas não era desenvolvida. Quando eu tenho que efetivamente que criar, ela não se prende só a um exército, ela se prende a qualquer coisa que tenha que mobilizar pessoas, simpatizantes. (É) uma rede. Porque você tem, e qualquer organização tem que fazer isso. Quer dizer, então é muito fácil você dizer o apoio estava fazendo no impulso, estava, muita gente estava fazendo no impulso e o que eu acho é o seguinte, é uma experiência que precisa ser analisada, porque não é normal uma população, acho que só no Brasil acontece isso, entrar numa encrenca deste tamanho, no impulso, na emoção, na compaixão, na solidariedade, entendeu? Havia... era consequente, não era assim, ninguém entrou nessa de ingênuo, ou que não sabia. Até podia ser usado, uns casos que a gente conversou que foi assim, mas acontece que o simpatizante sabia, estava participando do negócio porque ele queria participar. Ele sabia do risco, então você diz assim, não e se ele fosse melhor treinado, mas era exatamente esse o ponto. De onde a gente chegou a ficar discutindo com o comando da ALN. Se você não dá suporte, se você não dá, se você não alimenta, eu te falei o negócio do Enzo com a saída dele, a saída dele na USP foi um negócio magnífico, parece um filme, pela espontaneidade, o negócio ali, ele nem estava sabendo, foi um negócio incrível. Agora, as pessoas arriscaram muito e não tiveram a contrapartida, então é muito fácil você dizer a coisa se danou porque o apoio não está treinado, você tem que se perguntar por que o apoio não estava treinado, então a coisa não deu porque o apoio não estava treinado, mas não numa situação de culpa [do apoio]. Porque não foi priorizada a frente de massas. E sem priorizar a frente de massas, uma coisa que eu quero fazer com a participação da sociedade, não vai acontecer. Vai virar um negócio de grupo, tende a virar um negócio de grupo, tende a virar um negócio autoritário, certo, então eu acho que as pessoas não se recusariam, elas estavam muito envolvidas, entendeu, então eu acho que essa explicação se ela vier na base da desculpa, você tinha que ir para o outro lado, você tinha que mobilizar e voltar com força. Mas não tem toda essa clareza naquele tempo [...]⁵³⁰

Se a preparação de um quadro para Tânia não pode ser vista em termos de resultados efetivos na ALN, mas na origem das concepções políticas da organização que o determinaram, para Norma Freire, a preparação dele depende de outros fatores,

Não é uma coisa assim tão formal como você disse, setor de apoio... talvez na cabeça de algumas pessoas funcionasse assim, uma tentativa de organização, eu não via digamos assim, como se fosse um organograma empresarial, não, não era assim, tinha que ser mais fluido logicamente pelo tipo de organização. A comunicação não era fácil, era através de pontos, telefone a gente evitava, então era uma coisa assim mais... eu não sei te dizer dos outros, para mim, era muito claro, muito claro o papel do apoio, então eu tinha que me preservar, para não me queimar e não queimar os outros, quer dizer, naquele momento, naquela minha possibilidade de atuação também era muito claro. Na questão de formação, eu acho que era geral, nessa época o pessoal de apoio, por exemplo, as pessoas que vinham, quer dizer heroicas, não falam, isso já no DOPS, a gente, depois da seis horas, quem subia era para apanhar, pauleira, pau de arara. Então depois de uma ou duas sessões, a gente sabia que a pessoa fala, depois de uma semana você descobre isso rapidamente, sabe? Na questão da sobrevivência, eles descobrem rapidinho as coisas. Então os que, digamos assim, os mais, os quadros muito preparados, e quadros muito, os

⁵³⁰ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

quadros... pelo contrário, você fez uma pergunta interessante, os quadros menos preparados, ou seja os que estavam mais envolvidos com a questão, com a emoção dos anos 60, resistem melhor. Olha, eu vou te dar um exemplo é a Tia [Tercina Dias de Oliveira]. Eu estive presa com ela, a Tia era costureira. Ela era uma pessoa linda, agora deve ter morrido. Ela não conseguia dormir nem eu, porque a luz ficava acesa a noite inteira na cela que a gente estava, então ela ficava me contando a história dela e eu ficava anotando, assim, num jornal que eu guardei num pedacinho de papel de cigarro que eu escrevia para não enlouquecer e ela também. Então a gente ficava... e então, ela era uma mulher muito linda, muito simples, ela veio do interior, separou do marido, não tinha como sobreviver, apesar de ter um filho, foi ser prostituta, seguir atrás das procissões, porque era a maneira mais fácil e ela era uma mulher muito séria, então ela me contava essas histórias... E foi uma mulher de extrema coragem, ela conta que o pessoal não conseguia bater nela, sabe? Ela só queria saber da máquina de costura dela [...] Enfim o que eu quero te dizer, é que não significa muito para mim a preparação do quadro, ou seja, a experiência de prisão e tortura faz parte sim da preparação de um quadro. Antes disso, você pode falar muito etc. e tal, mas você não, não tem a dimensão do seu limite e isso é muito importante saber. [A solidariedade] isso é uma coisa também, não coloca só do ponto de vista, isso é uma coisa bastante... me parece que faz parte, é uma característica assim brasileira, não sei, mas enfim que naquele momento aflorou com muita força, esse negócio de proteção, de abrir a casa, é uma coisa que aqui na América Latina, a gente é mais propenso a fazer isso do que por exemplo na Europa entendeu? Mas a par disso tem situações também onde as pessoas se abrem, eu acho que esse foi um dos momentos. Então as pessoas mais suscetíveis abriram a casa e ajudaram. Havia um laço cultural muito forte por trás dessa... digamos, desse apoio. Além do que o Brasil, mais na época, é um país de tradição católica que tem aquele negócio da solidariedade⁵³¹.

Ruth Tegon, por exemplo, não teve passagem pelo movimento estudantil, mas realizava tarefas extremamente úteis para a organização que, como confessa, exigia cada vez mais das pessoas, a partir de 1970. Ela e uma companheira encarregavam-se de realizar levantamento de pessoas para a ALN.

Amparo Araújo defende que as tarefas na ALN eram bem compartimentadas e as habilidades de cada um e suas tarefas iam sendo percebidas ao longo da prática na organização.

As tarefas eram bem compartimentadas, geralmente a gente fazia, tínhamos, formávamos grupos de três que executavam tarefas simples ou mais complexas, dependendo. Mas geralmente esse grupo de três se reunia também para estudar, tinham leituras, hoje a gente diria que seriam leituras dirigida. Sempre se tinha como uma tarefa ler, estudar um texto, aí quando se encontrava o grupo, a gente discutia. É... era esse tipo de tarefa, a questão de levantar ação, tinha ação para fazer que tinha que ter alguém que fizesse observação de campo, ver como era o terreno, como é que era o movimento, se... eu acho que num determinado momento se percebeu essa, como pode se dizer, essa habilidade [dela]. A gente vai ficando mais, fazendo a prática, como dizia Mao Zedong, a prática é o critério da verdade, era isso⁵³².

⁵³¹ Entrevista de Norma Leonor Hall Freire, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

⁵³² Entrevista de Maria do Amparo Almeida Araújo, Recife (PE), 8 de janeiro de 2009.

O fato de ser apoio nunca colocou Ana Maria Ramos numa posição menor em relação à organização. Essa nunca foi uma questão para ela. Acredita também que não recebeu uma preparação específica para a função que desenvolveu, reservada aos quadros dirigentes, embora a discussão sempre fosse aberta sobre os cuidados a tomar. Nunca chegou a preparar um levantamento, mas tinha uma rede de contatos que abrigava as pessoas perseguidas.

Olha, não é que eu via hierarquia, não é isso, mas sempre ficou muito claro que havia mais responsabilidades, então quanto mais envolvido você ia, você saía da... isso era uma discussão dentro da ALN, porque você tirar gente da Frente de Massas ou do Apoio Logístico para pôr no GTA. E então, era por que... não é que era hierarquia, mas é que quanto mais... a tendência era um dia você ir para o GTA, não por promoção, mas à medida que você ia ficando mais... sim, você ia aprendendo... sabendo mais coisas, pegando mais responsabilidade, mas eu acho que era muito mais como responsabilidade do que subir dentro. Pelo menos era a minha percepção... eu nunca me achei diminuída porque eu era apoio logístico. Eles [a repressão] sabiam que de apoio não tinha muito comprometimento do ponto de vista de assalto de crimes mesmo não é? Consideradas crime e eles sabiam que... eu acho que a polícia num certo momento percebeu que se pegasse todo mundo que era de apoio, acabava com a sobrevivência da esquerda armada em geral. Que foi o que aconteceu, de fato. Mas é assim, eu não lembro da gente ter tido muita orientação, quem era apoio, a gente não recebia muita orientação... em caso de prisão não... quem era de grupo armado é que recebia, direção, que é que tinha essa orientação de tomar cianureto, de se colocar numa situação para ser morto, um preparo psicológico para a pessoa fazer isso. Agora quem era apoio não me lembro não. De nenhum tipo de... tanto que a gente nem sabia o que fazer, era muito de inteligência. Sempre tinha tido vida legal, nunca tinha feito levantamento, enfim, era o que eu faria como uma pessoa solidária [...] É, eu acho que foi por causa de gente como eu, outras pessoas como eu, que a esquerda, que sobreviveu mais gente, se a gente, se não tivesse gente como eu, outras pessoas como eu, provavelmente teriam, eu acho que fez diferença, o trabalho da gente e fez bastante diferença, dependendo de... que aparentemente não tinha esse grau de compromisso para a repressão muito grande, que podia sobreviver, que pôde continuar, senão...⁵³³

Albertina Pedrassoli mostra que o apoio não se restringia a uma tarefa essencialmente feminina. Ela não se lembra de ter recebido uma preparação específica, as conversas giravam em torno das discussões sobre segurança, mas era extensiva a todos os militantes clandestinos. O próprio diálogo era dificultado também pelo contexto em que se vivia.

[...] cada um tinha sua base de apoio. Por exemplo, eu era base de apoio do Fernando, por exemplo, do Airton, do Djalma, a Vera, nós fomos uma base de apoio dele. Assim, ele usava de acordo com, eu acho, que ele precisava. Eu acho que era assim. Eu tinha essa consciência que eu era base de apoio. Eu concordava com isso, mas para a polícia eu não falava isso, eu falava que era por amor, da esposa apaixonada, Roberto Carlos. Era uma coisa assim, mas tinha total consciência, se não fosse com o Fernando, isso seria com outra pessoa. Foi com ele porque era mais prático para mim, mais tranquilo também, porque a gente estava ali na frente. Nunca fiz levantamento de banco... eu acho, eu acho

⁵³³ Entrevista de Ana Maria Ramos Estevão, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

que eu nunca conseguiria ser, talvez depois, se tivesse continuado talvez eu chegasse a ser, mas eu não me via nessa condição de fazer uma ação armada, por exemplo, eu não me via. Eu concordava, eu concordava, achava que era por aí, mas eu não me achava assim, ter essas condições, sabe? Achava que eu ia temer na hora de fazer um negócio desse, era muito forte para mim essa formação cristã, não sei, tinha alguma coisa em mim que eu não era corajosa o suficiente ou a minha família, formação, eu concordava que se fizesse, mas eu achava que eu não tinha essas condições, para mim, não ia. Então eu iria ter uma... não, eu não faria, [treinamento de tiro, explosivos] mesmo que eu fosse convidada, porque é como eu te disse, eu concordaria, mas não era, não estava, não fazia parte da minha... por exemplo, o Fernando fez, eu achava que era justo ele estar fazendo, estar participando. Eu acho que não tinha esse, acho que deveria existir, a organização deveria estar organizada para isso para formação dos apoios, mas a maioria dos apoios que eu conheço, eu conheci, não tinha, era alguém que conversava, que pedia, que até se discutia alguma coisa com ele em nome de ser... não seria uma culpa, mas você ver o outro participar e você não participar, porque não é culpa, mas se a gente concorda com essa ideia temos que ajudar, e quem sabe até guardando uma mala é uma forma de ajudar? Mas não tinha uma organização, mas eu acho que deveria ter, mas era tão clandestino e tudo era tão perigoso, você fazer uma reunião, perguntar às pessoas, a não ser pessoas que já te conheciam. Mas claro que deveria ter mais documentos sobre isso, sobre, pelo menos isso, mas não tinha, não tinha, não podia ter muita escritura sobre isso. A gente discutia para se autoprotger, não é? Como seria, o que é que cada um poderia estar falando do outro. Mas que não tinha preparação política, não tinha, formação não tinha no movimento clandestino, tinha quando era na legalidade, mas quando ele vira clandestino é difícil⁵³⁴.

O começo da militância no apoio dependia como afirmou Malu do perfil das pessoas. Ela também desconfiava que Paulo de Tarso Venceslau era responsável por uma ampla estrutura de apoio na ALN, função que foi prejudicada, na sua visão, pela participação dele no sequestro do embaixador americano. Tudo leva a crer, pelo depoimento das mulheres da ALN, que ele transportou muita gente pela fronteira do Brasil. Por trás do que diz Malu está uma crítica relativa ao emprego precoce de um militante com um amplo esquema logístico ao Grupo Tático Armado. Por outro lado, isso mostra também que não havia limites tão claros sobre o que o setor de apoio deveria fazer,

Quando foi em janeiro de 1969 numa reunião na casa do Jacques [Jacques Breyton], eu e o Paulo [Paulo de Tarso Venceslau], ele marcou uma reunião comigo na casa do Jacques, e eu só voltei na casa do Jacques quando ele morreu. É, teve uma reunião lá que eu, não sei se é... eu sei que o Paulo me explicou o que era a ALN, qual era a proposta, entendeu, o que eu ia fazer, explicou os riscos que a gente pode correr. Eu acho que se ele tivesse proposto para mim para fazer um assalto a banco, eu não aceitaria. Tanto é que assim, quando ele voltou do Rio de Janeiro e aí eu acho que é uma coisa mais da ALN, a ALN está mais estruturada justamente por causa desse, dessa rede de apoio, ele ficou um mês, guardando as pessoas em vários lugares, ele tinha um esquema entendeu, só que o Rio, que era o pessoal do MR-8 não tinha os esquemas e logo as pessoas foram caindo e acho que o Paulo era uma pessoa que foi contatada pela ALN para criar uma infraestrutura de apoio, eu acho isso, tem que perguntar para ele se isso é verdade ou não. Porque ele só fazia isso, entendeu? Tanto é que assim, depois do sequestro, que eu acho que foi um erro

⁵³⁴ Entrevista de Albertina Pedrassoli Salles, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

dele ter participado, e eu sei por que ele participou, porque a gente conversava muito entendeu, então assim, tinha uma coisa, e as pessoas eram jovens, tinha uma coisa que se a pessoa não fizesse uma coisa, ela não era corajosa. Tinha alguns militantes com essas ideias, eu sei por que eu vivi isso também, então assim, eu acho que o Paulo, se ele foi encarregado pelo Marighella ou não de criar a infraestrutura eu não sei te dizer, só que ele fazia isso, e ele montou uma rede de apoio, então, por exemplo, o Jacques que fez reuniões na casa dele com o Marighella, é um apoio, é uma casa que trouxeram para uma reunião⁵³⁵.

Perguntada em que consistia exatamente o trabalho de apoio, Malu disse:

Nem sei se tinha isso estruturado, eu acho que isso quando acontecia era uma coisa que assim, precisamos fazer isso, foi o que eu vi, mas eu tive uma conversa muito séria com o Lauri [Lauriberto José Reyes], em julho. Na época eu estava querendo sair de casa, eu falei assim, olha Lauri, mas eu estou achando tudo isso muito esquisito, porque assim, pelo que eu estou vendo, a duração de cada militante é seis meses só, então muito pouco, mas é uma coisa intuitiva entendeu, eu não tinha elementos como a gente teve agora, tem anos depois quando você analisa, e eu não sei se eu idealizo muito essa questão do Marighella e do *Toledo*, que eles tinham essa visão, quando eles morreram, isso acabou, entendeu, eu acho, não sei se isso é uma idealização minha, ou se era realmente entendeu? É, é essa visão que eu acho de luta prolongada, que as pessoas, que é uma visão do Partido Comunista, que o *Toledo* tinha e o Marighella também, que cada pessoa pode dar determinada coisa, uma pessoa é boa para trabalho de massa, outra é boa para... entendeu? Outro para ser liderança mesmo, o outro é bom para guerrilha, para assalto a banco, porque a pessoa tem um perfil, é como uma empresa, você não pode pôr uma pessoa para ser, sei lá, relações pública, se ela é uma pessoa que gosta mais de fazer um trabalho de catalogação, tem essas coisas... Ninguém pautou minha vida, graças a Deus, não, em Paris tive um companheiro que eu ia muito para Argélia, eu estava lá, aliás isso aí é uma coisa que eu gostaria de contar, por exemplo, quando eu cheguei na Argélia logo depois de chegar os quarenta, o Fleury, Carlos Eduardo Fleury, que era militante da ALN teve uma conversa comigo, porque a gente era mais ou menos a mesma turma, o Fleury, o Benetazzo, o Benetazzo por exemplo, deu um curso sobre *O Capital* para gente na época do movimento estudantil, ainda mais essa, a gente foi fazer curso [...] aí o Fleury numa das coisas que ele me pergunta, o que que você ainda está fazendo aqui? Entendeu, ficou puto, porque eu não tinha ido para Cuba, aquela história que eu te falei que as pessoas, que eu tinha que estar em Cuba fazendo treinamento militar para ser guerrilheira. Eu, assim, não sei se foi maturidade, se foram as pessoas que eu conhecia, eu não sei dizer, mas assim, eu sabia exatamente o que eu poderia dar e o que eu dei. Então assim, se alguém da organização como esse menino, o que que você está fazendo aqui, eu, ai, puxa, você tem razão eu tenho que ir para Cuba, isso não existe, eu acho que é uma coisa de personalidade mesmo, como eu te disse, eu sou muito independente sabe, quer dizer, eu tenho uma coisa assim na minha vida, o que eu quero fazer não acho que era consciente entendeu? Mas era mais importante, claro que a gente tinha essa coisa também, ah... puxa fulano está lá fazendo treinamento ou não, não sei o quê, mas nunca me senti sabe como secundário, eu não senti⁵³⁶.

Sandra Brisolla sentiu também uma certa urgência dos seus contatos de transferi-la para as ações armadas. Com as prisões cada vez mais crescentes do setor armado da ALN, houve um vazio de quadros que deveria, segundo ela, ser recomposto.

⁵³⁵ Entrevista de Maria Lúcia Alves Ferreira, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

⁵³⁶ Idem.

Eu, por exemplo, foi pouco tempo que eu militei, mas trataram de me empurrar para as ações armadas e eu é que impunha uma certa distância porque eu não me sentia segura. Mais é conversa com o Paulo de Tarso. Bom e aí quando é que você? Não, por enquanto não, não me sinto segura. Tratava de me empurrar. Também eu acho que tinha uma outra coisa, à medida em que a coisa foi evoluindo você ficou com muita gente clandestina. Então você tinha muita gente clandestina e quanto mais gente você tem, mais custo você tem para manter o pessoal, porque era um pessoal que você, que não pode ter uma vida legal. Então tem um custo para manter e para eles também interessava manter um pessoal com vida legal não é, não passar necessariamente por uma coisa ou por outra. Passou está bom, agora não tem jeito, mas forçar isso não⁵³⁷.

Ana Bursztyn que já tinha militância estudantil anterior entrou diretamente no GTA. Ela destaca que a repressão estrangulou qualquer capacidade de crescimento, tanto do movimento estudantil, como da luta armada.

Olha, eu não sei se em outros estados, em São Paulo, por exemplo, que já existia um quadro de militantes com formação política mais sólida, que essa é a análise que eu faço hoje, na época eu não tinha condição a situação foi diferente, eu acredito até que sim, mas aqui no Rio não, que eu saiba devia existir muito pouco trabalho de massa, eu comecei logo discutindo e fazendo parte do GTA, que inclusive era o que eu queria mesmo, a gente tinha que agir. Esse estrangulamento da repressão, estrangulamento, barra pesada a partir do AI5 ele impedia que a maior parte das lideranças que tinham mais consistência política, que já tinham passado por trabalho de massa, já tinham discutido, já tinham se formado etc. e tal fizessem trabalho de massas, já estavam ficando queimadas. Álbum de Ibiúna era para esse, você chegava lá, e eu era a A. E, portanto, impedia que a gente crescesse mais, porque eu acho que é em movimento de massas que você, que as pessoas se aproximam do que você está fazendo, das tuas ideias não é? E isso vai criando um estrangulamento, um isolamento profundo, profundo. Eu acho que eu vivi exatamente essa fase, já foi meio de 1969 até 1970. Isso porque eu fui presa em meio de 1970, a gente achou uns documentos, documento, ele não diz *ipsis literis*, mas é óbvio, de outubro de 1970 do Figueiredo do SNI para o Médici, eu acho, eu tenho em algum lugar esse documento, em que ele dizia que tinha que intensificar, e a gente sabe hoje, que a partir, para mim a maneira como o Bacuri morreu é um marco, foi um marco. Ele ter ficado quatro meses preso, todo mundo saber, sessenta pessoas no DOPS o veem, ele sair quando ele estava lá, a gente sabia, estava escrito num jornal que deram para gente que ele foi apontar um companheiro e foi morto em tiroteio e ele estava lá dentro no fundão lá da gente, aquilo ali é não ligar para mais nada, e não dar, cortarem visitas e advogados, para mim é um marco. Eu acho que a partir desse momento eles passaram a basicamente eliminar quem fosse de ação armada e depois piorou, porque aí mesmo quem não era de ação armada também exterminar. Todos os dirigentes do PCB, oito ou dez dirigentes do PCB. Por exemplo, pela ALN, eu nunca participei de uma ação de propaganda política, eram ações de *expropriação*, são essas coisas que hoje voltando no tempo, você fica assim, é, mas a gente perdeu um pouco o rumo, porque quanto menos propaganda você fizesse, mais isolados, e a gente estava se isolando mesmo, você já não tinha trabalho de massa, já não tinha formação de quadro direito, tudo era questão de segurança, você não fazia propaganda política. Foi um ano até ser presa, foi um ano só, como foi intenso, eu tive discussões, poucas discussões sobre documentos, que eram poucos e a impressão que eu tenho, é que a gente ia para ALN, pode ser que eu me engane, provavelmente em São

⁵³⁷ Entrevista de Sandra Negraes Brisolla, Campinas (SP), 24 de outubro de 2008.

Paulo foi diferente, mas a impressão que eu tinha é que a gente ia para ALN com a bagagem que já tinha. Porque a política de formação de quadros a partir do meio de 1969 era muito pequena⁵³⁸.

Danielle Birck, militante francesa, veio ao Brasil para atuar como apoio. A situação política brasileira a fez retornar em pouco tempo à França, obrigando-a a abreviar a sua suposta “viagem de férias”. No entanto, foi mais útil aos brasileiros na França. Como ela afirmou,

Il aurait fallu une réflexion plus poussée, et surtout une préparation plus approfondie pour ceux qui auraient pour fonction d'appuyer, d'aider la lutte armée, tout en ayant une façade légale, les appelés « aliados ». Il y avait un manque manifeste d'expérience et de vraie réflexion stratégique à plus long terme. Une sorte de précipitation dans l'action. Je parle aussi pour moi-même, très jeune et très inexpérimentée, sur tous les plans. D'où l'accumulation des maladroites et des erreurs, qui furent fatales à certains et certaines. Je n'ai pas eu véritablement d'activités militantes pendant mon séjour au Brésil, écourté en raison des circonstances évoquées plus haut. Paradoxalement, c'est de retour en France que j'ai peut-être été le plus utile, en hébergeant certains militants de passage et en accueillant quelques activités clandestines (comme par exemple les « cours » de fabrication de faux documents donnés à Sônia/Yara), en tapant quelques textes, etc... J'ai aussi transporté clandestinement une fois de l'argent en Suisse, sans savoir, bien sûr, d'où il provenait et à qui(quoi) il servirait. J'ai seulement aidé Fernando, après mon retour en France, et alors qu'il était en prison, en lui procurant une attestation d'études par l'intermédiaire d'un professeur de l'Institut des Hautes Etudes en Amérique Latine à Paris, où je m'étais moi-même inscrite à mon retour du Brésil. Il avait été prévu que je resterais dans la légalité au Brésil tout en aidant clandestinement les militants engagés. Je devais donc trouver du travail, dans l'enseignement (j'avais une licence de philosophie et avait enseigné les lettres classiques un an en France) ou à l'Alliance française. Cela n'a pas pu se faire en raison du dysfonctionnement qui a eu lieu au moment de mon arrivée et qui m'a contrainte à la clandestinité quelques semaines plus tard, peu de temps après que j'ai loué l'appartement de Frei Caneca, avec l'aide de la mère de Fernando qui, je pense, ne soupçonnait pas nos activités militantes. En fait au lieu de me faire conduire chez les parents de Fernando, en dehors de São Paulo, en attendant qu'il m'y rejoigne, on m'a installée dans une pensão à São Paulo. C'est L., qui était mon seul contact avec l'organisation, qui a réglé la pension. Il me restait très peu d'argent après avoir payé mon voyage. Je serai aidée financièrement par la suite, par P. Mais je n'étais à proprement parler « active ». Je ne jouais aucun rôle au sein d'aucune organisation, ni ne servait d'intermédiaire entre des militants. En ce qui concerne le transfert d'argent, j'ai effectivement apporté avec moi au Brésil une certaine somme qui avait été réunie par R. qui est venue de Suisse me la remettre avant mon départ et qu'à mon tour j'ai remise à L. en arrivant au Brésil⁵³⁹.

⁵³⁸ Entrevista de Ana Bursztyrn Miranda, Rio de Janeiro, 13 de março de 2009.

⁵³⁹ “Precisaria uma análise mais acurada e, sobretudo, uma preparação mais aprofundada para aqueles que teriam como função apoiar, ajudar a luta armada tendo uma fachada legal, os chamados “aliados”. Havia uma clara falta de experiência e de verdadeira reflexão estratégica a longo prazo. Um tipo de precipitação na ação. Falo também por mim mesmo, muito jovem e sem experiência em todos os planos. Daí a acumulação de mancadas e de erros que foram fatais a alguns e algumas. Eu não tive verdadeiramente atividades militantes durante minha estadia no Brasil, encurtada em razão das circunstâncias evocadas acima. Paradoxalmente, é de volta à França que talvez eu tenha sido mais útil, abrigando alguns militantes de passagem e acolhendo algumas atividades clandestinas (como por exemplo, os “cursos” de falsificação dados à Sônia/Yara), digitando alguns textos, etc... Uma vez eu também transportei clandestinamente dinheiro para a Suíça, sem saber, é claro, de onde ele vinha e a quem ou a

É inegável, portanto que o apoio teve seu papel e ajudou a manter a organização. Talvez por um tempo um pouco maior que ela poderia atuar se não estivesse sem ele. Como Lisete disse, “se você não tiver o cara que estuda, o que chama, o que consegue trazer gente, o cara que faz a panfletagem, o cara que dá dinheiro, o cara que vai divulgar a greve de fome, o cara que vai arrumar dinheiro também para um fugir, para o outro fugir, para a família de alguém, a luta não se expande”⁵⁴⁰.

que ele serviria. Eu somente ajudei Fernando, depois de minha volta para a França, e enquanto ele estava na prisão, conseguindo um atestado de estudos através de um professor do *Institut des Hautes Etudes de l'Amérique Latine* em Paris, onde eu mesma me inscrevi quando voltei do Brasil. Era previsto que eu ficaria na legalidade no Brasil, ajudando clandestinamente os militantes engajados na luta. Eu devia então conseguir um emprego no ensino (eu tinha uma graduação em filosofia e tinha ensinado letras clássicas durante um ano na França) ou na Aliança Francesa. Isso não pôde ser feito devido aos problemas que aconteceram no momento de minha chegada e que me obrigaram a entrar na clandestinidade algumas semanas mais tarde, pouco depois de ter alugado o apartamento da Frei Caneca (São Paulo) com a ajuda da mãe de Fernando que eu penso que não desconfiava de nossas atividades militantes. De fato, ao invés de me levarem para a casa dos pais de Fernando fora de São Paulo, onde esperaria que ele viesse ao meu encontro, me instalaram numa pensão em São Paulo. Foi L., meu único contato com a organização, que pagou a pensão. Tinha me sobrado muito pouco dinheiro depois de pagar a viagem. Em seguida eu seria ajudada financeiramente por P. Mas eu não estava propriamente ‘ativa’. Eu não tinha nenhum papel no seio de nenhuma organização nem servia de intermediária entre militantes. No que diz respeito a transporte de dinheiro, realmente trouxe comigo uma certa soma que tinha sido recolhida por R., que veio da Suíça para me trazer antes de minha partida e que de minha parte entreguei a L. chegando ao Brasil.” (Tradução minha). Entrevista de Danielle Birck [Mensagem Eletrônica], Paris, 5 de setembro de 2010.

⁵⁴⁰ Entrevista de Lisete Lúcia de Silvio, São Paulo, 29 de agosto de 2010.

CAPÍTULO 5

Amor e hostilidade em tempos de revolução

5.1 De que matéria se faz uma revolucionária?⁵⁴¹

Algumas mulheres teriam reagido ao golpe instintivamente, movidas por sentimentos patrióticos essencialmente? Tiveram uma participação meramente ocasional ou engajaram-se numa luta de longa duração? Nos derradeiros anos do regime militar a resistência, pode-se dizer, foi feita por uma minoria que se não atraiu a indiferença da população, foi tratada pela repressão com grande hostilidade. Algumas pessoas da sociedade passaram então a considerar seus atos como ilegais ou até criminosos.

Quem foram as mulheres que participaram da luta contra a ditadura? Eram idealistas, movidas pelo espírito de independência ou inconformismo, próprios do ambiente de liberação feminina, ou vinham de históricos políticos demarcados e capazes de lançarem os germes da luta de resistência?

A resistência à ditadura militar rompeu as barreiras tradicionais da sociedade na medida em que colocou em contato militantes de várias origens sociais, vindas de vários horizontes econômicos, políticos e culturais. Muitas mulheres possuíam diplomas importantes, haviam realizado cursos universitários, eram funcionárias públicas bem colocadas no mercado de trabalho enquanto outras mal sabiam ler.

Não podemos desconsiderar também que os espaços abertos a elas nas universidades e a liberação de costumes que estava em curso influenciaram seus sentimentos de independência, vontade de viver e até num espírito de aventura e experimentação que poderiam tê-las levado à militância política.

Algumas mulheres cooperaram com a ALN de maneira espontânea, quando se apresentou a ocasião. Algumas esperaram até a definição de seu grupo (familiar ou de amigos) para se inserirem em uma organização armada. Cada uma também deve ter reagido às circunstâncias devido a seu temperamento.

⁵⁴¹ Título de um texto de Elisabeth Lobo. LOBO, E. De que Matéria se faz uma rebelde? In: *Revista Isis*, 1984. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Fundo Elisabeth Lobo, pasta 5.

Nada nos impede de considerar, assim, que algumas dessas mulheres agiram tão somente dentro de um padrão ético pautadas pela simples solidariedade e não por serem depositárias de uma ideologia marxista ou de esquerda.

Depoimento de um militante da época expressa esse tipo de pensamento:

Até então eu era um simpatizante do marxismo, mas não me considerava marxista. Eu tinha muita sensibilidade social, de me revoltar com as injustiças do mundo. Mas a direção da ALN era marxista e seu projeto era socialista, de derrubar a ditadura e partir para o sistema socialista... Isso bateu mais ou menos com o que eu queria⁵⁴²

Muitas mulheres naqueles anos, embora tendo tido influências de esquerda, não seguiam dentro de suas vertentes uma corrente definida. Lutavam contra a ditadura e se diziam marighelistas. Esse é o caso de Tania Fayal, militante do setor armado que nunca foi comunista, estalinista, marxista ou maoísta. Maria Sarmiento Coelho da Paz, embora mulher de esquerda, era favorável ao conjunto de ideias de Marighella e Joaquim Câmara Ferreira, e à ideia da revolução, ainda que nunca tivesse lido qualquer linha de Marx, Engels ou Lênin. Havia uma disposição para a luta no contexto daqueles anos, aliado a um forte sentimento de oposição de algumas camadas da sociedade que, insatisfeitas com o golpe, eram impulsionadas à luta mais por um apelo do cotidiano do que por uma conscientização que atravessasse algum nível intelectual: estudantes cercados e espancados, incêndio de prédios, lançamento de bombas, a prisão de amigos ou parentes, tortura e morte. Proibição generalizada nos canais de comunicação, jornais, revistas, televisão. Tudo isso gerava insatisfação e incitava, segundo o temperamento e as condições pessoais de cada uma, à ação.

Como afirmou Carlos Eugênio Paz,

[...] claro, todo mundo joga do nosso lado, a grande maioria das pessoas podiam ter medo, mas ninguém era a favor daquela ditadura que estava torturando e ninguém gostou daquele negócio não, o índice de aprovação do governo do Jango se soube décadas depois, porque não se divulgou na época, porque os militares abafaram, era 48% de aprovação assim, incontestemente, que no total, se soma aquele negócio entre excelente e bom dava 58%, dava 58% era um negócio, assim, as pessoas estavam contentes com o Jango, era o herdeiro de Getúlio, e o cara, foi deposto e se escondeu tudo?⁵⁴³

A ALN dentro de sua linha de atuação também permitia a inserção dessas pessoas. O fundamental para a organização era a luta de Libertação Nacional e a formação consequentemente de uma aliança operário-camponesa que se constituiria no seu *exército*

⁵⁴² Depoimento anônimo. Cf. FARIAS, Airton. *Além das Armas*. Guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72). Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2007, p. 125 (Depoimento anônimo).

⁵⁴³ Entrevista de Carlos Eugênio Sarmiento Coêlho da Paz, Rio de Janeiro, 18 de abril de 2011.

revolucionário. Essa concepção, se não atraiu uma grande parte de pessoas, permitiu igualmente a inserção da mulher.

O papel da mulher tanto no movimento estudantil como nos grupos armados foi uma novidade no Brasil. Ainda que houvesse um predomínio de homens, muitas mulheres tiveram uma intensa atuação política naqueles anos.

Surgia uma nova esquerda no cenário brasileiro, avessa às propostas do partido comunista local e influenciada por um novo rol de ideias e símbolos que tanto criticavam o capitalismo, como discordavam do socialismo soviético em cujas propostas encontravam-se aspectos muito burocráticos, conservadores e estatizantes. Deixava-se progressivamente de lado o socialismo comedido do partido para uma atuação interna mais incisiva e direta.

Aliado ao embate de ideias e à ebulição política do período, verificava-se progressivamente na sociedade um relaxamento das regras no comportamento social, que deixavam à mostra tanto a necessidade de romper com atitudes conservadoras, como uma politização intensa que permeava cada vez mais as relações interpessoais. No depoimento de Vladimir Palmeira essa afirmativa fica clara:

[...] é bom não esquecer que minha geração foi uma geração de transição [...] éramos mesmo uma geração contraditória: todo mundo se declarava contra a virgindade, mas até 66-67 a maior parte das moças ainda era virgem. A invenção da pílula contribuiu para vencer isso, é claro. Mas a pílula já existia em 65, o mais difícil era quebrar os preconceitos... Quando entrei para a faculdade, garota que tivesse vida sexual era considerada galinha e caía na boca do povo. A esquerda sempre foi um pouco mais liberal, mas mesmo entre nós sempre havia alguém que dizia, apontando para alguma menina: “Já comi aquela. Era nesse nível”. Em 68 não se ligava mais, já vivíamos em outro mundo e ninguém nem se lembrava do assunto. O avanço ocorrera em grande velocidade. Tabus foram vencidos. [...] O movimento estudantil, na minha visão de hoje, foi antes de mais nada uma grande revolução cultural e de comportamento. Mais importante do que a luta contra a ditadura, embora isso possa parecer absurdo. A geração de 68 é a primeira que desde cedo mora fora de casa, trabalha e tem independência em relação aos pais. É também a primeira que mistura as classes altas e a pequena burguesia com os filhos de trabalhadores, nos cursos noturnos das universidades. E faz a ruptura⁵⁴⁴.

As mulheres da sociedade até então não tinham a mesma igualdade jurídica em relação ao homem. Eram mantidas sob os auspícios masculinos ou a autoridade de seus pais, maridos ou filhos homens. Seu cônjuge podia interferir tanto na sua vida profissional como desautorizá-la a realizar qualquer atividade sem sua autorização expressa. Anteriormente uma

⁵⁴⁴ DIRCEU, J.; PALMEIRA, Vladimir. *Abaixo a Ditadura*. Rio de Janeiro. Espaço e Tempo: Garamond, 1998, p. 30.

mulher casada não podia abrir uma conta em banco, nem se inscrever numa universidade e, em menor grau ainda, sair desacompanhada.

Maria Aparecida Baccega, por exemplo, não podia prestar concurso na Justiça do Trabalho porque era mulher desquitada. Era o ano de 1966. O divórcio, por exemplo, até o ano de 1962 era classificado como *um aspecto social negativo ou patológico*⁵⁴⁵.

Paulatinamente essas concepções começaram a ser quebradas. A mulher saiu da tutela de seus pais ou de seus maridos, ganhou independência financeira com seu trabalho, foi para a Universidade, passou a atuar politicamente.

A tomada ilegítima do poder pelos militares, contudo, não só representava o avesso desejado por essa geração, como reafirmava também, através de reiterados símbolos da ditadura, o papel da mulher como mãe de família e edificadora do lar.

A revolução pessoal também vinha no esteio da revolução política e os militantes também passavam a fazer certos questionamentos. Um exemplo disso encontra-se num trecho da entrevista que o militante e dirigente Carlos Eugênio Paz nos forneceu quando ele relata um desses casos, ocorrido com um companheiro de militância,

[...] vou te contar um episódio que tem até um conteúdo de ingenuidade, uma história que eu acho muito engraçada com conteúdo sexual. Por exemplo, um belo dia um companheiro chega para mim e pede um ponto. E aí eu pergunto para ele, mas por que tu quer (sic) um ponto? A gente se encontrava todo dia... Um ponto [responde o militante] é um assunto importante. Vamos ter uma conversa diferente do que a gente tem normalmente. Tudo bem, o que eu vou fazer? Quando ele chegou lá, ele chegou com um outro companheiro e eu fiquei desconfiado e aí eu pensei, ele não teve coragem de vir conversar comigo sozinho... Ele queria um apoio e você sabe qual era a conversa do companheiro? O companheiro chega para mim, era um companheiro que não era da Zona Sul carioca, nem da classe média do Morumbi, nem dos Jardins era uma pessoa... e aí ele diz: Pô companheiro fico até com problema de falar. Mas o que é bicho? Quero saber o seguinte, é legal, é revolucionário praticar cunilinguos (sic) com as nossas companheiras? Preconceitos da época. Puxa os homens passaram séculos fazendo sexo para reprodução com suas mulheres e tinham prazer com suas amantes e prostitutas. Então você não quer que num passe de mágica tenha se resolvido todo o problema do tratamento igualitário entre homens e mulheres, mas é evidente que nossa geração deu passos imensos e dentro da organização isso se traduzia⁵⁴⁶.

Claro que a situação não estava resolvida. Tanto as mulheres como os homens ainda estavam presos ao conservadorismo e os comportamentos foram sendo modificados ao longo do tempo, por essa geração. Isso fica demonstrado no depoimento de Reinaldo Guarany,

⁵⁴⁵ Esse dado encontra-se na “Estatística do Século XX”, num estudo promovido pelo IBGE. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/seculoxx/estatisticas_populacionais.shtm> Acesso: junho de 2008.

⁵⁴⁶ Entrevista de Carlos Eugênio Sarmiento Coêlho da Paz, São Paulo, 27 de setembro de 2003, Transcrição Lado B, p. 13.

[...] um mês antes de minha prisão, estávamos reunidos em meu *aparelho* em Copacabana [...] eu, Aldo Sá Brito, Marcos Nonato da Fonseca, Joaquim Câmara Ferreira e, acho, Hércio Pereira Fortes. Câmara Ferreira, o *Toledo*, propunha que fôssemos para o Maranhão. Eu ainda era um “quadro legal”, tinha conhecimento do mercado de medicamentos, poderia abrir uma distribuidora de produtos farmacêuticos para servir de fachada para o resto do pessoal. Poderíamos nos deslocar pelo Nordeste e Norte com a “fachada” de vendedores, enquanto atuávamos. Eu havia participado do sequestro do alemão quase dois meses antes e *Toledo* achava que era hora de deslocarmos para um ponto mais frio. Estávamos conversando quando minha mulher (note: mulher, não companheira, já que, entre outras razões para ser chamada de mulher, éramos casados no papel) passou no campo de visão de *Toledo*, que perguntou: “quem é ela?” Respondi que era minha mulher e ele perguntou se ela estava a par das coisas, se era militante. Respondi que não, que era minha mulher. Ele perguntou como ficaria o caso dela com meu deslocamento para o Maranhão. Eu disse: “ué, ela vai comigo, afinal é minha mulher”. E foi o Velho [Joaquim Câmara Ferreira] que argumentou que ela teria de ser informada e perguntada se queria ou não se meter na coisa, que ela poderia escolher (na minha cabeça, a escolha era minha). Duas semanas depois a coloquei numa ação armada (assaltamos a escola em que estudava minha irmã mais nova, o Colégio Brasileiro de Almeida, na Lagoa Rodrigo de Freitas), posto que ela havia concordado em militar na ALN e teria de ser preparada. Esse machismo meu, que acabou sendo enterrado com um certo purismo guerrilheiro que eu tinha, era um componente de grande parte de nossa esquerda, pelo menos de meu setor (classe média urbanizada). Alguns companheiros mais sofisticados intelectualmente tentavam ocultá-lo com observações que às vezes pareciam caídas de meteoro, ou com uma roupagem europeia - mais tarde, quando fomos definitivamente derrotados com o golpe do Chile e fomos parar na Europa. Foi na Suécia que Gabeira perdeu o layout de bancário oriundo do interior de Minas, que usava calça de tergal com camisa social branca e óculos de armação pesada. Não conheci Gabeira antes, encontrei-o poucas vezes no Chile, mas acho que a mudança no visual (e talvez de cabeça) dele ocorreu em Estocolmo. Lembro que um dia o avistei indo para uma festa de nossa “colônia”. Gabeira com calças bag de couro preto, camisa estampada e larga. Outro companheiro cujo nome, usando a elegância de Tim Maia, não citarei, mas citarei apenas as iniciais: Marco Antônio, sempre fazia pose de europeu avançado no meio de trogloditas brucutus atrasados. Achava bonitinho que a própria companheira tivesse relação primária, relações secundárias e terciárias, e normal que um berlinense o tirasse para dançar numa festa, etc. Mas nossa essência foi formada pela geração de nossos pais. O que significava respeitar a mulher como uma entidade estranha, afastada, suspeita. Veja a proporção de mulheres e negras em nossa luta. Quando aparecia uma companheira mais “avançada” como Sônia Lafoz, alguns companheiros ficavam intimidados, outros como Ângelo Pezutti nem tanto, mas o componente machista apareceria mesmo assim numa tomografia computadorizada do subconsciente. Tenho pensado nisso e creio que a base desse machismo se encontra na sexualidade humana que não tem nada de natural. O sexo do animal, sim, é natural. A fêmea entra no estro e o macho, que está sempre disponível e apto para o sexo, entra em cena e transa - é algo quase operacional. Mas no ser humano, o estro da mulher é muito sutil e nós, os homens, continuamos como responsáveis pela perpetuação do DNA. Não existe lado feminino do homem, nem o masculino da mulher. O homossexual tem tanto componente de macho em sua sexualidade quanto o heterossexual. Até hoje, acho que homem e mulher são duas espécies diferentes, em cabeça e corpo, que se encontram apenas pelo sexo. Meu machismo antigo começou a rachar fundamentalmente em meu relacionamento com Dora, Maria Auxiliadora Barcellos Lara, grande influência intelectual de minha vida [...]. Mas a sociedade brasileira era - e ainda é em grande parte - machista, de maneira branda, compassiva ou

agressiva, dependendo não da classe social nem da formação intelectual, mas de fatores outros que desconheço⁵⁴⁷.

Verificamos ao longo deste estudo que havia um despertar de uma “consciência feminina” que vinha se dando em anos anteriores. A luta de liberação feminina e sua participação no espaço público já vinha ocorrendo como se verificou no tipo de militância dessas mulheres. Os artigos escritos por Antonieta Campos da Paz no *Imprensa Popular*, os debates e leituras sobre Simone de Beauvoir e Alexandra Kollontai realizados pelas militantes da ALN como Ana Maria Ramos, Maria do Amparo Almeida Araújo, Maria Lygia Quartim de Moraes, Leda Gitahy para ficarmos com alguns exemplos, indicam que havia um interesse da mulher em relação a sua problemática.

Houve um impulso de participação feminina na sociedade naqueles anos, seja através da política ou de encontros em que as questões mais importantes eram no sentido de compreender o lugar da mulher na sociedade. Algumas delas se reuniam, como relata Ana Corbisier,

Em 1961 [...] ainda tinha aquele negócio de festinha brasileira, mulher para um lado, homem para outro, então tinha aquele grupos de casais. Aquele tipo de gente que vai para cinema, para teatro, para Bienal, aquela parte, não diria intelectualizada, acho que não é isso ser intelectual, mas um povo que tem uma vida cultural e uma vida social intensas e aí, a gente chegou a conclusão que os homens, que a gente não convivia com os homens porque a gente não tinha informação suficiente, não tinha nível de conversa, na época se falava *cricri*, a gente só falava de criada, criança, eu não tinha criada, mas criança tinha, e aí eu com uma amiga minha, que tinha ficado amiga na Europa, que também estava estudando lá no mesmo período, a gente organizou um grupo de estudos de mulheres, que reuniu durante dois anos 14 [pessoas], o núcleo fixo era 14 e eventuais outras, que os homens rapidamente batizaram de *petit four*, porque diziam que a gente ia tomar chá e comer bolinho de tarde. Durante dois anos cada uma era responsável ou pela leitura de um jornal, de uma revista e na semana seguinte ia relatar o que tinha lido, e chamamos pessoas para fazer exposições temáticas para a gente, eu lembro de uma pessoa da área da saúde, acho que até era um padre, que falou de um hospital na Amazônia cujos leitos eram de palha, aquilo ficou, aquela imagem ficou na minha memória dum jeito, aquilo abriu muito os olhos da gente. Quando chegou 1964 e o golpe, algumas meninas desse grupo não quiseram continuar porque disseram que era, que a gente ia ser preso, porque estava tudo proibido, ela se apavorou. Até então eu não tinha militância nenhuma não é? Aí essas meninas se separaram, mas esse grupo foi muito importante para nós não é, porque todas que antes ficavam em casa, lógico que arreventou a maioria dos casamentos, porque quando a gente voltou, achando que já podia conversar, agora já temos assunto, podemos conversar, a gente descobriu que os homens falavam de mulher e futebol só, então a gente ficou muito decepcionada, então muitos casamentos se arreventaram ali, e além disso, foi interessante porque as mulheres foram trabalhar, umas foram trabalhar,

⁵⁴⁷GUARANY, R. Reinaldo Guarany: Depoimento [10 de dezembro de 2004] mensagem eletrônica. Entrevistador: Mário Augusto Medeiros da Silva. Entrevista concedida para a pesquisa de Mestrado. Prelúdios & Noturnos: ficções, revisões e trajetórias de um projeto político. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Arquivo Edgard Leuenroth. Coleção Militância Política e Luta Armada.

outras foram estudar, várias foram militar, sabe assim, as mulheres deram um salto, as mulheres daquele grupo, foi muito interessante. Valeu a pena. Bom em 1964 o grupo se desfez, elas ficaram com medo de se reunir, porque tinham umas que não tinham nenhum interesse maior político e social, mesmo social [se interessavam era mais] por se informar, pela convivência mesmo com as outras. Então o grupo foi até 1964. Teve o caso de outras pessoas estavam mexendo com alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire⁵⁴⁸.

O grupo do qual Eliane Zamikowski também participou ficou se reunindo por dois anos, de 1962 a 1964. Para elas representou um passo importante, pois aos poucos começaram a se colocar. Anos depois estariam na ALN. Ana Corbisier se separa do marido e se afasta dos filhos. Eliane leva Carlos Knapp seu companheiro para a organização. Com o pai de seu filho, português fugido da ditadura salazarista, também não era oficialmente casada, quebrando até então com a ideia da mãe solteira e do casamento. Pelo menos no interior da classe média, média alta.

Vemos que essas mulheres em seu conjunto provenientes dos estratos médios da sociedade já começam a romper com os padrões tradicionais muito antes de começarem a militar.

Nair Benedicto, por exemplo, casa-se com um francês vinte anos mais velho do que ela, já divorciado e pai de três filhos. Já mãe de família, vai para a Escola de Comunicação na USP. Como ela afirma, “olha, eu na realidade já antes da militância já tinha uma vida totalmente, essa questão da mulher para mim, era bem anterior da militância [...] Então isso, essa questão de liberdade sexual, ela era uma condição *sine qua non*, não casar, sabe, você ter direito a aborto, tudo isso já”⁵⁴⁹.

Ruth Tegon, casada e mãe de duas filhas, rompe com o casamento e entra para a ALN, abandonando a antiga vida que tinha em Campinas, onde se via controlada pelos olhares curiosos dos vizinhos e conhecidos. Era a mulher desquitada, que trocou o marido por um comunista, Marco Antônio Moro.

Eu sempre trabalhei, antes de casar eu trabalhei. Casei, daí meu marido não queria que eu trabalhasse, eu parei no que eu fiz. Eu montei uma boutique em casa, que esse meu primo da Scala d’Oro que vendia tecido exclusivo numa metragem pequena eu vendia lá para as grã-finas de Campinas, e tinha isso em casa. Depois quando eu me separei a primeira coisa foi vir para São Paulo ficar na casa de uma tia, para arrumar alguma outra coisa. [...] Romper com toda aquela coisa, por isso que eu falo, eu já tinha uma coisa assim em mim, porque também não foi fácil romper, morando em Campinas, romper um casamento, com filho pequeno, e aí depois ainda casar com um que também rompeu o dele para a gente poder ficar junto, e eu falo e era para valer porque estamos juntos até hoje não é? Até

⁵⁴⁸ Entrevista de Ana Corbisier, São Paulo, 29 de abril de 2010.

⁵⁴⁹ Entrevista de Nair Benedicto Breyton, São Paulo, 19 de junho de 2010.

hoje. E foi difícil nossa, o que saía de boato, um dia eu, em quinhentos lugares em Campinas, o pessoal falava assim, ah eu vi a Ruth na feira, ah eu vi não sei naonde, porque Campinas as pessoas que se conhecem é uma coisica desse tamanho, todo mundo ficava sabendo da sua vida, muito ruim⁵⁵⁰.

Vê-se, assim, que o olhar sobre o casamento, tal como era tradicionalmente entendido, pelo menos para a classe média desse tempo, foi mudando e adquirindo novos contornos.

Norma Freire, jornalista da *Realidade*, morava sozinha em São Paulo e já tinha independência financeira dos pais. Não, é claro, sem atrair os olhares curiosos das vizinhas, umas velhinhas, como ela diz, que tentavam descobrir o que aquela menina fazia ali morando sozinha.

Na universidade as mulheres lutavam pelo direito ao alojamento misto e aos poucos abriam o debate sobre a situação específica sobre a mulher, como afirma Robêni, na época estudante do CRUSP.

Eu fui morar no CRUSP em 1967. No CRUSP passei a ser representante do meu andar do bloco, cinco andares, não é, cada bloco tinha uma representação e ali quebrava o pau. Era o bloco feminino. Posteriormente teve um bloco misto, já no fim do CRUSP, isso quando da invasão do bloco G. Mas nós éramos do bloco das meninas, não podia entrar. E eu me lembro que a mulher do Gilberto Beloque, a Maria Luiza Beloque fazia Pedagogia e tinha contato com uns psicanalistas e ela propôs trazer o Gaiarça para a gente fazer uma discussão sobre a questão feminina, liberdade, tinha toda essa... É, já começava. De modo que a consequência dessa discussão foi a gente ter quebrado a proibição de frequentar os blocos masculinos e vice-versa. Tanto é que no dia do AI-5, nós, o AI-5 foi 13 de dezembro, e o CRUSP foi invadido no dia 17. Na noite do AI-5 a gente sabia que ia ter um pronunciamento do Ministro e nós tivemos, me lembro que nós fizemos um jantar para, tinha uma televisãozinha pequenininha e fizemos um jantar no meu apartamento que eu morava, pequenininho, mas tinha lá umas 20 pessoas e aí tinha os meninos também, então todo mundo junto. A primeira consequência efetiva foi essa quebra dessa disciplina super rígida, de que homens e mulheres não podiam se frequentar⁵⁵¹.

Um documentário feito com estudantes do CRUSP pelo militante e estudante de São Paulo José Wilson Sabaag – morto pela repressão nas ruas de São Paulo – deixa entrever, nos depoimentos colhidos, que a separação entre homens e mulheres na cidade universitária era uma das queixas dos estudantes. O filme também mostra a situação do estudante brasileiro, seus desejos, a vida na universidade, suas situações financeiras. A maioria eram estudantes vindos de fora e oriundos de cidades do interior⁵⁵².

Como disse Tânia Mendes, “[...] naquela altura do campeonato, você ouvir o Zé Dirceu falando, porque que você começou militar no movimento estudantil? Ele falou, porque

⁵⁵⁰ Entrevista de Ruth Tegon, São Paulo, 10 de abril de 2010.

⁵⁵¹ Entrevista de Robêni Baptista da Costa, Campinas (SP), 25 de outubro de 2008.

⁵⁵² Filme: A experiência cruspiana de Nilson Couto. *68 Vou Ver*. Centro Maria Antônia, São Paulo, 6 a 10 de outubro de 2008.

eu não me conformava porque as salas da PUC tinham que ser só de homens e só de mulheres entendeu?”⁵⁵³

De fato a integração na sociedade passava também por esses universos. Não havia ainda na época muitas repúblicas mistas e as pensões destinadas a rapazes e moças não misturavam os dois hóspedes. Aliás, os homens, na maior parte delas, estavam proibidos de entrar para visitar suas amigas ou companheiras.

Os colégios mistos começaram a aparecer naqueles anos também, em especial nas escolas públicas. Nas escolas particulares, o que imperava, nos parece, eram os internatos religiosos e escolas para moças. Já mostramos aqui como surtiu para Tânia Mendes a entrada em colégio misto.

O processo de libertação da mulher portanto estava em marcha quando veio o golpe civil-militar. Esse processo então se viu interrompido e dificultado pelo fechamento do regime e pelo seu pensamento conservador e tradicionalista. O fechamento não surgiu no interior das organizações armadas, como em geral se afirma, embora elas também tenham reproduzido um pouco daquilo que acontecia ao seu redor. A mudança de mentalidade não dependia só dos extratos de esquerda. Era estrutural e estava enraizada na história do país. Era constituinte de uma sociedade organizada sob o patriarcalismo dos senhores de engenho⁵⁵⁴.

O que estava por trás da ânsia do regime militar em defender a família e a propriedade, e preservar a moral e os bons costumes, era seu interesse de desmobilização da classe média. Tudo que fugisse ao padrão de comportamento esperado pelo regime seria de alguma forma punido.

Dentro da visão das correntes anticomunistas, os sucessos bolcheviques no Brasil deviam-se essencialmente às transformações na ordem moral e na organização da família. Anos antes os comunistas eram os responsáveis pelas ocorrências de orgias, estupros, incestos e até pela “socialização de mulheres”, que na linguagem da direita significava que as mulheres haviam sido transformadas em propriedade coletiva⁵⁵⁵. Como afirma Motta, “divórcio, libertação da mulher, educação sexual e aborto [...] serviam para conferir verossimilhança às informações de que o comunismo visava à destruição da família e solapar a moral”.

⁵⁵³ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

⁵⁵⁴ HAHNER, June. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

⁵⁵⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda contra o Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, Fapesp, 2002, p. 64.

Nos anos de 1960, no entanto, a versão colocava o comunismo não como o criador dos problemas morais, mas como grande beneficiador dele. Na publicação de Michel Schooyan divulgada no ano de 1963, um ano anterior ao golpe militar, fazia-se o seguinte apelo, “[...] é urgente que todos os católicos se unam para denunciar estes males que são a prostituição, a pornografia, o alcoolismo, o uso de entorpecentes. Pois, além de instilarem no homem o pecado, são fatores que enfraquecem sobremaneira as forças da resistência e da reação contra o perigo comunista”⁵⁵⁶.

A censura imposta aos meios de comunicação e a preocupação da ditadura militar com os comportamentos ditos imorais, muito associados à vida do militante político, e mais genericamente à concepção libertária da juventude, ficaram expressos em episódios como a invasão de teatros, a censura imposta às capas de revistas (em especial as de conteúdo pornográfico) e preconceitos em relação ao vestuário dos militantes. Como afirma Vilma Ary,

O golpe determina um momento em que ficam mais claras as coisas, ficam mais claras, por exemplo, a mudança de comportamento viria de uma forma ou de outra porque nós estávamos numa fase de transição no mundo inteiro não é, então as saias da Mary Quant, é toda a mudança de comportamento, de roupa, de virgindade, de coisas do tipo, estavam acontecendo no mundo inteiro, então isso aconteceria mesmo. Agora o que eu acho é que com os militares a coisa ficou mais rígida, as coisas ficaram muito mais punitivas, por exemplo, a história, eu estava vendo outro dia falando sobre a Leila Diniz, a Leila Diniz foi punida pelo que ela, pelo comportamento moral, quer dizer, ela mostrar barrigão não sei quê, eles se sentiram agredidos com ela. Ora, já haviam mulheres grávidas antes dela não é fora do casamento, você concorda? Só que ninguém se exibia igual a ela se exibiu entendeu? A postura dela era uma postura de rebeldia, de quem questionou⁵⁵⁷.

Os estudos sobre a condição feminina que começavam a ser desenvolvidos no exterior chegaram ao Brasil quando as militantes estavam engajadas na luta armada, ou quando já cumpriam pena nas prisões. Foram trazidos na realidade mais tardiamente pelas exiladas que retornavam ao país, embora Jessie Jane declare que as presas políticas escreviam muito para o *Brasil Mulher*, jornal que se constituiu em um canal de comunicação para as mulheres presas.

Maria Lygia Quartim de Moraes, por exemplo, afirma, “quando a Juliete Mitchell esteve em 1968 no Brasil, até que eu li o artigo e achei interessante, mas a gente estava completamente engajada na luta armada”⁵⁵⁸.

A repressão aos avanços no campo dos costumes já vinha sendo exercida antes mesmo do golpe, como se verificou com o desenvolvimento de um pensamento conservador de direita, que teve nos militares seus porta-vozes. Como afirmou Mariza Campos da Paz,

⁵⁵⁶ SCHOOPYAN, Michel Schooyan apud MOTTA, Rodrigo Patto Sá, 2002, p. 61.

⁵⁵⁷ Entrevista de Vilma Ary, São Paulo, 16 de novembro de 2008.

⁵⁵⁸ Entrevista de Maria Lygia Quartim de Moraes, Campinas (SP), 17 de setembro de 2003.

Quando eu estava no primeiro ano da faculdade e na Faculdade a gente tinha um grupo de pessoal comunista, uma base muito forte, tanto que conseguimos depois de anos e anos de diretório de direita, conseguimos um diretório de esquerda que as pessoas digamos, foram chamadas ou escolhidas muito pela sua postura como estudante não é? A sigla era Constantino Claes Deodato, três estudantes de fato, e eu participei desse grupo, eu era diretora de pré-vestibular num cursinho que o diretório mantinha e depois com uma série de denúncias que houve lá nós fomos submetidos a uma Comissão de Inquérito dentro da Universidade isso antes mesmo de 1964. Eles achavam que nós pregávamos o amor livre, começaram a chamar esse grupo de clube da cueca, e fizeram um inquérito contra nós mesmo antes das coisas de política mesmo⁵⁵⁹.

Quantas militantes não receberam a alcunha de ‘amantes’ naqueles anos ao visitarem seus maridos. Vários estereótipos foram sendo criados pelos militares. Magreza virou sinônimo de treinamento em Cuba, negros não poderiam estudar, fadados que estavam à vida de pobre, mãe de família ir para a faculdade, onde já se viu isso? Independência dos filhos então? Significava o completo desinteresse e omissão dos pais. Isso fica demonstrado no depoimento de Nair Benedicto.

Era tudo muito exagerado, então por exemplo, um dos problemas que eu tive mais do que ter ido para a Rússia – para Rússia, imagina, para Rússia, imagina que alguém rico quer ir para a Rússia ver aquela miséria – foi o fato de eu ser magra e ter três filhos. Ai como foi um enchimento de saco, por que imagina, era o treinamento de guerrilha, entende? Por que senão não seria magra, então esse estereótipo da cabeça deles, entende, sabe lá como que nasce... Então eu falava gente, por que que eles estão tão preocupados com isso não é? Imagina, aí chamavam o delegado, olha você acha, três filhos!?! Uma outra coisa foi a casa, que era uma casa moderna, feita pelo Joaquim Guedes, que também era um arquiteto de esquerda e a casa era, era uma casa grande com jardim, com piscina, com tudo, com um jardim maravilhoso e de repente era tijolo aparente não é? Então eles queriam furar toda a casa para ver se tinha coisa guardada, ou então faltou dinheiro na última hora, porque quem dava dinheiro para nós era Cuba, era a Rússia, era sei lá eu... aí faltou dinheiro e a gente não terminou. Enfim, inventaram tantas histórias, inventaram que eu era amante do Lauri [Lauri José Reyes], amante... teve uma hora assim que me torturaram tanto para eu dizer de quem eu era amante, que eu falei, eu sou dos dois, porque vamos acabar, porque se eu falo que eu sou de um, e eles vão dizer, e o outro? Tudo era, sabe quando você, uma coisa kafkaniana, então tinha o filho do Jacques, o filho do meio, o Jacques tinha dois filhos homens, o contrário do que ele teve comigo, da primeira mulher ele teve dois filhos homens e a última era uma menina. E esse filho do meio foi um menino assim que era meio gordinho e aí ele chegou aqui no Brasil e ficou deslumbrado não é, ele se sentia muito melhor aqui no Brasil do que na França, então ele veio e morava conosco e o Claude foi preso, e o Claude falava, mas eu adoro a Nair, eu adoro a Nair, mas esse eu adoro, mas que pouca vergonha o filho! Primeiro assim, eu não era casada com o Jacques então já era um problema na cabeça deles, daí não só eu não era casada, mas tinha o filho do outro casamento que morava com a gente e que falava que gostava de mim, que eu era legal. Então era uma coisa tão fora do padrão para eles, que tudo era uma coisa sabe, tudo era uma pouca vergonha, a gente não tinha vergonha na cara, que o filho do Jacques morava lá com a concubina, sabe aquelas palavras todas que pegam... A gente ficou dois meses e meio, 75 dias sem ver as crianças, e a minha mãe

⁵⁵⁹ Entrevista de Mariza Campos da Paz, Rio de Janeiro, 6 de julho de 2010.

ficou em casa com eles. E eles falavam, eles iam depois lá e falavam, vocês são uns pais mesmo ridículos, vocês só pensam em fazer terrorismo, porque as crianças imagine, criança daquele tamanho que amarra o sapato? Então tudo aquilo que era, para gente era qualidade, para eles era quanto a gente não era nem mãe, nem pai. Então as crianças iam na escola, e os policiais falavam assim, nunca vi a sua mãe brigar para as crianças fazerem lição... então tudo isso era o horror dos horrores sabe? As crianças vivendo a vida delas, fazendo tudo sozinhas e independentes de ter pai e mãe longe. Então eles achavam assim imagina, era a mesma coisa que não ter, eles falaram para mim, você mãe assim, é a mesma coisa que nada não é? Então você fica numa coisa meio, um mundo meio que você nem imaginava que existia, porque era uma diferença entre o que eu pensava da vida e o que que eles pensavam e para eles funcionava assim, não é, vamos bater porque é isso. Vamos torturar porque, imagina, não é possível uma mãe tão relapsa igual a ela. Eu acho que o quadro já estava dado, só o fato de eu não ser casada, o Jacques era vinte anos mais velho do que eu, o filho do Jacques morava comigo, aquela casa não tinha... eu com três filhos estava na faculdade, fazendo o quê? O que que uma mulher sabe, mãe, vai fazer na faculdade? Um casal tão fora do padrão ou então, eles já achavam que, mas eles ficaram em casa, prenderam todo mundo, prenderam todo mundo que foi em casa durante uma semana. Então tinha, por exemplo, eu ia para a USP, aí naquela época não era aquela avalanche de carros que tinha. Então tinha vários companheiros da Vila Mariana que pegavam carona comigo, um deles era preto, então você imagina que um preto vai na faculdade? Na cabeça do militar era meu guarda costa, então eles foram fantasiando um personagem que não tinha nada a ver com a minha vida. Então era assim, eu era tão perigosa que eu fazia treinamento de guerrilha porque eu era magra, eu tinha um guarda costas que eu não ia para faculdade de jeito nenhum, então era... eles vão... uma coisa fantasiosa, uma decodificação maluca, não é, e vai e vem à tona todos os preconceitos de todos os níveis. Desde a magreza até o negro que não pode estar na escola⁵⁶⁰.

Dois outros exemplos são suficientes para mostrar esse tipo de realidade, como contam Maria Aparecida Baccega e Ruth Tegen, militantes de apoio da ALN. Baccega ao procurar o marido preso foi recebida de maneira pouco amistosa por Wanderico Arruda.

Ele disse assim, Ah, você que é a amante do Granville? Eu falei não, amante na sua boca é palavra suja, a minha relação com o Granville não é suja. Sujo é o senhor. Depois ele queria me bater, teve gente deles que ficou no meio. Não, não, não, para, calma. Juro, ele levantou para me bater. Vai correr para onde? Eu fiquei com tanta raiva dele. Ele falou, você é amante dele, você é amante. Ele estava me esperando já. Você é amante dele⁵⁶¹.

Para Ruth poder visitar seu companheiro, Marco Moro precisava provar que eram casados. Não eram. Como ela conta,

[...] Cheguei lá e o delegado recebeu grosso como sempre e eu expliquei a situação a gente está junto mas não estamos casados. Daí ele chamou o rapazinho que fazia os papéis e falou assim para ele, olha, pode fazer a autorização para ela que é visita [...] Daí eu estava lá sentada esperando e veio o rapazinho com o papel pronto para o delegado assinar. O delegado olhou e falou assim, não, você faz outro. Aqui no lugar de esposa,

⁵⁶⁰ Entrevista de Nair Benedicto Breyton, São Paulo, 19 de junho de 2010.

⁵⁶¹ Entrevista de Maria Aparecida Baccega, São Paulo, 10 de novembro de 2008.

você põe amante. E aí o rapazinho foi lá dentro e depois voltou, ‘ah, ele mandou por amante...’ Ah meu filho, você pode pôr o que quiser, o que eu quero é esse papel. Aí ele fez, levou para o delegado ele assinou e aí ele falou, a senhora desculpa não é, o rapazinho. Daí consegui, mas tinham várias amantes na fila, daí a gente virou motivo de chacota⁵⁶².

Em outra ocasião, ela e Marco foram detidos, quando tentavam sair do país. O delegado achava que Marco Moro era um banido que tinha voltado ao país.

Acharam que o Marco era banido, tiveram alguma informação, tanto que acharam que estavam com um peixe grande, tanto que nós falamos, não, agora vão nos levar para o DOPS ou para a Auditoria. Eles levaram para o Departamento de Investigação. Quando nós entramos, levaram o Marco para um lugar, e eu fiquei num outro canto. Daí onde que eu levo ela? Ah, põe lá na cela tal, o investigador falou. Mas doutor lá onde estão as prostitutas? Não, é lá mesmo que é para ela ir [...]⁵⁶³

Ser amante, prostituta, ou ter “linguagem de rameira”, como Guiomar Silva Lopes escutou do delegado Valdir Coelho, coordenador da OBAN, era um expediente muito usado contra essas mulheres. Catarina Meloni também comenta isso numa passagem de seu livro,

O policial que me interrogava, ao referir-se ao meu estado civil- eu que estava casada há dez anos e tinha dois filhos- dizia “amasiada”, pois para ele, “casamento realizado no Chile não valia aqui”. Era uma forma de intimidar, de criar constrangimento pelo uso de palavras e expressões que, num ambiente de delegacia de polícia, transformavam-se em vulgaridade, até obscenidades⁵⁶⁴.

Quantas vezes Tania Fayal escutou do Major Perdigão, *Cabo da guarda, desce aquela puta da mulher do Domingos!* Mesmo durante a saída do país, banida após o sequestro do embaixador alemão Ehrenfried von Holleben, ainda era ameaçada: “olha, eu vou te dizer uma coisa, se voltar quem atirar primeiro vive!”⁵⁶⁵

O apelo ao conservadorismo era evidente como se vê no depoimento de Arlete Lopes Diogo.

Tem essa questão sim, e eu, por exemplo, o fato de, no DOI-CODI, um fato que os impressionou profundamente é que nós éramos casados, porque eles viram fotos do nosso casamento, nós casamos na Igreja e eu casei vestida de noiva, tudo bem que foi assim, a gente não queria, mas a nossa família fazia questão absoluta e fizeram o casamento, tudo, festa, tudo, a gente só foi lá no dia, mas enfim, eles fizeram tudo, nessa festa a gente não palpitou em nada. Mas tinham lá as fotos de casamento. Eles ficaram assim, pode parecer loucura mas um certo respeito, porque eu e o Adriano éramos

⁵⁶² Entrevista de Ruth Tegen, São Paulo, 10 de abril de 2010.

⁵⁶³ Idem.

⁵⁶⁴ MELONI, 2009, p. 25.

⁵⁶⁵ Entrevista de Tania Fayal, Maricá (RJ), 20 de março de 2010.

casados, não eram amantes como diziam assim para todo mundo, que eram amante e que trocavam entendeu de parceiro, no sentido de uma coisa promíscua, nós não, nós éramos casados, isso teve, enfim deu para perceber, sentir. Isso não significou que não apanhou, que não... nada disso, mas era uma coisa que tinha um diferencial vai, de certa forma isso pesou⁵⁶⁶.

Para a repressão, os militantes eram drogados, filhos de pais separados e com problemas emocionais. Era uma maneira fácil de se livrar deles, colocando a opinião pública contra a oposição que faziam. Como disse Baccega,

Você é casada, tem o marido, tem um filho, tem uma casa para tocar, tem um filho para pôr comida na mesa, o marido vai embora e você não vai atrás? Não tem, tem que ir atrás. Estava lá sentada esperando, aí ele voltou, demorou, demorou, então ele voltou e disse assim “ Você está presa em nome do Exército Nacional” e aí eu, ué, estou presa por quê? O que aconteceu? Não fiz nada. “Não, você está presa e aí me tiraram de lá, me botaram num carro, disseram que iam me levar, que iam me matar, iam me jogar no matagal e dizer que eu era ligada a tóxico, porque nesse momento começava a história do tóxico. Eles tinham matado um menino, um menino, um jovem e que parece que era ligado ao tóxico, me esqueci o nome do menino, mas os jornais devem dar, dentro de um estacionamento. Esquadrão da Morte, não tinha esse nome, ou pelo menos não tinha uma ação organizada, eles já existiam claro, tanto que mataram esse moço, foi a primeira coisa pública, os jornais deram. Então eles me pegarem, me matarem e me jogarem no matagal fazia pouca diferença⁵⁶⁷.

Como diz Ana Maria Ramos a repressão sempre tentou dar a imagem de que os militantes ligados aos grupos armados ou à esquerda em geral “eram um bando de safados, que as mulheres eram comuns, que usavam drogas, trazer para esse lado, mas nunca pegou”⁵⁶⁸.

Foi a repressão também que deu visibilidade à loira dos assaltos. Como diz Robêni, foi a mídia quem criou isso, no seu papel de explorar a boa fé e os sentimentos mais mesquinhos das pessoas. Como ela diz,

A Cida [Maria Aparecida Costa] tinha tido uma visibilidade na imprensa de tal maneira, que tudo era a loira, e a loira era a loira da ALN, a loira da ALN era a Cida Costa. Então quando ela cai, tudo cai nas costas dela. Eu não conheci a Cida. Mas eu entendi. Então essa questão da visibilidade desgraçou com ela, sabe essa visibilidade feminina, não é? Mas a visibilidade foi dada pela imprensa, essa visibilidade foi dada pelos militares⁵⁶⁹.

Dentro dos preconceitos da repressão, Guiomar Silva Lopes declara: “nossa, tiveram o desprazer ainda de me tirar da perua e descer assim, ‘mas você é a Maria? Tão magrinha, tão

⁵⁶⁶ Entrevista de Arlete Lopes Diogo, São Paulo, 12 de junho de 2010.

⁵⁶⁷ Entrevista de Maria Aparecida Baccega, São Paulo, 10 de novembro de 2008.

⁵⁶⁸ Entrevista de Ana Maria Ramos Estevão, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

⁵⁶⁹ Entrevista de Robêni Baptista da Costa, Campinas (SP), 25 de outubro de 2008.

baixinha. Você que é a Maria?’ O que que eles imaginavam? Um monstro de um olho no meio da testa?’⁵⁷⁰

O conservadorismo estava presente não só no regime militar ou na mídia mas no Partido Comunista. O partido como já afirmado representou um espaço de atuação de muitas mulheres e colaborou muito dando apoio aos militantes da ALN nos momentos críticos da organização, mas não deixou também de tratá-las com certa deferência, solenidade, proteção ou tradicionalismos. Como afirmou Baccega,

Eles te tratam por exemplo, eles põem você, eles puxam a cadeira, eles são muito educados não é? Quanto mais... se você está andando na rua e se tiver, se tem um obstáculo eles vão à frente, pegam você, pegam sua mão, enfim eles te tratam como uma bonequinha [...] incomoda não é? Mas eles te tratam assim naquela delicadeza, entendeu? Agora tinha um comportamento religioso. Isso eu vejo hoje. E o que que eu chamava de religioso? Uma vez houve uma festa, lá em Ribeirão, uma festa dessas de angariar dinheiro. E eu cheguei à festa, a festa começou às seis e eu cheguei a sete e meia. O pessoal estava dançando. Era na casa do Irineu. Você tinha ideia como a gente estava, porque nós não estamos no poder, que é uma frase do Prestes. E eu cheguei e abracei e beijei o Irineu. Imagina! Nossa foi um escândalo, foi um escândalo.[...] imagina beijar... e eu beijava as pessoas, todos naquele tempo. Então, tinha, tinha isso [...] Não é porque você é companheira que você deixou de ser mulher. Mas é uma coisa cultural não é? Não é que eles pensem isso, é cultural⁵⁷¹.

Os conservadorismos existiam tanto na sociedade como dentro do partido. Em relação ao comportamento limitado do PCB em relação à participação da mulher, Sandra Brisolla diz:

Quanto à militância anterior, é claro que eu tinha notícia de que havia bastante machismo no relacionamento entre companheiros no velho PCB – minha tia e minha mãe contavam que nas plenárias do Partido lhes perguntavam quantas panelas de pressão elas tinham e coisas assim. Mas minha família sempre foi um caso à parte, minha mãe e minha tia trabalhavam e apesar de meu pai não assumir tarefas domésticas, ele respeitava muito a liberdade de movimento e de decisão de minha mãe, que era uma verdadeira executiva. No Chile eu morei em pensionato de estudantes e tínhamos a preocupação com a reivindicação dos direitos das mulheres. Afinal, nossa geração foi a primeira a romper com o tabu da virgindade e isso teve um preço e nos custou bastante luta interna e com a sociedade⁵⁷².

O lado controlador do partido e seu apelo à mulher casta foi um dos motivos pelos quais Eli nunca manteve vínculos políticos profundos,

[...] eu era próxima do partidão, fui a algumas reuniões, fui a algumas reuniões de estudo, mas eu achava aquilo tudo muito chato, o partidão era muito sério, muito rígido. Mas uma

⁵⁷⁰ Entrevista de Guiomar Silva Lopes, São Paulo, 22 de novembro de 2008.

⁵⁷¹ Entrevista de Maria Aparecida Baccega, São Paulo, 10 de novembro de 2008.

⁵⁷² Entrevista de Sandra Negraes Brisolla, Campinas (SP), 24 de outubro de 2008.

coisa absurda. E eu sou o que eu sou, eu era muito pior do que eu sou hoje em dia porque eu tinha 18, 20 anos então eu era muito pior não é? Muito mais tesão na vida e tesão em tudo e sangue quente e tudo não é? Poxa imagina não parava, agitada e eu fui discriminada porque eu falava muito palavrão, eu já falava palavrão na época então eu era muito anarquista entre aspas não é, digamos assim para eles, eles, não fui expulsa do partidão, mesmo porque eu não tinha aquele vínculo certo, é, mas eu praticamente fui expulsa porque eu não me enquadrava naquela seriedade da mulher casta ou sei lá o quê [...] ⁵⁷³

O questionamento do casamento naquele momento também levava a situações constrangedoras, como conta Arlete,

Na esquerda foi terrível, eu não vou esquecer mais essa cena, um companheiro era oriundo do partidão e na Sociologia e Política tinha muita gente. Quando nós casamos eu coloquei o convite do casamento no mural, um dia eu estava lá na cantina ele veio e falou assim, companheira um dia você vai ser cobrada por esse ato pequeno burguês, fez um discurso. Eu queria morrer e nossa, muito cobrado, muita gente assim, alguns foram não é [ao casamento], se bem que tem um monte que foi, tem uma foto no álbum de casamento que está o Paulo Frateschi, a Denise del Vecchio, Lisete, a Katie, está toda a... o Bombom, o Rui de Goes, que já é uma geração mais nova, foram presos todos depois ⁵⁷⁴.

Alguns tradicionalismos, portanto, estavam presentes nos militantes do partido, mais do que isso representasse na realidade um preconceito ou uma diferença de gênero, como disse Sandra,

Teve uma experiência interessante que eu acho que vale muito a pena ressaltar. Por exemplo, eu trabalhei uma vez num planejamento econômico com o Mathias Arrudão, sabe quem é o Mathias Arrudão? Bom, o Mathias Arrudão era um cara, além de ser um cara bem machista, era um cara tradicionalista gozado não é? Porque ele, eu trabalhava junto com o pessoal que... eu trabalhava com o Norberto [Norberto Nehring] e o Norberto já era formado. Então ele trabalhava no primeiro andar e eu trabalhava no térreo que eu não era formada. É, subia de andar. Então tinha essa coisa assim e o gozado é que o Norberto, por exemplo, ele precisava que eu fizesse um cálculo, fizesse uma regressão para ele fazer os estudos, ele tinha que descer e falar comigo ou então mandar me chamar, era super complicado o negócio. Falava, porque não trabalha aqui com você? Não, porque o Mathias Arrudão não quer, quer que fica o pessoal que já é formado em cima, isso o Mathias Arrudão, vai vendo... Mas tinha coisas assim que não eram só de machismo, mas era assim de tradicionalismo, coisas assim que as pessoas carregavam nas costas ⁵⁷⁵.

Jessie Jane por exemplo, embora destaque o mundo muito masculino da luta armada, não deixa de afirmar que não viveu o mesmo conflito geracional, vivido por suas companheiras de prisão. Em sua casa tudo era conversado de maneira franca, não teve portanto, aparentemente, que romper.

⁵⁷³ Entrevista de Eliete Ferrer, Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010.

⁵⁷⁴ Entrevista de Arlete Lopes Diogo, São Paulo, 12 de junho de 2010.

⁵⁷⁵ Entrevista de Sandra Negraes Brisolla, Campinas (SP), 24 de outubro de 2008.

Eu não sou a melhor pessoa para te responder isso, porque eu não tive nenhuma consciência desse problema, até muito tarde. Não sei se porque a minha origem e minha mãe era uma mulher muito forte, muito protagonista das coisas, embora nós fôssemos uma família muito tradicional não é? Conservadora, o partidão era muito isso e nós éramos assim. Mas eu não tinha consciência disso entendeu? Eu comecei a perceber quer dizer, tomar mais consciência disso na verdade na prisão, das meninas, embora nenhuma daquelas moças fossem feministas não, entendeu? Até porque elas, a maioria das meninas vinham de uma trajetória muito diferente da minha, de rompimento de valores, de... Essas meninas vêm de uma história de vida de classe média, de conflito geracional que eu não tive. Não é que não existisse na minha família, não é isso. É porque eu nunca senti isso entendeu? Nunca tive conflito com meu pai ou com a minha mãe. Era uma situação muito particular que nós vivemos. Não havia muito essa coisa, lá em casa as coisas eram muito claras, as coisas eram muito discutidas entre todo mundo, não havia assim, um patriciado, meu pai e minha mãe, até porque nós sempre vivemos uma situação especial, entendeu? Então não havia muito isso. Então essas meninas quase todas elas foram, elas vinham de família em geral muito reacionárias, muita gente marchou com Deus pela Propriedade, as mulheres presas que estavam lá. Eram famílias de classe média muito conservadora e que de repente veem os seus filhos envolvidos com isso, entendeu? E que entra nesse mundo, pelo mundo da Universidade, não era o meu caso não é? Em geral todas muito anticomunistas, o que me chateava profundamente porque eu tinha essa identidade muito forte. E aquilo me chocava muito. Eu tive uma grande crise cultural na prisão. Uma grande crise de valores, quando eu comecei a conviver com o coletivo, eu estranhava aquele ambiente, porque não era o ambiente do qual eu tinha vindo, eu tive uma grande dificuldade, foi um ano muito difícil para mim de entender o que elas diziam, não eram os meus códigos. Quando eu comecei a conviver com essas pessoas, os valores delas eram muito diferentes, então por exemplo, diziam que os velhos do partido eram traidores da classe operária, e eu, e meus tios eram gente de 1935, então essa história, então eu fiquei muito chocada com aquilo. E elas vinham de um mundo escolar também muito diferente do meu⁵⁷⁶.

Verificamos que os comportamentos dessas mulheres, que tentavam romper com os padrões estabelecidos também estiveram ancorados na educação que tiveram de seus pais. Ou nos exemplos que tiveram em casa.

A mãe de Sandra por exemplo, a quem ela se refere como uma verdadeira executiva, tinha uma personalidade forte. Era ela quem mantinha a casa com seu salário do INSS, pois o seu pai era músico e ganhava pouco. No entanto, ela afirma que, embora tenha tido um ambiente extremamente favorável em casa para se desenvolver livremente, sempre sentiu a discriminação em relação à mulher, constituída socialmente,

Então, desde menina que você sente quando está, quando você é mulher, você sente a discriminação mesmo que não te digam, mesmo que você tenha um ambiente favorável em casa, você sente, você sente na rua, você brinca com os meninos, não te tratam igual não é? Às vezes abusam, na escola você sente diferença e principalmente nas relações sociais e familiares, você percebe que a expectativa em relação aos homens é muito mais realizada em relação às mulheres naquela época, sempre se esperava que fosse para casar.

⁵⁷⁶ Entrevista de Jessie Jane, Rio de Janeiro, 18 de março de 2009.

Depois quando eu era menina eu nunca gostei muito de boneca, eu gostava de brincar na rua com os meninos, gostava de jogar futebol, gostava de bolinha de gude. Um monte de coisa que era considerada brinquedo de menino não é? E nunca me senti masculina por causa disso nem nada. Mas eu sentia por exemplo, mas eu sentia, eu tinha uma coleção de faca, eu punha na cintura e punha uma blusa em cima pra ninguém ver. Então, coisa de criança⁵⁷⁷.

Um sentimento de afirmação como mulher também esteve na origem da militância política de Nair. Agiu como um dos fatores mobilizadores no conjunto das experiências que teve. Nair foi a última filha de uma família que esperava um caçula homem. Seu pai naqueles anos assumia o cuidado dos filhos, enquanto sua mãe saía para dançar.

Moema São Thiago também destacou o perfil das mulheres de sua família. Todas nordestinas fortes e com preocupações sociais. A avó, a mãe, a tia, a madre do colégio. Todas elas tiveram um papel em sua vida.

Mariza Campos da Paz destaca também a diferença de papéis homem – mulher vividos dentro de casa. Como ela conta,

Meu pai sempre foi, ele dizia de brincadeira, eu sou o marido da guerreira, a guerreira é ela, eu sou o marido da guerreira. Ele sempre militou de maneira, digamos assim, institucional, no Sindicato dos Médicos. Pois é, mas isso que acho que o meu pai por mais que ele não tivesse se engajado, ele sempre permitiu... Descobriu como as mulheres foram importantes não é, como as mulheres durante a guerra o papel delas foi fundamental desde as codificadoras de código secreto, as enfermeiras, as aviadoras, enfim as militantes da resistência e tudo o mais. Então eu acho que essa abertura depois da Segunda Guerra Mundial para o papel da mulher na luta pelos direitos dela, foi uma coisa muito incentivada pelos socialistas, pelos comunistas e a minha mãe se sentia muito à vontade nisso, eu acho que ela se sentia muito prestigiada e acho que ela honestamente abominava serviço de casa sabe? Achava uma chatice. Fazia comida, até cozinhava muito bem e tudo o mais, mas a gente sempre teve empregada e enfim. E o meu pai era uma pessoa assim, era um pai fora de série, porque ele que levava a gente para o colégio, ele que tomava a lição, entendeu? Ele que fazia a feira, ele que fazia o açougue, ele que fazia o supermercado e enquanto isso ela estava na política. É claro que ela só conseguiu isso porque ela tinha uma infra, não só da empregada que cozinhava, lavava e passava, mas do meu pai que cumpria com todas as coisas como os maridos modernos hoje fazem, os pais modernos fazem. Mas na época em que meu pai fazia isso, não era comum mesmo, aquela coisa de departamento. A gente saía de manhã, ele me levava para escola, levava meu irmão para a escola, só não levava minha irmã porque ela tinha outro horário. Mas todo dia quem me levava era ele. Ele realmente foi uma pessoa que facilitou muito a possibilidade dela trabalhar e fazer e ele dizia, ele dizia duas coisas dela, que ela era a zeladora do sagrado coração do Partido Comunista (risos) e ele era o marido da guerreira. Porque ele achava que ela cuidava tanto que era como se fosse um apostolado, como se fosse uma coisa assim religiosa. Então ele dizia, você é zeladora do sagrado coração do Partido Comunista⁵⁷⁸.

⁵⁷⁷ Entrevista de Sandra Negraes Brisolla, Campinas (SP), 24 de outubro de 2008.

⁵⁷⁸ Entrevista de Mariza Campos da Paz, Rio de Janeiro, 6 de julho de 2010.

Guiomar diz que sua mãe, apesar de não ter militância política, sempre foi muito aberta nas questões relativas à mulher. Segundo Guiomar, ela sempre achou que a mulher não podia se acomodar ao papel de dominada.

A mãe de Ilma Noronha, por exemplo, “fugiu para casar”. A família conservadora não aceitou o seu novo casamento.

Convivendo com a realidade operária numa Vila Fabril, Tânia Mendes nunca teve discussões a respeito da mulher. Para aqueles operários ser divorciada, desquitada, mãe solteira, era uma realidade que fazia parte da vida. Assim como uma outra série de valores, como ela destaca,

Eu não sei se é porque eu sou de uma família que a gente é a primeira geração de classe média na realidade, os filhos não é, primeira geração de classe média, a gente nunca fez essa discussão, para você ter uma ideia como é diferente, quando a gente foi casar, a minha irmã mais velha, que era vamos dizer a primeira classe média dessa família, ela ficou chocada que a gente não ia casar na igreja, então ela queria de qualquer jeito que a gente fizesse o casamento na Igreja, eu cheguei para o meu pai e falei, ô pai o senhor, quer o casamento – porque ela disse que ia pagar o casamento na Igreja – falei então, pai, o senhor quer o casamento na igreja ou trocar o amortecedor do carro? Na minha família e na minha rua a gente não vivia muito esse preconceito, esse povo vive uma outra situação, tinha a mãe solteira, a mulher abandonada, que a gente tinha que cuidar, então eu cresci num lugar em que era operário, era um pessoal melhor que a pobreza em geral, mas não era classe média. Então é outra realidade⁵⁷⁹.

Não só nos centros operários inexistia a problematização da mulher, do casamento, da separação, desquite ou abandono como diz Tânia, mas nas áreas rurais, e em locais de trânsito constante de pessoas e trabalhadores naqueles anos, essa realidade também não estava presente. Regiões como São Félix do Araguaia, por exemplo, onde as famílias frequentemente se desintegravam era quase natural haver mulheres “abandonadas”, desquitadas, separadas ou que se convertiam em prostitutas para ganhar a vida. Era um local de passagem de desempregados, policiais, foragidos, vagabundos, permeada pela pobreza, violência e corrupção política. Como afirmou Dom Pedro Casaldáliga, lá o casamento “no padre”, pela igreja ou religioso é reconhecido como o verdadeiro matrimônio, porém se aceita com a maior naturalidade o simples casamento civil, durante anos, ou o amigamento e se largam marido e mulher com uma frequência preocupante⁵⁸⁰.

⁵⁷⁹ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

⁵⁸⁰ CASALDÁLIGA, Pedro. *Carta da Pastoral*. Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social. São Félix do Araguaia: [s.n.], 10 de outubro de 1971.

A sexualidade também para essas mulheres em que pese o momento do “amor livre” foi vivida de maneira muito diferenciada por elas, assim como seus relacionamentos.

Darci Miyaki foi namorada de Luiz José da Cunha. Já havia passado pelo movimento estudantil, saído do Brasil, feito cursos de informação na Coreia e em Cuba, mas ainda não tinha tido nenhuma experiência sexual. Durante sua passagem por Cuba, a recomendação para os militantes que compartilhassem a mesma casa era para que não se envolvessem e nem tivessem contato sexual entre si. Darci namorava com *Gomes*, naquele momento. Não chegou a ter qualquer tipo de aproximação sexual com ele. Aliás era virgem na época. A respeito de Cuba ela afirma,

O que eu posso te dizer é o seguinte, na verdade até pela formação dos rapazes eles tinham uma formação machista, evidente está bem? Olha se nós convivemos meses e meses e meses, eu não me lembro quanto tempo, mas eu acho que mais de um ano juntos na mesma casa, só nós duas de mulher, mulheres, o resto todos rapazes e rapazes na flor da idade, e nós também jovens. Nós nunca tivemos um contato sexual com qualquer companheiro, isso era uma disciplina assim, a gente chegava em Cuba a primeira coisa que eles falavam era isso, para não haver envolvimento, então nunca houve esse problema⁵⁸¹.

Esse afastamento, contudo, não se verificou no III Exército, onde as pessoas de uma mesma casa se relacionavam entre si. Pelo menos é isso que nos declarou Eliane Zamikowski, que fez treinamento de guerrilha nesse período⁵⁸².

Essa informação contrasta também com a maneira com que se lidava na época com a sexualidade. Algumas mulheres ressaltaram que a virgindade naqueles anos era vivida como um peso, quase que como uma culpa e vista até com um certo preconceito. Por trás da virgindade da mulher havia todo um arcabouço ideológico de dominação masculina, que deveria ser rompido: a ideia do prazer sem estar atrelado ao eterno e indissolúvel casamento, a valorização da mulher (pois até então os homens tinham prazer com as empregadas ou em prostíbulos) e a própria liberdade feminina em viver de maneira plena sua sexualidade. O casamento também estava sendo questionado. Com efeito, para essa geração então, quanto mais rápido a mulher perdesse a virgindade, tanto mais livre ela seria. Fazia parte do contexto, o que não significa que todas elas seguiram a mesma lógica ou que todos atravessaram o mesmo tipo de revolução sexual.

Moema São Thiago, por exemplo, não viveu a liberação sexual. Quando ela se casou com *Mateus* (Antonio Carlos Bicalho Lana) era virgem. Como ela declara,

⁵⁸¹ Entrevista de Darci Toshiko Miyaki, Indaiatuba (SP), 28 de agosto de 2010.

⁵⁸² Entrevista de Eliane Toscano Zamikowski, São Paulo, de setembro de 2010. Cf. também MOTA, Silvio, 2009, p.86.

[A liberação sexual] eu acho que a coisa era muito individual, por exemplo, eu casei virgem com o *Mateus*. Pois é, eu casei virgem com o *Mateus*. [...] Até alguns anos depois no exílio *eu tinha o lençol* e tinha sido o lençol que eu tinha roubado da casa do meu primo, que eu tinha brigado com ele, quando eu fui pra ficar em São Paulo, a organização não tinha imediatamente onde ficar, eu tinha um primo, ninguém sabe que eu estou aqui, ninguém sabe desse primo, então eu procurei e fiquei na casa dele, acho que uns três dias e aí ele começou a ficar com muito medo, entende, aí ele pediu para que eu saísse, não podia ficar, aí eu peguei o lençol da cama e me mandei, entende? Então eu levei o lençol para me embrulhar⁵⁸³.

Guardava, então, ainda como felicidade íntima, um valor cultural nordestino herdado desde o século XIX, em que o lençol era usado como prova da perda da virgindade. Tradição que, se Moema não conservou, fazia parte do seu lugar de origem.

Diva Burnier quando foi presa também era virgem. Com ela afirma, tinha muito medo durante os interrogatórios, “[...] a gente tinha muito medo porque os interrogatórios eram todos feitos, eu entrava, ficava nua e eu tinha muito medo de vir alguém, tinha pavor e eles faziam gracejos e coisas, e eu ficava...”⁵⁸⁴

Dentro da lógica da repressão, era acusada de ser *amante* de um companheiro seu de trabalho na ASPLAN. Foi obrigada a fazer um teste de virgindade. Como ela conta,

O que eu fiz foi um exame de virgindade. Para dizer porque eu tinha, porque a maior, uma das acusações, é que eu era amante dele, do colega da ASPLAN [...] que eu era colega dele. Então a minha mãe pediu o exame de virgindade para provar isso. Foi feito o exame e o pedido de *menagem* foi dado a partir desse exame!⁵⁸⁵

Para Tânia, por exemplo, os relacionamentos eram vividos com plena liberdade, mas isso não significava que tivesse uma vida sexual completamente desregrada ou promíscua, “[...] eu tinha cinco namorados mas cama meu bem *eu tenho chave*, entendeu, precisa me satisfazer e eu preciso estar a fim, então eu não vou fazer isso [...] eu não vou fazer para experimentar, se eu não experimentar não sei quê, entendeu, nunca foi”⁵⁸⁶.

As relações afetivas nem sempre foram vividas plenamente naquele contexto. A entrega à revolução tanto forjou relacionamentos como interrompeu muitos outros. Muitas vezes as relações afetivas foram vividas de maneira conturbada, com evidentes perdas, deslocamentos, mortes e culpas. Vivia-se de maneira um tanto provisória, de encontros fortuitos em pontos de encontro ou em *aparelhos*, geralmente divididos com outros militantes.

⁵⁸³ Entrevista de Moema São Thiago, Brasília, 11 de julho de 2010. Grifos nossos.

⁵⁸⁴ Entrevista de Diva Maria Burnier, São Paulo, 29 de julho de 2010.

⁵⁸⁵ Idem.

⁵⁸⁶ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010. Grifos nossos.

A experiência de um viver conjunto levava com frequência aos casamentos, namoros ou a relações sexuais descompromissadas. Muitas vezes os relacionamentos eram provocados pelas circunstâncias, não que durante o período não tenhamos encontrado casamentos estáveis. Ana Maria Ramos passaria a dividir um aparelho com Carlos Eugênio Paz. Segundo ela, a repressão pensava que ela fosse sua mulher, quando na realidade iam só morar juntos. No ambiente machista em que eram educados, era impensável para os militares que eles apenas dividissem a casa, independente de quaisquer relações que viessem a ter depois, no espaço restrito que a militância lhes impunha no período da ditadura. As paixões e grandes romances também eram vividos na proporção da intensidade daquele momento, assim como as decepções amorosas.

Antônio Carlos Nogueira Cabral foi deslocado para o Rio de Janeiro por recomendação da organização. Ele era o companheiro de Lídia Guerlenda na época. Decidiram conjuntamente que seria melhor se separem de casas, pois talvez pudessem desempenhar com mais desenvoltura as tarefas da organização se ficassem mais independentes um do outro, e não trabalhando juntos como um casal. Um encontro num ponto estabelecido entre os dois colocaria ponto final no relacionamento,

Ele me diz no meio da conversa, que a vida era dura, que nós, praticamente, já há um ano separados e ele dividindo um aparelho com outra companheira, que a outra companheira insistiu muito... enfim, “estou tendo um relacionamento com ela”. Eu estava comendo um cachorro quente e tomando um suco de laranja. Vomitei tudo na parede da lanchonete [...] “Não, mas não é assim. Eu não quero manter essa situação. Eu quero resolver, com ela, para ver como vai ficar. Acho que não é uma coisa para acabar com o nosso relacionamento” Ah! mas não tem jeito. Essa coisa de tempo, essa coisa para mim... Por causa de um jogo de futebol, lá em 1967, não deu, imagina se com meia dúzia de transada ia dar! Mas, não deu. Foi mais forte do que eu. Patinou, não deu⁵⁸⁷.

Os deslocamentos constantes entre militantes em trânsito dentro e fora do país, teriam seus efeitos sobre os relacionamentos. Anos mais tarde Lídia já em Cuba teve um relacionamento com Carlos Eugênio Paz, que havia saído em 1973 do Brasil tentando reunir os militantes da ALN para uma discussão sobre o fim da organização. Passaria por Cuba, onde faria o treinamento militar do Estado Maior cubano. As relações também ficaram abaladas,

Logo depois que chegou em Cuba a gente iniciou um *causo* que durou até a hora dele ir embora. O meu relacionamento com Carlos Eugênio também muito intenso e apaixonado termina, alguns meses depois, com uma carta, muito educada e respeitosa, que ele me

⁵⁸⁷ LIMA, 1998, p.395-396.

enviou de Paris, comunicando que tinha uma nova companheira. Durante muitos anos, quando me referia a Carlos Eugênio, minhas amigas cubanas chamavam-no *mi caso pendiente*. Acho mesmo que esse caso ficou pendente para mim durante muitos anos. Creio que até a volta ao Brasil com a Anistia. Afinal ele era e ainda é meu único ex-marido vivo, o único dirigente nacional da ALN vivo e um dos três hóspedes do *Hotel do Terror* vivo. Enfim, era como eu, um sobrevivente! Um sobrevivente que teve o privilégio de compartilhar comigo o desejo de ter um filho. Coisa que até então nunca tinha passado pela minha cabeça. Porém, ficou no desejo!⁵⁸⁸

Outras separações também se dariam entre outros companheiros, pela prisão ou pela possibilidade de treinamento em Cuba. Maria Aparecida Costa narra o efeito que essas perspectivas ou a falta delas tiveram para a relação,

Quando entrei eu não namorava ninguém fora da organização, uma rara exceção que foi com o Takao então era uma coisa muito simples, porque ambos éramos do GTA e etc., agora claro que eu achava o seguinte, que não existia isso mesmo, que o amor era uma coisa muito pequena burguesa, não é a revolução acima de tudo, então isso para mim pesava porque eu acho que... mas eu fiquei alguns dias, quando ele disse que ia para Cuba, que também ia ser mandado para Cuba, o mundo acabou, eu não consegui ver muito ideologia, eu quero ir junto simplesmente, então eu vou, por que que a gente não pode sair junto? Mas havia aquela demanda, essa decisão de que... um teste, as pessoas não podem fazer as coisas na organização em função de se estar amando ou não, isso é absolutamente secundário, vai porque é oportuno, se der você vai num dia, se não der acabou, ponto e parágrafo. E ele era muito mais disciplinado do que eu. Eu acho que protestei muito mais, entendeu? Então porque de qualquer forma era isso, revolução acima de tudo. Isso interfere, é obvio, em tudo. Agora eu tive essa experiência, que é uma experiência muito específica dentro da ALN, não sei, não tivemos a oportunidade de, que tudo isso acontecesse também, não sei ⁵⁸⁹.

Durante a prisão, Cida Costa e Takao Amano ainda continuaram em comunicação, até que o relacionamento tomou outro rumo. Ele, exilado na Suécia, e ela ainda presa no Tiradentes.

O vínculo com o ideal para esses jovens acabava determinando conseqüentemente o futuro das relações e gerando algumas frustrações.

Essa história, por exemplo, do namoro, da relação foi estranha, porque, puxa, a gente cada um foi para um canto e a gente namorava e era apaixonado, como é que a gente não brigou mais por isso, sabe? Para ficar junto. [...] É ou a gente aceitou [o vínculo com a organização], ou alguém achou que isso era o melhor, em algum outro momento a gente se encontraria, e o que é um outro momento naquela época? Quando num minuto seguinte a gente poderia estar morto, preso ou morto. Então, eu não sei o que a gente introjetou, porque que a gente não batalhou mais, que considerou que a revolução era mais importante do que a nossa relação⁵⁹⁰.

⁵⁸⁸ LIMA, 1998, p. 440-442.

⁵⁸⁹ Entrevista Maria Aparecida Costa, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

⁵⁹⁰ Entrevista de Ana Miranda Bursztyrn, Rio de Janeiro, 13 de março de 2009.

Em outros casos, a descoberta da militância do marido levava a pedidos de anulação de casamento como foi o caso da esposa, na época, de Boanerges de Souza Massa⁵⁹¹. As relações aconteciam na militância dentro do possível e iam se adaptando à falta de condições de acolhimento nas casas e *aparelhos*. Dois casais eram obrigados em determinadas circunstâncias a dividirem a mesma cama, como vemos no depoimento de Ana Corbisier, “eles viviam lá em casa, a Vera e o Aluísio iam lá, era um quartão assim enorme, um estúdio como se dizia não é, mas me lembro uma vez nós dormimos os quatro, eu, meu companheiro, o Aluísio e a Vera na mesma cama de casal (risos), só tinha uma cama de casal”⁵⁹².

Se o tempo de vida do militante naqueles anos era calculado em um ano⁵⁹³, é bem plausível que os relacionamentos acompanhassem o ritmo das quedas, prisões e mortes. As mortes, claro, eram sempre sentidas pelos companheiros, ainda que eles não estivessem mais juntos.

Nós somos levados para Combate de los Posos, um hospital, um manicômio que estava sendo construído, estava em obra, não estava inaugurado, mas era muito grande, o quarto muito grande. E nós ficamos lá, perto de Buenos Aires, nesse hospital e foi quando começaram, sequestraram os brasileiros, os irmãos, o Lavecchia, os irmãos. Estamos neste hospital e nós tínhamos um refeitório imenso de comida, era a hora que a gente se encontrava, um jogava, outro costurava, outros liam, na hora do almoço juntava um grupo de brasileiros, eu, Maurício de Minas, Domingos, Almir, aí eu chego lá na hora do refeitório e a turma ninguém estava, eu achei estranho, resolvi voltar para o quarto não é, no quarto lá, quando eu entro no quarto, todo mundo pára, estava com o jornal na mão, quando eu vi a cara dele no jornal e eles não falaram, eu voei em cima do jornal, o *Jornal do Brasil*, com a notícia da morte do... Ai se você perguntar o que aconteceu durante uma semana, dez dias, eu não sei, eu não saí do quarto, eu não sei, eu acho que eu passei esses dias todos chorando. E depois então ou a gente [ela e Domingos Fernandes] vai casar para poder sair para a Argélia, para Argélia precisava casar, então a gente estava preparando os papéis para casar, porque da Argélia o Domingos ia para a Argentina, ou para a Itália⁵⁹⁴.

Lídia Guerlenda quando operava da mão - que perdeu no Brasil numa explosão de uma bomba - soube da morte de seus dois ex-companheiros pelo jornal. De manhã, por um contato cubano, que trouxe a morte de Antônio Nogueira Cabral publicada no *Granma* e, à tarde, de Iuri Xavier Pereira noticiada no *Juventude Rebelde*⁵⁹⁵.

⁵⁹¹ Entrevista de Ana Corbisier, São Paulo, 29 de abril de 2010.

⁵⁹² Idem.

⁵⁹³ Idem.

⁵⁹⁴ Entrevista de Moema São Thiago, Brasília, 11 de julho de 2010.

⁵⁹⁵ LIMA, 1998, p.461.

Não havia tempo para o desenvolvimento pleno de uma relação a dois como se imagina hoje, em tempos de liberdade democrática, pois a prisão, a saída do país, as mortes, os deslocamentos de região e a própria clandestinidade serviam como fatores que interferiam nas vivências dessa juventude. Havia muita carência potencializada pelo isolamento social e da família.

Na ALN muitos relacionamentos amorosos e/ou casamentos se deram, com efeito, durante a passagem pela universidade ou militância política, ainda que em alguns casos algumas mulheres se sentissem desencorajadas, pela própria militância que abraçavam, em manter relacionamentos pessoais. A cada dia os riscos de captura e morte se multiplicavam.

A militância envolvia uma vida cheias de instabilidades e temores, tornando cada vez mais difícil administrar os sentimentos, as relações pessoais. Na grande maioria dos casos as uniões eram efêmeras e desprovidas de um *status* legal (a geração rompia também com a ideia do casamento civil e religioso), sendo realizadas pelas próprias experiências de um viver conjunto nos *aparelhos*.

Compartilhar os mesmos ideais, correr os mesmos riscos criavam conseqüentemente ligações sólidas de pertencimento ao grupo, bem como nas relações homem-mulher, apesar da velocidade dos acontecimentos. Como afirmou Lisete de Silvio,

Era um núcleo pequeno, um núcleo que não podia ter uma ramificação amorosa fora com facilidade pelas razões... porque olha, amanhã eu não posso sair, ah onde você vai? Ah, vou no... a primeira você inventa uma história, na segunda você inventa uma história, a terceira, a quarta você tem um amante não é? Então era um grupo que ficava ali, é claro que facilita mais as relações polígamas. E o seu campo de prazeres era muito reduzido, nós não pertencíamos... agora se você está militando está pensando na segurança, na morte, na tortura, vamos combinar que você tem um campo de prazer pequeno, claro você tem a música, você tem o sexo, mas é um mundo de prazer bem reduzido. Porque você não pode fazer tudo, então eu acho que naquele campo você procura mais prazer⁵⁹⁶.

Eliete casou-se, como lembra, com o melhor amigo do ex-marido; Eliane Zamikowski passou a viver com um dos militantes, que integrando a rede de apoio da ALN, alojava pessoas perseguidas. Moema, vindo a São Paulo e dividindo apartamento com Antônio Carlos Bicalho Lana, terminou se casando, apesar da culpa que sentia pelo ex-companheiro preso.

[...] um drama psicológico porque eu me sentia culpada do Valdemar preso. E inclusive assim, é... para consumir a relação mesmo foi assim, três, quatro dias, entende, que eu tinha muito medo e não sei o quê, então foi uma coisa assim, numa pensão no Largo de Santa Rosa em São Paulo entende? Aí eu já fui morar com o *Cristiano* a pensão, a gente fez um casal de fachada, depois a gente terminou casando, eu não queria casar, estava

⁵⁹⁶ Entrevista de Lisete Lúcia de Silvio, São Paulo, 29 de agosto de 2010.

apaixonada pelo *Cristiano*, mas não queria casar porque eu me sentia comprometida com o Valdemar [Valdemar Menezes] que estava preso no Ceará, eu estava namorando o Valdemar entendeu, aí o *Crioulo*, que foi meu padrinho de casamento, que comprou as alianças, ele disse, não, não tem nada a ver, você vai casar mesmo com o *Cristiano*, não tem essa de você ficar esperando Ad eternum, o cara está condenado à prisão perpétua, não é, aí aquela história toda[...]⁵⁹⁷

Os contatos entre os militantes acabavam fortalecendo as relações pessoais, que eram naturalmente utilizadas também para a obtenção de documentos e de *aparelhos* para a organização. Em alguns momentos a oficialização da união seria realizada meramente como “cobertura legal” na organização. Esse não foi o caso, por exemplo, do casamento de José Pereira, militante da ALN e de sua companheira de luta Gastone Lúcia Beltrão, que já vinham construindo um relacionamento amoroso quando surgiu a ideia de irem para Cuba. Como ele afirmou,

A ALN pediu que eu alugasse um “aparelho”, isso representava visitar lugares, conversar com porteiros, ler anúncios nos jornais, tratar com imobiliárias, documentos, contratos, fiadores, tudo coisa que não gostava de fazer. Neste momento, minha amiga e companheira de luta Gastone chegava ao Rio, vindo de Alagoas, sua terra Natal e onde estava estudando economia, havia feito cursinho aqui no Rio e tinha tirado em 3º lugar no vestibular lá em Maceió. Telefonou para marcarmos um papo e, eu a convidei para me ajudar a procurar um apartamento. Estávamos colocando nossa conversa em dia, antes de viajar para Alagoas. Quando chegamos no apto da Rua Silveira Martins, onde mais tarde alugamos o “aparelho”, vistoriamos cada cômodo, gostamos e, num determinado momento, de supetão, perguntei para Gastone: “Quer casar comigo?” Ela respondeu: “Quero.” Disse: “Eu estou falando sério.” Ela respondeu: “Eu também”. Descemos, sentamos num dos bancos ali do Aterro do Flamengo, começamos ver as implicações de nossa decisão. Sabíamos da militância na ALN dos dois mas não sabíamos o que cada um fazia [...] Eu sabia que estava para ser mandado a Cuba, para treinamento, e disse para Gastone que ia ter um ponto com o “Preto” (Marighella) e que ele daria a palavra final. Fui, como motorista, levar o “Preto” a SP e no caminho relatei tudo que eu e a “menina de Alagoas” estávamos pensando. O “Mariga” achou a ideia ótima, pensava em mandar a “menina de Alagoas” a Cuba mas ela era menor (19 anos) e, se casássemos, ela ficaria emancipada, seria uma boa capa legal para nossa “viagem de lua-de-mel”. Com a aprovação do “Preto” começamos a namorar, um namoro gozado, onde os primeiros beijos foram seguidos de risos de ambas as partes. Começamos os preparativos do casamento, comunicado às famílias, pedidos de documentos. Foi rápido, ela veio para as férias de julho de 69 e, em agosto, casamos e viajamos para Cuba⁵⁹⁸.

Era natural que a sobrevivência do grupo fosse feita juntando os iguais. Iguais dentro do mesmo espírito de luta e dentro do mundo de sentimentos que todos viviam. Isso se verificou durante a militância da ALN e depois dela, tal foi o grau de amizade, identidade e carinho que se manteve entre os militantes. Nem todos é claro mantiveram uma relação

⁵⁹⁷ Entrevista de Moema São Thiago, Brasília, 11 de julho de 2010.

⁵⁹⁸ José Pereira [Mensagem eletrônica], Rio de Janeiro, 10 de outubro de 2009.

amistosa, pois, numa militância movida de paixões, é compreensível que haja ainda hoje desafetos das mais variadas ordens.

Nem sempre, portanto, defender a relação acima dos interesses da revolução foi bem compreendido, como afirma Leda Gitahy,

Quando eu conheci o Bernardino, logo depois de Ibiúna, que eu comecei a namorar o Bernardino, eu estava para sair do Brasil, eu já tinha concordado em sair do Brasil, já tinha conseguido passaporte, foi super difícil porque eu estava indiciada e aí eu estava indo para Paris, para estudar artes gráficas em Paris, para felicidade dos meus pais que naquele tempo eles queriam a gente bem longe, eu tinha passagem comprada, já estava tudo certo. Aí eu inventei de não ir. Eu não fui. Porque eu me apaixonei imagina, aí em menos de um mês a gente casa, e aí eu simplesmente... porque depois todo mundo foi preso, eu não sei, mas talvez ele lembre, eu não lembro, mas o que todo mundo dizia era o seguinte, essa é uma história engraçada, a gente era muito mal visto, porque eu era a burguesa que desencaminhou o revolucionário, então o Bernardino tinha uma paixão burguesa, e ele assumiu. A gente teve uma paixão enorme imagina, eu não fui embora, meus pais toleraram, eu não fui para Paris e ele também não quis sair daqui, porque os meus pais iam fazer de tudo para botar ele também para Paris o que fosse, para tirar a gente daqui, mas ele não queria e então a gente queria ficar e a gente foi até um momento que a gente viu que era maluquice. A gente vai embora porque a gente não quer ficar, então assumir isso chamava *desbundar*, isso era muito mal, você assumir que você tem a sua paixão, o seu amor, você quer a sua vida, e você decidir sobre a sua vida era muito mal visto, então a gente assumiu isso, e claro que a culpa era minha, se alguém tinha que ter a culpa era eu e eu nunca me incomodei de carregar essas culpas⁵⁹⁹.

Havia aqueles casais, contudo, que não assumiam publicamente o casamento por questões mesmo de segurança na organização. A ALN, por exemplo, desconhecia que Tânia e Gabriel Mendes eram casados, assim como eles fizeram de tudo para manter essa versão durante a tortura.

Estava clandestino não é, eu não, mas ele sim, ele tinha documento frio, certo? A gente nunca aparecia em público, eu fui tirar um dente do siso e no dentista eu passei mal para caramba, e o Gabriel não pôde buscar, porque a gente nunca apareceu em público no casamento, eu nunca fui casada com ele nesse período, eu só era casada em casa, tanto é que nós tivemos que criar, quando nós saímos da cadeia, tivemos que criar para as tias dele, para entender que nós continuávamos separados, um negócio que brigamos, que tivemos uma briga na frente delas. E depois que a gente tinha separado. Então a gente nunca aparecia junto, então, só souberam depois, quando a gente caiu que era casado, porque até então nem a ALN sabia [...] ⁶⁰⁰

Outras mulheres preferiram manter a solidão, não se envolvendo durante a experiência de luta armada. Guiomar Silva Lopes optou por manter uma militância sem laços afetivos. Segundo ela, quanto menos vínculos pessoais as pessoas tivessem estariam menos sujeitas às

⁵⁹⁹ Entrevista de Leda Gitahy, Campinas (SP), 8 de maio de 2010.

⁶⁰⁰ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

surpresas desagradáveis. No entanto, segundo ela, Joaquim Câmara Ferreira, dirigente da organização, era um grande casamenteiro, tendo-a sempre estimulado, como a outros militantes, a ter um companheiro (a). Nas suas palavras,

O *Velho* era casamenteiro. Ele vivia dizendo, você não acha fulano bonito? O que você acha do... Muito engraçado, mas você acha que ele é bom de tiro? Bom, mas na verdade, eu me retraí, apesar de ter companheiros que eu achasse assim muito interessantes, e eu recolhi, porque o momento eu sabia que era de sofrimento⁶⁰¹.

Ana Ramos, Cidinha Santos e Norma Freire preferiram não se envolver. O cotidiano da própria militância poderia se constituir, muitas vezes, numa limitação para o casal, em especial aos parceiros que não tinham participação política,

[...] eu já tinha tido um namorado, uma relação de três anos, um namorado. Na verdade quando eu completo vinte anos eu desisto, eu acabo o namoro com esse menino. Ele fez o *Santos Dumont* comigo, não é? Mais aí, era conflitante, não tem jeito, é conflitante essa relação política, se não tiver, é complicado, porque ou você se anula ou o cara te anula, tanto um quanto outro, aí você não vai viver, não vive legal e um homem, você acha que um homem vai admitir que a mulher dele, naquela época, que ela fosse militante, e ele não? Não dá certo, não tem jeito. E eu já tinha aquilo na cabeça não é? Por que fica aqueles namoricos, aquelas coisinhas assim, aí a coisa avança mais [...] a coisa vai amarrando, e eu militava. Eu deixava de encontrar, deixava de... parecia uma coisa cor de rosa que não era não é?⁶⁰²

Havia também uma certa temeridade nos relacionamentos. Numa sociedade em que as regras estão completamente esgarçadas pela ideia do inimigo interno, onde a confiança foi abalada, no momento em que se limita ao máximo a vida social em função de possibilidades de delação, infiltração, perseguição, um encontro com alguém, ao invés de fazer surgir um romance, pode selar uma tragédia. Como afirmou Norma Freire,

[...] havia sim a consciência de que você está com alguém, você tem que ter confiança absoluta porque esse alguém pode... trair ou sofrer. Todas as relações muito próximas você trata, aliás, deveria sempre e em qualquer situação tratar com muito cuidado não é, não só em momentos de perseguição. Eu já estava na *Veja*, [...] tinha alguns namorados assim, mas nada muito sério. Depois eu só vim a ter algum relacionamento mais sério, muito tempo depois que eu saí da prisão. Naquele período eu não, sabe, eu não me interessava por relacionamentos, não era uma preocupação minha, a coisa da, a importância da... era mais urgente a situação brasileira [...] Eu não saberia me relacionar com alguém que eu não pudesse falar, então era uma coisa assim, passageira, é⁶⁰³.

⁶⁰¹ Entrevista de Guiomar Silva Lopes, São Paulo, 22 de novembro de 2008.

⁶⁰² Entrevista de Maria Aparecida Santos, Ribeirão Preto, 28 de novembro de 2008.

⁶⁰³ Entrevista de Norma Leonor Hall Freire, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

Ilda Gomes, por exemplo, tinha acabado de sair da prisão quando começou a sofrer “cantadas” suspeitas nas ruas.

Eu morei uns tempos com a minha mãe, depois eu morei sozinha, depois o meu cunhado me deu uma casa, eu fui morar no meu cunhado, sozinha com meu cunhado. E aí dinheiro de ajuda, depois eu queria ir embora daqui porque não me davam, eu não arrumava trabalho, me sentia seguida, perseguida... eu sentia perseguida, eu sentia... coisa que nunca ninguém veio, nem quando eu era jovem a turma vinha me cantar na rua. A turma vinha, ah, achei você bonita, não sei que lá, será que eu posso te visitar? Posso não sei o quê, ir na sua casa, te acompanhar? Olhava para isso assim e falava êpa, você está com má intenção e outros então eu via que me olhavam muito, ah, você está sozinha aqui, eu vou te acompanhar até a tua casa, é perigoso você andar sozinha aqui. Nunca ninguém se prestou a isso, agora todo mundo depois que eu saí da cadeia começa aparecer essas coisas querendo me ajudar. Onde é que você mora, eu posso acompanhar você até a tua casa, deixar você na sua casa? Não, não, eu vou sozinha não precisa me acompanhar não, todos parece que queriam... aí eu me senti seguida, aí uma vez um cara vinha dentro do ônibus veio com conversa, na Rua direita, quando eu desci do ônibus na Rua direita eu entrei nas *Lojas Americanas* e fiquei olhando lá para ele, quando ele viu, ele me perdeu, eu ficava olhando, e ele ficava me procurando, falei ah, esse está me seguindo mesmo viu? Aí eu saí pelas *Lojas Americanas* que tem saída pela outra rua e fui embora, mas aí foi que eu percebi que eu estava sendo seguida⁶⁰⁴.

As relações amorosas poderiam mesmo comprometer um militante. A ALN não controlava a vida sentimental de seus militantes. Também não havia qualquer recomendação de recato, embora algumas regras básicas de segurança fossem recomendadas para as pessoas clandestinas. Sair de circulação era a melhor alternativa para quem estava sendo perseguido, e ser pouco conhecido uma das condições necessárias para continuar atuando sem ser notado. Era natural que os relacionamentos portanto, dentro dessas limitações todas, ocorressem dentro da própria organização ou com as organizações-irmãs, o que poderia também ser um risco, pois a militante estava exposta às quedas e prisões que surgissem em outro grupo, e no caso de infiltração poderia ser presa e arrastar sua organização junto. Por outro lado, as organizações atuavam conjuntamente durante as ações, colaboravam entre si com dinheiro e armas, de modo que os contatos não eram completamente estanques. Nenhuma militante deixou, salvo engano, de namorar, casar ou viver junto com outras pessoas, fossem elas militantes de outros grupos, ou pessoas sem qualquer tipo de militância, na ALN. De qualquer maneira, no conjunto dos relacionamentos, mesmo que o militante/companheiro não estivesse vinculado diretamente à luta armada, tinha minimamente uma concepção de esquerda. O exemplo abaixo denota algumas falhas primárias com relação à segurança na organização, como veremos. A questão, no entanto, não era ter a vida pessoal controlada pela organização, e sim se preparar para as duras condições da vida militante. Ir ao cinema, tomar um sorvete na

⁶⁰⁴ Entrevista de Ilda Gomes da Silva, São Paulo, 27 de agosto de 2010.

rua, passear tranquilamente pelos logradouros públicos, eram atitudes difíceis e muito improváveis de serem realizadas por um militante muito procurado pela polícia.

Santa Cruz, Hélio Ximenes e Guilherme costumavam ir para o cabaré da cidade de Tianguá, como fazia na época os rapazes, farreavam e se comportavam como boêmios. Chegaram até a namorar moças da região, dando nomes fictícios, não estavam na clandestinidade, e se tornaram conhecidos da cidade serrana de Tianguá. Foi isso o que levou, logo após a queda de Guilherme e Giordano, ao primeiro ser identificado por pessoas da região, logo que as fotos saíram na imprensa. As paqueras foram trazidas para a sede da Polícia Federal e identificaram Guilherme e Hélio Ximenes, o qual fôra preso um pouco antes e tinha deixado o endereço com uma das paqueras⁶⁰⁵.

No entanto, alguns momentos maiores de descontração também ocorriam, como narra Amparo,

O *Crioulo* foi assim, foi quando eu estava terminando com o Iuri não é? Tinha terminado com o Iuri, aí eu tenho relacionamento com o *Crioulo* e eu engravidado, aí fica uma coisa assim mais, consolida, a gente fica um tempo em Santos, é um momento muito bom esse de Santos, quem vai para Santos, são dois casais, eu e o *Crioulo*, o Carlos Eugênio e a Bety, Carlos Eugênio eles ficam num quarto, era assim, um apartamento, quarto, sala, cozinha e banheiro. Eu e o *Crioulo* nós ficamos na cama de solteiro na sala e o Carlos Eugênio, era um beliche que tinha no quarto aí eu me lembro muito assim, porque foi uma das raras oportunidades naquele tipo de vida que a gente levava, que nós pudemos passear na praia, nós pudemos, nós fomos ao cinema, eu me lembro até hoje que a gente assistiu um musical *O Violinista no Telhado*, e nessa noite nós tomamos sorvete, eu acho que nós jantamos fora algumas vezes também. Não foi um período muito longo, a gente naquele tempo também a noção de tempo era outra coisa, eu hoje tenho a impressão que foram uns quinze dias, foi entre a morte do Iuri e do Marcos e da Ana, nós ficamos um tempo no apartamento do Antônio Carlos Bicalho Lana, que estava ferido, se recuperando. Eu me lembro que nesse momento eu fiz aniversário e Carlos Eugênio fez um bolo de chocolate, era chocolate por fora, por dentro, no recheio, na cobertura. [...] foi uma coisa assim muito delicada dele, você vê, naquela situação, ele sabia que eu estava grávida, ele fazer um bolo de chocolate no meu aniversário, aí a gente sai, aí a gente passa, eu não me lembro mais se foi quinze dias, se foi dez dias, se foi seis dias, mas foi um tempo assim. É, marcou não é?⁶⁰⁶

Outras mulheres quando chegaram à ALN já eram casadas como Maria Aparecida Baccega, Eliane Zamikowski, Nair Benedicto, Ana Corbisier Matheus, Zilda Xavier Pereira, Antonieta Campos da Paz e Ilda Gomes. O número de mulheres casadas no universo de 40 militantes entrevistadas, no entanto, é menor comparado às solteiras, mais jovens e estudantes universitárias. O caminho do casamento não era mais, contudo, a única perspectiva de vida. Tanto é que não só mulheres solteiras entraram na Universidade. Nair e Ana Corbisier são dois exemplos disso.

⁶⁰⁵ MOTA, Silvio, 2009, p.72.

⁶⁰⁶ Entrevista de Maria do Amparo Almeida Araújo, Recife (PE), 8 de janeiro de 2009.

Nair também começava a viver na época com Jacques um relacionamento aberto. Como ela afirma,

Na realidade a gente tinha um relacionamento bem aberto, eu e o Jacques, e na época era um pouco isso, então não havia... [a fidelidade] estava sendo questionada, então os relacionamentos estavam sendo questionados, então existia uma coisa... ele também tinha namoradas, mas não era uma coisa escondida não é, era uma coisa sabida, às vezes magoava, porque no mundo ninguém é de ferro, não é, então quando o envolvimento ficava um pouco mais sério para um ou para o outro, o outro ficava puto (risos), como sempre, mas era uma coisa que fazia parte da época, fez parte da época essa coisa de... realmente era muita coisa junto, os negros começando a brigar pelos direitos deles, as mulheres começando a se sentir como pessoas que têm valor, questionando coisas, questionando tabus, olha desde que eu me lembro de dia internacional da mulher, apareceu já solicitação de liberar o aborto, então era uma coisa muito, eu me lembro por exemplo que o áudio visual para *Venenosos*, que nem prega grandes coisas, falava que bom, que tem hora que você, para você não se preocupar muito com essa coisa que dizem que é o certo, o correto, então sabe, se você tem bunda grande, ou peito grande ou peito pequeno, isso não deve ser limite para nada, você pode, a gente na realidade, entrevistou muitas mulheres e depois a gente fez um filme condutor, muito bonitinho o áudio, é muito para frente, mas não é um áudio inconsequente, é um áudio falando que você pode ultrapassar esses limites que te dão não é?⁶⁰⁷

O contexto em que se vivia muitas vezes acabou favorecendo a decisão do casamento, tão condenado em alguns casos e tão necessário em outros. Não que ele tenha mudado de caráter para essa geração. Jessie Jane e Colombo Viera, por exemplo, casaram-se na prisão para obterem o direito à visita.

Nós casamos na prisão, de 1971 a 1972, para ter visita, porque eu não tinha visita. Eu fui a primeira presa aqui no Rio não é [a receber visita]. Isso porque o Juiz Auditor liberou. Eu não tinha visita nenhuma, as presas, as meninas saíam desse pavilhão e iam no pátio da frente receber as parentes delas, que naquela época era só pai, mãe, irmão e parente sanguíneo, ou maridos, que tinham certidão de casamento. Eu não tinha nem um parente, até porque eu tinha, logo depois foi preso meu tio em São Paulo, não é, meu tio foi preso pela Ala [Ala Vermelha], cumpriu quatro anos no Presídio Tiradentes⁶⁰⁸.

Muitas vezes o casamento civil partia de uma vontade pessoal, em especial com a chegada dos filhos. Sônia Lima, por exemplo, engravidou no Chile, “é... primeiro eu e Ricardo [Ricardo Apgua] a gente se casou, porque eu não queria ter de jeito nenhum – o Hécio tinha morrido – eu não queria ter de jeito nenhum um filho que nascesse fora do matrimônio, então a gente se casou”⁶⁰⁹.

⁶⁰⁷ Entrevista de Nair Benedicto Breyton, São Paulo, 19 de junho de 2010.

⁶⁰⁸ Entrevista de Jessie Jane, Rio de Janeiro, 18 de março de 2009.

⁶⁰⁹ Entrevista de Sônia Maria Ferreira Lima, Ouro Preto (MG), 27 de fevereiro de 2009.

Houve casamentos estáveis no período e que sobreviveram às tempestades daqueles anos, ao retorno do Estado democrático e à vida normal, como observamos com Arlete e Adriano, Leda e Bernardino, Jessie Jane e Colombo, Albertina e Fernando Casadei, Ruth Tegon e Marco Antônio Moro, Ilma Horst e Rômulo Noronha, Tânia e Gabriel Mendes.

Verifica-se assim que a mulher estava num processo crescente de questionamento que, de alguma maneira, foi interrompido. Seria retomado anos depois já no exílio e na volta ao país, quando algumas militantes da ALN, nem todas é verdade, iriam se inserir em atividades do movimento feminista. Na ALN o que pudemos verificar é que poucas mulheres tiveram contato com o movimento feminista diretamente. Um questionamento, portanto, que pode ser feito em relação às suas participações e ao próprio caráter de inserção dessas mulheres à organização. Poucas indicaram simpatias pelo movimento feminista durante as entrevistas. A quase totalidade delas afirmou não terem sentido um tratamento diferenciado pelos homens ou ter sofrido algum tipo de preconceito. O que imperava era o respeito e a solidariedade naquele momento. Não podemos desprezar o espaço que essas mulheres tiveram na ALN, que forjou para elas um lugar identitário, um caminho de vida que até hoje elas têm como referência. Para elas, a ALN pelo tipo de configuração que teve, aliada à presença marcante da figura de Carlos Marighella, podem ter sido fatores de atração, como se verifica nas falas de cada uma. Reproduzimos alguns trechos:

Nair: “eu acho que a proposta era mais ampla, mais libertária, eu acho que a história do Marighella ela contava como, sabe uma pessoa que tinha uma experiência, eu acho que essa, eu acho que já existia um cansaço mesmo do partidão e ainda tinha muito partido que ainda era, parecia que haviam vários partidões, então eu acho que a ALN [...] surgiu como uma coisa inovadora, com uma proposta, mesmo essa questão da tortura por exemplo, você saber que ela existe, ela vai existir, mas que existem formas de você fortalecer, e que tal e que é uma coisa dura. Eu não sei eu achava que a ALN era uma coisa mais transparente assim, sabe, para quem queria participar [...]”⁶¹⁰

Malu: “eu vejo a coisa muito através de uma organização que eu fiz parte, em 68 houve então uma embrião dessas, tinha acabado de descobrir a pílula todas essas coisas, da libertação da mulher, entendeu, eu acho que assim, a mulher foi para a universidade nessa década com outro espírito você entendeu? De ser independente, você vê a Nair estava casada, estava no

⁶¹⁰ Entrevista de Nair Benedicto Breyton, São Paulo, 19 de junho de 2010.

terceiro filho e foi estudar, de ser independente, de... então eu acho que isso possibilitou o ingresso...”⁶¹¹

Cida Costa: “porque apesar de ser luta armada, tinha uma origem ligada a pessoal de partido. Era radical, mas havia espaço, não era uma coisa tão militarista, essa origem... não sei. Eu nunca pensei nisso”⁶¹².

Tania Fayal: “olha eu acho que juntou uma série de fatores, juntou a fome com a vontade de comer, a gente vivia num processo daqueles movimentos que eclodiram após 64 que veio um forte movimento de libertação, porque na verdade essas organizações e essas transformações que eu considero na sociedade, da formação da família, disso e daquilo, primeiro era romper como nós queríamos, independente das organizações, a ALN já era uma organização que se formou num processo onde a luta pela libertação era uma coisa muito presente na boca da classe média, sobretudo das mulheres, que já começavam sua grande luta de independência, de libertação, jogando fora os seus primeiros sutiãs, romperam com a coisa da virgindade, consequentemente aqueles laços da família, era a primeira coisa que a gente negava com raras exceções, e uma organização formada por cabeça de mulheres, porque o Marighella foi um homem que tinha uma cabeça de mulher também, essa é a grande verdade, o homem era rodeado de mulheres, o Marighella sempre impulsionou a ALN a ir para esse caminho, porque uma organização sempre teve mulher, o Marighella sempre tinha uma mulher por detrás fazendo alguma coisa com ele, ele era querido pelas mulheres, era uma organização que serviu para uma ampla necessidade que as mulheres tinham. Era uma organização de vanguarda em todos os sentidos, em todos os sentidos e eu acho que essa coisa da aproximação da mulher na luta armada se deve também a essa cabeça libertária de Marighella, sem dúvida alguma. É o nosso primeiro, efetivamente nosso rompimento real com aquilo que se tinha de política de esquerda que era partidão”⁶¹³.

Tânia Mendes: “olha eu nunca pensei nisso, mas talvez seja porque você, porque ela consegue, não tanto pela consciência, mas porque ela era a melhor nesse ponto de vista, ela era mais aberta com esse negócio da etapa, com a frente de massa, você tem, era também a referência do Marighella que tinha história no partido. E também porque eu acho que casava,

⁶¹¹ Entrevista de Maria Lúcia Alves Ferreira, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

⁶¹² Entrevista de Maria Aparecida Costa, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

⁶¹³ Entrevista de Tania Fayal, Maricá (RJ), 20 de março de 2010.

casava com o que as mulheres estavam querendo, casava mais com a cabeça daquelas mulheres naquela altura do campeonato. Não sei se isso foi tensionado, mas o fato, quando você conversava, discute não sei quê da organização, isso e aquilo, existia mesmo uma coisa de simpatia, e uma simpatia que não era bem política, que isso tem mais a ver com o que eu estou vivendo, que eu estou pensando, que nós estamos querendo sair dessa coisa do machismo, do marido mandando não sei quê, da mulher é para ficar em casa. Então eu acho que é porque casava mais com o sentimento, os outros eram mais difíceis de traduzir. A experiência política das mulheres era mais jovem do que a dos homens, então você fala em etapas, você fala, naquilo, e você falar vou criar um foco não sei quê em cima do exército era mais longe do que naquele momento as mulheres estavam fazendo. Elas queriam fazer, estavam querendo fazer, então desaguava em algum lugar que tivesse mais alternativa de ação. Tem mais alternativas para eu trabalhar se eu tiver que sair, se eu tiver que voltar para o meu filho, se e tiver que... entendeu? Tem situações intermediárias, não sei nem se nas outras organizações não tinha, mas a forma como você apresentava era entendida de forma mais aberta⁶¹⁴”.

Norma Freire: “as outras [organizações] eram mais militarizadas, a ênfase militar era maior, na ALN havia essa abertura maior para os esquemas de apoio”⁶¹⁵.

Moema: “eu acho que tem uma coisa, a ALN era o quê? Ação Libertadora Nacional, era uma organização não só pelo próprio nome mas pela proposta política de libertação nacional, era mais ampla, ela era menos estreita politicamente do que uma VAR-Palmares, do que uma VP, entende você... quer ver um exemplo? Não sei se pode servir como exemplo, eu me lembro agora que... a Dilma é uma típica militante da VPR, a Moema São Thiago é uma típica militante da ALN, entende? E a Tania Fayal é uma típica militante da ALN, sabe, eu acho que o formato das organizações terminava fechando com o perfil das pessoas”⁶¹⁶.

Eliete: “por exemplo eu nunca aceitei assim, a questão da luta de classes, sabe as coisas eram colocadas... a luta de libertação é... nacional”⁶¹⁷.

⁶¹⁴ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

⁶¹⁵ Entrevista de Norma Leonor Hall Freire, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

⁶¹⁶ Entrevista de Moema São Thiago, Brasília, 11 de julho de 2010.

⁶¹⁷ Entrevista de Eliete Ferrer, Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010.

Eliane: “ele [Marighella] era uma pessoa realmente maravilhosa conosco e a gente ficou muito amigo, como eu te falei, ele tinha a intimidade de pegar a minha bolsa e pegar o dinheiro que ele queria, porque ele tinha essa confiança, ele sabia que ele podia fazer isso, que ele nunca seria mal interpretado nem nada, então essa confiança na gente não é, passava muito isso, ele era uma pessoa realmente diferente do que a gente imagina que seja um militante do PC, não, ele era, tinha uma grande compreensão em relação às mulheres, tinha um grande respeito, sabia o que que ele podia pedir, o que ele não podia, acho que foi um contato assim [...], e eu estava disposta porque eu acreditava, queria realmente, não dava para ficar sem fazer nada, eu preciso fazer alguma coisa”⁶¹⁸.

Diva: “eu acho que tinha muito tinha uma coisa que de alguma forma encantava porque era mais libertário que o partidão sabe?”⁶¹⁹

Arlete: “Eu acho que se engajava por conta disso, porque se identificava com as propostas de libertação, de libertação da guerrilha urbana e esse apego realmente a questões de uma aproximação maior com as massas. O militarismo por exemplo da ALN, eu acho menor do que a VPR, do que a VAR-Palmares, até pela origem de participação de militares nas outras organizações que não era tão presente na ALN. Acho que isso tem muito a ver também com Marighella, da própria trajetória do Marighella, ele vai agregar em torno dele, em torno da ALN já esse espectro diferente das outras não é, a gente tem um fator muito preponderante da figura do Marighella, que era uma pessoa que, pelo menos para mim, era alguém inspirador de confiança que eu acreditava e das propostas então tinha essa questão”⁶²⁰.

Nos documentos produzidos por Marighella incentivava-se, com efeito, a participação política da mulher. Desde o primeiro periódico produzido pela organização, a mulher ganha destaque:

A mulher brasileira tem um papel de decisiva importância na revolução, particularmente na guerra revolucionária do povo contra o imperialismo dos Estados Unidos cuja expressão mais genuína é a guerra de guerrilhas.

Os direitos políticos e sociais que a mulher necessita conquistar só se tornarão realidade plena com a mudança da estrutura econômica do país e a vitória da revolução.

A participação da mulher no movimento revolucionário desde o primeiro momento constitui assim, uma garantia de êxito futuro e uma arma terrível contra o conservadorismo e a vacilação.

⁶¹⁸ Entrevista de Eliane Toscano Zamikowski, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

⁶¹⁹ Entrevista de Diva Maria Burnier, São Paulo, 29 de julho de 2010.

⁶²⁰ Entrevista de Arlete Lopes Diogo, São Paulo, 12 de junho de 2010.

Na luta revolucionária, não há homem que queira retroceder quando na vanguarda encontra a mulher combatendo.

Incorporando-se à revolução e à luta guerrilheira, aprendendo a disparar e adestrando-se nas tarefas de primeira linha, transportando tudo o que for necessário, emprestando sua imensa capacidade de trabalho e poder de iniciativa e imaginação para desenvolver o apoio logístico, a mulher brasileira representa um elemento precioso na construção da vitória da causa de nossa libertação.

Cabe à mulher organizar-se em grupos revolucionários e participar de todas as tarefas exigidas pelas circunstâncias e as necessidades da luta do povo brasileiro⁶²¹.

5.2 A alegria de partir?

A reinserção à vida em sociedade para essas mulheres foi extremamente dolorosa. Encontrar apoio, trabalho e conseguir viver de maneira diferente do que tinham vivido até então se constituiu para elas numa grande dificuldade.

O desafio no retorno ao Brasil foi ter que recomeçar do zero, profissionalizando-se, concluindo cursos abandonados pela militância ou procurando oportunidades no mercado de trabalho brasileiro. Algumas mulheres preferiram não voltar do exterior como Sônia Maria Ferreira Lima, Maria Angélica do Amaral ou Maria Suely Serra.

Verifica-se também que o desconforto continuou ainda para muitas delas nos anos subsequentes à Anistia, quando continuaram não apenas a serem investigadas pela polícia, mas tiveram que enfrentar todas as marcas emocionais desse passado.

Ana Wilma Oliveira Moraes, militante da ALN e detida no ano de 1969, afirma: “fui presa várias vezes, fiquei sem trabalho durante muitos anos, porque ninguém queria ficar perto de mim, porque eu era terrorista”⁶²².

Vivia-se ainda o medo da ditadura. Muitos militantes voltavam sem a perspectiva de reencontrarem amigos, parentes ou pessoas queridas da escola, trabalho ou universidade, mortos pelo regime. Como afirmou Vilma Ary, “aqueles que não foram assassinados naquele período se transformaram em mortos vivos”⁶²³. Demorou um tempo até se “habituares” às ausências. A dor de muitas mães, passados quarenta anos, permanece.

Essas mulheres voltaram do exílio e das prisões sem amigos, sem família, ou com esta completamente dispersa, tendo ainda que conviver com a derrota da revolução. Algumas continuaram, no entanto, desenvolvendo, a partir de suas profissões, trabalhos engajados ou

⁶²¹ CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA (CEDEM-UNESP). O Guerrilheiro n. 1.

⁶²² Disponível em: <www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/03/07/materia.2008-03-07.5769884531/view-37k>. Acesso: abril de 2008.

⁶²³ ARY, 2005, p. 126.

ainda sob o regime militando politicamente na chamada imprensa nanica, em jornais feministas, no movimento operário ou católico, participando dos comitês de Anistia, das Diretas-Já, etc. Muitas retornaram à Universidade e seguiram carreira acadêmica.

Algumas delas, quando saíram das prisões, ainda respondiam a processos na Justiça Militar o que dificultou extremamente sua reinserção no mercado de trabalho brasileiro. Eram impedidas de prestar concursos públicos ou dispensadas simplesmente dos empregos, quando não sofriam perseguição aberta nas atividades que desenvolviam. Muitas tiveram que contar com ajuda dos pais e dos poucos amigos fiéis que ainda lhes restavam ou foram recorrer aos seus antigos companheiros de militância que, no retorno ao Brasil, tinham um “guarda-chuva” social maior, e conservavam contatos com pessoas influentes que poderiam ajudá-las na indicação de trabalho, ou as recomendando para alguém de seu círculo de conhecidos.

As presas políticas, além de terem que suportar o regime de prisão – eram mulheres jovens, filhas de boas famílias e habituadas a uma vida relativamente confortável de classe média –, tiveram que conviver, quando deixaram a cadeia, com o imaginário popular que se formara contra elas. Saíam com marcas definitivas daquela experiência e ainda enfrentavam a dificuldade de obter trabalho, seja por medo, preconceito ou discordância política de seus empregadores. *Eles não queriam confusão!*

As dificuldades financeiras na família também não eram poucas. Muitas mulheres, quando saíram da cadeia ou voltaram ao país, encontraram suas famílias depauperadas. Seus pais perderam empregos, mudaram-se ou gastaram os poucos recursos de que dispunham pagando honorários de advogados. O poder aquisitivo das famílias, constantemente perseguidas, já não era o mesmo, a considerar também o asfixiamento da economia daqueles anos, inflação galopante e todos os efeitos da crise do Milagre Econômico brasileiro.

O retorno à vida social e ao mundo do trabalho não foram iguais para todas elas como veremos. Cada uma sentiu de forma diferente e teve oportunidades diferentes. Vilma Ary diz,

É, muito difícil, a gente... olha eu até voltar a ter coisas, sei lá, ter relações ter coisas, demorei muito, a gente estava meio amortecido se não estava morto estava amortecido, não é? E não só eu, eu acho que tinha muito mais gente do que eu no mesmo jeito, não foi fácil, porque foi uma situação que eu tinha medo de todo mundo, eu tinha medo, eu tinha medo. Se chegasse uma pessoa perto de mim eu supunha que podia ser um policial, não sei o que podia ser, então você imagina quanto tempo eu demorei para confiar em alguém entendeu? Eu fiquei cinco anos presa naqueles, nos dois processos e em alguns casos me prejudicando para ter emprego dentro da redação, então não foi uma coisa simples, foi uma coisa complicada, e trancou a minha aposentadoria, eu fiquei muito tempo sem registro em carteira, fazendo bico, porque não registrava, não tinha registro⁶²⁴.

⁶²⁴ Entrevista de Vilma Ary, São Paulo, 16 de novembro de 2008.

Assim que foi absolvida, Sandra Brisolla que estava na Argentina, depois de passagem pelo Chile e Panamá, voltou ao Brasil. Como ela conta,

Quando fui absolvida estava sendo perseguida junto com meu companheiro pela Tríplice A na Argentina e quando vi nos jornais de lá que havia sido resolvido meu processo liguei para casa e soube da absolvição. Não disse nada, mas vim para cá no primeiro fim de semana. Cheguei dia 1º de abril de 1975. Quando o Vlado morreu eu tinha acabado de chegar. Eu cheguei, acabado de chegar não, três meses antes. Na verdade foi assim, quando eu vim para cá, eu vim no dia 1º de maio de 1975. Eu vim para São Paulo. A gente, eu vim porque eu vim fugindo da Argentina. Mas não tinha nenhuma perspectiva política naquele momento 1975, não é? Depois se abriu, mas nessa época a gente não tinha, a gente não via nenhuma saída tanto que eu vim assim com medo, porque o pessoal que tinha vindo em 1973 tinha sido interrogado, a Conceição foi interrogada, os professores da Unicamp foram todos interrogados. Na fronteira, quando eu voltei para cá sim, apesar de ter sido absolvida, tinha sido uma coisa recente. Então eu combinei com o meu marido. A gente passa na fronteira separado. Se acontece alguma coisa com você eu continuo para avisar e vice-versa, e se acontecer alguma coisa comigo você continua para avisar, porque ninguém sabia que a gente ia chegar, porque não avisamos ninguém aqui exatamente para não ter... A única coisa que aconteceu de raro foi que na época, não sei se foi antes ou depois de soltarem o Paulo Tarso, porque ele ficou cinco anos preso. Foi depois. Ligavam para mim. Ligou para mim um cara e falou, “Ah, eu sou amigo do Paulo de Tarso, foi ele que me deu seu telefone. Eu queria saber como você chegou porque eu tenho um amigo que está na mesma situação que você, ele quer saber como você fez para vir”. Eu falei, olha, não sei qual é a situação do teu amigo, mas eu não tinha problema, vim embora e acabou. Ah, eu sabia que era coisa da polícia⁶²⁵.

Os efeitos trágicos da militância de Antonieta Campos da Paz, sobre sua família, certamente a impediram de continuar a militar na ALN. Antonieta afastou-se completamente da política e até o final de sua vida dedicou-se à casa e aos netos.

[...] Depois desse episódio, primeiro ela ficou alguns meses tendo que ir toda semana assinar o ponto lá na Barão de Mesquita. Mas ela ficou com a vida muito cerceada, no começo ela tinha que ir lá todo dia na Barão de Mesquita assinar, depois passou para uma vez por semana, e não podia sair do Rio, é como se fosse uma prisão domiciliar, mas depois liberaram, ela não foi indiciada, liberaram. Isso foi em 1970, quando prenderam ela em 1972, porque de 1970 a 1972 nós conseguimos segurar ela e dizer, olha, agora não pode mais fazer isso, aí ela se assustou, até eu acho que por causa das consequências, do que aconteceu com o meu irmão, e quando em 1972 ela foi presa aí foi uma surpresa para a gente. Mas agora eu entendo porque em 1972 já estava acabando com a luta armada e eles estavam acareando todo mundo para estabelecer a culpa de cada um não é? Então aí depois disso ela começou no Movimento da Anistia em 1975 e ela começou aí com força total porque aí era uma coisa legal, e nós dávamos a maior força, e ela ficou muito amiga da Regina Wand der Weid, que tinha o filho que tinha sido exilado, então ela passou até esse trabalho legal, e aí todo dinheiro que ela conseguia arrecadar era para o Movimento de Anistia. Então ela já não era mais do partido, não voltou. Eu tenho impressão de que o partido ficou muito sentido com ela por essa opção, é, e eu acho que é uma coisa assim,

⁶²⁵ Entrevista de Sandra Negraes Brisolla, Campinas (SP), 24 de outubro de 2008.

dá para compreender não é? Ela tinha sido até certo ponto prestigiada, sempre dentro do partido, tinha várias, digamos, posições, de mando, assistente da base tal, da base tal. Foi Presidente da Liga feminina, primeiro era Associação Feminina, depois Liga Feminina e ela não voltou para o partido. Ela diz que ela sentiu que houve um repúdio muito grande contra ela das pessoas que eram do partido quando souberam o que tinha acontecido, e que ela tinha se filiado à ALN. Ela dizia, algumas pessoas me olhavam como se eu fosse criminosa. Então eu não queria encarar isso. Foi uma coisa difícil não é, porque o partido estava propondo outra linha de argumentação e não... eu entendo, porque ela pôs em risco também contatos, pessoas que conheciam ela, mas aí ela só ficou no trabalho da Anistia. Nunca mais fez nada. Não, porque eu e a minha irmã conseguimos uma promessa dela de que não ia mais participar, eu não sei até que ponto ela se desobrigou a... mas é difícil, porque o Domingos [Domingos Fernandes] tinha sido preso, a Zilda (Zilda Xavier Pereira) estava fora, o Carlos Eugênio tinha ido para São Paulo, o Marighella já tinha morrido, então no máximo ela saiu e teve contato com alguém. Sabe o que ela fez? Se dedicou aos netos, porque aí tinha dois filhos do meu irmão, que tinham ficado sem pai. Tinham as minhas duas filhas, e logo em seguida a minha irmã teve um bebê. E aí ela acabou vendendo a casa do Horto e indo morar no mesmo edifício que a minha irmã morava. Então ficou assim. O que eu acho mais surrealista dessa história, é que ela viveu vinte anos ainda desde quando a casa foi invadida até morrer. Nunca mais ela falou sobre nada. Ela nunca mais abriu para a gente, nem em 1972 que aí foi aquele pavor e medo dela ser presa por muito tempo, de ser indiciada não sei quê, não falou mais nada, entendeu?⁶²⁶

Ruth asilou-se na Bélgica, depois de conseguir fugir em 1971 do Brasil. Ficou no Chile até o golpe, refugiando-se na embaixada do Panamá. De lá foi para a Europa.

A Anistia já estava resolvida quando a gente chegou, a gente chegou na véspera da assinatura, tanto é que nós fomos interrogados no aeroporto, quando chegamos, até o Quércia também naquele tempo de Campinas, morava lá na mesma época, ele fez Direito, o Quércia era Senador e estava lá, foi nos esperar. Então quando nós chegamos, nós chegamos em Campinas, em Viracopos, e antes de chegar em Campinas, quando a gente parou no Rio, eu estava com o Pedro no Rio, o Pedro era pequeno, eu pus no chão, mãe, você está chorando? Bem alto. O Quércia estava nos esperando, estava o José Roberto Pagalietto que era o prefeito de Campinas, e eram os dois, e estava a família inteira do Takao. A família inteira, eu olhava para eles parecia que era o Takao, que era o Takao que estava chegando. Precisa ver que graça. E estava toda a família dele, os amigos nossos, mas o delegado estava lá. E ele me perguntou: trouxe o material subversivo? Eu falei, a mala está cheia doutor. Daí o Quércia assim que ele viu, levou o Pedro lá para fora onde estava a mamãe. Porque o Pedro estava assustadíssimo não é? E daí o Quércia chegou e falou, ei doutor, aquele negócio que o senhor me pediu para ver em Brasília, eu estou indo para Brasília hoje, eu vou dar uma olhada, não é? Ah, sim, aí ele liberou a gente rapidinho. Eu fiz a revalidação [do diploma, na Bélgica fez Jornalismo], e fui trabalhar logo, eu comecei a trabalhar, fui primeiro, trabalhei na Editora *Juruá* que fez a *Voz da Unidade*, é, foi a primeira coisa, tinham duas propostas na minha cabeça, uma era de um amigo nosso que ia montar uma galeria de arte e me ofereceu para ir trabalhar com ele e a outra era para ajudar na montagem do jornal da editora da *Voz da Unidade*. Lógico que preferi ir para a *Voz da Unidade*. Fiquei até terminar [...]. O Marco por exemplo, o irmão dele, quando o Marco voltou, ô Marco pegou mal aqui em Aguai esse negócio de você estar assaltando banco (risos). Nessa época eu já estava grávida. Senti um

⁶²⁶ Entrevista de Mariza Campos da Paz, Rio de Janeiro, 6 de julho de 2010.

pouquinho de receio logo que a gente chegou a gente tinha, na hora de tirar documento, sabe a gente fica...⁶²⁷

Tereza Poggi depois da volta de Maranhão se estabeleceu em Recife. Como ela conta, deixou o trabalho com Dom Hélder Câmara e foi terminar a Universidade. Arrumou emprego e adotou duas filhas. Voltou à Itália uma vez e a coincidência fez com que chegasse no dia do assassinato de Aldo Moro. Foi parada inúmeras vezes pela polícia do trajeto de carro de Roma a Florença, sua cidade de origem. Ninguém no Brasil ou na Itália desconfiou de sua colaboração na resistência⁶²⁸. Para Robêni a volta foi um grande desafio, em especial a sobrevivência financeira:

Quem tinha o tal do guarda-chuva social voltou doutor, formado entendeu? E quem não tinha feito o Gabeira ficou conduzindo o trem não é? Mas lá no exterior. Nós não tivemos. Meu pai e minha mãe já estavam morando na Vila Curi, uma casa popular da vila Curi e nós fomos morar com eles. Nós fomos morar com eles e nós ficamos lá um tempão. Tentando arrumar trabalho, aí eu voltei para a Unicamp, o Alcides não voltou. E ele não voltou, porque o Zeferino Vaz, o Reitor, argumentou para o Conselho Universitário, que ele tinha sido expulso da Universidade pelo 477. E na verdade nunca houve esse processo na Unicamp, o 477 nunca houve. Mas o Zeferino impôs ao Conselho Universitário que ele estava fora da Universidade. Então ele não pôde voltar porque ele fazia Engenharia de Alimentos. E eu não pude voltar para USP. Porque o Diretor da Faculdade de Filosofia negou a vaga, me negou a vaga dizendo que eu tinha ficado sem me matricular por dois anos consecutivos e por isso eu tinha perdido a vaga. Bom, isso foi uma fórmula de jogar para fora o pessoal que estava voltando para Faculdade. Então eu não pude retornar para USP, eu estava no 4º ano de Letras. E daí eu vim para Campinas e consegui uma vaga remanescente no curso de Linguística, porque não tinha Letras. Tinha uma vaga, eles me deram a vaga, eu pedi uma vaga, o vestibular já tinha passado, não tinha mais jeito não é? Eu queria muito voltar para a Universidade. Daí eles me deram a vaga. Então me deram a vaga e eu fui para a Universidade e eu entrei num grupo de mulheres mais novas, de gente mais nova, que era gente do primeiro ano, porque era uma vaga de segundo ano mas a maioria das matérias era com o pessoal do primeiro ano, que era um grupo de mulheres, não tinham homens, da fina flor campineira. Nossa, estudava horrores para correr atrás do prejuízo não é? E para trabalhar?! Nossa menina, foi um sufoco, porque você, o pessoal arrumava emprego e tinha que dar, levar atestado ideológico. Arrumei um emprego no Sindicato dos Bancários no cargo de secretária aí um dos diretores me conheceu e gostou. É falou, puxa Robêni, vou levar você para lá, aí, “você não vai com aquela saia de hippie”. Não tinha roupa praticamente não é? Tinha uma saia lá grande de hippie e ele dizia “você não vai com essa saia”. E eu fui, gostava do meu trabalho, fiquei trabalhando um mês e pouco, veio uma carta por motivo de força maior, era a Polícia Federal, eram os arapongas perseguindo. No relatório da ABIN o Mamizuka foi perseguido até 1989 e eu até 1978 parece, até 1978 onde eu trabalhei, onde eu não trabalhei, o emprego que eu arrumei foi no Sindicato dos Bancários, aí depois, vem a rede de solidariedade. Então o pessoal da medicina arrumou qualquer pesquisa que pintava, da Kellogs, da Fundação Ford, então nós passamos assim, eu acho que uns dois anos, três anos vivendo na corda bamba sabe? Alugamos uma casa, tinha mês que ou comia ou pagava aluguel para poder... E quando nasceu o primeiro filho

⁶²⁷ Entrevista de Ruth Tegon, São Paulo, 10 de abril de 2010.

⁶²⁸ Entrevista de Tereza Poggi, Recife (PE), 08 de janeiro de 2009.

em 1977, nós estávamos mal ainda, nós estávamos mal, mas eu tinha acabado de entrar na pós-graduação, na Linguística e aí o pessoal fez uma lista. Ajuntou uma grana comprida para... então ninguém levou presentinho nada, fizeram um envelope e mandaram para casa. E aí o pessoal ajudou muito. Então a roupa, eu me lembro a roupa para os meninos, sempre tudo ganhado, sabe, tudo, não que eu tenha qualquer coisa contra, mas, usava, é evidente que usava não é, mas você não tinha, não tinha a possibilidade de “bom, vou comprar uma roupa para o meu filho, vou comprar uma roupa para mim” não é? E era, nossa, eu me lembro que quando a gente comprou um telefone para aquela casa, a gente comprou o telefone com um monte de gente ajudando, porque era um telefone para o coletivo, o telefone era caro para caramba⁶²⁹.

Nair ficou em prisão domiciliar, esperando o julgamento do seu processo. Na volta à Universidade contou com a ajuda de alguns professores para conseguir se formar. Seu grande sonho porém, que era fazer TV, teve que ser deixado de lado. Motivo: não tinha atestado de bons antecedentes.

Na realidade quando eu saí da prisão, teve um certo recomeço, primeiro porque eu estava defasada com todo o meu grupo, porque todo mundo tinha terminado e eu tinha ficado com dois anos pela metade não é, eu fui presa em outubro, então eu perdi esse final de ano de 1969, do ponto de vista da faculdade, e daí eu fui solta em julho de 1970, então eu já tinha perdido meio semestre de 1970, daí foi – do ponto de vista de alguns professores – porque a ECA era, era uma mistura de coisas, tinha professor muito reaçã, e tinha professor legal. Os professores legais me facilitaram a vida para eu apresentar trabalho e de certa forma resolver as pendências. Os reações fizeram eu fazer o curso, então deu um atropelo do ponto de vista do trabalho, eu acho que... é, na realidade tinha o atestado de bons antecedentes, então eu tentei trabalhar na TV por exemplo, até tentei com gente bacana, e aí muita gente me abriu portas, Albujaçra foi um cara maravilhoso, mas a diretoria, a direção, existia uma, existia um controle muito grande na televisão, um controle de que assim, ou traz atestado ou não entra. Então o Albujaçra por exemplo, falava, ah, ela está cheia de trabalho, (risos), ela está cheia de trabalho, não tem tempo de buscar essa porcaria que vocês querem. Aí um dia o cara falou, ou traz o atestado, ou não entra mais. Então era assim, era difícil, televisão era uma coisa absolutamente visada. Absolutamente visada. Então a fotografia, fui ser fotógrafa por causa disso, inclusive, porque na televisão era impossível. Não, não dava, eu trabalhava quinze dias, vinte dias e apesar de estar com uma certa experiência, que era isso que eu queria fazer e e me dedicar, não tinha jeito, quando eu não consegui o tal do atestado, e esse atestado você não conseguia de jeito nenhum, era o DOPS que dava. E era ilegal, não está previsto na lei que pode pedir isso, atestado de bom comportamento. [...] Uma vez depois que já tinha saído da prisão eu marquei com... eu fazia audiovisuais e daí eu saía sempre muito cedo para mandar não é... então era cinco e meia da manhã, eu estava pronta para sair com uma equipe, para fazer um trabalho lá em Araraquara, e aí apareceram dois homens muito bem vestidos com um cartão do Consulado Americano, funcionário do Consulado Americano, aí eu falei que estranho não é, a essa hora?! Bom aí chamei o Jacques para, aí o Jacques falou bom, uma hora meio estranha, mas nós fomos lá. Aí os caras subiram, eu não saí, eu fiquei lá, que eles falaram se eu pudesse ficar e eles sabiam absolutamente detalhe, detalhe do processo. Sabiam tudo, tudo, tudo, tudo, fizeram um monte de coisas e aí bom, foram embora. Eu fui para o meu trabalho, e o Jacques foi no Consulado Americano saber quem eram essas pessoas e se o Consulado Americano costumava fazer isso, mandam pessoas às cinco e meia da manhã. Depois que eu saí da prisão [...] eu comecei

⁶²⁹ Entrevista de Robêni Baptista da Costa, Campinas (SP), 25 de outubro de 2008.

a fazer esses trabalhos com mulheres, muito usando, eu acho que, pensando bem onde que eu seria mais efetivamente aproveitada, seria fazendo aquilo que eu sabia fazer. Então aquilo que eu sabia fazer, fotografia que emociona, então eu acho que eu me voltei muito para essa produção. Primeiro assim, estava tudo desmantelado, quando eu saí em 1970, sobrava pouca coisa de tudo, eu acho que o Jacques era um cara muito positivo também, quer dizer não era o primeiro revés da vida dele. Então era assim, a vida continua não é? Na realidade os nossos vínculos maiores já tinham todos sido mortos, o Marighella morto, o Paulo preso, o Dirceu preso, o Lauri fugido, o Benetazzo fugido... e depois todo mundo caiu não é? Eu não me lembro exatamente que ano, mas depois o Lauri voltou e foi morto, depois o Benetazzo foi morto na sequência, quer dizer, não existia mais estrutura para... depois em 1970, a gente trabalhou muito com o *Movimento*, com o jornal que era o Raimundo Pereira, era o período do *Movimento*. Daí a gente fez, tinha jornal de mulheres, então teve o *Nós Mulheres*, tive envolvida com o *Nós Mulheres*, eu acho que ficou muito isso, daí a gente fez um jornalzinho, um jornal de periferia, aí eu fiquei muito ajudando o movimento sindical mesmo, então essas coisas. A gente fez o jornal, o *Jornal da Vila* a gente fez durante acho que bem uns dois anos assim nesse conjunto que aqui chama, tem a Vila Moraes, tem um monte de vilas que é uma divisa entre São Paulo e São Bernardo. Eu dei aula na periferia durante muito tempo, dei aula na Faculdade também, dei aula na periferia [...] Eu produzi uma série de audiovisuais com essa questão da mulher, então um deles foi *O Prazer é Nosso*, que era falando sobre a sexualidade feminina e que foi apresentado justamente na SBPC e depois foi abrir o dia internacional da mulher aqui no MASP, foi uma coisa bem legal. Depois eu fiz sobre violência contra a mulher, *Não quero ser a próxima*, depois eu fiz um sobre um grupo de favelados que batalhou em Campinas por ter a posse da terra, fiz grupo de mulheres também esses clubes de mães não é, então eu fiz vários áudios mostrando que esses clubes de mães começam com tricôs e depois vai para várias outras coisas, outras demandas, então isso tudo foi muito entre final de 1970 e 1980⁶³⁰.

Maria Lygia sentia-se exilada na volta, não conseguia se identificar com as coisas que fazia e com a rotina da vida normal.

Eu acho que exílio era estar aqui no Brasil, sempre achei isso. Porque quando eu voltei, justamente era o começo da retomada não é, mas assim mesmo as pessoas tinham um medo de ficar com mais de três pessoas num carro, era um medo você entende? Eu não tinha assimilado isso. Ainda tive muita coisa na minha vida até... teve duas voltas, teve uma primeira, eu brinco com isso, teve a primeira volta que foi, era continuação de tudo, que era o *Movimento*, aí quando deu a Anistia é que as coisas realmente mudaram [...] Me deu um profundo vazio, eu tive uma grande crise existencial nos anos 80, até o João [João Quartim de Moraes] não tinha voltado ainda, e eu fui para a França, eu fiquei lá meio ano com ele, e aí eu digo que foi, aí foi o retorno mesmo. Porque eu estava num encaminhamento, eu trabalhava na Fundação Carlos Chagas. Não sentia completamente identificada com tudo, me ofereceram para trabalhar lá, fazer um... depois tudo na minha vida, eu simplesmente não conseguia parar e me imaginar fazendo uma carreira, vamos dizer em bom português, era isso. Eu, seis anos eu morei em não sei quantos países, mudei não sei quantas vezes de casa, entende, tudo era intenso, rápido, e de repente a ideia de... então foi muito difícil, muito difícil, muito mesmo, isso foi terapia, foi... o João sempre foi, o João tinha sempre essa visão, impressionante, olha, vai fazer uma carreira, vai fazer... não é? Eu já gostava da Unicamp, é que eu não pude fazer o curso aqui, quando a Unicamp abriu [...] eu tinha criança pequena, eu já adorava. Quando eu vim da França, eu tinha, a minha escolha seria Unicamp. Mas depois sei lá me meti no CEBRAP.

⁶³⁰ Entrevista de Nair Benedicto Breyton, São Paulo, 19 de junho de 2010.

Isso era muito intenso também entendeu? Você faz coisas, aí você faz o troço, aí dá tudo certo, aí depois tem o Conselho da Condição Feminina, e aí você fala, bom e agora? Vou outro dia dormir, acordar, fazer... eu tinha uma instabilidade não é, foi muito difícil fazer um projeto, uma coisa que tivesse... mesmo assim, eu acabei indo para Bahia, comecei a dar aula na Bahia, aí que eu me reconciliei com a ideia de dar aula, e aí quando eu resolvi voltar da Bahia [...] aí estamos em 1974, final do ano de 1974 e eu vou conversar com a minha querida Carmem Junqueira, eu disse olha, Bahia não dá mais, não sei o que faço, aí o Otavio Ianni falou, Maria Lygia eu estou sabendo que a UNESP em Araraquara está precisando urgentemente de um doutor [...] Doutor, doutor era uma raridade, e eu como na Bahia tinha me reconciliado com a coisa de dar aula... a UNESP Araraquara, achei interessante, aí fui, aí comecei minha carreira mesmo⁶³¹.

Para Maria Lúcia Alves Ferreira, Malu, a volta foi difícil, pois teve que conviver com as dores da reaproximação com o pai, a prisão do irmão, além de lidar com o rechaço que sentiu na própria esquerda por ter se envolvido na luta armada. Sentiu também que era tratada diferentemente pelo fato de ter se exilado. Malu foi alvo de investigação da Operação Condor, como anos depois veio a saber. A dor, contudo, não foi pouca como ela lembra,

Eu sempre andava, mal ou bem, com pessoas ou que tinham sido militantes ou que tinham vivido fora e que eu tinha encontrado, e na universidade assim, na realidade eu não falava, porque primeiro que assim, eu cheguei, nós estávamos ainda em 1979, não tinha nem a Anistia, foi em agosto, entendeu, acho que tinha essa coisa de você não falar, porque na realidade para mim, o processo democrático é em 1985. Eu e o Paulo [Paulo Tarso Venceslau] conversamos horas porque eu estava me reencontrando com o Paulo depois de dez anos entendeu, ele tinha me mandado uma carta, que eu não trouxe, deixei fora, nem sei nem o que que eu fiz exatamente com ela, que agora me arrependo, relatando todas as coisas, mas assim, a gente só estava conversando, a gente conversou muito, depois quando eu fui me encontrando com outras pessoas que tinham ficado, o que eu sentia era um certo preconceito entendeu, que existe, só agora tem algumas pessoas falando disso, mas eu senti sempre isso, das pessoas que tinham sido presas e que ficaram aqui e daquelas que saíram [...]. O resto eu acho que eu sempre fui muito protegida, entendeu, e sempre convivi com pessoas muito maravilhosas, e tinha uma coisa de algumas pessoas que não queriam conversar. Na realidade, aí eu encontrei meu caminho porque assim [...] eu já tinha procurado fazer um tratamento para ver, porque era todo esse sofrimento que aconteceu, a culpa com papai, com meus pais, meu irmão foi preso, e eu na Europa, mas isso foi uma coisa minha entendeu? Agora, você sentir isso de companheiro, eu acho chato, sabe, porque assim, eu costumo dizer o seguinte, tem uma frase que diz o seguinte, a medida do amor, é muito bonita essa frase, está num filme do Godard, *a medida do amor é que o amor não tem medida*, impossível você medir o amor, quer dizer que eu amo mais você do que você também me ama, entendeu? Isso é uma coisa que você não põe numa balança, eu costumo dizer que a dor também não tem medida, entendeu? Que não é o fato... eu fui presa, eu não fui torturada, porque na Argentina a gente não tinha tortura, tinha 111 ou 101 pessoas, mulheres presas, quando a gente ficou tudo junto e a gente perguntou isso para as meninas e tinha só uma menina que tinha sofrido só alguns maus tratos entendeu? Mas não existia tortura, era 1974. Em 1976 eles já tinham, com o que o Brasil ensinou, porque eu fui ameaçada de morte no último dia, sabe? Eu fiquei em casa de gente que podia ter medo de ter você lá, estou saindo da prisão, entendeu? Porque eu não podia ficar com o pessoal brasileiro, porque eu

⁶³¹ Entrevista de Maria Lygia Quartim de Moraes, Campinas (SP), 17 de setembro de 2003.

tinha um processo ali, eu tinha uma coisa que eu não podia sair do país, eles podiam envolver outras pessoas, é, eu não sei, acho que por causa de solidariedade não é⁶³².

Para Maria Aparecida Baccega o sofrimento foi durante a prisão do marido, dois anos e meio de visitas na prisão, além de muitas horas sentadas no sofá da Auditoria para conseguir autorização. Teve amigos que a ajudaram nesses anos, como uma amiga que, sabendo da prisão de Granville, foi morar com ela. Baccega não tinha conseguido terminar o curso de Letras. Com o AI-5, teve que abandonar a Universidade. Conseguiu anos depois reabrir a matrícula. Continuava, entretanto, trabalhando no SESI. Como ela conta, “quando Granville saiu, eu chorei. Por que que eu chorei? Aí que eu queria contar. Porque eu era muito forte, sabe? Não sou mais não. Então esse negócio, ficar dois anos não sei quê, não sei quê, eu consegui que eles tirassem o processo do Granville do lugar”⁶³³.

Vilma Barban havia parado o curso de biologia no segundo ano. Não retornou mais. Depois de sair da prisão e organizar a vida começou a cursar economia na Unicamp. Ao mesmo tempo, fazia pesquisa de rua. Continuou a militar aproximando-se de grupos anarquistas, trabalhou com a Pastoral da Terra e com a oposição sindical metalúrgica.

Quando eu saí, eu fiquei meio perdida. Depois meu irmão me ajudou um bocado, minha família... minha família italiana é muito pobre, então é meio assim, não importa o que você fez, todo mundo divide a última gotinha assim. Então nunca tive problema assim nesse sentido. A gente tinha dificuldade por conta de não saber a coisa, de não ter grana, de ter pouco acesso à cultura em geral assim, meus pais. Quanto a estar junto eles sempre foram muito presentes. Aí quando eu saí logo em seguida saiu o Luiz. Daí o Luiz saiu para ser operário, daí eu não sei como eu consegui convencê-lo de que era besteira o que ele queria fazer, porque ele era físico estava bem como físico mas aí nós resolvemos, nós fomos fazer economia na Unicamp, então eu entrei na Unicamp em seguida. A gente conseguiu fazer pesquisa, pesquisa sócio-econômica, pesquisa de rua, mas que naquela época a gente ganhava muito bem para fazer pesquisa, não é o que pagam agora. 1971, 1972 nós trabalhamos como pesquisadores, foi assim que eu fiz o curso da Unicamp [...] Depois que eu saí, a gente continuou fazendo jornal, fazendo essas coisas, aí eu acompanhei todo o processo do PT por dentro, mas nunca me filiei, por dentro assim, apoio, faz as coisas, faz campanha, carrega piano parará, mas nunca me decidi me filiar, por quê? Junto com essa ideia do partido, eu acho que foram se consolidando muito para mim as ideias anarquistas. Então elas sempre estão em confronto entendeu? Então, eu nunca me filiei ao PT e acho que foi ótimo assim [...] eu trabalhei junto com a oposição sindical metalúrgica, durante muito tempo, quando ela ainda estava brigando, a gente chegou a abrir escolas lá em Osasco para trabalhar com trabalhadores, conscientizar trabalhadores, então um pouco essa militância mais difusa diria, constante, concentrada. É, eu acho que eu nunca parei de militar. Mas, então teve época que os grupos anarquistas tinham mais reuniões, com o professor lá da Unicamp inclusive [Maurício Tragtemberg]. Então, nós encontramos o Maurício com o grupo, aí frequentava muito, tinham muitas reuniões daquele grupo anarquista, dos velinhos anarquistas, fazia coisas e por quê? A gente sempre perseguiu os anarquistas, na verdade, desde quando eu estava, o tempo que

⁶³² Entrevista de Maria Lúcia Alves Ferreira, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

⁶³³ Entrevista de Maria Aparecida Baccega, São Paulo, 10 de novembro de 2008.

a gente tinha esse jornal, a gente fazia levantamentos das histórias dos anarquistas, era uma fascinação pelos movimentos, publicamos caderninhos com essas histórias todas. Aí eu fui trabalhar um tempo no DIEESE, fui trabalhar, comecei a trabalhar com a Pastoral da Terra aí, eu resolvi fazer a pós, o mestrado nas Ciências Sociais, para ver se eu ajustava a minha identidade. Daí eu fiz o mestrado lá. Então eu vivi a maior parte do tempo como boia fria não é, que era ora estudando, ora com bolsa, ora trabalhando em pesquisa. Quando eu terminei o mestrado na USP [...] eu já estava trabalhando numa outra ONG chamada *Reconstrução*, e aí eu estava trabalhando com comunicação oral com trabalhadores e aí eu me apaixonei por isso e trabalhando com comunicação oral, aí trabalhei um tempo. Precisava sistematizar um pouco isso, foi no ano 2000 que eu consegui o doutorado⁶³⁴.

Tânia Mendes teve a sorte de nunca lhe pedirem atestado de antecedentes nos trabalhos que realizou. Voltando à vida normal após sair da prisão, voltou à ECA [Escola de Comunicação e Artes da USP] para terminar seu curso. Teve a colaboração do colega Leonel Itaussu para voltar à Universidade. No primeiro dia de aula, sentada na frente de um professor anticomunista, ouviu a sua própria história. Tânia voltou a manter contato com o Centro Acadêmico e foi logo editora da Revista da Cinemateca. Enquanto isso, foi morar na casa dos pais e na casa da cunhada até que ela e Gabriel, seu marido, encontrassem um lugar onde morar. Terminou a Universidade em 1974 e foi aprovada em concurso público para diretora da biblioteca da Fundação Getúlio Vargas. Não foi poupada, entretanto, de um comentário num Congresso, de que a FGV estava contratando *terrorista*. Um ano após, o Conselho da Biblioteca moveu-lhe um processo alegando que ela tinha emprestado o livro *O Capital* encapado de vermelho a um aluno,

Saí [da prisão], Gabriel saiu, ele fez uma série de outras coisa, deu aula, fez um monte de coisa, teve uma empresa em Santo André não é? Aí nós vamos para a casa dos meus pais, e nós ficamos morando na casa dos meus pais. Depois viemos para casa da irmã dele aqui, ele trabalhou, eu fui concluir a ECA. Eu fui concluir a ECA porque quando eu saí, eu cruzei com o Leonel [Leonel Itaussu de Almeida], e ele me levou para fazer matrícula. Aí eu cheguei, fiz a matrícula, aí foi aquela coisa kafkiana, a primeira aula que eu assisti foi o Nunes que deu a aula, o Nunes, e o Nunes não sabia que eu era eu, e não sabia que eu tinha voltado, então o cara conta a minha história para mim, eu na primeira fila, entendeu? Eu já tinha matado quatro majores, cinco coronéis e não sei quantos... porque ele estava alertando os alunos contra a esquerda, contra o comunismo. Então aí, mas isso depois, aí eu fui fazer ECA, o Gabriel tinha essa empresinha e aí a gente veio morar com a irmã dele aqui, num apartamento da Vila Mariana, aí ele foi trabalhar no Banco Nacional – e ele nunca foi trabalhar em banco– aí ele foi, estavam tentando achar um roteirista para o *Balão Mágico*, e ele cruzou com o cara lá, não sei onde, e passou a escrever o *Balão Mágico*, escreveu até acabar o *Balão Mágico* [...] e ele passou a fazer TV. Você não consegue ficar parada, conheci uma figura chamada César D’Ávila Almada, que é uma graça de pessoa e fui assistir aula de biblioteconomia, e aí nós começamos a fazer a revista *Cinema* da Cinemateca, [...] Você imagina que eu fui editora da revista da Cinemateca, teve quatro números, eu e o Sérgio D’Ávila, de repente o

⁶³⁴ Entrevista de Vilma Barban, São Paulo, 8 de abril de 2010.

Conselho Editorial tinha a Lygia Fagundes Telles, Paulo Emílio Salles Gomes e fiquei na ECA, foi difícil porque aí o diretor descobriu quem era eu, eu fiz o oitavo semestre depois eu fiz o sétimo, Verinha muito gracinha a professora que aliás me fez eu me formar, porque ninguém queria me formar, ficavam arranjando encrenca então ela que... ela virou diretora de departamento por uma semana como substituto e me assinou o... a Dona Maria Antonieta Ferraz, foi uma figura incrível, ela tinha oitenta anos nessa época. E aí eu me formei. Aí quando eu me formei, terminou 1974 eu me formei, abriu um concurso para diretora da Biblioteca da Fundação Getúlio Vargas. Então vou fazer o concurso, tinha concurso escrito, várias provas, você tinha títulos, você tinha que ser entrevistada, eu fui entrevistada pelo Bresser Pereira, pelo Esdras Araújo, notáveis da Fundação Getúlio Vargas, todos doutores, eu estava procurando emprego no jornal, não conseguia, trabalhei no CEDI como estagiária e nesse tempo. Ninguém me pediu nada, numa bibliotequinha quando eu fiz o estágio, nas bibliotecas do CEDI trabalhando na catalogação, ninguém pediu nada, para nada, para minha carteira de trabalho contou tempo da aposentadoria tudo, na FGV, não me pediram nada, eles não pediram, eles não pediam atestado de antecedentes então meu primeiro emprego de verdade, foi quando eu saí da prisão, eu não enfrentei esse tipo de coisa [dificuldade de ser admitida em emprego, obrigatoriedade de apresentar antecedentes]. [Teve um Congresso] que tinha ex-professor meu da ECA, teve conversa do tipo, ele não falou no microfone, mas falou no plenário, é, mas a Fundação Getúlio Vargas contratou uma *terrorista*. Mas a Fundação se soube dessas discussões todas nunca nem falou comigo não é, nunca nenhum dos meus supervisores falaram comigo, nunca ninguém mencionou isso certo, eu acredito até que devem ter ficado sabendo certo, mas nunca mencionaram e nunca pediram nada, nunca, me defenderam quando o Conselho entrou com uma, que o Conselho entrou com uma ação porque um cara denunciou que eu entreguei para ele um livro do *Capital* encadernado em vermelho, emprestei não é, mandei emprestar o livro do *Capital*, isso aí foi em 1975, aí na época o ministro chamou era o Edir Macedo que era da FGV e fez um... dizendo isso, a instituição dá cobertura, todas as encadernações são vermelhas e ponto final. Saí do curso e assumi o cargo na Fundação Getúlio Vargas. E trabalhei onze anos na Fundação Getúlio Vargas. Quando eu saí do Presídio eu me filiei ao MDB para dar a sensação que realmente eu não ia voltar para a luta armada, e ajudei a fundar o PT, desde o começo não é? E depois militei no PT o tempo inteiro. E depois trabalhava na Fundação Getúlio Vargas onze anos, fiz consultoria para a CUT Nacional, mas sempre fui uma pessoa que tem um projeto de trazer, de melhorar o país. Então, aí depois disso, eu fui, fiz um trabalho na PUC e depois fui para a Assembleia Legislativa com o Zé Dirceu, com o mandato do Zé Dirceu para fazer a Constituinte Estadual. Então fiz todo o trabalho de mobilização da Constituinte estadual e gostei de trabalhar no Parlamento, achei que é um espaço para ser melhor ocupado numa democracia institucionalizada. Ai fiz concurso público, permaneço na Assembleia Legislativa, briguei, achei que o PT não dava mais solução em 1998 quando ele deu uma guinada, uma diferenciada, você, as pessoas, as coisas pararam de acontecer com horizontes mais amplos. Meu caso é efetivo, sou funcionária efetiva, fiz carreira como funcionária efetiva, coordeno, fui assessora técnica para elaborar proposições, pareceres, depois eu fui diretora de departamento de comissões sou desde 2004 sou coordenadora do Portal da Assembleia na internet, então estou lá até agora e pretendo continuar lá⁶³⁵.

Norma Freire não teve problemas com a Editora Abril para retomar seu cargo após a prisão. Seus problemas para permanecer em São Paulo foram de ordem emocional. Um dia encontrou na rua um de seus torturadores.

⁶³⁵ Entrevista de Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010.

O problema que eu tive depois, que eu fui readmitida imediatamente, saí imediatamente, o problema foi interno, foi psicológico. Um dia eu não consegui sair do elevador, a redação ficava meio, sabe, não conseguia mais viver aquele cotidiano. Depois que você está presa é um outro... muda o seu cotidiano, não consegui, minha perna travou e eu não conseguia sair do elevador, e aí eu disse, está na hora de parar, aí eu saí. Daí logo depois eu viajei, saí da Abril, viajei, passei seis meses na Amazônia fazendo um trabalho lá como frila, fazendo material para a Abril mesmo, depois eu voltei. Aí eu senti uma necessidade de andar muito grande, eu não queria ficar parada, então eu viajei muito pela América Latina e fui morar no fim eu e um gato, um gato bicho no sul de Minas, porque havia ao mesmo tempo... você se libertava da paranoia, da desconfiança. Você recuperar o sentido amoroso da vida, se há algum, é um processo complicado, então eu preciso fazer, andar, andar, andar, escrevendo sempre e fazendo alguns trabalhos. A tradução, eu falo línguas, sempre me ajudou muito mas fui morar em Minas e aí a gente formou um pequeno grupo e eu vinha uma vez por semana fechar uma revista em São Paulo. O que me permitia sobreviver de alguma maneira foi isso [...] Um vez que eu saí com amigos, fomos num barzinho e eu fui abençoada quando dá aqueles brancos de memória violentos. Precisa pedir reparação sim. Então eu esqueço datas mas sou ótima fisionomista então eu olhava para a pessoa e dizia, eu conheço de algum lugar, a gente estava numa roda, ele atrás me olhava, eu olhava, ele me olhava e eu olhava, de onde eu conheço? Até que de repente eu lembrei, é um dos interrogadores, aí eu tive uma crise de choro muito grande, assim, não conseguia parar, não conseguia parar e aí me levaram para casa, alguém percebeu o que estava acontecendo me levou para casa e eu fiquei muito tempo também sem sair de casa. Então a pressão é de dois lados, entende, o medo de encontrar com alguém, o que fazer com essa pessoa numa situação diferente não é, num barzinho, o cara devia ser um estudante também, militar, interrogador, isso, essas situações híbridas assim, confundem muito a gente⁶³⁶.

Maria Natividade foi o esteio da família no período de militância de Sônia. Prestou colaboração a ela, mas nunca foi presa, embora seja citada nos documentos da repressão. Sofreu muito com a ausência da irmã e com a morte de Hércio Pereira Fortes. Foi a última da família a estar com ele antes de sua morte, quando houve um tiroteio no táxi em que estavam. Foi chegar a Minas Gerais, soube de sua morte. Cursava direito e trabalhava na Escola de Minas. Seu pai era chefe de transporte e a levou para lá,

Minha irmã também não pode vir para o enterro do meu pai não é, porque ela estava em Brasília. Foi uma... Eu sinto muita tristeza. Quando Soninha foi anistiada a gente foi para o Rio de Janeiro esperar por ela. Ela não pôde sair do aeroporto, porque eles ainda não tinham documentação. O Ricardo [Ricardo Apgua] também foi. Não tinha documentação. Nossa, nós ficamos naquele aeroporto umas três, quatro horas esperando. Lembrei do Newton, Newton não é (Newton Moraes), eu estava até pensando, de vez em quando eu pensava em ligar para a *Pureza*, para a República, para poder saber como é que ele estava, onde que ele estava, se ele tinha sido assassinado, essas coisas todas, mas eu nunca tive coragem⁶³⁷.

⁶³⁶ Entrevista de Norma Leonor Hall Freire, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

⁶³⁷ Entrevista de Maria Natividade Ferreira Lima, Ouro Preto (MG), 1º de março de 2009.

Lisete de Silvio voltou para o Brasil ainda clandestina fugindo da ditadura argentina. Não comentava da sua vida com ninguém, evitava falar no assunto no trabalho, com o risco de ser exonerada, e também fugiu da euforia da volta dos exilados. Tinha atravessado até então três ditaduras: a brasileira, a chilena e a argentina. Não quis se exilar na Dinamarca, país distante, frio, sem sol. Havia a intenção de se tentar montar uma base da ALN em Buenos Aires. Não funcionou. Decidiu voltar.

Eu voltei antes da Anistia, porque não dava mais para ficar na Argentina, era assim, você estava na rua o cara falava para você mostrar os seus documentos e chegava, eu tinha um documento comprado, frio, ele era quente mas era frio não é, era comprado, um boliviano que era militante e que estava exilado lá conheceu alguém da polícia que vendia, ele era um corrupto. Os militantes, alguns compravam identidade de residente. Mas aí eu tinha um filho pequeno não é, tinha um ano, um ano e pouco, então era assim, era questão de você estar passando na rua. Na Argentina foi um horror, você sabe não é, e te matarem, te prenderem, e te matarem depois lá na churrasqueira, estourarem o teu corpo como eles fizeram. Eu morava em Hibernial, aquilo foi quando eles mataram um monte de militantes porque eles explodiram os corpos, os corpos ficaram pendurados assim nos fios dos postes, uma barbaridade e jogaram num cemitério, eu esqueci o nome meu Deus, eu tenho dificuldade de passar por Hibernial, a gente sentia o mau cheiro, então era assim, então eu voltei antes da Anistia. Então assim, eu não podia ainda aparecer, não trabalhar, nem estudar porque eu tinha ordem de prisão. E daí foi uma peregrinação pelo Brasil também porque eu não podia aparecer, porque a gente foi para Brasília, meu irmão morava lá, aí não tinha como arrumar emprego. Eu voltei clandestina, não pude estudar nem nada, até a Anistia eu estava clandestina, eu voltei em Agosto de 1976. Cheguei a ir no escritório dele [do pai], com a minha mãe. Meu pai quando eu cheguei, ele morreu um mês depois que eu cheguei, que eu voltei, ele estava com câncer e já estava mal, eu não fui ao enterro dele, eu não podia ir, eu não sabia se a polícia ia estar lá ou não. Eu ia visitar o meu pai no hospital à noite quando tivesse no ambiente só minha mãe ou minha prima ou o Matias assim, para ninguém me ver. Então assim, para minha casa eu não podia voltar então a gente ficou na casa de uma tia do Carlos [Carlos Russo Jr.] muito legal, eu gosto muito dela, Dona Ercília, fomos muito bem tratados, depois ficando na casa de um primo Fernando Loretto, que deu a notícia da morte do Alexandre para o meu pai, ele e a Neca, minha mãe e a Neca eram assim super amigas. E a Neca e o Fernando nos levaram para casa deles, e nos trataram mas muito, mas muito maravilhosamente bem, gente decente e muito legal, generosidade a toda prova. Daí eles descobriram uma casinha para a gente alugar, bem pobrezinha assim essa casinha na Vila Mariana, compraram fogão geladeira e minha família também deu alguma coisa, depois a gente pagou com o tempo. Ele arrumou o primeiro emprego do Carlos na indústria farmacêutica, depois a gente pagou tudo. Então assim, foram fundamentais para gente criar alguma raiz. Se você me perguntar hoje, aliás, faz tempo, se eu preferia ter sido presa ao exílio, aliás as pessoas que foram presas falam assim, vale mais ter sido presa e ter levado umas porradas, do que... o exílio ele corta muito tempo da sua vida, sobretudo viver num país que era ditadura, então não deu para estudar, era uma miséria só, franciscana, mas muito, muito pobre, e tinha que fugir, tinha que estar sempre alerta, então a adrenalina a mil. Eu preferia hoje, eu te falo, ter sido presa. Eu ia apanhar para cassete e sei lá, fazer uma terapia depois, e aí eu voltava a trabalhar, voltava a estudar, ia até a nóia da polícia que ficava toda hora enchendo o saco, mas eu não teria tido uma ruptura de seis anos na vida, que na verdade tem reflexos maiores do que seis anos. Então a coisa é assim, na sua vida profissional mexe, depois na sua vida econômica, financeira mexe. [Volto à universidade] só depois da Anistia que foi em 1979. Aí eu falei ah, eu não vou voltar para a História,

vai me dar uma angústia sideral, todo mundo já se formou, já morreu, já não está mais lá, aquilo imagina, eu morreria de depressão no dia seguinte. Aí eu falei vou fazer Direito, aí fiz Direito. Daí teve o movimento pela Anistia, todo mundo participava, daí abertura para os partidos políticos não é, e eu pessoalmente participei, eu participei da fundação do PT, a gente fez diretório aqui do bairro da Aclimação, fui em favela, cortiço⁶³⁸.

Se para algumas mulheres o retorno à sociedade significava recomeçar a vida do zero, para outras a volta ao Brasil representava deixar para trás uma vida organizada e promissora no exterior. Algumas exiladas também tiveram que recomeçar a vida no Brasil, embora mais amparadas pela obtenção de uma profissão no exterior, que as permitiu voltar numa situação melhor do que suas companheiras de prisão, que não possuíam diploma universitário ou não haviam concluído o segundo grau. O respaldo também era outro.

A gente, para começar a gente voltou discretamente, a gente não voltou, a gente não quis voltar nem com imprensa, nem com oba oba, nem com coisa nenhuma. A gente voltou assim, com família, com amigos, com pessoas que nós fomos ver, nossos amigos pessoais, a gente não quis, a gente não quis sair aí de herói revolucionário, nada dessas coisas, a gente passou longe do oba oba, porque a gente sabia que ia voltar e ia ser muito difícil, é muito difícil você voltar depois de dez anos, e a gente estava com a vida muito bem arrumada. O golpe pegou nossa vida arrumada no Chile, e quando a gente decidiu voltar nossa vida era muito arrumada na Suécia, nossos amigos achavam que nós éramos malucos de voltar, sabe, por que a gente ia voltar se a gente estava tão bem, se a gente estava tão adaptado? Eu estava estudando, eu estava fazendo doutorado, e a gente trabalhava nos verões, a gente estava com carreira de pesquisa, a gente ia acabar contratado pela faculdade, a gente estava no caminho de ficar lá, porque a gente era bom aluno, a gente era bem querido pelas pessoas, enfim, aquelas coisas. A tendência era ficar, mas a gente quis voltar. O pessoal daqui era muito diferente, a gente tinha vivido lá movimento ambientalista, movimento feminista, todo o plebiscito de energia nuclear, tinha vivido muitas experiências, eu tinha vivido uma experiência de estado de bem-estar avançadíssima, e progressista, a gente tinha vivido a coisa do Chile, a gente tinha vivido muita coisa⁶³⁹.

Para Ilda Gomes o momento era de partida. Não tinha mais nada para fazer no Brasil. Não conseguia trabalho, não tinha condições financeiras para educar os filhos, e sentia-se permanentemente perseguida nas ruas. Com ajuda de companheiros foi para Cuba.

Eu fui embora daqui, eu fui embora pelos meus filhos, para sustentar meus filhos, educar meus filhos, foi em 1972, 1972 ainda estava meio confuso aqui, aí fui embora, não tive mais contato com o Brasil de jeito nenhum. A hora que eu estive no Chile era pouco contato que eu tinha lá também porque a turma tudo clandestina no Chile. A turma tinha mania de clandestina, então eu não tinha muito contato, depois que eu fui para Cuba acabou, acabou o contato, tudo, tudo. Então aí alguns militantes que iam para Cuba, como foi a Lídia, o Celso, o Takao, o Celso Horta, então foi um monte. Eles mesmos já estavam desiludidos, eu fui vendo isso por eles, que eles ficaram desiludidos com a organização,

⁶³⁸ Entrevista de Lisete Lídia de Silvio, São Paulo, 29 de agosto de 2010.

⁶³⁹ Entrevista de Leda Gitahy, Campinas (SP), 8 de maio de 2010.

que a organização tinha agido errado, que tinha trabalhado mal que não era a época da... isso era coisa deles, era conversa, vinha almoçar batia papo, era conversa de compadre e comadre então era conversa assim em casa que ficavam falando, mas nunca, em Cuba, eu nunca participei de nada, participa sim, da luta de Cuba, da luta cubana, eu participava, mas esse negócio de brasileiro... então eu estava esperando eu ir embora para poder pôr eles na escola, para poder educar eles e aí justamente quando eu saí, fiquei três anos fora da cadeia, aí tanto a Rose como o Cluset e tudo, eles perguntaram se eu queria ainda sair do Brasil, eu aqui, eles não me davam emprego, eu ia num lugar começava a trabalhar, no outro dia me mandavam embora. Minha prisão foi uma prisão tão fajuta, eu sempre falei isso, que a dos meninos eu tive coisas deles não é, por causa do Juizado eu tive papéis deles, no Juizado, quando o advogado tira eles, quando faz tudo aquilo. Eu que fiquei nove meses presa lá dentro, não tenho nada. Eu não passei pela cadeia, para mim eu não tinha passado pela cadeia, eu saí com nove meses, eles chegaram, está liberada, vai embora. Saí com o documento legal, que eu saí. Aí a Rose [Rose Nogueira] perguntou se eu queria sair aí eu falei que queria, porque aqui eu não arrumava emprego. Eles me levaram até a rodoviária, da rodoviária eu peguei um ônibus, fui para Foz do Iguaçu, de Foz do Iguaçu eu fui para o Paraguai, no Paraguai eu peguei um barco. Eu fiquei uns dias lá no Paraguai, porque me desorientei lá, era para ficar um dia e eu fiquei uns três dias no Paraguai. E o meu dinheiro estava acabando já, eu falei eu tenho que ir embora daqui [...]. Aí fiquei sozinha, aí eu me virei lá, peguei um barco, do barco eu fui para a Argentina, para Mendoza, do Paraguai eu fui para Mendoza e aí nesse trajeto que atravessa de barco, foi que eu tive medo, porque pegaram meus documentos, levaram e não vinham, o barco já estava para sair e eles não vinham com meu documento e olhavam para mim, olhavam para as crianças, conversavam. Eu falei eita, daqui que eu volto para casa, para a cadeia, eu falei, agora daqui eu não saio. Aí depois me deram os documentos, voltaram, você está liberada, vai embora. Passei pelo Chile, fiquei um ano no Chile até arrumar um documento, aí lá tinha a chamada caixinha solidária, é, fizeram, organizaram essa caixinha então todo mundo dava um pouquinho assim, então essa caixinha ajudava quem não podia. Quando teve o golpe no Chile eu tinha saído. E aí eu não fui clandestina, eu não quis ficar clandestina não é, eu vivia lá como uma cubana, mas eu tinha meus documentos de estrangeira. [Fiquei] 18 anos em Cuba. Eu voltei agora em 1992. Com a Anistia eu fiquei lá, meus filhos estavam estudando, eu não quis interromper os estudos deles. Me chamaram de *desbundada*, de... foi a melhor época que eu vivi, apesar de eu estar longe da minha família e de ter saudade, muito tempo sem ter notícia deles. Eu fiquei muito tempo sem ter notícia do Brasil, e tinha o medo também, mas eles sabiam que eu estava em Cuba, quer dizer, eles sabiam e não sabiam, porque eu mandei uma foto do aniversário dos meninos, que os refrigerantes lá não tem rótulo, uma garrafinha que nem cerveja aqui, dessa pequenininha assim, ficavam as bebidas todas na mesa e aí minha cunhada falava, a Ilda está aqui no Brasil, olha a cerveja, a garrafinha de guaraná, ela mandou tirar todos os rótulos das bebidas para a gente não saber onde ela está, minhas irmãs, mas para elas eu estava aqui. Aí depois quando eu tive contato com elas e tudo já podia, antes de ter contato já podia telefonar, antes de ter contato não, antes da anistia, já está liberado o telefonema, então eu ainda podia telefonar. Aí eu conversava por telefone, aí elas ficaram sabendo que eu estava lá. Em 1986 eu vim passear aqui, depois voltei e aí fiquei mais um tempo lá e vim embora, 1991 ou 1992. Trabalhei [em Cuba], eu fazia costura não é, costurava uniforme para as escolas, trabalhava num ateliê de costura e os meus filhos estudaram, se formaram, fizeram tudo lá. Cuba para mim foi a segunda pátria viu? Ah, qualquer Ato que tinha lá eu ia, no 1º de maio que tinha aquele tremendo ato eu ia, naquele negócio que teve em 1982 da invasão da embaixada eu participei de tudo aquilo, apoiando Cuba⁶⁴⁰.

⁶⁴⁰ Entrevista de Ilda Gomes da Silva, São Paulo, 27 de agosto de 2010.

Eliete Ferrer levou um ano e meio para se readaptar ao Brasil quando chegou em 1979. Só pensava na Suécia, quando anos antes tinha verdadeira fixação pelo Brasil.

Eu tinha fixação de voltar para o Brasil, eu não conseguia voltar ao Brasil, eu não tinha passaporte, eu fiquei doidinha, eu queria me suicidar, passei por um período muito difícil lá na Suécia, muito difícil. Deprimida, tomava remédio para dormir e não conseguia dormir, passei uma fase muito dura na Europa, assim que cheguei. Porque eu não tive tempo de elaborar nada, ficava aquela coisa, perigo de morte, perigo de morte, perigo de morte, desde que o Luiz Carlos foi preso, que eu, podiam me prender também não é, desde que ele foi preso e até a chegada na Suécia. Porque passamos por Argentina e Chile, aquele turbilhão de espaços, sons, cheiros, pessoas, pessoas novas, aquilo cada dia era uma novidade negativa, porque é golpe não é, morreu, foi preso, então você não pode respirar, respirar profundamente que vem uma bala e te come, então você naquele turbilhão. Só quando eu cheguei na Suécia que realmente eu fui parar para pensar e aí muito deprimida, eu fiquei muito deprimida, muito mal. No Chile eu vomitava todo dia, todos os dias eu vomitava de noite, mas muito alegre não é, as pessoas não sabiam como que eu estava porque também eu não me entrego, eu não me entrego, eu passo mal, mas acabei de vomitar, vou lá brincar e cantar não é? Vim em seguida, vim em seguida [da aprovação da Lei de Anistia], não aguentava. Em janeiro eu comecei a arrumar a mala, em janeiro de 1979. Comprei uma caixa enorme, que é um baú que eu tenho até hoje enorme, um outro baú que está ali escondido, comprei um monte de caixa e eu fui arrumando as minhas coisas aos poucos. Eu levei meses arrumando as minhas malas e coisas. Mandeí por navio muita coisa, porque a gente teve direito lá na Suécia, a Suécia pagou a minha passagem de ida e volta sabe? Eles, os suecos, olha, realmente... Na volta vim de avião, minha família foi me buscar no aeroporto, foi tudo normal. Eu trouxe dinheiro, que eu juntei dinheiro, eu juntei dinheiro que era pouquinho mas que era um dinheiro que eu pude juntar. Eu quando voltei pela Lei de Anistia, eu voltei a trabalhar no Estado e fui trabalhar na Escola Normal Heitor Lira, fui ser professora de didática, embora eu não tenha feito o curso de Pedagogia eu estudei muitas matérias de didática e sei bastante pedagogia. Eu sei que lá na Heitor Lira eu nunca tive perseguição não assim política, mas no Amaro Cavalcanti eu tive, eu saí do Amaro porque eu não queria peitar ninguém, eu não gosto disso. Apareceu uma coisa muito grande eu vou me embora, eu fui trabalhar na Secretaria de Transporte, porque o Brizola já era governador e eu conhecia um monte de gente, então me requisitaram. Fui lá para o Departamento de Educação da Secretaria de Transporte e assim por diante quer dizer, houve isso sim perseguição [...] ⁶⁴¹

A volta ao Brasil, embora cercada de precauções, foi positiva para Eliane Zamikowski, pois foi muito ajudada por amigos que lhe conseguiram trabalho. Não sentiu nenhum tipo de rejeição porque frequentava só seus amigos. Logo se ligou ao PMDB. No terceiro dia em que chegou ao Brasil, já estava trabalhando na Medicina Preventiva da USP, depois permaneceu um tempo na Fábrica MWM e depois na Secretaria da Criança e do Adolescente com Vera Tude.

Precisa lembrar que quando eu voltei, embora eu tivesse Anistia ainda era o Figueiredo até 1985, a gente ainda tinha um regime militar, não é, então eu lembro de uma vez que eu estava com um amigo meu na rua, o Afonso Delelis, ele tinha sido o presidente do

⁶⁴¹ Entrevista de Eliete Ferrer, Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010.

Sindicato dos Metalúrgicos na época do Jango e ele estava comigo e aí ele falou assim, entra aí na farmácia, e aí eu entrei assim na farmácia com ele, e fiquei fingindo que eu estava comprando alguma coisa e eu olhei para trás e ele tinha sumido, a polícia tinha levado ele, eu nem percebi, a polícia chegou e levou ele. E ele mandou que eu entrasse na farmácia para eu não ser presa também porque eu estava junto com ele, eu entrei e ele ficou na calçada e a polícia passou e levou. [Isso] porque no dia seguinte o Figueiredo viria a São Paulo, faria uma visita a São Paulo e eles estavam prendendo várias pessoas que eles tinham medo que fizessem alguma manifestação contra o Figueiredo, então era uma situação assim. Não se falava muito ainda, ainda hoje não se fala muito, eu não falo muito. E naquela época muito menos. Mas assim, quando eu cheguei aqui, você vê, eu fui muito protegida, porque eu cheguei aqui em São Paulo numa sexta-feira e na segunda-feira eu estava trabalhando na Medicina Preventiva da USP, fazendo uma pesquisa sobre doença de chagas. Eu consegui esse trabalho porque eu tinha uma amiga que era até mulher do Delésio, ainda tenho essa amiga, chama Marcília, a Marcília era diretora da Medicina Preventiva da USP então eu cheguei na sexta, ela me ligou no domingo se eu queria trabalhar com ela, e eu fui trabalhar. Então eu fiquei trabalhando dois anos com ela na Medicina. Então fui muito protegida porque eu só frequentava os meus amigos e várias pessoas sabiam quem eu era mas ninguém falava nada, porque eu trabalhava junto com a Marcília. Quase todos os meus amigos daquela época eram do PMDB, Almino Afonso, o próprio José Serra, que agora assim... mas naquela época era uma pessoa respeitada e tudo, Fernando Henrique, eram todos militantes do PMDB e eu tinha muitos amigos no PMDB e também militava no PMDB. Fui filiada ao PMDB, fazia muitas coisas no PMDB, trabalhos de base. Fazer embrulho, essas coisas que eu fazia não é? Depois eu fui trabalhar numa fábrica lá em Interlagos, depois desses dois anos na Medicina Preventiva, eu fui trabalhar numa fábrica MWM porque não sei se você conheceu a Idamari, a Idamari foi vereadora até pelo PMDB, ela era casada naquela época como o Steman, o Steman a gente soube que morreu esse ano até, e ele era diretor da MWM e eu fui trabalhar lá, então você vê eu estava protegida assim não é. Também não tinha ninguém que investigasse a minha vida, eu trabalhei lá oito anos, eu trabalhava, acordava às cinco da manhã e ia para lá, trabalhava até às cinco da tarde, ia para o Diretório do PMDB e ficava até meia noite, não sei como eu aguentava, isso era o que eu fazia naquela época durante muitos anos. Então eu nunca tive esse problema assim [obtenção de emprego]⁶⁴².

Diva Burnier desde o dia em que foi presa não voltou mais a ASPLAN. Foi fazer pesquisa de rua. Saiu da prisão e ainda ficou por mais quatro anos tendo que assinar na Auditoria. Como ela afirma, “isso influenciou muito na minha vida profissional. Você imagina toda vez que eu tinha que viajar, eu viajava muito pra fora tinha de pedir autorização. Daí chegava no aeroporto, sempre tinha a confissão. Diva além de realizar outros tipos de trabalho, participou do Jornal *Brasil Mulher* e da campanha dos autênticos do PMDB”⁶⁴³.

Conseguir voltar a dar aulas esse foi o desafio enfrentado por Arlete Diogo, professora de História da rede pública. Apesar de ter conseguido um documento do próprio Brillante Ulstra, comandante do DOI-CODI de São Paulo, contradizendo a alegação de abandono de cargo, Arlete só conseguia pegar sobras de aulas, sem possibilidade de efetivação nas escolas, consequência da perseguição aos militantes naqueles anos. Foi ajudada inesperadamente por

⁶⁴² Entrevista de Eliane Toscano Zamikowski, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

⁶⁴³ Entrevista de Diva Burnier, São Paulo, 29 de julho de 2010.

um diretor de escola, ex-militar reformado da Aeronáutica que tinha conhecido como professor de Matemática no colégio da Vila Zelina. A perseguição continuou a ser realizada através de uma lista de proscritos dos cargos públicos por decisão de Sílvio Frota.

Quando fui solta, eu dava aula na escola, eu fui, eu quis voltar a dar aula, eu fui lá me apresentar para o diretor. Aí o diretor diz que não, que eu não podia dar aula, que eu abandonei o cargo, aí eu fui imagina, olha, o Adriano preso ainda, eu fui solta antes que o Adriano, eu fui no DOI-CODI e eu consegui uma coisa inédita, que eu não sei, eu cheguei lá e falei para Brilhante Ulstra, que não queriam mais me deixar dar aula porque diz que era abandono de cargo, eu queria um atestado, dizendo que eu, que eu estava lá detida e que por isso, e eu perdi minhas aulas, e ele deu! Eu achei, não dei valor nenhum para isso, mostrei lá para o diretor, retomei as aulas e no outro ano ele arrumou uma forma muito prática [de me afastar das aulas]. A efetiva de História, professora efetiva de História, ele obrigou que ela pegasse todas as aulas e eu fiquei sem, não é? Eu não tinha como questionar isso, passaram-se anos e anos, e a gente do Estado – eu fui professora do Estado de História, me aposentei como professora do Estado – tinha um negócio que chamava licença prêmio, depois de não sei quantos anos que você trabalhava, você tinha direito a três meses, ou você tirava para gozar a licença não é, ou você tirava em dinheiro. Quando o Adriano foi candidato pela primeira vez em 1998, eu tirei essa licença prêmio porque eu que coordenei todas as campanhas do Adriano, até a gente se separar... Eu falei ah vou usar a minha licença prêmio para poder coordenar a campanha, aí não pude tirar porque tinha abandono de cargo, aí eu me lembrei, falei para o Idibal Pivetta, que era o nosso advogado, ah eu tenho um documento. Ah, imagina que você tem uma coisa dessas, não é possível. Eu falei é claro que eu tenho, quando eu levei para ele, você está louca, isso aqui é histórico, isso aqui... enfim, eu consegui, o Idibal entrou com processo para essa licença prêmio e é um documento meio que inédito, que louco não é? Nossa, eu não sei que coisa, isso direto do DOI-CODI, porque como eu ia, enquanto o Adriano estava no DOI-CODI, eu ia para levar as coisas para ele, roupa, comida e, um dia que eu já estava lá eu pensei, eu vou falar com ele hoje, e o inédito é que me levaram para falar com o homem não é? Mas eu acho que eu estava tão doida na época não é, a situação era tão difícil, eu tinha que trabalhar, o Adriano estava preso, eu tinha que voltar a trabalhar, não tinha muita solução não é? Os pais, quer dizer, ajudavam mas a gente queria ter a autonomia da gente, e acho que pedi de desespero mesmo. Também eu não tinha nada a perder mais, já tinha sido presa, o Adriano estava preso, eu tinha, eu assinava, porque tinha dois locais para a gente assinar, que era na Auditoria Militar e no DOPS. O Adriano assinava na Auditoria Militar e eu assinava no DOPS, ia toda semana. Para assinar, que era um horror porque a gente passava por vários corredores e eles gritando, xingando de *terrorista*, de... era um terror. Era assustador. Até o julgamento, que nós fomos todos absolvidos, mas até o julgamento a gente teve que... e aí se você fosse sair do país, não podia não é? Eu tive dificuldade porque eu não conseguia pegar aula, como eram atribuídas e eu não era efetiva ainda... então tinha que ter sobra de aulas. Lá na escola que eu trabalhava o que que ele fez, ele botou a efetiva de história para pegar todas as aulas e eu fiquei sem. Em algumas escolas que eu fui, eu não conseguia, nunca explicitamente alguém falou olha, eu não vou te dar aula porque você é *terrorista*, mas tive dificuldade, até que eu fui ajudada por um... não sei qual era a patente dele, mas era da Aeronáutica, que era professor de Matemática e trabalhou comigo na Vila Zelina, e que era reacionário, a gente pelo menos achava, era reacionário, a gente tinha um bom relacionamento com ele mas ele era um militar, um *milico* como a gente dizia, e a gente ficava até meio assim com ele porque sabia que ele era militar, mas ele veio para São Paulo do interior, e quando ele chegou aqui em São Paulo, ele não conhecia ninguém, e ele foi numa escola que a mãe do Adriano era secretária e ela arrumou aula para ele, e ele ficou eternamente agradecido à mãe do Adriano. Ele falou, olha Arlete eu vou te dar aula,

vem trabalhar aqui comigo. E eu fui, foi assim que eu consegui aula, mas não foi fácil, e depois teve aquela [...] o Silvio Frota teve uma época que ele fez uma denúncia e todos os *terroristas, comunistas* que estavam infiltrados, segundo ele, estou falando, usando o linguajar dele, estavam infiltrados nos órgãos públicos. Ele fez uma lista com todo mundo que estava infiltrado em algum órgão, era um doido aquele, aquele era um desvairado, perigoso mas desvairado, e quando saiu essa lista, um belo dia eu estava dando aula, e veio esse diretor e falou olha Arlete, eu não quero te assustar, mas tem uma comissão aí, e são quatro pessoas, são duas do Exército, não me lembro o que que era, mas acho que era o Exército mesmo, elas querem conversar com você, então eu disse a eles que eu viria te chamar, eu iria te chamar mas só permitiria, se eu ficasse junto, senão não ia permitir que eles conversassem com você, ai você imagina o susto não é? Quando eu entrei na sala, dois homens e duas mulheres, que não se identificaram, falaram que era uma Comissão de averiguação, estavam averiguando os funcionários comunistas que existiam, que estavam infiltrados, a linguagem, nos órgãos públicos, eu não lembro se eu respondi 1976, acho, 1976, daí ele me disse, quando eu entrei, eu nunca vou me esquecer, um grandão me falou assim, mas é essa? Como quem diz, que eu era magrinha assim, mirradinha não é, como que isso pode ser terrorista? A aí depois perguntaram um monte de coisa, como é que eu tinha, como é que eu estava lá, quando eu tinha saído da prisão, como é que eu consegui voltar a dar aula, aí eu disse que eu me inscrevi nas Delegacias de Ensino, era perto da minha casa, o que era verdade e por isso que eu estava dando aula lá. Do mesmo jeito que chegaram foram embora e ficou por isso mesmo, é uma coisa muito esdrúxula também, [...] mas foi assim uma forma de, foi o único constrangimento mais contundente que eu tive e eu tinha muito medo, eu achava que quando ia prestar concurso eles iam dar algum jeito de impedir que a gente assumisse, Fiquei, [nessa escola] até me efetivar e quando efetivei eu fiz questão de me efetivar na escola que eu tinha dado aula lá na Vila Zelina, que tinham me tirado as aulas. Para mim foi uma questão de honra, primeiro porque eu conhecia muita gente, tinha dado aula lá, tinha um trabalho muito grande lá, não é, era conhecido, por alguns, eu era rechaçada e por outros eu era bem vista, bem querida. Então eu fiz questão, me efetivei e voltei para lá. Fui dar aula lá já como efetiva. Eu fiquei um tempo e depois fui removida para uma escola só de segundo grau, e fiquei lá quinze anos até me aposentar, eu nunca quis sair da sala de aula, essa foi a profissão que eu escolhi, porque eu quis, me sinto extremamente realizada, se eu tivesse que começar de novo, faria de novo, com todos os percalços financeiros e tudo mais⁶⁴⁴.

Arlete continuou a militar depois de solta. Fez parte da Pastoral da Habitação na Mooca e ajudou a fundar o PT. Ficou muitos anos nessa atividade, até o momento em que se desencantou com o partido.

Tive uma militância partidária muito ativa, estou fora do PT fazem cinco anos, fui me desencantando, fui... não era aquilo, eu estou falando por mim, não era aquele PT que eu fundei e a questão partidária hoje eu vejo com muita preocupação enfim e até posso desencantar com um monte de coisa que eu vi no PT, então eu resolvi... não era mais aquilo que eu queria, não tinha porque continuar militando num negócio assim. E eu acho que chegou um momento da minha vida também que eu não queria mais isso. Não ter vida própria nenhuma, deixar que a tua, uma coisa é a militância partidária, outra coisa é a vida parlamentar não é, a política em si, é uma coisa muito, é terrível mesmo, porque é uma disputa é um... enfim, você precisa ter uma abnegação, e eu tive durante muito tempo, mas chegou um momento que eu comecei a me questionar, eu queria ver outras coisas, eu queria ter outras, viver não é? Eu não vi minha filha crescer, porque eu militava

⁶⁴⁴ Entrevista de Arlete Lopes Diogo, São Paulo, 12 de junho de 2010.

no PT, eu militei muitos anos no Sindicato, na APEOESP, era Conselheira, depois fiz chapa CUT, era representante da CUT, então no dia das mães eu ia para a CUT então minha filha foi crescendo, começou um momento que eu comecei a questionar que com os meus netos seria diferente. Eu quero que seja diferente, eu cuido deles todo dia. Estou extremamente realizada, eu aposentei, eu trabalhei muito tempo depois ainda, militei muito tempo e hoje eu faço aquilo que me dá prazer, eu estou estudando literatura [...]⁶⁴⁵

Ana Maria Ramos Estevão foi fazer um curso de Madureza junto do pessoal do *Equipe* até que o MEC reconhecesse seu curso do Instituto Metodista. Só aí então, pôde voltar e retirar seu diploma. Saiu da prisão em março de 1971. Dois anos depois se casou e foi para a França. Já tinha sido presa três vezes até então. Passou o ano de 1974 em Paris, acompanhou as discussões do *Grupo Debate* e, voltando ao Brasil, continuou atuando em movimentos sociais como clube de mães e movimento sindical de Osasco. Nunca teve dificuldade de conseguir emprego. Como ela disse,

Fui presa em julho de 1970 e saí em março de 1971. Eu lembro que quando eu saí em março de 1971, teve eleição depois no fim, novembro de 1971, eu sei que eu votei no Marighella, (risos)... Até hoje eu lembro muito bem do meu primeiro voto foi para o Marighella. O meu casamento foi em... eu casei 16 de dezembro de 1973 no civil e 26 de janeiro de 1974 na Igreja, casei mais cedo porque eu tirei o passaporte já com o nome de casada e da Igreja eu já fui para o aeroporto e fui para a França. Fiquei um ano lá. E a minha preocupação é porque eu já tinha sido presa três vezes não é? Então eu conheci o Zé Carlos [José Carlos Estevão], quando eu saí do Presídio. A primeira vez, eu fui num encontro de ex-alunos de Teologia em Campinas. Então a gente acabou se conhecendo, ficamos amigos não é, mas não ficamos namorados não. E uns dois anos depois é que a gente começou a namorar em 1972. O CEDI [Centro Ecumênico de Documentação e Informação] ofereceu para o Zé Carlos uma bolsa para ele fazer um curso num centro ligado ao Paulo Freire na França. E aí o Zé Carlos falou eu não vou e não vou deixar a Ana aí, a gente namorava ainda, deixar ela aí nessa situação, porque aí eu só vou se ela for. Aí o Jeter [Jeter Ramalho⁶⁴⁶] falou, nossa, mas porque não, a Ana, e aí ele deu a bolsa para mim. Mas a minha família... a bolsa eu tinha que pagar a passagem, e a minha família não tinha grana, aí o pai do Zé Carlos falou que ele pagaria a minha passagem se eu casasse, então, (risos) nós casamos no Civil, na Igreja e ganhamos a passagem e ele ajudava a gente lá, porque a bolsa era pequenininha, e aí ficamos esse um ano lá, fazendo contato com... realmente foi um ano muito proveitoso também, mas foi um ano que eu não falei, eu praticamente... eu participava dos debates, eu participava de tudo não é, mas eu não me manifestava. Eu fiquei com medo, foi um ano que eu fiquei com muito... assim, de repente. Você... medo assim, eu me guardei não é? Mas o *Grupo Debate* era uma coisa muito intelectualizada. Era muito da revista, era... tentou virar uma organização chamada *União Comunista* mas não foi adiante. Aí, quando a gente voltou no final de 1974 a gente foi direto para Osasco e aí o fato de estar dentro da Igreja, teve o Reverendo Jaime Wright me pegou, meio que me pegou para proteger e a Igreja Presbiteriana. Então aí eu me senti mais segura e aí, mas mesmo assim era uma militante clandestina não é? Em público a gente era do MDB, lá de Osasco. Eu fiz a Faculdade em oito anos, eu comecei em 1969 e terminei em 1976, quase oito anos. Zé Carlos ficou com a Igreja Presbiteriana e eu fui lá montar um clube de mães, na Igreja Presbiteriana, então

⁶⁴⁵ Entrevista de Arlete Lopes Diogo, São Paulo, 12 de junho de 2010.

⁶⁴⁶ Membro do Conselho Mundial de Igrejas.

eu trabalhei muito tempo com clube, com o pessoal da Ação Católica Operária, o padre Barbel, oposição sindical, isso ficou de 1974, de 1975 até 1979, 1980. Eu tenho fotos do Lula nas Assembleias em 1978 em Osasco, ainda bem mocoronguinho. Eu fui fazer umas assessorias na Ação Pró-Gente de Brasília, de Ceilândia, esse tipo de militância. Militei na categoria como Assistente Social, ajudei a montar a Associação Profissional das Assistentes Sociais de São Paulo, militei no *Nós Mulheres*, jornal das mulheres, eu fui da editoria do *Nós Mulheres*, eu fui editora do *Amanhã*, do Conselho Editorial do Jornal *Amanhã*, aí depois é que a gente acabou indo para o PCB não é? Depois eu já em oitenta quando voltou todo mundo, eu saí, e aí quando teve a rearticulação partidária, eu participei de várias reuniões, tudo, mas na época eu achei o PT um partido atrasado assim entre nós, nunca aderi ao partido. Mas o fato de eu ser militante, e de eu estar ligada à Igreja de alguma forma, sempre me, eu sempre tive emprego, eu nunca deixei de trabalhar por perseguição política, muito pelo contrário, as pessoas sempre me abriam vários canais de trabalho, de tudo, eu nunca fiquei desempregada a minha vida inteira. Saí da prisão, uma semana depois já [estava trabalhando]⁶⁴⁷.

Albertina depois de sua segunda prisão foi morar com a sogra. Esvaziou o apartamento já invadido pela polícia e foi à procura de emprego e de terminar seu curso universitário.

Quando eu voltei, aí quando eu voltei, na escola, o diretor foi um horror, ele não quis nem me receber, disse que eu estava demitida e que eu não poderia ir mais para lá, e eu estava num estado amedrontada de ficar saindo sozinha, porque assim eu dei um tempo, porque eu não saía sozinha. Aí a minha, a mãe do Fernando falou, não, você vem morar aqui comigo não é, dá um ar mais familiar do que ficar sozinha, porque também minha família não era daqui. Aí eu fui morar com ela um tempo. Aí eu e a minha sogra é que fomos lá quando eles liberaram o apartamento, fomos lá, desmontei mais um amigo do Fernando, da Medicina, nós fomos lá, desmontamos o apartamento, demos tudo, guardamos. Tinha alguns livros, muito disco não é, nós chegamos até a levar algumas coisas, dei para o meu irmão, já tinha dado para o meu irmão. Ele tem até hoje um disquinho, não era CD, era disco mesmo. Mas eles já tinham feito uma limpeza no apartamento antes deles chegarem lá, tinha poucos livros. Fui terminar em Mogi das Cruzes [curso universitário] porque eu não queria mais fazer Matemática, eu já estava numa outra situação, que era aquilo, ficar estudando seno, cosseno, integral, derivada, não cabia mais na minha cabeça, não fazia mais sentido, e a PUC era muito rígida e muito horrível assim, a cabeça dos professores, era muito reacionária, era o Furquim que era da TFP, era outro que fazia rezar quando entrava na aula, sabe? Era um horror aquela cabeça dos professores, foi aos poucos melhorando, mas naquele tempo era horrível, então eu não quis voltar. Ao mesmo tempo, já se começava a se exigir mais para trabalhar, não era só ser aluna, você também tinha que ter o diploma, aí nós conversamos, eu não aguento mais fazer Matemática, eu quero fazer outra coisa, daí o Fernando falou olha, porque você não pega uma faculdadezinha aí de bairro, só para você terminar o seu curso, ficar com o documento de faculdade, para você poder trabalhar e aí falta só mais um ano, aí você pode fazer o que você quiser. E aí eu gostei da ideia, e tinha umas amigas aí que iam para Mogi das Cruzes, aí eu fui lá, conversei, era realmente mais um ano, só que o que eu aprendi lá no quarto ano, eu já tinha aprendido no segundo, no primeiro ano na PUC, não passou do segundo (risos) da PUC entendeu? Muito fraco, muito, muito fraco, muito, muito, mas eu queria isso mesmo, que queria ter um diploma para eu poder trabalhar e ver o que eu ia fazer, só que quando eu acabei de cursar, eu engravidei entendeu? Aí eu falei, então eu não vou fazer mais nada, vou fazer um Mestrado em Educação, pelo menos me dá uma visão melhor. Aí comecei a ir para Rio Claro lá na

⁶⁴⁷ Entrevista de Ana Maria Ramos Estevão, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010.

UNESP, com o Jiménez, que era um cara genial da Geometria. Mas ainda assim ainda estava insatisfeita. Aí eu comecei a fazer cursos pontuais, eu fui lá na COJAR da PUC, fiz um curso de Filosofia um ano, e esses cursos montados por um ano para você ter uma base razoável de filosofia, que eu sentia muita falta, aí eu ia fazer História, aí a vida foi me levando de um jeito, que eu não consegui mais voltar a estudar, nasceu mais uma filha e aí brigar pela sobrevivência, não foi fácil... Fernando não tinha também diploma, ele entrou no 477 não podia voltar. Quando eu saí da segunda prisão, eu não queria parar, eu falei, ah, mas eu vou. E fui. Tinha um amigo nosso que fazia parte do partidão e eu falei com ele, e ele ah, então vamos embora, vamos comigo. Então eu comecei a ir em várias reuniões do partidão. É por isso que no meu *Habeas Data* [...] tem que eu fazia parte do partidão. Mas foi posterior à segunda prisão e só eu que fui, o Fernando não. Aí depois com o nascimento do Zé e da Jô, foi em 1975, 1976, eu estava com os dois pequenininhos, os dois usando fralda, os dois... uma loucura e mais dando aula, daí eu me afastei bastante. Além do mais eu não estava muito, assim, chamava muito atenção e tudo, aí eu afastei por isso sabe? Para poder dar uma sustentação ali em casa, porque a coisa estava meio difícil. As crianças muito pequenininhas, quer dizer, quando começou a me dar fôlego, era 1980, 1986, mas mesmo assim, a gente ia, se encontrava muito, tentei fazer algumas coisas junto com o Callegari, que era a pessoa que... o Rezende que era a pessoa que trabalhava, era o sub do Callegari, era padre também, o Rezende ele fazia um trabalho lá, eu fui até várias vezes falar com ele que eu tinha vontade de me envolver mais, mas sempre marcava alguma coisa, ou era um filho que estava com febre, ou era uma coisa que acontecia, ou era a escola, eu não consegui sabe, desenvolver isso, mas era um trabalho de conscientização que eu comecei a frequentar junto com a igreja dele, que era aqui na Avenida Cupecê. E eu na verdade quando... eu passei muito anos depois de tudo isso, dessa coisa mesmo, de cuidar um pouco da cabeça do Fernando. Ficou difícil, além da tortura ter sido muito violenta para ele, ainda essa questão não é, é aquilo que você falou, abre um apoio para não abrir o... porque o cara acredita que você não tem nada, nada, nada, e... tem que ser um meio termo, não pode entrar em contradição. Então por exemplo, poucas pessoas nas quais ele falou, eram apoios, é verdade, mas ele sofreu muito por isso, não é? Muda a vida das pessoas [...] Isso aí, ele sofreu muito, então o pós foi muito de consertar as coisas, cabeça, filho, sobrevivência, foi difícil, muito difícil. Muito difícil administrar isso, era muito difícil, o Fernando desempregado, sem diploma, sem poder estudar, dez anos de muita dificuldade. Nós não entramos para o PT, todo mundo entrou, nós não entramos. No começo porque estava cuidando um pouco da cabeça, e depois porque eu não quero mais, eu quero ser o resto da minha vida independente. Eu vou ser independente, eu vou criticar quem eu quiser criticar. [Fiz] pedagogia, é, eu fui professora, e meus alunos também foram muito ricos, eu, apesar de eu trabalhar com Matemática, eu trabalhava com muitas coisas, envolvia não é? Vinte e oito anos como professora. E depois dando aula, e depois diretora eu fui uns sete anos diretora de escola, aí me aposentei. Mas o meu trabalho, também era importante, o tempo em que fui diretora oito anos de efetiva, em todas as escolas que eu passava eu criava um diretório acadêmico, conselho de escola, a minha atuação era muito forte assim, eu atuava no movimento dos professores junto aqui à APEOESP, a gente participava, ia nas escolas, nossa senhora, eu não parei também, hiperatividade mesmo não é? Assim, não tinha atividade assim, partidária, mas tinha atividade de conscientização muito grande, muito grande, tanto eu quanto ele [Fernando é Professor Universitário]. Acho que nós demos nossa contribuição⁶⁴⁸.

Yara Gouvêa morou muitos anos na Argélia. Casou-se com um argelino, teve filhos. Retomou seus estudos em Genebra. Sua primeira dificuldade a enfrentar foi o decreto 477 pelo qual fora punida na Universidade e proibida de continuá-la.

⁶⁴⁸ Entrevista de Albertina Pedrassoli Salles, São Paulo, 2 de setembro de 2010.

Sônia Maria Ferreira Lima preferiu continuar na Suécia, país em que foi acolhida como exilada. Refez sua vida, tornou-se professora e teve dois filhos. Participou amplamente da criação e difusão do Comitê de Anistia sueco.

A volta ao emprego para algumas militantes teve que se compatibilizar com as idas à auditoria. Foi isso que fez Maria Aparecida Costa, ao ganhar a liberdade. Voltou à faculdade, casou-se, teve filhos e afastou-se da política. Ela explica, contudo, suas razões para isso. Nos documentos da polícia a volta ao trabalho era considerada, como já dissemos, algo positivo pela repressão, sinal de “regeneração” do militante. Na *Juntada* anexada ao processo pelo advogado, Cida Costa trabalhava no departamento jurídico da empresa *Transdrogas*. O despacho é enviado no dia 4 de outubro de 1974 com o seguinte adendo, “está a requerente exercendo emprego lícito e certo”. Como ela afirmou,

Tinha que assinar, tinha que assinar na Auditoria. Quando eu saí, em 1973, muita coisa vinha acontecendo em termos de luta, eu acho que a luta estava num descenso bastante acentuado. E assim duas coisas, ou eu saía do país, ou eu ficava aqui. Era mais ou menos essas que, era essa a opção. Aí eu conversei com umas pessoas, eu particularmente sei que não havia muito sentido em sair, àquelas alturas, porque eu não via mais, chegou aquela coisa de sair e etc., mas eu não via continuidade, eu saía para me engajar, na verdade em quê, em quê? A ALN, a ALN a essas alturas não... de alguma forma ela estava, se sobrevivia era muito pouco, então... e eu optei por ficar não é, acabei ficando, e pesou algumas coisas também da minha família, do meu pai, do tempo Enfim, mas eu acho que principalmente o que pesou foi isso, de eu sentir que eu ia sair, para onde, e para fazer o quê na verdade não é? Não seria mais uma militância como tinha sido no primeiro, eu nem sabia para onde eu estava indo para quê, por que e acabei ficando. E aí, bom, ir procurar emprego, tinha que ter um emprego que encaixa com a Auditoria. E aí foi interessante o curso que eu fiz de Faculdade, muitos me ajudaram. Trabalhei, não sabia nada, mas eu trabalhei, eu fui levada para a minha área e fui para uma empresa, foi até um amigo meu que me levou para lá, que me ofereceu e aí eu fui trabalhar nem sabia, descobri que meu chefe era de extrema direita e me acolheu muitíssimo bem. O que acontece? E foi isso, eu me afastei muito desse tipo de militância mais eletiva, quer dizer, participei de movimentos outros, mas muito mais como expectadora do que ter me vinculado a algum tipo de coisa, participei sim, fiz campanha da Ordem [Ordem dos Advogados do Brasil], atuação enfim depois, orientando a Procuradoria, mas assim, movimentos mais sociais, mais políticos eu me afastei. Me afastei mas isso foi objeto de eu também pensar. Por que que eu não retomei mais uma série de coisas? E acho que é meio o que a gente conversou, a questão do processo de queda é uma questão muito complicada, para mim me marcou muito e eu acho assim, não fui das piores, tenho clareza disso, hoje eu tenho clareza disso, eu digo não, não foi bem isso, houve erros de avaliação, uma série de coisas, mas esse processo foi muito complicado, muito doloroso, eu achei que eu não tinha mais condições de militância, que eu não tinha mais condições. Enfim se você falha como militante por mais que você é narcísico, você perde o seu próprio valor, você perde sua condição de fazer as coisas, eu acho que muitos conseguem se recuperar disso de uma maneira mais rápida talvez, mais objetiva, eu me arrastei nisso ao longo do tempo, fiquei pensando, não, não vou, não tenho condição, era um baita processo de autopunição não é, enfim, então fui muito expectadora das coisas que aconteceram. Agora basicamente eu nunca perdi a noção de que este mundo precisa mesmo ser mudado, de que enfim, aquilo por que a gente lutou é fundamentalmente

válido, continua válido, e nada mudou, avançou sim as coisas, mas ele está todo à espera disto. Agora, talvez hoje eu tenha muito mais condições, hoje eu estou procurando... Aí eu fiz mestrado na USP nessa área de condicional, escrevi sobre tortura que era uma coisa que eu precisava que foi a maneira talvez minha de trabalhar várias coisas, a minha tese foi sobre, minha dissertação, minha redação foi sobre a condicional da tortura [...] Pois é, cada um... chega um momento em que você também, depois de muitos anos você consegue fazer uma análise mais geral e enfim você diz, é falei, falhei está bom e aí? Aí eu já paguei assim trinta anos de autopunição, obrigada estou partindo para outra. Hoje é alguma coisa que eu consigo encarar com tranquilidade, não, com mais tranquilidade agora, isso faz parte da perspectiva não é, de que enfim você quer... tudo que aconteceu, como foi, enfim, tentamos fazer o melhor possível nesse negócio todo⁶⁴⁹.

A saída da prisão para Jessie Jane foi pior para ela do que os anos de cadeia. Mais difíceis como confessa,

Primeiro porque nós, nós fomos presos muito jovens, não tinha profissão, minha família toda desestruturada, imagina, meus pais voltaram do exílio, eu saí da cadeia, minha irmã saiu da clandestinidade, meus pais voltaram do exílio, meus irmãos, dois permanecem na Suécia, então sem nenhum tipo de estrutura não é, família pobre sem estrutura econômica e cada um voltando com a sua loucura. É, a família do Colombo também. Na verdade eles também saíram, minha sogra ainda com esse problema do meu sogro não é? Minha cunhada já tinha dois filhos ainda não tinha se formado, agora é médico, não tinham, enfim uma estrutura. Quem que me ajudou foi Dom Valdir, me levou, nós saímos da cadeia fomos para Volta Redonda levado por ele. Dom Valdir nos visitava em Bangu. Ele começou a nos visitar no ano de 1977, e nos chamou para, ele montou um projeto, e nós fomos trabalhar com ele, ficamos um ano lá, e o padre Renzo. Na verdade, nós nos sustentamos no primeiro e segundo ano de saída da prisão, por essas duas pessoas. Para você ter ideia era tão difícil, que é um estigma que o pessoal da luta armada carrega não é? Nós fomos muito discriminados, muito discriminados, para você ter ideia, existia um jornal aqui no Rio de Janeiro que chamava, como era aquele nome, um jornal de economia, que tinha um cara [...], professor agora aqui, ele não se lembra mais disso, e um ex-presos [...] eles eram diretores do jornal, um jornal de esquerda de economia [...] eu acho que ainda existe isso, mas tinha uma grande importância naquela conjuntura.[...] Minha irmã quando saiu da clandestinidade foi ser secretária lá, quando nós voltamos de Volta Redonda no ano de 1981, minha irmã ficou grávida e saiu do emprego e passou o emprego para mim. Eles não me aceitavam no jornal, ele dizia que era muito perigoso uma pessoa como eu lá, por causa da direita. Quem me deu emprego, o primeiro emprego que eu tive, foi, sabe quem? Um personagem do PTB antigo chamado Neiva Moreira. Neiva Moreira que tinha vindo do exílio tinha montado aquela revista *Cadernos do Terceiro Mundo* e me abrigou lá, foi o primeiro, foi o emprego que eu tive foi ele. Fiquei lá até terminar a graduação entendeu? Ali, eles me ajudaram enfim. Assim do ponto de vista escolar não é, da coisa que me ajudou. Uma pessoa que é muito meu amigo hoje é o Sebastião Velasco Cruz, que era marido da minha cunhada, ele é pai dos meus sobrinhos, e que me visitava muito em Bangu e sempre assim, levava livro, me incentivava. Me ajudou muito. Antes do emprego no *Caderno* eu, nesse período de 1981 a 1980, nós voltamos em 1980, e em 1981 eu fui trabalhar numa pesquisa do Tião. Ele estava fazendo doutorado na Unicamp, não, ele estava aonde na USP? Sobre a transição, os empresários e a transição no Brasil. E eu fiz a pesquisa para ele. Não tinha entrado na faculdade ainda e ele foi a pessoa que me... enfim, não, vamos voltar a estudar. Depois eu fiz graduação, fiz na UFF [Universidade Federal Fluminense], e aí fui para a Unicamp. E quem me ajudou a entrar na Unicamp foi o Marco Aurélio entendeu? O *Caderno Terceiro Mundo*

⁶⁴⁹ Entrevista de Maria Aparecida Costa, São Paulo, 30 de agosto de 2010.

foi montado na Argentina, depois no México, no México eles recuperaram ainda. Então ele tinha uma visão, era uma revista, era bancada pelos países africanos, Angola que bancava a revista. Aí eu fiz a graduação, enfim, com uma dificuldade que era para estudar. E depois quando eu fui fazer o Mestrado na Unicamp, foi muito engraçada a minha entrada na Unicamp porque eu era um elemento completamente estranho naquele ambiente não é, não tinha, eu não dominava o vocabulário daquele ambiente, até porque eu não queria fazer vida acadêmica. Porque eu comecei eu estava no Caderno e a gente tinha uma relação muito grande com Volta Redonda, quando eu estava lá no Sindicato, o assessor do Juarez Antunes que depois virou prefeito, eu montei com um grupo, um Centro de Cultura lá. Então aquela documentação toda que está lá na Unicamp fui eu que levei para lá, de memória, de história oral metalúrgica, tudo isso. E nós tínhamos uma escola de formação. Então eu fui estudar história do trabalho para trabalhar no movimento sindical. Na verdade nunca imaginei que pudesse virar professora universitária, não era meu projeto. E eu fui para lá porque tinha uma linha que é história do trabalho, só por acaso⁶⁵⁰.

“Cavado à unha” é a expressão que Guiomar Silva Lopes usou para contar o que representou para ela o retorno à sociedade. Dificuldades de toda ordem, financeira, educacional, política, etc.

A minha situação foi muito difícil, quer dizer, isso porque eu contei um pedacinho para você. A volta à escola foi um pedaço da história não é, da dificuldade, eu acho que a outra foi a dificuldade financeira, porque minha família tinha sido aniquilada nessa história toda, nessa ingenuidade toda, ingenuidade não, nesse desespero de ajudar, eles acabaram assim, dispondo de toda a reservazinha que eles tinham de dinheiro. Então quando eu saí, eu tive que pensar porque eu tive que pagar escola, era uma escola particular, e tive que me sustentar, então foi muito difícil, muito difícil. De início eu não senti muito acolhimento, a não ser de algumas figuras, então por exemplo, a Márcia [Márcia Mafra] é minha amiga assim... é sempre eterna, a Cida [Maria Aparecida Santos], algumas figuras que quando eu saí com toda aquela dificuldade foram, me acolheram, outras fingiram que eu não existia, sabiam que, talvez algumas nem soubessem, mas algumas sabiam que eu estava passando dificuldade financeira. [Eu saio] na condicional, e passo, eu passo quatro anos assinando semanalmente na Auditoria [...]. Toda semana eu me apresentava à Auditoria e assinava, aí o que que aconteceu, eu tive que voltar... essa condicional foi condicionada à volta ou ao estudo, à faculdade, ou que eu trabalhasse. Então eu voltei para escola... ai... foi complicadíssimo, porque assim, na minha cabeça, eu não ia mais voltar para escola, eu acho que eu já tinha acabado aí, disseram não, você vai fazer matrícula e vai voltar para a escola. E a Faculdade criou mil problemas, não queria me aceitar de jeito nenhum, mas eu não sei que tipo de coisa que aconteceu. Então, o que eles fizeram, primeiro me colocaram, me botaram naquele artigo que era do estudante profissional, que você tinha um prazo para terminar o curso, excedido esse prazo você cai na categoria de estudante profissional e era jubilado da escola. Então eles disseram que eu já tinha ultrapassado, e que eu, bom e aí toca a fazer um processo na Secretaria de Educação para poder permanecer na escola. Mas, mesmo os primeiros dias para eu assumir, porque eu saio em março e as aulas já tinham começado em fevereiro, a gente eu fiquei assim, uns dez ou quinze dias rodeando a escola, eu falei meu Deus como é que eu vou fazer aqui? Aí um belo dia eu falei, quer saber, eu sou figura estranha mesmo, eu vou me vestir de preto e vou assumir esse papel estranho não é, e fui... Aí eu entrei na classe, ninguém me olha, estava invisível, eu falei, não acredito, bom, ninguém pergunta nada, ninguém me cumprimenta, completamente invisível. Aí não chegou no final do período

⁶⁵⁰ Entrevista de Jessie Jane, Rio de Janeiro, 18 de março de 2009.

teve um cara, que falou, ah, você é nova aqui! Que santo, eu quase beijei ele! (risos) Aí eu contei toda a história para ele. Bom, passado um tempo, eu vim a saber que ele era da TFP, da *Opus Dei* (risos). Você sabe que por incrível que pareça, o cara foi solidário, ele era honesto para caramba, depois ele saiu da *Opus Dei*. E nós éramos o restolho, era eu, ele, tinha esse cara que é um horror que é vereador, deputado, esse Jofi. E era o restolho da turma, que ninguém quer fazer grupo, então a gente sempre ficava, o restolho. Eu sei que eu levei muito tempo assim para estabelecer alguns contatos, uma pessoa depois se aproximou e hoje é meu amigo até hoje, é um cara que, nossa, gosto demais dele, mas o resto, foi um pouco reservado. Mas aí aos poucos, algumas outras pessoas foram se aproximando e, foi muito difícil porque, antigos colegas que naquele momento se tornaram professores, começaram a me perseguir, entendeu? Ah, ideologicamente, questões ideológicas, essa mulher aqui é *terrorista*, nós não queremos *terrorista* aqui. E aí começava assim a exigir sei lá, presença, chegou um minuto atrasado eu vou te por falta, coisas assim. Chegou um dia que um deles começou exagerar demais, eu falei, olha, é o seguinte, você está tentando me condenar de novo, eu fui condenada, eu fui presa, condenada, julgada, condenada, eu estou aqui ainda cumprindo a minha pena, você quer me julgar novamente? Eu vou levar esse caso para a Auditoria, porque não é possível. Nossa o cara ficou apavorado, acho que pensou, essa mulher é *terrorista*, vai que ela solta uma bomba...então, e aí a Maria Luiza [advogada Maria Luiza Bierrenbach] e o irmão me ajudaram bastante quando eu saí. Inclusive naquele processo contra a Secretaria da Educação, para eu não ser jubilada⁶⁵¹.

A militância política no exterior colaborou para que algumas mulheres já voltassem ao Brasil dentro de uma perspectiva política mais definida. No exterior, muitas mulheres se envolveram com trabalhos políticos, assistenciais ou fizeram parte de determinados grupos de estudos, revistas, etc. Muitas participaram do processo de resistência ao golpe chileno, realizaram trabalho com camponeses, operários, trabalhando nas *Poplaciones*. Um dos grupos formados no Chile e que depois ainda teria repercussão na Europa, dando auxílio às mulheres, foi o Rede Democrática de Mulheres. Tania Fayal voltou já dentro das propostas do Grupo de Lisboa, fundador do PDT.

A gente sabia que a qualquer momento a gente estava se preparando, porque a Anistia ia acontecer a qualquer momento, aí isso já era uma coisa certa. Quando nós fizemos o encontro de Lisboa, a coisa foi numa acelerada depois daquilo, que foi dia 11 de junho, durou três dias o Encontro de Lisboa, de junho de 1979 ao período de volta que se deu, que começou a se dar em setembro, da ida até chegar no Rio de Janeiro. Voltou o Gabeira, voltou logo no dia 7, eu no dia 17, eu fui a segunda banida a chegar aqui. Brizola já vinha pelo Uruguai, queria que eu voltasse com ele, eu falei, não tenho nada a ver com a sua realidade política, não tem nenhum sentido eu ir para São Borja, fazer essa rota toda, mas ele queria voltar com uma guerreira. Eu me arrependo muito de não ter voltado com ele, mas não tem nada que ver a história dele, tinha a ver o futuro. Aí já voltamos naquela perspectiva de organização do PDT, do PTB, do novo trabalhismo que era como a gente chamava e com essa gente toda da luta armada. Brizola já queria e insistiu muito que a gente já saísse com uma... um núcleo, como ele dizia, mas olha, vocês não pensem, nós vamos ser engolidos, vai chegar lá, nós vamos ser engolidos. O isolamento foi absoluto. Eu fui trabalhar na *Bandeirantes*, fui trabalhar em teatro, fui

⁶⁵¹ Entrevista de Guiomar Silva Lopes, São Paulo, 22 de novembro de 2008.

trabalhar para sustentar a família e ele [Carlos Eduardo Fayal] foi estudar. E aí nos ficamos morando nos primeiros meses na casa dos meus pais, enquanto isso a gente preparava o apartamento do Edifício Fayal para a gente morar. Aí veio as eleições, nada mais natural, eu na *Bandeirantes* trabalhando e nisso já saí da *Bandeirantes* para coordenar a campanha do Fayal no Brasil, eleição vitoriosa, trabalhei dois meses com ele no gabinete. Um dia o Brizola, volta ao poder, 15 de março, mas isso não fica bem, o que está fazendo aí... aí o pessoal do gabinete fez a cabeça, não mas você que é envolvida com cultura, sempre fui, cheguei no Brasil fui direto trabalhar com televisão, com teatro, montar espetáculo, como produtora, como administradora de show, de espetáculo de teatro, que eu conheci quando eu estava no exílio no Encontro de Lisboa, um sujeito chamado Tertuliano dos Passos, que era do TBC [Teatro Brasileiro de Comédia], do Instituto Brasileiro de Café, ligado ao Jango, o Tertuliano, inigualável o Tertuliano conhecia todo mundo do meio artístico, minha vida no mundo artístico, a minha inserção real se deve pelo fato do meu conhecimento do Tertuliano, ficamos amigos. [...] Então eu quando voltei para o Brasil, e que a gente foi logo conversar, morávamos um do lado do outro, a gente morava no Edifício Fayal número 17, e ele no da esquina, no Corujinha, que tem um corujinha embaixo, a gente vivia na casa dele, e muito artista, Wilker, René de Dumont que era casada com o Wilker mais não sei quem, a gente vivia nesse meio. [...] Tertuliano me colocou, me convidou para eu fazer a produção executiva de um espetáculo chamado *Revista Musical*, cujo texto era de Ziraldo, o Rui Neschling e nós passamos quatro meses no Cine Show Madureira com não sei quantos mil artistas no palco, numa época que a *Revista Musical* estava... era difícil sobreviver, passamos quatro meses no Cine Show Madureira [...] eu fiquei na *Bandeirantes*, um tempo, *Etcetera*, quando chegou no próximo Carnaval daquele ano já era oitenta, 1981 ainda estava com o espetáculo, assim no Carnaval de 1982 Ziraldo me encontrou na avenida, eu tinha ido como sendo da *Bandeirantes*, fazer, também trabalhar na cobertura. Todo mundo era escalado, carnaval ainda de antanho, não tinha nada que ver eu com Carnaval não, não era governo de Brizola nem nada, aí trabalhando na *Bandeirantes* fui fazer uma cobertura. Aí o Ziraldo [...] me disse chorando que o programa tinha acabado de ser censurado lá em Brasília, que tinham mandado acabar com o programa, mas isso também eu já estava trabalhando num outro programa dentro da *Bandeirantes* que também foi uma época muito rica da *Bandeirantes* aqui no Rio de programas ao vivo, que chamava-se *Outras Palavras*, dirigido por um recém-chegado estreador jovem Walter Salles. Esse programa *Outras Palavras* também produzia, eu produzia, eu entrevistava, eu saía na rua com o Waltinho e com o Guerrinha que era o diretor, o câmera e saindo para a rua, era meio quase que independente na *Band*, Waltinho tinha acabado de chegar dos cursos dele de cinema, fora do Brasil, filho de Walter Moreira Salles [...] *Outras Palavras*, acabou o *Etcetera*, eu já estava no *Outras Palavras* e ainda fiquei mais uns meses. O programa durou um certo tempo, eu levava as pessoas mais interessantes possíveis, entrevistando, um programa genial, entrevistei o Fernando Henrique Cardoso recém-chegado do exílio, e também querendo ser de esquerda completamente, foi muito interessante. A gente trabalhava dentro de uma sala, que a gente tinha um buraco, onde a gente falava que era para botar o embaixador. Naquela sala da *Bandeirantes* tinha trabalhado o Chacrinha, então era um salão que nós ocupávamos no *Outras Palavras*, a gente já tinha saído de uma salinha pequena e nos botaram, quando o Chacrinha saiu, a gente foi para sala do Chacrinha. Paulo Henrique começou a botar na minha cabeça que eu tinha que ir para a RIOTUR que já estava o Thompson como interventor, que o Brizola a primeira coisa que fez foi botar o Thompson, que eles tinham conhecido quando eram presidiários. O Thompson do DESIPE, e o Thompson estava de interventor na RIOTUR, porque o Thompson ele era interventor na RIOTUR, [...], ele botou esse Thompson a conselho de não sei quem, botou esse Thompson. Claro que não foi não é [Presidente da RIOTUR] Esse cara, mas ele tentou. O Darcy [Darcy Ribeiro] já me puxou para Secretaria de Cultura, e de lá eu comandi o Carnaval e lá ele me nomeou como Coordenadora Geral do Carnaval, membro da Comissão de Obras da Marquês de Sapucaí, eu conheço as estacas da Marquês de Sapucaí. Então, eu voltei nessa perspectiva, a ALN já era uma

coisa absolutamente que não fazia parte mais do meu cotidiano [...] mas eu já tinha uma escola de anos fora do Brasil, então quer dizer já era uma formação, quer dizer, como eu sou autodidata sei lá em que, mas sou, porque eu nunca fiz formação nenhuma acadêmica, nenhuma. Pelo contrário, era a minha iniciação na vida quer dizer, a minha adaptação aqui também continuava sendo dentro de uma perspectiva política, eu não via nenhuma diferença da ALN para o brizolismo, eu ia voltar para continuar a luta no Brasil, claro que não era mais pegando em armas, agora já era tendo que trabalhar, viver, me sustentar, e fazer política num partido que tinha acabado de ser refundado com uma outra perspectiva, depois de uma geração de 1964 se juntar a essa geração da luta armada, a compreensão daquilo tudo, então para mim era uma continuidade, não era mais a ALN mas era uma perspectiva política, que eu voltei para o Brasil dentro da perspectiva política já completa e total. Era a volta à luta [...] ⁶⁵²

Se para algumas a volta foi realizada de maneira discreta e com muitos prejuízos no trabalho, para Moema São Thiago não houve receio em se admitir como presa e perseguida política. Todos tiveram de uma maneira ou de outra, ligados ou não à ALN, que trabalhar para sobreviver. Moema foi deputada federal pela Constituinte no mandato de 1987-1991 pelo PDT, alcançando a segunda maior votação no estado do Ceará. É advogada com mestrado em sociologia (embora não defendido) militante e dirigente do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), onde trabalha como assessora política. Como ela afirma,

Quando eu voltei... Primeiro foram anos para a Universidade do Ceará me dar esses documentos, depois teve revolução em Portugal então me atrapalhou, eu já voltei, eu não conheço ninguém que teve, os companheiros que tiveram na clandestinidade todos trabalharam depois inclusive na clandestinidade, trabalharam sem contato com a organização para sobreviver, daí o laço do Dirceu [José Dirceu] com a Amparo [Maria do Amparo Almeida Araújo], ajudou a Amparo quando grávida, e ninguém tinha medo de chegar no emprego e dizer ah eu fui presa, eu fui torturada, acho, não conheço nenhum caso por exemplo, de ter ouvido alguém ⁶⁵³.

Retomar a vida legal foi uma dificuldade para algumas mulheres que passaram longos anos clandestinas. Isso é o que se verifica na trajetória de Maria do Amparo Araújo que, desde o segundo grau, já se integrou a ALN. Não teve tempo de terminar a escola, e já tinha nome frio e uma identidade guerrilheira com 17 anos. Começou numa semiclandestinidade até ser procurada. Ficou clandestina de 1970 a 1979 quando houve a Anistia. Na volta, foi retomar os estudos, fazer supletivo e começar o curso universitário. Todos os trabalhos que conseguiu foi com carteira de identidade falsa. O último emprego, enquanto atuava na ALN pelo menos, foi em 1973, quando morava num aparelho com *Criolo* (Luiz José da Cunha) em Jacarepaguá. Trabalhava na rua Debret num escritório de uma empresa que vendia formulários contínuos para computador. Com o desaparecimento de seu companheiro, Tomáz Meirelles em 1974,

⁶⁵² Entrevista de Tania Fayal, Maricá (RJ), 20 de março de 2010.

⁶⁵³ Entrevista de Moema São Thiago, Brasília, 11 de julho de 2010.

mudou-se em 1977 para Santa Teresa. Nem a organização sabia exatamente seu destino. Nos relatórios de queda realizados no interior da prisão, os militantes da ALN desconhecem seu paradeiro. Acreditam que estava “desaparecida”. Para sua família, era uma morta que reaparecia quase dez anos depois. Já haviam acreditado que ela era Gastone Beltrão. Um dia Amparo encontra casualmente alguém da organização no Rio de Janeiro, quando já havia abandonado a luta há três anos anteriores.

Naquele momento em 1974, maio de 1974 não tinha mais ninguém assim, só tinha eu e ele praticamente [Tomaz Meireles]. Eu sabia que o Rogério [Flávio Augusto Neves Leão de Sales] estava no Rio com a Bety, nessa época o Rogério era casado com a Bety, e que eles estavam para sair do país. Estavam. Mas eu chego a cobrir um ponto de recontato com o Rogério, só que ele não parece e eu fico absolutamente sozinha no Rio de Janeiro. Eu reencontro, eu já encontro a Suzana acho que é 1975, 1976. Um belo dia eu estou saindo, nesse dia eu resolvo sair mais cedo, acho que meu chefe estava viajando, aí eu resolvo sair mais cedo para ir a pé para Santa Teresa, porque eu pegava aquele bondinho, e já estava escuro, mas nesse dia estava claro aí eu resolvo ir andando, aí quando eu chego na esquina da Avenida Rio Branco eu dou de cara com a Suzana Lisboa. Aí a gente se reencontra e através dela eu reencontro o Moacir [Moacir Vilela]. Aí é um período no Rio de Janeiro também não tinha mais organização, só tínhamos nós três, a gente se divertiu muito, a gente saía, ia para a praia, ia para barzinho, íamos para o Maracanã, eu me lembro assim. Em 1977 eu, Suzana, Moacir estamos no Rio e Suzana detecta que está sendo seguida, nós estamos sendo seguidos, aí o que que a gente faz? A gente procura um advogado que é o Modesto da Silveira, mas era uma situação *sui generis*, não é, nós não éramos nós, nós não podíamos contratar um advogado. Se a gente fosse presa nossa família não poderia contratar um advogado porque nós não éramos nós. Aí eu tenho uma poupança, eu sempre fui assim, um pouco cuidadosa, tinha muito medo de estar precisando de alguma coisa, aí eu morava num quarto no bairro de Santa Teresa, depois morava num pequeno apartamento ali na rua da Glória no Rio, e economizava. Tinha assim, eu sei que com esse dinheiro mais uma parte de Suzana e Moacir a gente consegue comprar uma passagem de ida e volta a Brasília para falar com o Modesto da Silveira e ver como estavam os processos em Brasília. Só que esses processos estavam prescritos aí qual é a orientação dele, que cada um volte para sua casa, para sua família, porque nessa circunstância a gente mesmo que tivesse alguma coisa, a família podia contratar um advogado, e quem o advogado? Ele. Aí Suzana vai para Porto Alegre, Moacir vai para São Paulo e eu venho para Recife. A gente embarca com o nome frio, em seguida destrói o documento frio, e teoricamente a gente chega no estado natal sem documento. Antes eu tive o cuidado de olhar na lista telefônica o local, dizia o endereço, o telefone de uma das minhas primas que tinha sido criada comigo, então era a que tinha menos risco de morrer de susto, porque para eles eu estava morta. Estava aquela história da Gastone. Mamãe deixou aquela história. Aí eu chego em Maceió, pego um táxi no aeroporto, bato na porta, é minha prima, sabe aquela prima que a gente mais briga quando é criança? Aí eu chego na casa da mãe dela, na época ela era solteira, eu chego na casa da mãe dela, bato na porta e todo mundo ficou muito assustado. E aí tem um esquema que eu, Suzana e Moacir montamos porque telefone naquela época era difícil e caro. Então todo dia eu mandava dois cartões postais, um para Suzana, e um para Moacir e eles mandavam cada um, todo dia eu mandava dois, e recebia dois. Era uma forma da gente saber se o outro, [...] a gente mandava cartão postal para os homens não terem o trabalho de abrir o envelope. A gente mais escrevia assim qualquer besteira e o correio funcionava na época. Quando eu volto em 1977, que eu vou para Maceió, eu reencontro meu irmão Pedro, ele me convida para morar com ele. Ele estava morando sozinho aqui em Recife. E ele só pede uma coisa, que eu não me meta em política, que ele banca, que ele paga escola para mim, ele me sustenta

desde que eu não me meta em política. E eu cumpri durante um ano mais ou menos [isso], eu fiquei na casa dele um tempo até que ele arranhou outra namorada. Aí faço, eu resolvo fazer, eu observei que o curso de pré-vestibular era a mesma coisa de um curso de segundo grau, porque eu não tinha terminado o segundo grau, agora eu sempre li muito, porque na clandestinidade a gente tem, não podia sair, não podia passear, não podia ir pra cinema... aí o que que eu faço? Eu entrei direto num curso, no melhor curso, meu irmão bancou, no melhor curso pré-vestibular que tinha aqui em Recife e eu estudei muito, porque tinha que ser uma coisa mais sistemática não é, e enquanto eu fazia, nesse ano, eu fiz as provas do Supletivo, aí eu passei no Supletivo e no vestibular. Então num ano eu recuperei uma década. Aí eu fiz, eu escolhi Serviço Social [...] Eu entro na Faculdade em 1979, entro na primeira chamada, aí acontece, tem a Anistia em agosto, aí eu vou comemorar a Anistia e engravidado da minha primeira filha. Aí eu termino o semestre, tranco o primeiro semestre de 1980, eu não estudo, eu estou em São Paulo, vim para casa da mamãe, a casa do Moacyr Villela. Eu fico um pouco na casa da mamãe, um pouco na casa da minha irmã, um pouco lá na casa do Moacyr. Aí o bebê nasce no dia 1º de maio, e quem me leva para, quem está nessa casa também sempre passando tempo é a Suzana Lisboa. E o José Dirceu, frequenta a casa. É ele que me leva para o Hospital. A minha bolsa arrebenta e é ele que me leva para o hospital. Eu tinha feito pré-natal num hospital que fica na Brigadeiro Luis Antônio, tinha uma grande Maternidade, a maternidade era no 8º andar, quando a gente chega lá o elevador está quebrado, aí eles encaminham para uma maternidade no bairro da Saúde, que também tinha maternidade, aí eu vou, passo por cesária não é, a menina nasceu, a primeira pessoa que vê a menina é o Zé. Eles ficaram, ele e a Suzana ficaram do lado de fora esperando.⁶⁵⁴

Quanto às perseguições sofridas no trabalho, Amparo citou apenas uma ocasião em que sofreu intimidação, porém sem consequências funestas para seu emprego,

[...] não, nada explícito... é... houve assim, quando eu arranhei meu primeiro emprego que foi no SERPRO, Serviço Federal de Processamento de Dados, eu recebi um telefonema em que a pessoa dizia assim que, não foi nem quando eu arranhei meu primeiro emprego, quando eu fui ocupar um cargo gratificado, aí eu recebi um telefonema que diziam que iam contar, a gente vai contar para o superintendente quem foi você. Aí de alguma forma, o, eu era uma funcionária que tinha passado por uma seleção pública, eu não poderia ser demitida por um motivo desse. Eu até poderia, mas já era assim 85 não é.., aí eu tinha entrado na empresa em 83, eu sempre fui muito assim, no trabalho, independente de que trabalho fosse, eu sempre fui muito dedicada, sempre fui muito pontual, assídua, isso conta ponto no sistema capitalista, mas eu, porque eu sou assim mesmo não é, aí saiu a pessoa que era a minha chefe, saiu porque ela montou um negócio, ela montou uma papelaria, que era uma livraria, uma livraria-papelaria que era um sonho que ela acalentava há muitos anos. E, aí ela sai para fazer esse empreendimento, aí eu sou convidada para ir ocupar o cargo dela, que era chefe do Setor de Benefícios, eu era assistente social, aí no dia em que me chamam para ir para o cargo, aí eu recebi esse cara, que eu me lembre, foi a única vez que aconteceu alguma coisa assim de uma forma muito explícita. Aí eu disse, tá e aí imediatamente eu fui lá na sala do chefe e aí eu disse, olha, eu recebi um telefonema, é dizendo que iam lhe contar quem eu era, que eu tinha feito, aí eu prefiro lhe dizer, o senhor decide, fique à vontade para retirar o convite. Eu falei que eu tinha participado, só que eu era anistiada, e... é... apesar desse homem, ele era da direita, direitoso todo, aí ele disse que não, que não interessava a ele, ele queria, ele ia me testar, senão desse certo eu ia voltar lá para minha função original [...] aí eu acabei

⁶⁵⁴ Entrevista de Maria do Amparo Almeida Araújo, Recife (PE), 8 de janeiro de 2009.

ficando nesse cargo uns dois anos, aí também naquela época cada vez que mudava o Ministro da Fazenda mudava tudo, que eram grupos que se revezavam, aí quando esse grupo que esse cara fazia parte foi, saiu, aí eu saí também, saiu todo mundo⁶⁵⁵.

Ilma Noronha diz que a volta foi mais difícil de ser enfrentada do que a luta armada. Não se identificava com as pessoas e desconhecia o mundo do trabalho. Nada fazia parte de seu código de vida.

Quando eu voltei para casa eu fui então, eu constituí a minha... documento que eu não tinha, registrei a Tânia, aí é que eu fui retomar, mas assim, eu me lembro que era uma sensação muito estranha porque eu não conhecia ninguém, aquelas coisas que as pessoas, aquela vida que as pessoas tinham não me dizia respeito, eu não conseguia me integrar naquilo não é, mas foi isso. Aí depois eu comecei a visitar o Rômulo, aí passei para uma outra fase assim, de solidariedade, de cuidar do marido preso. O Rômulo só saiu em 1979. Era uma coisa que também para mim era inesperada quando o Rômulo saiu eu achava... Porque assim, hoje eu me dou muito bem com elas, mas na época essa coisa de ter sido da ALN, de ter sido da luta armada, eu não entendia muito bem isso, mas tinha uma certa diferença, uma certa rejeição porque assim, quando eu saí eu nunca assumi esse papel, até hoje eu não gosto disso, de que eu fui vítima, de que eu sofri, não, nunca foi nada disso, e o movimento era um movimento de solidariedade, assim eu sei, mas assim, nem eu gostava daquele movimento, nem aquele movimento gostava de mim não é? Quer dizer, eu ia com o grupo à Ilha Grande não é, mas eu nunca vivi dessa história. A essas alturas, a minha família estava completamente desmontada, inclusive do ponto de vista econômico. Quando eu voltei para casa que eu comecei a preparar, a minha família me recebeu muito bem, mas eu acho que assim, o que eles esperavam é que ali também ia ter uma ruptura, não imaginavam que eu fosse visitar o Rômulo, que eu fosse restabelecer... na cabeça deles, não é, todos doidos, que eu fosse restabelecer algum vínculo com o Rômulo, então isso gerou assim um estranhamento, mas sempre houve assim um respeito. Levei uma única vez [minha filha] na Ilha Grande. Não, aí quando o Rômulo saiu, porque eles desciam, ele tinha vários processos e era aqui no Rio, então eles desciam da Ilha Grande e ficavam num Presídio na Frei Caneca para ir à Auditoria, então quando ele vinha eu a levava, mas à Ilha Grande ela só foi uma vez, que era uma viagem muito cansativa, muito demorada, ela passou mal, foi só uma vez. E eu me lembro uma coisa engraçada, que uma vez eu vim com ela ao Flamengo, ao Clube, e o Rômulo trabalhava lá, aí eu falei para ela, minha filha, seu pai trabalhava aqui e ela ficou muito aflita, na cabeça dela o pai tinha nascido na cadeia não é? Então até o dia dele sair, isso para ela era uma coisa muito... Aí na cadeia, depois eles vieram para o Rio, ele ficou na Fortaleza de Santa Cruz, daí ela ia lá e tinha outras crianças. Com o Iuri o que que aconteceu? A gente nunca conversou com ele sobre isso. Aí quando ele tinha uns três anos, talvez mais, ele chegou para mim e falou assim, mãe o que meu pai roubou? O que Iuri? O que meu pai roubou mãe? Meu filho, não fale assim, até onde eu saiba seu pai não roubou nada. Por que você está me perguntando isso, o que que é isso? Aí ele virou e falou assim, o que meu pai roubou que ele estava *prendido*? E sabe quando você leva um susto? Aí quando eu voltei para casa, quando eu saí da cadeia, a família estava completamente falida, mas a minha mãe tinha uma casa que ela tinha comprado uns dez anos antes, uma casa grande, num subúrbio e tinha se mudado para lá. Aí eu fui, eu não tinha roupa, quando eu saí da cadeia, eu me lembro que eu saí perto do carnaval, eu fiquei de camisola, porque eu também estava tão magra, eu acho que eu pesava uns 35 quilos quando eu saí da cadeia. É, e aí depois fui, comecei a reestruturar minha vida e fui registrar a Tânia, fui tratar do casamento [...] e, eu fui morar com a minha, com os meu pais, com os meus pais nada,

⁶⁵⁵ Entrevista de Maria do Amparo Almeida Araújo, Recife (PE), 8 de janeiro de 2009.

com os meus avós, com a minha mãe, com a minha família. Fiquei um tempo às custas deles, depois eu comecei assim, era um bairro muito humilde, e eu comecei a fazer o que me aparecia, a primeira coisa que me apareceu foi trabalhar num consultório odontológico, lá nesse bairro que eu morava. Aí eu já ia, devo ter ficado lá uns três meses. Depois eu trabalhei numa loteria esportiva fazendo caixas de lá, e aí eu fiquei nessa loteria, eu trabalhava três dias por semana, era perto de casa, até esse diretor do Fernandes Figueira [hospital] me chamar para trabalhar lá. [...] Foi a minha irmã, quando eu voltei ela estava fazendo vestibular não é, ela queria vestibular unificado, e ela estudava, estudou num cursinho no centro da cidade, e aí eu me lembro que ela passou em primeiro lugar na Universidade Pública, então eles faziam aquela propaganda, em primeiro lugar, curso tal, aí ela foi lá e falou para eles assim, olha vocês podem usar meu nome, mas tem uma contrapartida, eu vou querer uma bolsa de estudos para minha irmã. Ela chegou em casa e falou, Ilma você vai estudar. Aí me apresentei lá, assisti uma aula de português. Aí quando eu saí ao meio-dia, caramba, eu não tenho a menor condição de acompanhar isso, eu não sei nada, aí cheguei e falei, Máris, eu não tenho a menor condição de ficar lá, de ficar assistindo aula naquele curso. O cara falou a manhã inteira e eu não entendi nada do que ele disse, mas nada. Ela disse assim, não você vai, você vai ver, daqui a pouco você vai estar acompanhando. E aí foi legal porque isso aconteceu em março e ela tinha pedido esse emprego para mim, esse amigo da família. Aí eu estudei lá março e abril, eu saía de casa ia lá para o curso de manhã e ele me chamou para ir lá e um dia me ligaram, olha você se apresenta, me deram o endereço do Hospital ali na Rua Rui Barbosa [...] O primeiro apelido que me colocaram lá foi *pinel*. Eu fui trabalhar no setor de contabilidade, como eu fui chegar lá pela mão do diretor, eles acharam que o diretor tinha me colocado lá, e como eu flutuava naquilo ali, eles acharam que o diretor tinha me colocado lá para olhar o que eles faziam. E me deram um lugar, não me deram nada para fazer. Aí o telefone tocava eu atendia o telefone e eles acharam engraçado porque um dia, tinha um rapaz lá que o trabalho dele era bater um carimbo, papelada desse tamanho, acho que ele ficou com pena de mim, o dia inteiro. Aí eu tive que passar meu cursinho para à noite. Aí ele falava assim, olha, eu bato uma parte, você bate outra (risos). Aí eu batia aquele carimbo não sabia nem o que que era, hoje é que eu sei [...]. Essa volta foi muito complicada entendeu, porque eu não conhecia esse código social do mundo do trabalho, das relações pessoais. Fiquei três meses lá. Quando eu cheguei eu tinha que me apresentar no I Exército e esse diretor, ele me admitiu no setor público sem nenhum documento, porque eu não tinha documento, não sei como ele arrumou lá, nunca preenchi esses documentos. Ele sabia, não ele sabia, ele nunca tocou nesse assunto comigo nem eu com ele, ninguém nunca soube que o meu marido [era preso político]. Sabe como as pessoas lá souberam que o meu marido estava preso? No dia que ele saiu, que foi primeira página do JB [Jornal do Brasil], ele saindo e eu em frente, então todo mundo imaginava, como eu estava, tinha me acostumado a viver na clandestinidade, eu continuava na clandestinidade. As pessoas estranhavam porque assim, qualquer evento social, eu não ia. Você sabe que na época nada era difícil... difícil foi conviver na sociedade entendeu? Voltar e enfrentar a sociedade. Isso foi muito difícil. Eu me lembro que às vezes assim eu chorava [...] foi muito difícil esse isolamento, essa história de ser assim uma mulher com uma filha, todas as mulheres casadas, hoje isso não acontece mais não é?⁶⁵⁶

Um dia Ilma reencontrou-se num clube com seu torturador da PE (Polícia do Exército).

⁶⁵⁶ Entrevista de Ilma Horst Noronha, Rio de Janeiro, 11 de março de 2009.

Eu fui um final de semana, eu ia sempre na casa dela [da sogra] aí cheguei lá num sábado, uma sexta-feira, e ela falou para mim, ah, Ilma, vamos sair, aí eu falei, mas Dona Meire a Tânia já dormiu. Não a Tânia fica dormindo aí. Isso foi uma outra loucura na minha vida que eu não me separava da Tânia, só para ir ao trabalho. Só, e com Iuri também eu mantinha, quer dizer claro que já era um pouco melhor, mas eu tinha a mesma neura. Aí fui com ela, ela falou assim, vai ter uma seresta, eu nunca ia saber o que que era seresta, vai ter uma seresta no clube tal eu vou com a Tereza, vamos também você vai, aí eu, não é, a Tânia já estava dormindo lá com a minha cunhada que ela gostava muito – quando eu estava presa ela ficou na casa da minha sogra – aí fui para a tal da seresta. Eu não tinha nem roupa, peguei um casquinho de frio dessa minha cunhada e fui com ela. Ela não me disse onde era a seresta, era no clube não sei quê das quantas, um Clube do Exército, aí eu, caramba vim parar nesse clube... Mas, entramos, sentamos numa mesinha. Dalí a pouco chegou um sujeito, sentou na mesa em frente e começou a me olhar, o cara me olhava, me olhava, e aí eu falei, gente, e aí falei, Dona Meire eu conheço esse cara lá da PE [Polícia do Exército]. Ela falou assim, você está delirando, mania de perseguição, não sei o que, sossega, vamos assistir à música. Eu já não conseguia mais ouvir nada e o cara me olhava, me olhava. Aí lá pelas tantas ele me chamou, aí, nem me lembro como ele chamou, eu sei que ele me chamou [...] assim num outro canto e ele falou assim, eu estou te conhecendo, mas eu não sei de onde... Aí eu falava para ele assim, eu também te conheço, mas eu sei de onde. Aí ele não falava, e eu também não falava não é? E aí lá pelas tantas, já sei, você se chama Ilma Horst, aí eu falei, me chamo. Aí o cara começou o maior discurso, você está vendo Ilma, gostei muito de te encontrar aqui, porque você está vendo que nós somos pessoas absolutamente normais, não tem nada disso que estão falando, olha, eu sou presidente desse clube, eu tenho muito prazer em te receber, poderia nem te receber, mas tenho muito prazer em te receber. E eu me lembro assim, o que eu conhecia assim dele, é que ele tinha metido porrada lá numa menina desse grupo que chegou depois e ele deu uma mordida na perna dela, e ficou, isso ela contou não é, e ficaram os dois rodando e ele bateu muito nela. Aí bom, aí quando ele me chamou, aí a minha sogra falou, bom, ela não está delirando, o cara conhece ela. Aí minha sogra veio atrás, deu um tempinho e veio. Aí quando a minha sogra chegou o papo dele era esse, aí ele falou, pois é, estou aqui conversando com a sua nora, muito prazer em receber vocês aqui, para vocês verem, tal, tal, lá a conversa dele, aí a minha sogra partiu para cima dele, aí foi bem agressiva com ele, aí ficou aquela conversa ali muito desagradável, minha sogra, pois é eu sei [que] a senhora é a mãe do Rômulo, ela falou é, e o que vocês fizeram com o meu filho não se faz, eu também sou mulher de um militar, foi muito ruim. Aí nós voltamos para a mesa, sentamos tentando fingir que estava tudo bem, que nada tinha acontecido. E, aí quando ele me chamou eu sentia frio, sentia calor, eu botava a jaqueta, eu tirava a jaqueta, aí botei a jaqueta na cadeira, e aí cadeira tinha um forrinho, uma capinha de pano, aí, nós ficamos ali mais um pouquinho, ela falou, Ilma, vamos dar uma disfarçada e vamos embora. Aí vamos embora, eu levantei, peguei a jaqueta, ia saindo com a jaqueta no braço e quando nós íamos saindo, o cara chamou de novo, aí sabe quando você tem aquele arrepio de frio? Abri a jaqueta para vestir. Aí caiu um negócio lá de dentro que eu não sabia o que que era, era a capa da cadeira, porque quando eu puxei... aí ele falou assim, estou vendo, a brincadeira dele, estou vendo que você não mudou de vida, ou seja, continuava roubando não é? Aí, fomos embora. Nunca mais voltamos, nunca mais eu vi a figura, mas foi muito, muito desagradável, foi a única vez que eu encontrei assim.⁶⁵⁷

Saindo da prisão Cida Santos continuou a militar. Voltar ao estudo e ao trabalho também foi difícil, como ela afirmou,

⁶⁵⁷ Entrevista de Ilma Horst Noronha, Rio de Janeiro, 11 de março de 2009.

Sempre militei, nunca parei, nunca. O que eu falo que irresponsavelmente eu acho que eu comecei muito cedo, cheguei ir de olho fechado nas reuniões do PCdoB, imagina você, depois que eu saí, 1975, estava matando Herzog, matando Fiel Filho em 1976, tinha caído o Araguaia um pouco antes não é? É complicado. Então, eu aposentei. Eu lecionei muito pouco, muito pouco mesmo, porque, quando eu comecei a trabalhar de repente eu me vi como arrimo de família, e eu não podia deixar um trabalho de dez, doze horas por dia e depois ir para a Faculdade, tinha que trabalhar à noite e às vezes fazia hora extra e tudo isso, e para duas, três aulas, para substituir um professor de manhã. Como é que eu ia deixar de trabalhar de manhã para substituir professor? Por um mês ou dois... Aí eu fui lecionar no Mobral. Tinha Faculdade, prestei fiz concurso, mas os concursos não chamam a gente não é, você passa, mas não chama, caduca e nunca chama. Aí eu estava no PCdoB e aí a gente, aí nós começamos a discutir como que a gente poderia estar trabalhando, penetrando assim, um mês e pouco, então eu fui dar aula num lugar bem afastado que era o Mobral. Saía do trabalho e ia para lá e lá. Eu dava aula para um pessoal que era trabalhador rural. Eu fiquei lá uns dois anos, pela Prefeitura isso. Depois eu fui lecionar à noite numa escola de segundo grau, aliás de primeiro grau, só que, primeiro grau, da quinta em diante então ensino fundamental, hoje chama ensino fundamental, que é até a oitava, agora é até a nona série. Aí lecionei à noite um tempo também, substituindo professor e depois eu fui trabalhar. Eu prestei um concurso, passei, mas não fui chamada não, para professor, que é esse que eu te falei, que caducou e não me chamaram. Mas aí eu saí do hospital, da clínica médica onde eu trabalhava e fui trabalhar em Sertãozinho com trabalhador rural. Aí eu trabalhei em Sertãozinho pela Secretaria do Trabalho. Eu era, aí nós tínhamos entrado no MDB e o pessoal do MDB daqui de Sertãozinho era muito combativo, tudo aquilo, aí eles tiraram uma pessoa da Coordenadoria de lá e me ofereceram se eu queria ir trabalhar com eles, e ainda me colocou à parte, o trem é duro, é assim, é assim, e a gente pensou em você, só que é claro, ele estava pensando no futuro político deles não é, e eu já estava pensando em outras coisas. E aí foi em 1985. Aí eu deixei esse trabalho de treze anos, e fui trabalhar em Sertãozinho. Trabalhei acho que uns três anos. Foi uma experiência e tanto, aí entrou o Quércia, e perguntaram se eu queria ficar, eu falei não, não vou ficar não. Saí, aí eu fui vender material de papelaria. Os usineiros aqui são jogo duro e nós brigamos direto com usineiros e você não acredita quem é que abre frente de luta contra o usineiro aqui, somos nós da *Pau Brasil* e do Seminário Gramsci, que eu participo de um grupo de estudos e que tem feito algumas coisas aqui em Ribeirão Preto que partido nenhum está fazendo, nem o PCB, nem o PCdoB, nem o PSB e nem o PT. A gente é quem faz, faz direto com a população. A gente vai achando brechas. Aqui em Ribeirão Preto também senti muita dificuldade para conseguir emprego, mas não chegaram a me pedir atestado ideológico. [...] A imprensa (falada e escrita) fez o papel dela bem feito: estampavam manchetes e registravam os nomes de todos nós de Ribeirão como *terroristas*. Fomos todos bem carimbados. Continuo militando politicamente, mas não tenho vínculo orgânico com nenhum partido. Mas isto não me impede e nunca me impediu de militar⁶⁵⁸.

Darci Miyaki teve que entrar com mandado de segurança para voltar à universidade. Foi sobrevivendo graças à solidariedade das pessoas. Não conseguia emprego, pois tinha que apresentar atestado de bons antecedentes, por não ter sido julgada ainda.

Eu dava aula particular para sobreviver, olha que bacana, tem fatos fantásticos na minha vida. Depois que eu saí do Presídio, sem emprego, sem casa, sem nada não é, não

⁶⁵⁸ Entrevista de Maria Aparecida Santos, Ribeirão Preto (SP). 28 de novembro de 2008.

consegui emprego e na IBM naquele ano tinham feito um recenseamento nas escolas, e na IBM eles estavam aceitando gente assim avulso, para trabalhar por hora, para trabalhar lá e ganhar por hora, e quando eu fui lá já tinham preenchido todas as vagas, até a Iara, a Iara irmã do Ivan, estava, ia trabalhar lá. Aí um dos companheiros soube da minha situação e me cedeu seu lugar, você entendeu? Porque ele falou, eu tenho família, sabe, eu... e me cedeu o emprego dele. E aí primeiro eu comecei com um turno de seis horas, depois dois turnos, no fim estava fazendo três turnos porque eu ganhava por hora, tinha que pagar pensão porque já tinha várias... comer, e os gastos, porque eu não tinha nada, tinha que comprar roupa, comprar sapato, sabe? Mas foi um companheiro, ex-presos, que me cedeu o lugar. Eu tive muito apoio do Dalmo de Abreu Dallari, no retorno à faculdade [...] Eu não conseguia me concentrar, aquela aluna que tinha entrado em nono lugar na faculdade, se tornou um trapo, eu passei assim, consegui terminar o curso com muito esforço⁶⁵⁹.

No depoimento de Ana Bursztyn, a volta foi hostil em todos os sentidos: perseguições na Universidade, a alergia do sol, a impossibilidade de ter filho, como lhe convenceram enquanto esteve presa.

Depois que eu saí, até hoje eu acho incrível, o que que era, eu voltei à Faculdade, foi muito difícil, passei mal porque eu fiquei muito tempo sem tomar banho de sol, e saí e fui direto acampar em fevereiro. Aí eu tive uma alergia ao sol violenta, eu nasci e cresci em Copacabana, mas fiquei acho que quase um ano sem tomar banho de sol. Tive uma alergia horrível, fiquei toda cheia de urticárias, um pouco de edema de glote, dor nas juntas, boca, fiquei mal, tive que tomar corticoide [durante] meses. E aí, voltar à Faculdade era tudo muito difícil porque eu saí da Praia Vermelha, aquele charme, aqueles tamarineiros e quando eu voltei – tinha havido a Lei de Diretrizes e Bases – eu tive que voltar para o Fundão, que naquela época não tinha árvore nenhuma, era um negócio estéril, uns anfiteatros com luz fria e luz fria me dava alergia, não podia nenhuma coisa com sol. Às vezes eu passava mal, era difícil, era tudo muito hostil, muito hostil, e uma vez eu estava andando pelos corredores e uma moça me chamou, pode vir aqui, pode vir aqui? A senhora é Ana? Sou sim. A senhora pode vir aqui para, e ela foi me levando... Mas o que que é? Não, o professor quer falar contigo. Aí ela foi me levando lá para dentro, aí numa sala, aí fecho a sala, fechou a outra sala, outra sala e o professor era da Medicina, que ali já era tudo junto não é, as disciplinas. Ele disse, olha, eu quero dizer que eu sei quem você é, tenho ideia do que você passou, o que você precisar de mim aqui, você pode contar comigo, porque tudo era muito hostil e eu tive problemas depois, eu quase não me formei, porque perderam meu processo. Foi quando eu fui ver com um decano ele mandou dizer que eu não existi, eu não consegui, teve uma porção de perseguições dessa de faculdade que eu quase não consegui me formar. Então que gesto não é? Claro me chamou lá no raio que o parta, lá na sala dele. Nossa, era raro não é? Era raro, então um gesto louvável. Não era muito difícil a gente ficar perseguido, a gente era perseguido. O difícil era não ficar perseguido, difícil era você andar e ter atenção e olhar, mas não ser tomado por isso. Durante muitos e muitos e muitos e muitos anos eu acordo no meio da noite sufocada, eu acordo gritando ou chorando, mas isso não era a militância não é, isso foi tortura, isso não foi do tempo de militância. Mas eu acho que era muito difícil você separar o que era perseguição do que efetivamente... aquilo te envolvia de tal forma que você podia sucumbir. Olha, em 1974 e 1975 um grupo de companheiras que foi saindo e começando a ir às cadeias, construímos com muita dificuldade uma rede de apoio, quando foi 1976, 1977, já começou a ficar um pouquinho melhor, mais gente ia visitar, alguns artistas mais comprometidos vinham, e aí já vai virando uma festa, 1977,

⁶⁵⁹ Entrevista de Darci Toshiko Miyaki, Indaiatuba (SP), 28 de agosto de 2010.

1978, começou a ter Comitê Brasileiro pela Anistia, Comissões de Anistia. Nessa época em 1978 eu estava formada fazendo Saúde Pública na Fiocruz e tendo filho. Em 1979, quando a Anistia, essa anistia parcial, foi promulgada em agosto, eu tinha acabado de ter a minha segunda filha, que foi outra coisa que para mim era importante não é? É, teve um médico militar, um torturador, o Amilcar Lobo quando ele me examinou, eu estava muito mal, que eu tinha levado muito choque, toda ferida, ele disse assim, você tem útero retrovertido infantil, você não vai poder ter filhos, e eu fiquei quatro anos presa sem poder consultar meu ginecologista achando que isso podia ser verdade, eu não tinha engravidado antes, então eu saí assim, era uma afirmação de vida muito grande ter filho⁶⁶⁰.

Ana Corbisier voltou clandestina ao Brasil e se estabeleceu na Bahia. Era o ano de 1975. Só voltou mesmo à cena pública depois da Anistia. Até então trabalhou numa empresa como caixeiro viajante. Atuou politicamente ainda na clandestinidade integrando os movimentos populares, em especial a luta por moradia. Empregou-se, com identidade falsa, num jornal, onde organizava arquivos. Sua volta representou o reencontro com os filhos, com a família e com a política brasileira.

Eu voltei para cá e fiquei quatro anos clandestina, voltei em dezembro de 1975, eu fiquei até a Anistia. Eu fui morar num bairro de classe média baixa, tinha um trabalho de vendedora ambulante, viajei o Nordeste inteirinho como caixeiro viajante, uma experiência extraordinária. Porque eu fiquei conhecendo uma coisa que eu não conhecia que é uma coisa que pouca gente conhece que é o interiorzão do Brasil. Então eu aliava duas coisas assim, a manutenção, que eu tinha que me manter, tinha que trabalhar, com o conhecimento, com a coleta de informação mesmo não é, de todo tipo cultural, política, social, econômica. Me meti no meio da maçonaria, descobri que a maçonaria era ótima, nunca tinha tido contato para vender, porque um que te apresenta para o outro que te apresenta para outro. E era uma beleza então quando a gente chegava numa cidade, que eu descobri um maçom, pronto, eu vendia os meus brindes para a cidade inteira. Então eu descobri coisas, eu pensava até que a maçonaria era outra brincadeira assim sabe, e é uma rede forte até hoje. [Depois] a empresa quebrou. E lá a gente fez, eu fiz várias lutas, arrastei o meu companheiro, depois virou meu companheiro mesmo, a gente teve um filho não é, ele não sabia nada de mim, eu evitava o máximo, mas a gente tinha lá muito esse negócio de ocupação de prédios abandonados, porque ninguém conseguia pagar BNH, a classe média não conseguia, e às vezes desocupava o apartamento e os prédios ficavam vazios. Eu fiz duas lutas para, assim, desse tipo... Eu trabalhava num jornal lá, no último período quando eu fui demitida lá da empresa que faliu, eu trabalhava num jornal, *Jornal da Bahia*, imagina o que eu não aprontava naquele jornal. Mas eu sou bom de trampo e arquivo é comigo mesmo. Eu trabalhei muitos anos [ali], então era bom, então eu fazia aquela coisa bem simples, era um armazém de papel em cima da... não achava nada, nada. Eles tem um envelope por ordem alfabética, mas a ordem alfabética era difícil, tinha ordem alfabética de fotografia, você achava dois envelopes na mesma pessoa, era um caos, então eu, ah, é ordem alfabética? É ordem alfabética, e eu fui pá, pá, pá, pá, e eu arrumei aquele armazém de papel. As pessoas ficaram numa felicidade... achavam quando precisavam e para mim era uma emoção porque tinham pastas do meu pai, a pasta do Lamarca, não é, uma emoção. E fora que eu aprendi também, porque eu estava mais por fora que mãozinha de folgado, música, essas coisas que a gente lida nessa

⁶⁶⁰ Entrevista de Ana Bursztyrn Miranda, Rio de Janeiro, 13 de março de 2009.

situação super útil porque ninguém entende como você não conheça Wagner Tiso não é? E na hora de vir embora, eu fui me despedir do patrão, porque lá é tudo pequeno, então eu conhecia o patrão, eu trabalhava. O Arquivo era do lado da Sala da Diretoria. E me despedi. Eu disse que minha mãe estava precisando de mim, que ela estava velhinha e que eu ia ter que voltar para São Paulo e aí ele disse, mas fique certa que seu emprego estará sempre às suas ordens, eu nunca vou voltei para lá. Hoje ele morreu, mas eu nunca ia poder voltar não é? Porque o nome era outro, mas eu fiquei toda feliz, porque se eu arranjei um emprego com ele e ele diz que eu posso voltar, é que eu arranjarei outros... [Foi] difícil não é, porque eu cheguei sem nenhum tostão, aliás tinha 20.000 do fundo de garantia e na Bahia isso era um baita dinheiro, aqui [em São Paulo] acabou no primeiro mês porque é muito caro, aqui é muito caro, muito diferente da Bahia. Aí eu fiz tudo que aparecesse, fiz tradução, fiz resenha de livro, tudo que aparecia eu fazia. Isso no imediato, e aí em novembro eu cheguei em setembro, no dia 9 de novembro eu já estava numa reunião do PT, a minha mãe queria morrer e eu já estava numa reunião do PT. Quando foi em fevereiro, logo depois eu assumi, eu me propus de ser secretária do PT, eu ganhava que dava para condução, para trocar sola de sapato, que eu andava muito a pé não é, mas já morava na casa da minha mãe que se mudou para o litoral, então ela não sabia se ia dar certo, então ela me deixou na casa dela. Então eu não pagava o aluguel, dividia as despesas da casa com ela e bom, aí foi que foi, fazendo essas coisas consegui dar aula na FIAM. Foi um horror assim que descobriram que eu era secretária do PT me demitiram, mas aí eu estava grávida, nem eu sabia, porque aos 40 anos ficar grávida? Totalmente fora da... aí me pagaram dez meses foi uma... e então eu fiz de tudo, aí teve um padre que eu nem conhecia, o Paulo Shilling, eu fui indicada para ele pelos cubanos para, ele tinha uma agência aqui pequenininha, só ele e eu, de jornal dos Montoneros na Argentina. Daí eu fui trabalhar com ele, trabalhei acho que um ano e meio com ele ganhava 250 dólares. Um luxo não é, porque eu trabalhava meio período e podia ficar o outro meio período com o meu filho. E aí me arranjam emprego na CESPI que eu caí, como sociólogo eu podia ter caído em Recursos Humanos, mas eu caí na Área de Meio Ambiente. E aí eu aprendi para caramba, como eu aprendi, eu adorei, porque a empresa dava tanta garantia para os empregados, era início de Natal não é, então não tinha que distribuir, então tinha benefício. A gente se sentia muito segura ali, era muito legal, eu conheci o estado de São Paulo, o Pontal do Paranapanema... e transferir população, e era para lidar com população, transferida por grandes barragens. Então era uma coisa que me era próxima, que eu fazia com facilidade, o tema era novo, eu nunca tinha trabalhado, aí me especializei nisso, fiquei lá quinze anos até quando o governo Mário Covas começou a destruir para privatizar, o Alckmin o grande artífice da privatização, destruíram a empresa começando pela gente. Eles falavam, vocês não tem vez no mercado, faziam duzentas questões, quem aqui já tentou alguma coisa fora? Eu levantei a mão, porque eu tinha ido para o governo da Erundina. Quando a Erundina ganhou, eu fiquei tão louca, eu fiquei tão emocionada que eu mandei currículo para todo mundo que eu conhecia no PT para ver se me chamavam e me chamaram. Como não precisava me pagar, porque eu fui emprestada pela CESPI, eu trabalhei quatro anos no governo da Erundina, então no governo da Erundina eu fiz concurso. Foi muito difícil quando eu cheguei [ao Brasil]. Principalmente com o segundo filho que é uma pessoa muito sensível. Mas era difícil não é, porque as pessoas na escola apontavam eles como aquele que a mãe largou. Imagina uma criança que ficou com três anos, quatro anos e o outro com sete, é muito difícil não é? Então minha mãe deu muita cobertura para isso não é? Mas hoje a relação, isso eu vejo que ainda existe com o meu segundo filho, aflora de vez em quando. O Zé Dirceu dizia, seus filhos não são mais seus filhos, filho é o que a gente cria. Meu Deus será? Será que eu estou tão equivocada? Porque para mim era a razão de ser não é daquilo [refere-se à militância]. Mas deu para recuperar. Na minha família, ninguém, do lado da minha mãe, ninguém jamais tocou em Cuba só para você ter uma ideia. Eles não gostam do marido da minha prima, e eu adoro ele porque ele foi o único, não sendo da família, ele foi genro do Juscelino aqui quando ele viveu aquela época mais velho, mais velhinho, ele me perguntou de Cuba, ele me perguntou, não precisa me dar apoio, mas só assim você é

uma pessoa que existe, que tem uma vida, mas ninguém, sabe, como se... acabou. Cortou aqui começa do zero. Não é assim não é?⁶⁶¹

⁶⁶¹ Entrevista de Ana Corbisier, São Paulo, 29 de abril de 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço desta tese foi demonstrar como o apoio e/ou redes de solidariedade se delinearão no interior da organização permitindo a atuação de seu núcleo militar. O estudo sobre esse tipo de colaboração pôde demonstrar também a forma de atuação da ALN, que não se restringiu às equipes de fogo, mas construiu uma estrutura que incorporou diferentes parcelas da sociedade, vindas também de matizes políticos diferentes: partido, grupos religiosos, nacionalistas, comunistas, progressistas, ou simpatizantes que se incorporaram paulatinamente à luta de resistência.

Ficou demonstrado o nível político que todas essas mulheres assumiram pessoalmente em todas as tarefas para as quais colaboraram. Também grande parte delas, apesar de não estarem vinculadas aos partidos políticos tradicionais, continua comprometida politicamente em seu trabalho, no seu posicionamento da luta da vida diária ou dentro da universidade.

Essas mulheres podem representar, contudo, apenas uma parte das oponentes ao regime, a considerar a atuação silenciosa de muitas naqueles anos. Sem dúvida queremos esclarecer que esta pesquisa buscou ser uma fase preliminar para tratar o assunto relacionado ao apoio no interior da ALN. Não há ainda estudos que tratem da organização sob este enfoque, trazendo também a participação feminina, nem outros setores da organização aos quais elas se vincularam: armado, de massa, operário, etc.

Demonstramos a importância da atividade de apoio para a organização, e a maneira através da qual a ALN também funcionou como uma escola para essas mulheres, principalmente pela sua inovadora forma de atuar. Destacou-se também neste estudo como essas mulheres vivenciaram a prisão, encarada dentro de uma perspectiva de luta e solidariedade.

Em relação ao recrutamento dessas mulheres, tentamos mostrar que ele não seguiu uma rígida divisão setorial, mas a rede de apoio foi formada como reflexo das necessidades momentâneas da organização em relação também à atividade repressiva do governo.

Mostramos a colaboração dos pais que, apesar de terem sofrido prisões, perseguições pelos vínculos familiares, também tiveram um papel ativo naqueles anos, muito pouco destacado.

Indicamos que a conscientização dessas mulheres se realizou de diversas maneiras, destacando que uma grande parte delas foi estimulada por movimentos religiosos ou tiveram influências católicas e protestantes em colégios e internatos.

As atividades que desenvolveram também não foram realizadas em função de seu sexo. Ser homem ou mulher naquela luta não era um fator de diferenciação e impedimento. Houve homens no setor de apoio, assim como mulheres que foram do setor militar (GTA) e quadros dirigentes da organização.

A estrutura da ALN preconizando a luta de libertação nacional também favoreceu a entrada da mulher na luta. A resistência à ditadura civil-militar foi resultado, portanto, tanto do estímulo à luta de mulheres bastante politizadas (em sua grande maioria com passagem pelo movimento estudantil), como pela profunda atitude de solidariedade de simpatizantes, que a rigor não tinham uma preparação prática ou teórica para o tipo de luta armada que se desenvolvia naqueles anos.

A participação da mulher na propaganda política armada também ficou expressa neste trabalho, assim como as atividades para recolhimento de dinheiro e recursos para a imprensa clandestina. Não podemos esquecer a criação e colaboração dessas mulheres na confecção de revistas e textos que eram difundidos no Brasil e no exterior, e que procuravam manter viva a oposição de seus quadros e informar, em especial os exilados, dos avanços da revolução no Brasil. A cultura também teve seu papel nos múltiplos fatores de conscientização e penetração da ideia de resistência na massa.

Além da detenção, essas mulheres, no seu retorno à sociedade após a Anistia, sofreram também outras formas de pressão e violência, perseguições, falta de emprego, preconceitos, como verificamos em seus depoimentos.

Apesar de a resistência ter sido feita como uma grande teia trazida de suas relações pessoais para o interior da organização, a luta armada não foi determinada para essas mulheres apenas pelos vínculos de parentesco ou amizade, ainda que eles tenham funcionado como um dos impulsos: muitas escolheram participar de forma autônoma vinculando-se às estruturas de ajuda. Verificamos que muitas delas tinham em sua família graus de parentesco com militares da repressão ou pessoas influentes na política de direita daquele tempo.

O apoio teve fundamental importância para a ALN. Era ele que proporcionava lugares para as reuniões, alimentos, remédios, abrigo às pessoas procuradas, esconderijo de armas, material explosivo ou ajudava a dar fuga aos marcados para morrer. As mulheres realizaram muito transporte e entrega de material clandestino, instruções para a organização, bilhetes, e

colocavam os militantes em contato. Todas essas tarefas envolveram um certo grau de cautela, conhecimento, capacidade de previsão, e sangue frio, sobretudo.

Um capítulo deste trabalho foi dedicado à liberação feminina, tentando mostrar como ela ocorreu e de que forma foi realizada no interior da ALN, dando prosseguimento tanto à quebra das barreiras comportamentais que havia chegado anos antes, como também sendo adaptada às necessidades da organização, que requeria uma dose de sacrifício dos afetos da vida privada e que engendrava novas formas de adaptação à clandestinidade ou de compromisso com a organização: casamentos forjados, separação de casais, relações efêmeras e questões relacionadas à esfera da sexualidade.

O apoio teve um papel revolucionário na organização e também sofreu as mesmas dificuldades do setor armado em se manter por muito tempo atuante. Foi tudo muito rápido e, à medida que ele foi se confundindo com a vanguarda, a retaguarda ficou comprometida. O fato de muitas pessoas do apoio virem a se tornar quadros de frente se deve, como acreditamos e segundo os depoimentos das protagonistas, a dois fatores: isolamento da luta e falta de recrutamento. A urgência de transformação levava muitos colaboradores prematuramente ao setor armado.

Não houve na atuação dessa rede de apoio uma compartimentação rígida de tarefas das mulheres que dela tomaram parte. Tentamos mostrar também, através das falas de nossas entrevistadas, que a identidade dessas mulheres foi buscada e posta à prova durante a luta armada. Uma busca que, se não veio se completar no exílio, com a conscientização do papel da mulher, de sua condição na sociedade, continua ainda sendo realizada, com ganhos para o Brasil que elegeu como presidente do país uma ex-guerrilheira. Dilma Rousseff representa uma síntese do processo de luta inacabado dessas mulheres.

Queremos também deixar indicados alguns questionamentos que este trabalho originou e que parecem ser importantes para desenvolver alguns temas de estudos:

- O papel que teve o Partido Comunista Brasileiro (PCB) naqueles anos, pois durante a ditadura civil-militar nos parece que ele desenvolveu, se não em sua totalidade, uma grande atuação como apoio aos militantes da luta armada;
- O fato de a vida dessas mulheres estar muito entrelaçada a laços familiares de direita que poderiam ter potencializado a luta;
- A solidariedade da população e de pessoas que prestaram ajuda naqueles anos sem terem vínculos com organização armada, podendo redimensionar a ideia de que a classe

média não apoiou em sua totalidade o regime e pode ter desenvolvido outros mecanismos de resistência ainda desconhecidos;

- A atuação dos agentes na prisão, policiais, carcereiros, funcionários, escrivãos, guardas civis que prestaram solidariedade aos militantes, mostrando que no espaço restrito da corporação e das hierarquias podem ter surgido gestos de resistência.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maira. *Feminismo no exílio: o círculo das mulheres brasileiras em Paris*. 2006. Monografia (Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ACHUGAR, H. (Comp.). *En otras palabras, otras historias*. Uruguai: 1994, p. 201.

AGÊNCIA BRASIL. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/03/07/materia.2008-03-07.5769884531/view-37k>>. Acesso em: abril 2008.

ALBUQUERQUE, M. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/memoria/mercia/escritos/livroinedito/texto1.html>>. Acesso em: março 2008.

ALMEIDA, Angela Mendes de. Memória das violações aos direitos civis ontem e hoje. In. ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-SÃO PAULO. Poder, Violência e Exclusão. XIX. São Paulo, 08 a 12 de setembro 2008.

ALVES, Márcio Moreira. *Torturas e torturados*. Rio de Janeiro: Idade Nova, 1966.

AMPARO ARAÚJO. *A luta de uma mulher*. Documentário. Projeto Experimental II. Trabalho de Conclusão em Comunicação Social, Faculdade do Vale do Ipojuca, Favip, 2007.

ARANTES, Maria Auxiliadora A. de. *Pacto re-velado: psicanálise e clandestinidade política*. São Paulo: Escuta, 1999.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense, 1983.

ARY, Wilma. *Entrelamento*. Um livro de muitas vidas. São Paulo: CERED, 1998.

_____. *O diário de Miriam Bo Sauder*. São Paulo: Sol, 2008.

_____. *Trauma do ovo ou culpada e/ou inocente*. São Paulo: Sol, 2005.

AUBRAC, Lucie. *Diário da resistência*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

AUTRAN, Margarida. *Ofício de mãe*. A saga de uma mulher. 4 volume. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

AZEVEDO, Dermi. *Igreja e Estado no Brasil: colaboração de agentes religiosos com a repressão política do regime de 1964*. 2001. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

AZEVEDO, Ricardo. *Por um triz*. Memória de um militante da AP. São Paulo: Plena Editorial, 2010.

BLAY, Eva. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.

BARRAZA, X. et al. *América Latina: novas estratégias de dominação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes: 1982.

BENEDETTI, Mario. *Primavera num espelho partido*. Montevideu: Alfaguara, 2009.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: KOTHE, Flávio R.; FERNANDES, Florestan (Org.). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985.

BERQUÓ, A. *O seqüestro dia a dia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

BETTELHEIM, B. *O coração informado: autonomia na era da massificação*. Trad. de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

BORGES, André. *A fuga*. Rio de Janeiro: Urbana, 2008.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. (Coord.). *Usos & abusos da história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

BOUTIER, J.; DOMINIQUE, J. (Org.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Trad. de Marcella Mortara. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Editora FGV, 1998.

BRASIL. Decreto-Lei nº. 869, 12 de setembro de 1969. Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no País, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=195811>>. Acesso em 05/08/07.

BRESCIANI, M. *Memória e (re) sentimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

BREYTON, Jacques. *D' un Continent à L' autre*. Mémoires. [S.l., s.n.], [2005].

BROCATO, C. *El exílio es el nuestro*. Argentina: Sudamericana, Planeta, 1982.

BROMBERGER, C.; TODOROV, T. *Germaine Tillion: une ethnologue dans le siècle*. Aix en Provence: Actes Sud, 2002.

CADERNOS AEL Anistia e Direitos Humanos. Campinas: Unicamp/IFCH/AEL, v. 13, n. 24/25, 1/2 sem. 2008.

CALDAS, A. *Tirando o capuz*. 2. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CANETTI, Elias. *Massa e poder*. Trad. de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAPIBERIBE, J. *Ação Libertadora Nacional: uma visão crítica*. Disponível em: <<http://www.historiadocapi.com.br>>. Acesso em: março 2008.

CAPITANI, A. *A rebelião dos marinheiros*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

CASALDÁLIGA, Pedro. *Carta da Pastoral*. Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social. São Félix do Araguaia: [s.n.], 10 de outubro de 1971.

CASO, Antônio. *A esquerda armada no Brasil, 1967/1971*. Prefácio à edição portuguesa de José Ibrahim. Trad. de Thiago de Mello. Lisboa: Moraes, 1976.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. de Maria Galhardo. Lisboa: Difel, 1988.

_____. *Introdução*. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: *A história cultural entre práticas e representações*. Coleção Memória e Sociedade. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAUÍ, M de Souza, Os trabalhos da memória. In: BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CIPRIANO, Perly. *Fome de liberdade*. Relato dos Presos Políticos. Vitória: [s.n.], 1992.

_____. *Pequenas histórias de cadeia*. Vitória-ES: [s.n.], 2002.

COIMBRA, C. *A sociedade civil frente ao Estado Militar: expressões de resistência*. Disponível em: <<http://www.slab.uff.br/exibetexto2.php>>. Acesso em: julho 2008.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. *Reparação e Memória. Cadernos AEL Anistia e Direitos Humanos*. Campinas, Unicamp, IFCH/AEL, v. 13, n.24/25, p. 17-33, 2008.

_____. *Guardiões da ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

COLASANTI, Marina. Prefácio. HUMBERT, Agnès. *Resistência: a história de uma mulher que desafiou Hitler*. Trad. de Regina Lyra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

COLÉGIO EQUIPE. O Equipe também é fruto de 1968. 05/07/2005. Disponível em: <http://www.colegioequipe.g12.br/agora/doc.cfm?id_doc=1823>. Acesso em: 05/08/2008.

COLÉGIO DE SANTA INÊS. Disponível em: <<http://www.colegiodesantaines.com.br/valores.htm>>. Acesso em: setembro 2009.

COLLING, Ana Maria. *A resistência das mulheres à ditadura militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

CONTI, Paolo. *1969: tutto in un anno*. Roma-Bari: Laterza & Figli, 2009.

COSTA, Albertina et al. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COSTA, Caio Túlio. *Cale-se*. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

CUNHA, Paulo Ribeiro da. *Aconteceu longe demais: a luta pela terra dos posseiros em Formoso e Trombas e a Revolução Brasileira (1950-1964)*. São Paulo: Editora UNESP, 308 p.

D'ALCASTAGNÉ, R. *O espaço da dor*. Brasília: UNB, 1996.

DE LUCA, Derlei Catarina. *No corpo e na alma*. Criciúma: Ed. do Autor, 2002.

DEPOIMENTO de Mércia Albuquerque. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/memoria/mercia/escritos/livroinedito/texto1.html>>. Acesso em: março 2008.

DIRCEU, José; PALMEIRA, Vladimir. *Abaixo a ditadura*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: Garamond, 1998.

DIREITO À VERDADE E À MEMÓRIA: Comissão Especial sobre os Mortos e Desaparecidos Políticos. Brasília: Secretaria dos Direitos Humanos, 2007.

DOIMO, Ana Maria. *A vez e a voz do popular*. Movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ANPOCS, 1995.

DREIFUSS, René. *1964: a conquista do Estado*. Ação política, poder e golpe de classe. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

DUARTE-PLON, Leneide. *Por que elas são (in)fiéis*: histórias verdadeiras de mulheres e seus conflitos com a fidelidade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

DULONG, Renaud. *Le témoin oculaire: les conditions sociales de l'attestation personnelle*. Paris: Ed. de L'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1998, p. 14.

DUTERTRE, Alain, et al. *Francisco Jentel: defensor do povo do Araguaia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. (Volume 2).

ENTREVISTA DE MÉRCIA ALBUQUERQUE. A advogada dos mil processos. *Jornal do Comercio*, 30/01/1989. Disponível em: <<http://sejarealistapecaoimpossivel.blogspot.com/2008/05/entrevista-de-mrcia-albuquerque.html>>. Acesso em: março de 2008.

ESCRIBANO, Francesca. *Descalço sobre a terra vermelha*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2000.

ESCRITOS de Carlos Marighella. São Paulo: Editorial Livramento, 1979.

EXPERIÊNCIA cruspiana de Nilson Couto, A. *68 Vou Ver*. Centro Maria Antônia, São Paulo, 6 a 10 de outubro de 2008. (Filme).

FALCON, Yara. *Mergulho no passado: a ditadura que vivi*. Maceió: Livro Rápido, 2007.

FARIAS, Airton. *Além das armas*. Guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72). Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2007.

FERNANDES JÚNIOR, O. *O baú do guerrilheiro: memórias da luta armada urbana no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FERREIRA, Elizabeth Xavier. *Mulheres, militância e memória: histórias de vida, histórias de sobrevivência*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FIGUEIREDO, Cecília; LOTIERZO, Tatiana. Crônica de tempos amargos. *Revista Adusp*. Segredos da Ditadura Militar, São Paulo, n. 33, p. 87, out. 2004.

FORACCHI, Marialice. *O estudante e a transformação da sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

FRANCOS, Ania. *Il était des femmes dans la Resistance*. Paris: Stock, 1978.

FREIRE, Alípio; ALMADA, Izaías; PONCE, A. de Granville. *Tiradentes: um presídio da ditadura: memórias de presos políticos*. São Paulo: Scipione, 1997.

FREITAS, Alípio de. *Resistir é preciso*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

GAGNEBIN, J. M. Após Auschwitz. In. SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). História, memória, literatura. *O testemunho na era das catástrofes*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 109.

GARCIA, Marco Aurélio. O gênero na militância. *Cadernos Pagu*. Campinas, v.8/9, p. 338 e segs., 1997.

GODINHO, Javier. *A imprensa amordaçada*. Contribuição à história da censura no Brasil 1964-1984. Goiânia: Contato Comunicação, 2004.

GODOY, Marcelo. Coréia treinou guerrilha brasileira. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Nacional, p. A 12, 13 de setembro de 2009.

GOMES, A. de. C. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. 2. ed. São Paulo: 1987.

GOUVÊA, Yara. BIRCK, Danielle. *Duas vozes*. São Paulo: Editora de Cultura, 2007.

GRAVINA, Dirceu. *O ano em que Cao Hamburger emocionou São Paulo*. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/app/materia.jsp?a=2&a2=8&i=1207>>. Acesso em: março de 2009.

GUARANY, R. *A fuga*. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Cantadas literárias, Volume 18).

GUIMARÃES, Marília. *Nesta terra, neste instante*. Rio de Janeiro: Ebendinger, 2000.

GUIMARÃES, Marília. *Nosotros años en Cuba*. Un exílio entre sinsontes y el sabiá. Colección Testimonio. La Habana, Cuba: Ediciones Abril, 2008.

HAHNER, June. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HIDELBRANDO, L. *Crônicas de nossa época*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

HIRSI, Ali, Ayaan. *Infíel: a história de uma mulher que desafiou o Islã*. Trad. de Luiz A. de Araújo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOBBSAWN, E. *A era dos extremos: o breve século XX-1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. A invenção das tradições. In. HOBBSAWN, E.; RANGER, T. (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HUMBERT, Agnès. *Resistência*. A história de uma mulher que desafiou Hitler. Trad. de Regina Lyra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. *Estatística do Século XX, estudo promovido pelo IBGE*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/seculoxx/estatisticas_populacionais.shtm>. Acesso em: junho 2008.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI, 2002.

JOFFILY, Mariana. *No centro da engrenagem: os interrogatórios da Operação Bandeirante e do DOI de São Paulo (1969-1975)*. 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-03062008-152541>>. Acesso em: 17/08/2008.

JOFFILY, Olivia Rangel. *Esperança equilibrista: resistência feminina à ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. 2005. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Católica, PUC-SP. São Paulo, 2005.

KUSHNIR, B. *Perfis cruzados: trajetórias e militância política no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

KUSHNIR, B. *Cães de guarda*. Jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo, 2004.

KOLLONTAI, Alexandra. *A nova mulher e a moral sexual*. São Paulo: Global Editora, 1978.

LEFEBVRE, H. *La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

LE GOFF, Jacques. *Memória e história*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, p. 103, 1984. (Volume 1).

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Outra face do feminismo*: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

LENIN, V. *L'emancipazione della donna*. Roma: Riuniti, 1970.

LEONE, Matilde. *Sombras da repressão: o outono de Maurina Borges*. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1998.

LESSER, Jeffrey. *Uma diáspora descontente: os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica 1960-1980*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LEVI, Primo. *Se questo è un uomo*. Torino: Einaudi, 1976.

LIMA, Ruth. *Nunca é tarde para saber: histórias de vida, histórias da guerrilha*. 1998. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LOBO, Elisabeth. Experiências de mulheres, destinos de gênero. *Tempo Social*. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 169-182, 1. sem. 1989.

_____. De que matéria se faz uma rebelde? *Revista Isis*. Universidade Estadual de Campinas, Arquivo Edgard Leuenroth, Fundo Elisabeth Lobo, pasta 5, 1984.

LOUREIRO, Walderês Nunes. Memória inclui muitos mortos. In. SALLES, Pinheiro. *A ditadura militar em Goiás: depoimentos para a história*. Goiânia: Poligráfica Off-set e Digital, 2008.

LOURENÇO, Oswaldo. *Companheiros de viagem*. São Paulo: Maturidade, 2005.

MAKLOUF, Luiz. *Mulheres que foram à luta armada*. São Paulo: Globo, 1998.

MANFREDINI, Luiz. *As moças de Minas: uma história dos anos 60*. São Paulo: Alfa Ômega, 1989.

MARCH, Aleida. *Evocação: minha vida ao lado do Che*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Louis Bonaparte*. Trad. de José Barata-Moura e Eduardo Chitas. Lisboa/Moscú, Editorial "Avante!"/Edições Progresso, 1982.

MATHIAS, Suzely Kalil. O golpe de 1964 e a universidade: entre a repressão e a modernização. *Revista Adusp*. Segredos da Ditadura Militar, São Paulo, n. 33. p. 102-106, out. 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de história oral*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *História oral como fazer como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MELONI, Catarina. *1968. O tempo das escolhas*. São Paulo: Nova Alexandria, 2009.

MIRANDA, N.; TIBÚRCIO, C. *Dos filhos deste solo: mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar - a responsabilidade do Estado*. São Paulo: Boitempo, 2008.

MORAES, J. Q. de. A mobilização democrática e o desencadeamento da luta armada no Brasil em 1968: notas historiográficas e observações críticas. *Tempo Social, Rev. Sociol. USP*. São Paulo, p. 135-158, 2. sem. 1989.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. *A experiência feminista dos anos setenta*. Araraquara: Unesp, 1990.

MORAES, Mario Sérgio. *O caso da ditadura. Caso Herzog*. São Paulo: Barcarolla, 2006.

MORAIS, Taís; SILVA, Eumano. *Operação Araguaia: os arquivos secretos da guerrilha*. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

MOTA, Silvio. *Rebeldes*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009.

MOTA, Urariano. *Soledad no Recife*. São Paulo: Boitempo, 2009.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, Fapesp, 2002.

NASSER, Ana Cristina Nasser. *O outro lado da moeda: a representação do dinheiro na vida das operárias e das donas de casa*. 1989. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

NORA, P. Entre Mémoire et Histoire: la problematique des lieux. *Les Lieux de Mémoires*. Paris: Gallimard, v. 1, 1997.

O ESTADO DE S. PAULO. *Viagem à luta armada: memórias romanceadas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

_____. *Nas Trilhas da ALN*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

PAULINO, Leopoldo. *Tempo de resistência*. 6. ed. Ribeirão Preto: Editora COC, 2006.

PAZ, Carlos Eugênio. *Viagem à luta armada*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

PERELLI, Carina; RIAL, Juan. *De mitos y memorias políticas: la represion, el medo y despues...* Montevideú: Ediciones de la Banda Oriental, 1986.

PIMENTA, Edileuza. *Trabalhador: arme-se e liberte-se: A Ação Libertadora Nacional e a resistência operária pela luta guerrilheira*. 2007. Monografia (Graduação em História) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PIMENTA, Edileuza; TEIXEIRA, Edson. *Virgílio Gomes da Silva: de retirante a guerrilheiro*. São Paulo: Plena Editorial, 2009.

PINTO, Célia Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

REIS FILHO, D. *A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

REIS, J. C. *Annales: a renovação da história*. Ouro Preto: UFOP, 1996.

_____. *Escola dos Annales: a inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

REVISTA GÊNERO, Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero-NUTEG. v. 8, n.2. Niterói: EdUFF, 2008.

REVISTA VEJA SÃO PAULO. Disponível em: <<http://vejasaopaulo.abril.com.br/revista/vejasp/edicoes/1983/m0116669.html>>. Acesso em: março 2009.

RIBEIRO, Maria Cláudia Badan. *Memória, história e sociedade: a contribuição da narrativa de Carlos Eugênio Paz*. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RICOEUR, P. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Editions de Seuil, 2000. 675p.

_____. O tempo da alma e o tempo do mundo: o debate entre Agostinho e Aristóteles. In. RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Campinas (SP): Papyrus, 1997.

_____. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Campinas (SP): Papyrus, 1997.

RIDEL, D. C (Org.). *Narrativa, ficção & história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

RIDENTI, M. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Unesp, 1993.

_____. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo. *Revista Tempo Social*. São Paulo, v. 2, n. 2, p. 113 e segs., 1990.

RIDENTI, Marcelo S. Ação Popular: cristianismo e marxismo. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (orgs.). *História do marxismo no Brasil*, 5. Partidos e organizações dos anos 20 aos 60. Campinas: ed. da Unicamp, 2002.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. *O apoio de Cuba à luta armada no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

ROMANELLI, Otaíza de O. *História da educação no Brasil (1930-1973)*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação gênero e raça. *Encontro da Latino American Studies Association*. Guadalajara, México, 17-19 abr. 1997. (mimeo).

SALLES, Pinheiro. (Coord.). *A ditadura militar em Goiás: depoimentos para a História*. Goiânia: Poligráfica Off-set e Digital, 2008.

SANFELICE, José Luís. *Movimento estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 64*. São Paulo: Autores Associados, 1986.

SARTI, Cynthia. O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido. In: CONGRESSO DA LASA (LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION). XXI. Chicago, 24-26 set. 1998.

SEJA REALISTA: peça o impossível (Movimento Estudantil Brasileiro). Disponível em: <<http://sejarealistapecaoimpossivel.blogspot.com/>>. Acesso em: março de 2008.

SELIGMANN-SILVA, M. Introdução. In. SELIGMANN-SILVA, M (Org.). *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

SEMPRUN, J. *A escrita ou a vida*. Trad. de Rose Freie. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHILLING, Flávia. *Querida liberdade*. Série Passado & Presente. São Paulo: Global Editora, 1980.

SERBIN, K. *Diálogos nas sombras: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SERRANO, Marcela. *Nosotras que nos queremos tanto*. Santiago, Chile: Editorial Los Andes, 1991.

SESTINI, Dharana Pérola Ricardo. *A mulher brasileira em ação: motivações e imperativos para o golpe militar de 1964*. 2008. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SIDOU, Ari Othon. *Wanda Sidou. Guerreira da liberdade*. Fortaleza, Ceará: Expressão Gráfica Editora, 2008.

SILVA, Edson Teixeira. *Um combate ao silêncio: A Ação Libertadora Nacional (ALN) e a repressão política*. 2005. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro.

TEBALDI, Waldemar. *Entre a cela e o céu: confissões de um médico na prisão*. Americana, São Paulo: Buriti, 1984.

TELES, M. A. *A luta armada: um aprendizado para a mulher*. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/amelinha/feminismobrasil/luta.htm>>. Acesso em: agosto 2006.

TELES, Maria Amélia. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

THALMANN, Rita. *A república de Weimar*. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

TILLION, Germaine. *Ravensbrück*. Paris: Seuil, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem*. Indagações sobre o século XX. São Paulo: Arx, 2002.

TOLEDO, C. N. de. *O governo Goulart e o golpe de 64*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. (3 v.) Trad. de Denise Bottmann (v. I e III); Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida (v. II). São Paulo, Paz e Terra, 1987.

_____. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *A voz do passado*. História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNGER, Edyla. *Três exílios e uma guerra*. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

VANNUCCHI, Marco Aurélio. A. *Em nome da segurança nacional: os processos da Justiça Militar contra a Ação Libertadora Nacional (ALN), 1969-1979*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *Les juifs, la mémoire et le présent*. Paris: La Découverte /essays, 1991. (Volume. I).

VIDAL, Paloma. *A história em seus restos*. Literatura e exílio no cone sul. São Paulo: Annablume, 2004.

VIANA, Maria da Glória Amorim. *Glória, mãe de preso político*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

VIEIRA, César. *Em busca de um teatro popular*. São Paulo: Departamento Gráfico do Grupo Educacional Equipe, 1977.

WEITZ, Margaret Collins. *Les Combattantes de l' ombre: histoire des femmes dans La Resistance, 1940-45*. Paris: Albin-Michel, 1997.

WELCH, Cliff; GERALDO, Sebastião. *Lutas camponesas no interior paulista: memórias de Irineu de Moraes*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WRIGHT, Delora Jan. *O coronel tem um segredo*: Paulo Wright não está em Cuba. Petrópolis: Vozes, 1993.

YALOM, Marilyn. *Blood sisters: the French revolution in women's memory*. New York: Basci Books, 1993, p. 6.

TEXTOS:

Sandra Brisolla: Adelzito 1, Adelzito 2, Adelzito 3, La Derecha no Pasará, À Gigi, Mudando de Vida, Casa de Theotônio, Regina, Malabaristas de Primeira, Na cidade do Panamá.

FONTES PRIMÁRIAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - ARQUIVO EDGARD LEUENROTH (CAMPINAS/SP)

ACERVO BRASIL NUNCA MAIS (BNM)

Ação Libertadora Nacional, anexo 5302.

A Ação Revolucionária e a Frente Unificada. Anexo 75.

Apresentação e Critérios de Discussão, junh 72. Anexo 6471.

Apresentação, set. 1972. Anexo 6464.

Anexos 460, 1354, 6374.

O Guerrilheiro n. 3, set. 71. Anexo 6394.

O Guerrilheiro, n 5, maio/junho de 1972.

O Guerrilheiro, n. 9, jan 1973. Anexo 7040.

O Guerrilheiro n. 10, abril de 1973. Anexo 6470.

MARIGHELLA, Carlos. O que é um guerrilheiro urbano. In. *Mini-Manual do Guerrilheiro Urbano*. Anexo 5338.

Movimento Estudantil, pasta 056,12 B.

Operações e táticas guerrilheiras, Anexo 5245.

Processo 70. Jornal sem identificação.

Venceremos, n. 5, dez/71-jan/72. Anexo 5477.

Venceremos, n. 1, abril de 1971. Anexo 6093.

Venceremos, n. 3, jun/julho 1971. Anexo 1304

COLEÇÃO PRESOS POLÍTICOS BRASILEIROS

COLEÇÃO JESSIE JANE (1970–1976)

COLEÇÃO COMITÊ BRASILEIRO DE ANISTIA (CBA)

COLEÇÃO CARLOS PRESTES

FUNDO ELISABETH LOBO

FUNDO BRASIL NUNCA MAIS. PROCESSOS DA ALN CONSULTADOS (80):

Processo- 7-SP-1969
Processo -09-SP-ALN
Processo 12-GO-1972
Processo 22-RJ-1970
Processo 27-RJ-1968
Processo 29-RJ-1968
Processo 44-RJ-1969
Processo 47-RJ-1971
Processo 56-RJ-1969
Processo 58-SP-1970
Processo 68-SP-71/72
Processo 70-SP-1971
Processo 81-RJ-1972
Processo 83-RJ-1970
Processo 87-SP-1974
Processo 88-SP-1972
Processo 97-SP-1969
Processo 99- PA-1970
Processo 100-SP-1970
Processo 102-SP-1970
Processo 105-SP-1969
Processo 112-MG-1970
Processo 117-MG-1971
Processo 121-PE-1970
Processo 143-MG-1969
Processo 153-PA-1970
Processo 155-RJ-1970
Processo 168-CE-1971
Processo 171-SP-1972
Processo 172-RJ-1971
Processo 174-SP-1972
Processo 176-CE-1970
Processo-180-SP-1971
Processo 194--CE-1970
Processo 200-CE-1970
Processo 203-SP-1973
Processo 209-SP-1973
Processo 228-PE-1970
Processo 248-MG-1971
Processo 252--SP 1971
Processo 273 -GO-1970
Processo 293-RJ-1972
Processo 320-RJ-1969
Processo 328-CE-1970
Processo 337-MG-1971
Processo 343 CE-1970
Processo 348-RJ-1971
Processo 352-PE-1972

Processo 373-SP-1971
Processo 392-SP-1970
Processo 458-SP-1973
Processo 461-CE-1972
Processo 490-RJ-1970
Processo 530-SP-1970
Processo 533-RJ-1969
Processo 537-RJ-1970
Processo 541-SP-1971
Processo 542-CE-1972
Processo 544-RJ-1970
Processo 566-CE-1970
Processo 570-RJ-1970
Processo 582-RJ-1970
Processo 591-RJ-1970
Processo 597-RJ-1969
Processo 608-PE-1972
Processo 622-RJ-1970
Processo 631-RJ-1969
Processo 646-CE-1971
Processo 651-RJ-1972
Processo 656-CE-1972
Processo 661-SP-1972
Processo 662-RJ-1971
Processo 664-RJ-1970
Processo 667-CE-1972
Processo 668-SP-1972
Processo 670-SP-1973
Processo 678-SP-1974
Processo 679-RJ-69
Processo 682-DF-1970
Processo 706-SP-1973

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (APERJ)

Folhetos apreendidos pela DSP (1944-1960)
MFALP - Movimento Feminino pela Anistia

Prontuários e Fichas do DOPS - Setor Comunismo, Terrorismo Informação, Confidencial:

Ana Bursztyn pront. nº3.766

Setor Informação, Pasta 121, fls. 417-A em 13/06/1973
Setor Secreto, Pasta 127, fls. 95/107
Setor Informação, Pasta 139, fls. 95
Setor Informação, Pasta 163, fls. 86

Ana de Cerqueira César Corbisier Mateus

Setor Comunismo, Pasta 103, fls. 260
Setor Terrorismo, Pasta 5, fls. 36 (possui curso de guerrilha)
Setor Informação, Pasta 110, fls.268
Setor Secreto, Pasta 104, fls. 398
Setor Terrorismo, Pasta 15, fls. 129
Setor Secreto, Pasta 104, fls. 388
Setor Comunismo, Pasta 66, fls. 6

Ana Maria Palmeira pront. 4524

Setor Secreto, Pasta 87, fls.114
Setor Terrorismo, Pasta 18, fls. 204
Setor Terrorismo, Pasta 15, fls. 130
Setor Comunismo, Pasta 115, fls. 27

Ana Lúcia Novais

Setor Comunismo, Pasta 157, fls.01/03

Eliana Calmon dos Reis

Setor Secreto, Pasta 140, fls.140
Setor Alvarás 4, fls.180/181

Eliane Toscano Zamikowsky pront. 3441

Setor Terrorista, Pasta 1, fls. 1
Setor Terrorista, Pasta 1, fls.84/93 e 94/103
Setor Terrorista, Pasta 2, fls. 33
Setor Secreto, Pasta 62, fls.287
Setor Secreto, Pasta 66, fls.187
Setor Secreto, Pasta 97, fls.66
Setor Secreto, Pasta 104, fls.404
Setor Comunismo, Pasta 102, fls. 244
Setor Comunismo, Pasta 115, fls. 5
Setor Secreto, Pasta 82, fls. 735

Engracia Garcia

Setor Geral, Pasta 26 M, fls.2782

Gabriel Prado Mendes

Setor Comunismo, Pasta 118, fls.232

Gastone Lúcia de Carvalho Beltrão

Setor Comunismo, Pasta 103, fls.260
Setor Álbum fotográfico de terroristas nº3, fotografia nº 365, fls. 5
Certidão de óbito, Pasta administração 99, fls. 6
Setor Terrorismo, Pasta 2, fls. 159/174
Setor Terrorismo, Pasta 7, fls.30
Setor Secreto, Pasta 104, fls. 398
Setor Terrorismo, Pasta 15, fl.130

Antonieta Campos da Paz

Setor Cuba, Pasta 1, fls. 26
Setor Comunismo, Pasta 78, dos. 5, fls. 1v
DOPS, Pasta 10, dos. 4, fls.59
Setor Informação, Pasta 80, fls. 283
Setor Comunismo, Pasta 56. dos. 1, fls. 67

Edith Negraes

Setor Geral, Pasta 26, protestos, fls.86/155

Gilda de Queiroz Grillo pront. 4589

Setor informação, Pasta 11º, fls.157

Setor informação, Pasta 112, fls. 369/370

Setor Informação, Pasta 115, fls. 284

Setor Informação, Pasta 116, fls. 397

Ilma Horst Teixeira

Setor Comunismo, Pasta 127, fls. 95

Jessie Jane

Setor Secreto, Pasta 177, fls.243

Setor Comunismo, Pasta 144, fls. 59

Setor Comunismo, Pasta 155, fls. 99

Yara Regina Gouvêa

Setor Secreto, Pasta 62, fls.287

Setor Secreto, Pasta 127, fls. 132/162

ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO-ACERVO DEOPS1. Fichas Remissivas/Prontuários

- Albertina Gordo de Oliveira Costa pront. nº 146.944 cop.doc. proc. arq. pront. nº 88.515 ref. a Sérgio Pereira de Souza Lima.
- Albertina Pedrassoli: Inquérito pasta OS2030 pasta 13 A/50-Z-9-39693/50-Z-9-15748 a 15754 e
- pront. nº 34.073, cx.7.
- Ana Bursztyn pront. nº 145.632 e pront. ref. a Terezinha de Jesus nº 145.397, cx 16.
- Ana Corbisier Matheus pront. nº 2.601.229 e cop. pront. nº 146.540 ref. a Takao Amano.
- Ana Maria Gomes Coelho pront. nº 123. 755.
- Ana Maria Nacinovic Correa pront. nº 146.762 ref. a Maria Tereza Nogueira Mucci, cx 16.
- Ana Maria Palmeira pront. nº 147.582 e pront. nº 146540 ref. a Takao Amano cx 16.
- Ana Maria Rodrigues Ramos pront. nº 146.684 reg. 58/76 cx 16.
- Ana Vilma Moraes e Vasconcelos pront. nº 146.112 e pront. nº 146.540 ref. a Takao Amano reg.1/15, cx 16.
- Arlete Bendazolli pront. nº 146.101e pront. nº 146.346, ref. a Darcy Gil de Oliveira reg. 1/15 cx 33.
- Arlene Faria Lopes pront. nº 103.802, cop. inq. pol. 7/73 pront. nº 86.181 ref. a Arnaldo Cardoso Rocha, reg. 1/27 cx 33.
- Arlete Lopes Diogo pront. nº 105.109 inq. pol.7/73 pront. nº 86.181 ref. a Arnaldo Cardoso Rocha, reg. 12/15, cx 33.
- Aurora Maria do Nascimento Furtado pront. nº 147.583 e pront. nº 88.515 ref. a Sérgio Pereira de Souza Lima.
- Basia Ita Waitman pront. nº 65.226 reg. 1/1, cx 40.
- Carlos Henrique Knapp pront. nº 877.108 Terrorismo reg. 1/8 cx 50.
- Clarisse Galvão Figueiredo, pront. nº 146.049 e pront. nº 21.297 ref. a Gilberto Luciano Beloque.
- Conceição Imaculada de Oliveira pront. nº 19.773 ref. a banidos do território nacional, reg. 74/327, cx 59.

- Concepcion Martin Peres pront. nº 105.116 cop. inq. pol. nº 7/73 arq. pront. nº 86.181 ref. a Arnaldo Cardoso Rocha.
- Darcy Toshiko Miyake nº pront. nº 28.258 e pront. nº 146.450 ref. a Takao Amano.
- Darcy Gil de Oliveira pront. nº 146.346 e pront. nº 146.450 ref. a Takao Amano.
- Diva Maria de Faria Burnier pront. nº 131. 135 e pront. nº 146.540 ref. a Takao Amano.
- Edith de Carvalho Negraes pront. nº 107.717 e pront. nº 146.450 ref. a Takao Amano, reg.18/76 cx 69.
- Eliana Calmon dos Reis cop. inq. pol. nº 9/72 pront. 147.174 ref. a Luiz Paulo Sertório Collet e Silva reg. 4/16, cx 72./e pront. nº 57.994 reg. 13/16, cx 109.
- Eliana Toscano Zamikowski pront. nº 218. 154, inq. pol. arq.pront. nº 142.689 ref. a Boanerges de Souza Massa.
- Elza Edith Salek pront. nº 147.807 reg. 40/108, cx 74.
- Flávia Maria da Silveira Lobo pront. nº 146.487 reg. 10/12 cx 86.
- Francisco Negrini Romero 52-Z-0-5055/52-Z-0-35724.
- Gastone Lúcia de Carvalho Beltrão pront. nº 2686 cop. inq. nº 9/72 arq.pront. nº 147.172 ref. a Luiz Paulo Sartório Collet e Silva, reg. 1/6, cx 97
- Guiomar Silva Lopes pront. nº 146.559 reg. 24/33 cx 106.
- Hilda Martins da Silva pront. nº 126.553 e pront. nº 146.450 ref. a Takao Amano.
- Idinaura Aparecida Marques pront. nº 145.369 ref. a Alcides Mamizuka e pront. nº 87.232. Cop. proc. arq. pront. nº 146.685 de Francisco Antônio Jorge e outros reg. 340/803 cx 116
- Katie Melles Megre pront. nº 105.124.
- Laura Celina Puccineli de Lima pront. nº 86.402 e cop. rel. arq.pront. nº 3.477, ref. DOPS/SP, 15º vol., fls. 98 reg. 2/2 cx 165.
- Leslie Denise Belloque pront. nº 130.000 reg. 5/7 cx 168.
- Lidia Guerlenda proc. nº 4/72 rel. pront. nº 28.327 reg. 26/27, cx 168.
- Lilian Frazão pront. nº 103.871 reg. 5/11 cx 169.
- Linda Tayah pront. nº 83.342 reg. 75/122 cx 169.
- Lisete Lúcia de Silvio pront. nº 115.536 e inq. nº 7/73 arq. pront. nº 86.181 ref. a Arnaldo Cardoso Rocha, reg. 2/3 cx 169.
- Lúcia Novaes pront. nº 145.955 reg. 1/1 cx 170/52-Z-0-927/50-Z-129-17395/Pasta 10 inq. pol. e sind. fls. 146 e fls.36/50-Z-9 (10) 1517-1723

- Luiza Flora Leme pront. nº 23.044 e pront. nº 91.938 ref. a Hans Rudolf, reg. 19/39 cx 176.
- Maria Aparecida Bacega Caldana pront. nº 145.777 e pront. nº 145.761 ref. a Pedro Lobo de Oliveira, reg. 116/228 cx 184.
- Maria Aparecida Costa pront. nº 67.713 e cop. pront. nº 91.138 ref. a Hans Manz reg. 19/96 cx 184
- Maria Aparecida Santos pront. nº 83.905 e cop. pront. nº 128.625 ref. a Ary Almeida Normanha, cx 184.
- Maria Cecília Cortez Albuquerque Maranhão pront. nº 147. 797 reg. 2/8 cx 185.
- Maria da Conceição Sarmiento pront. nº 3.130 reg. 49/66 cx 185.
- Maria do Amparo Araújo pront. nº2686 reg. 14/72 cx 184.
- Maria Lygia Kfouri Quartim de Moraes pront. nº 46643 cx 169.
- Maria Lúcia Santana Saadi Kerbeg pront. nº 147.309 e pront. ger. nº2.997.909 cx 186.
- Maria Sueli Serra pront. nº963 e cop. pront. nº 112.131 ref. Amano Eduardo de Souza reg. 2/2 cx 187/Inf. 276/79 DOS-50-D-19-1170/121-Z-14-8220/20-C-44-2069 a 2072/21-Z-14-6647/Em 7/79 dados qualificados no PB 721/79 CIOP inf. 948/79-DDS/50-D-19-1171 -1172/50D191170: 50 D19656Confidencial 03/07/1979, 212, 211, 210/20-C-44-2069 a 2072.
- Moema Santiago pront. nº 117.686 reg. 2/6 cx 199 e pront. nº 147.174 ref. a Luiz Paulo Sertório.
- Nadine Habert pront. nº 147.796, cx 200. Cx 206: hist. rel. arq.pront. nº 61.573 Asilo Argentina.
- Nair Benedito pront. nº 122.369 cx 200 hist. req. pol. pront. nº 146.540 ref. a Takao Amano.
- Neuza Queiroz Pereira pront. nº 118263 cx 203 e cop. rel.arq. pront. nº 146.463 de Manoel Clarindo Pereira.
- Norma Freire pront. nº132. 405 cx 206 e hist. pront nº 104.503 ref. a Viriato Xavier de Melo.
- Ozenilda Alice Garcia pront. nº 146411 cx 214 e cop.do proc. arq.pront. nº 146.540 ref. a Takao Amano.
- Robêni Baptista da Costa cop. inq. arq. pront. nº 145.369 ref. a Alcides Mamizuka cx 229.
- Ruth Tegon 50-Z-130-6953/52-Z-0-23711/50-z-9-44953.

- Sandra de Negraes Brisola pront. nº 146.540 ref. a Takao Amano cx 237.
- Sônia Maria Ferreira Lima. Hist: reação atendida através de inf. Entregues em 29/03/72 xerox arquivada pront. nº 2.686.
- Suzana Sampaio In 52-Z-0-7890/50-Z-688-588
- Tânia Rodrigues Mendes pront. nº 113194 cx 251 cop. de IP nº 14/73 arq. pront. nº 87.232 ref. a Idinaura Aparecida Marques. Cópia de ofício nº 2114 do proc. nº 23/73 que o indiciado recebeu a Anistia, vide pront. nº 149. 570.
- Vera Engracia Gomes de Oliveira pront. nº 32789 cx 258/50-Z-9-16789/50-Z-9-16788.
- Vera Lúcia Xavier de Andrade pront. nº 32669 cx 258 e cop. proc. arq. pront. nº 104.503 ref. a Viriato Xavier de Melo.
- Vilma Aparecida Barban pront. nº 146.081 e pront. nº 146.346 ref. a Darcy Gil de Oliveira.
- Walderez Nunes Fonseca pront. nº 147679 cx 185 e cop. rel. arq. proc. nº 477, 19º vol., p.122, ref. DOPS.
- Yara Regina Gouvêa pront. nº 145391 cx 267 e cop. rel. arq. pront. nº 145.397 ref. a Terezinha de Jesus Peixoto e pront. nº 146.540 ref. a Takao Amano.

- Terrorismo 50-Z-129-7513/50-Z-129-7508
- Doc. Retorno Exilados, pasta 1, Doc. 54
- Pasta Imprensa Nanica ou Alternativa, vol, 2. (OP 0890)

2. Pastas Série SOI

OS0946 Idibal Piveta e outros

OS 0962 Relação de Codinomes em Cuba

OS 0979 Pasta 54 (ALN)

OS1015 Pasta 90 Subversão estudantil

OS 1029 Pasta 104 (Cursos realizados em países comunistas)

OS 1035 Pasta 112 Elementos banidos do Brasil

OS1036 Pasta 113 exilados na França (doc. 1)

OS 1043 Pasta 124 ALN

OS 1047-1048 Zarattini

OS 1057 Organização ALN/REDE

OS 1092 Pasta 172 Comunismo Internacional

OS 1142 Pasta 211 Joel Rufino

OS 1154- Pasta 218 ref. Bety Chachamovitz, Arlete Bendazzoli, Eliane Rollemberg

OS 1189 Pasta 249 Ação Subversiva no Brasil, vol.1 e vol. 2

3. Nominais Série

Adriano Diogo OS 1215 (1973)

Alcides Mamizuka OS 1230 (1971)

Antenor Meyer OS 1260 (1973)

Bety Chachamovitz OS 1323 (1970-1979)

Cândido Hilário OS 1326

Carlos Russo OS 1340 (1972-1974)

César Castiglione OS1356 (1970-1973)

Clarisse Galvão OS 1360

Darcy Toshiko Miyaki OS 1370 (1972-1973)

Edgar Serra OS 1397

Edmir Elias Albino OS 1401

Gabriel Prado Mendes OS 1471 (1973)

Guiomar Silva Lopes OS 1496 (1974)

Ieda dos Reis Chaves pront. nº149.313

Iracema de Nola Indig pront nº 147. 817 reg. 22/40 cx 118

Irineu de Moraes OS 1522 (173-174)

Joel Rufino OS 1556

Leda Maria Caira Gitahy pront. nº 144.957 e pront. de Terezinha de Jesus nº 145.397, cx 166

Lisete Lúcia de Silvio OS 2286

Maria Amélia Silva OS2030-13 A (doc. inq. e sind.)

Maria Augusta Thomaz OS1693 (1972-1974)

Maria Conceição Sarmiento OS1696

Maurice Politi OS 1721

Monir Tahan OS1736

Silvia Peroba OS1855

Sônia Angel Jones e Francisco Bicalho Lana OS1862

Waldemar Tebaldi OS 1885 (1975-1976)

4. Séries Temáticas

OP 0603 Alexandre Vanucchi Leme (1973-1978)

Retorno dos exilados. Pasta 1 (19780-1979): OS 0199 e doc. 19/50-Z-9-19483/52-Z-0-84989

Flávia Maria da Silveira Lobo 52-Z-0-17865

Sílvia Peroba: 50-Z-9-40867 a 50-Z-9-40876/50-Z-940865 a 40876/50-Z-9-39.138 a 39.143

OP 0620 Asilados (1964-1981)

OP0659 Banidos (1972-1981)

OP0829 Exilados (1977-1981)

OP 0865 Guerrilheiros (1981-1982)

OP 1151 Terrorismo e Comunismo nos meios Universitários (1969-1974)

5. Pastas Temáticas

ALN OS 0001 (1969-1970)

Panfletos Subversivos OS 0148 (1971-1978)

Presídio Tiradentes OS 0188 (1969-1973)

Presídio Tiradentes Greve de Fome OS 0189 (1972)

Siglas e nomes de jornais subversivos OS 0214

Suspeitos pasta 4 (1961-1968) OS0225

Suspeitos pasta 8 (1965-1969) OS0228

Suspeitos pasta 6 (68-69) OS0227

6. Série Movimento Estudantil

OP 1220 Colégio Equipe

OP 1582 anexo 12, Manuscritos Diversos (1975-1977)

OP1581 Doutrinação Comunista (1977)

7. Outros documentos

CSOBi 1924-1983 -0.707.011 Caetano Zanardo Cabral. microfilme

Cópia do processo arquivado no pront. n 14668685 ref. a Francisco Antônio de Souza e outros.

Cópia do inquérito policial arquivado no pront. 145.415 ref. A Reinaldo Morano Filho e outros.

DEOPS-50Z941011- RPI n 08/72. p. 35.

DEOPS-50-Z941011-RPI n 01/72. II Ex.p. 7

DEOPS-50-Z941011- RPI n 07/72. p. 46.

DEOPS-50-Z941011-RPI n 01/72. p. 7.

DEOPS-50-Z941011-RPI n 01/72. p. 20.

DEOPS-50-Z941011- RPI n 07/72. p. 43-44.

DEOPS-50-Z941011-RPI n 01/72- II ex. fls 11, p. 86.

DEOPS-50-Z941011-RPI n 01/72- II ex. fls 11, p. 87-8.

DEOPS-50-Z941011-RPI n 01/72-II Ex. p. 8-47.

DEOPS-50-Z-43945, 50-Z129-22476, 5-0Z180-2263 ref. a Iuri Xavier Pereira.

DEOPS-30-Z160-11.891, 28 fev. 1972

DEOPS-50-Z940934-RPI n 01/72. II Ex. Curso de guerrilha int. Molipo.

DEOPS- 0-Z9 (221)

DEOPS-Ordem Política, OP 1150, Documento Situação dos Refugiados Brasileiros em Paris.

DEOPS. Série Temática OP 0829 Exilados (77-81).

Dossiê Terrorismo e Comunismo nos meios Universitários (1969-1974) Pasta op 1151.

Locais de Comício op1150.

Terrorismo e Comunismo nos meios universitários 1969-1974, op1141.

Xerox arquivado no prontuário n 3.130 ref. A Maria da Conceição S. Coelho da Paz.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA (CEDEM-SP)

Alguns Problemas da Luta Armada no Brasil s. d.

Do Pronunciamento do Agrupamento Comunista. janeiro, 1969.

MARIGHELLA, Carlos. *Guerriglia urbana in Brasile*. Milano: Feltrinelli, 1968.

MARIGHELLA, Carlos. Mensagem aos Brasileiros, dez. 1968, 4 páginas.

MARIGHELLA, Carlos. *De Questões de organização*, dez. 1968 (mimeo).

MARIGHELLA, Carlos. O papel da ação revolucionária na organização. In. *Resistência* n.1 (ALN/MR-8), maio de 1969.

O Guerrilheiro n. 2, 1970 (mimeo).

O Guerrilheiro n. 1.

Resistência, julho, 1969.

Retificação de uma tese, setembro de 69.

DEPOIMENTOS:

Albertina Pedrassoli Salles, São Paulo, 2 de setembro de 2010

Alberto Augusto Júnior [Mensagem Eletrônica], 2 de setembro de 2007

Ana Corbisier, São Paulo, 29 de abril de 2010

Ana Maria Ramos Estevão, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010

Ana Miranda Bursztyn, Rio de Janeiro, 13 de março de 2009

Arlete Lopes Diogo, São Paulo, 12 de junho de 2010

Carlos Eugênio Sarmiento Cêelho da Paz, São Paulo, 21 de setembro de 2003

Carlos Eugênio Sarmiento Cêelho da Paz, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 2009

Carlos Eugênio Sarmiento Cêelho da Paz, Rio de Janeiro, 3 de agosto de 2009

Carlos Eugênio Sarmiento Cêelho da Paz, Rio de Janeiro, 18 de abril de 2011

Carlos Russo Jr. [Mensagem eletrônica], 27 de maio de 2008

César Castiglione [Mensagem Eletrônica], São Paulo, 17 de abril de 2010

Danielle Birck, [Mensagem Eletrônica], Paris, 5 de setembro de 2010

Darci Miyaki, Indaiatuba (SP), 28 de agosto de 2010

Diva Maria Burnier, São Paulo, 29 de julho de 2010

Eliane Toscano Zamikowski, São Paulo, 2 de setembro de 2010

Eliete Ferrer, Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010

Enid Yatsuda Frederico [Mensagem Eletrônica], 28 de setembro de 2009

Flávia Maria Lobo. [Mensagem Eletrônica], São Paulo, 13 de dezembro de 2008

Francisco Negrini Romero, Piracicaba, (SP), 2 de maio de 2010

Guiomar Silva Lopes, São Paulo, 22 de novembro de 2008

Hamilton Pereira [Mensagem Eletrônica], Brasília, 24 de setembro de 2008

Ilda Gomes da Silva, São Paulo, 27 de agosto de 2010

Ilma Horst Teixeira Noronha, Rio de Janeiro, 11 de março de 2009

Janete Capiberibe [Mensagem Eletrônica], 1º de agosto de 2010

Jessie Jane, Rio de Janeiro, 18 de março de 2009

Joel Rufino. [Mensagem Eletrônica], São Paulo, 15 fevereiro de 2011

José Pereira. [Mensagem Eletrônica], Rio de Janeiro, 10 de outubro de 2009

Lays Machado. [Mensagem Eletrônica], São Paulo, 17 de abril de 2010

Leda Gitahy, Campinas (SP), 8 de maio de 2010

Lisete Lídia de Silvio, São Paulo, 29 de agosto de 2010

Maria Aparecida Baccega, São Paulo, 10 de novembro de 2008

Maria Aparecida Costa, São Paulo, 30 de agosto de 2010

Maria Aparecida Santos, Ribeirão Preto, 28 de novembro de 2008

Maria do Amparo Almeida Araújo, Recife (PE), 8 de janeiro de 2009

Maria Lúcia Alves Ferreira, São Paulo, 30 de agosto de 2010

Maria Lygia Quartim de Moraes, Campinas (SP), 17 de setembro de 2003

Maria Natividade Ferreira Lima, Ouro Preto (MG).1º de março de 2009

Marília Guimarães, Rio de Janeiro, 2 de março de 2009

Mariza Campos da Paz, Rio de Janeiro, 6 de julho 2010

Moema São Thiago, Brasília, 11 de julho de 2010

Nair Benedicto Breyton, São Paulo, 19 de junho de 2010

Norma Leonor Hall Freire, São Paulo, 25 de fevereiro de 2010

Norma Leonor Hall Freire, [Mensagem Eletrônica], 18 de abril de 2010

Reinaldo Guarany,[Mensagem Eletrônica], 10 de dezembro de 2004. Entrevistador: Mário Augusto Medeiros da Silva

Ricardo Apgua. [Mensagem Eletrônica], 5 de junho de 2008

Robêni Baptista da Costa, Campinas (SP), 25 de outubro de 2008

Roberto Yutaka, [Mensagem Eletrônica], São Paulo,5 de abril de 2009

Ruth Tegon, São Paulo, 10 de abril de 2010

Sandra Negraes Brisolla, Campinas (SP), 24 de outubro de 2008

Sônia Maria Ferreira Lima, Ouro Preto, MG, 27, 28 e 29 de fevereiro de 2009

Tania Fayal, Maricá (RJ), 20 de março de 2010

Tânia Rodrigues Mendes, São Paulo, 1º de maio de 2010

Tereza Poggi, Recife (PE), 8 de janeiro de 2009

Vera Engracia Gama de Oliveira [Mensagem Eletrônica], Porto Velho, Rondônia, 12 de novembro de 2008

Vilma Ary, São Paulo, 16 de novembro de 2008

Vilma Barban, São Paulo, 8 de abril de 2010

Yara Gouvêa, Brasília, 8 de julho de 2010

REVISTAS:

REVISTA VEJA. Acervo Digital. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/>>. Acesso em várias datas a partir de agosto de 2010.

Denise Peres Crispim. Documentário Tempo de Resistência de André Ristum.

Clélia Lara Barcellos. Programa Memória e Poder: TV Assembléia Minas Gerais, 14/04/07.

Alípio Freire. Memorial da Resistência (SP). Seminário: 29 anos da Lei da Anistia-Verdades e Mentiras. Democratização e abertura dos arquivos político, 28 de agosto de 2008.

Comissão de Anistia, Belo Horizonte, 13 de agosto de 2009.